

EVANGELHO DE JOÃO

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de

Evangelho de João I: comentário esperança/ Werner de Boor; tradução Werner Fuchs. -- Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

Título do original: Das Evagelium des Johannes 1. Teil.

Bibliografia.

ISBN 85-86249-57-2 Brochura

ISBN 85-86249-58-0 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Evangelho de João I - Comentários I.Título.

02-1666 CDD-226.507

Boor, Werner de

Evangelho de João II: comentário esperança/ Werner de Boor; tradução Werner Fuchs. -- Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

Título do original: Das Evagelium des Johannes 2. Teil.

Bibliografia.

ISBN 85-86249-56-4 Brochura

ISBN 85-86249-55-6 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Evangelho de João II - Comentários I.Título.

02-0658 CDD-226.507

Índice para catálogo sistemático:

Título dos Originais em Alemão:

Das Evagelium des Johannes Teil 1 - Das Evagelium des Johannes Teil 2

Copyright © 1968 R. Brockhaus Verlag
Wuppertal, Alemanha

Capa

Marianne Bettina Richter

Revisão
Doris Körber

Supervisão editorial e de produção
Walter Feckingham

1ª edição brasileira
Março de 2002
Abril de 2002

Editoração eletrônica
Marianne Bettina Richter

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 - Curitiba - PR
Fone: (41) 256-0390 / Fax: (41) 257-6144
E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
www.esperanca-editora.com.br

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1997.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS
ÍNDICE DE ABREVIATURAS
PREFÁCIO DO EDITOR

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARTE

I – Quem escreveu esse livro sobre Jesus?

II – João e os evangelhos sinóticos

III – A terminologia dos discursos de Jesus

IV – O objetivo do evangelho de João

V – A integralidade do evangelho de João

VI – A época do surgimento do evangelho segundo João

VII – As variações textuais nos manuscritos

VIII – Bibliografia sobre o evangelho de João

COMENTÁRIO

O MISTÉRIO DA PESSOA DE JESUS – João 1.1-5

INTERCALAÇÃO SOBRE JOÃO BATISTA – João 1.6-8

A ATUAÇÃO DA VERDADEIRA LUZ - João 1.9-13

A DÁDIVA DO REVELADOR – João 1.14-18

O TESTEMUNHO DE JOÃO – João 1.19-28

UM SEGUNDO TESTEMUNHO DE JOÃO – João 1.29-34

DISCÍPULOS DE JOÃO TORNAM-SE SEGUIDORES DE JESUS – João 1.35-42

FILIFE E NATANAEL TORNAM-SE DISCÍPULOS DE JESUS – João 1.43-51

AS BODAS DE CANÁ – João 2.1-11

A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO – João 2.12-22

JESUS E O POVO DE JERUSALÉM – João 2.23-25

O DIÁLOGO COM NICODEMOS – João 3.1-21

O ÚLTIMO TESTEMUNHO DO BATISTA – João 3.22-36

A ATUAÇÃO DE JESUS NA SAMARIA – João 4.1-42

UM SEGUNDO SINAL DE JESUS NA GALILÉIA – João 4.43-54

A CURA NO TANQUE DE BETESDA – João 5.1-18

JESUS TESTEMUNHA QUE É FILHO DE DEUS – João 5.19-30

AS TRÊS TESTEMUNHAS EM FAVOR DE JESUS – João 5.31-40

A INCREDELIDADE DOS JUDEUS – João 5.41-47

JESUS ALIMENTA CINCO MIL – João 6.1-15

JESUS ANDA SOBRE O MAR – João 6.16-24

JESUS, O PÃO DA VIDA – João 6.25-35

A INCREDELIDADE DOS GALILEUS – João 6. 36-51

A CARNE DE JESUS COMO PÃO DA VIDA – João 6.52-59

A SEPARAÇÃO DOS DISCÍPULOS – João 6.60-71

JESUS RETORNA A JERUSALÉM PARA A FESTA DOS TABERNÁCULOS – João 7.1-13

A CONTROVÉRSIA DE JESUS COM OS PEREGRINOS DA FESTA – João 7.14-30

UMA TENTATIVA DE DETENÇÃO POR PARTE DO SINÉDRIO – João 7.31-36

JESUS CHAMA À FÉ NO ÚLTIMO DIA DA FESTA – João 7.37-44

A TENTATIVA FRACASSADA DO SINÉDRIO PARA PRENDER JESUS – João 7.45-52

UMA INTERCALAÇÃO: JESUS E A ADÚLTERA – João 7.53—8.11

JESUS, A LUZ DO MUNDO – João 8.12-20

A IMPORTÂNCIA DECISIVA DA PESSOA DE JESUS – João 8.21-30

JESUS PROMETE LIBERDADE AOS JUDEUS QUE CRÊEM NELE – João 8.31-36

FILHOS DO DIABO ENTRE A SEMENTE DE ABRAÃO – João 8.37-47

A ETERNIDADE DE JESUS – João 8.48-59

A CURA DO CEGO DE NASCENÇA – João 9.1-7

O INTERROGATÓRIO DO CURADO PERANTE OS FARISEUS – João 9.8-34

POR MEIO DE JESUS QUEM É CEGO PASSA A VER E QUEM VÊ TORNA-SE CEGO – João 9.35-41

JESUS TESTEMUNHA SEU ENVIO COM ILUSTRAÇÕES DA VIDA PASTORIL – João 10.1-21

O CHAMADO À DECISÃO POR OCASIÃO DA FESTA DA INAUGURAÇÃO DO TEMPLO – João 10.22-42

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE

COMENTÁRIO

I – O FIM DA LUTA VÃ DE JESUS POR SEU POVO – João 11—12

O REAVIVAMENTO DE LÁZARO – João 11.1-44

A REPERCUSSÃO DESSE GRANDE MILAGRE – João 11.45-54

A SITUAÇÃO EM JERUSALÉM – João 11.55-57

A UNÇÃO DE JESUS EM BETÂNIA – João 12.1-8

A ENTRADA EM JERUSALÉM – João 12.9-19

JESUS ANUNCIA QUE MORRERIA – João 12.20-36a

UM RETROSPECTO FINAL SOBRE A ATUAÇÃO DE JESUS EM ISRAEL – João 12.36b-50

II – O ÚLTIMO DIÁLOGO DE JESUS COM SEUS DISCÍPULOS E SEU PAI – João 13—17

1 – A preparação dos discípulos para o serviço de Jesus (Discursos de despedida) – João 13-16

O LAVA-PÉS – João 13.1-11

AS PALAVRAS DE JESUS SOBRE O LAVA-PÉS – João 13.12-20

A EXPULSÃO DO TRAIADOR DO CÍRCULO DE DISCÍPULOS – João 13.21-30

A INCUMBÊNCIA FUNDAMENTAL DOS DISCÍPULOS – João 13.31-35

O PRENÚNCIO DA NEGAÇÃO DE PEDRO – João 13.36-38

O PATRIMÔNIO DE FÉ DOS DISCÍPULOS – João 14.1-11

A PROMESSA DE JESUS PARA A ATUAÇÃO DE SEUS DISCÍPULOS – João 14.12-26

A PALAVRA DE DESPEDIDA AO PARTIREM DO RECINTO – João 14.27-31

A PARÁBOLA DA VIDEIRA – João 15.1-8

A COMUNHÃO DE JESUS COM OS SEUS – João 15.9-17

O ÓDIO DO MUNDO – João 15.18—16.4a

A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO – João 16.4b-15

LUTO E ALEGRIA NA VIDA DOS DISCÍPULOS – João 16.16-33

2 – O Último Diálogo de Jesus com o Pai – João 17

A ORAÇÃO DE JESUS POR SI MESMO – João 17.1-5

A INTERCESSÃO DE JESUS POR SEUS DISCÍPULOS – João 17.6-19

A ORAÇÃO DE JESUS POR SEUS DISCÍPULOS FUTUROS – João 17.20-23

A ORAÇÃO DE JESUS POR TODOS OS SEUS – João 17.24-26

III – A PAIXÃO E A RESSURREIÇÃO DO SENHOR – João 18—21

1 – O Processo contra Jesus – João 18.1—19.16

A DETENÇÃO DE JESUS – João 18.1-11

JESUS É INTERROGADO DIANTE DE ANÁS E CAIFÁS – A NEGAÇÃO DE PEDRO – João 18.12-27

A NEGOCIAÇÃO PERANTE PILATOS – João 18.28-32

O PRIMEIRO DIÁLOGO ENTRE JESUS E PILATOS – João 18.33-38a

A TENTATIVA DE OBTER UM INDULTO DE PÁSCOA PARA JESUS – João 18.38b-40

A APRESENTAÇÃO DO AÇOITADO – João 19.1-7

O SEGUNDO DIÁLOGO ENTRE JESUS E PILATOS – João 19.8-11

A CONDENAÇÃO DE JESUS À MORTE NA CRUZ – João 19.12-16

2 – Morte e sepultamento do Senhor – João 19.17-42

A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS – João 19.17-22

A DISTRIBUIÇÃO DAS VESTES DE JESUS – João 19.23-24

O CUIDADO DE JESUS COM SUA MÃE E SEUS DISCÍPULOS – João 19.25-27
 A MORTE DE JESUS – João 19.28-30
 O CORTE DE LANÇA NO LADO DE JESUS – João 19.31-37
 O SEPULTAMENTO DE JESUS – João 19.38-42
 3 – A manifestação do Ressuscitado – João 20.1-21.25
 O SEPULCRO VAZIO – João 20.1-9
 MARIA MADALENA ENCONTRA O RESSUSCITADO – João 20.10-18
 O RESSUSCITADO VEM ATÉ SEUS DISCÍPULOS – João 20.19-23
 JESUS E TOMÉ – João 20.24-29
 A PALAVRA FINAL DO LIVRO – João 20.30-31
 4 – Adendo ao presente Evangelho – João 21.1-25
 A MANIFESTAÇÃO DO RESSUSCITADO NO MAR DE TIBERÍADES – João 21.1-14
 A RENOVAÇÃO DA INCUMBÊNCIA DADA A PEDRO – João 21.15-17
 A PROMESSA DE JESUS A PEDRO E JOÃO – João 21.18-23
 A PALAVRA FINAL DOS EDITORES – João 21.24-25

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto do Evangelho de João está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

- Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.
- LXX** A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.
- Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):
- Latina antiga por volta do ano 150
 - Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
 - Copta séculos III-IV
 - Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
LXX	Septuaginta

II. Abreviaturas de livros

- GB** W. GESENIUS e F. BUHL, *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch*, 17ª ed., 1921.
- LzB** *Lexikon zur Bibel*, organizado por Fritz Rienecker, Wuppertal, 16ª ed., 1983.

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

- RC** Almeida, Revista e Corrigida, 1998.
- NVI** Nova Versão Internacional, 1994.
- BJ** Bíblia de Jerusalém, 1987.
- BLH** Bíblia na Linguagem de Hoje, 1998.
- BV** Bíblia Viva, 1981.

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio

Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago

1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

PREFÁCIO DO EDITOR

É com grande satisfação e alegria que apresentamos aqui a primeira obra, em português, do autor Dr. Werner de Boor (1899-1976), nascido na cidade de Breslau (Alemanha) e doutorado em teologia pela universidade de Marburg. O Dr. de Boor trabalhou durante muitos anos como pastor e evangelista na sua igreja. Cedo, em seu ministério, percebeu a necessidade de oferecer comentários bem elaborados aos irmãos que desejam ampliar o seu conhecimento das Escrituras. Com muita capacidade e conhecimento escreveu a maior parte dos comentários da série Comentários Esperança (Wuppertaler Studienbibel).

Juntamente com Adolf Pohl, cujos comentários já foram publicados em português, o Dr. de Boor teve a visão de colocar nas mãos de pastores, seminaristas e líderes da igreja comentários que procurassem ser fiel ao intento das Sagradas Escrituras e com grande número de informações que facilitassem o trabalho e o preparo dos que pregam a Palavra.

Walter Feckinghamaus
Curitiba fevereiro de 2002

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

INTRODUÇÃO

I – Quem escreveu esse livro sobre Jesus?

Ao lermos juntos o evangelho segundo João, uma questão crucial aparece: Quem escreveu esse livro sobre Jesus? Será que foi João, filho de Zebedeu, ou seja, um discípulo e testemunha ocular? Durante séculos era convicção indubitável da igreja de Jesus que esse evangelho era obra do apóstolo João. Depois, porém, manifestaram-se dúvidas a respeito dessa certeza, a começar pelo teólogo inglês Evanson, em 1792, que atribuiu o evangelho de João a um filósofo platônico do séc. II. Desde então a controvérsia sobre a “autenticidade” de nosso evangelho não se acalmou mais. Não podemos expor aqui essa controvérsia em toda a sua amplitude, porém temos de fornecer ao leitor uma introdução às questões. Afinal, leremos o evangelho de maneira muito diferente se estivermos convictos de que é o apóstolo João que está falando a nós do que se tivermos de supor que um homem desconhecido da 2ª ou 3ª geração estaria nos apresentando sua concepção sobre Jesus na forma de um evangelho.

Em primeiro lugar cabe-nos ouvir:

1 – O que o próprio evangelho afirma sobre seu autor.

- a – Enquanto o estilo epistolar da época fazia com que os autores das cartas do NT – uma significativa exceção é justamente 1João – se apresentassem nominalmente no início de suas missivas, falta o nome do autor em todos os evangelhos, também no de Lucas. Contudo, sendo “autor erudito”, Lucas pelo menos expressou num prefácio algo a respeito de si mesmo e de seu trabalho. Em João (assim como em Mateus e Marcos) falta qualquer afirmação direta sobre a identidade do autor.
- b – Embora nosso evangelho não tenha um “prefácio”, ele traz um pós-escrito no capítulo 21. Esse capítulo 21 descreve acontecimentos pascais que não aconteceram em Jerusalém, mas na Galiléia. Faz parte deles também o diálogo do Ressuscitado com seu discípulo Pedro (vs. 15-19). Em seguida a esse diálogo consta: “Então Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus, e perguntara: Senhor, quem é o traidor?” (v. 20). E agora um grupo de pessoas, que não conhecemos mais detalhadamente, atesta: “Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que seu testemunho é verdadeiro” (v. 24). Essa informação declara um fato decisivo. Nosso evangelho foi escrito pelo “discípulo a quem Jesus amava”. Esse discípulo tem de ser um dos doze apóstolos, uma vez que somente eles estiveram presentes na última ceia de Jesus. Em todos os casos, aquilo que leremos em conjunto é

proveniente de uma testemunha ocular, de um homem do círculo de discípulos mais próximos, o qual gozava de uma intimidade especial com o Senhor.

- c – Será que podemos definir com mais precisão quem era esse homem do círculo dos Doze? O discípulo, a quem se refere o atestado do pós-escrito, aparece aqui, como também em [Jo 20.2ss](#), diretamente em companhia de Pedro. Em Atos dos Apóstolos, porém, João aparece ao lado de Pedro ([At 3.1; 4.13](#)). Do mesmo modo, Paulo em [Gl 2.9](#), considera João, ao lado de Pedro, uma “coluna” na igreja primitiva. Portanto, se nosso evangelho apresenta um “discípulo a quem Jesus amava” nessa ligação com Pedro (também na cena de [Jo 13.23s](#)), todo leitor do evangelho precisa ver nele o apóstolo João.
- d – Contudo, não seria possível que esse “discípulo a quem Jesus amava” fosse uma figura livremente inventada, simbólica, do “discípulo verdadeiro”? Com certeza o seria se ele ocorresse no evangelho apenas de uma forma simbólica genérica. Todavia, no evangelho são atribuídas ações bem concretas justamente a esse “discípulo”. Visivelmente o texto refere-se um homem bem concreto do círculo dos apóstolos. W. Michaelis aponta para uma realidade singularmente importante: “O relato sobre a última ceia, no qual foi inserido [Jo 13.23ss](#), faz parte do acervo consolidado da tradição sinótica. Isso significa que a totalidade do cristianismo da época em que surgiu o evangelho de João sabia que a última ceia de Jesus com seus discípulos representava um fato histórico, e que igualmente sabia quem esteve presente naquela ocasião. Diante desses leitores, que autor poderia ousar inserir uma figura ideal fictícia num relato sobre a última ceia? Sim, que autor daquele tempo teria sido capaz de até mesmo imaginar isto? Essa saída parece ser a pior de todas as soluções possíveis.”
- e – Acrescenta-se mais uma constatação. Nosso evangelho não é parcimonioso no uso dos nomes de apóstolos. Simão Pedro, André, Filipe, Natanael e Tomé são mencionados várias vezes. Somente João e Tiago jamais aparecem no evangelho citados pelo nome! Isso somente é compreensível se o próprio João for o autor, que tem receio de falar de si mesmo citando expressamente o próprio nome. No entanto, quem reconheceu João no “discípulo a quem Jesus amava” – e os primeiros leitores do evangelho tinham de chegar a essa conclusão de maneira muito mais direta que nós hoje – esse também compreenderá a maneira delicada com que João fala de si no evangelho e sugere sua própria conversão no cap. 1.
- f – Por fim, não se pode menosprezar também a asserção logo no início do evangelho: “Vimos a sua glória” ([Jo 1.14](#)). Nada dá a entender que o autor tivesse a intenção de que esse “ver” deveria ser entendido somente como um “ver intelectual”, o qual ele partilha com todos os cristãos. Essa hipótese é até excluída por [1Jo 1.1](#), onde a mesma testemunha conta que, além de “ouvir” e “ver” a Jesus, até o “apalpou com suas mãos”. Considerando que em [Jo 20.29](#) ele imagina expressamente cristãos que “não viram, e creram”, não é cabível que o destaque do próprio ver do autor em [Jo 1.14](#) seja diminuído e esvaziado.
- g – Não há dúvida de que o autor desse evangelho expressa de maneira reservada, porém muito clara, que ele é João, o discípulo e apóstolo, o filho de Zebedeu.

Por conseqüência, qualquer negação da autoria de João levanta necessariamente uma grave acusação contra o autor e os editores deste evangelho. O autor desconhecido, com um método que tão somente mereceria o adjetivo de astuto, teria tentado criar em seus leitores a impressão de ser o apóstolo João. E o grupo de editores do cap. 21 ainda daria cobertura a essa ilusão, com a expressa asserção da veracidade do evangelista, reforçando assim conscientemente a ilusão dos leitores de que eles estariam lidando com o discípulo João. Uma acusação dessas contra o autor e os editores do evangelho segundo João teria de ser alicerçada sobre razões incontestáveis que demonstrem de modo irrefutável que o apóstolo João não pode ser o autor do evangelho. Será que existem essas razões?

O fato de que elas realmente não podem existir já decorre da circunstância de que pesquisadores como F. Godet, T. Zahn, A. Schlatter e outros estão convictos de que o apóstolo João é o autor desse evangelho. Diante de provas realmente inequívocas a favor da não-autenticidade do evangelho de João eles também teriam de se curvar.

2 – O que acontece com a atestação eclesiástica do evangelho de João?

Abordemos, porém, mais de perto as perguntas e constatemos inicialmente o que acontece com a atestação eclesiástica do evangelho de João.

a – A notícia direta mais antiga sobre o surgimento do evangelho de João ocorre em Ireneu, o mais importante pai apostólico da igreja antiga. Ireneu é oriundo da Ásia Menor e em 178 d.C. tornou-se bispo de Leão, no Sul da França. Em sua obra principal “Contra as Heresias” ele declara que João, o apóstolo, teria vivido na Ásia Menor até a época de Trajano (98-117 d.C.). “Depois (após os sinóticos) também João, o discípulo do Senhor, que também se reclinara sobre o seu peito, por sua vez publicou um evangelho, enquanto vivia em Éfeso na Ásia Menor.” Esse evangelho seria dirigido especialmente contra o gnóstico Querinto, contemporâneo do apóstolo, e contra os nicolaítas.

De onde Ireneu obteve seu conhecimento? Ele se apóia no bispo Policarpo de Esmirna, que aos 86 anos morreu como mártir, em 155 ou 166. Ireneu conheceu Policarpo em vida. Não somente se recorda de que Policarpo mencionou João e outros discípulos de Jesus, mas ainda se recorda de detalhes do que Policarpo ouviu de João a respeito de Jesus, de seus milagres e seu ensino.

Logo a notícia de Ireneu sobre João e seus escritos possui um fundamento sólido. Ela se alicerça sobre as informações de uma pessoa que ainda manteve contato pessoal com o apóstolo João.

b – Acontece que a esse testemunho de Ireneu contrapõe-se uma declaração de Papias, citada por Eusébio em sua História Eclesiástica (III,39), em um prefácio à obra sobre as “palavras do Senhor”. O que chama atenção no comentário de Papias é que cita duas vezes um “João”. Uma vez ele aparece numa lista dos apóstolos conhecidos. Depois é mencionado um “velho João” ao lado de um Aristião, do qual não temos outras informações. Portanto, será que houve dois homens com o nome de João, que eram conhecidos dos informantes de Papias, dos quais Papias podia obter notícias seguras sobre Jesus?

Muitos pesquisadores responderam afirmativamente a essa pergunta. Por isso fazem a distinção entre um “presbítero” João e o “apóstolo” e filho de Zebedeu. Conseqüentemente, pensam que deve ter sido esse “presbítero João” que viveu em Éfeso, em idade avançada, nos dias de Trajano, redigindo o evangelho. Por razões compreensíveis, ele rapidamente teria sido confundido com o conhecido apóstolo João, ao qual teria sido atribuído tudo o que na verdade apenas poderia ter valido para o “presbítero”.

Contudo, mesmo que essa suposição fosse correta, não ficaria solucionada a verdadeira dificuldade, por causa da qual o presbítero João foi saudado com certo alívio como autor desse evangelho. Pois o problema não reside tanto na afirmação de que justamente o filho de Zebedeu teria escrito o evangelho segundo João, mas sim no fato de que o autor teria sido discípulo e testemunha ocular. E justamente isso não muda se o segundo João for o autor do evangelho, pois esse nem é um “presbítero”. Em Papias, o termo grego “*presbýteros*” não designa um cargo eclesiástico, mas a participação na primeira geração que ainda conheceu o próprio Senhor. “Quando, porém, chegava de viagem alguém que tinha seguido aos velhos (aos “*presbýteroi*”), sempre indaguei pelas palavras dos velhos (“*presbýteroi*”), o que André ou Pedro afirmaram ou o que Filipe ou Tomé ou Tiago ou João ou Mateus ou qualquer outro dos discípulos do Senhor disseram.” É exatamente dessa maneira que esse segundo João é chamado de “o velho” (“*presbýteros*”). Logo, também ele faz parte da primeira geração. Por isso ele também é designado, da mesma maneira que André, Pedro, etc., como “discípulo do Senhor”. Portanto ele andou, como André, Pedro e os demais, com Jesus e é testemunha ocular e ouvinte direto. Somente por isso é que os informantes de Papias podem dar valor ao que ele “diz”, e equipará-lo com o que André, Pedro, etc. “disseram”. Em outras palavras: Ainda que tenha existido esse segundo João e que ele tenha redigido o evangelho, esse livro foi composto por uma pessoa da primeira geração, por um discípulo e testemunha ocular. A “questão joanina” de forma alguma recebe, assim, uma “solução” simples.

No entanto, será que Papias de fato pensou em dois homens diferentes com o nome de João? Isso se torna extremamente improvável, tão logo nos conscientizamos de que a ambos é dada exatamente a mesma caracterização. Ambos são “velhos” e ambos são “discípulos do Senhor”. Logo, ambas as frases de Papias devem estar falando da mesma pessoa. Por que, então, a dupla menção? Pois bem, apesar da igualdade da designação, há em ambas as declarações de Papias uma diferença, que deve ser considerada, a saber, a diferença no tempo verbal da declaração. Na série de apóstolos citados em primeiro lugar o verbo está no passado: “Eles disseram”. Em relação a Aristião e João, no entanto, aparece a forma do presente: “Eles dizem”. Não podemos perder de vista o objetivo de Papias. Ele visa mostrar-nos seus fiduciários, dos quais ele próprio aprendeu. E entre esses fiduciários ele distingue dois grupos. Aos do primeiro grupo ele podia perguntar o que André, Pedro, etc. lhes “disseram” no passado. Junto aos do segundo grupo ele podia se informar o que “dizem” agora os discípulos do Senhor, Aristião e João. Ou seja, ele conhece pessoas que no passado tiveram contado com todos os apóstolos, entre os quais obviamente também está João. Porém conhece igualmente pessoas que agora ainda tinham a oportunidade de falar com os últimos sobreviventes da primeira geração. Além de Aristião, esses sobreviventes incluem também o “velho João”. Justamente por ter se tornado particularmente idoso entre os discípulos do Senhor, ele recebeu o nome honorífico “o velho”, com o qual ele também se apresenta em sua 2ª e 3ª carta.

A tradição eclesiástica, que por meio de Ireneu remonta ao discípulo de João, Policarpo, atribui inequivocamente o evangelho ao apóstolo João e não está sendo enfraquecida, mas fortalecida pelas declarações de Papias de que dispomos.

3 – Será que Marcos (Mc 10.39) refuta a autoria de João?

Entretanto, será que a autoria do filho de Zebedeu não é refutada de uma maneira muito simples? Na realidade, em **Mc 10.39** é profetizado o martírio para ambos os filhos de Zebedeu. Para pesquisadores críticos, essa profecia obviamente constitui um “*vaticinium ex eventu*”, i. é, uma profecia que foi colocada na boca de Jesus somente porque João de fato foi executado nos primeiros tempos, assim como seu irmão Tiago. Porém, será que dispomos de uma prova qualquer que seja convincente acerca desse martírio precoce de João? Não é o caso. **Atos 12.2** somente fala da execução de Tiago. Por ocasião do “concílio dos apóstolos” (**At 15**), João ainda se encontra com o apóstolo Paulo, sendo uma das colunas da igreja de Jerusalém (**Gl 2.9**). E quem quer que tenha escrito o “pós-escrito” desse evangelho, jamais poderia ter apontado, em **Jo 21.22**, para uma vida especialmente longa do apóstolo, se todos soubessem da morte de João nos primeiros tempos.

Jesus anunciou a todos os seus discípulos que sofreriam por causa do Seu nome (**Mt 10.17-22; Jo 16.1s**). Em **Mc 10.39** Jesus, portanto, não visa destacar o sofrimento futuro dos filhos de Zebedeu como algo extraordinário. Está anunciando a ambos a sorte geral dos discípulos, porque haviam-no interrogado sobre o lugar de honra no reino de Deus. Contudo, o caminho concreto do sofrimento de cada um dos discípulos permanece em aberto. O cálice e o batismo do sofrimento estavam reservados a todos os discípulos, ainda que para cada um deles o sofrimento tivesse

uma forma distinta. Conseqüentemente, [Mc 10.39](#) não comprova necessariamente uma morte precoce de João pelo martírio.

As dúvidas sobre a autenticidade do evangelho de João, porém, não brotam dessas observações esparsas. Há outras razões subjacentes ao fato de que tantos teólogos repetidamente contestam a redação apostólica desse evangelho. Elas se situam na diferença de João para os “sinóticos”, que forçosamente chama a atenção de todo leitor atento da Bíblia. É dessa questão que trataremos agora num item específico.

II – João e os evangelhos sinóticos

1 – Esquema da atuação de Jesus

Há uma diferença flagrante no esquema da atuação de Jesus. Nos sinóticos forçosamente temos a impressão de que essa atuação durou apenas cerca de um ano e transcorreu completamente na Galiléia. Somente uma única vez durante sua atuação pública Jesus vem para Jerusalém, para um *passá* que lhe acarreta a morte.

Em contrapartida, de acordo com o exposto por João, Jesus vai logo no início de sua atuação ao *passá* em Jerusalém ([Jo 2.13](#)), atuando ali e na Judéia. Obviamente João também tem conhecimento de uma atuação reiterada de Jesus na Galiléia ([Jo 1.43-2.12](#); [4.43ss](#); [6.1ss](#)). Contudo, repetidamente ([Jo 5.1s](#); [7.10ss](#); [10.22ss](#)) Jesus se encontra em Jerusalém para as grandes festas, antes de marchar solenemente para dentro da cidade para o último *passá* ([Jo 12.12ss](#)). Os discursos e as controvérsias decisivas com Israel sucedem em Jerusalém. Conforme essa descrição de João, a atuação pública de Jesus deve ter durado cerca de três anos.

Nenhum dos “evangelhos” tem o objetivo de nos fornecer uma “biografia” de Jesus no sentido moderno. Também João seleciona, da plenitude do que haveria para relatar acerca de Jesus ([Jo 20.30](#); [21.25](#)), aquilo que poderá conduzir seus leitores de forma singular para a fé ou fortalecê-los nela. Também o seu evangelho é “proclamação”. Contudo, enquanto os sinóticos não dão valor à exatidão histórica da “moldura”, mas estão tomados pela importância de sua “matéria”, João se mostra como o discípulo e testemunha ocular direta, relatando involuntariamente o transcurso cronológico da atuação de Jesus de tal maneira como de fato aconteceu.

2 – Divergência dos sinóticos

Em vista dessa diferença, não causa surpresa que João divirja dos sinóticos também no material apresentado pelo seu evangelho. É bem verdade que João informa sobre a atividade de Jesus na Galiléia, descrevendo o milagre da multiplicação do pão e como Jesus anda por sobre o mar. Contudo, em João procuraremos em vão as palavras e parábolas de Jesus, tão conhecidas dos sinóticos. Muitas curas, exorcismos e atos de poder, dos quais os evangelhos sinóticos estão repletos, não se encontram em João. Pelo que parece, João pressupõe o conhecimento dos outros evangelhos na igreja. Não repete o que a igreja já sabia, nem sequer a instituição da santa ceia. Em troca, ele fornece atos e discursos de Jesus que os sinóticos não relatam, pela simples razão de que não dirigem seu olhar para Jerusalém. Os três grandes milagres (cura de um enfermo no tanque de Betesda, cura de um cego de nascença e ressurreição de Lázaro), que se revestem de importância especial por causa da luta de Jesus com os círculos dirigentes de seu povo, acontecem na área de Jerusalém. Do mesmo modo, os grandes discursos e controvérsias nos capítulos [5](#), [7](#), [8](#) e [10](#) são integralmente determinados pela conjuntura de Jerusalém.

Em conseqüência, não cabem objeções a essas partes do evangelho pela mera razão de que apenas João as traz. Da plenitude do material, apenas uma fração foi selecionada e anotada pelos evangelistas, do que justamente João tem consciência ([Jo 20.20](#); [21.25](#)). João apresenta em seu evangelho aquilo que servia para explicitar a atuação decisiva em Jerusalém. Na diversidade do material, pois, não se configura uma prova da “não-autenticidade” desse evangelho.

3 – Os discursos de Jesus, um contraste entre João e os sinóticos?

No entanto, se entendemos e reconhecemos tudo isso, será que não existe apesar disso um contraste intransponível entre João e os sinóticos nas apresentações dos discursos de Jesus? Seria possível que Jesus falou ao mesmo tempo da forma como relatam os sinóticos e assim como o constatamos em João? Em João há longos discursos que têm por tema o próprio Jesus, sua pessoa e sua importância. Lá nos sinóticos, seguindo o estilo da Palestina, ocorrem ditos concisos e marcantes, parábolas breves e concretas, e tudo gira em torno do reino de Deus e da atitude correta diante de Deus e do semelhante. Não poderia ser que unicamente a apresentação sinótica mostra o Jesus genuíno, histórico, enquanto o “Cristo joanino” representa flagrantemente uma livre invenção do evangelista justamente em seus discursos?

Cabe-nos ser muito cautelosos com o veredicto do que “poderia” ou “não poderia” ter sido histórico. É bem compreensível que as palavras e parábolas de Jesus, como trazidas pelos sinóticos, eram facilmente memorizadas justamente na Galiléia e no povo simples, sendo transmitidas nesse contexto. No entanto, é imperioso que por isso Jesus também tenha falado da mesma forma em Jerusalém e no confronto com os grupos dirigentes? Não seria plausível que aqui estivesse em jogo, de maneira bem diferente, também sua pessoa, sua autoridade, a fé nele, a forma como vem ao nosso encontro, logo na primeira ida de Jesus à capital, no episódio da purificação do templo e no diálogo com Nicodemos? Afinal, esses “discursos de Jesus” – inclusive na sinagoga de Cafarnaum! – justamente não

são “pregações”, mas sempre “diálogos”, discussões duras, nas quais as respostas de Jesus deixam perceber as perguntas e objeções de seus adversários, mesmo quando João não as insere expressamente.

Indiretamente, os próprios sinóticos evidenciam que Jesus de fato também falou de maneira “diferente”. Eles têm conhecimento de “longas pregações” (Mc 6.34) e de uma proclamação de Jesus que durou vários dias (Mc 8.2). Nessas ocasiões, porém, não é possível que Jesus tenha alinhavado durante horas apenas ditos e parábolas breves. “Longas pregações” requerem exposições com nexo, assim como João relata no cap. 6 também em relação à atuação de Jesus na Galiléia.

É necessário que nos detenhamos ainda mais nesse ponto, uma vez que também comentaristas que sustentam a autoria do apóstolo João nesse evangelho apesar disso consideram os discursos de Jesus como livre elaboração do evangelista. F. Büchsel opina: “O quarto evangelho nos traz a realidade histórica de Jesus apenas nos moldes da compreensão, mais precisamente da compreensão adquirida posteriormente pelo evangelista, cuja liberdade bastante marcante se contrapunha à compreensão meramente histórica.” W. Wilkens fala da “incrível liberdade do quarto evangelista diante da tradição, fundada sobre a autoridade do testemunho autêntico.” H. Strathmann torna-se ainda mais explícito: “Costuma-se dizer que os discursos joaninos de Jesus ‘teriam passado pela pessoa de João’. Correto! Contudo, o que significa isso? Os discursos de Cristo em João são discursos de João sobre Cristo. João serve-se deles como forma para pregar sobre Cristo, motivo pelo qual também ocasionalmente os discursos de Jesus, inclusive na forma, repentinamente transitam para discursos sobre Jesus. Em outras palavras: Em sua exposição, João não presta tributo ao historicismo, mas ao princípio da estilização proclamatória.”

Por trás dessas declarações certamente existem observações corretas. Isso vale sobretudo com vistas à linguagem peculiar no evangelho de João, que também influi no linguajar de Jesus nessa apresentação. “É freqüentemente constatado que em todos os lugares dos escritos joaninos é possível encontrar o mesmo linguajar, independente se o que fala é Jesus ou João Batista ou João, filho de Zebedeu. Entre os discursos de Jesus e as cartas de João não existe diferença de estilo”. Nesse ponto pode-se perceber nitidamente que em longos anos de trabalho de pregação diversificada João assimilou dentro de si tudo o que havia vivenciado com seu Senhor, reproduzindo-o agora com o seu linguajar.

Diante disso, porém, cumpre levantar uma pergunta bem decisiva: Onde fica, nesse caso, o limite entre “testemunho histórico” e “elaboração espiritual”? Será que realmente estamos lidando com o próprio Jesus ou com um personagem que o evangelista também retrata depois, a partir dessa “compreensão adquirida posteriormente”? Quando Büchsel pensa que “[quem] queria compreender Jesus a partir daquilo que ele podia saber dele no tempo em que viveu, de acordo com João necessariamente o tinha de compreender mal” e “que a impressão da atuação histórica como tal simplesmente não leva nenhuma pessoa a crer em Jesus”, então os “judeus” estariam plenamente desculpados por não terem compreendido a Jesus naquele tempo, rejeitando-o. Nesse caso, a conhecida palavra de Jo 1.14 teria de ser artificialmente reinterpretada: A palavra se tornou carne, e mais tarde, depois de sua ressurreição e ascensão, nós também vimos a sua glória. Se João descreve Jesus totalmente de acordo com sua compreensão espiritual posterior, então nos tornamos, de um modo questionável, dependentes de João e da exatidão de sua compreensão, e não temos mais a ver realmente com Jesus, mas de fato apenas com o “Cristo joanino”.

A fé não é capaz de viver de “interpretações”, nem mesmo das mais profundas e belas. A fé vive de realidades. Quando João não reproduz as palavras decisivas de Jesus porque as ouviu assim, mas opina a partir de sua compreensão posterior de Jesus, (“Na verdade Jesus deveria ter falado assim”), então nós, como fiéis, estamos numa situação complicada. Como ainda poderíamos interpretar seriamente as afirmações “Eu sou” de Jesus, se tivéssemos de pensar que o próprio Jesus nem sequer as pronunciou? E como podemos acreditar que um israelita – pois é isso o que o autor do evangelho de João é – teria inventado livremente essas palavras de Jesus que evocam o nome de Javé, e que as teria colocado nos lábios de Jesus? Talvez seja verdade o que recentemente é salientado nesse contexto, que anedotas e afirmações inventadas seriam capazes de caracterizar melhor um personagem histórico que relatos historicamente confiáveis. Contudo, a situação se torna muito diferente quando eu próprio quero fazer uso das promessas de uma pessoa poderosa. Então de nada me servirá a mais poderosa e “característica” palavra, se for inventada. A pessoa tem de ter dado sua promessa de uma forma inequívoca, para que eu possa fundamentar sobre ela uma reivindicação. Se Jesus não pronunciou de fato sua poderosa palavra “Eu sou...” com as promessas subseqüentes, de nada nos servirá no caso mais sério, p. ex., ao morrermos, que João assegure a partir de sua compreensão posterior de Cristo que Jesus “poderia” ter falado dessa maneira, sim, que na realidade “deveria” ter falado desse modo.

Contudo, toda essa concepção de projetar para trás, para a descrição do Jesus histórico, a compreensão posterior de Cristo é refutada pelo próprio evangelho de João. O autor anotou pessoalmente em algumas passagens que os discípulos compreenderam essas palavras de modo correto apenas mais tarde, depois da ressurreição de Jesus (p. ex., Jo 2.22; 7.39; 12.16). Com isso, porém, atestou justamente que ele não inventou nem modificou essas palavras de seu Senhor, mas sim que as reproduziu em sua forma original, enquanto naquela época ele e os demais discípulos ainda careciam do entendimento dessas palavras, ficando claras somente mais tarde, após a Páscoa. Se ele, porém, tivesse relatado parte por parte de acordo com sua compreensão posterior, então ele não teria tido mais nenhum motivo para destacar em determinadas passagens específicas que nesse ponto somente uma percepção posterior teria descortinado o sentido mais profundo da questão.

No fundo, deparamo-nos com uma questão de confiança. Não temos condições de verificar objetivamente se João reproduziu correta e fielmente os discursos de seu Senhor. Contudo, constantemente vemos em seu evangelho o empenho em relatar com exatidão, em todos os detalhes, a atuação de Jesus. Será que de repente, na questão principal de seu livro, nas palavras e discursos de Jesus, ele deixaria de ser confiável, apresentando-nos considerações pessoais ao invés de palavras de seu Senhor? Será que um discípulo, sobre o qual os amigos atestam expressamente a veracidade de seus testemunhos (Jo 21.24), e que assegura em sua carta: “O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós” (1Jo 1,3), faria isso? Podemos ler os discursos de Jesus em nosso evangelho com a firme confiança de que neles ouvimos o próprio Jesus falando conosco.

4 – A concordância interna com os sinóticos

Ao olharmos para os sinóticos, não pretendemos observar unilateralmente apenas as diferenças, mas também a concordância interna. Será que a pessoa que teve a ousadia de transmitir a seus discípulos a colossal palavra: “Vós sois a luz do mundo”, não teria afirmado primeiro sobre si próprio: “Eu sou a luz do mundo”? Também nos sinóticos se encontram palavras da incomparável majestade de Jesus, e também elas estão imbricadas com esse extraordinário senso de envio que se expressa na afirmação: “Eu vim” (p. ex., Mt 10.34-37 em combinação com Dt 33.9; Mt 5.17; 9.13; 18.11; 20.28; Lc 6.46 em combinação com Lc 12.49). Desde sempre se constatou a conotação “joanina” no autotestemunho e convite redentor de Mt 11.25-30.

Cumpra compreender as diferenças permanentes entre João e os sinóticos. Não há nelas uma razão compulsória para colocar em dúvida o autotestemunho do evangelho de João e a tradição eclesiástica sobre a autoria do apóstolo João.

III – A terminologia dos discursos de Jesus

Entretanto, que dizer da terminologia dos discursos de Jesus em João? Na verdade, também nos sinóticos a pregação de Jesus mostra os grandes contrastes de luz e trevas, vida e morte, uma vez que também neles essa proclamação convoca para uma decisão definitiva. Porém em João os discursos de Jesus são dominados e moldados pelos contrastes de “luz e trevas”, “espírito e carne”, “verdade e mentira”, “vida e morte”, “ser do alto” e “ser de baixo”. A pesquisa descobriu correlações para eles na gnose, motivo pelo qual considerou o evangelho de João um escrito tardio que, usando termos e conceitos gnósticos, travou uma luta contra a gnose. É óbvio que para nossa surpresa os achados dos manuscritos no deserto de Judá e as descobertas do pensamento e da vida da comunidade “monástica” de Cunrã nos mostraram que a “terminologia gnóstica” podia ser encontrada não somente na gnose helenista posterior, porém já em época pré-cristã, numa comunidade rigorosamente judaica. E essa comunidade vivia nas proximidades da região do Jordão, na qual atuou João Batista. Os sacerdotes de Jerusalém e os grupos fariseus influentes certamente tinham conhecimento de “Cunrã”, que estava a apenas 20 km de Jerusalém. Ademais, as concepções de Cunrã, com sua áspera crítica ao judaísmo oficial, de forma alguma eram ignoradas por aqueles grupos que, numa expectativa viva, aguardavam a derradeira ação salvadora de Deus. Conseqüentemente, é possível que o próprio Jesus tenha usado uma terminologia que não era incompreensível a amigos e inimigos em Jerusalém.

IV – O objetivo do evangelho de João

Somente entenderemos de forma apropriada o evangelho de João se tivermos diante de nós o objetivo que João persegue com seu evangelho.

a – Já havia outros evangelhos escritos nas mãos da igreja. Por que, pois, também ele escreve um livro seu? Já na igreja antiga havia a opinião de que a intenção de João teria sido apresentar Jesus de forma mais “intelectual”, “interior”, mais “filosófica”, para usar um termo mais moderno. O evangelho segundo João, por isso, também foi prezado especialmente em círculos “intelectuais” e filosóficos. Não obstante, essa opinião é equivocada. João leva a “encarnação” e, portanto, a vida bem real do Filho de Deus a sério. Por outro lado, João não visa mostrar-nos a atuação de Jesus em toda a sua amplitude. Isso os sinóticos já haviam feito. Ele se concentra num único tema, que lhe parece ser o verdadeiro tema da vida de Jesus. Ele o expõe logo na abertura de seu livro: O Verbo eterno, por meio do qual o mundo foi criado, vem com sua glória, envidado pelo amor de Deus, para salvar o mundo; porém os seus não o acolhem! Todo o evangelho de João trata da luta de Jesus com seu povo e seus grupos dirigentes, os sacerdotes e fariseus na Judéia, os zelotes na Galiléia. Também os sinóticos têm consciência do contraste entre Jesus e os líderes do povo, descrevendo-o em muitas passagens por meio de narrativas isoladas e palavras concisas. Sabem que disso resultou a cruz de Jesus. De modo bem diferente, porém, João faz com que se experimente a profundidade do conflito e a constante escalada da luta até a cruz.

Pelo fato de que a controvérsia de Jesus com Israel e o empenho para conquistar seu povo preenche todo o evangelho de João, houve quem o quisesse entender como um “escrito missionário em prol de Israel”. Essa hipótese, porém, ignoraria um traço muito peculiar que confere a esse evangelho sua característica especial. Logo de início Jesus é mostrado não apenas como o Messias de Israel, mas como Mediador da criação, que desde os primórdios se relaciona com o mundo inteiro. É por isso que ele também, vindo como Salvador, está “no mundo”, e é “o mundo” que não o conhece (Jo 1.10). João Batista vê em Jesus o Cordeiro de Deus que carrega não somente as transgressões

de Israel, mas “os pecados do mundo” (Jo 1.29). Em Jesus Deus revela como ele não apenas ama o povo eleito, mas “ama o mundo” (Jo 3.16). Por isso os samaritanos que aceitaram a fé o confessam com razão como “Salvador do mundo” (Jo 4.42). O “Rei” que tem a incumbência de dar testemunho da verdade (Jo 18.37) não é somente o “Rei dos judeus” (isso ele obviamente também é!), mas um Rei de todas as pessoas, porque todas carecem da verdade, assim como todas também estão sujeitas à morte e precisam daquele que é “a ressurreição e a vida” (Jo 11.25). É bem verdade que Jesus permanece fiel a Israel até a morte e não parte em direção dos gregos (Jo 7.35; 12.20ss). Contudo, justamente como aquele que foi exaltado para a cruz ele “atrairá a todos para si” em dimensões universais (Jo 12.32).

Inversamente, por isso também se torna claro que apesar de sua eleição, que permanece incontestável (Jo 4.22!), Israel se torna, por causa de sua incredulidade, o representante especial do “mundo” hostil a Deus. Aqueles que se gloriam de ser filhos de Abraão, são filhos do diabo (Jo 8.44), o qual é “o príncipe deste mundo”.

Desse modo, o evangelho de João, enquanto descreve a luta de Jesus por Israel, visa incessantemente a importância universal e o envio mundial do Filho de Deus.

b – Na luta por Israel não estão em jogo os detalhes, por mais que esses “detalhes”, como a questão do sábado, se destaquem também em João (Jo 5.9-16). Contudo, João deixa mais explícito do que os sinóticos que está em jogo somente uma única coisa, a atitude frente ao próprio Jesus, a fé ou incredulidade diante dele. Isso confere ao evangelho de João uma “simplicidade” e, se quisermos usar essa expressão, sua grandiosa “monotonia” em comparação com os sinóticos. Em sua essência, os sinóticos não defendem outra coisa (cf. Lc 10.42; Mt 7.24-27; 11.20-30; 19.21; 19.28s; etc.). Porém em João torna-se explícito na própria pregação de Jesus o que mais tarde ensina a mensagem dos apóstolos, a começar pela do apóstolo Paulo, a judeus e gentios: “Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e tua casa” [At 16.31]. João nos mostra que essa mensagem não era a invenção dos apóstolos, mas que o próprio Jesus desafiou as pessoas dessa maneira na decisão de fé em sua pessoa: “Se não crerdes que eu sou morrereis em vossos pecados” (Jo 8.24).

c – Em decorrência, não é de admirar que o próprio João visse no “crer” o alvo de seu testemunho de Jesus. No final de sua obra ele fala da plenitude dos sinais de Jesus, os quais não conseguiu considerar todos. “Esses, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, e para que crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31). Vale observar que nessa frase João não apenas opta pela formulação “para que venhais a crer”, mas que usa a forma verbal que expressa a continuidade de uma ação. Seu evangelho não visa ser propriamente um escrito missionário, mas dirige-se à comunidade crente, a fim de fortalecê-la, depurá-la e aprofundá-la na fé.

É possível que João tivesse em mente o perigo vindo de uma forma de “gnose” que tinha o intuito de ela mesma ser cristã, sim, que afiançava elevar o cristianismo de fato à sua verdadeira sublimidade, requestando ativamente as igrejas. Já na carta aos Colossenses, precisamente na Ásia Menor, deparamo-nos com inícios dessa gnose cristã com suas “percepções superiores” e seus métodos especiais de vida espiritual (Cl 2.8,16-23). Como contemporâneo de João vive e atua em Éfeso o gnóstico Querinto. Por isso, pode bem ser que diversos pontos sejam especialmente realçados nesse evangelho com vistas à gnose. No entanto, deixaríamos de compreender toda magnitude do evangelho de João se víssemos nele apenas um escrito antignóstico. O “evangelho segundo João”, como o chamava a igreja antiga, é realmente o evangelho pleno, integral, escrito para mostrar Jesus aos leitores de tal modo que sua fé possa agarrar-se em Jesus e encontrar em Jesus o caminho, a verdade e a vida.

V – A integralidade do evangelho de João

Que se pode afirmar sobre a integralidade desse evangelho? Será que pode ser seriamente questionada? Não é justamente o evangelho de João coeso e integral em seu estilo inconfundível, em sua estrutura clara?

No entanto, desde sempre chamou atenção que o cap. 6 de repente mostra Jesus na Galiléia, sem que tenha sido dito algo – como em Jo 4.1-3 – a respeito do fato e das razões de mais um retorno para a Galiléia. Não seria bem mais fácil que o cap. 6 viesse após o cap. 4? E, se o cap. 5 fosse subsequente apenas ao cap. 6, não seria muito mais compreensível a palavra de Jesus em Jo 7.21, com sua referência ao milagre narrado no cap. 5?

Será possível que aconteceu uma inversão posterior, equivocada, dos capítulos? Uma vez que todos os manuscritos sem exceção trazem o texto assim como o possuímos hoje, a troca dos capítulos deveria ter acontecido já na primeira edição do livro. Para tornar isso mais compreensível, imaginou-se uma “troca de páginas”. Nesse caso o evangelho de João não teria sido publicado como “rolo”, mas como um “códice”, escrito sobre folhas. Porém, trocar as folhas por engano somente teria sido possível se tanto o cap. 5 quanto o cap. 6 preenchessem exatamente uma página, sem que restassem linhas para uma nova página.

H. Strathmann (NTD, vol. IV/1955) sugere uma solução para essa questão, que ao mesmo tempo poderia tornar compreensíveis diversas outras irregularidades nesse evangelho. Se João empreendeu a redação de seu livro somente em idade avançada, talvez ele não conseguiu mais terminar pessoalmente a última formatação. Justamente por isso um grupo de discípulos e amigos teve de acrescentar o cap. 21 e assumir a responsabilidade pela publicação da obra. Nesse processo certamente poderia ter acontecido que a ordem correta dos cap. 5 e 6 não fosse notada e, por isso, já no manuscrito original o texto fosse escrito da maneira como o encontramos em todos os manuscritos. Essa solução, porém, não é mais do que uma hipótese digna de consideração.

VI – A época do surgimento do evangelho segundo João

Será correta a tradição eclesiástica acerca do tempo em que surgiu esse evangelho? Ou seja, será que João escreveu o evangelho em idade avançada no final do séc. I, em Éfeso? Durante algum tempo a pesquisa crítica pensou em situar o evangelho como livro de um autor desconhecido numa época bem posterior. Todas as datas mais tardias foram refutadas, desde que se encontrou no Egito um fragmento de papiro com algumas frases do cap. 18 do evangelho de João. Esse pedacinho de papiro comprova que esse evangelho já estava disseminado no Egito por volta do ano 100. Consequentemente deve ter sido escrito o mais tardar no final do séc. I. Isso coincide com a notícia que obtemos da igreja antiga através de Ireneu: João teria vivido na Ásia Menor, ou melhor, em Éfeso “até a época de Trajano” (98-117 d.C.), publicando ali, depois de Mateus, Marcos e Lucas, igualmente um evangelho.

VII – As variações textuais nos manuscritos

De modo geral as diferenças textuais nos manuscritos não são significativas. Onde ocorrerem variações de importância para o conteúdo e, por conseguinte, para a compreensão do evangelho de João, elas serão mencionadas no comentário. Abriremos mão de uma indicação mais específica de cada manuscrito. Quem não domina o idioma grego e não tem uma noção exata dos manuscritos gregos e das traduções latinas e sírias, teria pouco proveito dessas referências. Quem é capaz de ler o Novo Testamento em grego, encontrará pessoalmente todos os dados no rodapé da edição de “Nestle”.

VIII – Bibliografia sobre o evangelho de João

Para que o leitor possa aprofundar pessoalmente a pesquisa, importam sobretudo os compêndios.

O leitor deve realmente fazer uso das referências a textos paralelos, explicando com auxílio deles a Bíblia através da Bíblia.

Dentre as concordâncias bíblicas sejam mencionadas:

- Bremer biblische Handkonkordanz, Anker-Verlag, 1036 p.
- F. Hauß, Biblische Taschenkonkordanz, Furche-Verlag, 248 p.
- Konstanzer Kleine Konkordanz, CVA, 272 p.
- Elberfelder Bibelkonkordanz, 1460 p.

No comentário o leitor será remetido diversas vezes ao “Lexikon zur Bibel” e ao “Theologisches Begriffslexikon”, R. Brockhaus-Verlag [= Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, L. Coenen/C. Brown (eds.), 2ª ed. 2000, 2 vol., S. Paulo: Vida Nova].

Uma explicação excelente dos termos mais importantes do NT é oferecida por R. Luther, em “Neutestamentliches Wörterbuch”, Furche-Verlag.

Dentre os comentários sejam citados:

- A explicação de W. Schütz, na série “Bibelhilfe für die Gemeinde” vol. IV. Quem deseja ter o evangelho de João num esquema rápido terá nesse texto um auxílio excelente, que combina a brevidade com a força e a profundidade espiritual.
- Na série “Das Neue Testament Deutsch” [NTD] o evangelho de João foi inicialmente trabalhado por F. Büchsel. A exegese foi feita com esmero e é reservada diante de considerações críticas.
- O comentário mais recente do NTD ao evangelho é de H. Strathmann. Essa exegese é viva e concreta, porém de orientação crítica moderna.

A obra de A. Schlatter, “Erläuterungen zum NT”, vol. III, constantemente mostra o seu valor. Nela o leitor é confrontado com o próprio texto e poupado de teorias críticas.

- T. Jänicke, “Die Herrlichkeit des Gottessohnes”, 1949, Verlag Haus und Schule, Berlim.
- W. Brandt, “Das ewige Wort”, Evangelische Verlagsanstalt, Berlim.
- W. Lüthi, “Johannes, das vierte Evangelium”, Reinhardt Verlag, Basileia, 1963.
- G. Spörri, “Das Johannesevangelium” 1. und 2. Teil, Zwingli-Verlag, Zurique, 1963.

Na coletânea “Der kirchliche Unterricht an höheren Lehranstalten”, o vol. III, “Lektüre des Johannesevangeliums”, é de autoria de Marianne Timm, Evangelischer Presseverband, Munique, 1960.

Um bom comentário católico é apresentado na série Herders Theologischer Kommentar zum Neuen Testament, “Das Johannesevangelium Teil 1”, por R. Schnackenburg, Herder, Freiburg 1965.

Quem deseja obter orientação dos pais do passado busque o comentário “Gnomon”, de Johann Albrecht Bengel (tradução alemã: C.F. Werner, Berlim, 1952).

Uma exposição singular do “Evangelium St. Johannes” é trazida por Vilmar em seu “Kollegium Biblikum”.

Comentários científicos existem em grande abundância. Continua muito precioso o de F. Godet, *Kommentar zu dem Evangelium des Johannes*, Hannover, Berlim, 1903.

- Theodor Zahn, “Das Johannesevangelium”, Leipzig 1920, destaca-se pelo minucioso trabalho filológico no texto.
- Walter Bauer, “Das Johannesevangelium” na série *Handbuch zum NT*, ed. por H. Lietzmann, vol. VI, Tübingen 1933. É uma obra rica em referências bibliográficas e históricas.
- R. Bultmann, “Das Evangelium des Johannes”, Göttingen 1956.

Mesmo quem defende um pensamento teológico completamente diferente de Bultmann há de apreciar o esmero, a riqueza de conhecimentos e a clareza exegética de muitas explicações desse comentário.

COMENTÁRIO

O MISTÉRIO DA PESSOA DE JESUS – João 1.1-5

– No princípio era o Verbo (o Logos), e o Verbo (o Logos) estava com Deus, e o Verbo (o Logos), por espécie) era Deus.

² – Ele estava no princípio com Deus.

– Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.

– A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.

– A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

O propósito é relatar sobre a maior grandeza que existe no mundo, sobre aquilo que é a única magnitude realmente grande e importante, Jesus Cristo, seu viver, falar, atuar, sofrer, morrer e ressurgir. O presente relato deverá mostrar à igreja crente em Jesus toda a “glória” de Jesus, para fortalecer, purificar e aprofundar sua fé. Como, porém, deverá “principiar” esse relato?

1/2 João deixa de lado tudo o que Mateus e Lucas informam sobre o nascimento e a infância de Jesus. Isso já é do conhecimento da igreja. E, por si só, ainda não é o essencial e decisivo que precisa ser dito sobre o mistério da pessoa de Jesus. Logo no início de seu escrito, João visa dirigir o olhar de seus leitores justamente para esse mistério, para que compreendam de maneira correta tudo o que é relatado sobre Jesus. Pois seu objetivo é mostrar em todo seu escrito que os dons, os feitos e as atuações de Jesus não são o mais importante, mas sim o próprio Jesus em sua pessoa, em seu maravilhoso ser. É por isso que os pontos culminantes do evangelho, conforme nos assegura João, são as grandes palavras “eu sou” de Jesus. Jesus não apenas concede água, pão, vida, ressurreição. Jesus pessoalmente é tudo isso. Ele apenas tem condições de “dá-lo” verdadeiramente a nós porque ele próprio o é por essência. Por isso, João não consegue expressar o mistério da pessoa de Jesus em apenas breves palavras, como Marcos. Precisa dizer mais a respeito. Por essa razão, começa pelo começo, porém aquele começo que é “o princípio” em sentido último, aquele “princípio” com o qual começa, por isso, também a Bíblia: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). De forma consciente, e rejeitando todas as especulações “gnósticas”, João não ultrapassa esse “princípio”. Não tenta olhar para dentro da eternidade pré-criacional de Deus. No entanto, constata o seguinte: Naquele princípio já “era” ele, a quem conhecemos como Jesus Cristo e do qual há de falar todo o escrito de João. Ele não foi formado somente naquele tempo, junto com tudo o que foi criado, nem tampouco é o ápice maior da criação. Não, ele já “estava” lá, “estava com Deus”. É por isso que seu lugar é ao lado de Deus, não ao lado do que foi criado: Ele era “Deus por espécie”. É salientado mais uma vez: “Este estava no princípio com Deus.” Nessa afirmação, o termo demonstrativo “este” e toda a repetição da primeira declaração podem conter uma conotação de exclusão e defesa, mais uma vez precisamente em relação à gnose. Não foram quaisquer outros entes e poderes que estiveram no princípio com Deus; não, apenas “este” estava, apenas este único.

Independente do que viermos a ler sobre Jesus, independente de como pronunciarmos o nome Jesus, precisamos saber: Jesus é aquele que certamente está diante de nós como pessoa integral e que não obstante é totalmente diferente de todos nós, também dos maiores e mais nobres entre nós, em sua natureza. Jesus diz isso pessoalmente, em seu modo singelo e, apesar disso, radical: “E

prosseguiu: Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou” (Jo 8.23; sobre isso, cf. Jo 8.58; 17.5; 17.24).

- 1 No entanto, João na verdade cita o nome “Jesus” somente no v. 29, embora já no v. 17 forneça um primeiro indício dele. Afinal, Jesus ainda está para se tornar pessoa humana, e isso constitui um evento fundamental da história da salvação. Agora, **“no princípio”**, é preciso falar de forma diferente de Jesus, a fim de expor diante de nós o mistério de sua pessoa. **“No princípio era o Logos, o ‘Verbo’”**.

“O Logos, o Verbo” –Jesus não foi chamado assim nenhuma outra parte do NT (com exceção de Ap 19,13). Tampouco no presente evangelho esse título retorna. Entre as grandiosas declarações de Jesus, nenhuma diz: “Eu sou o Verbo.” Por que neste começo do evangelho João sintetizou todo o mistério de Jesus nessa expressão? O que foi que ele compreendeu por “Logos”, o “Verbo”? A pesquisa histórica examinou com grande afincamento onde essa expressão “o Verbo”, “o Logos”, ocorre no mundo contemporâneo judaico, grego e oriental do NT e o que significa ali. O que pensava um contemporâneo de João, o que sentia e o que ele via interiormente diante de si, quando lia essa passagem acerca do “Logos”, do “Verbo”? A pesquisa produziu uma plenitude de materiais. Nossa dificuldade, porém, reside justamente na abundância e variedade desse material. Como, afinal, constataremos hoje com alguma certeza exatamente quais concepções de seu tempo e de seu mundo João tinha em mente? Com os leitores de seu livro, porém, deve ter acontecido o que ainda hoje podemos observar em palavras e conceitos polissêmicos: De acordo com sua origem e seu modo próprio de pensar, os leitores traziam consigo entendimentos muito diferentes da expressão “Logos”, “Verbo”. João, porém, não discutiu em pormenores essas acepções distintas do “Logos” e não se decidiu por uma delas como a mais correta. Seus leitores podem ter imaginado por “Logos” a “sabedoria” ou “razão universal”, respectivamente o “sentido” do mundo, uma lei que perpassa o universo ou uma força que atua em todo o mundo, ou podem ter visto o “Logos” como um ente divino intermediário entre Deus e o mundo, como ensinavam as teorias da gnose, mas a todos João declara: Tudo o que vocês possam ter imaginado ou presumido até agora sobre o “Logos” aparece com clareza e realidade plena somente em Jesus Cristo. Somente em Jesus vocês encontram o que vocês presumiam, imaginavam e buscavam.

No entanto, ainda que João fale para dentro da situação filosófica e religiosa de sua época e tenha em vista sobretudo a gnose, ele apesar disso é mestre e dirigente da igreja de Jesus. Essa igreja, porém, vive – como evidenciam as cartas de Paulo – mesmo em solo helenista, a partir do AT. E seu próprio apóstolo João é judeu. Consequentemente, cabe-nos examinar acima de tudo qual papel o “Verbo” desempenha no AT. Desde o começo da Bíblia o criar, governar, julgar, dirigir e presentear de Deus acontece constantemente por meio de seu “falar”, de sua “palavra”. Portanto, no AT fala-se muitíssimo do “Verbo” de Deus. Na perspectiva do AT, ele possui em si poder divino, podendo ocorrer como uma grandeza própria e atuante, com vida autônoma. É por isso que também lhe é atestada “eternidade” e se demanda profunda reverência diante dele (Is 41.8s; 55.11; Jr 23.29; Sl 12.6; Sl 119.89). Ao lermos sobre a “sabedoria” nos Provérbios de Salomão, no cap. 8.22s: “O Senhor me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra”, encontramos diretamente diante das declarações de João.

Ao indagarmos, portanto, pela origem e pelo sentido da primeira afirmação do “prólogo” de nosso evangelho, poderemos constatar o seguinte: Ela é explicação da Bíblia, interpretação do AT. Contudo, não é uma interpretação que João imaginou, e sim uma interpretação que Deus concedeu pessoalmente por meio do envio de Jesus. Incontáveis leitores e mestres da Bíblia debruçaram-se justamente sobre a misteriosa primeira página da Escritura Sagrada, refletindo e escrevendo muito sobre ela. Diante de todas essas reflexões, João pode dizer, com alegre certeza: O que era “no princípio”, quando Deus “falou”, vocês não precisam mais deduzir pessoalmente. Está diante de vocês de forma palpável em Jesus.

João captou que esse “Verbo”, através do qual Deus falou de forma criadora e, depois, repetidamente em forma de mandamento e de dádiva, é realmente uma pessoa autônoma em Deus (como Pv 8.22ss expressa acerca da “sabedoria” de Deus). João foi capaz de captar isso porque havia reconhecido Jesus como esse “Verbo”. E agora ele o anuncia a Israel, requestando e convocando para a fé: O “Verbo”, sobre o qual vocês têm conhecimento e falam muito, está presente em Jesus com toda a sua verdade e graça, precisamente para vocês. E declara-o à igreja de forma a esclarecê-la e

alegrá-la: Jesus, no qual vocês crêem, é ainda maior e mais glorioso do que muitos de vocês pensam. Ele é o “Verbo” de Deus, que já estava no princípio com Deus”.

Será que João é realmente o único com essa mensagem no primeiro cristianismo, de modo que na verdade temos de ser cautelosos em acompanhá-lo? Não, Paulo também fez a mesma coisa em termos de conteúdo quando citou afirmações de Moisés de Dt 30.11-14 em Rm 10.6ss, reconhecendo Jesus Cristo na “palavra” de que Moisés falava naquele texto. E também Hb 1.1-3 mostra que outros mestres do cristianismo compreenderam Jesus como a “palavra”, pela qual Deus se expressa integralmente diante de nós.

É justamente a partir desse dado que se descortina a compreensão para as afirmações de João. Sabemos o que significa a “palavra” em nosso relacionamento mútuo. Somente por intermédio da “palavra” existe a ligação de pessoa para pessoa. Sim, ao fazer uso da palavra, eu mesmo de fato me torno “pessoa” em sentido pleno. Em todas as falas, mesmo que no solilóquio escondido, tento “me” expressar. Por meio da “palavra” estou presente pessoalmente e capto a mim mesmo em meu pensar, sentir e querer. Não obstante, nossa “palavra” permanece dolorosamente imperfeita. Por isso, quantas palavras desfiamos, e apesar disso não encontramos “a palavra certa”. Com numerosas palavras não somos capazes de nos tornar compreensíveis nem para nós mesmos nem para outros. A humanidade se expressa incansavelmente através de poetas e pensadores, e apesar disso tem de começar sempre do princípio, porque tudo o que foi dito até então ainda não expressa o essencial. Com Deus o caso é bem diferente. Deus se expressa, quando o quer, de modo perfeito. Para isso ele não precisa de palavras numerosas e sempre renovadas. “Uma vez por todas”, como a carta aos Hebreus gosta tanto de afirmar (Hb 7.27; 9.12; 10.10), ele atesta todo o seu coração e toda a sua natureza por meio de uma única palavra. E essa “palavra” não é um som, uma série de letras, mas uma pessoa, assim como o próprio Deus é pessoa. Esse “Verbo” pronunciado por Deus antes de todos os tempos agora aparece autonomamente ao lado de Deus, mas ao mesmo tempo não é nada diferente de Deus em sua essência. João destaca isso especialmente pelo fato de que em sua afirmação **“O Verbo estava com Deus”** o “com” não apenas designa uma circunstância meramente espacial, mas faz soar a conotação de um íntimo “em direção de”. Aquele que é “o Verbo”, é **“Deus por espécie”**, mas não está simplesmente “ao lado de” Deus, mas permanece constantemente voltado **“em direção de Deus”** em todo o seu ser, integralmente relacionado com Deus e Pai, de cujo eterno “falar” se originou.

Nos v. 14 e 18 (e numerosas vezes mais tarde) esse “Verbo” enquanto “imagem de Deus” (Cf. Cl 1.15; 2Co 4.4; Hb 1.3) também é chamado de “Filho”, o “único filho” do Pai, que “está no seio do Pai”. Contudo, é significativo que neste começo João não empregue o termo “Filho”, e sim a expressão “o Verbo”. Ele escreve numa época em que o contexto gentílico costumava relatar muitas coisas sobre “filhos de Deus”, que haviam sido gerados por deuses. Desde já João pretende afastar essas concepções gentílicas e sensuais do olhar sobre Jesus. Com a ilustração do “Verbo” proferido pelo Pai, o mistério de Jesus foi revelado com clareza e pureza e seu relacionamento com o Pai foi descrito em contraste com todos os mitos gentílicos.

Com essa formulação, que “cristologia” poderosa, profundamente misteriosa e apesar disso também simples e compreensível temos diante de nós! O mistério, em torno do qual a igreja mais tarde debate a doutrina da Trindade, persiste como tal e pode ser expresso de forma apenas paradoxal: Jesus, o “Filho”, o “Verbo”, é totalmente unido com o Pai e ao mesmo tempo é distinto dele, tendo vida independente. Apesar disso, não se trata de dois deuses lado a lado. Existe somente o único Deus verdadeiro e vivo. Esse Deus, no entanto, como Deus vivo, não é uma unidade rígida e oca. Ele vive em três “pessoas”, uma das quais é o “Filho”. Justamente no testemunho de João a respeito do Filho, que é o “Verbo” no qual Deus se expressou cabalmente e que por isso é totalmente um com Deus e que ao mesmo tempo, como palavra “proferida” possui uma vida própria, o mistério pode tornar-se concreto e compreensível para nós, na proporção em que isso for de fato possível. As frases de João começam a brilhar e falar: **“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Este estava no princípio com Deus.”**

Sendo Jesus, o Filho, o “Verbo” segundo sua verdadeira natureza, também define-se de antemão o relacionamento correto das pessoas em relação a ele. O “Verbo” requer ser “ouvido”, e procura pela “fé” que se abre para ele e confia nele, obedecendo-lhe. É em torno disso, então, que girará a grande luta no evangelho, que testemunhamos capítulo após capítulo. E a partir dessa sua primeira frase João tem condições de declarar corretamente no final de sua obra que a fé em Jesus foi o alvo de todo o seu escrito (Jo 20.31).

- 3 A seriedade com que tudo isso é proferido evidencia-se no v. 3. Se ele, que é “o Verbo”, já “estava com Deus” “no princípio” de todo o tempo e espaço e de todas as coisas, então esse mesmo Verbo tem de ser participante da criação. Assim como a formulação “no princípio” aponta para o relato bíblico da criação, assim João pensa agora em como toda a criação de Deus aconteceu através de seu “falar”, de seu “Verbo”. “E disse Deus...”, soa repetidamente ao longo do relato da criação. A criação, portanto, aconteceu através dele, que em sua natureza é totalmente “a palavra de Deus”. É por isso que João testifica: **“Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.”**

A expressão **“todas as coisas”** tem um sentido abrangente e está associada à palavra “universo”. O universo foi criado por Jesus e, com isso, também para ele. Precisamente nisso residem sua unidade e seu alvo, evoluindo por imensos espaços de tempo. Essa não é uma frase de mera especulação teórica. Essa declaração possui grande importância prática. Não existe uma única esfera em toda a criação que seja desconhecida de Jesus, que não esteja relacionada com Jesus! Isso é extremamente importante para nós, para quem o universo se estende numa magnitude inconcebível e assustadora. Também aquelas galáxias, aqueles sistemas de vias lácteas, que abrangem milhões de sóis a uma distância de milhões de anos-luz, foram criados por meio de Jesus e estão em correlação com ele e sua obra, mesmo que agora nós ainda não reconheçamos isso. Com isso nos são reveladas toda a magnitude e importância de Jesus, e ao mesmo tempo isso nos conforta, nós que lhe pertencemos, onde quer que estejamos no âmbito da criação. As asserções do Salmo 139, que inicialmente são assustadoras, adquirem um novo e bendito sentido para discípulos de Jesus sob esse enfoque: Em lugar e momento algum sairemos da esfera do poder de Jesus.

O mais importante na criação, porém, é o ser humano. No fundo está em jogo o ser humano, o pequeno ser humano num cosmos gigantesco. Nosso versículo nos diz agora: Cada ser humano tem um relacionamento originário e indissolúvel com Jesus, uma vez que **“nada do que foi feito se fez”** sem Jesus Cristo. A proclamação sobre Jesus não impõe a ninguém um personagem estranho, mas evoca aquele Um por meio do qual e para o qual a pessoa foi criada desde o início. A mediação de Jesus não é desencadeada apenas por ocasião do pecado. O “Filho” não está inativo junto de Deus até que a miséria de nossa perdição o chame à ação. Ele é Mediador da criação, assim como é Mediador da redenção. E ele é uma coisa justamente por ser também a outra.

- 4 Apesar de toda a magnitude dos incontáveis exércitos de estrelas no universo, a criação seria terrivelmente rígida e fria se não existisse nela o milagre da “vida”. A vida natural já é um enigma para a ciência. Que profundezas misteriosas, porém, se abrem no momento em que nós, como seres humanos, perguntamos pela vida verdadeira, pela vida em sentido último e supremo! O pensamento e a reflexão humana sempre giram em torno da pergunta: Como encontrarei a vida genuína, verdadeira, inesgotável, a vida que realmente merece o nome “vida”? Assim, a mensagem de João vem ao encontro de nós humanos em nosso mais profundo anseio, quando nos declara: **“A vida estava nele.”** Pois é por isso que João também exulta no começo de sua primeira carta: “A vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada” (1Jo 1.2). E isso nós certamente cremos, quando ele acrescenta aqui: **“e a vida era a luz dos homens”**. Também nós associamos a palavra “morte” à idéia da “noite mortal”, ou seja da “escuridão” e das “trevas”. E também para nós a vida, ao contrário da morte, está cheia de luz e calor. Se tivéssemos a vida verdadeira, inesgotável, tudo ficaria cheio de luz. O próprio Jesus falará conosco repetidamente a respeito de “luz” e “vida”. Pelo fato de que somente Jesus possui a “vida” verdadeira, ele é, por isso, ao mesmo tempo “a luz do mundo” (Jo 8.12). Em relação a ele, tudo o que conhecemos por “luz” nada mais é senão comparação ou reflexo.

Novamente nos foi dada, assim, ao mesmo tempo uma “interpretação” da Escritura. Justamente a primeira palavra da criação de Deus em Gn 1.3 dá testemunho de Jesus (Jo 5.39). No extraordinário acontecimento, quando “houve luz” e a luz penetrou nas trevas, Jesus estava atuando e trazia sua essência ao mundo.

Nem aqui nem mais tarde João descreve o que é, afinal, a “vida”. Pode-se “descrever”, “explicar” somente o que é rígido, mecânico, morto. Somente quando anseia por vida, quando realmente “vive”, o ser humano é capaz de pressentir o que é “vida”. No entanto, será benéfico lançarmos desde já um olhar para as afirmações que o mesmo apóstolo João faz em sua primeira carta, em 1Jo 3.14: “Aquele que não ama permanece na morte.” Deus é o “Vivo”, justamente ao “ser amor” (1Jo 4.16), ao amar o Filho (Jo 5.20) e ao lhe conferir participação em sua própria atuação, amando então o mundo de

maneira verdadeiramente divina (Jo 3.16). Sem esse amor a “vitalidade” humana e divina seriam algo terrível. Porém precisamente como amor a vida é a luz dos seres humanos.

No entanto, por que João formula: A vida “era” a luz das pessoas? Esse “era” refere-se ao tempo no paraíso, quando as primeiras pessoas verdadeiramente “viviam” através do Filho, por meio e em direção do qual elas foram criadas? Ou será que com a forma verbal do passado João apenas visa lembrar de fato que as pessoas agora não têm mais essa vida, que é luz para elas, e que Jesus primeiro tem de trazê-la novamente para elas?

- 5 Sendo assim, porém, que em Jesus vem a nós a vida ardentemente esperada, que imerge tudo na luz, não devem todos correr em direção daquele Um em que desde o início estava a vida? Será que o relato de João não precisa necessariamente transformar-se na narrativa de uma única grande marcha de vitória dessa maravilhosa luz? Agora, logo no início de sua exposição, João aponta para o segundo mistério na história de Jesus, que ele caracterizará de forma mais assustadora ainda nos v. 9-11. A vida de Jesus não se torna uma marcha vitoriosa, mas a trajetória para a cruz. Aquele que traz a vida e a luz é rejeitado, odiado e morto. Como isso é possível? Com afirmações de estilo conciso e radical João expõe, sem maiores justificativas, e com todo o realismo, que esse mundo das pessoas, ao qual Jesus chega, é “trevas”. Com nenhuma palavra João nos informa como um mundo criado pelo “Verbo” pôde tornar-se uma “escuridão” dessas. Ele não fala da queda do pecado, assim como constantemente evita falar do que seus leitores já podem e precisam saber. A queda no pecado, porém, paira poderosamente por trás da breve afirmação de João. Mais importante do que todas as “explicações”, que no fundo não são capazes de explicar nada, é para João o inegável fato representado pelas “trevas”, que cada pessoa veraz terá de reconhecer como grave realidade. Jesus Cristo, a palavra eterna, está nesse mundo, e agora isso significa: **“A luz resplandece nas trevas.”**

O que acontece agora? Inicialmente João pode responder apenas com uma constatação negativa, que além disso é curiosamente ambígua. **“A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a agarraram.”** Afinal, as trevas por natureza não podem querer a luz, “agarrá-la” cheias de gratidão e alegrar-se com ela. Apenas são capazes de temer e odiá-la. Em consequência, a igreja de Jesus não deve admirar-se de antemão quando o evangelho claro não é aceito e “agarrado”, mas rejeitado e combatido. Contudo, deve-se questionar bastante se “agarrar” possui de fato um significado positivo de “aceitar”, “compreender”. O prefixo grego *kata*, que está associado aqui ao verbo “agarrar, tomar”, corresponde ao nosso prefixo “sub” ou “para baixo de”. Portanto, o “agarrar” é algo que submete debaixo de si aquilo que foi agarrado e se apodera dele. Importante é o paralelo em Jo 12.35, onde se afirma com toda a clareza que as trevas “apanham” as pessoas. Nessa hipótese, a afirmação do versículo contém sobretudo um triunfo consolador. As “trevas” não conseguiram “agarrar” a luz, a fim de dominar e apagá-la. A luz ilumina as trevas sem que possa ser vencida. Os v. 12 e 13 nos mostrarão que maravilhoso resultado constantemente provém desse fato. A igreja presencia ambas as coisas em experiências sempre novas: as trevas não agarram a luz para sua salvação, mas também jamais são capazes de agarrá-la para destruí-la.

INTERCALAÇÃO SOBRE JOÃO BATISTA – João 1.6-8

- Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João.
- Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele.
- Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz.

- 6-8 Acontece uma clara interrupção da sequência do pensamento, que é continuada no v. 9. Por assim dizer, temos de colocar os versículos 6-8 entre parênteses. Ao escrever sobre a luz que brilha nas trevas, João forçosamente se lembra de círculos que viram essa “luz” em João Batista. As narrativas em Mt 3 e Lc 3 nos permitem depreender algo da profundidade com que este impressionou as pessoas e de como era intenso o movimento de avivamento desencadeado por ele. Não foram poucos naquele tempo os que foram atingidos no centro de suas vidas e que levaram adiante a notícia desse poderoso homem de Deus. Não era ele uma luz brilhante nas trevas deste mundo? Jesus confirma isso em sua palavra de Jo 5.35: “Ele era a lâmpada que ardia e alumia.” Portanto, não é de admirar que havia comunidades do Batista na época dos apóstolos, as quais não devem ter sido insignificantes. Seus vestígios são encontrados em At 18.24s em personagens como Apolo e em At

19.1-7 nos “discípulos” em Éfeso que não tinham o Espírito Santo e apenas conheciam o batismo de João Batista.

- 6 João, que ainda falará diversas vezes de João Batista (Jo 1.29ss; 3.22ss), considera importante lançar desde já um olhar sobre esse personagem. Esse olhar é reto e límpido. João não tem necessidade de rebaixar o Batista de alguma maneira ou falar negativamente dele. Concede-lhe toda a sua grandeza e importância. **“Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João.”** Não pairam dúvidas sobre o envio e a autorização divinos de João Batista. Ela é designada com as mesmas expressões que o próprio Jesus emprega constantemente para o seu envio por parte do Pai. João e sua obra são de fato inequivocamente “de Deus”. Por parte de Deus, porém, foi determinado também o modo especial de sua atuação: **“Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz.”** Na realidade há várias maneiras de falar. Quem, porém, tem a incumbência de ser “testemunha” e “testificar”, não precisa desenvolver seus próprios pensamentos ou anunciar coisas e acontecimentos futuros. Tampouco lhe cabe relatar as opiniões ou experiências de outros. Cabe-lhe constatar fatos, sobre os quais ele possui certeza pessoal. Ainda haveremos de ouvir acerca do “testemunho” de João Batista em Jo 1.26s e Jo 1.29-34.
- 7 O alvo colocado por Deus para o testemunho é grandioso: **“A fim de todos virem a crer por intermédio dele!”** Imediata e expressamente cita-se aqui o “crer” como o comportamento decisivo da pessoa. “Testemunhar” e “crer” estão essencialmente interligados. “Aquele a quem uma testemunha falou está capacitado e comprometido a crer” (Schlatter). Não basta apenas tomar conhecimento do testemunho de João Batista acerca da luz. Somente quando a pessoa aceita a luz com fé e se entrega à luz com confiança concretiza-se aquilo que a salva das trevas e que Deus, por isso, visa alcançar com o testemunho de seus mensageiros. Esse “crer”, no entanto, também é tudo o que é necessário, sim, o que é possível diante de Jesus. Se João estava escrevendo com vistas à gnose de seu tempo, já expressa aqui uma rejeição radical com essa afirmação.
- “Todos” devem vir a crer. João Batista não devia selecionar, limitando sua atuação a determinados círculos. O objetivo era Israel como um todo, sendo interpelado por Deus através de João Batista. Que incumbência! Com que grandeza João nos apresenta o Batista! Contudo, quem segue a este e pretende honrá-lo corretamente, deve praticar o verdadeiro alvo de sua atuação e vir à fé em Jesus. “Comunidades do Batista” precisam tornar-se “comunidades de Jesus”. Então o envio divino de João Batista terá sido compreendido realmente.
- 8 Diante de todo reconhecimento a João Batista e de sua grande incumbência divina é preciso destacar expressamente como um fato: **“Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz.”** Ele era a lâmpada que queima e alumia (Jo 5.35; cf. o exposto sobre esse texto); mas não é “a luz”. “A luz” é apenas Aquele único, o “Logos”, o “Verbo” proferido pelo Deus de eternidade, sobre o qual João prossegue falando.

A ATUAÇÃO DA VERDADEIRA LUZ - João 1.9-13

- A saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem.
 - O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.
 - Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.
 - Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêm no seu nome;
 - os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus (ou: que creram no nome daquele que não foi nascido do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus).
- 9 Agora João dá prosseguimento à sua exposição. O v. 9 conecta-se diretamente ao v. 5. João já havia falado do “Verbo”, do “Logos”. Em contraposição a João Batista, que era apenas “a lâmpada”, o “Verbo” é “a verdadeira luz. Também na nossa percepção lingüística “verdadeiro, veraz”, tem o sentido de “genuíno, essencial, real”. Não estamos sendo enganados quando, com toda a determinação, reconhecemos “a luz” unicamente em Jesus.
- Essa luz **“ilumina a todo homem que vem ao mundo”**. O que significa isso? Não é “estatística”, mas sim um princípio que deve ser afirmado imperiosamente a respeito daquele que é a verdadeira luz. João caracteriza apropriadamente a atuação de Jesus no evangelho ao mesmo tempo em que a

distingue fundamentalmente do método de trabalho de outras tendências religiosas. “Enquanto o rabino isola a comunidade judaica da humanidade por meio de sua lei, e o gnóstico oferece a seus alunos uma doutrina secreta, transformando seu culto num sistema, a atuação de Jesus atinge toda a carência humana” (Schlatter, op. cit., p. 16).

Essa carência é constituída pelo fato de que o ser humano é aquele que “vem ao mundo”. Pois no “mundo” ele está nas “trevas” e carece da luz que ilumina. Porém, uma vez que “a luz resplandece nas trevas” e não pode ser engolida pelas trevas, todo ser humano tem a oportunidade ímpar de ser iluminado por essa luz e conquistar a verdadeira vida. **“Todo homem”** tem essa possibilidade, não apenas os membros do povo eleito, não apenas a pessoa de inclinações religiosas ou de elevados padrões morais e intelectuais. Todas as pessoas foram criadas pelo Verbo em direção a Ele, todas as pessoas buscam a luz, seu poder iluminador está disponível para todas as pessoas. Ninguém é excluído! Como esse fato foi admiravelmente comprovado nos 1900 anos de proclamação em todo o mundo! Outra questão bem diferente é se, afinal, **“todo homem que vem ao mundo”** realmente se deixa iluminar pela verdadeira luz. Os próximos versículos responderão essa pergunta de forma duramente negativa, e todo o escrito de João revela repetidamente esse não.

- 10 “Ele [o Verbo] **estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.**” No uso do termo “mundo” as testemunhas bíblicas não pensam apenas na natureza, em plantas, animais e estrelas, mas no “mundo dos humanos”, no mundo da história. Sem expressar desde logo todo o paradoxo da revelação como no v. 14, ainda assim João nos deixa alertas: **“Ele estava no mundo”**, o Verbo eterno, oriundo de Deus e voltado para Deus. Isso é concebível? Sabemos que esse “mundo” não é divino, e sim um mundo do pecado e da morte. Será que o Logos pode estar neste mundo, tão diferente em sua essência? João atesta o fato: “estava no mundo”. Não devemos esquecer, porém: **“O mundo foi feito por intermédio dele.”** Independente da situação do mundo hoje, sua origem está em Deus e em seu “Verbo”. Ao contrário de todas as visões de mundo “dualistas”, o evangelho não vê o “mundo” como mau e contrário a Deus em si mesmo, nem como formado por um poder hostil a Deus. O mundo é e continua sendo “criação”.

Obviamente, tanto mais enigmático e assustador é o fato já apontado pelo v. 5, e que agora nos é mostrado com mais clareza ainda. **“O mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.”** Ou seja, o mundo não reconheceu e não reconhece aquele pelo qual na realidade foi feito. Pelo fato de ter sua existência através do “Verbo” e simultaneamente estarem nesse “Verbo” o sentido e alvo dessa existência, o mundo também deveria “reconhecer” o “Verbo” quando este, agora, “está no mundo” na pessoa de Jesus. Por isso, o “não conhecer” não constitui um equívoco desculpável, uma mera deficiência na força de percepção, mas uma culpa, por trás da qual está oculto um “não querer conhecer”. E quando o “mundo”, ou seja, o ser humano como é agora, não reconhece Aquele que é sua vida real, sua verdadeira luz, isso significa ao mesmo tempo uma perdição total. O que será do mundo que não conhece nem quer conhecer Aquele que, afinal, é sua origem e seu destino?

- 11 O v. 11 explicita de forma mais clara a gravidade desse acontecimento. **“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.”** O Logos era como um senhor que retorna para casa, e agora seus próprios familiares lhe fecham a porta. É necessário e até correto, levando em conta o conjunto do texto, considerar que o versículo se refere especificamente ao povo judeu. Com vistas ao “povo da propriedade”, uma afirmação assim seguramente adquire uma expressividade especial. O judeu devia reconhecer, antes de todos os outros e a partir de sua vida sob a palavra de Deus, Aquele que em toda a sua pessoa é “o Verbo”. Mas precisamente ele é quem expulsa Jesus e o mata. No entanto, a **“propriedade”**, o “lar” do Logos é a criação toda, o “mundo”, todas as pessoas são **“os seus”**, porque todo ser humano foi feito por meio dele (cf. acima, o exposto sobre os v. 1-3), e porque a verdadeira luz ilumina a “todo homem”. Por isso o terrível enigma também não pesa apenas sobre o povo de Israel, mas sobre o mundo inteiro. A trajetória da mensagem de Jesus pelos séculos e em redor do universo está permanentemente acompanhada da soturna melodia **“e os seus não o receberam”**. Não há como explicar isso, pois “pecado” e “culpa” deixariam de ser o que são se de alguma maneira pudessem ser tornados compreensíveis. Faz parte da natureza do “maligno” que ele seja inexplicável. Qualquer “explicação” o privaria de seu caráter de culpa imperdoável.
- 12 Portanto, será que a verdadeira luz resplandece em vão? Acaso o Logos chega simplesmente em vão à sua propriedade? Não, há pessoas que **“o recebem”**. João não diz nada sobre seu número. Dependendo do ponto de vista, podem ser “poucos” ou “muitos”. Porém, **“a todos quantos o**

receberam” é dado algo inacreditavelmente grande e glorioso. O Logos **“deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.”**

Será mesmo que isso é algo tão magnífico? Para nós a expressão “filho de Deus” não diz mais muito. Parece-nos algo “óbvio” que todos sejam filhos de Deus. Sabemos muito pouco da majestade e santidade de Deus para poder verdadeiramente captar o que significa ser um “filho” desse Deus e ter um direito pátrio junto dele. Somente quem passou por algo semelhante ao que Isaías experimentou no encontro com Deus (Is 6!), quem sentiu saindo do coração assustado o “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros” poderá aquilatar a “autoridade” que está contida no fato de sermos filhos desse Deus santo e “habitar com chamas eternas e com o fogo devorador” (Is 33.14). Jesus, porém, concede essa extraordinária autoridade aos que o recebem. Quem recebe o “Filho unigênito do Pai” é por isso elevado pessoalmente à posição de filho perante Deus. Por intermédio do “Filho” torna-se um “filho de Deus”.

O “receber” é explicado. Significa **“crer no seu nome”**. Para nós, o “nome” é algo fortuito e sem importância. Para a Bíblia, porém, os nomes são significativos. Apontam para a essência de uma coisa ou pessoa. Por isso o nome “Jesus” também é determinado pelo próprio Deus e comunicado a José e Maria por intermédio de um anjo. Ele identifica o portador desse nome como aquele que “salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt 1.21). No entanto, João ainda não mencionou o nome Jesus. No contexto de nosso texto somente pode tratar-se do nome pelo qual João expressou a verdadeira natureza de Jesus, ao designá-lo de Logos, o “Verbo”. Quem capta o “Verbo” eterno, no qual o próprio Deus se articula, no homem Jesus, e quem se abre a esse “Verbo” com confiança e obediência, esse o “recebe verdadeiramente” e obtém a autoridade para ser filho de Deus.

- 13** O v. 13 dá prosseguimento à explicação mais minuciosa. O que, porém, é explicado? O texto apresenta duas variantes, ambas documentadas por bons manuscritos, e ambas gerando um sentido essencial. A frase pode ter sido escrita originalmente no singular: “O qual não nasceu do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.” Nesse caso o versículo seria uma explicação mais precisa de como se deve entender o “nome” ímpar daquele a quem é devotada nossa “fé”. Crer em seu nome significa, então, compreender que em Jesus está diante de nós aquele que por essência é nascido de Deus, enquanto todas as demais pessoas, também as maiores e mais poderosas, realmente são oriundas apenas do sangue e da vontade da carne e da vontade geradora de um homem. A negação, três vezes sublinhada, da origem natural seria, nesse caso, uma prova de que também João conhece e reconhece a origem maravilhosa de Jesus e sua importância fundamental, mesmo que no mais não fale dela na exposição do evangelho. Não a vontade do homem José, nem a pulsão natural do sangue, nem o relacionamento sexual natural gerou Jesus. Ele é **“nascido de Deus”**. Uma afirmação dessas de João seria particularmente importante para a compreensão correta de Jo 6.42; 7.41s. Enquanto João informa, em consonância com a verdade, que, a partir do fato de Jesus descender de José de Nazaré, as pessoas se escandalizam com ele, João estaria recordando aos leitores do presente versículo, no qual os remeteu ao misterioso nascimento de Jesus. Não obstante, os manuscritos a que nos atemos também no restante do texto trazem o plural no presente versículo: **“Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.”** Nessa forma, o versículo representa mais uma caracterização dos que crêem. Conseqüentemente, seu “tornar-se” filhos de Deus tem uma conotação de seriedade extrema. Eles não apenas recebem “a posição” de filhos na casa de Deus e não apenas adquirem a autoridade de recorrer a esse nome sublime. Pelo contrário, a situação é como João expõe na sua primeira carta, na qual ele acrescenta expressamente ao “ser chamados filhos de Deus”: “e de fato o são” (1Jo 3.1). Nesse sentido essencial, torno-me “filho” apenas por “nascimento”. Quem “crê no nome dele”, tem o privilégio de saber que aconteceu um misterioso nascimento com ele, um evento que designamos de “renascimento”. Acontece aquilo que Jesus descreve para Nicodemos, “ser nascido do alto”, do Espírito de Deus. O “renascido” é a “pessoa espiritual” da qual Paulo fala (Rm 8.1-10; Gl 6.1). No Espírito de Deus ele traz em si essencialmente vida divina, motivo pelo qual ele é “filho de Deus”. A característica determinante de sua vida é a “fé em seu nome”. Esse “crer” em seu nome não provém da “vontade da carne”, nem mesmo da carne devota. A “carne”, ou seja, o ser humano natural, não é capaz de crer. Tampouco a força máxima de decisão que um “homem” puder concentrar em sua vontade é capaz de gerar a fé pela força. A nossa perdição é tão séria porque unicamente o milagre de um novo nascimento é capaz de nos presentear com a ruptura para a fé.

Novamente deparamo-nos com um mistério. Na verdade não existe nada mais natural que “aceitar” Aquele que vem a nós como o Verbo eterno e como nossa própria origem. Cada pessoa teria de ver essa “luz” e agarrar com alegre avidez essa “vida”, acolhendo aquele do qual e para o qual ela foi criada. Contudo, uma enigmática e pecadora obstinação nos impede de fazer o que teria de acontecer de forma singela e límpida. Essa é a profundidade de nossa perdição. Apenas o milagre de um novo nascimento a partir de Deus nos salva dela.

A exposição de João constantemente gira em torno desse acontecimento, o enigma da fé e o enigma da incredulidade.

A DÁDIVA DO REVELADOR – João 1.14-18

- **E o Logos (o Verbo) se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.**
- **João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.**
- **Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.**
- **Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.**
- **Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito [um unigênito, Deus por espécie], que está no seio do Pai, é quem o revelou.**

João já havia declarado que “o Verbo” não permaneceu junto do Pai, como que olhando de cima para baixo e observando de longe este mundo, mas “estava no mundo”, como luz “resplandece nas trevas”. Contudo, isso ainda foi dito de maneira misteriosa e sem caracterização mais precisa. Agora esse “estar no mundo” do Logos é definido com uma única breve expressão de nitidez radical: **“E o Logos (o Verbo) se fez carne.”**

- 14** Em relação ao v. 10 já indagamos se, afinal, o Logos de Deus realmente poderia estar no “mundo”, tão alheio a ele por natureza e caracterizado por “trevas”? Porém, uma vez que ele já estava nele, não deveria apenas fazer uma visita rápida, uma visita em que se dissociasse e mantivesse uma resoluta distância de tudo que fosse alheio à sua natureza? E uma vez que ele já tinha figura humana, será que ele não agiria da mesma forma como também os gregos relatavam de seus deuses: apareciam na terra sob um disfarce qualquer, para rapidamente retornarem a seu aprazível céu, sem se envolver com todo o fardo terreno das pessoas?

Não, diz João, a mensagem de Jesus é algo radicalmente diferente de todos os mitos e lendas sobre deuses. Cada palavra da afirmação reveste-se de importância. Pois a afirmação é assombrosa: O “Verbo” eterno, no qual Deus expressou todo o seu coração e seu ser, “tornou-se carne”, tornou-se uma pessoa real de carne e sangue.

Isso é “revelação” genuína. Deus não passou entre nós num invólucro aparente de humanidade, intocado pela verdadeira condição humana, mas Deus se tornou verdadeiramente um de nós, numa solidariedade plena. Por isso não se diz apenas: A palavra se tornou “ser humano”, mas, enfatizando a condição real do ser humano, ouve-se: o Verbo se tornou **“carne”**. Desde o AT “carne” caracteriza o ser humano em sua debilidade, transitoriedade e mortalidade; cf., p. ex., Sl 56.5; 78.39; Is 31.3; 40.6-8; Jr 17.5. Na declaração correspondente em Rm 8.3 Paulo fala da “carne do pecado”. Também para João a “carne” faz parte das “trevas” do mundo alienado de Deus (Jo 3.6; 6.63). Contudo, não é isso que ele está destacando agora. Seu intento é que a palavra “carne” deixe claro que o Verbo eterno se insere integralmente na existência humana como um todo. Por isso também evitou qualquer formulação que poderia dar a entender um mero “revestir-se” da carne. De forma intencional escolheu-se a expressão abrupta e inequívoca: O Logos **“se fez” carne**.

“E o Verbo se fez carne.” Essa é a frase decisiva no início do evangelho. Só porque isso aconteceu é realmente possível escrever um “evangelho” e João pode fornecer um relato histórico de Jesus. Agora, porém, é necessário que isso realmente se torne um relato “histórico”. É precisamente por isso que João nos dará referências históricas muito precisas sobre o local e as épocas, mencionando em sua narrativa também detalhes teologicamente insignificantes, mas que fazem recordar com quanta plenitude o Verbo eterno penetrou na existência humana histórica. Do mesmo modo, porém, temos de nos lembrar, em tudo que João nos relatará sobre Jesus, de que esse homem é verdadeiramente o eterno Verbo de Deus.

A “revelação” é, portanto, “encarnação” = “tornar-se carne” por parte do Verbo de Deus. Afirma-se assim que ela não é apenas um assunto para o nosso “pensar”, não mera comunicação de pensamentos e doutrinas divinas. “Revelação” é muito mais essencial e impactante. O Verbo de Deus não está apenas entre nós como idéia, mas essencialmente como ser humano. “Deus” está visível entre nós como “pessoa”, como pessoa integral para toda a nossa existência humana.

Foi concedido a João que expusesse diante de nós essa importância fundamental da “revelação” antes de falar acerca de Jesus. Cada uma das testemunhas do NT tem sua própria tarefa e mostra à igreja de todos os tempos os grandes feitos de Deus de uma perspectiva especial. Para Paulo, “a palavra da cruz” é tudo, depois que a cruz de Jesus havia sido o tropeço que provocara sua ira acirrada contra Jesus e seus discípulos. É claro que também Paulo está consciente da importância da “encarnação”, em Fp 2.5-8; Gl 4.4; Rm 8.3s. A última passagem, porém, demonstra que Paulo imediatamente tem em mente também a cruz. João, porém, consegue formular o evangelho integral na “palavra da encarnação”. Ele nos mostra como nossa redenção está fundamentada não somente no episódio da cruz, mas já nesse imenso passo do Logos para dentro da carne. Ele nos faz pressentir que esse “fazer-se carne” do “Verbo” é o começo fundamental da “cruz”, de como Jesus sofreu para suportar o pecado e a perdição das pessoas. É por isso que João Batista vê, muito antes da cruz, logo no primeiro encontro, Jesus como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Não apenas cobrir-se da “carne” como um disfarce, mas “fazer-se” carne, isso significa assumir sobre si, em total solidariedade conosco, nossa vida de pecado e morte, e “carregá-la” dia após dia até a morte, sim até a morte na cruz.

“O Verbo se fez carne”: como isso é possível? Para essa pergunta não há e não deve haver resposta, porque dissolveria o milagre da revelação. Contudo, uma coisa podemos afirmar como antevisão de Jo 3.16 e sob o testemunho de João em 1Jo 4.9s, a saber, que nisso resplandece a glória do amor. “Encarnação”, solidariedade plena com nossa vida humana, assumir toda a nossa existência – isso é amor, e é unicamente consumado pelo amor. E inversamente, o que realmente é “amor” somente pode ser apreendido dessa encarnação, desse fazer-se carne por parte do “Verbo”.

João continua sua frase fundamental. O que o “Verbo” fez quando se tornou “carne”? **“Habitou entre nós.”** Muitos gostam de assinalar que para “habitar” é usado um termo grego que na realidade significa “armar a tenda”. Porém, se isso visa ressaltar que o Logos apenas “acampou” entre nós e não “habitou” realmente, então nos encontraríamos novamente nas cercanias do “docetismo”. Nem em idiomas estrangeiros nem em nosso próprio podemos simplesmente retomar antigos significados básicos de termos. As palavras estão em permanente e viva mudança de sentido. A palavra que João utiliza seguramente tinha naquele tempo o sentido de um verdadeiro “habitar” e não o sentido de uma visita fortuita. Talvez tenha sido usada a expressão “acampar” porque Deus habitou no meio de Israel primeiramente na “tenda da revelação”, o “tabernáculo”. É por isso que João também no Apocalipse (Ap 21.3) fala da “cabana” (literalmente: da “tenda”) de Deus entre os humanos” e igualmente reproduz o “habitar” de Deus com as pessoas, ali prometido, por meio do termo “acampar”, apesar de que a visão seja nitidamente de seu habitar eterno, jamais cessante.

O Verbo eterno do Pai, que agora “habitou entre nós”, é o cumprimento da velha história de Israel (Êx 25.8; 29.45), bem como do prenúncio profético (1Cr 23.25; Jr 7.3; Ez 37.27; Zc 2.14), havendo, por sua vez, de encontrar seu último cumprimento eterno na nova terra. Deus já habitou na tenda da revelação e habitou em seu santo templo. Agora ele habita conosco em Jesus. Nesse texto, pois, fica claro que Jesus é o verdadeiro templo, dando-nos realmente aquilo que se buscava no templo de Jerusalém (e também em todos os templos do mundo). Aqui reside a base da palavra de Jesus em Jo 2.19, do mesmo modo como da afirmação de Paulo sobre a igreja de Jesus, que como “corpo do Cristo” é ao mesmo tempo o templo de fato, no qual Deus agora habita sobre a terra (1Co 3.16; 14.25). Pelo fato de que o Verbo se fez carne e habitou entre nós tornou-se possível o que João atesta em seguida: **“E vimos a sua glória.”** João optou pelo termo “**ver**”, que assinala um ver real, atento, observador. João nos diz em sua primeira carta como esse ver é sério e real. Em vista do “Verbo da vida”, ele escreve ali: “O que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam” (1Jo 1.1). Essa não é uma experiência concedida às igrejas, para as quais João escreve. A elas isso é testemunhado, para que “creiam”. Elas são benditas pelo próprio Jesus, porque “não vêem e apesar disso crêem”. É por isso que as igrejas precisam da palavra daqueles que podem afirmar: “Nós vimos, nós contemplamos”, a palavra das testemunhas oculares. Por meio desse “**nós**” o autor do presente evangelho se inclui expressamente entre essas testemunhas oculares.

Porém, o que João **“viu”**? Naquele tempo multidões de pessoas haviam visto o homem Jesus de Nazaré. Porém muitas delas viram em Jesus o “samaritano”, o “herege”, o “homem demoníaco” (Jo 7.20; 8.48; 8.52; 10.20). O **“nós”**, ao qual João pertence, viu algo bem diferente: **“a sua glória”**. A palavra **“δόξα”** = “glória” é a réplica grega do termo hebraico do AT **“kabod”**. A raiz subjacente significa inicialmente “ter peso” e a partir daí torna-se expressão da “gravidade”, “grandiosidade”, “honra”, “glória”. O AT já tem ciência de que em sentido extremo e verdadeiro somente o Deus vivo é tão “pesado”, sumamente importante, grande e “glorioso”. E essa **“glória”** divina João e seus amigos viram em Jesus, embora ele fosse “carne”, esse homem real, sofredor, moribundo. Sim, aprenderam do próprio Jesus a ver precisamente em sua “humildade” a sua “glória”, em sua cruz a sua “exaltação” (Jo 3.15).

As testemunhas oculares viram em Jesus “glória”, porém não a glória insuportável de Deus, diante da qual até os grandes anjos ao redor do trono escondem o rosto. Ela é a glória refletida, no “Verbo”, uma **“glória como a de um filho único do Pai”**.

Conhecemos a expressão “o Filho unigênito”. Ela é a tentativa de reproduzir da maneira mais literal possível o termo grego **“mono-genes”**. Contudo, a segunda parte desse termo provavelmente não deve ser derivada de **“genesthai”** = “ser nascido”, mas de **“genos”** = “espécie”. Desse modo, **“mono-genes”** seria um equivalente para “único, singular”. Não havia necessidade de declarar que Deus tinha apenas um só Filho. Mas o foco dirige-se sobre o fato de que Jesus se encontra num relacionamento “singular” com o Pai e é o único “Filho” desse Deus. Essa é sua “glória”, que João **“viu”** em todas as palavras e ações de Jesus.

Em seguida, capítulo após capítulo, João nos permitirá vê-la também. É justamente por isso que não temos somente as “cartas” do NT, com suas instruções doutrinárias sobre Jesus, mas também os “evangelhos”, com sua “imagem” de Jesus, para que também nossa fé possa “ver” pessoalmente algo daquele a quem ela se entrega para a vida e a morte. Em razão disso a igreja de todos os tempos deve e pode confessar esse sentido derivado: **“Vimos a sua glória, glória como do único Filho do Pai.”** É tarefa de cada leitor dos evangelhos exercitar esse “ver” a Jesus.

Mais tarde João viu outra vez a glória de Jesus, e isso não aconteceu na carne, mas de forma direta, quando se achava em espírito e podia contemplar o mundo celestial: Ap 1.12ss. Mas então **“caiu aos pés de Jesus como morto”**. O “Verbo” se fez “carne” para que possamos encarar a glória do Filho sem ser destruídos diante dela e morrer. No ser humano Jesus a luz da revelação resplandece da forma como podemos suportá-la agora. Conseqüentemente, João está proferindo uma palavra santa, mas verdadeiramente alegre e grata.

É por essa razão que João acrescenta: essa glória é **“cheia de graça e de verdade”**. Vir a nós de tal maneira que possamos vê-lo e suportá-lo, e por causa disso assumir a encarnação, isso é **“graça”**.

João opta pelo termo **“charis”** = “graça”, não pela palavra **“éleos”** = “comiseração”. João pensa totalmente a partir de Deus e não a partir da miséria humana. Descreve o grandioso movimento de cima para baixo. Esse movimento é **“charis”**, “graça”, é condescendência, também quando a miséria humana a requer.

Toda pessoa que sabe a quem se refere ao dizer “Deus” compreende sem maiores explicações que Deus tem “glória”. A pergunta, porém, é em que consiste a “glória” de Deus. Por natureza nós, seres humanos, consideramos, conforme nosso próprio modo de ser, a “glória” como desdobramento de poder, brilho e magnitude. E com certeza o Deus vivo também possui essa “glória”. Porém já no AT evidencia-se que a mais verdadeira glória de Deus é de espécie bem diferente. Já no AT Deus segue uma trajetória humilde. Deus não se revela nos grandes impérios mundiais e nos ápices da história. Ele é **“o Deus de Abraão, Isaque e Jacó”**. Ele elege para si o pequeno e esmagado Israel, demonstrando já então sua **“tolice”** e **“fraqueza”** (1Co 1.25) como sua grandeza e força divinas. Tudo isso é pura **“graça”**. Por isso, quando Deus pronuncia seu nome perante Moisés, que quer ver a “glória” de Deus, a única coisa que pode soar é: **“Senhor, Senhor, Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade”** [Êx 34.6]. É por isso que Israel, que sentia falta de poder divino em Jesus, deveria ter reconhecido, justamente com base em Moisés e no AT, a verdadeira glória de Deus **“cheia de graça e de verdade”** em Jesus.

João fala de graça **“e verdade”**. Já no AT encontramos essa correlação de “graça” e “verdade” (Sl 89.15; 92.3; 100.5; 115.1). O termo hebraico para **“verdade”** é derivado da raiz **“aman”**, que significa “ser firme”. O que é firme e confiável e que por isso não nos engana nem decepiona, isso é **“verdadeiro”** e **“verdade”**. É por isso que no Sl 89.15 a tradução de Lutero reproduz **“verdade”**

também por “fidelidade”. A “**graça**” em Jesus é graça genuína, na qual podemos confiar integralmente. A “**verdade**” é a realidade autêntica em contraposição a toda aparência e distorção da realidade na “mentira”. A “verdade” é “luz” contra todas as sombras e “trevas”. A verdade de fato destaca-se em Jesus, enquanto no mundo alienado de Deus tudo é distorção, desfiguração e, por isso, inautenticidade e inverdade. Enquanto o mundo nos acusa de que cremos em fábulas e construímos para nós um mundo religioso fictício, de fato temos em Jesus a verdadeira realidade. O fato de que ela nos é mostrada em Jesus constitui “graça”. Conseqüentemente, “graça” e “verdade” estão intimamente ligadas.

- 15 Novamente a palavra de João Batista se torna importante para João. Ele próprio havia sido atingido pelo movimento em torno do primeiro e via os grupos consideráveis que ainda se reportavam a ele. João Batista, no entanto, é a “testemunha” para a glória de Jesus. “**João testemunha a respeito dele e exclama.**” Literalmente, afirma-se: “Ele gritou e diz.” Esse “gritar” é expressão de uma certeza plena que enche todo o coração, não apenas em tímidas e leves insinuações, mas “em alta voz”. João Batista testemunhou claramente: “**...o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.**” Jesus aparece somente “depois” de João Batista. Por isso poderia parecer que ele era algo como um fruto do movimento de avivamento, um seguidor de João Batista, um continuador da obra dele. Talvez as comunidades do Batista ainda afirmassem isso no tempo dos apóstolos. Contudo apenas parece ser assim. Na realidade Jesus se “**antecipou**” a João Batista. É o que o próprio João Batista afirma em seu jogo de palavras. Pois Jesus é “anterior”, sim “**existia**” “antes” de João. Até que ponto chega esse “antes”, isso João ainda deixa em aberto. Ele apenas testemunha aquilo que sabe claramente, sem tirar daí conclusões arbitrárias. O próprio Jesus retomará esse “**antes**” e o afirmará em sua verdade plena: não apenas antes de João Batista, não, “antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo 8.58).
- 16 Agora prossegue o próprio evangelista. É impossível que a declaração do v. 16 venha dos lábios de João Batista. Aparece o mesmo “nós” que falou no v. 14. Esse “nós”, essas testemunhas oculares, não apenas “viram”. Não permaneceram “espectadoras”, mas estabeleceram com Jesus a mais estreita comunhão de vida e, assim, “**receberam da sua plenitude, e graça sobre graça**”. João somente consegue olhar admirado e grato para sua vida passada, que foi imensuravelmente enriquecida por meio de Jesus. Ele experimentou como era grande e maravilhosa essa “plenitude”, da qual podia receber de forma ilimitada. O termo “*pleroma*” = “plenitude” é novamente um conceito definido que a gnose costumava usar. Porém, independentemente do que pensadores gnósticos pudessem imaginar e fantasiar acerca do “*pleroma*”, João havia encontrado em Jesus a autêntica e verdadeira “plenitude”. Aqui a “plenitude” não era conceito e não era idéia, mas podia ser constantemente experimentada como realidade.
- Novamente, porém, isso não representava uma peculiaridade de João. Por meio de um “**todos nós**” ele se une a muitos. E dessa vez não são apenas as testemunhas oculares e o apóstolo. A igreja de Jesus só pode afirmar “Vimos a sua glória” em sentido figurado. “**Nós temos recebido da sua plenitude**”: essa é a experiência própria de todos os cristãos de todos os tempos e lugares. Nessa única frase sucinta se expressa a verdadeira essência da vida cristã. Viver como “cristão” jamais significa ter algo em si próprio, mas retirar e receber incessantemente de uma plenitude inesgotável. Em todas as visões de mundo e religiões, a questão gira em torno de nossas “realizações” e nossos “méritos”. No evangelho tão somente podemos enaltecer com gratidão o que “temos recebido”. E o que obtivemos nele é “graça sobre graça”. Enquanto no início da vida cristã nos deparamos, assombrados, com a graça, que nos trouxe de maneira redentora das trevas para a sua maravilhosa luz, da morte para a vida, no decorrer de nossa vida essa graça do início é inundada por graças sempre novas, assim como de uma fonte cheia jorra água sobre água. Por isso a vida cristã é, do início ao fim, admiração e gratidão e “alegria completa” (Jo 15.11).
- “**Todos nós temos recebido**”, escreve João em sua época, olhando para a pequena cristandade daquele tempo. Que amplitude esse “todos nós” alcançou entretantes! Quanto mais convicção ele adquiriu! O pequeno cristão isolado pode levantar o olhar em horas de desânimo e ver-se em meio a essa multidão enorme, que lhe atesta: “Todos nós, nós temos recebido dessa plenitude.” Como isso seria possível se essa plenitude não existisse e se ela não fosse verdadeiramente divina?
- 17 Essa vida de constante receber graça sobre graça é o contraste perfeito para a vida sob a lei. Debaixo da lei deveríamos dizer: “Da nossa plenitude todos nós temos produzido obra sobre obra.” É por isso que João olha justamente agora para a lei e constata: “**A lei foi dada por intermédio de**

Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.” Um escrito sobre Jesus, redigido por um israelita, visava e precisava visar leitores judeus. Consequentemente, as primeiras palavras desse escrito falavam singularmente para corações judaicos, que viviam do AT: “No princípio era o Verbo.” Esses leitores, no entanto, perguntavam naturalmente: “E o que tem Moisés? O que é feito da lei?” Ela é integralmente reconhecida: **“A lei foi dada por intermédio de Moisés.”** Na história da revelação não se faz nenhuma dedução. João não desenvolve, como Paulo, uma doutrina própria da lei, que apesar de toda a sua santidade e glória somente pode ser para nós “ministério da morte” e “ministério paramorte” (2Co 3.7,9; Rm 5.20; 7.7-13). Em essência, porém, João não está ensinando a mesma coisa quando constata: **“Graça e verdade”** não vieram pela lei; elas somente **“surgiram por meio de Jesus Cristo”**. Mais uma vez somos confrontados com o nexo interior de “verdade” e “graça”. Debaixo da **“lei”** não se chegou à **“verdade”**, mas sim à “hipocrisia”, à vida aparente de uma devoção inautêntica. Jesus o havia demonstrado pessoalmente com profunda seriedade (Mt 6.1-18). A realidade verdadeira de uma vida com Deus somente existe quando a graça governa e a graça aceita produz de fato a condição de filhos de Deus. A lei leva à aparência forçada ou ao desespero. A graça, porém, faz com que a verdade **“surja”**. Essa formulação de uma “verdade surgida” mostra que não estão em jogo as “eternas verdades” teóricas da filosofia, mas sim uma condição de vida que realmente **“surge por meio de Jesus Cristo”**. Tudo o que a “lei” exige em vão e o “idealismo” apenas nos apresenta como belo sonho, isso se torna realidade viva quando uma vida humana é atingida por Jesus Cristo. Até hoje, em todo o mundo, os cristãos reais por meio de Jesus Cristo entre nós são “verdade acontecida”.

- 18 Agora, para finalizar, a revelação de Deus em Jesus é expressa mais uma vez. Nisso se constata, não com certo acanhamento, mas com clara determinação: **“Ninguém jamais viu a Deus.”** O **“jamais”** evidencia que também nesse caso João não é “pensador”, que explica verdades fundamentais, mas sim testemunha, que nos confronta com fatos. Foi isso que aconteceu: Ninguém, nem mesmo Moisés, reivindicou ter visto a Deus. É óbvio que por trás desse fato histórico há razões substanciais. A criatura impura e pecaminosa não pode suportar a presença do Deus santo. “Ver” a Deus significa desmoronar e morrer. Quem reivindica, séria (Êx 33.18-23) ou ironicamente, ter visto a Deus, não sabe o que faz. Essa “invisibilidade” de Deus às vezes pode nos causar aflição, quando chega aos nossos ouvidos a pergunta “O teu Deus, onde está?” (Sl 42.3). Contudo ela não é uma “deficiência” de Deus, mas é parte indissolúvel da natureza de Deus nesta época e neste mundo. Tanto maior é a dádiva que João atesta. **“Um único nascido, Deus [por espécie], é quem trouxe notícia.”** Que frase! Não é de admirar que se tentou amenizar uma formulação tão sucinta e seca. Os manuscritos da *koiné* escrevem em lugar de “um único nascido, Deus” o seguinte: “o Filho unigênito”, sendo que no idioma e na escrita grega as palavras “Deus” e “Filho” são mais semelhantes do que no português. Igualmente se tentou passar “Deus” para o genitivo: “o único nascido de Deus.” Além do mais, à mera afirmação **“é quem trouxe notícia”** acrescentou-se um “nos” para facilitar. Contudo, é uma boa regra considerar o texto mais curto e mais duro como o mais original, porque atenuações e acréscimos são bem compreensíveis entre copistas posteriores.

Acompanhamos a forma textual do manuscrito “H” e mantemos a frase que, segundo as características de João, se encaixa em todo o prólogo: “Único nascido, Deus por espécie, trouxe notícia.” Como no v. 1, também aqui o breve aposto **“Deus”** deve ser entendido como indicação da natureza essencialmente divina **“desse único nascido”**. Ele, somente ele podia verdadeiramente trazer notícia de Deus, porque ele era esse “único sem igual”, junto de Deus já no princípio e ele próprio “Deus por espécie”. Ele possui o conhecimento seguro acerca de Deus. Dele dependem todos. Nele se tranqüiliza a busca por Deus por parte da humanidade, porque é nele que ela encontra a resposta clara e confiável. Que presente!

A expressão **“trazer notícia”** de certo poderia soar de modo difuso. No texto grego, porém, usa-se a palavra que ainda hoje usamos para uma explicação precisa e minuciosa de um texto: a palavra “exegese”. Assim como numa exegese correta o sentido de um texto é abordado exhaustivamente, assim Jesus “exegetou” para nós a poderosa palavra “Deus”. Por intermédio de Jesus foi mostrado claramente quem Deus é realmente. Jesus é capaz de realizar esse serviço, porque até mesmo agora, enquanto vive como ser humano na carne sobre a terra, **“está no seio do Pai”**. A duração constante dessa situação é expressa por João pela formulação literal: “o que permanece no seio do Pai”. Naturalmente não se pensa na pequena criança que está deitada no peito do pai ou da mãe. João ilustra por meio da forma de tomar refeições naquele tempo. As pessoas não estavam “sentadas” à

mesa, mas “deitadas” sobre almofadas, cuja cabeceira estava voltada para a mesa. Quem tem sua almofada ao lado da do hospedeiro e, por isso, está “deitado ao peito do dono da casa”, desfruta do contato mais íntimo e próximo com ele. Talvez essa figura se apresentasse a João de forma bem peculiar porque ele próprio teve a possibilidade de experimentar essa proximidade com Jesus e “ficar deitado no seio de Jesus” (Jo 13.23; 21.20). No meio de sua caminhada sobre a terra Jesus se encontrava nesse contato irrestrito com o Pai.

Por isso Jesus também não “exegetou” a Deus apenas com palavras isoladas, mas com todo o seu ser e sua caminhada sobre a terra. Como o Verbo de Deus que se tornou carne Jesus foi em tudo uma permanente “exegese de Deus”, uma constante “explicação” daquilo que a palavra “Deus” quer dizer. Essa é a dádiva do Revelador. Com essa síntese afirmativa termina o “prólogo”.

Não obstante, será que essa primeira seção do evangelho de João de fato é um “prólogo”?

Uma coisa é certa e pode ser objetivamente demonstrada: o próprio João não sentiu esse começo de seu evangelho como um “prólogo”, pois no v. 19 ele continua com um singelo “e” de ligação. Portanto, para ele a narrativa seguinte não está desligada dos primeiros versículos do capítulo. Também no estilo e na linguagem não se constata nenhuma diferença substancial. Nisso se confirma o que notávamos a cada instante na leitura desse primeiro bloco: também nas primeiras frases de sua obra João não é “sistemático”, mas “historiador”, não um “pensador” que elabora problemas fundamentais, mas “evangelista”, “relator”, que assinala acontecimentos e realidades. Mesmo quando fazia constatações fundamentais, ele o fazia em declarações “históricas”, desde a primeira frase de sua obra. Poderíamos voltar a analisar versículo por versículo sob esse aspecto, porém recordamos especialmente os v. 10,12s,14,17,18. Conseqüentemente, faremos bem em não contrapor Jo 1.1-18 como um “prólogo” especial ao “evangelho”, mas realmente deixar que o evangelho comece em seu “princípio”.

O TESTEMUNHO DE JOÃO – João 1.19-28

- Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu?
- Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo [Messias].
- Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não.
- ²² – Disseram-lhe, pois: Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo?
- Então, ele respondeu: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.
- ²⁴ – Ora, os que haviam sido enviados eram de entre os fariseus (ou: E havia [presentes] emissários do grupo dos fariseus).
- E perguntaram-lhe: Então, por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?
- ²⁶ – Respondeu-lhes João: Eu batizo com água; mas, no meio de vós, está quem vós não conheceis,
- o qual vem após mim, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias.
- Estas coisas se passaram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando.

19 Duas vezes João já fizera menção de João Batista (cf. o comentário sobre os v. 6-8 e sobre o v. 15). Agora ele descreve detalhadamente “o testemunho de João”. É um testemunho “oficial” e, por isso, irrevogável, provocado por uma indagação das autoridades de Jerusalém. João descreve com grande conhecimento de causa o que os outros evangelistas não trazem dessa forma. Temos de nos libertar de nosso pensamento “individualista”. Nós consideramos cada indivíduo tomando suas decisões religiosas isoladamente. Israel, porém, era uma unidade, e nas grandes perguntas de sua vida somente era possível tomar uma decisão perante Deus como uma totalidade. Nesse processo “Jerusalém” era o lugar normativo, e em Jerusalém o “Sumo Sinédrio”, com seus sacerdotes, seus teólogos e seus conselheiros peritos da lei, representava a instância decisiva. João tem uma visão clara disso quando, logo no início de sua narrativa, cita Jerusalém, sacerdotes e fariseus e quando, nos capítulos seguintes, acolhe toda a luta de Jesus por Jerusalém e com os homens dirigentes do povo. Um movimento popular, como o desencadeado por João Batista, não podia permanecer ignorado em Jerusalém. Jerusalém precisa examinar os movimentos religiosos que acontecem lá fora em seu

interior. Até João, o cabeça do poderoso avivamento lá no Jordão, **“os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu?”**

Neste texto (como também repetidas vezes posteriormente em seu relato) João fala “dos judeus” com uma exacerbação peculiar. Será que por trás disso há algo como um “anti-semitismo”? Não, porque Paulo, que se considerava integralmente um israelita (Fp 3.5) e que abraçava Israel com amor ardente (Rm 9.1-5), é capaz de falar da mesma maneira dos judeus: 1Co 1.22-24; 9.20; 10.32; 2Co 11.24; 1Ts 2.14; Rm 2.17; 3.1. No entanto, aqui João de fato descreve pela primeira vez o profundo contraste entre o “judaísmo” e aquilo que Deus estava realizando e concedendo de forma totalmente nova em Israel. Objetivamente isso não era nada diferente do que mais tarde a dura luta de Paulo com seu próprio povo (cf. sobretudo Rm 9-11). O que nos abala e adverte nessa situação é que “os judeus” se atêm rigorosamente à Bíblia e a uma dogmática bíblica, e que justamente esses “sabedores” são surdos e cegos para os fatos novos e gloriosos que Deus realiza no meio deles. Cativos de seu próprio sistema bíblico, eles já não vêem as grandes linhas da Bíblia, que Deus agora estava levando à consumação por meio de Jesus.

- 20 Diante de nossos olhos, isso começa agora por ocasião da interpelação a João Batista. Ele compreende imediatamente o verdadeiro sentido da pergunta que lhe é feita: **“Tu, quem és, afinal?”** Considerando a magnitude do movimento em torno dele, isso significava: Acaso queres ser o Messias? **“Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Messias.”** Ainda que vários seguidores de João Batista – até mesmo na época dos apóstolos – considerassem essa hipótese, ele próprio a nega integralmente. A declaração do evangelista em Jo 1.8 é confirmada pelo próprio testemunho de João Batista. O grego destaca enfaticamente o “eu”: Eu? Ó, não, eu não sou o ungido!
- 21 Os inquiridores, porém, não se deram por satisfeitos com essa resposta. Tudo precisava ser averiguado com exatidão. Afinal, também tinham conhecimento da Bíblia. De acordo com Ml 3.23 Deus queria enviar Elias como preparação para o Messias. **“Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou.”** Jesus viu na aparição de João Batista o cumprimento da profecia de Malaquias (Mt 11.14). O próprio João, porém, não arroga ser Elias. Nessa humildade, em que João se torna um nada apesar de toda a magnitude da atuação, é que se mostra a autenticidade de seu envio. Justamente porque ele próprio não se designa como “Elias”, Jesus consegue constatar em seu comportamento o cumprimento da profecia sobre Elias.
- Além da expectativa por “Elias”, estava viva em Israel, a partir de Dt 18.15ss, também outra esperança para o fim dos tempos. Ali Moisés prometera um profeta que sobressairia entre os muitos outros emissários de Deus e seria igual ao próprio Moisés. Por isso ele era chamado enfaticamente de “o” profeta. Por isso, o interrogatório continua: **“És tu o profeta? Respondeu: Não.”**
- 22 Agora os emissários estão no fim de sua dogmática bíblica. Quem, afinal, esse João pensa que é, se não reivindica para si nenhum dos títulos escatológicos conhecidos? Seus mandantes esperam por uma resposta, e por isso **“disseram-lhe: Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo?”**
- 23 João Batista não podia responder a essa pergunta apontando para sua própria inspiração e sua certeza pessoal. Isso não teria nenhuma validade em Israel, e sobretudo perante o Sinédrio. Precisava de uma palavra da Escritura em que pudesse se apoiar. Será que ainda havia um texto assim? Quem tem um sistema teológico facilmente deixa afirmações bíblicas despercebidas, as quais lê mas não capta realmente. O indouto pregador do deserto tem de lembrar a sacerdotes e levitas que além de “Elias” e “do profeta” ainda há outros personagens na Escritura que preparam a vinda do Messias. É assim que ele consegue inserir-se singularmente, de forma bíblica. **“Ele respondeu: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse Isaías, o profeta.”** João Batista não visa ser algo grande e famoso. Contudo é **“uma voz”**, a voz de **“alguém que chama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor.”**

João usa essa palavra de Isaías (Is 40.7) porque nela se torna claro que não importa a pessoa daquele que chama. Esta pessoa permanece totalmente em segundo plano. Importante é unicamente que essa “voz” ressoe, que esse “chamado” seja proferido e ouvido, que o caminho sobre o qual o Senhor pretende vir até seu povo seja nivelado precisamente entre este povo. É à disposição desse chamado que João se coloca. Esse é seu envio e a legitimação de sua atuação. É assim que ele considera sua situação na Bíblia.

24/25 A reação dos enviados de Jerusalém a essa definição é típica. Não há um instante de um verdadeiro ouvir e de uma reflexão real. Nem sequer levam em consideração o que a Bíblia escreveu sobre essa “voz” e que seu chamado poderia ser decisivo. Para os enviados parece óbvio que esse João não pode ser levado a sério. Em nenhum momento buscam a veracidade de sua palavra. Desse modo, após a primeira declaração de João Batista sobre si mesmo, tampouco se realiza um verdadeiro diálogo sobre sua atuação. Pelo contrário, o inquérito é levado adiante a partir de sua posição rígida. **“E perguntaram-lhe: Então, por que batizas, se não és o Messias, nem Elias, nem o profeta?”** Na narrativa de nosso evangelho é significativo que sejamos informados sobre o “batizar” de João somente agora, por meio da pergunta da comissão de investigação. Pressupõe-se que a figura e a atuação de João Batista sejam de domínio público. O evangelista considera desnecessário acrescentar um relato sobre elas. Apenas pretende mostrar à igreja aquilo que os sinóticos não relatam. João “Batista” batizou, isso qualquer um sabe. Agora, no entanto, torna-se explícito que o assunto duvidoso e escandaloso não era tanto a palavra e a proclamação, mas sim a ação concreta de João Batista. Que João fosse uma “voz” e deixasse ressoar sua voz. Afinal, não passavam de palavras. Porém ele exigia uma decisão clara por intermédio da ação do batismo. Dessa maneira provocava uma divisão no povo e reivindicava que seu batismo também tivesse validade perante Deus e destacasse a multidão preparada para o Messias. Que cisão preocupante ele causava entre o povo! E porventura eles, os sacerdotes e levitas, os dirigentes do povo, seriam imprestáveis para o Messias, já que não se submetiam a esse João e a seu batismo? Que reivindicações ele estava levantando, reivindicações sem qualquer fundamento, uma vez que ele não era nenhum daqueles personagens bíblicos, aos quais se teria de conceder uma autoridade especial para agir?

A pergunta é introduzida por uma observação, cujo sentido não é inequívoco: **“E eles haviam sido enviados a partir dos fariseus.”** Isso significa que os próprios emissários são oriundos das fileiras dos fariseus? Isso seria possível, apesar de serem expressamente caracterizados como “sacerdotes e levitas” no v. 19, porque também sacerdotes faziam parte da associação de fariseus e dos rabinos. É possível que para uma investigação teológica do movimento do Batista o sumo sacerdote tenha escolhido justamente esses membros do conselho, que como sacerdotes possuíam ao mesmo tempo uma formação de escribas e uma orientação farisaica. O evangelista, no entanto, também pode estar querendo mostrar que toda a delegação de uma comissão de investigação é resultado da influência dos fariseus, que igualmente possuíam assento e voz e, sob certas condições, também grande influência no Sinédrio (Gamaliel!).

No entanto, cabe ponderar também outra concepção e tradução do versículo: **“E estavam presentes emissários do círculo dos fariseus.”** Nesse caso, além dos sacerdotes e levitas, apareceu ainda uma segunda comissão de investigação diante de João, que se interessava particularmente por sua atividade de batismo. Os fariseus estavam acostumados a tolerar uma variedade de opiniões doutrinárias. Porém justamente a ação de autoridade de João através do batismo deve ter sido escandalosa para eles. Aqui João Batista está passando de seus limites. Por isso os emissários têm instruções de interrogar João especialmente a respeito de seu batismo e de sua autorização para uma atuação desse tipo. Essa concepção é corroborada pelo acontecimento paralelo narrado em Mt 21.23ss.

26/27 “Respondeu-lhes João: Eu batizo com água.” É verdade que João age por meio de seu batismo, causando cisão e decisão. Não obstante, como é insignificante seu batismo! Acontece somente com água. Os homens do Sinédrio podem ficar despreocupados. Nem mesmo com seu batismo ele está antecipando algo daquilo que somente o próprio Deus pode efetuar através do Messias. Ainda assim – como terão de ficar preocupados, justamente eles, os líderes responsáveis de Israel! Cheios de preocupações e irritação eles gastam o tempo com a pobre pessoa de João Batista, que não é mais que simplesmente “uma voz”. Enquanto isso, a situação já amadureceu, tanto para eles quanto para todo o Israel, até as derradeiras decisões. O Messias chegou! **“No meio de vós, está quem justamente vós não conheceis.”** É claro que eles têm uma noção teológica especial do Messias, mas para eles ele não passa de doutrina teológica, um personagem distante do futuro. Impensável é para eles que o Messias pudesse ser uma presença real no meio deles. Contudo, é assim. O Batista o sabe. E ele, o poderoso homem do grande movimento de batismo, inclina-se profundamente diante daquele que já está presente de forma incógnita. Com um **“a ele”** enfaticamente colocado no começo ele assegura que **“não é digno”** de lhe prestar **“a ele”**, ao poderoso, o menor serviço de escravo, de **“abrir a correia da sandália”**. É ele que importa, é nele

que se decidem vida e morte para Israel e também para vocês, líderes de Israel. Por isso, não perguntem por mim, perguntem por Aquele que vem depois de mim.

- 28 O evangelista encerra essa informação com uma referência geográfica precisa: **“Estas coisas se passaram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando.”** É uma referência de difícil compreensão para nós, porque no mais somos informados apenas sobre a Betânia perto de Jerusalém (Mt 21.17; 26.6; Lc 24.50; Jo 11.1). Uma “Betânia do outro lado do Jordão” não é conhecida. Por isso Orígenes já pensou que se deveria ler, em lugar de “Betânia”, “Betabara”, que significa “casa do passo”. Contudo, na Palestina (como também entre nós) existiram vários locais de nomes idênticos. “Betânia”, “casa da miséria”, pode ter sido o nome dado a diversos lugarejos miseráveis. E justamente o nome “Betabara”, “casa do passo”, poderia ser uma livre invenção, porque naturalmente se tentava situar a atividade de batismo de João num passo do Jordão. Em todo caso, porém, é importante que João está fazendo aqui (como mais adiante em várias passagens) referências geográficas e cronológicas exatas, de cuja exatidão não temos motivos para duvidar.

UM SEGUNDO TESTEMUNHO DE JOÃO – João 1.29-34

- No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: **Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!**
- É este a favor de quem eu disse: **Após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim.**
- ³¹ – Eu mesmo não o conhecia, mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água.
- E João testemunhou, dizendo: **Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele.**
- ³³ – Eu não o conhecia. Aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: **Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo.**
- ³⁴ – Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus.

- 29 João Batista tem certeza da proximidade do Senhor vindouro. Já “está no meio de vós está”. Mas – quem é ele? Isso João ainda não sabe em seu primeiro testemunho. Isso é atitude autêntica de um profeta. Ele não deve nem deseja saber mais do que aquilo que Deus lhe mostra. Por isso, o encontro de João Batista com Jesus agora é um episódio grandioso, e o testemunho de João é definido de forma definitiva e se torna concreto. Por isso esse episódio é determinado com exatidão cronológica: **“No dia seguinte viu João a Jesus, que vinha para ele.”** A expressão “vindo para ele” concentra, numa breve alusão, toda a história do batismo de Jesus, como contado em Mt 3.13-17. Pois por que Jesus haveria de vir até João Batista, se não para receber o batismo? Contudo, é esse o estilo narrativo deste evangelho. João deixa de lado os demais relatos, já conhecidos na igreja, ou se refere a eles por meio de uma palavra sucinta. É por isso que aqui também Jesus é mencionado sem qualquer explicação adicional. João escreveu seu evangelho para a igreja que conhecia Jesus.

João Batista viu Aquele que viria depois dele, do qual nem sequer é digno de prestar o mais humilde serviço de escravo, como o Juiz poderoso, que com a pá nas mãos separa entre palha e trigo (Mt 3.12). Agora, porém, esse poderoso vem a ele, para se deixar batizar no meio dos culpados! É nesse momento que João Batista entende: **“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”**

É uma palavra extraordinária, ainda mais que está sendo proferida agora, muito antes do acontecimento da cruz. Não é um entendimento posterior, que se forma forçosamente na cruz. Aqui se vislumbra uma inversão de todas as expectativas vigentes até então, comparável à virada na vida de Saulo diante de Damasco. A percepção é de que a primeira tarefa do Messias não é juízo e poderio dominador, mas “tirar o pecado do mundo”. O Messias esperado, ao chegar, não é “leão”, mas “Cordeiro”, não “rei”, mas “Servo” (Mt 20.28). Do mesmo modo, o “Rei dos reis e Senhor de todos os senhores” aparece no Apocalipse de João como o “Cordeiro trucidado” (Ap 5.6), precisamente no momento em que está prestes a receber o livro dos sete selos da mão de Deus, tornando-se assim o executor do plano universal de Deus. Ele é contraposto à “besta” de Ap 13, na qual se concentra todo o poderio humano em sua força máxima, na forma de “Cordeiro”. Pelo fato de que o primeiro encontro com Jesus neste evangelho o apresenta como o “Cordeiro” decide a mensagem de Jesus de uma forma fundamental. Não sabemos se João Batista imaginou por **“Cordeiro de Deus”** o cordeiro pascal ou os dois cordeiros que segundo Nm 28.3-4 sangravam diariamente como sacrifício no templo, ou se ele simplesmente se deixou guiar por Is 53. Em todos os casos, porém, Jesus é o

“cumprimento” daquilo que os cordeiros sacrificais de Israel apenas prenunciavam e que o profeta anteviu. Nisso Jesus não é mais, como “cordeiro de Israel”, o sacrifício prestado por pessoas, e sim o “Cordeiro de Deus”. Conseqüentemente, é realmente puro, imaculado e apropriado para o sacrifício. Ele é o Cordeiro que o próprio Deus oferece, em cumprimento a tudo aquilo que se chama “sacrifício” na lei e no mundo todo.

Esse sacrifício de Deus é capaz de realizar o que nenhum sacrifício humano conseguia: Pode **“levar embora”** o pecado, ou seja, de fato acabar com ele. Agora nosso pecado não apenas é misericordiosamente “ignorado” ou “encoberto” por Deus. Agora ele é tirado do caminho de forma válida, por intermédio daquele que o põe sobre seus ombros e o leva embora. Foi isso que João testificou em sua primeira carta (1Jo 3.5): “Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados!” Cumpriu-se Miquéias 7.18s, onde o texto hebraico igualmente fala de “levar embora” a culpa. Por isso Deus agora não é mais apenas misericordioso, ignorando o pecado, mas “fiel e justo”, ao perdoar os pecados (1Jo 1.9). Fica explícita uma posição completamente nova e incomparável em relação ao pecado. O pecado não é desmascarado, criticado, vingado, como era sob a lei e o farisaísmo. Mas tampouco é minimizado ou desculpado. Ele é visto em toda a sua grave seriedade, sendo precisamente dessa forma assumido e levado embora pelo Cordeiro em silêncio.

É **“o pecado do mundo”** que é levado embora pelo Cordeiro de Deus. Nisso expressa-se a magnitude abrangente do sacrifício de Jesus. Todos os pecados, não apenas os mais leves, mas também os da cor de sangue e os terríveis, não apenas o pecado de Israel, mas também o de todos os demais povos, não apenas o pecado daquele tempo, mas também o de hoje e amanhã, não apenas o pecado de outros, mas também o meu foi alcançado por esse “carregar embora”. Ao mesmo tempo, a expressão “o pecado do mundo” tem suma importância para o entendimento correto do pecado. É verdade que cada um se torna pessoalmente culpado e traz consigo seus pecados, como propriedade pessoal pela qual somente o indivíduo pode prestar contas. Não obstante, não existem “pecados” isolados, independentes. Todos os pecados estão profundamente interligados como um tecido empastado, formando assim juntos **“os pecados do mundo”**. Por isso o Cordeiro de Deus também consegue tirar o pecado inteiro como tal, no qual também estão entrelaçadas as minhas transgressões. Nisso reside a plena certeza do perdão integral para cada indivíduo.

Será que essa declaração de João Batista já prevê o desfecho de Jesus, sua morte no madeiro maldito? Numa imagem no altar de Isenheim ele aponta um dedo bem comprido para o Crucificado, dizendo essa palavra a respeito do Cordeiro de Deus. Porém o Batista não afirma: Eis que um dia ele se tornará esse Cordeiro de Deus que na cruz carregará o pecado do mundo para longe. João Batista vê e compreende que esse “tirar” caracteriza todo o ser desse Cordeiro. Já agora, quando Jesus vem a ele para ser batizado entre os demais pecadores, ele toma e carrega o pecado do mundo. Para nós é de grande importância que também nós adquiramos esse olhar de João Batista e não limitemos o sofrimento e a aflição de Jesus às horas na cruz, mas reconheçamos que toda a vida de Jesus significou um suportar e sofrer desde o início, exibindo nisso um tipo de cruz.

Dessa maneira, pois, a redenção deixa de ser uma afirmação meramente dogmática. Agora ela está palpavelmente diante de nós, como realidade extraordinária de um árduo e quente trabalho de “carregar para longe”. Igualmente pressentimos quanto amor é necessário para assumir sobre si próprio todo o fardo de nossos pecados sujos, e tornar-se assim, como santo Cordeiro de Deus, totalmente pecado (2Co 5.21).

Obviamente, porém, todo o “tirar” do pecado precisa consumir-se no fato de que esse Cordeiro carrega nossa culpa vicariamente diante do juízo de Deus e suporta maldição e abandono por Deus em nosso lugar. João Batista não precisa ter previsto o fim de Jesus com todos os detalhes. Uma coisa, porém, ele sabia, que um **“Cordeiro de Deus”** existia para ser sacrificado e morto. **“Eis, este é o Cordeiro de Deus, que carrega embora o pecado do mundo.”** De fato essa palavra se cumpriu somente na cruz. Ali foi definitivamente consumada.

- 30 Em seguida o Batista retoma mais uma vez a palavra que falava em forma de trocadilho acerca do que “vem depois dele”, que na verdade é o que **“veio antes dele”**, como o evangelista já comunicou no v. 15. Agora, porém, não é mais mera palavra enigmática. Agora João Batista pode apontar para Jesus e constatar: **“É este a favor de quem eu disse”**, de quem eu disse essa palavra estranha.
- 31 De onde, porém, ele recebeu essa certeza, de que “este” era aquele homem enigmático, que vinha depois dele e apesar disso “veio antes” dele? Ele confessa: **“Eu mesmo não o conhecia.”** Como, então, podia reconhecê-lo com certeza? Não com base em sua própria acuidade visual. O próprio

Deus precisava conceder-lhe essa certeza límpida. E Deus usou para isso a atividade batismal de João. Por isso João agora se apercebe do verdadeiro sentido e da finalidade de seu batismo: **“Mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água.”** João nunca teve uma consideração elevada demais de seu batismo, que era tão escandaloso e questionável para os de Jerusalém. Por isso, logo na primeira oportunidade, levou o foco do seu batismo com água para o vindouro (v. 26). Seu batismo não dava às pessoas o que era decisivo. Apesar disso realizava-o por ordem de Deus. E agora fica explícito: Seu verdadeiro sentido era a manifestação Daquele que vinha calado e humilde ao batismo e que recebia agora, durante seu batismo, o testemunho de Deus.

Cumpria que ele fosse manifestado **“a Israel”**. Encontramos aqui em João aquela singular afirmação “primeiro aos judeus”, que ocorre igualmente em Paulo (Rm 1.16; At 13.46). Na verdade o Cordeiro de Deus não tira apenas os pecados de Israel, mas os do mundo todo. Porém o curso da história da salvação torna necessário que esse Cordeiro seja manifesto primeiro a Israel somente.

De que forma, porém, Deus deu certeza a João Batista a respeito de Jesus? É isso que ele nos diz agora em seu segundo testemunho. **“E João testemunhou, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba e permanecer sobre ele.”** Aos outros – exceto ao próprio Jesus (Mt 3.16) – o assombroso acontecimento permaneceu oculto, mas João Batista o testemunhou.

- 32 O que há de especial nesse acontecimento? Não parece haver uma contradição com afirmações como em Lc 1.35; Mt 1.18? Será que aquele que foi gerado pelo Espírito de Deus ainda precisa receber primeiramente o Espírito? Será que o menino Jesus, a quem “cumpria” estar na casa do Pai (Lc 2.49), ainda não possuía o Espírito de Deus? Porventura temos diante de nós diversas “tradições”, que certamente são unânimes no objetivo de evidenciar a Jesus como o verdadeiro Filho de Deus, mas que o fazem de forma contraditória? Uma tradição pensa que Jesus foi o Filho desde o nascimento, porque toda a sua formação aconteceu através do Espírito de Deus. A segunda tradição, porém, relata como ele se tornou o Filho de Deus por ocasião do batismo, pela descida do Espírito. Será que é isso? Justamente o evangelho de João, no entanto, nos adverte a não ver apressadamente “contradições” e atribuí-las a tradições distintas. João testemunhou poderosamente que Jesus não era mero ser humano, mas sim o eterno “Verbo” do Pai, que se fez carne. Apesar disso, ele relata aqui como o Espírito de Deus pousou sobre Jesus. Obviamente ele não sentiu isso como “contradição”. O “Verbo” se tornou verdadeira e efetivamente “carne”, carecendo agora de nova plenitude do Espírito, para poder cumprir sua obra neste mundo.

A informação de que o Espírito desce **“como pomba”** talvez tenha em mente que a pomba era tida como símbolo da brandura e singeleza (Mt 10.16). Contudo, o texto não compara o “Espírito” com uma “pomba”, mas o “descer” do Espírito com o “pouso” que qualquer pessoa observava frequentemente nas pombas. As realidades divinas somente podem ser expostas em ilustrações terrenas concretas. Contudo, então não serão “apenas” figuras. Pelo contrário, a “figura” (“pomba”, “descer”) capta realidades. Justamente nesta situação, quando o Espírito de Deus pousa com sua plenitude sobre um ser humano, ele não vem pela tempestade e pelo fogo, mas no suave pouso da pomba. Essa é sua natureza mais íntima (cf. também 1Rs 19.12s).

- 33 É decisivo que João Batista pudesse ver que o Espírito **“permanece sobre Jesus”**. Também aos profetas da Antiga Aliança viera o Espírito de Deus e falara através deles. Contudo, as inspirações recebidas pelos profetas sempre foram apenas temporárias. Jesus, porém, está incessante e plenamente cheio do Espírito durante toda a sua vida. O Pai dá o Espírito a ele, o único Filho, “não por medida” (Jo 3.34). Agora, pois, esse processo não é apenas um evento essencial na vida de Jesus, mas para João Batista torna-se um sinal claro da parte de Deus. **“Eu mesmo não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e permanecer o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo.”**

Somente agora aparece o contraste com o testemunho de João Batista a respeito de si mesmo: “Eu batizo com água” (v. 26). O vindouro não mais “batiza” apenas com água, mas “com Espírito Santo”. Seu batismo não permanece um mero “sinal”, que Deus ainda terá de confirmar e completar. Seu batismo confere a salvação e a nova vida em realidade plena, ao suceder no Espírito e conceder o Espírito. E Jesus concede aos seus o Espírito da maneira como ele próprio o recebeu, como posse permanente, que determina de modo duradouro toda a sua vida e os transforma em “pessoas do Espírito”. Desse modo, a pessoa mais simples que crê é elevada acima dos profetas (1Co 2.6-16; Mt 11.11). O próprio Jesus diz no diálogo com Nicodemos (Jo 3.5) que o batismo do arrependimento de João, realizado com água, e seu próprio batismo com o Espírito Santo estão ligados e somente o

conjunto efetua o renascimento. O batismo cristão autêntico, por isso, é um batismo com “água e Espírito”.

- 34** Essa, porém, ainda não é a questão. Agora se trata da certeza e do testemunho do Batista. Ele é expresso mais uma vez porque ele é tão importante para o evangelista: “Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus.” Alguns manuscritos trazem em lugar de “o Filho” a expressão “o Eleito” de Deus. Será que é essa a forma original, substituída somente mais tarde pelo título “Filho”, que se tornou mais usual? É algo a ponderar. Por outro lado, a comprovação dessa versão é fraca. E o texto grego de Nestle, repetidamente revisado com cuidado, mantém a formulação “o Filho”. De agora em diante fala-se muito do “Filho”, também por parte de Jesus. Em termos de conteúdo a figura “Filho” não ultrapassa muito aquilo que encerra a expressão “o Verbo”. Tanto no “Verbo” como no “Filho” Deus contrapõe a si mesmo toda a sua essência. Porém, o título “Verbo” permanece reservado ao começo do presente evangelho.

É surpreendente que o Batista não testemunhe Jesus como o Messias esperado, mas como o “Filho de Deus”. Contudo, havia sido revelado a ele que a incumbência central do Messias era totalmente diferente da que Israel imaginava. O pecado do mundo tinha de ser levado embora. Porém um Messias “Filho de Davi” não tinha condições de fazê-lo. Para salvar pecadores perdidos é necessário “o poder do próprio Deus” (Rm 1.16). Apenas o “Filho de Deus” era capaz de cumprir essa tarefa.

DISCÍPULOS DE JOÃO TORNAM-SE SEGUIDORES DE JESUS – João 1.35-42

35 – No dia seguinte, estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos

– e, vendo Jesus passar, disse: **Eis o Cordeiro de Deus!**

– Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isto, seguiram Jesus.

38 – E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: **Que buscais? Disseram-lhe: Rabi (que quer dizer Mestre), onde assistes?**

39 – Respondeu-lhes: **Vinde e vede. Foram, pois, e viram onde Jesus estava morando; e ficaram com ele aquele dia, sendo mais ou menos a hora décima.**

– Era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus.

– Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: **Achamos o Messias (que quer dizer Cristo).**

– e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: **Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).**

35/36 Jesus permaneceu mais um dia ali no meio do movimento do Batista, retornando à Galiléia somente no dia seguinte (v. 43). Novamente chama nossa atenção a exatidão da data, que é diferente do “depois” ou “em seguida” dos sinóticos. Nesse dia **“estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos e, vendo Jesus passar, disse: Eis o Cordeiro de Deus!”** Não somente “vê” Jesus, mas fixa nele seu olhar, porque ele se depara novamente com sua incrível descoberta: O Messias, ou seja, o Senhor de Israel e do mundo, é um **“Cordeiro”**, o **“Cordeiro de Deus”**. É a mesma descoberta que derrubou Saulo de Tarso e o transformou completamente: O Messias é o Crucificado.

37 João não está solitário no meio da massa do povo, mas tem **“discípulos”** em seu redor, ou seja, homens jovens que o seguiam de modo permanente, aprendiam dele e provavelmente também o auxiliavam no trabalho. Dois desses discípulos estavam ao lado de João nesse dia e **“ouvindo-o dizer isto, seguiram Jesus”**. Ambos de fato **“ouvem”**. Talvez nem tenham entendido muitas das coisas contidas nessa declaração de admiração de seu mestre. Contudo, levaram a sério a sua solicitação: **“Eis!”** Permitiram que as palavras ouvidas atingissem seu coração e ali se transformassem numa decisão própria. Esse homem ali tinha algo diferente de seu mestre, é a ele que precisavam conhecer. Conseqüentemente, soltaram-se de João e seguiram a Jesus.

38 **“E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que buscais? A princípio “seguir” é apenas andar visivelmente atrás de Jesus, o que obviamente inclui o pedido: Queremos tornar-nos teus discípulos, queremos estar contigo, como até agora estivemos com João, aceita-nos. Contudo, essa aceitação ainda precisa acontecer. Ninguém pode tornar-se discípulo por si mesmo e decidir sobre essa questão com sua própria resolução. Cada um precisa ser chamado para seguir. É por isso**

que os outros evangelistas relatam a “vocação” solene dos Doze por Jesus após uma noite passada em oração (Lc 6.12-16; Mc 3.13-19). Porém mesmo eles têm consciência de que essa vocação e oficialização dos “Doze” não foi uma decisão totalmente nova e súbita de Jesus, mas que foi antecedida de uma série de encontros com pessoas desse círculo, nos quais uma certa eleição e vocação já se processara (Mt 4.18-22; Lc 5.1-11). Obviamente não podemos depreender uma imagem unívoca dos acontecimentos a partir dos diversos relatos. Contudo, reconhecemos que o grupo de discípulos de Jesus resultou de uma rica e viva história. João, porém, pode dizer-nos claramente que os primeiros discípulos de Jesus eram oriundos do círculo de discípulos de João e que havia transcorrido uma história orgânica de Deus em sua vida. Haviām sido atingidos pelo movimento de avivamento em torno de João Batista, e a partir dele chegaram a Jesus por meio do testemunho do próprio João Batista.

Agora Jesus passa a ser aquele que age. **“E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que buscais?”** Essa palavra tão simples, resultado quase automático da situação, é a primeira palavra no evangelho que ouvimos dos lábios de Jesus. A palavra eterna pode falar de forma tão objetiva e neutra! Contudo, a pergunta é ao mesmo tempo cheia de profundidade e poder. Será que vocês realmente já sabem o que querem? Vocês sabem o que estão buscando junto de mim e o que pode ser achado em mim?

Justamente diante dessa pergunta a resposta dos dois se torna objetiva e comedida. Quantas coisas poderiam ter dito agora a partir de seu comovido coração! Assim proferem apenas a saudação respeitosa, mas de forma alguma inusitada: **“Rabi, Mestre.”** Seu desejo é igualmente contido ou pelo menos expresso de forma reticente: **“Onde moras?”**, queremos te visitar, queremos conhecer-te mais de perto. Jesus por sua vez não replicou com perguntas sobre quem eles eram, o que experimentaram até então, como se posicionaram em seu interior. Sua resposta é sucinta, objetiva e, mesmo assim, oferece um convite pleno: **“Vinde, e vereis.”** Na realidade, essa é uma fórmula de convite amplamente difundida. Mesmo assim, uma expressão corriqueira torna-se significativa e profunda quando aplicada nessa situação extraordinária. Jesus sabe que os dois na realidade não “verão” apenas sua morada, mas hão de “ver” infinitamente mais.

- 39 **“Então foram e viram onde Jesus estava morando; e ficaram com ele aquele dia, sendo mais ou menos a hora décima.”** Como a Bíblia é reservada, muito diferente de nossa literatura moderna! Quantas coisas nós provavelmente teríamos relatado acerca dessa primeira visita na casa de Jesus, desses primeiros diálogos decisivos. João, porém, apenas nos comunica a simples circunstância: **“Ficaram com ele aquele dia.”** Mas indica com exatidão a data do encontro: **“Era por volta da hora décima.”** Essa primeira visita na casa de Jesus aconteceu por volta de 4 horas da tarde.
- 40 Qual é a razão dessa descrição de João, que por um lado é tão exata e por outro tão sucinta e breve, sem que nos sejam relatados palavras ou feitos importantes de Jesus? Se alguém criasse livremente histórias de Cristo teria ilustrado de maneira muito diferente o primeiro encontro com o Filho de Deus, cuja glória nós vimos. A descrição somente se torna compreensível se ela for reprodução de uma recordação bem pessoal. É verdade que João não se citou pessoalmente, como tampouco fará em todo o evangelho. Porém, ao continuar agora: **“Era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus”**, ele assinala delicadamente que o outro dos dois era ele próprio. Quem mais dos discípulos poderia sê-lo, que estivesse tão estreitamente ligado aos dois irmãos André e Pedro? Também entre os sinóticos Pedro e André sempre aparecem ao lado do casal de irmãos João e Tiago (Mt 4.18-22; Lc 5.10). A menção direta de **“Simão Pedro”** com seu nome completo revela novamente o quanto João contava com leitores que conheciam os relatos sinóticos. Não há necessidade que ele primeiro apresente Simão Pedro a seus leitores!
- 41 **“André achou primeiro o próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo), e o levou a Jesus.”** Se André consegue “achar” seu irmão Simão imediatamente, ele também deve ter estado próximo de João Batista. No entanto, os jovens adultos que seguiam a João Batista eram pessoas em busca, que esperavam por Aquele para o qual apontava todo aquele movimento lá no Jordão e que o próprio Batista havia anunciado. Por isso André não conseguiu reter para si a grande descoberta. Tinha de trazer a seu irmão a notícia do “encontro” e informá-lo a respeito: **“Achamos o Messias.”** Ocorre que Simão não pode simplesmente ouvir essa mensagem e permanecer pessoalmente longe do Messias. Mas quando o próprio Messias está presente, será que um jovem pescador pode chegar-se a ele sem maiores problemas? André assumiu o serviço alegremente e **“o levou a Jesus”**. Isso é ao mesmo tempo um indício de como a mensagem de Jesus

também usa esses caminhos naturais para avançar. Um irmão pode prestar ao outro o serviço decisivo. No adendo “**acha primeiro o próprio irmão**” deve ocultar-se uma referência de que depois disso João também “achou” o seu irmão Tiago e de modo análogo o levou a aproximar-se de Jesus.

Por meio da palavra de André João posteriormente nos dá a conhecer todo o resultado daqueles primeiros diálogos, sobre cujo teor ele não nos havia comunicado nada, por casta continência. Agora Jesus já não é para André apenas “Rabi”, ele é “o Messias”. Aquele que há muito foi esperado chegou, e os dois discípulos de João o “**acharam**”. Ainda não haviam tido coragem de responder à pergunta de Jesus: “Que buscais?”, de dizer aquilo que na realidade já devia estar vivo em seus corações quando deixaram o Batista: “Procuramos o Messias.” Agora, porém, André professa a “confissão do Messias”. Será isso uma contradição com Mc 8.29, à confissão do Messias por parte de Pedro em Cesaréia de Filipe? Mas justamente João nos mostrará intensamente em seu evangelho o processo vivo que é “crer”, como há um estágio inicial, do qual ele precisa evoluir para formas mais maduras, como ele passa por descobertas constantemente renovadas. Por isso também pode-se repetir diversas vezes a “confissão” da fé, sem que com isso se formassem “contradições”. João também relata uma “confissão de Pedro” numa hora muito posterior e decisiva (Jo 6.67-69). E justamente João sabe que mesmo essa confissão não resiste diante da cruz de Jesus e que somente através do encontro com o Ressuscitado a certeza definitiva consolidou-se nos discípulos. Temos de recordar a vitalidade da história real, para que não fiquemos equivocadamente chocados com as aparentes “contradições” nos relatos evangélicos.

- 42 Essa “incongruência” e desarmonia da história autêntica aparecem também no próximo versículo. Quando, afinal, Simão recebeu o nome “Cefas”, “Pedro”, “homem-rocha”? De acordo com Mt 16.18, poderia parecer que foi apenas a confissão de Cesaréia de Filipe que lhe rendeu esse nome. No entanto, também Mateus (Mt 4.18; Mc 3.16) sabe que esse nome estranho já lhe fora atribuído bem antes. É isso que João passa a relatar: “**Jesus olhou para ele e disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).**” Aqui Jesus não fornece uma explicação para essa mudança de nome de Simão. Seu “olhar”, com o qual ele encara e perpassa o homem que estava diante dele, não encontrou nada “rochoso” naquele que entre os discípulos sucumbia de modo particular a súbitas emoções e guinadas emocionais, tornando-se assim renegado, e que mesmo mais tarde ainda podia ser tão tíbio como Paulo descreve em Gl 2.11ss. Jesus “vê” de modo bem diferente que nós. Jesus vê numa pessoa aquilo que ele mesmo visa fazer e fará dele. Contudo, lembraremos imediatamente a explicação que o próprio Jesus dá em Mt 16.18, quando designa Simão de “rocha”. Essa explicação apenas pressupõe que Simão já tinha o cognome “Pedro”. Agora Jesus o transforma num “nome ministerial”, que atribui a Simão uma importância peculiar na construção da igreja. João a confirmou quando relata como o Jesus Ressuscitado renova a incumbência de Pedro depois da sua profunda queda (Jo 21.15-17).

FILIPE E NATANAEL TORNAM-SE DISCÍPULOS DE JESUS – João 1.43-51

- 43 – No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galiléia e encontrou a Filipe, a quem disse: Segue-me!
- Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro.
 - Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José.
 - Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê!
- 47 – Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!
- 48 – Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.
- Então, exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!
 - Ao que Jesus lhe respondeu: Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás.
 - E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.

43/44 Jesus não permanece mais tempo junto do Batista. Já **“no dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galiléia”**. Ainda que grandes multidões de pessoas despertadas tivessem ouvido a proclamação de Jesus ali no Jordão, Jesus honra a autonomia plena, dada por Deus, do movimento do Batista e ao mesmo tempo preserva também sua própria liberdade integral de atuação de acordo com a vontade do Pai. No caminho de volta para a Galiléia **“encontrou a Filipe, a quem disse: Segue-me!”** Filipe é o primeiro que Jesus chama pessoalmente para segui-lo. Não há necessidade de dizer que Filipe atende ao chamado. Também os sinóticos nos mostram que poder interior residia no simples chamado e na ordem de Jesus (Mt 4.18-22; 9.9). Também nisso Jesus é a própria palavra de Deus: “Pois ele falou, e tudo se fez” (Sl 33.9).

“Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro.” Novamente as correlações naturais são levados em conta por Jesus. “Achar” Filipe não é nenhum um episódio ocasional ou arbitrário. Já existe um relacionamento de Filipe com a dupla de irmãos André e Pedro, e no início a mensagem do Messias é divulgada apenas por meio desse único caminho de pessoa a pessoa. Nenhum daqueles que agora haviam “achado” pensava numa proclamação pública do Messias Jesus. Eles levavam o senhorio do Ungido a sério demais para tanto. A hora e o modo de aparecer publicamente podem ser definidos somente pelo próprio Messias. E Jesus, por seu turno, está chamando apenas alguns para o seguirem. Essa vocação dos “apóstolos”, porém, não é nada secundário, e sim um evento muito central da história evangélica. Esses homens constituem o acervo básico imprescindível da igreja, e não é Jesus em pessoa, mas somente os apóstolos que constroem a igreja, primeiro a igreja de Jesus a partir de Israel, e depois a igreja de Jesus a partir das nações (At 1.8).

É muito peculiar como o termo **“achar”** perpassa os versículos 41-45. Constantemente algo está sendo “achado”. Como são preciosos aqueles tempos! Por trás do “achar” de Jesus encontra-se, assim como por trás do “achar” das pessoas, o “dar” de Deus. Por isso, em seu último diálogo com o Pai, Jesus agradece pelas pessoas que o Pai lhe deu no mundo (Jo 17.6).

45 Conseqüentemente, agora também Filipe “acha” alguém que ele obviamente conhece bem e ao qual ele precisa falar de seu próprio achar e ter sido achado. **“Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José.”** Isso soa como se já tivessem acontecido muitos diálogos bíblicos entre os dois jovens adultos. Pelo menos parece que Natanael fosse um homem que refletia atentamente sobre a Bíblia. Ambos sabem da espera pelo Messias, do qual **“Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas”**. É verdade que havia sido **“escrito”** sobre o Messias. Ele, porém, permanecera para eles tão somente objeto de anseios e esperança. Que notícia incrível, portanto, Filipe pode comunicar a Natanael: Aquele, sobre quem líamos e falávamos, pelo qual ansiávamos, a esse **“achamos”**. Então ele está entre nós como uma determinada pessoa? Sim, ele é **“Jesus, um filho de José de Nazaré”**. Pensamos que o próprio Jesus falou a seus discípulos a respeito de sua vida, citando a José como seu pai. O mistério de seu nascimento não precisava ser abordado imediatamente. José foi e continuou legalmente seu pai perante as pessoas. Se João foi o último que escreveu seu evangelho, ele tinha conhecimento de Mt 1.18-21 e também pressupôs esse conhecimento entre seus leitores. Era vontade do próprio Deus que Jesus fosse **“um filho de José de Nazaré”**. “Filho de Deus” (v. 34) e “filho de José” – ambos os dados eram fatos entre os discípulos. Eles o aceitaram como fato, sem demandar imediatamente uma explicação. É verdade que em Filipe ainda se constata uma limitação de seu olhar, que é imediatamente superada por Natanael (v. 49). Filipe via em Jesus o Messias. Porém, não era bem viável que o Messias tivesse um pai humano? Ele não era o “filho de Davi”? Não havia necessidade de que Filipe tivesse reconhecido imediatamente que Jesus era um “Messias” bem diferente, detentor de uma glória muito maior e essencialmente divina.

46 No entanto, o testemunho de Filipe encontrou as mais fortes dúvidas em Natanael. Natanael apresentou a mesma objeção que mais tarde outros israelitas conhecedores da Bíblia também levantaram contra Jesus. “Outros diziam: Ele é o Cristo; outros, porém, perguntavam: Porventura, o Cristo virá da Galiléia? Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?” (Jo 7.41s). Em que lugar a profecia bíblica diz algo sobre a Galiléia, e mesmo sobre o pequeno lugarejo Nazaré como sendo local da origem do Messias? Também no caso de Natanael é justamente seu “conhecimento bíblico” que o faz desconfiar da mensagem de Jesus, o filho de José de Nazaré. Ele reveste sua objeção do conhecido adágio: **“De Nazaré pode sair alguma coisa boa?”** Essa pergunta não inclui somente menosprezo por esse pequeno lugar. Belém

tampouco era uma cidade importante, mas foi chamada já pelo profeta expressamente de “pequena” (Mq 5.1). Contudo, sobre Belém pairava a límpida profecia de Deus, e de “Nazaré” não se falava em parte alguma da Bíblia! Somente uma presunção autocrática podia levar um homem de Nazaré a se apresentar como Messias. O que, afinal, podia ele apresentar que o capacitasse para cumprir a grande tarefa do Messias? Há não muito tempo os galileus haviam tido uma amarga experiência com um movimento messiânico impotente, quando Judas, o “Galileu” (At 5.37), co-fundador do partido dos zelotes, tentou desencadear um levante contra o censo fiscal de Quirino (Lc 2.1s). Será que agora viria novamente de Nazaré alguma coisa “boa” como essa?

47 Filipe, porém, encontra a única resposta que pode ser dada nessa situação, dizendo com brevidade e perspicácia: “Vem e vê!” Ele é capaz de fazê-lo, porque a sua própria convicção total lhe confere a liberdade para uma resposta dessas. É justamente uma certeza plena que nos liberta de todo o radicalismo, de comprovações e controvérsias. Ela nos propicia a cordialidade convidativa que está na palavra de Filipe. Quando eu mesmo estou convicto posso pedir: Venha e veja pessoalmente. Não são as teorias nem um pensamento preconcebido, tampouco um pensamento aparentemente alicerçado na Bíblia que decidem sobre a realidade. As realidades visam ser vistas e apreendidas.

48 Quem “vê”, porém, é primeiramente Jesus: **“Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!”** Jesus “vê” a probidade nas perguntas e dúvidas de Natanael. Apesar de perguntas e dúvidas, não há **“dolo”** nesse homem, como percebemos entre os delegados de Jerusalém. A bem-aventurança do Sl 32.2 foi cumprida nele. Assim Natanael é **“em verdade um israelita”**, i. é., um israelita como deveria ser. Jesus não tem nenhum interesse num entusiasmo rápido, emocional. Como israelita, Natanael tem o direito de perguntar justamente a partir do conhecimento bíblico, desde que realmente pergunte e não apenas rejeite, desde que de fato “venha e veja”. Jesus não o critica por causa de suas dúvidas e vai ao seu encontro com tranqüila consideração.

Será que Natanael percebe isso como uma tentativa falsa de conquistá-lo? Será que em sua resposta: **“Donde me conheces?”** há uma defesa? Ou será apenas surpresa que o faz perguntar assim?

49 Então, porém, ele tem a possibilidade de “ver”, conforme lhe prometeu Filipe, e mesmo assim vê de forma bem diferente do que Filipe possa ter imaginado. Ele pode “ver” com que olhar Jesus “vê”. **“Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.”** João não nos disse, tampouco foi essa sua intenção, o que Natanael fazia debaixo da figueira naquela hora. Por isso tampouco nós pretendemos sabê-lo nem nos estender em conjecturas a respeito. Essas coisas da vida pessoal devem ficar ocultas. E o evangelista não tem interesse em mistérios da história da alma de Natanael. Seu interesse é a glória de Jesus. Jesus nos “vê” também quando pensamos estar totalmente escondidos sob a densa copa de uma árvore, e vê nosso agir conjunto. É isso que nos é dado saber, quer estejamos assustados ou confortados, conforme o necessitamos.

“Então lhe respondeu Natanael: Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!” Natanael foi vencido. Reconhece Jesus de verdade. Porém o reconhece porque foi reconhecido por Jesus. Assim Jesus dirá mais tarde expressamente a seus discípulos que eles não escolheram a ele, mas que ele os escolheu (Jo 15.16). Por isso, no testemunho bíblico o reconhecimento por Deus sempre antecede o nosso reconhecimento (Jr 1.5; Gl 1.15; 4.9). Conseqüentemente, também aqui a confissão de Natanael representa tão somente a resposta em adoração ao ser reconhecido por Jesus. Agora ele viu pessoalmente que de Nazaré pode vir “uma coisa boa” e que Filipe tem razão: O **“Rei de Israel”** chegou. Essa “coisa boa”, porém, que para surpresa deles vem justamente de Nazaré, esse Rei de Israel, é mais do que Natanael imaginou de acordo com seu conhecimento bíblico. Ele é muito mais simples, um **“Rabi”**, e muito mais inescrutável, **“o Filho de Deus”**.

Da boca de um israelita autêntico ouve-se aqui no começo do evangelho a confissão: Jesus de Nazaré – o Rei de Israel. E da mesma forma o motivo da sentença de morte estará escrita por fim sobre a cruz: “Jesus, o Nazareno, o Rei dos judeus” (Jo 19.19).

50 **“Jesus respondeu e disse: Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás.”** Quanto está contido nessa resposta de Jesus! Jesus não está satisfeito com o simples fato de que aqui uma pessoa que tinha dúvidas foi superada e que agora crê. Não há o menor vestígio de um triunfo nessa resposta. Parece antes que ele deseja imediatamente conduzir

Natanael adiante. A base para a fé de Natanael é estreita demais. A longo prazo não basta uma experiência pessoal isolada. Mas, afinal, Natanael também verá “coisas bem maiores”.

- 51** E agora Jesus se dirige ao mesmo tempo aos demais discípulos, e pela primeira vez ouve-se de seus lábios aquele **“Em verdade, em verdade vos digo”**, que ainda ouviremos tantas vezes no evangelho. Fato é que “em verdade” não é outra palavra senão o conhecido “Amém”, que já no AT ocorre nessa duplicação, como confirmação de uma maldição ou como de um louvor a Deus (Nm 5.22; Ne 8.6). Com o “Amém, Amém” Jesus diz a seus discípulos: Vocês podem ficar confiantes, é realmente assim como eu estou prometendo. “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação”, será afirmado mais tarde na igreja (1Tm 1.15).

O que Jesus promete? Aquilo que no passado Jacó viu em sonho (Gn 28.10-13,17) há de tornar-se plena realidade para os discípulos em Jesus. Onde Jesus está, o céu já não está fechado, a dura parede divisória que separa o santo mundo de Deus do mundo das pessoas desde a queda no pecado foi tirada. A ruptura aconteceu quando o Verbo eterno veio do céu para a terra. Por isso o céu esteve aberto na noite em que ele nasceu e a multidão das milícias celestiais estava próxima da terra, louvando e adorando. O céu permanece aberto sobre Jesus, e os anjos têm acesso desimpedido a Jesus. **“Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem. “Subir e descer”** corresponde à narrativa de Gn 28.12. Os anjos estão em redor de Jesus. Dali eles sobem para conhecer a vontade de Deus, e descem de Deus para executar sua vontade no serviço de Jesus. Novamente, porém, faz parte do comedimento sério de João, característica da autenticidade de sua obra, que nada disso será mostrado diretamente em todo o evangelho. Nenhum anjo será encontrado nele. Não obstante, cumpre-nos ver Jesus nessa perspectiva em tudo o que segue: vivendo permanentemente sob o céu aberto, incessantemente rodeado de emissários celestiais. Também nesse ponto os discípulos se tornarão testemunhas de sua ligação e unidade direta com o Pai. Ele está “no seio do **Pai**”, pois o céu está **“aberto”**. Daremos atenção ao fato de que diversas vezes a Bíblia fala de “céus” no plural. Com isso fica especialmente claro que se fala não do “céu” atmosférico acima de nós, mas do mundo realmente transcendental de Deus, que abarca muitos “céus”, muitos “recintos” de Deus.

Pela primeira vez deparamo-nos também com a misteriosa autodesignação de Jesus como “Filho do Homem”. A rigor “Filho do Homem” não precisa ter nenhuma outra acepção além de “um ser humano como ser humano”. Com essa expressão Jesus pode ter dito: “Inteiramente como ser humano”, estou vivendo entre vocês como pessoa real, a única diferença obviamente sendo um ser humano sobre o qual o céu está aberto. Entretanto, por causa da narrativa de Dn 7.13s essa expressão “Filho do Homem” tinha recebido um significado especial, escatológico. A misteriosa figura do “Filho do Homem” é aquela que dá um fim aos reinos mundiais animais e recebe de Deus o último reino duradouro. Conseqüentemente, é possível e real que Jesus usou o título Filho do Homem para indicar seu significado e glória escatológicos, que agora obviamente está oculta na simplicidade de sua condição humana. Sem dúvida ele é “o Rei de Israel” e há de selar essa condição na cruz com seu sangue. E não obstante ele é algo diferente e maior do que aquilo que se esperava do rei prometido como “Filho de Davi”. Ele é o “Filho do Homem” celestial, a quem servem os anjos do céu. É assim que seus discípulos o conhecerão.

AS BODAS DE CANÁ – João 2.1-11

- **Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, achando-se ali a mãe de Jesus.**
- ² – **Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento.**
- **Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm [mais] vinho.**
- ⁴ – **Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.**
- ⁵ – **Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser.**
- **Estavam ali seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas.**
- ⁷ – **Jesus lhes disse: Enchei de água as talhas. E eles as encheram totalmente.**
- **Então, lhes determinou: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram.**
- ⁹ – **Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo**
- **e lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora.**

– Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele.

11 Estamos diante da primeira narrativa de milagre deste evangelho e faremos bem em antecipar ao comentário o v. 11 que, como assinatura de toda a cena, nos orienta no entendimento fundamental.

“Isso Jesus realizou como início de seus sinais em Caná da Galiléia e revelou sua glória. E creram nele seus discípulos.” João nos relatará uma série de milagres. Esses feitos integram inseparavelmente a imagem de Jesus. Não é possível excluir ou apagá-los sem destruir a imagem toda. Que acontece com os “milagres”? O “Deus vivo” e “milagres” são elementos inseparáveis. Deus é um Deus “vivo”, presente, poderoso e glorioso justamente pelo fato de que faz milagres. Do contrário ele se tornaria um mestre de obras que construiu certa vez a máquina do cosmos e a pôs em movimento, passando depois a assistir passivamente ao seu funcionamento de acordo com as leis naturais. Então também nossa oração deixaria de fazer qualquer sentido. Isso pode ficar claro para nós nos milagres fundamentais do Antigo Testamento, na libertação de Israel do Egito.

Jesus prometeu aos discípulos a vida sob o “céu aberto”. Logo, somente pode tratar-se de uma vida cheia de milagres. Para que os anjos deveriam “descer sobre o Filho do Homem”, se também na sua atividade tudo transcorresse conforme as conhecidas leis naturais? Jesus é o Verbo de Deus que se fez carne. Desse “Verbo”, porém, foi testemunhado no acontecimento da criação e descrito no Sl 33.9: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir.” A glória de Jesus “como do único Filho do Pai” tem de se mostrar no fato de que os milagres do Deus vivo agora também acontecem por intermédio dele. É precisamente nisso que ele “revela sua glória”.

Nisso já está contido que os milagres são “sinais”. Por maiores que sejam os presentes que os milagres concedem - abundância de vinho para a festa, saúde após trinta anos de enfermidade, a visão da luz do dia para o cego de nascença, novo tempo de vida para Lázaro, precocemente falecido – como tais não passam de dádivas isoladas e passageiras. O essencial e decisivo está no que “assinalam” para nós: O céu está aberto, em Jesus Deus está vivo entre nós e nos ajuda, Jesus possui poder milagroso sobre todos os poderes da enfermidade, das trevas e da morte. Em seus relatos João destacou particularmente essa característica de “sinal” nos milagres. Por essa razão está sendo destacado nas bodas no começo da atuação de Jesus: “Isso Jesus realizou como início de seus sinais em Caná da Galiléia e revelou sua glória.” Não é ao “vinho” que deve apegar-se nosso olhar. E tampouco o milagre como tal é a “glória de Jesus”. Líamos já em Jo 1.14, no que consiste essa “glória”: em “graça e verdade”. Essa “graça”, porém, é manifesta também em “milagres”, como uma graça divina que socorre e presenteia. Não se pode discutir um “milagre”. O milagre aconteceu ou não aconteceu. No entanto, se aconteceu no poder de Deus, então não podemos tirar satisfações com aquele que o realizou, quanto à razão por que ele fez algo questionável para nós. Será que realmente foi necessário providenciar vinho em tanta abundância para os convivas de um casamento? Acontece que também aqui está em jogo o “sinal”. Tudo se torna significativo, tudo fala uma linguagem secreta. João batiza com “água”; de “água” estão cheios os jarros. Purificação preparatória é concedida pelo batismo de João, purificação provisória de acordo com a determinação da lei e da tradição é dada pela água nos jarros. Agora, porém, está presente o que é totalmente diferente, o Consumador, o Messias. Agora são as “bodas”. Acaso devem “jejuar” os convidados enquanto o noivo está com eles (Mc 2.18s)? Será cabível que as bodas sob o olhar do Messias sejam prejudicadas pela falta de vinho festivo? Contudo, quando intervém para ajudar, pode o Rei dar menos que regiamente, ou seja, o melhor vinho em abundância transbordante? Os discípulos devem compreender logo no início: Agora são bodas, o noivo real está entre eles (Mt 22.1-16).

Por essa razão não se deve ignorar precisamente no relato de João que os grandes feitos de Jesus sempre acontecem por ocasião de uma “festa”. A ajuda de Jesus deve ser desejada não apenas nas profundezas da aflição e do sofrimento. Também para os dias festivos de nossa vida Jesus possui o dom que verdadeiramente satisfaz, que visa ser uma “festa” para as pessoas. Para os auge de nossa vida Jesus é imprescindível.

Também é pertinente o aspecto nitidamente “mundano” desse primeiro milagre. O Verbo eterno do Pai, por intermédio do qual tudo foi criado, não se contrapõe à criação, tampouco quando está em jogo a alegria das pessoas de conformidade com a criação. Jesus não foi um “asceta”. Foi isso que João destacou na imagem de Jesus enfaticamente perante a gnose, que sempre apresentava traços ascéticos.

O início da atuação de Jesus acontece num casamento. E o primeiro sinal que Jesus faz, não é demandado pela miséria humana, mas vem a ser um milagre para a alegria festiva.

O milagre não é “o filho preferido da fé”, mas a fé tem o privilégio de crescer com milagres que experimentou. “E o povo temeu ao Senhor e confiou no Senhor e em Moisés, seu servo.” É esse o resultado da milagrosa travessia pelo mar Vermelho (Êx 14.31). “E creram nele seus discípulos. É para isso que ajudava a revelação da glória de Jesus pelo sinal de seu poder criador. Foi também essa a intenção. “Se faço, e não me credes, crede nas obras” exclama Jesus em Jo 10.38 aos judeus. Obviamente reside ao mesmo tempo uma peculiar fragilidade na fé alicerçada em milagres, quando os milagres não são de fato entendidos integralmente como “sinais” e não dirigem o coração para aquele para o qual aponta. Não devemos esquecer o que já ficou claro para nós acima (p. 65), ou seja, que a “fé” é algo vivo. Por isso a fé cresce de seus primeiros momentos para formas cada vez mais amadurecidas. Cheios de alegria os discípulos de Jesus crêem no Mestre que tão gloriosamente cria e presenteia. Porém, quanto ainda terão de aprender e sofrer até que, após a cruz e ressurreição, sejam realmente os fiéis capazes de conduzir, como suas testemunhas, neste vasto mundo pessoas à fé em Jesus!

- 1/2 E agora leremos mais uma vez com atenção versículo por versículo do presente relato. Novamente João traz uma data exata: “E no terceiro dia havia um casamento em Caná da Galiléia, e estava lá a mãe de Jesus.” O “terceiro dia” é contado após a referência cronológica dada em Jo 1.39. Não sabemos com segurança a localização da vila Caná. Provavelmente ela é a atual Quirbet-Caná, 13 km ao Norte de Nazaré. A mãe de Jesus não é citada pelo nome. A simples informação de que ela “estava lá” pode expressar que ela tinha um relacionamento mais estreito com a família, na qual se celebravam as bodas. “Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento.” Talvez Jesus, o filho mais velho da família, tenha sido convidado justamente em razão de que o pai não vivia mais. Pois na realidade, depois dos primeiros capítulos, nunca mais se fala de José nos evangelhos (Cf. especialmente Mt 12.46; Mc 3.21,31). Os discípulos de Jesus são convidados também. Logo, as pessoas já sabem que Jesus se apresenta como “rabi” e está rodeado de “alunos”. Em Jo 21.2 descobrimos que Natanael é oriundo de Caná. Isso pode ter sido uma das razões do convite aos discípulos. De modo geral, porém, vigora no Oriente uma hospitalidade aberta. Se a mãe está relacionada com a família do casamento, também seu filho é convidado; e se ele tiver discípulos em redor de si, eles também serão bem-vindos.
- 3 Não nos é dito por que o vinho acaba cedo demais. O fato, porém, acontece e é notado pelo olhar feminino da mãe de Jesus. Será que Jesus não poderia ajudar? Na forma mais discreta possível a mãe traz seu pedido para Jesus: **“Eles não têm [mais] vinho.”** Não é imperioso que por trás dessas palavras já esteja a expectativa de um verdadeiro milagre. Como Maria teria chegado a essa expectativa? **“O começo dos sinais”** ainda não acontecera. Contudo, como parece que José não vive mais, é a Jesus como filho mais velho que ela se dirige nessa dificuldade. Talvez ele possa ajudar de uma ou outra maneira?
- 4 A resposta de Jesus não tem a conotação de rudeza que nós facilmente depreendemos. Contudo possui a profunda seriedade que devemos captar nela: **“Mulher, que tenho eu contigo?”** Literalmente: **“Mulher, que é para mim e para ti?”** **“Que temos em comum?”** Minha tarefa é totalmente diferente da tua. Tu és uma **“mulher”**, teus pensamentos como mulher estão ocupados de outras coisas que o meu pensar e querer. Tu te preocupas com o vinho que falta, e eu como Cordeiro de Deus carrego os pecados do mundo e olho para aquela **“hora”** que há de vir, na qual consumirei minha obra morrendo. É por isso que não podes decidir sobre mim. Nesse sentido já não sou teu filho. Tens de compreender quem eu sou e do que fui incumbido. Aqui as reivindicações humanas não têm mais nada a dizer. Em termos objetivos está saliente aqui o mesmo caráter inexorável que consta também em passagens como Mt 8.21s; 10.37; 12.46-50: Diante da extraordinária magnitude e importância da causa de Deus todos os demais vínculos perdem sua validade.
- Jesus acrescenta: **“Ainda não é chegada a minha hora.”** Com isso começa novamente a transparecer a característica de sinal. Em sentido real a **“hora”** de Jesus é sua hora de morte e glorificação (Jo 7.30; 8.20; 12.27; 17.1). Essa **“hora”**, na qual ele se destaca como o **“Filho”**, que é exaltado na cruz e justamente nisso é **“glorificado”** pelo Pai, ainda não chegou. Contudo, também toda outra **“hora”**, em que resplandece algo de sua glória de Filho, ainda precisa ter **“chegado”**, para que Jesus possa agir. Pois seu agir não é mais o do filho de uma mulher, que encontra saídas a

qualquer momento com recursos humanos, mas é o agir do Filho de Deus, que como tal somente pode manifestar-se com auxílio milagroso quando tiver chegado a hora marcada pelo Pai.

- 5 Assim como a mulher cananéia ouve e capta **“o sim velado debaixo do não”** (Lutero), assim também a mãe de Jesus ouve e capta no **“ainda não”** a grande possibilidade de um **“agora sim”** futuro. De uma forma ou outra Jesus ajudará. Por isso **“sua mãe diz aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser.”** Fica em aberto o que Jesus poderia dizer aos serventes.
- 6 Agora nosso olhar é desviado. **“Estavam ali talhas de pedra, seis, dispostas segundo o costume de purificação dos judeus, e cada uma levava duas ou três metretas.”** Por saberem da santidade de Deus e sentirem a própria impureza havia no judaísmo muitos **“costumes de purificação”**; cf. Mt 15.1-20; Mc 7.1-4. Não se tratava de uma limpeza higiênica, e sim, cultural. Num casamento o jovem casal precisava de banhos de purificação rituais especiais. Por isso é compreensível que se tenha providenciado muita água para esse fim. A água de fato tinha sido gasta. Esse dado revela que deve ter sido um casamento grande, com numerosos convidados, que também demandava uma quantia correspondentemente grande de vinho. Isso é corroborado pelo fato de que havia à disposição dessas bodas vários **“serventes”** e um **“mestre-sala”**.
- 7/8 Jesus dá aos serventes uma incumbência incompreensível para eles, mas que eles cumprem – como servos acostumados a obedecer, e preparados pela instrução da mãe de Jesus. **“Jesus lhes diz: Enchei de água as talhas! E eles as encheram totalmente.”** Mais difícil tinha de parecer-lhes a solicitação seguinte: **“Tirai agora e levai ao mestre-sala.”** Que diria o mestre-sala diante disso? No entanto, eles são **“servos”** e somente fazem o que lhes é mandado. Um **“Rabi”**, que tem ao seu redor discípulos, em todo caso é uma pessoa de respeito, cuja instrução simplesmente é obedecida. **“Eles o fizeram.”**

João narra o que sucedeu. Mas em seu relato ele nos mostra traços do agir divino que observamos em toda parte na Escritura e que por isso devem ser observados por nós. O milagre de Caná começa com uma ordem que parece totalmente absurda. Falta vinho, e Jesus manda trazer água. Portanto, no começo dos milagres bíblicos constantemente está a palavra que ordena e que demanda atos incompreensíveis, até impossíveis, e que realiza e concede o impossível no cumprimento obediente da ordem. O agir milagroso de Deus não torna o ser humano passivo, mas espera dele a **“fé”**, não como um processo racional na cabeça, e sim, como uma obediência confiante na prática.

- 9 **“Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho, e não sabendo donde viera – se bem que o soubessem os serventes que haviam tirado a água.”** O milagre aconteceu, bem no silêncio, longe de tudo que pudesse parecer-se com **“magia”**. É um milagre que o Deus Criador realiza permanentemente em cada videira, onde, no entanto, nos parece algo **“natural”**, porque estamos acostumados a ele e porque acontece lentamente durante meses. O **“Verbo”** vivo do Criador, que se tornou pessoa, realiza agora o processo em um instante e sem recursos.
- 9/10 Não foi em vão a obediência dos serventes. Têm a oportunidade de ser as primeiras testemunhas do milagre. Em contrapartida o mestre-sala não sabe de onde vem esse vinho. Ele **“chama o noivo e lhe diz: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora.”** Por meio dessa palavra ele se torna a testemunha involuntária da abundante dádiva de Jesus. Jesus cumpre o que o Sl 36.8s afirma sobre Deus e sua casa, e precisamente nisso ele se evidencia como Filho dessa casa e como revelador desse Deus.

Estamos constatando algo da peculiaridade da narrativa de João. Como em Jo 1.11s, João deixa também aqui que uma afirmação aparentemente concluída seja seguida imediatamente pelo seu oposto. A hora de Jesus **“ainda não é chegada”**, e apesar disso chega nesse mesmo instante. Essas **“contradições”** num único acontecimento caracterizam a **“vida”** em contraposição à mecânica rígida. Além disso chama a atenção que há fatos que são apenas sugeridos ou até omitidos por João, enquanto outros são narrados com grande exatidão. Não temos nenhuma informação se os serventes não falaram imediatamente entusiasmados do milagre, sobre o que os convidados disseram a respeito, e como sobretudo Maria experimentou esse atendimento ao seu pedido, excedendo tudo que ela esperava. Esse fato constitui mais um sinal de autenticidade? Uma história de milagre gratuitamente inventada não teria características muito diferentes?

No final de sua obra João declarou a respeito dos **“sinais”** que eles foram escritos **“para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”** (Jo 20.31). Em

consonância, o milagre nas bodas também não é para ele um mero evento histórico que, afinal, aconteceu dessa forma. Segundo a convicção de João ele constitui um “sinal”, também para seus leitores, ou seja, também para nós, e visa ter sobre nós o mesmo efeito que teve sobre os discípulos, que creram em Jesus. O “sinal” aponta para Jesus, que está presente entre nós como o Ressurreto. Temos de nos confrontar pessoalmente com esse Jesus, do qual acabamos de ler: “Jesus Cristo ontem e hoje, é o mesmo, e o será para sempre” (Hb 13.8). Entretanto, o que “marca” esse primeiro “sinal” de Jesus nas bodas de Caná? Não é por acaso que o vinho do casamento seja concedido por Jesus justamente nas talhas que haviam sido colocadas para a água do cumprimento das prescrições legais de purificação. Aqui não estão sendo colocadas de lado apenas as preocupações feminis da mãe de Jesus. Aqui o próprio Messias e Filho de Deus erige um sinal. O novo tempo está irrompendo. Onde ele chegou, não há mais necessidade da “purificação” no sentido antigo. O velho medo acabou. Liberdade e alegria ocuparam da forma mais abundante o lugar da timidez e preocupação, como o vinho nobre ocupou o lugar da água. O mesmo vale para nós. Uma referência ao vinho da santa ceia não se constata em parte alguma do texto. Jesus, contudo, é também para nós o Senhor da glória, que nos serve, em lugar da “água” de nossas vãs tentativas de purificação própria sob a lei, o vinho da alegria do evangelho com abundância régia. Pelo fato de que nós o experimentamos pessoalmente assim, também cremos no sinal exterior, pelo qual Jesus naquela ocasião revelou essa sua glória.

A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO – João 2.12-22

– Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias.

¹³ – Estando próxima a Páscoa dos judeus, subiu Jesus para Jerusalém.

– E encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas e também os cambistas assentados;

¹⁵ – tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas

– e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio.

¹⁷ – Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumirá.

– Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Que sinal nos mostras, para [teres o direito de] fazeres estas coisas?

– Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei.

²⁰ – Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?

– Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo.

²² – Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus.

12 Processa-se uma guinada exterior crucial na vida de Jesus, que também é relatada expressamente pelos sinóticos (Mt 4.12s): **“Depois disto, desceu ele para Cafarnaum.”** João, porém, amplia essa informação com uma indicação cujo sentido não é totalmente inequívoco para nós. Ele diz que não apenas **“ele próprio”** foi para Cafarnaum, mas também **“sua mãe e seus irmãos e seus discípulos”**. João acrescenta: **“E ali ficaram alguns dias.”** Que significa isso? Será que ficaram apenas um breve tempo porque todos foram com Jesus à Páscoa em Jerusalém? Em todos os casos, seus discípulos estão lá com ele, como mostra o v. 17. No entanto, será que também a mãe e os irmãos? Ou será que têm razão os manuscritos que nos apresentam a versão: **“E ali permaneceu ele alguns dias”**? Ou será que João pretende dizer que a família de Jesus veio apenas alguns dias para Cafarnaum, para depois retornar a Nazaré? Não o sabemos. Não somos informados das razões por que Jesus se separou de sua terra natal. Elas são reveladas em relatos como Jo 6.41s. Se até no mar da Galiléia se falava desse modo, quanto mais essa rejeição de Jesus por causa de sua origem não acontecia na própria Nazaré. Porém, a isso se agrega também a circunstância de que a região em torno do mar tinha uma população bem mais densa que a pobre área montanhosa. Jesus procurava em Cafarnaum a possibilidade de uma atuação maior.

13/14 “E próximo estava a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.” Deparamo-nos com uma diferença essencial na exposição da vida de Jesus em João e nos sinóticos. Os sinóticos conhecem

somente uma única estadia de Jesus em Jerusalém: no fim de sua vida, ou seja, aquela que conduziu diretamente à sua morte. De acordo com o relato deles toda a atividade de Jesus acontece na Galiléia e foi relatada de forma tão sucinta que não parece durar mais que um ano. Em João a atuação de Jesus se prolonga nitidamente por vários anos e não transcorre com essa simples linearidade como nos sinóticos. Precisamente por isso temos em João o quadro historicamente mais completo.

Logo no início de sua atuação Jesus vai a Jerusalém para a Páscoa, e ali já acontece a purificação do templo, que os sinóticos transferem para o final da história de Jesus, e forçosamente têm de fazê-lo, pelo fato de conhecerem apenas essa uma permanência de Jesus em Jerusalém. João, que de modo geral não repete as narrativas dos sinóticos, mas as pressupõe como conhecidas, também narrou pessoalmente a purificação do templo, porque nesse momento historicamente correto ela ainda se reveste de um significado bem diferente que João pretende nos mostrar. Nesse propósito torna-se profundamente significativa a seqüência direta do primeiro “sinal” nas bodas e dessa ação de Jesus no templo. Jesus é o “mestre da alegria”, aquele que presenteia como um rei. É isso que vale saber desde o começo. No entanto, ficaria falsa a imagem de Jesus e de sua glória de Filho, se não fôssemos conhecer imediatamente em seguida toda severa e inexorável seriedade de Jesus, que determina de igual maneira do início ao fim sua vida e atuação. O zelo intenso pela casa de seu Pai não é menos revelação da “glória” do “Filho” que sua participação no poder criador e doador de Deus no milagre por ocasião das bodas. Um aspecto não pode ser dissociado do outro ou até eliminado pelo outro. Somente na simultaneidade dos dois traços básicos Jesus revela o Deus verdadeiro, que ama o mundo com a entrega do melhor, e cuja ira, apesar disso, é manifesta com uma seriedade inflexível (Jo 3.16 e Rm 1.18). Não sabemos quantas vezes após sua primeira participação aos doze anos de idade (Lc 2.41ss) Jesus veio a Jerusalém nos anos seguintes e observou a situação no templo. Talvez tudo o que viu ali já o tenha atormentado muitas vezes. Agora, porém, ele não é somente um mero participante da festa, agora ele tem de agir como o Messias. “E encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas e também os cambistas assentados.” Toda essa agitação havia se desenvolvido de maneira muito natural no átrio do templo, mas mesmo assim “no santuário”. Quem pretendia oferecer seu sacrifício de acordo com a lei, precisava para isso o animal prescrito. Será que deveria trazê-lo consigo no longo trajeto desde a terra natal? O mais simples não era comprá-lo no próprio templo? E o imposto do templo (Mt 17.24), que cada judeu tinha de pagar anualmente, somente podia ser pago com dinheiro judeu, não em moeda estrangeira. Por que os muitos judeus do exterior não haveriam de trocar seu dinheiro diretamente no templo? Tudo, afinal, não servia tão somente ao culto, como a lei exigia? Que havia para criticar nisso?

15/16 Jesus, porém, “fez um chicote de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas e virou as mesas.” Por que Jesus faz isso? Por que ele não se conforma com aquilo que uma vez evoluiu por si mesmo do serviço de sacrifícios no templo e que tantas pessoas devotas encaram sem escrúpulos? A palavra dirigida aos comerciantes de pombas no-lo revela: “E disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio.” Por mais “prático” e por isso até “necessário” que possa parecer tudo o que se desenrola aqui no pátio do templo, para Jesus isso é insuportável. Pois na verdade não representa a simples disponibilização das coisas necessárias ao culto, mas é comércio e negócio. Dessa forma penetrou no santuário todo o mundo do egoísmo humano com sua lógica do dinheiro, suas barganhas e agitação. Em lugar do profundo silêncio diante da presença do Deus santo (Hc 2.20!) há atividade barulhenta; ao invés da concentração em Deus para louvor e adoração, gratidão e súplica, as pessoas, esquecidas de Deus, giram em torno do lucro pessoal. Não pensam em Deus, e sim no dinheiro. Jesus, porém, é o Filho, para quem esse santuário na verdade é aquilo que outros apenas declaram em palavras costumeiras e irrefletidas: a casa de Deus, a “casa de seu Pai”. O Filho de Deus sente todo o desprezo a Deus nessa profanação de sua casa.

17 Por isso Jesus intervém. Não o faz com palavras ou explicações, mas com ação decidida. Também aqui é necessário estabelecer um “sinal” que seja impossível de ignorar. Meras palavras levam a discussões, atos forçam as pessoas a decidir. Esse ato de Jesus, porém, não é fruto de um impulso humano, ao qual se seguiria apenas relaxamento e arrependimento. Ele brota de um “zelo”, um “ciúme sagrado” por Deus e sua honra, do qual já falava o AT. “Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumirá” (Sl 69.10). Em Jesus essa palavra se cumpriu. Em conseqüência, justifica-se com essa palavra da Escritura a ação de Jesus. Pelo coração dos discípulos talvez passasse a intuição de que não é em vão que essa palavra da Escritura mira o futuro. O ato de

Jesus teve consequências graves. A quantas lutas e perigos ele haveria de conduzir Jesus. Esse zelo pela casa de Deus podia “consumi-lo” em sentido mais profundo, trazendo-lhe a morte. Não por último a cruz do Calvário de fato resultou da purificação do templo, desse desvelo do pecado humano justamente no centro da devoção.

Jesus não respondeu às perguntas de como se deveria proceder a partir de então para viabilizar em termos práticos a continuidade do serviço de sacrifícios e do imposto do templo. Está em questão o primeiro mandamento, com toda a seriedade. Quando esse mandamento for cumprido, também aparecerão caminhos para o cumprimento das leis sacrificais. Também nessa situação vale Mt 6.33. Ao mesmo tempo, porém, Jesus já viu diante de si o fim desse templo e de todo seu culto, e em seu lugar a adoração de Deus em espírito e em verdade (Jo 4.23), que porá fim a todas essas mazelas.

- 18** Atos obrigam a tomar uma decisão. Um ato desses no templo não podia deixar de ser notada, provocando necessariamente o posicionamento dos outros. Por isso constitui uma formulação precisa a continuação de João “Então responderam os judeus”. “Os judeus” são aqui, como em Jo 1.19, os círculos oficiais, os porta-vozes competentes do judaísmo. Podem ter sido membros da polícia do templo, que prestava serviço sob o “capitão do templo” (cf. At 4.1), ou também membros do sacerdócio, que consideravam o templo sua jurisdição principal.

Eles “responderam” à ação de Jesus. João nos mostra como o conflito de Jesus com seu povo e seus líderes não se forma apenas aos poucos, mas que estava posto desde o início por contingência interior, sendo levado à erupção pelo próprio Jesus através de seu agir. Não são os outros que atacam. O próprio Jesus agride com seu agir. Ele o faz porque justamente “os judeus”, o povo de Deus, não “conhecem” a Deus. Isso se explicita no centro do povo de Deus e de sua vida, no templo e no posicionamento perante o templo. Aqui se manifesta a mentira de que aparentemente acontece tudo para Deus mas na realidade Deus está sendo posto de lado e rebaixado a mero instrumento do egoísmo humano. É contra isso que se volta o ataque frontal daquele que como Filho ama o Pai e não pode ver a honra dele profanada.

A “resposta” dos judeus a isto consiste em perguntar pela autoridade de Jesus: “Que sinal nos mostras, para [teres o direito de] fazer estas coisas?” Os adversários não têm coragem de se empenhar pessoalmente em favor dos negócios no templo. Talvez sintam que na realidade Jesus tem razão. Apenas isso, porém, não basta. Quem visa intervir na vida do povo de Israel tem de ser autorizado por Deus. Porque é o povo de Deus. Por isso o escriba demonstrava cuidadosamente a partir da Bíblia suas instruções e preceitos. Quem realiza atos proféticos ou até messiânicos além do que está escrito, tem de provar através de “sinais” que seu agir não é arbitrariedade pessoal, mas acontece por incumbência de Deus. É por isso que João Batista foi inquirido oficialmente e perguntado pelo direito de batizar (Jo 1.9-27). Também é por isso que Jesus agora deve provar seu envio divino por meio de um “sinal” (cf. também Mt 21.23-27).

- 19** “Jesus respondeu e disse-lhes: Destruí [vós] este santuário, e em três dias o reconstruirei.” Os sinóticos não informam essa palavra de Jesus, mas conforme Mt 26.61; 27.40 também a pressupõem como proferida por Jesus. João nos mostra quando Jesus a proferiu e o que quis dizer com ela. Ela é na verdade uma palavra enigmática e também visa sê-lo. Os adversários se rebelam imediatamente contra ela:
- 20** “Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?” Herodes Magno havia mandado substituir o pequeno templo, construído após o retorno do cativeiro babilônico (cf. o profeta Ageu, especialmente Ag 2.1-3), por um edifício suntuoso, iniciado no ano 20/19 a. C., mas que no tempo de Jesus ainda não estava concluído. Estando Jesus agora em Jerusalém no ano 27/28 d. C., os judeus podiam argumentar com razão que esse templo já estava sendo construído há 46 anos, o qual ele pretendia “levantar” em três dias.
- 21** “Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo.” Jesus não menosprezou o templo de Jerusalém a partir de um espiritualismo falso. Deu provas disso há pouco, por meio da ação em que arriscou sua vida. Tampouco Jo 4.21-24 deve ser compreendido desse modo. O santuário em Jerusalém é dentre todos os milhares de “templos” no mundo o único que foi erigido de acordo com a ordem própria de Deus, possuindo por isso a promessa da presença verdadeira de Deus e cumprindo por isso o sentido de um “templo”. Esse santuário é de fato “casa de Deus”. Agora, porém, quando o Verbo se fez carne, Deus habita também de uma forma muito distinta nesta terra. O corpo de Jesus é moradia de

Deus e, por conseguinte, “templo” de uma forma verdadeira e gloriosa que excede a tudo que o santuário sobre o monte Sião podia oferecer.

Porém, se esse santuário já está sendo desprezado dessa maneira, então a presença de Deus em Jesus suscitará ainda mais a hostilidade mortal contra ele. Justamente o povo de Deus “destruirá” o verdadeiro templo de Deus. João não repetiu os três anúncios da paixão contidos nos sinóticos. Contudo também ele sabe que desde o início Jesus viu diante de si a luta que haveria de acabar em sua rejeição e morte. Precisamente na purificação do templo começa – por parte de Jesus! – essa luta, tornando-se explícita em sua necessidade intrínseca e com seu fim inevitável. “Destruam esse templo”. Sim, eles o farão!

Como nas palavras sinóticas, porém, Jesus também está vendo à sua frente, junto de seu sofrimento e morte, a ressurreição. “Destruí [vós] esse templo, e em três dias o levantarei.” Para “construir” Jesus opta por uma palavra, que podia ser usado para construções à semelhança da expressão “edificar” ou “erigir”, mas que ao mesmo tempo significa “ressuscitar”. Por isso a palavra retorna imediatamente no versículo seguinte: “Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos.” Assim o templo derrubado de seu corpo tornará a “ser levantado” em três dias por ocasião de sua ressurreição dentre os mortos. Nessa afirmação é característico para a peculiar unidade do “Filho” com o “Pai”, apresentada de modo incomparável justamente pelo evangelho de João (Jo 5.19s!), que Jesus atribui o “reerguimento” do templo não a Deus, mas a si mesmo: “Em três dias eu o levantarei de novo.” Isso corresponde à maneira como Jesus fala em Jo 10.17 de que ele entrega a sua vida e a retoma. A mensagem da Páscoa traz em si sempre esses dois lados: Afirma acerca de Deus que ele ressuscitou a Jesus, e afirma sobre Jesus que ele ressuscitou. Leva-se a sério que o Filho faz pessoalmente o que vê o Pai fazer.

João não teria escrito essa palavra misteriosa do “corpo de Jesus” que é o “templo” que é derrubado e reconstruído em três dias, se não pensasse que agora também a igreja é o “corpo” de Jesus e precisamente por isso o “templo de Deus” reconstruído e verdadeiro (cf. 1Co 3.16; Ef 2.19-22; 4.11-16; Cl 1.18). O que a humanidade anseia e pretensamente possui em todos os seus templos, mas apesar disso nunca encontra realmente, é: a presença do Deus vivo. Isso foi cumprido na igreja de Jesus, em seu “corpo” (1Co 14.24s).

No entanto, o verdadeiro e incontestável “sinal” da autoridade de Jesus, apesar de todos os demais milagres, é – tanto em João quanto nos sinóticos (Mt 12.38-40) – que ele rendeu dessa maneira sua vida e que receberá de volta dessa maneira, pela ressurreição dentre os mortos, a sua vida e sua glória. A exigência de sinal pela incredulidade jamais poderá ser atendida de modo satisfatório, porque ela procede de um coração que não se quer abrir com fé, sim, que se rebela contra Aquele que chama para a entrega. É por isso que não se dá por satisfeita com nenhum milagre, por maior que seja. João o mostrará de forma arrasadora na ressurreição de Lázaro. Esse sinal de Jesus mais poderoso de todos causa apenas uma coisa: não a fé, mas a decisão definitiva do Sinédrio de matar Jesus (Jo 11.46ss; Mt 26.61). Somente a morte de Jesus e sua ressurreição hão de demonstrar seu poder divino de uma maneira tal que surja a fé em Jesus até entre as fileiras dos sacerdotes (At 6.7). Por isso Jesus já remete a esse “sinal”. Enquanto crucificado e ressuscitado ele é o “Senhor”, que tudo “pode fazer” e que faz tudo unicamente para honrar o Pai.

- 22** Também os discípulos de Jesus não entenderam a resposta enigmática de Jesus. Contudo, “quando Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto.” João está expressando algo que não apenas vale para essa uma palavra de Deus especial, mas representou uma experiência abrangente dos discípulos com vistas ao falar e atuar de seu Senhor. A ressurreição, que revelou Jesus como “Filho de Deus com poder” (Rm 1.4), fez com que compreendessem de maneira bem nova muitas coisas que eles haviam ouvido e visto. Isso, no entanto, não significa que eles modificaram a história de Jesus a partir da ressurreição e embutiram nessa história uma posterior “teologia da igreja”! Não, é precisamente como mostra o v. 22. A palavra de Jesus foi proferida historicamente assim com essa formulação por ocasião da purificação do templo. Contudo, os discípulos não a haviam compreendido realmente em sua magnitude e profundidade (cf. também Jo 12.16; 20.9). Isso aconteceu apenas a partir de quando ela se cumpriu na ressurreição. Então eles “creram” nessa palavra em sentido pleno. Pois agora sua fé podia alicerçar-se sobre duas, sim sobre três testemunhas: sobre a Escritura, sobre a própria palavra de Jesus anunciada previamente, e sobre as experiências pessoais nos encontros com o Senhor ressuscitado. “E creram na Escritura e na palavra de Jesus.”

JESUS E O POVO DE JERUSALÉM – João 2.23-25

- **Estando ele em Jerusalém, durante a Festa da Páscoa, muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome.**
- **Mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos.**
- **E não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana.**

- 23** Logo na primeira permanência “em Jerusalém na Páscoa por ocasião da festa” Jesus desenvolve uma atuação que chama atenção também pela realização de “sinais”. Jesus não evolui aos poucos para dentro de uma atividade cada vez maior, como ocorre nos grandes personagens da história humana. Nesse sentido Jesus não tem nenhuma “história”. Não se pode escrever uma biografia dele. João o explicita para nós de modo singular. Não existe nele algo semelhante a uma “primavera na Galiléia”, à qual então seguirão os desdobramentos trágicos que levam à catástrofe em Jerusalém. A atuação pública de Jesus não começa na Galiléia, mas em Jerusalém! Ali ele não somente ensina – é claro que também faz isso, como confirma expressamente a palavra que lhe diz Nicodemos (Jo 3.2) –, mas realiza outros “sinais”, dos quais João não informa mais detalhes, embora fossem tão poderosos que causaram impacto também nos líderes do povo (Jo 3.2). Por essa razão passam agora pelo coração de “muitos” em Jerusalém a admiração e a indagação, ao verem Jesus. Pronunciam o seu “nome” com confiança crescente. Nisso ressoa o nome “Messias”, e forma-se a idéia de que “Jesus Cristo”, ou seja, “Jesus, o Messias” certamente seria o “nome” certo para esse homem extraordinário. Contudo, que distância existe ainda da verdadeira convicção que de fato entrega a própria pessoa e existência a Jesus como o Messias. Os “sinais” são um chamado à fé. O próprio Jesus os avalia dessa forma (Jo 10.38). Contudo, os milagres como tais não superam o desejo egoísta. Até podem fortalecê-lo, tolhendo assim a verdadeira fé, que precisa ser uma entrega desinteressada. Justamente porque no evangelho de João a “fé” é tudo, João nos mostra com esmero também os processos no íntimo das pessoas que se parecem com a “fé” e apesar disso ainda não são fé genuína.
- 24** É em razão disso que a essa “confiança” das pessoas de Jerusalém agora não corresponde à “confiança” de Jesus nelas. Assim como eles por um lado crêem no nome dele, mas ainda não se entregam verdadeiramente a ele, assim, por outro, “o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos”. Jesus “conhece” não apenas a Natanael, vendo-o numa hora especial de sua vida (Jo 1.47-49). Ele conhece a “todos”, a todos em Jerusalém que estão entusiasmados com ele, que também “confiam” nele, mas que enganam a si mesmos e não sabem qual é sua verdadeira situação.
- 25** Ele conhece a “todos”, “porque não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que havia dentro do ser humano”. Nas milhares de diferentes configurações de histórias de vida e de individualidades repete-se, afinal, constantemente somente “o ser humano”. Como, porém, o Verbo eterno não haveria de conhecer integralmente “o ser humano”, que foi criado por meio desse Verbo e para esse Verbo? Na verdadeira luz que resplandece nas trevas é revelado “o ser humano”, que em sua natureza atual nega a sua origem e não acerta o seu destino, ficando perdido nas trevas. A esse ser humano Jesus não se pode confiar. Aqui torna-se visível o profundo abismo que separa Jesus de “todos” nós, embora ele tenha vindo a nós e tenha se tornado carne. Cabe-nos ver e respeitar essa sagrada distância entre Jesus e nós, para que em nossos corações não surja um relacionamento falso com Jesus, uma intimidade que não seja santa. Jesus não pode se confiar em nós; Jesus tão somente pode morrer por nós! Unicamente assim ele fecha o abismo que nos separa dele e, por conseqüência, pode “confiar-se a nós” de maneira que ele vive em nós pelo próprio Espírito Santo.

O DIÁLOGO COM NICODEMOS – João 3.1-21

- **Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus.**
- **Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.**
- **A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo (ou: gerado do alto), não pode ver o reino de Deus.**
- ⁴ – **Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?**

- Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.
- ⁶ – O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.
- Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo (ou: ser gerado do alto).
- O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.
- Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus:
- ¹⁰ – Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas?
- Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho.
- ¹² – Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como creereis, se vos falar das celestiais?
- Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem (*que está no céu*).
- ¹⁴ – E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado,
- para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.
- Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.
- Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.
- Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.
- O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.
- Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüídas as suas obras.
- Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus.

O “diálogo com Nicodemos”, conhecido por todos nós, mas em geral conhecido apenas como um episódio isolado, como estamos notando agora, acontece durante a primeira estadia de Jesus em Jerusalém. Trata-se de um recorte da atuação de Jesus naquela cidade, ou melhor, é também um fruto dessa atuação. Jesus mexe com os ânimos até entre os grupos dirigentes. Nessa reflexão precisamos ter sempre em mente que a expectativa do Messias vindouro estava viva em Israel e ganhara nova intensidade sob a pressão da dominação estrangeira romana. Já por ocasião do surgimento de João Batista a pergunta era: Será que ele pretende ser o Messias (cf. Jo 1.19ss)? Ocorre que em sua pessoa e seus atos Jesus é ainda mais poderoso e envolvente que João Batista. Por isso “muitos creram em seu nome” (Jo 2.23). Por essa razão vai até Jesus um dos homens dirigentes de Jerusalém, chamado Nicodemos, que pertencia ao grupo dos “fariseus” e tinha assento e voz no Sinédrio.

“Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: **Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.**” João não nos diz por que esse homem veio procurar Jesus “**de noite**”. Não precisa ser por causa de medo ou receio. Pelo que se vê, Nicodemos é unânime com outros líderes importantes na apreciação de Jesus, podendo declarar: “**Sabemos que vieste de parte de Deus.**” Então não tinha necessidade de ocultar sua visita a Jesus. É provável que naquele tempo se valorizasse muito as tranquilas horas noturnas para manter um diálogo sem interrupções, motivo pelo qual João não considera necessária nenhuma justificativa especial da visita à noite.

- 2 Igualmente permanece em aberto a pergunta se os primeiros discípulos de Jesus, portanto, inclusive o próprio João, estiveram presentes ao diálogo.

O tratamento que Nicodemos dirige a Jesus é honroso. Ele, o reconhecido teólogo, o “mestre em Israel” (v. 10), chama o homem sem estudo da Galiléia de “**Rabi**”. Espontaneamente reproduz a profunda impressão que ele e outros colegas do Sinédrio obtiveram de Jesus. Contudo, também neste caso não foram tanto as palavras de Jesus que o convenceram em seu íntimo, mas os “sinais” que o constrangem a ver Deus por trás da atuação de Jesus. Mais tarde, nem mesmo os mais admiráveis milagres de Jesus convenceram seus antagonistas, mas somente intensificaram seu endurecimento ao extremo (cf. Jo 9.24-34; 11.46-53). Novamente torna-se claro que “milagres” não podem ser a base

vital para uma fé verdadeira. Contudo, desde já Nicodemos estabelece uma clara barreira na interpelação honrosa de Jesus, que se torna perceptível no termo “**mestre**”, enfaticamente posposto. Vieste de Deus, sim; porém és apenas um grande “mestre”, nada mais que isso. Ou queres ser mais? Queres concordar com aqueles que agora estão a dizer em Jerusalém: Jesus Cristo, Jesus o Messias? Nicodemos dirige essa indagação oculta a Jesus. É sobre essa pergunta que ele pretende falar com o próprio Jesus.

- 3 Por isso Jesus “responde”, apesar de que não ter havido nenhuma pergunta direta. Jesus está completamente livre daquela autocomplacência secreta, que nos torna receptivos à interpelação honrosa da boca de uma pessoa ilustre. Jesus nem sequer se reporta à pergunta da Nicodemos. Jesus não discute com Nicodemos, mas constata objetivamente, porém com seriedade incisiva, que falta em Nicodemos a base para a decisão a uma pergunta dessas “**Jesus respondeu e lhe disse: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo (ou: for gerado do alto), não tem condições de ver a soberania de Deus.**” Isso constitui um ataque radical ao teólogo Nicodemos. Ele e seus amigos pensam que “**conhecem**”. Como mestres de teologia e reconhecidos membros do Sinédrio, pensam que obviamente possuem o julgamento certo e reconhecem claramente a atuação de Deus com vistas a Jesus. Na realidade, eles nem possuem condições de ver a atuação soberana de Deus. Carecem do pressuposto imprescindível para tanto. O real governo de Deus está oculto ao ser humano. Nenhuma sabedoria e nenhum pensamento próprio do ser humano lhe confere percepção da atuação divina, tampouco o conhecimento teológico e bíblico, como Nicodemos certamente possuía de forma excelente. Os olhos do ser humano são abertos para Deus unicamente por meio de um processo que Jesus somente consegue comparar com “**ser gerado**” e “**ser nascido**”. Uma mera melhoria ou aprofundamento do ser humano e de seu pensamento teológico não atinge o alvo. A renovação do ser humano precisa ser “radical”, precisa ir à raiz e transformar exatamente o ponto central de sua natureza. A palavra grega “*anóthen*” usada por Jesus pode significar tanto “de novo” como também “de cima”. No entanto, não há necessidade de nos decidirmos por um ou outro significado. É justamente essa dupla compreensão do termo que nos revela a questão em jogo. O ser humano precisa “ser nascido de novo”. Isso, porém, somente pode acontecer quando for “gerado de cima”.

Num sentido mais profundo Jesus realmente “**respondeu**” a Nicodemos. Ele acertou o ponto crucial que separa pessoas como Nicodemos e todos os seus amigos de Jesus. O “**farisaísmo**” sustentava-se pelas realizações pessoais perante Deus. Nisso ele é a configuração mais clara de toda a “religião” e “devoção” naturais. Nelas o ser humano ainda está plenamente convicto de si mesmo. Em sua essência tudo está em ordem. Basta que ainda intensifique suas realizações éticas e religiosas em uma ou outra direção. Jesus, porém, contradiz exatamente essa atitude. Ele declara a incapacidade total do ser humano perante Deus. Nesse ponto entram em jogo todo o pensamento e a vida passados de Nicodemos. É por isso que ele rejeita a palavra de Jesus como impossível, apesar de há pouco ter saudado Jesus como o mestre que veio de Deus.

- 4 “**Diz-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo ancião? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?**” Ele “entende mal” a Jesus, mas o faz conscientemente, a fim de dessa maneira disfarçar sua discordância íntima. É por isso que ele aguça seu mal-entendido e fala do “**ancião**” que, afinal, não pode “**voltar ao ventre da mãe uma segunda vez e ser nascido**”. Pelo mesmo motivo não se deve concluir, a partir dessa formulação, que o próprio Nicodemos tenha sido uma pessoa tão idosa.

Será que nesse “mal-entendido”, apesar da discordância consciente, não transparece também um anseio inconsciente, que pode residir até no coração de um fariseu apesar de todo convencimento pessoal? Quantas pessoas devotas e não-devotas conhecem esse anseio! Ser nascido de novo, poder mais uma vez começar radicalmente do começo, depois de todas as lutas e tribulações vãs. Tornar-se um ser humano novo por princípio, como isso seria maravilhoso! Porém – na realidade é um sonho impossível! Afinal, não se pode “**entrar ao ventre da mãe uma segunda vez e ser nascido**”. Não se pode começar uma nova vida. Temos de continuar sendo aquela pessoa que somos.

- 5 O que Jesus “responde”? Ele repete sua afirmação e, com o severo “Amém, Amém, te digo” caracteriza-a como imprescindível e irrevogável. Contudo, começa a explicá-la: “**Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar na soberania de Deus.**” Jesus cita os dois meios pelos quais o “sonho impossível” pode tornar-se real: “**água**” e “**Espírito**”. Os exegetas afirmam incansavelmente que aqui João estaria se referindo ao batismo

cristão. Como, porém, num diálogo tão decisivo, Jesus poderia remeter seu hóspede a algo que ele não tinha como conhecer? Será que isso teria sido uma “resposta” autêntica? Jesus deve referir-se a uma “água” que também Nicodemos conhece. Duas vezes o evangelho fala a respeito dessa “água”: a “água” nas talhas, usada para cumprir as prescrições legais de purificação, e a “água” do batismo de João. Precisamente o farisaísmo conhecia muito bem a “impureza” do ser humano perante Deus e por isso tinha elaborado todo um sistema de preceitos de purificação. Não havia nisso um reconhecimento que precisava apenas de aprofundamento, a fim de abalar a autoconfiança de Nicodemos e abrir-lhe o coração para a grande oferta de Jesus? João Batista havia trazido esse aprofundamento da idéia da purificação. Não eram necessárias abluções isoladas, mas sim uma purificação radical de toda a pessoa, e dessa purificação careciam também os fariseus, também os proeminentes teólogos no Sinédrio (Mt 3.7). É isso que Jesus relembra a seu visitante. O “novo nascimento” começa com aquela autocondenação existente em cada pessoa que vinha até João e se deixava batizar. Com isso ela condenava toda a sua vida anterior, concordava com a necessidade de uma purificação integral e suplicava pela afirmação do perdão de Deus. Nicodemos, que consideras impossível o renascimento, estiveste com João? Deixaste que ele te batizasse? Lá no movimento do batismo, tu te submeteste ao governo soberano de Deus? É claro que isso ainda não basta. A essa “água” precisa agregar-se o “Espírito de Deus”, como o próprio Batista expressou com tanta clareza. Não era possível e imperioso que Nicodemos também entendesse isso quando ele recordava as poderosas palavras de sua Bíblia, o AT, nem que fossem apenas Ez 36.25-27 ou Is 44.3? Em ambas as passagens Nicodemos já podia ler sobre a ligação de “água” e “Espírito”, de purificação e nova vida, como apresentada agora por Jesus. Será mesmo que Nicodemos somente tinha de rejeitar Jesus? Ele não podia perguntar sincera e abertamente se a antiga promessa “água” e “Espírito” não tinha se cumprido em João e em Jesus?

Ao mesmo tempo Jesus não apenas afirma a necessidade desse novo nascimento, mas também dá o fundamento. Afinal, a soberania de Deus não deve somente “ser vista”. Cumpre-nos “entrar” nela, a fim de viver nela. É aquele “habitar com as chamas eternas e com o fogo devorador” sobre o qual fala Isaías (Is 33.14). Será que a pessoa natural é capaz de suportá-lo? Para entrar no reino de Deus temos de corresponder à essência desse reino.

- 6/7 Contudo **“o que é nascido da carne é carne”**. Na Bíblia o curioso termo “carne” designa a natureza do ser humano separado de Deus e por isso impuro e frágil, sim, a essência de todas as criaturas. **“Carne”**, porém, não sobrevive no reino de Deus, pois a natureza de Deus é “Espírito”. Esse termo não traz o nosso sentido atual de “espiritualidade” ou até de intelecto, mas sim da natureza santa e eterna do Deus vivo com sua força e glória. Entretanto, unicamente “o que é nascido do Espírito é espírito” e por isso possui em si a natureza divina que suporta estar na presença de Deus, no governo soberano de Deus. Por isso, Nicodemos, **“não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo (ou: ser gerado do alto)”**. De fato, “precisa” ser assim, não em virtude de uma lei exterior, porém por uma necessidade intrínseca, a partir da essência da questão. Jesus não confronta Nicodemos com uma exigência incompreensível e artificial, mas com um mistério inevitável da vida.
- 8 Esse mistério da vida, porém, é uma realidade perceptível. É o que Jesus explica ao apontar para a realidade enigmática e mesmo assim inegável do “vento”. **“O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.”** A comparação com o “vento” é especialmente plausível porque nos idiomas hebraico e grego a mesma palavra (*“ruah”*, respectivamente *“pneuma”*) designam tanto “o vento” quanto “o Espírito”. “Vento” e Espírito, porém, **“sopram”**, vindo de longuras ignoradas. Nisso detêm uma liberdade imprevisível, sobre a qual nenhum ser humano pode dispor. Tão imensurável como sua origem é também a dimensão de seu efeito e o alvo de sua trajetória. Apesar disso o “vento” não é irreconhecível ou mesmo irreal. Ele tem uma “voz” que todas as pessoas ouvem, pela qual ele pode ser percebido como algo concreto. Em todas essas características o “vento” se torna a imagem do “Espírito” em sua realidade misteriosa e, apesar disso, eficaz. Nessa questão, porém, é significativo que Jesus não pensa genericamente no “Espírito”, mas no ser humano no qual se pode notar o efeito do Espírito: **“Assim”**, a saber, igualmente misterioso e apesar disso tão claramente perceptível, **“é todo o que é nascido do Espírito”**.
- 9 Agora Nicodemos formula a pergunta direta a Jesus: **“Como pode suceder isto?”** Ele acompanhou Jesus no diálogo. Começou a captar a necessidade do renascimento por intermédio da geração do alto

pelo Espírito de Deus. Contudo, justamente quando ele é tão imprescindivelmente necessário para ingressar na soberania de Deus a pergunta “como acontece” se torna tanto mais premente.

- 10 Jesus precisa responder com uma reprimenda: **“Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas?”** Como é possível ser um mestre do povo de Deus, como é possível ser um teólogo, sim, um teólogo influente, e não conhecer os fatos mais imprescindíveis a todo conhecimento verdadeiro de Deus e à salvação? Jesus não está vendo em Nicodemos somente a alma de uma pessoa isolada, a quem precisa ajudar para conseguir pessoalmente a salvação. Aquele que veio até ele veio na qualidade de dirigente de Israel. Sua cegueira arrastou também Israel para o abismo. Que responsabilidade tinha esse homem! É por isso que todo Israel está diante do olhar de Jesus enquanto Ele fala com esse “mestre de Israel”.
- 11 Na verdade Jesus poderia ter remetido o “escriba” à Escritura, p. ex., a Ez 36.25-27 e aduzir a “prova escriturística”. Não o faz. Poderia levar a uma discussão sobre questões de interpretação. Para Jesus outra coisa é importante. O que ele tem a dizer a Nicodemos não está em alturas inatingíveis. **“Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto.”** Não se trata de teorias irreais, de exigências exasperadas, de projetos devotos ilusórios. Jesus fala de uma certeza tranqüila e atesta realidades que podem ser vistas. Nessa exposição, Jesus se soma a todos os mensageiros de Deus, formando o “nós”. Não defende uma visão singular. Afinal, vimos que os profetas já falaram a respeito da necessária renovação de um ser humano através de “água e Espírito”. Agora, porém, acontece uma decisão no coração do ouvinte. Será que o diálogo se restringe a perguntas e análises, ou será que o testemunho de Jesus é “aceito” seriamente? Jesus vê o resultado também num homem como Nicodemos: **“Contudo, não aceitais o nosso testemunho.”** Nessa declaração ele reúne num mesmo “vós” o seu hóspede e os seus grupos de fariseus, assim como o próprio hóspede falou em nome de seu grupo no início do diálogo: “Sabemos...” Nenhum de nós tem facilidade para se soltar de seu contexto, mas é confirmado e formado por ele. Jesus olha para a história inteira de seu povo: “Vós” homens dirigentes sempre rejeitastes a “nós”, mensageiros da verdade divina. Como poderia agora haver um desfecho diferente entre os fariseus e Jesus? Independentemente de quais tenham sido as razões, independentemente de como Nicodemos continuou se esforçando para valorizar Jesus e expressar sua veneração por Jesus (Jo 7.50; 19.39), ele não “aceitou” verdadeiramente o testemunho de Jesus nem o próprio Jesus.
- 12 Jesus falou de **“coisas terrenas”**, de coisas que acontecem na terra e fazem parte do âmbito da experiência humana. Na realidade o renascimento acontece quando alguém é “gerado” do alto, mas ele acontece com pessoas que vivem agora sobre a terra. Podemos **“saber”** a seu respeito e podemos **“vê-lo”**. No entanto, também existem **“coisas celestiais”**, mistérios de Deus e do mundo divino. Jesus poderia falar delas, pois as conhece também, como explicará a frase subsequente. Porém, se Nicodemos eventualmente veio com o objetivo de obter de Jesus, como um mestre especialmente credenciado, revelações extraordinárias sobre os mistérios de Deus, tendo assim com ele um diálogo particularmente profundo sobre temas derradeiros da teologia, então ele se enganou. Para Jesus (assim como para todas as testemunhas no NT) não importa o nosso interesse religioso, mas nossa “aceitação” sincera do testemunho referente à nossa perdição e salvação. Somente quando isso acontece uma igreja fiel poderá ficar sabendo também algo dos mistérios celestiais de Deus. No “Apocalipse”, o próprio João permitirá que a igreja tenha múltiplas visões do céu, embora obviamente com santa discricção. A Nicodemos (e a todos os seus pares), porém, Jesus declara: **“Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como creereis, se vos falar das celestiais?”**
- 13 Acontece que diante de Nicodemos está o Único que realmente tinha condições de falar de “coisas celestiais”, pois além dele **“ninguém subiu ao céu”**, como seria necessário para que alguém as conhecesse. Esse conhecimento possui somente **“aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem”**. Essas duas afirmações estão sintetizadas de forma abreviada na frase de Jesus: **“Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem (que está no céu).”**

É controvertido se o acréscimo “o Filho do Homem ‘que está no céu’” já fazia parte do texto original ou se representa um adendo muito antigo. De qualquer forma, sua comprovação por manuscritos é antiga e sólida. Seria mais fácil explicar a omissão de uma declaração tão complicada do que sua inclusão posterior, para a qual não se pode imaginar nenhuma razão flagrante. Pois a própria tradução da pequena frase é duvidosa. O particípio grego “*ho on*” também pode ser

dissolvido em “que estava”. Nesse caso sublinha-se mais uma vez o que já foi expresso na palavra do “descer”: o Filho do Homem pode falar de coisas celestiais porque ele desceu do céu e “estava” no céu. Contudo, se João de fato disse que o Filho do Homem “estava no céu”, então ele visa apontar, como em Jo 1.18, para o profundo mistério de Jesus: Jesus anda como ser humano pela terra e não obstante “está” ao mesmo tempo “no céu”, no seio do Pai. Conseqüentemente, é ele a testemunha, a única, de tudo o que preenche o céu.

14/15 Agora Jesus chega ao ponto decisivo de sua resposta à pergunta de Nicodemos: o lugar em que uma pessoa encontra esse ser gerado do alto e o nascimento da água e do Espírito. De forma aparentemente arbitrária e desconexa, mas na realidade numa correlação mais profunda e necessária, ele fala – da cruz. Esse profundo nexos se nos patenteia poderosamente na história da salvação. Suas grandiosas etapas se sucedem por impulso interior: Sexta-Feira Santa – Páscoa – Pentecostes. O envio do Espírito não pode acontecer antes que tenha havido Sexta-Feira Santa e Páscoa. Somente a suspensão da culpa universal, a consumação da reconciliação do mundo com Deus, o sacrifício do Filho e sua exaltação subsequente é que abrem o caminho para que o Espírito habite na igreja e em cada um que crê.

Paulo explica a mesma correlação de forma pedagógica em Rm 8.1-4. Também ali parece que “justificação” (v. 1), “ação do Espírito” (v. 2) e a morte expiatória do Filho de Deus (v. 3) estão arbitrariamente mesclados; porém o v. 4 mostra que se trata do caminho necessário para uma nova existência no Espírito Santo, de um caminho que passa inevitavelmente pela cruz. Da mesma maneira a palavra de Pedro no dia de Pentecostes confirma essa verdade. Somente aquele que primeiramente deixa que o Salvador Jesus crucificado e ressuscitado lave seus pecados e o salve dessa geração perversa pode obter a dádiva do Espírito (At 2.38-42).

É sobre essa questão, pois, que Jesus precisa falar também com Nicodemos. Contudo, como explicará a um escriba judaico a cruz que será erigida no Calvário somente anos depois? Aí Jesus recorre à história da serpente de bronze (Nm 21.8,9), bem conhecida de Nicodemos. Por isso basta que Jesus fale “da” serpente. **“E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto...”** A imagem surge diante dos olhos de Nicodemos: a grande multidão, mordida por serpentes abrasadoras por causa de sua culpa, morrendo sem salvação. **“Desse modo”**, Nicodemos, é também hoje a situação do ser humano com sua culpa diante de Deus. Não é hora de elaborações teológicas interessantes, pois a salvação está em jogo! Naquele tempo a salvação para Israel veio por meio da serpente de bronze. A mordida letal das serpentes era curada pela imagem da serpente. Contudo ela precisava ser **“levantada”**, pendurada no alto de um poste, para que todo moribundo a pudesse ver. Pois disso resultava a salvação. Somente uma coisa que pudesse ser feita também pela pessoa mais frágil: “olhar” para a serpente. “Desse modo”, exatamente assim, terá de acontecer hoje novamente para que pessoas sejam salvas e por meio da salvação alcancem o novo nascimento no Espírito Santo. **“Assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que crê tenha nele a vida eterna.”** A miséria não reside simplesmente na ausência do Espírito. A mordida da serpente do pecado acarreta a morte. Por isso também hoje uma “imagem de cobra” precisa curar. O Filho do Homem e Filho de Deus é “feito pecado” (2Co 5.21), a fim de salvar do pecado. Para tanto, também ele precisa ser “levantado”, ser pendurado no poste e tornado mundialmente presente através da ressurreição e ascensão, **“para que todo o que crê tenha nele a vida eterna”**. Pois também nesse caso não se precisa de nada além do “olhar”, do olhar crente para ele.

Quando Nicodemos pergunta como uma pessoa pode alcançar o novo nascimento, a nova vida – aqui está sendo citado o passo decisivo. Olhar para o carregador dos pecados alçado até a cruz traz consigo a vida. Essa vida é designada, aqui como em muitos textos, de vida “eterna”. A palavra “eterno”, porém, não significa uma “eternidade” em termos filosóficos, contraposta ao “tempo”. Muito menos significa meramente “infinitude”, que como tal seria algo terrível. Na verdade seria vida “eônica”, i. é, “que pertence ao *éon* [= era] futuro, novo” e que traz consigo as características do mundo vindouro. Com toda a certeza também a “incorruptibilidade” e “imortalidade” (1Co 15.42-44) fazem parte dela. Acima de tudo, porém, faz parte dela a glória divina com sua plenitude de vida e amor. Somente nela uma existência eterna é transformada em existência bem-aventurada (Rm 8.18; 8.29; 8.30; 1Co 2.7; 2Co 4.17). É uma vida em que podemos ser, desde já, pessoas plenas e configuradas pelo Espírito de Deus (1Co 15.4,49).

16 Por causa de sua infinita importância, Jesus em seguida repete mais uma vez a sua afirmação, aprofundando-a, e cunhando a palavra que faz parte das mais conhecidas de toda a Bíblia e que com

razão foi chamada de “evangelho no evangelho”. **“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu único Filho, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”** Jesus cita a fonte, da qual jorra todo o acontecimento, e que concede a pessoas perdidas vida eônica, eterna e divina. Essa fonte é o amor de Deus.

Tudo depende, porém, de que observemos a enfática palavra **“de tal maneira”**, que caracteriza esse amor de Deus. De forma alguma consta apenas “tanto”. O conteúdo é também: “Deus ama o mundo tão intensamente, tão incompreensivelmente, tão profunda e poderosamente.” Esse “de tal maneira”, no entanto, corresponde ao “assim” do v. 14.

“Assim”, do mesmo modo como foi explicado o paradigma da serpente de bronze, “assim” Deus amou o mundo. Unicamente “assim” ele podia amá-lo. Esse amor não tem nada a ver com a amabilidade inofensiva de um “Deus querido” diante do mundo. O mundo é de fato “mundo”, criatura alienada de Deus, hostil a Deus, perversa (cf. Jo 1.5,10). A esse **“mundo”** o santo e vivo Deus somente pode amar “de tal maneira” que deu o único Filho, fazendo-o “serpente de bronze”, pecado, até mesmo maldição (Gl 3.13). Em lugar de “Filho do Homem” diz-se agora enfaticamente **“o Filho, o único”**. Esse Filho precisa ser **“dado”**, entregue, até ser abandonado por Deus na cruz. “Assim” é o amor de Deus. Por essa razão ele também não pode ser simplesmente encontrado na natureza, na história, mas apenas onde essa entrega do Filho está diante de nós: na manjedoura, no Cordeiro de Deus, que incansavelmente tira o pecado do mundo, no Senhor da glória açoitado e cuspidor, no Rei que morre no madeiro. **“Porque de tal maneira Deus amou.”**

Portanto, não é verdade que nós já soubéssemos o que é “amor”, para em seguida constatar que também Deus tem amor pelo mundo. Não, somente nesse amor de Deus pelo mundo aprendemos realmente o que é amor verdadeiro. É o amor que não se alicerça sobre o outro e seus modos amáveis, mas que jorra livre e cabalmente de si mesmo e verdadeiramente transforma o “inimigo” em “pessoa amada”. Só é possível falar desse amor com admiração.

Na declaração de que esse amor vale para o “mundo” está a base da certeza de que ele também vale para mim. Porque também faço parte desse “mundo”. Com base nessa palavra posso ter tanto mais confiança nesse amor de Deus quanto menos eu quiser ser algo “melhor”, e quanto mais eu me incluir nesse “mundo”.

No entanto, esse mundo é um mundo dos “perdidos”. Ainda que o presente versículo diga, como bendita mensagem de alegria: **“para que todo o que nele crê não se perca”**, ainda assim diz-se, com toda a seriedade, que toda pessoa está **“perdida”** sem o amor salvador de Jesus. Essa seriedade não pode ser ignorada de forma alguma! Do contrário, a frase toda seria depreciada. A mensagem de Jesus, a mais maravilhosa mensagem do mundo, é tão incondicionalmente necessária porque traz a redenção aos **“perdidos”**. A palavra **“perder-se”** significa “perecer, sucumbir, morrer”. E do mesmo modo que a “vida”, esse “perecer” é “eterno” (2Ts 1.9), “eônico”, transformando o éon vindouro das pessoas perdidas numa experiência terrível, da qual Jesus fala em Mt 8.12; 22.13.

Mais uma vez cita-se a única “ação” agora exigida da pessoa: “crer nele”. Esse “crer” já está “olhar” para a serpente de bronze. Não é uma “realização”. É um ato executável pelo mais humilde e fraco. Não requer força. Não obstante, algo grandioso reside no fato de que o próprio ato já constitui o começo da nova vida. Quem realmente **“crê”** e olha com fé para a cruz, dá-se a si mesmo por perdido, e reconhece unicamente sua libertação no Filho de Deus, que foi sacrificado. Quem crê, verdadeiramente honra a Deus como Deus, agarra o incompreensível amor de Deus, considera Jesus, o Filho do Homem, como sendo o único Filho de Deus, que se sacrifica por ele, o pecador digno de morte. Nisso, porém, a “perdição” que pesa sobre cada pessoa já é suspensa. Esse “crer” conduz ao “ter” da vida eterna. Sem dúvida o novo éon ainda está por vir. Por isso, a vida que lhe pertence é vida futura. Apesar disso, não apenas a esperamos, mas já a **“temos”** agora. João não se cansa de enfatizar isso. “Ter” é possível porque não se trata de uma “eternidade” filosófica, que seria um mero contraste ao “tempo”, mas da vida divina, que também já pode ser vivida no tempo presente. Essa “vida” está presente na palavra, em Cristo, como ouvimos em Jo 1.4, e Cristo “vive” nos que crêm: Gl 2.20.

Como é homogêneo, simples e claro o evangelho conforme todas as suas testemunhas! Como essa frase central do presente trecho é coincidente com a declaração evangélica fundamental de Paulo em Rm 1.16 e 1Co 1.21. Se buscarmos pela “justiça”, se desejarmos a verdadeira “sabedoria”, se ansiarmos pela renovação radical da vida corrompida, o evangelho sempre dará esta única resposta, facilíssima mas apesar disso tão poderosa: A verdadeira sabedoria, a justiça que vale perante Deus e a

“vida eônica” são encontradas por aquele que crê na cruz, onde o santo Filho de Deus se torna “serpente”, pecado, maldição por nós.

17 Portanto, fica claro: embora Israel visse o Messias vindouro como o devastador dos ímpios, embora o Batista o tenha proclamado como o homem que varre sua eira com a pá (Mt 3.10 e 12), e embora nossa própria consciência pesada somente possa esperar por ele desse modo, temerosamente, a realidade de sua vinda atual é admiravelmente diferente: **“Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.”** Em Jesus deparamo-nos agora somente com o Salvador.

18 **“Quem nele crê não é julgado.”** Quanto está contido nessa pequena frase! Como é estranho que, ao contrário do que diz essa frase, geralmente pregamos nas igrejas que também os que crêem terão de sofrer o juízo que virá sobre o mundo. Com base na clara palavra de Jesus, cada pessoa que crê tem o privilégio de viver e morrer com a bendita certeza “Não serei julgado.”

Se isso for verdade, necessariamente também é verdade o seguinte: **“O que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do único Filho de Deus.”** No grego usa-se para “não” um termo que não apenas constata um fato, mas que expressa uma atitude negativa, defensiva. Praticamente poderíamos traduzir assim: “Quem não quer crer, já está julgado.” Faz parte do mistério da fé que ela certamente é dádiva e produto da parte de Deus, mas que apesar disso não exclui nossa vontade própria. Ninguém chega à fé e permanece nela sem uma decisão em sua vontade pessoal. Seja como for, negar-se a crer é uma ação da própria pessoa. Por natureza é rejeição do amor salvador de Deus em sua forma mais clara e brutal. Em última análise, essa rejeição origina-se no orgulho do ser humano, que pensa que não necessita desse amor, porque não quer admitir sua perdição. Não ter **“crido no nome do único Filho de Deus”**, portanto, não é dizer não a uma concordância forçada com quaisquer assertivas dogmáticas! A verdadeira “incredulidade” sempre tem razões profundas e essenciais na pessoa, motivo pelo qual é uma decisão da pessoa, que a transforma em alguém que já está julgado. Quem não quer aceitar o ato redentor de Deus na entrega do Filho está forçosamente sujeito ao juízo e, conseqüentemente, já está julgado, ainda que isso venha a ser definitivamente manifesto apenas naquele dia diante do grande trono (Ap 20.11ss).

19 Jesus ainda diz uma palavra esclarecedora a respeito dessa questão importante. Não para julgar, mas para salvar Deus enviou Jesus ao mundo. Precisamente nisso, porém, processa-se um juízo que é mais assustador e inescapável do que qualquer juízo a partir da lei. Quando a lei pronuncia a sentença de morte sobre nossos pecados, na realidade ela tem razão. Apesar disso, uma pessoa jamais precisa perder-se em seus pecados, por mais hediondos que eles sejam. O amor salvador de Deus leva embora todos os pecados. Porém, quem rejeita esse amor salvador entrega-se a si mesmo à perdição. O que vem ao mundo como “salvação” a partir do amor de Deus, i. é, como o oposto a qualquer “juízo”, apesar disso passa a ser o juízo derradeiro. **“O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz.”** A luz veio ao mundo; isso é pura graça da nascente do amor. O que mais poderia ter movido a luz a brilhar nas trevas (Jo 1.5)? Por si mesma a luz não deseja outra coisa além de graça – ela quer iluminar, salvar da escuridão, conceder na luz a vida. Porém, fica patente que justamente essa graça se torna juízo. Fica evidente que **“as pessoas amam mais as trevas do que a luz.”** Jesus pode afirmar isso porque “sabe o que está no ser humano” (Jo 2.25). Ele não se entrega a ilusões com vistas a Nicodemos e os círculos dirigentes do povo. Para Jesus, essa terrível “predileção” das pessoas pelas trevas acarretará a cruz, mas também seus emissários sofrerão grande parte dela (cf., p. ex., At 13.46; 2Co 1.15s; 4.4). A experiência no mundo inteiro corrobora o que foi dito aqui.

20 Também é possível reconhecer a razão desse acontecimento. Por que “as pessoas amam as trevas mais do que a luz”? João responde: **“Porque as suas obras eram más.”** E acrescenta, a título de esclarecimento: **“Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüídas as suas obras.”** Cada um de nós sabe o que está sendo descrito. Tudo o que é mau, impuro e horrendo tenta se esconder e ama a escuridão da mentira, negando-se a si mesmo ou desculpando e justificando-se com inverdades.

21 Como devemos entender todas essas declarações? Será que o pensamento está dirigido a uma espécie especialmente má de pessoas, às quais agora (v. 21) se contrapõe a “boa pessoa”: **“Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus”**? Em consonância com isso, será que somente essas pessoas “boas” vêm a Jesus, a

luz de Deus? Mil e novecentos anos de história do evangelho contradizem esse tipo de concepção. Os publicanos e as prostitutas sempre entram no reino dos céus (Mt 21) antes das pessoas que se consideram boas, justas e devotas e até querem ser consideradas dessa forma pelos outros. Porém o v. 19 também não havia destacado uma espécie singular de “pessoas más” dentre a humanidade, mas suas afirmações eram simplesmente sobre “as” pessoas. “As pessoas”, todas elas sem exceção, são como estão descritas no v. 19. Contudo, como João é capaz de dizer: **“Quem, porém, pratica a verdade...”** Aqui nos defrontamos pela primeira vez com a curiosa expressão **“praticar a verdade”**. Nós pensamos que importa reconhecer a verdade, sabê-la, entendê-la. No cristianismo geralmente também buscamos apenas essa percepção racional da verdade. Usamos um conceito de verdade que significa apenas um “pensamento correto”. João, porém, como já notamos (acima, p. ...[58] no exposto sobre Jo 1.17), usa **“verdade”** para expressar a realidade efetiva da vida em contraposição a toda a aparência e a todo o encobrimento da realidade pela mentira. Por isso, não somos levados à verdade como tal pelo pensamento em si, mas pelo passo cheio de conseqüências, que desiste de fugir para a escuridão e assume a realidade tal como ela é. Essa é a primeira e fundamental **“prática”** da verdade. **“Praticar a verdade”**, portanto, em primeiríssimo lugar significa o mesmo que aquilo que chamamos de “arrepender-se”. É deixar a escuridão que nos encobre e entrar na luz, na qual obviamente são expostas nossas obras, nossas obras más por natureza. Podemos nos arriscar a dar esse passo somente quando essa luz reveladora de Deus em Jesus é reconhecida simultaneamente como luz salvadora e renovadora. Arrependimento verdadeiro, sem restrições, acontece unicamente diante da cruz. No entanto, essa penitência, esse tornar-se verdadeiro na luz e, ainda, essa “fê” no Filho de Deus exaltado na cruz, o Salvador dos que estão perdidos em si mesmos, essas são obras **“feitas em Deus”**. Isso se confirma pela própria resposta de Jesus à pergunta de como se pode “realizar as obras de Deus”. “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” (Jo 6.28s).

Contudo, a pessoa que dessa maneira **“pratica a verdade”** não é mais “carne”. Ela é gerada do alto e nascida de novo, razão pela qual pode ver a soberania de Deus e ingressar nela. Sim, ela vive nesta soberania desde já, “liberta do império das trevas e transportada para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13). Também esse fato é demonstrado pela história da proclamação de Jesus durante todos os séculos, em todos os continentes e entre todos os povos. Nicodemos veio apenas para ter um diálogo teológico com o “mestre” Jesus e saber dele qual posição ele na realidade reivindicava para si. Jesus, porém, o colocou diante da decisão de praticar a verdade e vir para a luz ou permanecer na perdição. Somente uma decisão dessas manifesta se Jesus de fato foi apenas um grande mestre ou se é substancialmente o Messias e o Doador da vida aos perdidos. João não nos diz nenhuma palavra sobre o desfecho do diálogo. Isso faz parte da seriedade com que encara a veracidade de sua exposição. Um “diálogo com Nicodemos” inventado não teria perdido a chance de mostrar a vitória de Jesus sobre o proeminente fariseu.

Como mostram as notícias posteriores, Nicodemos não conseguiu se soltar de Jesus. Contudo, nem mesmo Jo 19.39 é realmente um testemunho daquele nascer do alto sobre o qual Jesus havia falado com ele.

O ÚLTIMO TESTEMUNHO DO BATISTA – João 3.22-36

- Depois disto, foi Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia; ali permaneceu com eles e batizava.
- ²³ – Ora, João estava também batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali muitas águas, e para lá concorria o povo e era batizado.
- Pois João ainda não tinha sido encarcerado.
- ²⁵ – Ora, entre os discípulos de João e um judeu suscitou-se uma contenda com respeito à purificação.
- E foram ter com João e lhe disseram: Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro.
- ²⁷ – Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada.
- Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor.
- O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim.

³⁰ – Convém que ele cresça e que eu diminua.

– Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos

³² – e testifica o que tem visto e ouvido; contudo, ninguém aceita o seu testemunho.

– Quem, todavia, lhe aceita o testemunho, por sua vez, certifica que Deus é verdadeiro.

³⁴ – Pois o enviado de Deus fala as palavras dele, porque Deus não dá o Espírito por medida.

– O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos.

– Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.

22 Como muitos outros peregrinos, Jesus viera a Jerusalém para a festa da Páscoa. Não tem a intenção de permanecer mais tempo em Jerusalém, por mais significativa que se tenha tornado sua primeira atuação ali. Jesus, porém, não retorna simplesmente para a Galiléia, como imaginamos involuntariamente de acordo com todo o quadro traçado pelos sinóticos, mas **“depois disto, foi Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia; ali permaneceu com eles e batizava.”** Percebemos que o apóstolo e testemunha ocular João é capaz de nos relatar algo que sem ele jamais saberíamos. Há uma permanência mais longa de Jesus com seus discípulos na região da Judéia. Essa região se estende até o rio Jordão. Devemos imaginar que Jesus batizava ali. Vimos como Jesus permaneceu junto de João Batista e não aderiu diretamente ao seu movimento (Jo 1.43). Contudo, o batismo como João o realizava é para Jesus tão claramente a vontade atual de Deus, e não apenas uma iniciativa autônoma de João Batista, que Jesus por sua vez também executa essa vontade de Deus.

23 Essa informação confirma nossa leitura da palavra de Jesus sobre “água” e “Espírito” em Jo 3.5. A “água” do batismo de arrependimento de João possui para Jesus uma necessidade tão imprescindível como caminho para a salvação que ele próprio o aplica. Era dessa “água”, e não do batismo cristão posterior, que ele falava ao conversar com Nicodemos.

João Batista continua sua própria atividade de batismo. João sabe muito bem onde ela acontecia: **“Ora, João estava também batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali muitas águas.”** Não sabemos com segurança a localização dos dois vilarejos. Pelo menos Jerônimo (cerca de 345-420 d. C.), que desde 386 d. C. dirigia um mosteiro em Belém, informa que havia um lugar com esse nome 12 km ao sul de Citópolis. Ainda hoje existe um local chamado “Salim”, 5,5 km a leste de Siquém. De acordo com esse dado, João teria transferido sua atividade de “Betânia além do Jordão” (cf. o exposto sobre Jo 1.28) mais para o norte. Nesse caso torna-se especialmente importante o acréscimo de que pessoas também **“concorriam para lá”**, à região mais afastada, **“sendo batizadas”**. Desde o início João procurou o isolamento e esperou daqueles que buscavam a salvação que viessem até ele. Jesus foi para Jerusalém e de imediato atuou com plena publicidade na capital de seu povo, confrontando Israel como um todo com a decisão. Nesse aspecto transparece uma diferença significativa entre João Batista e aquele que é pessoalmente o Messias.

24 O evangelista constata expressamente: **“Pois João ainda não tinha sido encarcerado.”** Com essa nota ele corrige conscientemente o relato de Mc 1.14, segundo o qual Jesus teria começado sua atividade pública somente depois do aprisionamento do Batista. Esse quadro não é bem correto. Somos informados pela boca de uma testemunha ocular que João Batista e Jesus estiveram atuando por certo tempo lado a lado como enviados de Deus, se bem que em locais distintos.

25 Esse lado a lado torna-se assunto de uma controvérsia: **“Ora, entre os discípulos de João e um judeu suscitou-se uma contenda com respeito à purificação.”** Não se diz nada sobre o conteúdo exato dessa disputa. Ela poderia ter versado genericamente sobre questões da “purificação”, p. ex., sobre a relação do novo “batismo” com as muitas “abluições” que todo judeu conhecia e realizava. A continuação, porém, revela que o judeu evidentemente perguntou se a “purificação” através do batismo não seria mais eficaz com Jesus do que com João, porque estaria sendo muito mais procurada e atraía cada vez mais pessoas.

26 Os discípulos de João, movidos por essa pergunta, dirigem-se ao próprio João **“e lhe disseram: Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro.”** Seu mestre deve posicionar-se pessoalmente diante dessa realidade, ajudando desse modo também a eles, para que compreendam corretamente uma evolução das circunstâncias que para eles é deprimente.

- 27/28** Assim surge a ocasião para um novo testemunho de João Batista, que é o último que João relata. Pouco tempo depois João Batista deve ter sido preso e morto. O último testemunho retoma inicialmente as afirmações anteriores e lembra aos discípulos de João expressamente que: **“Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor.”** Contudo, uma breve frase é colocada na frente, a fim de criar a orientação correta desde já nos discípulos questionadores. **“Respondeu João: Um ser humano não pode tomar coisa alguma se do céu não lhe for dada.”** Isso certamente é uma verdade humana genérica (“um ser humano”), apesar de todas as pretensões e de todos os sucessos aparentes no mundo. Inequivocamente, porém, ela é válida para toda a atuação na história divina. Toda **“tomada”** autocrática, por mais apaixonada que possa ser e por mais magnífica que possa parecer por um tempo, permanece completamente vã e sem eficácia real. Nisso os discípulos podem ficar tranquilos. Seu mestre podia e pode realizar unicamente aquilo que Deus lhe deu como incumbência e autoridade. A grandeza e o limite de sua atuação estão na determinação: **“enviado como precursor do Messias”**. No entanto, também Jesus não arroga “nada” por presunção própria. A ele realmente foi “dado” o dom totalmente diferente, o de ser pessoalmente o Messias.
- 29** E agora João Batista concretiza seus testemunhos anteriores de uma maneira esplêndida. Essas palavras nos permitem entrever uma parcela da história real que João Batista experimentou. Ele usa como ilustração os costumes nupciais da época. Isso era possível porque de forma geral o tempo messiânico era considerado “tempo de núpcias”. Desde que os “Cantares de Salomão” haviam sido acolhidos no cânon do AT e eram interpretados de modo simbólico, via-se “Israel”, a “comunidade”, como a “noiva” de Deus. Isso havia sido preparado pela singular pregação de Oséias (Os 1 e 2). Conseqüentemente, também aquilo que João Batista diz agora a seus discípulos por um lado constitui uma comparação simples da vida. Por outro lado precisa ser ouvido e compreendido de maneira “messiânica”. **“O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está em pé e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo.”** O **“amigo do noivo”** não é simplesmente qualquer um de seus amigos. Pelo contrário, ele é o amigo importante que ele enviou para pedir a mão da moça, que obteve o sim dos pais da noiva e que agora conduz a noiva até o noivo. No dia das bodas ele atinge ao alvo de sua atuação e demonstra plena alegria com a “voz do noivo”, que fala de seu amor pela noiva. É assim que esse amigo **“está em pé”**, destacando-se, por meio desses “sinais”, da grande multidão dos convidados das bodas, sentados ou deitados. Inequivocamente, porém, o **“noivo”** é apenas o outro, **“o que tem a noiva”**. João sabe que para Jesus ele é esse **“amigo”**. Sua tarefa foi preparar Israel para a vinda do Messias, conquistando para ele e encaminhando-lhe um povo preparado como “noiva” (Lc 1.17). Essa tarefa foi cumprida. O noivo chegou, sua **“voz”** pode ser ouvida. Agora João não pode nem deseja ter outra alegria além dessa alegria de “amigo”. Ele o expressa assim: **“Essa alegria já se cumpriu em mim.”** Unicamente Jesus é importante, porque ele é o noivo que **“tem a noiva”**. Em vista disso é totalmente correto que Jesus cresça e João diminua.
- 30** **“Ele precisa crescer e eu diminuir.”** Isso acontece desde já naquela guinada do movimento batista que causa preocupação aos discípulos de João. Em torno de João o alvoroço diminui, **“todos”** vêm a Jesus. E em breve esse **“diminuir”** será bem mais sério. João, o poderoso cabeça do movimento de avivamento, desaparecerá no cárcere solitário e perderá a vida por causa do ódio de uma mulher e da dança sensual de uma moça. Jesus, porém, há de **“crescer”** para ser **“Kyrios”**, Senhor e Salvador, o cabeça da nova igreja dos renascidos, que agora já podem ter a vida da era vindoura.
- João, porém, afirmou isso de forma integral, e reconheceu nisso uma necessidade sagrada. Por isso ele disse a seus discípulos que **“precisa”** ser assim. Com isso ele conferiu à igreja de Jesus e a todos os seus servos e servas uma regra inesquecível. Qualquer atuação na igreja unicamente poderá servir para que Jesus **“cresça”** e se torne grande. Em contrapartida, toda “grandeza” humana precisa **“diminuir”** e ser anulada. Servos e servas de Jesus têm o privilégio de, como João, consentir, com plena alegria, também quando esse **“diminuir”** às vezes acontece de modo muito concreto e doloroso.
- É provável que o discurso de João Batista termine aqui. Ele é acolhido e continuado diretamente pelo testemunho do evangelista, que transmite à igreja, em termos fundamentais e abrangentes, aquilo que João Batista havia dito a seus discípulos a partir de sua situação.
- 31** **“Quem vem das alturas está acima de todos.”** Entre Jesus e João Batista (e todos os “grandes” no reino de Deus) não existe apenas uma diferença de graduação na magnitude daquilo que receberam do céu. Pelo contrário, prevalece um contraste qualitativo de todo o ser. **“Quem é da terra é terreno**

e fala da terra.” João Batista ou o evangelista falam de “**ser**” da terra, sublinhando mais uma vez esse “ser”: esse “é” terreno, e toda a sua natureza, são necessariamente determinados pela “terra”. Mesmo com a melhor das intenções ele não consegue libertar-se desse condicionamento, nem mesmo em suas mais elevadas realizações espirituais. É por isso que “**ele fala da terra**”.

De uma espécie totalmente diferente é aquele que não “**é da terra**”, mas “**vem do céu**”. Ele está “**acima de todos**”. Isso é claro em si mesmo. Nós, porém, não precisamos mais perguntar se realmente existe alguém “**que vem do céu**” e quem, afinal, seria ele. É de Jesus que se fala. O testemunho duplo da presente frase: “**Quem vem das alturas... quem veio do céu está acima de todos**” vale para Jesus e sua glória. Por causa de sua origem, que determina sua natureza, Jesus é superior a todas as pessoas, também às maiores que jamais existiram ou ainda existirão. Pois “**ser da terra**” ou “**vir do céu**” resulta um contraste total, que não pode ser sequer minimamente alterado por nenhuma grandeza humana.

- 32 Esse que vem do céu é o único capaz de ser uma verdadeira “testemunha” das coisas celestiais, da verdade e da realidade de Deus. “**E testifica o que tem visto e ouvido.**” Recordamos o diálogo com Nicodemos no início do capítulo. Também Jesus é “testemunha”. Sim, precisamente Ele é a testemunha no sentido mais sublime e puro, a “testemunha fiel e verdadeira”, como Ele se autodenomina no Apocalipse (Ap 3.14). Ele “**testifica**” o mais grandioso que existe, a verdade de Deus, e somente Ele a atesta integral e limpidamente. Pois somente Ele preenche a condição da verdadeira “testemunha”, que é “**ter visto e ouvido**” pessoalmente. Mais uma vez, porém, como já em Jo 1.5; 1.10s; 3.11, aparece a constatação do fato incompreensível: “**Contudo, ninguém aceita o seu testemunho.**” A busca por Deus, por sua essência e vontade, é a busca decisiva acima de tudo. Em Jesus está no mundo o único que pode responder a essa pergunta como “testemunha”, porque ele vem do céu. Mas essa resposta, essa testemunha é rejeitada!
- 33 Novamente, como em Jo 1.10-12, contrapõe-se à primeira afirmação, com seu “**ninguém**” aparentemente absoluto, uma segunda constatação, de que apesar disso é capaz de falar de pessoas que dão ouvidos à palavra de Jesus. “**Quem, todavia, lhe aceita o testemunho, por sua vez, certificou [com esse ato] que Deus é verdadeiro.**” É justamente dessa forma paradoxal que João descreve corretamente a realidade. Quando, sabendo da singularidade do testemunho de Jesus, contemplamos o globo terrestre em que milhões e milhões nem sequer por um instante prestam atenção a esse testemunho, então nosso coração ouve: “**Ninguém aceita o seu testemunho.**” Não obstante, quando viajamos pelo planeta, encontramos em todos os lugares, mesmo nos becos mais distantes, pessoas que aceitaram a mensagem. Com esse ato “**selaram que Deus é verdadeiro**”. É uma asserção que nos espanta. Não é justamente o contrário, que Deus sela ao que crê (2Co 1.22)? Será que um ser humano é capaz de selar a veracidade de Deus? Sim, o fiel faz isso quando “crê”. Ao crer, ele coloca seu selo sob a promessa de Deus. Ele testemunha que Deus não mente para nós nem nos ilude, mas que Ele é “veraz” e nos coloca sobre a rocha da realidade santa e bendita. Fé não é um sentimento religioso difuso, não é pensar e achar de forma insegura. A fé tem a ver, em grau máximo, com a verdade. A fé possui seu apoio sólido no fato de que ela honra a verdade e veracidade de Deus. E inversamente, o aspecto pecaminoso da incredulidade é que faz de Deus um mentiroso.
- 34 Contudo, como é que eu selo a veracidade de Deus quando acolho o testemunho de Jesus? “**Pois o enviado de Deus fala as palavras dele.**” Jesus é uma “testemunha” autêntica pelo fato de que ele não diz nada a respeito de si, mas, como enviado de Deus, somente “fala as palavras de Deus”. Ocorre que aqui não se fala das “palavras” (“*logoi*”) de Deus, mas daquelas “palavras” (“*rhemata*”, em hebraico “*debarim*”), que são “palavras-ação”, palavras eficazes, criadoras de história. Jesus é capaz de proferir de forma tão direta essas palavras de Deus que acontecem, porque ele é o receptor e portador do Espírito de Deus. E “**Deus dá o Espírito sem medida**”. Obviamente, como mostrará o versículo seguinte, isso somente pode ser afirmado “do Filho”, mas ainda não dos profetas, que apenas recebiam iluminações e atuações do Espírito para determinadas tarefas, ou seja, somente tinham o Espírito em certa “medida”. No entanto, para o Filho vale o “**sem medida**”. Quando se diz literalmente “**não por medida**”, a idéia subjacente é a do vendedor que enche uma medida de sua mercadoria, para depois derramá-la na vasilha do comprador (cf. Lc 6.38). Não é assim que Deus age quando concede o Espírito divino ao Filho amado. Deus lhe concede o Espírito irrestrita e integralmente. É por isso que cada pessoa que aceita o testemunho de Jesus coloca, com isso, o seu selo sob a veracidade e confiabilidade de Deus. Ao ouvirmos com fé as palavras de Jesus não colocamos Deus de lado, mas honramos e reconhecemo-lo como fiel e verdadeiro.

35 Com essa constatação, chegamos a um traço característico que perpassa a mensagem de João em seu evangelho. Seu interesse é mostrar a unidade plena entre Jesus e Deus, entre o Pai e o Filho. Naquele tempo já deve ter existido aquela preocupação com que freqüentemente nos deparamos hoje até em círculos eclesiais, como se com o nosso testemunho de Jesus “deslocaríamos” ao próprio Deus e diminuiríamos a honra do Pai, situando o Filho no centro de nossos hinos, nossa pregação, nosso louvor e gratidão. Não, não há nada a temer nesse processo. **“O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos.”** Não é cabível que coloquemos nosso pensamento ciumento no coração de Deus ou de Jesus. Entre Pai e Filho prevalece o amor límpido e puro. O amor, porém, dá. O amor enriquece o amado. O amor se alegra quando o amado é visto e reconhecido com toda a riqueza de ser presenteado. Não apenas “algo”, não apenas “muito”, mas “tudo” Deus entregou na mão de Jesus. Quando também buscamos e encontramos “tudo” em Jesus, isso apenas corresponde à vontade divina e honra a própria atuação de Deus.

36 É por essa razão que na atitude diante de Jesus se decide nossa vida. **“Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, é desobediente ao Filho não verá vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.”** Não está escrito: “Quem crê em Deus”. Isso seria uma coisa totalmente indefinida, à mercê da arbitrariedade de nossos próprios pensamentos. Tampouco está escrito: “Quem crê no Pai.” O Pai não pode nem quer ser encontrado em nenhum outro lugar que não “no Filho”, em Jesus. Quem, porém, crê em Jesus, quem se confia integralmente a ele, esse tem assim vida eterna. Mais uma vez afirma-se o singelo e claro “ter” dessa vida. A pessoa não a terá após a morte ou eventualmente no último dia, mas ela a “tem” agora, ela vive desde já a vida eterna, a saber, por crer em Jesus. A mensagem de Jesus não remete para um futuro incerto, mas chama o ser humano para obter e ter a vida hoje e aqui.

A essa afirmação inaudita, porém, como já no v. 18, justapõe-se uma ameaça que, por seu aspecto terrível, é exatamente proporcional ao aspecto glorioso da afirmação e a protege contra todo mal-entendido superficial. João não substitui a formulação “quem não crê no Filho” pela expressão **“quem é desobediente ao Filho de Deus”** apenas por motivos lingüísticos. Do mesmo modo como Paulo (Rm 1.16; 2Ts 1.8), ele concebe “crer” como “obedecer”. Fé não é confirmar arbitrariamente quaisquer doutrinas e concepções. Fé é obediência diante daquele que vem ao nosso encontro com a luz da verdade divina. Em vista disso, a rejeição de Jesus não é uma livre opção da minha opinião pessoal, que posso realizar a meu bel-prazer sem que isso tenha algum significado para a minha vida. Rejeitar a Jesus é um ato de desobediência, que tem a imperiosa consequência de que não verei a vida. No texto, o termo “vida” é usado sem o artigo definido. Quem se nega a obedecer a Jesus pela fé **“não verá vida”**. Perdeu todo o direito à “vida”. Não verá nada daquilo que é “vida”. Sim, dele ainda se pode dizer algo pior. **“A ira de Deus permanece sobre ele.”** Da mesma forma como Paulo (Rm 1.18), João pressupõe que a ira de Deus paira sobre a humanidade toda. Unicamente onde o Filho de Deus sem pecado foi tornado pecado e onde, como Cordeiro de Deus, tirou o pecado do mundo, essa ira de Deus foi anulada. Unicamente quem assume o seu lugar ali, pela fé, está livre da ira de Deus. Quem, porém, se recusa a dar o obediente passo de fé até Jesus permanece necessariamente sob a ira de Deus. Nem a religiosidade própria, nem “ser bom” por si mesmo é capaz de salvá-lo da ira de Deus. Em sua incredulidade ele repele a única salvação. Consequentemente, precisa partir sob o fardo da ira de Deus. Que existência é essa já agora! E que eternidade será essa! Como é assustador e, não obstante, benéfico e salutar que o capítulo que nos trouxe o “evangelho no evangelho”, a palavra mundialmente conhecida do amor de Deus, termine com essa palavra da ira de Deus. Somente os v. 16 e 36 em conjunto nos transmitem toda a verdade. Um versículo protege o outro de mal-entendidos. Somente falaremos de forma correta da “ira” de Deus se proclamamos com toda força o amor de Deus, que nos preparou a salvação da ira. Porém, apenas proclamaremos corretamente o “amor” de Deus se não ocultarmos nesse ato toda a seriedade da ira de Deus. Cumpre dizer que sobre cada pessoa que despreza o amor de Deus revelado na entrega do Filho “permanece” a ira de Deus. Essa palavra proíbe que brinquemos com a idéia de uma “reconciliação universal”.

A ATUAÇÃO DE JESUS NA SAMARIA – João 4.1-42

¹ – Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João

² – (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos),

- deixou a Judéia, retirando-se outra vez para a Galiléia.
- ⁴ – E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria.
- Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José.
- ⁶ – Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.
- ⁷ – Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber.
- Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos.
- Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)?
- Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.
- ¹¹ – Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva?
- ¹² – És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado?
- ¹³ – Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede.
- Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.
- ¹⁵ – Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la.
- ¹⁶ – Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e vem cá.
- ¹⁷ – Ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido.
- ¹⁸ – Porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.
- ¹⁹ – Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta.
- Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.
- Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai.
- Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.
- Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.
- Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.
- ²⁵ – Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.
- Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.
- ²⁷ – Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou: Por que falas com ela?
- ²⁸ – Quanto à mulher, deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens:
- ²⁹ – Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?!
- ³⁰ – Saíram, pois, da cidade e vieram ter com ele.
- ³¹ – Nesse ínterim, os discípulos lhe rogavam, dizendo: Mestre, come!
- ³² – Mas ele lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.
- Diziam, então, os discípulos uns aos outros: Ter-lhe-ia, porventura, alguém trazido o que comer?
- ³⁴ – Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra.
- Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa.
- O ceifeiro recebe desde já a recompensa e entesoura o seu fruto para a vida eterna; e, dessarte, se alegram tanto o semeador como o ceifeiro.

– Pois, no caso, é verdadeiro o ditado: Um é o semeador, e outro é o ceifeiro.

³⁸ – Eu vos enviei para ceifar o que não semeastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.

– Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito.

– Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias.

⁴¹ – Muitos outros creram nele, por causa da sua palavra,

⁴² – e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo.

1-3 “Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João – se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos – deixou a Judéia, retirando-se outra vez para a Galiléia.” Não devemos supor que a atividade de Jesus na Judéia tenha sido breve. Uma vez que no v. 35 Jesus diz aos discípulos que calculem que ainda faltam quatro meses até a colheita, a época deve ter sido dezembro ou o começo de janeiro. Mesmo que Jesus tenha permanecido em Jerusalém dias ou até semanas após a Páscoa, ainda restam vários meses para a atuação na Judéia. Somente assim também era possível a formação de um movimento de grande porte, que causava graves apreensões aos fariseus. A Judéia é aquela região da Palestina que está mais firmemente ligada a Jerusalém. Por essa razão os fariseus têm um interesse especial no que acontece nessa área. Já se opuseram a João Batista e foram alvo de severa crítica por parte deste (Mt 3.7-10). E agora **“Jesus fazia e batizava mais discípulos que João”**. Nesse ponto o evangelista menciona que Jesus observou a mesma prática que se constata mais tarde nos apóstolos Pedro e Paulo (At 10.48; 1Co 1.17): sua própria função decisiva é a proclamação. Outros são encarregados do batismo. João não diz nada sobre ameaças expressas dos círculos farisaicos contra Jesus. De qualquer forma, porém, Jesus agora ainda tenta esquivar-se do conflito. Esse “ceder” de Jesus é característico. Sua “hora” ainda não chegou. Sua causa não é uma luta arbitrária e um heroísmo humano. Sua causa é obediência ao Pai, que nesse momento não manda sofrer, mas agir (Jo 5.17; 9.4). Por isso ele se retrai para a Galiléia.

4/5 “E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria. Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José.” Jesus não tem “planos” para um ministério na região da Samaria. Seu alvo é a Galiléia. Apenas acontece que o caminho passa obrigatoriamente pela Samaria. Mas aí “acontece” um episódio. Jesus chega a Sicar, que não deve ser confundida com Siquém – na verdade muito próxima. Provavelmente ela existe até hoje, na forma da aldeia Ascar, ao pé do monte Ebal. Uma vez que naquele tempo Siquém parece não ter tido nenhuma importância, é possível que, ao referir Sicar, João tenha citado o local mais importante daquela região. A localidade está situada **“perto das terras que Jacó dera a seu filho José”**. Também a terra samaritana possui suas antigas tradições sagradas. Quanto mais os judeus negavam a ascendência israelita autêntica e sua participação real no povo de Deus aos samaritanos, tanto mais zelosamente estes preservavam as recordações do tempo dos patriarcas. Por consequência, também os moradores de Sicar têm orgulho de saber: aqui, perto da cidade deles, está o terreno que Jacó comprou dos filhos de Hamor, conforme Gn 33.19s. A essa informação eles associavam a notícia de Gn 48.22, que falava de um “declive montanhoso”, dado por Jacó a José, como acréscimo à sua parte da herança. A ligação entre as duas passagens era vista na narração de Js 24.32 acerca do sepultamento dos restos mortais de José no terreno de Jacó.

6 Contudo, não é a “sepultura de José” que Jesus visita. Não dá valor ao costume judaico de enfeitar e venerar as sepulturas dos pais (Mt 23.29). É algo diferente que o atrai. **“Estava ali a fonte de Jacó.”** O AT não traz nenhuma comprovação desse dado, por mais que no geral ele traga informações a respeito dos poços do tempo dos patriarcas. No entanto, como evidencia o v. 12, as pessoas de Sicar estavam convictas de que Jacó construiu esse poço, bebendo dele ele próprio, seus filhos e seu gado. Inicialmente o poço é designado pela palavra “fonte” e depois, no v. 12, pelo termo exato “poço”. Consequentemente, não é uma cisterna que recolhe tão somente água das chuvas. As águas desse poço brotam da terra. Esse olho d’água, porém, foi encontrado somente por escavação, de sorte que o poço é “profundo”. Ele havia sido murado e coberto com um tampo. Era preciso descer um balde às profundezas para retirar água. Esse poço de Jacó pode ser encontrado ainda hoje, um pouco ao sul de Ascar. Quem caminhava da Judéia para Sicar chegava primeiro a esse poço antes de atingir a cidade

em si. Foi assim que também Jesus o encontrou. Os discípulos seguem imediatamente para Sicar, a fim de comprar algo para comer (v. 8). Porém, **“cansado da viagem, Jesus se assentou assim junto à fonte”**. Pode ter sido a beirada do poço sobre a qual se sentou, ou então um lugar sob uma árvore que convidasse para descansar. De qualquer forma, Jesus se assenta **“assim”**, i. é, sem maiores delongas, assim como vinha, exausto da caminhada. O Verbo realmente se fez **“carne”**. Jesus é uma pessoa real, que conhece o cansaço e busca o descanso.

- 7/8** No entanto, ele não consegue descansar. Pois **“nisto vem uma mulher da Samaria tirar água.”** A referência “da Samaria” não pertence a “ela vem”, mas a “uma mulher”. A mulher “vem” da vizinha Sicar, não da distante cidade de Nablo, que havia sido construída sobre as ruínas da antiga cidade da Samaria. Contudo, ela é da região da Samaria. Ela é de fato uma **“samaritana”**. O evangelista informa: **“Era por volta do meio-dia.”** Isso chama a atenção. Não se costumava buscar água na hora mais quente do dia, muito menos num poço tão afastado. Será que essa mulher teme encontrar-se com outras, que vêm buscar água pela manhã ou tarde? Em todo caso, Jesus viu imediatamente toda a miséria e decadência da vida dessa mulher. Será por isso que ele intencionalmente busca dialogar com essa mulher? Será justamente por isso que o diálogo com essa mulher desonrada e solitária começa com um pedido? Seja como for, **“Jesus lhe diz: Dá-me de beber.”**
- 9** Precisamente a pessoa solitária, porém, é sensível e desconfiada. **“Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?”** O evangelista acrescenta como explicação: **“Porque os judeus não se dão com os samaritanos.”** Uma inimizade antiga e profunda separa judeus e samaritanos. Após conquistar Samaria, os assírios haviam deportado uma grande parcela da população israelita e, em troca, assentaram estrangeiros de partes do império assírio (Ed 4.9s). Formou-se, assim, uma população miscigenada desprezada pelos judeus puro-sangue. E ao mesmo tempo surgiu uma curiosa mistura de religião. As famílias israelitas que haviam permanecido na terra se apegaram a Deus. Preservaram o Pentateuco, ou seja, os cinco livros atribuídos a Moisés, mas admitiam somente estes livros como Escritura Sagrada. Foram edificadas santuários para Deus na região, sobretudo um templo no Gerizim, o monte acima de Siquém. Igualmente entre os samaritanos a expectativa pelo Messias estava viva. Os colonos gentios foram trazidos para dentro dessa adoração a Deus, porque a pessoa daquele tempo, especialmente a pessoa gentílica, considerava que os deuses estavam firmemente ligados a uma terra. Já que viviam em terra israelita, tinham de prestar culto ao Deus israelita – além do culto aos próprios deuses. Tudo isso está descrito de forma bem plástica em 2Rs 17.41. Lá todo o desprezo racial e religioso por parte do judaísmo também é muito nítido. Depois que Israel retornou do cativeiro na Babilônia e depois da reconstrução de Jerusalém e do templo o contraste se acirrou (o livro de Neemias traz um quadro disso). A situação permanece inalterada até os tempos do NT. “Samaritano” é uma palavra ofensiva na boca dos judeus (Jo 8.48). Em vista disso, compreendemos o rechaço por surpresa ou também por ofensa contido na palavra da mulher samaritana. Ela é realmente uma “mulher da Samaria”, que não quer ter nada a ver com um “judeu”. Provavelmente Jesus podia ser reconhecido como judeu pelas “borlas” que ele usava em sua capa. Pois também o galileu é um “judeu”, subordinado e pertencente a Jerusalém.
- 10** Jesus responde com toda a calma proporcionada pelo amor e a consciência da verdadeira grandeza do que ele possui. Se ele realmente fosse apenas “um judeu”, a samaritana teria razão. Porém, fato é que a situação é totalmente outra. **“Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.”** Jesus começa agora a dirigir o diálogo a seu alvo específico. É preciso que a mulher tenha consciência pessoal da profunda miséria da sua vida, que Jesus vê diante de si com tanta clareza, e que faz dela uma pessoa carente e pedinte. Um ser humano somente terá coragem de dar a entender e formular sua necessidade quando puder ter certeza do auxílio. Por isso o diálogo precisa tornar-se, da parte de Jesus, um testemunho de si mesmo. Nesse momento, o testemunho apenas pode ser alusivo e promissor, sem dar mais detalhes sobre o doador e sua dádiva. Ele é associado a figuras como “água” e “sede”, que são ensejadas aqui junto ao poço. “Água viva” é a bela expressão oriental para a água de fonte. Porém a água “viva”, água cheia de vida num sentido bem diferente, é dada por Jesus ao ser humano cuja vida atesta tantos anseios não cumpridos e tanta busca fracassada por vida.
- 11/12** A mulher, porém, ainda não sabe nada de si mesma e de seu verdadeiro anseio. Ainda está totalmente entregue às necessidades e carências do cotidiano, como acontece por natureza com

peças simples em sua dura existência. Está cética em relação a todas as palavras grandiosas e encara a realidade com sobriedade. **“Ela lhe diz: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva?”** Ao mesmo tempo ela se irrita com a presunção desse “judeu” estranho. **“És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos cavou o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado?”** Enfaticamente, ela chama o patriarca Jacó de “o nosso pai”, pai dos samaritanos, diante desse “judeu”. Jesus precisa desenvolver o seu testemunho de forma mais poderosa ainda.

13/14 “Jesus respondeu e lhe disse: Quem beber desta água tornará a ter sede. Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.” Jesus permanece na metáfora da água. Numa terra quente em que a água, e ainda mais água “fresca” ou “viva”, é uma preciosidade necessária à vida, ela é usada como comparação para a salvação borbulhante e vivificante de Deus desde o AT. Cf., p. ex., Sl 23.2; 42.2; 65.10; Is 12.3; 44.3; 55.1; Jr 17.13; Zc 14.8. No entanto, aquilo que no AT ainda era anseio e promessa, agora está sendo cumprido por Deus. Jesus sabe que esse cumprimento do AT está em sua mão. Por outro lado, a nossa fé é grandemente fortalecida pelo fato de que por trás das afirmações de Jesus está a mensagem do AT. Mas para essa mulher tão apegada a seu pensamento cotidiano, terreno, Jesus passa a mostrar inicialmente a futilidade de seu pensar e labutar. Ao meio-dia ela está buscando água de longe para saciar sua sede. Como será breve esse refrigério para ela, logo a sede terá retornado. Assim, porém, acontece com todas as nossas “sedes”, com todos os anseios e buscas no âmbito terreno, nos quais na verdade investimos toda a nossa vida. No final isso é completamente vão. **“Quem beber dessa água, terá sede novamente.”** Acaso existe algo diferente? Assim como na história com Nicodemos, teólogo e membro do Sinédrio em Jerusalém, a novidade inaudita de Jesus é mostrada agora a uma mulher simples na Samaria, isto é, que ele, somente ele, mas realmente ele, tem para dar. **“A água, que eu lhe darei”,** é aquela “vida eônica” que Jesus ofereceu a Nicodemos. Essa água da vida verdadeiramente sacia a sede de vida. Contudo não o faz de forma a instaurar um mero sossego, não, a dádiva de Jesus **“tornar-se-á nele uma fonte de água que jorra para vida eterna.”** Mais uma vez é importante ater-se ao texto original. A tradução alemã de Lutero “que jorra em direção da vida eterna” pode causar o equívoco de que se trata da vida eterna que aguardamos para depois de nossa morte. Porém o texto grego **“para vida eterna”** nos remete ao tempo presente. Pelo dom de Jesus foi concedida dentro de nós mesmos uma fonte que desde já faz jorrar vida eterna. É um saciar constante da sede por meio da fonte que jorra sem cessar. Uma pessoa assim não permanece sozinha com essa fonte, mas torna-se – ainda que isso não seja aqui abordado tão expressamente como mais tarde em Jo 7.37s – ela mesma portadora de vida “plenificante” para outros. Essa mulher logo experimentará isso pessoalmente (v. 28-30).

15 Agora a mulher passa a pedir. Agora ela diz a Jesus: **“Dá-me!”** E também a interpelação **“Senhor”** mostra que ela começa a perceber algo da grandeza de Jesus. Por mais realistas e sóbrios que as pessoas simples sejam na luta da vida, elas também sabem captar muito bem a verdade mais profunda que lhes é apresentada numa ilustração concreta. Consequentemente, ela responde com a mesma metáfora que esse homem estranho havia usado, usando também ela essa ilustração aplicada à sua vida inteira, com sua miséria e futilidade: **“Senhor, dá-me dessa água para que eu não tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la.”** Afinal, ela também sabe que esse homem não tem consigo uma jarra mágica qualquer com água que jorra sem cessar. Por isso ela diz, meio irônica e meio desejosa de realmente recebê-lo:

eria maravilhoso não ter de correr mais e buscar água; seria maravilhoso não viver essa vida vã e sem sentido. Se puderes mudar isso, se tiveres a água que sacia a sede para sempre, então me dá dela!

16 Jesus nota que a mulher começa a compreender. No entanto, agora ela precisa compreender de uma vez por todas. Precisa ver sua vida em sua realidade total, unicamente então poderá reconhecer também “o dom de Deus”. Jesus não frustra o pedido da mulher. Pretende conceder-lhe o que somente ele tem para dar. Contudo, esse dar começa pela revelação implacável. Para essa mulher vale o mesmo que Jesus disse no final do diálogo com Nicodemos. Ela precisa “praticar a verdade” e “achegar-se à luz” (Jo 3.21). É por isso que Jesus lhe dá uma resposta que nos surpreende totalmente, do mesmo modo como surpreendeu a mulher: **“Vai, chama teu marido e vem cá.”**

17/18 Não é nenhum milagre que a mulher tentasse se subtrair dessa investida em sua vida mais pessoal. Esse homem lhe oferecia plenitude de vida, a qual ela gostaria muito de receber. Porém, que

tem ele a ver com todo o emaranhado da sua vida, com sua miséria concreta e toda a sua imundície?
“A mulher respondeu e disse: Não tenho marido.”

Para Jesus, porém, justamente sua vida real está em jogo. Jesus não lida com a superestrutura religiosa de nossa vida, e sim com essa vida como tal. Ele não veio para a “pessoa religiosa”, mas para o ser humano em toda a sua realidade miserável. A mulher havia proferido uma meia verdade, por meio da qual ela esperava esquivar-se para uma escuridão protetora. Novamente comprova-se como correta a afirmação de Jo 3.20. Jesus não admite essa fuga. Com seu conhecimento do ser humano (Jo 2.24ss), ele “vê” o pecado e miséria de sua vida de mulher, assim como ele “viu” Natanael debaixo da figueira. **“Jesus lhe diz: Com razão disseste, não tenho marido. Porque cinco maridos tiveste, e esse que agora tens não é teu marido.”** Jesus não repreende a mulher: “Estás mentindo”! Porém em sua frase “Não tenho marido” concentra-se justamente toda a miséria de sua vida. Repetidamente ela procurou o “marido” e, no “marido”, o aconchego, o amor, o sentido para a vida. Por isso teve cinco matrimônios, cujo desenrolar não é descrito em pormenores. Será que a morte pôs fim a alguns desses matrimônios? Será que a mulher foi expulsa por todos os cinco homens – nesse caso dificilmente sem que ela tivesse parte da culpa? No entanto, também sabemos com que facilidade o homem às vezes podia entregar uma carta de divórcio à mulher e demití-la. Que vida era o passado dessa mulher! Agora, após cinco matrimônios fracassados, ela vive, sem ser casada, com um homem **“que não é seu marido”**, estando, portanto, atualmente num flagrante adultério. Por isso sua declaração “Não tenho marido” é “verdadeira” no pior sentido. É esse o fim de uma vida que procurava sua felicidade no “marido”. Toda essa triste “verdade” patenteia-se diante da mulher.

19/20 Será que ela reconhecia sua culpa? Também ela estava sob a lei do Pentateuco, que para os samaritanos também constituía “Escritura Sagrada”, palavra de Deus de validade incondicional. A lei, porém, decretava a sentença de morte para o adultério (Lv 10.10; Gn 38.24). Porventura a mulher estava ciente disso? Inicialmente a continuação do diálogo não permite constatar nada a esse respeito. Obviamente a mulher não faz nenhuma tentativa para desculpar seu agir, acusando, p. ex., a maldade dos homens. Contudo, tampouco se pode notar nela consternação. Por meio de uma guinada surpreendente, ela retoma a grande questão que separava samaritanos e judeus. O homem desconhecido mostrou-se a ela como “profeta”, uma vez que desvelou totalmente a sua vida. Como “profeta”, pois, ele também terá algo decisivo a dizer sobre essa controvertida questão. **“A mulher lhe diz: Senhor, vejo que tu és profeta. Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.”**

Como devemos interpretar essa guinada do diálogo? O próprio evangelista não nos fornece nenhuma explicação. Seria uma tentativa da mulher de evadir-se da verdade aterradora sobre sua própria vida e refugiar-se num “problema” interessante, entretendo o “profeta” preferivelmente com essa questão, ao invés de com a culpa de sua própria vida? Seja como for, na formulação da pergunta seu intento inicial não é seu relacionamento pessoal com Deus, sua própria adoração. Fala do que os “pais” fizeram. Isso era correto?

“Nossos pais adoraram sobre este monte.” “Sobre este monte”: nesse local o Gerizim ficava do lado oposto ao monte Ebal. Talvez a mulher tenha apontado com sua mão para ele. No alto desse monte existiu um templo samaritano a Javé. O macabeu João Hircano (135-105 a. C.), sacerdote judaico e príncipe, o havia conquistado e destruído numa expedição bélica. Porém, será que os pais não agiram bem quando prestavam culto “sobre este monte”? Será que o direito não está do lado dos samaritanos? Mas os judeus asseveram que **“Jerusalém é lugar onde se deve adorar.”** Isso é correto? Acontece que, por trás do interesse religioso nacional pelo “direito” dos samaritanos, pode transparecer um anseio oculto deles por Deus. Onde se pode de fato achar a Deus? Será que eles têm de peregrinar para Jerusalém a fim de chegar à presença de Deus e alcançá-lo com sua oração? Como samaritana, estaria ela excluída do Deus vivo, como todo judeu lhe dizia? Acaso o homem profeta que desmascarara sua vida inteira não teria uma resposta diferente para ela?

21 A resposta de Jesus mostra que ele vê esse desejo pessoal por trás da pergunta da mulher. Precisamente porque sua vida, assim como a vive, é uma vida perdida, ainda muito mais perdida do que a própria mulher tem consciência, ela carece do encontro verdadeiro com Deus. Com um Deus que, perdendo e renovando a vida, é o “Pai”. Por isso Jesus a considera digna de uma resposta, numa forma que ele não podia nem queria dar aos escribas em Jerusalém. **“Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que vem uma hora, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o**

Pai.” Ela confiou nele e fez uma pergunta a esse respeito. Agora ela também deve “**crer**” no que ele lhe diz, por mais ousado que possa ser, pois Jesus a eleva acima de toda a briga entre judeus e samaritanos. Ela tem a possibilidade de sair de seu samaritanismo vazio e inflexível sem precisar submeter-se à demanda legalista judaica.

22 Naturalmente: “**Vós adorais o que não conheceis.**” Agora o “vós” mostra um ponto de vista completamente novo, a partir do qual Jesus atende a pergunta da mulher. Além dessa uma mulher ele vê todos os samaritanos. Todos eles adoram “o que não conhecem”. Apesar do Pentateuco e do Gerizim, eles estavam separados do verdadeiro Deus vivo e não o conheciam. Não seria possível que, ajudando essa mulher, ele não poderia simultaneamente ajudar a todos eles? Nesse caso, é óbvio que é preciso dizer, com muita clareza: “**Nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.**” A história da salvação aconteceu em Israel, em Jerusalém, mesmo perpassada pelo juízo da destruição e o cativeiro babilônico, bem como pelo retorno e a reconstrução de Jerusalém e do templo. Por essa razão, profetas como Ezequiel, o poderoso mensageiro cujas mensagens estão coletadas em Is 40-66 e os profetas pós-exílicos foram enviados por Deus para lá. E o templo reconstruído sob a mensagem deles é também aos olhos de Jesus, o Filho, plenamente casa de Deus e local de sua presença. Por essa razão, já constatamos que Jesus não fica indiferente à profanação do templo, mas empenha sua vida para purificá-lo (cf. acima, p. 80). É unicamente dessa história de Deus que brota a salvação completa, “**ela vem dos judeus**”. Por essa razão Jesus nasceu nesse judaísmo. Os samaritanos, porém, estão separados de tudo isso. É verdade que se apegam aos locais sagrados da história dos patriarcas, aos livros de Moisés, e que também adoram e esperam pelo Messias, mas tudo isso é irreal e vazio. “**Adoram o que não conhecem**”.

23 Contudo, não é de volta ao judaísmo que os samaritanos devem ser convertidos, não é para Jerusalém que deve peregrinar a mulher samaritana, a fim de ali encontrar a Deus! Não, uma notícia bem diferente incide em sua vida sobrecarregada de culpa, e, ao lado dela, todos os samaritanos têm o privilégio de saber: “**Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade.**” Jesus, o Messias, não é um restaurador do antigo, como pensam muitos. Em função disso, tampouco dá razão a uma dentre as tendências existentes até então, como eles esperam. Ele cria algo novo. Obviamente havia suficiente “adoração” tanto na Samaria quanto em Judá. O termo grego refere-se à atitude da pessoa que se prostra diante de Deus e “está deitada em súplicas diante dele” (Dn 9.18). Pessoas nessa atitude de oração podiam ser encontradas às centenas em Jerusalém e na Samaria. Contudo, será que era mais que uma “postura”, uma “forma”? Havia nisso ainda “verdade”, ou seja, “realidade” e “essencialidade”?

Em Jerusalém Jesus também não achou “**adoradores verdadeiros**”. Ali eles haviam transformado a casa de seu Pai numa casa de comércio. Mesmo Nicodemos, apesar de toda a seriedade pessoal de seu caráter e de sua teologia, ainda não era um “**adorador verdadeiro**”. Também a ele faltava ainda aquele novo nascimento da água e do Espírito, a única coisa que dá capacidade para realmente ver o governo soberano de Deus e para de fato adorar a Deus. Logo no começo de seu evangelho, João havia dito: com certeza a lei foi dada através de Moisés, mas na verdade não é capaz de criar vida (cf. Gl 3.21); “graça e verdade” vieram somente “por intermédio de Jesus Cristo” (Jo 1.17). Somente por meio do Espírito de Deus torna-se realidade viva o que de resto permanece apenas uma obra artificial de devoção. Por isso “**Espírito**” e “**verdade**” estão diretamente ligados. Os “adoradores verdadeiros” são aqueles que oram e adoram realmente e com todo o seu ser. Isso somente é possível através do próprio Espírito de Deus. Gerada e renascida pelo Espírito de Deus do alto e plenificada com vida divina, agora uma pessoa é capaz de ficar em contato com o Deus vivo de forma totalmente real. Essa novidade total “**vem**”. Mas agora “já veio”, agora, quando Jesus está diante dessa mulher, oferecendo-lhe essa água viva. E justamente ela, um ser humano perdido e maculado, pode tornar-se “agora” uma adoradora verdadeira de Deus. Realmente, uma “hora” incrível irrompeu para ela e todos os samaritanos.

Jesus, o Filho que conhece o Pai, sabe que seu Pai anseia por esses adoradores. “**Pois também o Pai deseja esses para seus adoradores.**” Deus sofre mais com “devotos” inautênticos e arbitrários do que com os “pecadores”. Esse era o lamento mais profundo de Deus e sua ira mais veemente na mensagem de seus emissários: “Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29.13), e “Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembléias solenes não tenho nenhum prazer. Afasta de mim o estrépito dos

teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas líras!” (Am 5.21,23). Agora chega o Filho, para providenciar para o Pai os verdadeiros adoradores, pelos quais anseia.

- 24 Jesus reitera o princípio: **“Espírito é Deus, e os que (o) adoram têm de adorá-lo em espírito e em verdade.”** A necessidade incondicional de “adorar em espírito e verdade” está alicerçada sobre o fato de que o próprio Deus é “Espírito”. Em vista da distorção profundamente enraizada em nosso pensamento, temos de nos deixar prevenir a respeito de um equívoco perigoso. A afirmação de que “Deus é Espírito” não significa uma idéia de Deus “intelectualizada”, filosófica, como Schiller expressa em suas “Palavras da Fé”: “Muito acima do tempo e do espaço paira vivamente o pensamento mais sublime.” “Espírito”, “*pneuma*” é o ser invisível de Deus, sua força e divindade eternas (Rm 1.20) em contraposição à “carne” decadente da criatura (cf. acima, p. 108). Até as maiores realizações intelectuais do ser humano são e permanecem sendo “carne” e não conduzem o ser humano a Deus (1Co 1.21). Quem pretende adorar em **“verdade”**, quem realmente deseja estar em contato com esse Deus vivo, poderá fazê-lo somente quando essa vida do próprio Deus preenche seu coração. Orar de forma aceitável, de acordo com a vontade de Deus (1Jo 5.14) pressupõe que a vontade de Deus e a maneira de Deus esteja em nossos corações por meio do Espírito. Faz parte da verdadeira adoração a Deus o amor que anseia de coração: “Pai, o teu nome ... o teu reino ... a tua vontade...” Um “amor” desses, porém, é fruto do Espírito.

Conseqüentemente, exigir que quem ora é “obrigado” a orar em espírito e em verdade não é uma exigência artificial e legalista. Trata-se de uma necessidade essencial, que decorre da essência do próprio Deus. Quem realmente pretende adorar e não apenas “executar orações” precisa fazer o caminho que Jesus apontou para Nicodemos, precisa deixar que quem está oferecendo água viva à mulher samaritana e que deseja dá-la a todos o presenteie. O que os adoradores verdadeiros “precisam” ter eles não podem conquistar por si mesmos. Apenas como dádiva de Jesus eles podem possuí-la.

- 25/26 O diálogo prossegue com autenticidade. A mulher consegue entender bem pouco do que foi dito e aparentemente não reage a isso. Não obstante, ela compreende que o assunto é algo completamente novo e entusiasmante, algo que de uma forma qualquer faz parte daquelas promessas que ela ouviu acerca do Messias. Por isso ela diz a Jesus: **“Eu sei que o Messias vem, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.”** Numa vida cheia de decepções, seu interesse religioso era bem mais sério do que imaginaríamos a princípio. Jesus havia percebido isso. O “saber” sobre o Messias vindouro é bem pessoal: **“Eu sei, o Messias vem.”** Por isso esse saber mexeu muitas vezes com seus pensamentos e moveu seu coração. Conseqüentemente, Jesus pode dizer a essa mulher singela e claramente o que ele não conseguiu dizer nem a Nicodemos, apesar de sua pergunta, nem aos “judeus”, apesar de sua insistência impaciente (Jo 10.24): **“Jesus lhe diz: Eu o sou, eu que falo contigo.”** Vimos que nesse diálogo a palavra de Jesus tinha de ser necessariamente testemunho e autotestemunho, o que também foi desde o começo (cf. acima, p. 109). Enquanto esse testemunho inicialmente aconteceu somente por meio de referências indiretas, agora ele se destaca com nitidez total. Pela primeira vez lemos esse “Eu sou”, palavra decisiva que ainda encontraremos muitas vezes no evangelho de João. Ela nos mostra que, antes e por trás de todo o “fazer”, o “ser” de Jesus é determinante. Se ele não fosse o que ele “é”, tudo o que ele falasse e fizesse perderia autoridade e importância. É por isso que João começou seu evangelho com as poderosas afirmações sobre o ser de Jesus, que é o Verbo eterno do Pai. E agora também essa mulher tem a oportunidade de ouvir quem ele verdadeiramente “é”, ele que falou de maneira tão estranha com ela e lhe prometeu água viva. Se ela ansiava pelo “Messias”, agora esse Messias já não é um personagem distante da expectativa. Ele está diante dela em Jesus. **“Eu o sou, eu que falo contigo.”**

- 27 Nesse auge o diálogo é interrompido. **“Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher.”** Haviam deixado o Mestre sozinho no poço. Agora o encontram dialogando com uma mulher. O que significa isso? No entanto, o respeito incondicional dos discípulos para com Jesus é tão grande que **“obviamente nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou: Por que falas com ela?”**. Não é de admirar que os discípulos ainda não tivessem compreendido toda a transformação que Jesus trouxera ao mundo. Pelo fato de que agora desaparecia diante de Deus toda a grandeza humana e toda realização pessoal, pelo fato de que cada pessoa vinha a Deus apenas quando nascia do alto e porque somente quando tinha fé recebia a salvação da perdição e o relacionamento vital com Deus, desaparecia agora também a diferença entre os sexos, bem como toda outra diferença humana. É por isso que Jesus, provocando a compreensível admiração de seus

discípulos, se dedica a uma mulher decaída de uma aldeia samaritana com a mesma seriedade amorosa como a Nicodemos em Jerusalém. Que maravilhoso acontecimento, com conseqüências ao longo da história, até hoje!

28/29 A mulher vê que o diálogo chegou ao fim. Porém não está triste. Ela não é mais a mulher que veio ao poço com o jarro de água, cheia de necessidades terrenas. Está completamente transformada. Isso agora se torna visível: **“Então a mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àquelas pessoas: Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?”** Que “sinal” representa esse cântaro que ficou ao lado do poço! Agora essa “água” de fato perdeu importância para ela, de maneira que ela nem sequer a leva consigo para casa. Seu coração está repleto da grande nova realidade. Ela se sente impelida a ir até seus conterrâneos na vila, para dizer-lhes o que experimentara e reconheceu em Jesus. Seu alvo é chegar rápida e desimpedidamente à aldeia, sem precisar equilibrar o pesado jarro na cabeça enquanto vai para casa. E agora ela, a mulher de fama duvidosa, torna-se uma verdadeira evangelista. Não faz longos discursos, porém faz soar o chamado: **“Vinde e vede!”** (cf. Jo 1.46). Sua palavra é um testemunho pessoal. Que deve ela dizer sobre aquele homem maravilhoso lá fora, junto ao poço? Não pode exclamar simplesmente: Venham, vejam, lá fora no poço está sentado o Messias. Quem teria acreditado nela? Afinal, todos sabiam quem ela era. É por isso que ela destaca exatamente isso: **“Venham, vejam uma pessoa que me disse tudo quanto tenho feito.”** Espontaneamente ela admite seu pecado, que no passado deve ter sido negado ou enfeitado diante de todas as exortações bem-intencionadas. Obviamente não menciona detalhes, pois isso não seria benéfico. Quem realmente se envergonha de seus pecados não os exporá diante de outros. No entanto, isso nem era preciso. Afinal, ela era conhecida na cidade com sua prática. **“Tudo quanto tenho feito”**, isso bastava. Sua atitude interior completamente nova se salienta claramente. Isso pode despertar o interesse das pessoas. Pois seguramente só uma pessoa extraordinária seria capaz disso. Tranqüilamente, ela deixa que seus conterrâneos decidam por si mesmos se esse homem é realmente o Messias ou não. Desde que venham e vejam, eles com certeza captarão o que ela, a mulher desprezada, notou. E de fato: **“Saíram da cidade e vieram ter com ele.”**

30 Essa mulher, portanto, realiza o que os discípulos de Jesus tinham deixado de fazer. Eles conheciam Jesus como o Messias, haviam presenciado seus primeiros grandes feitos e ouvido diversas vezes sua proclamação. Contudo, ao chegarem a Sicar, apenas pensaram nas compras que pretendiam fazer. Não disseram nada a respeito de Jesus na cidade. Essa mulher, porém, deixou o cântaro parado e chamou as pessoas de sua terra até Jesus.

João é um bom narrador. Estamos atentos para saber como o episódio continua e o que acontece agora, quando o povo de Sicar vem a Jesus. Contudo, o evangelista aumenta o suspense, interrompendo a narrativa.

31/33 **“Nesse ínterim, os discípulos lhe rogavam, dizendo: Rabi, come!”** A comida continua sendo o mais importante para eles. Jesus, porém, deixa-os entrever um relance de sua vida, que João gravou de modo inesquecível e cuja repercussão em todas as eras e áreas é inestimável. **“Mas ele lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.”** De forma desatenta, eles passaram ao largo do grandioso acontecimento que acabara de suceder. Ainda não compreendiam absolutamente o que para Jesus era a “comida” verdadeira de sua vida. Neles a palavra de Jesus causa apenas um mal-entendido perplexo: **“Diziam, então, os discípulos uns aos outros: Ter-lhe-ia, porventura, alguém trazido o que comer?”** Jesus, porém, encara sua vida de modo completamente diferente.

34 **“Jesus lhes diz: Minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra.”** Agora, junto com os discípulos, somos informados do que significa ser “o Filho”, e no que consiste a “glória do único Filho do Pai” (Jo 1.14). Ela não consiste em ser superior a todas as necessidades terrenas e não conhecer cansaço e fome. Tampouco reside numa vida esplêndida que dispõe de satisfação e sossego em abundância. Ser “Filho” significa “ser enviado” e agora, nesse envio, viver integralmente para a vontade do Pai. Ele o faz de tal modo que não represente um serviço trabalhoso que o Filho realiza com penosa obediência, mas de tal forma que esse próprio serviço se torne “alimento”, i. é, aquilo do que ele vive, que o sacia, fortalece, nutre e alegra. Isso sem dúvida é “obediência”. Jesus não cumpre sua própria vontade, mas **“a vontade daquele que o enviou”**. Cumpre-a, porém, por vontade própria, de forma totalmente espontânea. Jesus não realiza a sua própria obra, pela qual poderia entusiasmar-se e superar todas as coisas. É a obra do Pai que ele

“consoma”. Nisso, porém, ela se torna uma causa de seu próprio amor e dedicação, a ponto de que ele esquece completamente o cansaço e a fome. No “Filho” aprendemos o que é “amor”, um amor totalmente imbuído de obediência e que inversamente faz da obediência uma causa vital e feliz. Essa é a contrapartida radical à essência do “mundo”, demonstrando como João Batista tinha razão: Aqui está aquele que não “é da terra” (Jo 3.31).

O que os discípulos observavam com menosprezo e incompreensão, esse diálogo com uma mulher simples, cuja vida provavelmente estava marcada em sua face, isso é a vontade e a obra do Pai! Tão insignificante e pobre pode apresentar-se a obra de Deus. Jesus, porém, havia ouvido a instrução do Pai quando essa mulher veio ao poço. A obra não foi modesta demais para ele, p. ex., comparada com o diálogo com um graduado escriba de Jerusalém. Não a realiza com interesse parcial, mas a executa com empenho total até o fim, “consumando-a” assim.

- 35 Obviamente ele também sabe que isso é apenas um começo e que essa mulher não será a única, motivo pelo qual prossegue: **“Não dizeis que ainda há quatro meses até a colheita?”** Na Palestina a safra da cevada e do trigo acontece em abril e maio. Faltando ainda quatro meses até a colheita, estamos agora em dezembro ou janeiro. Há pouco, em outubro ou novembro, foi semeada a semente. No máximo surge o primeiro verdor dos campos semeados. Talvez o agir de Jesus pareça assim aos discípulos. Com tudo o que acontece diante de seus olhos, na verdade existe apenas um primeiro começo. Quanto tempo ainda demorará até que chegue a colheita! Contudo, estão enganados: **“Eis que eu vos digo: Erguei os olhos e vede os campos. Eles estão brancos para a colheita.”** Justamente onde nenhum judeu podia imaginar, na desprezada e odiada Samaria, a colheita já chegou. Madura para a safra, a terra estende-se diante do olhar de Jesus. Seus discípulos devem aprender dele esse olhar. Com essa observação Jesus não se refere apenas aos discípulos que estão diante dele naquele momento histórico. Em toda a história da igreja, constantemente esse olhar concedido pelo próprio Jesus é capaz de ver a gloriosa colheita de Deus ali onde de forma alguma parece ser tempo de colheita e onde segundo o juízo humano ainda nem “pode” ser tempo de colher.
- 36 **“Desde já”,** antes que se possa imaginar, **“desde já o ceifeiro recebe a recompensa e recolhe fruto para a vida eterna”**. Pois é isso que eles experimentam nesse instante, quando os samaritanos de Sicar afluem em grande número. Ao falar do **“ceifeiro”** Jesus seguramente não está pensando apenas em si mesmo. Como em seu ministério na Judéia, ele fez com que seus discípulos participassem do recolhimento da colheita. Quantos diálogos individuais era preciso realizar quando o alvo era não permanecer num envolvimento superficial com Jesus, mas realmente gerar um fruto genuíno. Isso Jesus não podia realizar nem mesmo em dois dias. Desse modo, porém, acontece que **“se alegram tanto o semeador como o ceifeiro”**. Jesus realizou o extenuante trabalho de semeadura na mulher, enquanto os discípulos pensavam em coisas totalmente diferentes. Agora ele se alegra e os discípulos podem se alegrar com ele como pessoas que, surpresas, têm o privilégio de recolher uma grande safra. Ainda que o presente evangelho, assim como a Bíblia toda, seja bastante sóbrio e apenas raramente descreva emoções, nesse ponto conseguimos notar o quanto Jesus se envolve intimamente com aquilo que acontece em sua atividade. Seu coração está cheio de alegria. E ele espera que seus discípulos se alegrem com ele. Se até os anjos no céu se alegram por toda pessoa salva, como os discípulos de Jesus não rejubilariam quando podem recolher “o fruto para a vida eterna”, quando através do seu serviço pessoas encontram a vida eterna. Que outro trabalho no mundo produz um fruto desses? É justamente nisso que eles experimentam que **“o ceifeiro recebe recompensa”**. João acrescenta:
- 37 **“Nesse [caso] é verdadeiro o ditado: Um é o semeador, e outro é o ceifeiro.”** Provavelmente essa palavra era muitas vezes usada como adágio, porém nem sempre ela é correta. Quem quer colher precisa ter feito antes o penoso trabalho de arar e semear. Contudo, aqui na Samaria, e repetidamente na história da causa de Jesus neste mundo, torna-se verdadeiro: pessoas têm o privilégio de colher o que elas mesmas não semearam com esforço e dedicação.
- 38 **“Eu vos envie para ceifar o que não semeastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.”** Os discípulos não se empenharam em nada por essa mulher, apenas a desprezaram. O esforço foi de Jesus. Contudo, eles podem participar, maravilhados, da colheita que resulta disso. Contudo, Jesus expressa essa palavra numa perspectiva profética, e por isso num sentido amplo e abrangente. João deve ter-se lembrado dessa palavra do Senhor quando ele assumiu o trabalho que havia sido iniciado por Paulo sob graves aflições e lutas em Éfeso. Paulo havia “semeado”, e João

podia “colher”. Contudo, também quando na história da igreja se nos apresentam grande colheitas em forma de movimentos e avivamento, quanta coisa foi semeada antes, ocultamente, com lágrimas. Em tempos penosos e aparentemente infrutíferos, os operários de Jesus podem se consolar: outros ingressarão em sua obra e terão uma colheita farta. Então também eles, os que semeiam, se alegrarão com os que colhem (v. 36).

Em sua palavra Jesus provavelmente não pensou apenas em seu semear pessoal, mas abrangeu, com um olhar amplo, toda a história de Deus na Antiga Aliança. Como havia sido rica em agruras, fardos e sofrimentos a vida de todos os profetas! E como parecia ser vão todo o seu trabalho. Se, pois, na Nova Aliança os discípulos de Jesus têm o privilégio de recolher uma colheita tão farta, como Jesus já a está antevendo, então não devem pensar que isso se deve à sua excelência e capacidade. Não, **“outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.”**

- 39 E agora, após termos depurado todo o nosso pensamento, olharmos para o “Filho” e para as maravilhosas regras que vigoram na colheita de Deus, podemos saber como a história continua. **“Daquela cidade muitos samaritanos vieram a crer nele em virtude da palavra da mulher que testemunhava: Ele me disse tudo o que fiz.”** Tão abençoado pode ser o testemunho autêntico de uma única pessoa, da mulher que naquele tempo era tão menosprezada! Justamente o testemunho de um flagrante “pecador” é capaz de conter esse poder, o que constantemente é demonstrado no curso da história da igreja.
- 40 Os samaritanos sentem que as coisas não podem simplesmente acabar assim. Esse homem ainda precisa ficar com eles. Precisam ouvir mais dele. Muitos deles ainda precisam falar com ele. **“Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias.”** Não somos nós que definimos a duração e o término de uma evangelização, isso unicamente Deus pode determinar. Jesus ouve a instrução de seu Pai, por mais curto que nos possa parecer o prazo (como provavelmente também aos samaritanos).
- 41/42 Muito importante, porém, é que nesses dois dias surge uma fé entre os samaritanos que lança círculos mais amplos e deita raízes mais profundas. **“E muitos outros creram nele, por causa da sua palavra, e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo.”** Os testemunhos daqueles que conhecem a Jesus e vivenciaram coisas grandiosas com ele são imprescindíveis e eficazes. Sem o testemunho dessa mulher nada teria acontecido em Sicar. Contudo, a fé plena e durável forma-se somente quando não cremos mais por causa da fala de um ser humano, por mais verdadeira e vigorosa ela possa ser, mas quando chegamos ao encontro do próprio Jesus por meio dessa fala e com nossa fé dependemos diretamente de Jesus. Por maior que seja o serviço que nos prestam pregadores, evangelistas e conselheiros, por mais gratos que sejamos a eles durante a vida toda e até perante a face de Jesus, mesmo assim precisamos **“nós mesmos ter ouvido e saber que este é verdadeiramente o Salvador do mundo”**.
- “O Salvador do mundo”:** “Soter” = Salvador. Naquele tempo era esse um título muito aplicado a divindades. Sobretudo Asclépio, o deus das artes médicas, era chamado de “Salvador”. E desde Augusto os imperadores romanos reivindicavam esse título para si, sendo que ele pelo menos o merecia em alguns aspectos. Conseqüentemente, o título também não era desconhecido na Samaria. Vale considerar que, como província romana, também a Palestina estava impregnada da língua grega e da civilização helenista. Sobre as ruínas da antiga Samaria havia sido erguida uma nova cidade, que Herodes havia nomeado de “Sebasta”, em honra ao imperador Augusto. Já por essa razão o título “Salvador” era familiar aos samaritanos. Agora, porém, eles captam: o que nos deuses e césores era tão-somente um título, uma palavra oca, se tornou realidade plena em Jesus. Jesus é **“verdadeiramente o Salvador do mundo”**. Essas pessoas não permaneceram fixadas em si mesmas. Não visam apenas ser salvas pessoalmente. Justamente como salvas elas têm consciência de que o “mundo” realmente precisa do Salvador. Sem maiores explicações, adquirem a certeza de que Jesus veio para todos os demais da mesma forma como para eles. Unicamente por meio de Jesus pode e há de ser concedido ao mundo todo aquilo que todos os deuses e imperadores não foram capazes de dar. Da mesma forma, o “Messias” também nunca foi uma mera figura salvadora para almas individuais, porém sempre o “Rei” que haveria de governar com justiça e pôr em ordem a todo o Israel e o mundo dos povos a partir deste. Não é correto que vejamos o avanço do NT no fato de que essa certeza que envolve o mundo seja deixada de lado e substituída por uma devoção meramente individualista. Isso

significaria uma grave perda e desfiguraria inteiramente o NT. Não, os humildes samaritanos de Sicar compreenderam corretamente: Jesus é “**o Salvador do mundo**”.

Desse modo, uma obra de Deus realizou-se inesperadamente na Samaria. Nesse caso já aconteceu o que mais tarde pode ser constatado em todo o trabalho dos apóstolos. Nada estava planejado e organizado previamente. Tudo aconteceu pela vontade de Deus e por sua livre graça. Apenas houve obediência com entrega plena a essa vontade de Deus. Resplandece mais uma vez o v. 4. O alvo de Jesus era a Galiléia. Apenas “precisava” passar inevitavelmente pela Samaria. Não era intenção dele atuar nessa região. Mas se fosse, dificilmente teria começado a atuar em Sicar. Deus, porém, tinha ali a “sua obra”, que começou com uma mulher deplorável que buscava água. O Filho, porém, executou obedientemente essa obra, que agora está diante dele e de seus discípulos para que se alegrem com admiração.

UM SEGUNDO SINAL DE JESUS NA GALILÉIA – João 4.43-54

⁴³ – **Passados dois dias, partiu dali para a Galiléia.**

⁴⁴ – **Porque o mesmo Jesus testemunhou que um profeta não tem honras na sua própria terra. Assim, quando chegou à Galiléia, os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que ele fizera em Jerusalém, por ocasião da festa, à qual eles também tinham comparecido. Dirigiu-se, de novo, a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho. Ora, havia um oficial do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum.**

⁴⁷ – **Tendo ouvido dizer que Jesus viera da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e lhe rogou que descesse para curar seu filho, que estava à morte.**

⁴⁸ – **Então, Jesus lhe disse: Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis.**

⁴⁹ – **Rogou-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra.**

– **Vai, disse-lhe Jesus; teu filho vive. O homem creu na palavra de Jesus e partiu.**

– **Já ele descia, quando os seus servos lhe vieram ao encontro, anunciando-lhe que o seu filho vivia.**

⁵² – **Então, indagou deles a que hora o seu filho se sentira melhor. Informaram: Ontem, à hora sétima a febre o deixou.**

– **Com isto, reconheceu o pai ser aquela precisamente a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive; e creu ele e toda a sua casa.**

– **Foi este o segundo sinal que fez Jesus, depois de vir da Judéia para a Galiléia.**

43/45 Apesar de um trabalho profícuo, Jesus não permanece mais de dois dias na Samaria, prosseguindo sua caminhada até a Galiléia. João fornece ainda uma razão especial por quê Jesus procura justamente a Galiléia. “**Pois Jesus testemunhou pessoalmente que um profeta não tem honra na sua própria terra.**” Contudo, isso não deveria ter sido motivo para repelir Jesus da Galiléia? Sim, se ele tivesse buscado “honra”! Porém, em continuidade direta à sua saída da Judéia (cf. acima, p. 106s), o exposto sobre Jo 4.1-5), ele busca o silêncio. Calcula que em sua terra natal terá pouca aceitação e conseqüentemente também pouca publicidade. Ainda não chegou a sua “hora”, a hora das últimas agonias e sofrimentos. Contudo, em sua terra ele encontra espaço para atuar. “**Quando, pois, chegou à Galiléia, os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que ele fizera em Jerusalém, por ocasião da festa, à qual eles também tinham comparecido.**” O *passá* congregava em Jerusalém judeus de toda a Palestina. Por isso muitas pessoas da Galiléia também haviam presenciado a atuação de Jesus em Jerusalém. No começo talvez tenham ficado orgulhosos de seu conterrâneo que realizava sinais desse tipo, chamando a atenção geral. Por isso o acolheram de bom grado. Contudo, no cap. 6 João nos mostrará que também entre os galileus e Jesus houve uma ruptura.

46 Jesus retorna ao local de seu primeiro sinal, como o evangelista destaca expressamente. “**Dirigiu-se, de novo, a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho.**” Ali existe um homem designado de “do rei”. A expressão poderia referir-se a um membro da família do rei. O mais provável, porém, é que se trate de um “oficial do rei”, ou seja, de um funcionário do tetrarca da Galiléia, Herodes Antipas. Em todo caso, ele é uma pessoa respeitada e rica, que possui uma “casa” com “escravos” em Cafarnaum. “**Ora, havia um [oficial] do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum.**” A enfermidade pode ter durado mais tempo, sem que os médicos conseguissem ajudar. Agora ela

piorara de modo grave, e o rapaz se encaminhava visivelmente para a morte. No caso desse filho não se tratava necessariamente de uma “criança” no sentido literal. Naquele tempo, as expressões “criança” (v. 49) e “menino” (v. 51) também eram usadas para filhos adolescentes.

47 Quando o oficial **“ouviu que Jesus viera da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e lhe rogou que descesse para curar seu filho, porque estava à morte.”** Não é essa uma fé de que Jesus deveria se alegrar? Não é especialmente comovente quando o homem que vem a Jesus não é um judeu devoto, mas um homem do âmbito do rei Herodes? Contudo, com um “vós” Jesus o enquadra junto com os demais, cuja incapacidade para crer lhe era plenamente conhecida, e lhe dá uma resposta que nos pode assustar por sua dureza diante da aflição e do medo desse pai: **“Então, Jesus lhe disse: Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis.”** Nesse caso, o que vinha ao encontro de Jesus não era a fé que ele procurava. Aqui ele está sendo buscado como o milagreiro que precisa ajudar na aflição da enfermidade, como os benzedeiros. Jesus, porém, acaba de vir da Samaria, onde pessoas despertaram para a verdadeira fé nele como Salvador do mundo sem qualquer “sinal e prodígio”. Esse fato deve ter influenciado na palavra dita aqui. Os judeus, aos quais também pertencia o oficial da corte, não são capazes do que os samaritanos foram. Contudo, não é correto compreender a palavra de Jesus como uma rejeição fundamental a todos os sinais e prodígios. O evangelista acabou de recordar o milagre do vinho em Caná, acerca do qual ele próprio testemunhou que fortalecera a fé dos discípulos. No entanto, como também ficou explícito em Jo 2.23-25, a fé que brota da experiência de milagres traz consigo o perigo da deformação e não possui raízes suficientemente profundas diante de provações severas. É por isso que Jesus inicialmente rejeita a solicitação do oficial do rei: por amor, e não por dureza. É justamente dessa forma que ele engendra uma história que leva esse homem à fé genuína. Seguramente podemos lançar um olhar para a história da mulher cananéia (Mt 15.21-28). Também ali se passa de uma rejeição brusca para uma “fé” que o próprio Jesus chama de “grande”.

49/50 Assim como aquela mulher não se deixa repelir por amor à filha atormentada, assim tampouco o pai com medo pelo filho. Ele também não fica magoado pelo fato de que esse Jesus o trata tão rudemente, sendo homem graduado e influente. Ele vê seu filho à beira da morte e continua se apegando a Jesus. **“O [oficial] do rei lhe diz: Senhor, desce, antes que meu filho morra.”** Agora sua fé já assume um formato diferente. Ela se dirige pessoalmente a Jesus e conta com sua misericórdia para o filho moribundo e para o pai que ama esse filho. Então Jesus pode aduzir a formulação decisiva. **“Jesus lhe diz: Vai, teu filho vive.”** Diante de uma palavra dessas há somente duas possibilidades: distanciar-se, decepcionado, de um homem que tem apenas palavras, ou agarrar com fé precisamente essa palavra. É uma fé que não “exige” mais ver sinais e prodígios, mas que confia exclusivamente na palavra e, assim, na própria pessoa que a profere. É essa a fé que Jesus deseja ver. É a fé nele por meio da palavra. Novamente, como em Jo 2.7, o milagre que socorre começa com uma ordem, que também aqui não é fácil de obedecer. O homem precisa retornar até sua criança moribunda sem levar consigo o grande Auxiliador. Mais uma vez “fé” é igual a “obediência”, documentando-se por isso numa clara ação de obediência. De modo significativo, diz-se: **“O homem tomou fé na palavra que Jesus lhe dissera, e foi”**. Pelo fato de não continuar ali e pedir, e sim porque “foi” com confiança, ele consolidou a sua fé.

51 Como “crer” não é igual a “ver”, apesar de tudo o caminho do homem até Cafarnaum foi um caminho de tensão interior, tanto maior quanto mais ele amava seu rapaz. Contudo não precisou retornar o caminho todo até obter a certeza definitiva. **“Já quando ele descia, seus servos lhe vieram ao encontro, anunciando-lhe que o seu filho vivia.”** Agora o fardo fora totalmente tirado de seu coração. Mas, enfim, não era apenas uma “coincidência” que seu filho agora estava são? É o que muitas vezes dizem também as pessoas que antes, na aflição, oraram com grande afinco. Esse homem, no entanto, é diferente.

52/53 **“Então, indagou deles a que hora o seu filho se sentira melhor. Informaram: Ontem, à hora sétima a febre o deixou.”** De acordo com a contagem israelita do tempo, na qual o dia começa às 6 da manhã, a sétima hora é por volta de uma da tarde. Não é uma hora em que a febre diminui naturalmente. **“Então reconheceu o pai ser aquela precisamente a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive.”**

“E veio a crer, ele e toda a sua casa.” Mais acima (p. 68) já deixamos claro que “crer” não é um assunto encerrado, que posso dominar totalmente com um único movimento. A fé é uma força viva

que cresce e amadurece através de muitos estágios e de experiências sempre renovadas. Por isso a presente afirmação não forma uma contradição à do v. 50. O oficial da corte tivera fé na palavra de Jesus e correria com fé para casa. Agora, porém, após a experiência plena do poder e da graça de Jesus **“ele veio a crer”** de um modo abrangente. Já não confia apenas nessa uma palavra. Agora ele olha com confiança permanente e integral para Jesus. Ele arrasta toda a sua “casa” nessa confiança. Sua mulher, o filho curado, os escravos, que sem dúvida faziam parte de sua “casa”, todos eles reconhecem agora que Jesus é o Salvador, que vence a morte e é capaz de conceder “vida”. O tríplice realce dado a “teu filho vive” (v. 50,51,53) é um “sinal” da vida verdadeira que cada um recebe em Jesus.

- 54** Enquanto em Jerusalém João falava de modo sucinto dos “sinais que ele fazia” (Jo 2.23), aqui na Galiléia ele enumera e narra com exatidão os dois “sinais”. **“Isso fez Jesus novamente como segundo sinal, quando veio da Judéia para a Galiléia.”** A esse respeito Schlatter declara: “Pela comparação da nova ação de Jesus com o sinal por ocasião das bodas, João dirá que com o retorno para a Galiléia começou um novo período na atuação de Jesus. E através desse primeiro passo Jesus teria determinado a atitude dos galileus para com ele. Assim como ele fundamentou a fé dos discípulos por meio do primeiro sinal em Caná, assim ele produziu galileus crentes por meio do segundo sinal. Desse modo, João prepara o relato de Jo 6.1s, que nos mostra como acabou a adesão dos galileus a Jesus” (op. cit., p. 111).

A CURA NO TANQUE DE BETESDA – João 5.1-18

- Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.
- Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.
- ³ – Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos.
- ⁴ – *esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse.*
- ⁵ – Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.
- ⁶ – Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?
- ⁷ – Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.
- Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.
- Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.
- Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.
- ¹¹ – Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.
- Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?
- ¹³ – Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar.
- Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.
- ¹⁵ – O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.
- E os judeus perseguiam Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.
- Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.
- Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

- 1** “Depois disso havia uma (ou: a) festa dos judeus e Jesus subiu para Jerusalém.” O termo grego “depois disso” – literalmente “após esses [acontecimentos]” – não se refere apenas ao segundo sinal, mas pressupõe uma diversidade de eventos. Quanto tempo decorreu entretanto depende do tipo da festa, para a qual Jesus sobe agora para Jerusalém. Uma parte dos manuscritos traz “uma festa” e outra parte “a festa”. Em todos os casos deve-se pensar na festa dos tabernáculos. Em João a Páscoa sempre é definida como tal (Jo 2.23; 6.4; 11.53). “Pentecostes”, por sua natureza, somente podia ser

citado com esse nome, enquanto a festa dos tabernáculos também em Jo 7.2 é chamada primeiro de “a festa dos judeus” e somente depois é mais bem caracterizada com o adendo “a festa dos tabernáculos”. Uma vez que Jesus havia viajado o mais tardar em janeiro pela Samaria até a Galiléia, passaram-se nove meses até essa festa celebrada no início de outubro. Esse foi um tempo de intensa atividade, como é narrada pelos sinóticos. Nessa época as coisas podiam evoluir da maneira como nos serão apresentadas no próximo grande relato de João no cap. 6, onde lhe são acrescentados também os meses entre a festa dos tabernáculos e as proximidades da Páscoa seguinte. Formou-se um movimento poderoso em redor de Jesus. Grandes multidões reúnem-se em torno dele, as pessoas querem proclamá-lo como Messias. Agora, porém, Jesus interrompe seu trabalho na Galiléia e vai para a festa em Jerusalém. Aquele que começa a ser odiado como deturpador da verdadeira devoção é um fiel israelita que cumpre o mandamento das festas de Dt 16.16: “Três vezes no ano, todo varão entre ti aparecerá perante o SENHOR, teu Deus.” Contudo, há mais nesse comparecimento às grandes festas em Jerusalém. Jesus sabe de sua incumbência em relação ao Israel todo, procurando por isso pela oportunidade onde poderá encontrar seu povo nos momentos culminantes de sua vida e atingir Israel com sua Palavra.

- 2 Agora João descreve o local do próximo acontecimento. **“Existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.”** Os manuscritos divergem de múltiplas maneiras na forma do nome. A edição do texto grego de Nestle acolheu *“Bethzatha”*. Podemos manter o conhecido nome “Betesda”. O nome deve ter sido significativo para João, uma vez que ele o menciona expressamente em sua forma hebraica. Essa importância torna-se mais explícita para nós na forma do nome “Betesda” = “casa da misericórdia”. O tanque está próximo da “Porta das Ovelhas”, a qual conhecemos de Ne 3.1; 12.39 e que deve ser idêntica à “porta de Benjamim” em Jr 37.13; 38.7; Zc 14.10. Está situado no Norte da cidade. Escavações em Jerusalém encontraram esse local e confirmaram a informação de João. “Nas proximidades da igreja de Santa Ana (a Norte do átrio do templo) foram encontrados restos de um tanque duplo que ficava no meio de cinco pavilhões de colunas, dos quais dois delimitavam o tanque na largura e dois no comprimento. Um pavilhão de colunas dividia o complexo todo em duas partes.”
- 3/4 **“Nos cinco pavilhões jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos.”** O próprio João seguramente não escreveu mais que esse v. 3, passando imediatamente ao v. 5, para apontar para um doente do qual trata o episódio. No v. 4 deparamo-nos com explicações muito antigas, mas apesar disso inseridas depois da redação de João, que devem estar embasadas em tradições populares. Sua finalidade é explicar mais de perto ao leitor a situação do enfermo, relatada no v. 7. Da parte do próprio João apenas somos informados através da palavra do doente sobre o fato das respectivas movimentações da água e sobre a convicção dos doentes de que nesse breve tempo de agitação a água seria especialmente poderosa para curar. De onde provém esse movimento da água não é importante para ele. E de modo algum João acreditou num poder milagroso do tanque, que teria colocado em segundo plano todos os milagres de Jesus. A observação de Jo 9.32 evidencia inequivocamente que em Jerusalém não se sabia nada de um tanque em cuja água uma pessoa **“sarava de qualquer doença que tivesse”**.
- 5 João não tem nenhum interesse num lago milagroso, e sim em Jesus e nessa uma pessoa **“que estava enferma havia trinta e oito anos”**. Isso não significa que ela ficou deitada todos esses trinta e oito anos num dos pavilhões ao lado do tanque. Por várias razões isso é inconcebível. Não a duração da estadia em Betesda, que não é descrita em pormenores, porém a duração de sua enfermidade é importante para João. Trinta e oito anos enfermo e fisicamente deficiente da forma mais grave – que miséria está contida nessa situação, ainda mais que naquele tempo não havia qualquer assistência organizada em favor dos doentes, que para nós hoje é algo óbvio.
- 6 Com a peculiar brevidade da narrativa, que sempre de novo podemos notar no evangelho, João não nos informa nada sobre como foi que Jesus durante a festa teve a idéia de procurar esse local de sofrimento. Contudo, em toda a sua vida na terra, é assim que Jesus e a miséria das pessoas se atraem mutuamente com uma força misteriosa. A miséria humana em todas as suas formas converge em Jesus, e, como “médico”, Jesus não procura os sãos, fortes e justos, mas sim os doentes, os cativos, os pecadores. Sabemos que sua comida é praticar a vontade daquele que o enviou (Jo 4.34). Por isso Jesus está nesse local pela condução de Deus e **“viu a esse ali deitado”**. Novamente Jesus “vê” o que outros nem sequer tinham notado no meio da miséria massuda. Jesus vê a “esse”, Jesus vê a pessoa

individualmente e pergunta por seu destino específico. **“E quando descobriu que estava assim há muito tempo, disse a ele: Queres ser curado?”** Não é essa uma pergunta estranha, quase ofensiva para um enfermo desses? Por que, afinal, o homem estaria aqui no tanque que cura, se não quisesse sarar? Será que Jesus viu nesse homem algo que a moderna psicologia profunda nos revelou novamente, a saber, que uma pessoa, apesar de todos os lamentos e juras, em seu subconsciente justamente não “quer” recuperar a saúde, mas se apega desesperadamente à doença como refúgio contra as exigências da vida? Acaso a pergunta de Jesus tinha o objetivo de que essa pessoa saísse da acomodação à sua situação e de toda a resignação e voltasse a ter vontade plena de sarar? Contudo, certamente o essencial é uma promessa que se ocultava na pergunta. “Se queres ser curado – eu posso ajudar-te nisso.” Dessa maneira a pergunta torna-se um chamado à fé: Em tua precariedade, confia-te a mim, que tenho o poder para te ajudar.

- 7 A resposta do enfermo permite que reconheçamos toda a sua situação dramática: **“Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.”** A água somente possui poderes de curar durante o breve tempo em que é agitada. O enfermo na verdade não está aleijado, mas muito tolhido em seus movimentos. Precisa de alguém que o leve rapidamente até a água. Como as escavações demonstram, havia degraus que conduziam dos pavilhões até a água. Enquanto esse enfermo penosamente tenta descer, sempre já existe outra pessoa que chegou antes dele na água. Ele chega atrasado. Assim somos nós, seres humanos. Numa situação dessas cada um pensa apenas na própria salvação, preocupando-se em chegar por primeiro na agitação que cura, mas ninguém pensa no outro indefeso. Na miséria desse um enfermo fica explícita a miséria de inúmeros, que nas mais diversas situações da vida têm de se lamentar: **“Não tenho ninguém...”**
- 8 Então Jesus intervém novamente. Como em Jo 2.7 e 4.50, seu socorro acontece outra vez em forma de uma ordem. E mais claramente, como lá, é uma ordem “absurda” e impossível: “Jesus lhe diz: **Levanta-te, toma o teu leito e anda.**” É uma ordem criadora, que torna possível o impossível que exige. Contudo, mais uma vez – mais claramente que em Jo 4.50 – é necessária a fé que obedece à ordem impossível com confiança, experimentando precisamente desse modo que o milagre acontecido permite a ele, que crê, cumprir a ordem. Não é dita palavra alguma sobre a “fé” do enfermo. Contudo, que seria a “fé” se não essa obediência confiante numa ordem desse teor? Como aquele funcionário da corte em Jo 4.50, também esse enfermo sob a palavra de Jesus estava diante da decisão. Pela disposição natural ele somente rejeitará triste ou revoltado a palavra de Jesus. Nesse caso, porém, tampouco experimentará algo. Ou terá de “crer”, terá de confiar naquele que lhe diz essa palavra, que não está mentindo, não está fazendo palavras vazias. Então ele experimentará a verdade da palavra em sua vida. Então ele “pode” o que não podia durante trinta e oito anos: levantar-se, andar e carregar ele próprio a sua cama. Contudo, o ato de “crer” não acontece nessas considerações, e sim numa resposta instantânea da pessoa toda com espírito, alma e corpo à palavra ouvida.
- 9 **“E imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar.”** “Fé” e “cura” estão plenamente entrelaçadas.

O que Jesus realizou nesse local expressamente não é chamado de “sinal”. Nessa “casa da misericórdia”, que abrigava tanta falta de comiseração e tanto egoísmo (v. 7!), foi um ato de ajuda puramente pessoal. Jesus não quer chamar nenhuma atenção e, como nos informa o v. 13, se afasta da multidão de pessoas daquele lugar. Não obstante, precisamente esse benefício silencioso torna-se um “sinal” poderoso, mas causa alvoroço de forma bem diferente que a purificação do templo. Dessa vez Jesus não “atacou” e não realizou nada de provocador com sua cura. Apesar disso, justamente nessa beneficência de Jesus, explode o conflito com os fariseus, adquirindo imediatamente uma seriedade mortal. É isso que João pretende mostrar. Por essa razão, e não realmente por causa da cura em si, é narrado pelo evangelista justamente esse feito de Jesus dentre a plenitude de seus “sinais”. A luta cada vez mais profunda de Jesus com seu povo e seus líderes determina toda a narrativa deste evangelho.

Ficou despercebido no silencioso ato de Jesus algo que agora, apesar disso, se torna “provocador”. **“Mas aquele dia era sábado.”** O mandamento do sábado era um dos mais importantes na lei, um “sinal” especial da aliança entre Deus e Israel (Êx 31.13s). Por isso seu cumprimento rigoroso se revestia de importância escatológica. Enquanto o sábado não é observado corretamente, o Messias não pode chegar. Contudo, quando Israel cumprir plenamente ao menos um sábado, o Messias

aparecerá. Em razão disso, a transgressão desse mandamento, mesmo num caso aparentemente leve, era castigada com a morte por apedrejamento (Nm 15.32-36). Em vista da importância da questão os escribas haviam determinado com exatidão o que devia ser considerado no sábado como “trabalho” proibido e como “obra” inadmissível, e o que era “lícito”. E era inequívoco que carregar uma cama “não era lícito”. Também um profeta tão profundo quanto Jeremias dirige-se com grande seriedade contra o “carregar” uma carga “no dia de sábado” (Jr 17.21s). Por isso, aos olhos dos fariseus o enfermo cometeu um grave pecado.

10 “Então disseram os judeus ao que fora curado: É sábado, e não te é lícito carregar o leito.”

João conhece perfeitamente as prescrições da Mishná, que não permitia uma acusação por causa da transgressão da lei se não tivesse havido uma advertência prévia. Essa “advertência” é proferida legalmente ao curado. Somente depois, quando apesar disso continuava carregando a cama, ele se torna pecador, passível do castigo.

11 Agora compreendemos o peso de sua resposta. Ele rejeita a advertência. “Ele, porém, lhes respondeu: O que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.” Precisamente ao cumprir essa ordem ele recuperou a saúde. Como, então, essa ordem de levar seu leito pode ser errada? Ele na realidade não podia agir diferente do que esse poderoso Auxiliador lhe dizia. Naturalmente seu interrogatório continua:

12 “Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?” O curado, porém, não soube dar nenhuma informação. Pois nunca havia visto a Jesus, e naqueles pavilhões Jesus ainda era desconhecido. Jesus tampouco havia conversado mais tempo com ele, mas seguiu adiante logo depois da cura.

13 “Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia esquivado, por haver muita gente naquele lugar.” Deparamo-nos com o mesmo traço que sempre de novo é enfatizado nos sinóticos: Justamente com relação às curas Jesus não deseja que se tornem conhecidas, para que ele não seja procurado de uma maneira equivocada. Por isso Jesus **“se havia esquivado”** diante do grande número de pessoas que, além dos enfermos, lotavam o pavilhão, provavelmente para visitá-los.

14 No entanto, a história entre ele e o curado ainda não acabou. A cura pode e deve ainda ser seguida do aconselhamento, porque o ser humano é essa unidade de corpo e alma e sempre carece de ajuda para ambos ao mesmo tempo. **“Depois Jesus o encontra no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.”** Jesus não reencontra o curado de qualquer maneira numa rua. Esse homem buscou o templo. Provavelmente sente-se impelido a agradecer a Deus pela cura. Nisso se torna evidente que Jesus não exime as pessoas que atingiu do culto de Israel. E o diálogo que ele agora mantém com esse homem denota a profunda seriedade de Jesus. Somente agora, depois da cura, não antes dela, Jesus fala com esse homem acerca de seu pecado. Assim como no caso do paralítico (Mt 9.1-8), Jesus está pressupondo que uma pessoa tem consciência muito clara de seu pecado. Jesus não fala em detalhes sobre ele, de como aqui a “enfermidade” era decorrência de um “pecado”. Também isso está muito claro para o curado. Jesus apenas precisa fazer uma breve menção disso. A cura de Jesus havia sido simultaneamente um perdão. Um ser humano ganhou a oportunidade de começar uma vida integralmente nova. Contudo, cumpre-lhe fazê-lo com a máxima seriedade. Se ele abusar agora da graça experimentada, dando novamente poder a seu velho pecado, então as conseqüências hão de ser muito piores que tudo o que ele suportou até aqui em trinta e oito anos de enfermidade. Também nesse caso a graça desprezada se tornaria juízo. O “pior”, que nesse caso o atingirá, pode ser o mais terrível, a perdição eterna. É por essa razão que Jesus lhe ordena com tanta seriedade: **“Não peques mais.”** Será que Jesus exige e espera dele agora uma vida “sem pecado”? Certamente que não. Contudo, ele não deve permitir ser novamente aprisionado por certas amarras pecaminosas em que viveu e que lhe trouxeram conseqüências tão funestas. Tampouco tem necessidade disso. Pois também nesse caso a ordem de Jesus possui um poder que doa e cria. Quando o curado segue com fé a ordem de Jesus, ele experimenta a liberdade interior e a vitória sobre o seu pecado.

15 Evidentemente, o diálogo foi mais longo e detalhado do que João no-lo transmite em seu estilo sucinto. Pois agora o curado “conhece” Jesus. **“O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.”** João simplesmente nos informa o fato, sem ao menos mencionar por que o curado age desse modo. Será que ele visa desvencilhar-se definitivamente da acusação de

profanar o sábado? Pensava ele que deveria dar um testemunho em favor de Jesus perante as autoridades de seu povo, e será que nem sequer suspeita que conseqüências isso terá de acarretar para Jesus? Não o sabemos.

- 16 Agora, porém, estabeleceu-se o conflito com o influente grupo dos fariseus. Vale esclarecermos toda a sua gravidade. Temos de perguntar: Acaso os fariseus não tinham razão? É permitido tão simplesmente descartar o claro mandamento de Deus? Não era justificada a exortação de que para esse tipo de curas se deveria procurar outro dia e não quebrar o sábado por meio delas (Lc 13.14)? E mesmo que a interpretação mais detalhada do mandamento consista de meros preceitos tradicionais humanos, é permitido romper com costumes antigos e consagrados? A pergunta é séria, porque todos nós vivemos em conceitos predeterminados, tradições firmes, comportamentos válidos. Nem sequer podemos viver de modo diferente. Será que o indivíduo tem o direito de desprezar tudo isso arbitrariamente? A que lugar isso levaria? Será que defensores sérios de uma comunidade não precisam resistir a tais arbitrariedades? Os fariseus o fazem de forma ardorosa. **“E por isso os judeus perseguiram Jesus, porque fazia isso no sábado.”** Novamente João não cita apenas os fariseus como adversários de Jesus, mas fala “dos judeus”. O “farisaísmo” e “judaísmo” estavam tão estreitamente entrelaçados; no farisaísmo, o próprio judaísmo se expressava de tal modo, que Paulo, na retrospectiva sobre seu passado de fariseu, é capaz de dizer: “Quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade” (Gl 1.14). Esse “judaísmo” antagonizava por natureza contra Jesus e o “perseguiu”, como também o fariseu Saulo “perseguiu” a Jesus (At 9.4).

Que tem Jesus a dizer nessa questão? Sua advertência ao curado evidenciou que ele não é um “traidor leviano” (Sl 25.3). Ele o advertiu com profunda seriedade diante do pecado. Como, porém, ele justifica a flagrante transgressão do mandamento do sábado, sua desconsideração para com a interpretação reconhecida desse mandamento? Ao que parece, houve uma reunião especial com os fariseus, que João não relata em detalhes. Ele apenas nos apresenta a resposta decisiva de Jesus nessa reunião especial:

- 17 **“Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.”** Ele não é uma pessoa isolada que se arroga o direito de desprezar os costumes antigos ou até os mandamentos divinos. Não age arbitrariamente. Seus adversários se enganam completamente a seu respeito quando o acusam de arbitrariedade. Ninguém é menos autocrático, ninguém está mais intensamente submisso que ele, que é o “Filho”, que pertence ao Pai em obediência total (Jo 4.24!). Como, porém, ele tem o direito de romper o sossego do sábado, que na verdade recorda o “descanso” de Deus no sétimo dia da criação (Gn 2.2)? Por ser o Filho, não deveria ele afirmar justamente: “Meu Pai descansou no sétimo dia, e por isso eu também descanso”? Contudo Jesus assevera: **“Meu Pai trabalha até agora”**. Isso não constitui uma contradição a Escritura? Mas por que Deus “descansou” naquela ocasião? Porque todas as obras estavam “consumadas” e tudo era “muito bom”. Então Deus podia “descansar”. Na seqüência, porém, aconteceu a queda no pecado. Começou a miséria do mundo e da humanidade, que desde então veio se avolumando poderosamente como uma avalanche. E agora Deus precisa **“trabalhar”** de uma forma bem diferente: em seu magnífico plano de redenção e salvação. Então não existe para ele “descanso”, até que ele um dia, no fim da história da salvação, possa dizer: “Tudo está feito” (Ap 21.6). Então virá novamente o “*shabbat*” de Deus e de toda a sua criação. Agora, porém, Deus **“trabalha”** sem cessar, ajudando, sarando e salvando, também no sábado. Com toda a certeza, não são quaisquer trabalhos do dia-a-dia nem atividades do mundo que podem turbar o sossego do sábado que em forma de sinal olha para o passado e aponta esperançosamente para o futuro. Contudo ajudar e curar, fazer o bem, esse “trabalho” mais essencial de Deus é uma incumbência dada ao “Filho” também no sábado. **“Meu Pai trabalha até agora, por isso eu trabalho também.”** O que Jesus disse sobre a questão do sábado de acordo com os sinóticos (Mt 12.9-12; Mc 3.2,4; Mt 12.5-8; Mc 2.27s) foi expresso aqui sinteticamente numa única frase breve.

- 18 É óbvio que essa defesa e proclamação de seu agir provoca muito mais a ira de seus adversários e a torna mortal. **“Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.”** Novamente seria errado encobrir a profundidade do conflito por uma revolta demasiado rápida e gratuita sobre os antagonistas de Jesus. Não era uma bagatela contraporem-se agora, como sérios representantes do que vigorou até aqui como verdadeira devoção, a Jesus e seu agir. Na perspicácia de sua hostilidade, os fariseus viram de modo bem correto que nesse caso não se tratava de algumas alterações de uma devoção que nos demais aspectos seria mantida, mas que aqui estava sendo

questionado tudo aquilo em que eles viam a essência do relacionamento correto com Deus. Onde traduzimos com “violar”, está escrito literalmente: “Jesus dissolveu o sábado.” A ação de Jesus parecia-lhes como “dissolução” de todas as ordens, como ameaça a Israel em sua consistência mais profunda. Acaso os pais não haviam sofrido e sangrado no tempo dos macabeus por causa do sábado? E esse Jesus simplesmente o dissolve! Não haveria de ruir tudo se admitissem essa “dissolução”?

Mais terrível, porém, era para eles que um ser humano estava “**se fazendo igual a Deus**”. Sem dúvida o povo de Israel como um todo, pela eleição de Deus, era em sentido figurado seu “filho” (Êx 4.22; Os 11.1). Por essa razão também se podia considerar e invocar Deus como “Pai” em Israel (Dt 32.6; Sl 103.13; Is 63.16; Jr 3.4; 3.19; 31.9). Ao rei de Israel Deus podia prometer que seria para ele um “Pai” e o rei seria para ele como um “filho” (2Sm 7.14). No entanto, isso era algo totalmente diferente que a declaração de uma pessoa isolada, de ter a Deus como Pai num sentido singular e estar essencialmente ao lado de Deus. “Ser igual a Deus”, não foi essa a tentação satânica dos primeiros seres humanos? Será que Jesus não sucumbiu completamente a ela quando “**se iguala a Deus**” dessa maneira?

Estamos acostumados com a palavra de Jesus e com todo o falar de que Jesus é Filho de Deus. Para nós é salutar que na ardente revolta dos “judeus” avaliemos de forma nova o que o próprio Jesus está afirmando e o que sua igreja confessa como dogma. De fato, está em jogo a divindade de Deus. Entre os “judeus” e Jesus não pode haver “acerto”. Um “judeu” tão somente podia romper com toda a sua vida passada, precisamente com sua vida devota anterior, entregando-se a Jesus que é o Filho de Deus e verdadeiro realizador das obras de Deus, ou ele tinha de odiar a Jesus e tentar aniquilá-lo. Saulo de Tarso passou paradigmaticamente por essa alternativa e a viveu em ambas as direções. Nós, porém, teremos de ouvir com máxima atenção o que Jesus terá a dizer nos versículos subseqüentes acerca de sua filiação divina. Pela palavra de Jesus tem de tornar-se claro para nós que ele justamente não “se faz igual a Deus” naquele sentido pecaminoso e que por isso sua filiação divina não viola a divindade de Deus, mas sim, que expressa a divindade de Deus com seu amor essencial.

O presente trecho constitui um prelúdio para o episódio do cap. 11. Ao mesmo tempo ele mostra que nem mesmo o mais belo e límpido milagre é capaz de conquistar pessoas para a fé, e de convencer adversários, como nós pensamos. A cura do enfermo no tanque de Betesda, bem como a ressurreição de Lázaro não levam os adversários a crer, mas a tomar a decisão de matar Jesus.

JESUS TESTEMUNHA QUE É FILHO DE DEUS – João 5.19-30

- **Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz.**
- **Porque o Pai ama ao Filho, e lhe mostra tudo o que faz, e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis.**
- **Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer.**
- ²² – **E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento,**
- **a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.**
- **Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.**
- **Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que [realmente] a ouvirem viverão.**
- **Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.**
- ²⁷ – **E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem.**
- ²⁸ – **Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão,**
- **os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.**
- **Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou.**

19 Aos olhos de seus adversários, tudo o que Jesus havia feito e dito era arbitrariedade pecaminosa e presunção revoltante. Unicamente assim eram capazes de imaginar uma vida que não fosse conduzida como a deles no temeroso cumprimento de todas as prescrições. Por isso, Jesus lhes tenta mostrar que sua condição de Filho de Deus é tudo, menos arbitrariedade e vanglória pessoal. Como o “Filho”, ele justamente está vinculado ao Pai de modo verdadeiro e total e, por conseqüência, bem diferente que eles. **“Respondeu-lhes, pois, Jesus e disse: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai.”** Uma vez que também nós, no fundo muito semelhantes aos adversários de Jesus, imediatamente entendemos sob “filiação divina” algo sublime, magnífico e brilhante, é bom para nós que uma vez destaquemos dessa frase as palavras: **“O Filho nada pode.”** É exatamente esse e nenhum outro o distintivo do Filho! Nós mesmos estamos distantes da verdadeira filiação divina não porque não podemos o suficiente, mas porque ainda podemos e queremos fazer tantas coisas sem Deus, por nós próprios. Jesus, porém, é “o Filho”, porque ele “nada pode”, a saber, nada a partir de si próprio, nada em sentido radical sem Deus. Somente pode agir **“quando vê o Pai fazer algo”**.

20 Com essa submissão total e humildade estão vinculados precisamente todo o seu poder, alteza e glória como “Filho”. **“Porque o que o Pai faz, o Filho também o faz de igual modo.”** Exatamente porque “nada pode”, ele pode tudo; porque está plenamente subordinado ao Pai, ele participa do agir do Pai e atua **“de igual modo”** e com máxima autoridade.

Como os opostos se unem? Por que a total submissão do Filho não é prejuízo e desonra, e sim magnitude e glória, por que nada poder não significa fraqueza, e sim autoridade? Jesus nos fornece a solução desse enigma. A solução reside na natureza e na atuação do “amor”. É o amor do Filho que faz com que ele esteja tão integralmente devotado ao Pai e não possa fazer nada por si mesmo com a mais plena das vontades. E a esse amor do Filho responde o amor do Pai. **“Porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que ele próprio faz.”** Esquecendo-se inteiramente de si mesmo, o Filho contempla o Pai, razão pela qual não pode fazer nada, se não **“vir o Pai fazer algo”**. O Pai, porém – se nos pudermos arriscar a falar nesses termos para explicitar a questão – não aproveita para si próprio essa atitude do Filho, mas “mostra” com desinteresse régio de amor paterno ao Filho **“tudo o que ele próprio faz”**. A partir desse “tudo” podemos acrescentar à declaração do v. 19 a inversão: Não existe nenhum agir de Deus que não seja “de igual modo” um agir de Jesus. Constatamos esse fato logo no início do presente evangelho, quando justamente a obra mais precípua do Criador e Pai, a própria criação, foi atribuída ao Filho com enfática integridade. “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.2).

Por conseqüência, estamos sendo brindados com um olhar para dentro do íntimo do mistério da vida de Deus. Deus não é solitário. Ele concedeu a si mesmo um interlocutor divino, ao se pronunciar através de seu “Verbo” (Jo 1.1). Esse Verbo é “Deus por espécie”, verdadeiramente unido por essência com o Pai. Contudo, essa unidade essencial não é uma igualdade estática e mecânica. Aqui vigora toda a glória do “amor”. Agora, pois, ficou mais claramente desenvolvido para nós aquilo que logo no início do evangelho líamos na breve frase de que o Verbo estava “com Deus”, “em direção de Deus”. Uma profunda “desigualdade” traduz em vivacidade a maravilhosa “igualdade”. “Iguais” o Pai e o Filho são na natureza divina. “Iguais” eles são em seu agir, “iguais” em amar. Contudo o agir do Filho sempre é um agir que olha para o Pai e espera pelo seu agir. O amor do Filho sempre é o amor que reverencia, que se entrega, que está pleno do Pai e de sua honra e que lhe serve integralmente. O amor do Pai, porém, é o amor majestático, que presenteia e mostra. É isso que deve estar diante de nós quando declaramos: Deus é amor (1Jo 4.16). Porque o que o “amor” realmente é nós o aprendemos unicamente no protótipo e na origem de todo amor.

No entanto, temos também o privilégio de aprendê-lo verdadeiramente, porque em nossa origem fomos criados para esse amor e pela redenção através de Jesus atingimos uma vida nesse amor. Caracteriza exemplarmente o verdadeiro cristão, que ele também pode afirmar cada vez mais convicto: “O discípulo nada pode fazer de si mesmo, quando não vê seu Senhor fazendo algo. Pois o que Jesus faz, isso também o discípulo faz de igual modo. Jesus, porém, ama o discípulo e lhe mostra tudo o que faz.” Por essa razão, também no discípulo de Jesus, como no Filho, esse “nada” e “tudo” estão interligados: “nada tendo, mas possuindo tudo” (2Co 6.10). A partir dessa experiência própria adquirimos novamente a perspectiva para a palavra de Jesus. Os fariseus, porém, por causa de sua dureza e falta de amor, são cegos para o mistério do amor entre Pai e Filho. Não compreendem Jesus

e enxergam “pecado” e “blasfêmia contra Deus” onde na realidade aparece toda a obediente filiação de Jesus com sua glória.

Trata-se de história genuína. O Pai mostra ao Filho “tudo”; não se limita a algumas peças e parcelas. Contudo esse “mostrar” não é uma visão única de conjunto. Pelo contrário, o “olhar” do Filho e o “mostrar” do Pai processam-se continuamente em eventos históricos. João não informa nada sobre como acontece esse “mostrar”. Constitui um indício especial da autenticidade e originalidade deste evangelho, que justamente o ponto mais sério e importante da vida de Jesus, seu contato com o Pai, permanece totalmente envolto num mistério respeitosamente preservado. Percebemos o “mostrar” do Pai e a compreensão obediente do Filho apenas nos resultados flagrantes. Foi assim que o Pai lhe mostrou Natanael debaixo da figueira, mostrou-lhe o que caberia fazer nas bodas de Caná, indicou-lhe a mulher samaritana no poço de Jacó e lhe concedeu agora a cura do enfermo no sábado. É desse modo que continuará, até a ressurreição de Lázaro, até a caminhada para a cruz. Jesus sabe **“E maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vós vos maravilheis.”** Nesta frase o “vós” é destacado com ênfase. O próprio Filho não se “maravilha” de que o Pai sempre tem obras maiores para que ele faça. Isso ele espera com profunda alegria. Porém “vós”, vós judeus, vós seres humanos, não podeis compreender essa autoridade em alguém que está diante de vós integralmente como pessoa.

- 21 Quais são essas “obras” que são ainda “maiores” do que a transformação de água em vinho e a cura de um enfermo desenganado? É a ressurreição e a vivificação de mortos. **“Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer.”** A princípio isso é formulado aqui de modo genérico, a fim de expor para nós esse “maior” e realmente grandioso. Os vv. 25-30 o explicarão com mais detalhes. Nessa afirmação, porém, acontece a decisão sobre a nova e inaudita compreensão que Jesus tem do ministério e da pessoa do Messias. De acordo com a concepção corrente, o Messias era um rei, que inaugura a libertação de Israel e seu domínio mundial, num governo longo e ricamente abençoado. “Os dados dos rabinos oscilam – sempre com fundamento no AT – entre 40 dias e 365.000 anos como duração da era do Messias.” Jesus, porém, considerava-se um rei que apesar de sua morte na cruz não morreria, mas que foi chamado para ser Doador da vida a partir da morte.

Também nessas “obras maiores” vale novamente a regra da unidade de ação entre Pai e Filho: **“Assim como o Pai, assim também o Filho”**, nessa seqüência irreversível. Como Paulo também vê e destaca em Rm 4.17, constitui a divindade de Deus que “ele vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem”. Nessa obra realmente divina Jesus participa. Que Senhor temos nós! O adendo **“a quem quer”** não pode, nesse contexto todo, ter ainda a conotação de arbitrariedade do Filho. Contudo salienta que esses “mortos” não devem sua nova vida de forma alguma a si mesmos e a seu mérito pessoal, mas a recebem unicamente pela ação da livre graça e vontade de Jesus. Não “os que a merecem” ou “os que são dignos”, são os que Jesus vivifica, mas os que “ele quer”, ainda que seja uma decaída mulher samaritana. Com essa afirmação também está suspensa qualquer prerrogativa da “vida” que o judeu considerava assegurada em sua filiação abraâmica e em sua circuncisão. Cada ser humano, também o israelita, para ser vivificado, é remetido exclusivamente ao “querer” de Jesus. Por isso vir a Jesus e crer nele são absolutamente necessários para que se receba a salvação.

- 22/23 Do grande tema “morte, ressurreição, vivificação” faz parte também o grave tema “juízo”. Todo ouvinte das palavras de Jesus tinha de lembrar-se dele imediatamente. Não será isso algo que o Pai reservou exclusivamente para si? Não compete ao Filho apenas assistir calado enquanto o Pai julga? Não. **“Pois o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento, a fim de que todos honrem o Filho assim como honram o Pai.”** Logo, também essa tarefa mais séria daquele que é Deus e Senhor e Juiz do mundo foi **“confiada ao Filho”**, e nela o Filho não deve apenas exercer uma determinada função. Pelo contrário, o juízo foi “todo” entregue às mãos do Filho. O destino eterno de cada pessoa está, portanto, nas mãos de Jesus. É por essa razão que um dia todos hão de, e terão de honrar o Filho, assim como honram o Pai. Foi isso que também Paulo atestou em Fp 2.9-11; e ele igualmente constatou que nesse prostrar-se diante de Jesus reside justamente a honra de Deus o Pai. A regra do agir “do Filho como o do Pai” adquire também sua inversão: “no Filho justamente o Pai”. Nada foi contraposto nessas afirmações. Nelas expressa-se a verdadeira e plena comunhão do amor, que faz da propriedade de um imediatamente também a posse do outro. O agir do Pai torna-se o agir do Filho, e a honra dada ao Filho torna-se a honra devotada ao Pai. É em função disso que Jesus

constata: **“Quem não quer honrar o Filho não honra o Pai que o enviou.”** Quem pensa – como os judeus pensavam ardentemente naquele tempo e muitos na igreja pensam até hoje – que precisa “proteger” a honra de Deus contra uma honra excessiva de Jesus, está errado, porque transfere para Deus seu próprio pensamento centrado no eu. Com esse pensamento ciumento a pessoa ignora e despreza o amor entre o Pai e o Filho e não quer tolerar que Deus confiou tão intensamente **“tudo”** na mão de Jesus. Contudo Deus o deliberou e implementou assim. Por isso existe verdadeira honra a Deus apenas na honra ao Filho. O Filho, por sua vez, concede toda a honra ao Pai até o monumental ato final da história da salvação, que Paulo expõe perante a igreja em 1Co 15.28. O **“assim como”** na presente frase **“a fim de que todos honrem o Filho assim como honram o Pai”** não é no grego apenas uma palavra de comparação, mas traz consigo uma conotação de justificativa: Honram o Filho justamente **“de conformidade”** com a honra que eles dão ao Pai. Amam ao Filho **“porque”** justamente assim honram o Pai.

- 24 Por acaso Jesus está falando do futuro? Sem dúvida, como os v. 28s mostrarão novamente. Contudo, ele ao mesmo tempo fala do presente e de seu agir hoje, porque o futuro derradeiro se decide hoje. Isso Jesus afirma com a grandiosa sentença que a fantástica oferta diz respeito a cada um de forma direta. Aqui ele alterna da terceira para a primeira pessoa, para que se torne inequivocamente claro: O Filho, do qual ele falava, é ele próprio. Por meio desse **“eu”**, que demanda uma decisão direta, ele confronta os líderes do povo de Israel que estão diante dele, e ele igualmente vai ao encontro daquele que agora está ouvindo e lendo sua palavra. **“Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.”** Não apenas no futuro distante, não apenas após a morte, mas hoje pode e deve ter acontecido que uma pessoa **“passou da morte para a vida”**. Jesus o pronuncia na forma do pretérito perfeito. Já aconteceu, o passo decisivo foi dado. Consequentemente, não pode mais haver para a pessoa um juízo, ela **“não entra em juízo”**. Como, afinal, alguém que já **“tem”** a vida eterna (Os textos de Jo 3.16; 3.36 já trouxeram essa declaração), ainda poderia entrar em juízo? Por princípio isso é impossível. Quem, porém, está nessa situação maravilhosa? **“Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou.”** O começo é **“ouvir”** a palavra de Jesus. Obviamente é um **“ouvir”** com o coração aberto. E quando se houve assim, torna-se a crer. No entanto, ele não significa um **“crer em Deus”** genérico e indefinido. Jesus não diz: **“e crê em quem me enviou”**, mas o sentido é: **“e dá crédito àquele que me enviou.”** Assim o **“crer”** possui um conteúdo definido. Quem **“crê”** assim, crê em Deus, que ele de fato enviou Jesus e concedeu ao Filho todo o poder. Novamente isso está indissolivelmente interligado com uma confiança integral em Deus. A palavra de Jesus leva a confiar em Deus e, a partir de Deus, torna a motivar para a confiança absoluta em Jesus, porque foi Deus quem enviou Jesus e nesse envio manifestou seu coração e sua natureza. Contudo, quem traz dentro de si esse **“ouvir e crer”**, nele foi tomada com isso a decisão eterna, independente de quem for. Outras espécies de condições para participar na vida não existem. Inversamente, no arrasador não-ouvir e não-querer-ouvir dos judeus (Jo 8.43,47) já se processa o juízo e a sentença de morte.
- 25 Jesus confirma expressamente que essa **“hora”** da decisão eterna está aí no presente, razão pela qual **“vem”** incessantemente para pessoas. **“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que [realmente] a ouvirem viverão.”** Se formos daquelas pessoas que precisam **“passar da morte para a vida”**, seremos inicialmente **“mortos”**. É assim que declara também o pai do filho pródigo: **“Esse meu filho esteve morto...”** (Lc 15.24). A palavra apostólica o confirma em Ef 2.1-3: **“mortos em pecados e transgressões”**. Agora, porém, acontece o milagre, de que esses mortos fazem algo que nem sequer conseguem fazer: eles **“ouvem”**. Essa é a força da **“voz do Filho de Deus”**, ela chega até os mortos e ressoa em corações mortos, tornando-se audível. E então acontece: **“E os que realmente a ouvirem, viverão.”**
- 26 Por que isso pode suceder assim? **“Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.”** No testemunho da Bíblia sempre está em jogo a **“vida”**, mas no evangelho de João isso foi ressaltado de modo bem peculiar. Por isso ele também se tornou um escrito missionário tão eficaz, porque a pergunta pela **“vida”** e o anseio por vida verdadeira estão em cada ser humano. Toda pessoa atenta passou pela experiência de que a vida, que todos nós temos e conhecemos, não é uma vida genuína e real. Vivemos agora na morte. Vida verdadeira, e por isso inesgotável, **“eterna”**, **“vida em si mesmo”**, é só Deus quem tem. E unicamente aquele a quem ele

concede participação nessa vida divina experimenta nela a satisfação de seu anseio por vida. Novamente, porém, o Pai comunicou essa natureza divina ao Filho. Também o Filho possui, pois, “vida em si mesmo”, vida originária, não emprestada e derivada. É por isso que crer no Filho confere ao crente a participação nessa vida (Jo 3.36).

27/29 Quem tem a vida em si mesmo e agora pode concedê-la ou negá-la, esse já está exercendo, assim, o juízo. **“E lhe deu autoridade para julgar, porque é Filho do Homem.”** Aqui não consta como nos demais textos “o Filho do Homem”, ou seja “o” Filho do Homem segundo a profecia de Daniel. Com **“Filho do Homem”** sem artigo Jesus visa caracterizar-se como ser humano verdadeiro e total. Poderíamos traduzir simplesmente: “Porque ele é ser humano.” Ele, que pode ter a vida em si mesmo como Deus, ele é ao mesmo tempo totalmente “ser humano”. E precisamente nessa duplicidade de sua natureza ele foi revestido por Deus da autoridade do juízo. Ele, o Filho, honra o direito sagrado do Pai no juízo. No entanto, ele, o ser humano, conhece simultaneamente os humanos com toda a sua culpa e aflição em virtude da mais íntima comunhão com eles, podendo por isso julgar corretamente.

Porém, podemos crer tudo isso, visto que agora Jesus na realidade é visível para seus adversários somente como “ser humano”? Não persiste o fato de que aqui uma pessoa se arroga de modo revoltante qualidades divinas? Os adversários não devem permanecer fixos em seu espanto (irado). Eles não de presenciar toda a verdade daquilo que Jesus acaba de dizer. Porque assim como as coisas vindouras, juízo e concessão da vida eterna, já se realizam agora – também seus adversários podem obter agora a glória da vida! –, assim inversamente tudo o que acontece já agora se precipita em direção de uma grande “hora” derradeira, na qual ele se manifesta de modo definitivo e irrefutável. **“Não vos maravilheis disto, porque vem uma hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão, os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.”** Agora todos eles ainda “vivem” de maneira indistinta, os “mortos” e os que já passaram para a vida autêntica. E todos eles descem de igual modo à sepultura! Também aqueles que, como fiéis, “têm” vida eterna, precisam morrer fisicamente, porque “carne e sangue não herdarão o reino de Deus” (1Co 15.50). Contudo, então virá a “hora”, em que ressoa outra vez a “voz do Filho de Deus”! E então todos “a ouvirão”, porque a sepultura não pode isolar diante dela. Hoje ainda é assim que essa voz também pode alcançar os “mortos”, os mortos “podem” ouvi-la para sua salvação e vida (v. 25). Então, porém, todos os que estão nos túmulos “terão” de ouvi-la inevitavelmente. Todos “terão” de ressuscitar e sair dos túmulos. Ninguém poderá eximir-se disso, ninguém poderá esquivar-se. Também os adversários de Jesus, que agora não reconhecem sua voz como a do Filho de Deus e não a deixam entrar em seu coração, mas o condenam como blasfemo, então terão de obedecer à voz dele. E ficará manifesta a separação que agora passa oculta pelo meio da humanidade. Os que **“tiverem feito o bem”**, que, portanto, ouviram a palavra de Jesus e acreditaram no Pai que enviou o Filho, não entram no juízo (v. 24), mas experimentam **“a ressurreição da vida”**. A “vida eônica” que eles já possuíam, torna-se agora uma vida integral de ressurreição, que também determina sua corporalidade (Rm 8.11; Fp 3.20s; 1Co 15.42-49). Aqueles, porém, que **“tiverem praticado o mal”**, porque se negaram a dar ouvidos à palavra de Jesus, permanecendo assim na natureza mortal da carne (Jo 3.1-6), experimentam **“a ressurreição do juízo”**. Agora seus antagonistas farisaicos o condenam e já sentenciam em seu coração a pena de morte (v. 18). Então, porém, estarão perante o juízo. E que será feito deles então? Na realidade não de “praticar o mal”, rejeitando e matando aquele que Deus lhes enviou como seu Filho amado e como sua dádiva suprema de amor. A palavra de Jesus, no entanto, não diz respeito apenas aos adversários, aos quais é dita agora diretamente. Como a necessária contrapartida para a magnífica oferta do v. 24 ela atinge a todos os que se fecham para Jesus e, por isso, permanecem “carne”, podendo assim realizar apenas “coisas da carne”, inúteis para Deus. Interpretamos, portanto, os v. 28s de acordo com o que se nos tornou translúcido em relação a Jo 3.19-21. Schlatter, no entanto, propõe que essas palavras de Jesus sejam referidas àquele juízo sobre as nações que o próprio Jesus nos descreveu em Mt 25.31-46. Ali “praticar o mal ou o bem” não é equivalente a ouvir Jesus com fé ou a rejeitá-lo com incredulidade. Pelo contrário, acontece um comportamento bom ou mau em relação aos mais humildes irmãos de Jesus, o qual é julgado diretamente enquanto tal e leva para a vida ou para a perdição. No entanto, é significativo que nenhum dos julgados em Mt 25 possui um conhecimento direto de Jesus e com isso de forma alguma esteve confrontado com a questão da fé propriamente dita. Para todo o que ouviu a mensagem de

Jesus e que através dela foi chamado à fé, Mt 25 não pode ter mais importância. Para ele vale, porém, Jo 3.36! E quem quiser rejeitar a fé em Jesus e seu agir salvador por ter “feito o bem” em proporção suficiente, a fim de chegar à ressurreição da vida, esse ainda terá de encontrar-se numa cegueira perigosa para a vida.

- 30** Na terra, em todos os povos e países, se “julga” muito. Ainda que os juízes terrenos se empenhem seriamente por um julgamento correto, quantas inibições inconscientes, quanto engano, quanta injustiça constantemente aparece. Aquele juízo final que Jesus realiza seguirá uma justiça sem erros. Como é assustador e consolador saber disso! Jesus afirma a esse respeito: **“Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou.”** Novamente o “eu” no texto grego é salientado com ênfase. Como são autocráticas todas as pessoas justamente quando “julgam”. Também seus adversários o são, por mais justos que possam parecer perante si mesmos ao condenarem Jesus. Unicamente Jesus é diferente. **“Na forma por que ouço, julgo”**. Esse “ouvir” por ocasião de seu julgamento não se refere ao dever óbvio de todo juiz, de “ouvir” tanto os acusados quanto as testemunhas. Quanto engano pode infiltrar-se justamente no ouvir bem-intencionado dos juízes humanos! Não, é o “ouvir” do Filho em relação ao Pai. Também nesse caso acontece como em toda a unidade do Pai e do Filho, que a entrega do juízo na mão do Filho não dispensa o Pai, mas que a vontade do Pai é valorizada precisamente pela obediência amorosa e livre do Filho; **“porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou.”** De forma alguma Deus “renunciou” quando entregou o juízo integralmente ao Filho. Deus permanece o Juiz do mundo. Seu juízo não é substituído pelo juízo de seu Filho. Porém ele se realiza por intermédio do Filho, porque o Pai ama o Filho e lhe “mostra” tudo. O julgar do Filho cumpre única e exclusivamente a sagrada e justa vontade julgadora de Deus. Por isso compreendemos por que o testemunho bíblico fala tanto do “dia de Deus” quanto do “dia de Jesus Cristo” e pode mencionar na mesma afirmação Deus e Cristo como nosso Juiz (Rm 14.10-12). Em Rm 2.16, Paulo ensina precisamente o que Jesus testificou a seu próprio respeito em suas grandiosas afirmações. Deus julga pessoalmente; porém julga “através de Jesus Cristo”. Isso corresponde à unidade de Pai e Filho na obra da criação.

Em decorrência, foi explicitada com plenitude abrangente a frase fundamental da defesa de Jesus contra as acusações de violação da lei: “Meu Pai trabalha até agora, e assim eu trabalho também”. Os acusadores são remetidos ao dia do juízo, no qual o juízo perfeitamente justo sobre eles lhes evidenciará que Jesus não é um transgressor autocrático da lei, mas o Filho, que de todo o coração, não procura nada a não ser a vontade do Pai, que o enviou. Justamente ele desconhece arbitrariedade e vontade própria.

AS TRÊS TESTEMUNHAS EM FAVOR DE JESUS – João 5.31-40

- Se eu testifico a respeito de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro.
- ³² – Outro é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim.
- ³³ – Mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade.
- Eu, porém, não aceito humano testemunho; digo-vos, entretanto, estas coisas para que sejais salvos.
- Ele era a lâmpada que ardia e alumia, e vós quisestes, por algum tempo, alegrar-vos com a sua luz.
- Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou.
- ³⁷ – O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma,
- Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou.
- ³⁹ – Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.
- Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.

- 31/34** Em tudo o que afirmou nos v. 19-30 Jesus ouve a objeção de seus adversários e a lê em seus rostos e em seus corações: Tudo isso apenas tu mesmo dizes a teu próprio respeito. Não passam de

declarações! Com o que pretendes comprová-las? Que testemunhas podes arrolar em favor delas? Mais tarde (Jo 8.14) Jesus responderá a essa objeção de peso de seus adversários: “Ainda que eu testifique de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou.” Afinal, será possível que nesse caso haja outro “testemunho” que o autotestemunho de Jesus? “Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27). Quem ousaria investigar esse mistério e julgar “objetivamente” se as afirmações de Jesus são corretas e verdadeiras? Por sua essência o desejo dos adversários não pode ser atendido. Contudo, em vista de seus ouvintes, Jesus agora se coloca no seu ponto de vista e aceita sua objeção. **“Se eu testifico a respeito de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro”**, não possui força comprobatória, mesmo quando for verdadeiro e pertinente em si. No entanto, a situação nem é assim como os adversários pensam. **“Outro é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim.”** Quem é esse “outro”? Jesus já volta seu olhar para a última testemunha válida que se empenha por ele, o próprio Deus. Contudo, logo se manifesta a mesma dificuldade. Vimos em Jo 1.18 que Jesus é o único “exegeta de Deus”. Justamente por isso o testemunho de Deus em favor dele pode ser manifesto apenas pelo próprio Jesus. Somente o próprio Jesus, em defesa do qual vigora o testemunho de Deus, é capaz de “saber” que esse testemunho de Deus sobre ele **“é verdadeiro”**. Mas Jesus pretende ajudar seus adversários, motivo pelo qual dirige seu olhar para uma “testemunha” que viveu como pessoa entre eles e a quem eles próprios interrogaram, João Batista. **“Da vossa parte mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho em favor da verdade”** (cf. Jo 1.19-27). Novamente nota-se que para os homens da Bíblia a “verdade” é a “realidade”, que persiste em si mesma antes de qualquer pensar e arbitrar humano. Diante dessa realidade a pessoa somente pode se subordinar, dando assim **“testemunho em favor da verdade”**. É verdade, Jesus afirma, com um “eu” enfático, que esse testemunho que para os adversários certamente é considerável, para ele próprio de forma alguma é suficiente. **“Eu, porém, não aceito o testemunho de um ser humano.”** Como uma pessoa poderia declarar verdades realmente válidas sobre o relacionamento de Jesus com o Pai, sobre os mais profundos mistérios da vida de Deus? Como poderia até mesmo João saber algo a esse respeito? Jesus apenas alude ao testemunho de João, **“para que sejais salvos”**. Porque depois de tudo o que Jesus expôs em Jo 3.1-16,36 e 5.24-30 é irrefutável que esses devotos de Jerusalém que estão diante dele são pessoas perdidas. Sua existência, apesar de toda a sua religiosidade, um dia acabará na “ressurreição do juízo”, se não crerem no Filho. Carecem de ser salvos. O Filho, porém, sabe “que o Pai não o enviou para julgar, mas para salvar” (Jo 3.17). Sua determinação de amor também vale para seus adversários que o odeiam. Tentam matá-lo; ele tenta salvá-los. É por isso que ele também recorre ao testemunho do Batista, que para ele próprio nada significa. Talvez sirva para a salvação dos outros. Conforme nos foi dito logo no início do evangelho (Jo 1.8), João não foi ele próprio a verdadeira luz, mas apenas testemunha da luz. No entanto, dessa forma ele representou para as profundas trevas de seu tempo e seu povo a **“lâmpada que arde e alumia”**.

- 35** Porém, quão poucos o levaram a sério! Não foi combatido. Sim, conforme nos informa Mt 3.7ss, até houve “muitos” dos círculos sacerdotais e farisaicos que saíram até João desejando receber seu batismo. Esse grande movimento religioso significou para eles uma certa alegria. **“Vós, porém, quisestes apenas por uma hora alegrar-vos com a sua luz.”** No caso deles não aconteceu o verdadeiro arrependimento, não levam realmente a sério o envio de João (cf. Mt 11.7-19; Lc 7.24-33; Mt 21.37). Não se formou um resultado permanente para o futuro. **“Apenas por uma hora”** durou a excitação expectante. Agora, uma vez que João Batista foi aprisionado, eles já não perguntam mais por ele e sua mensagem. Do contrário, como tudo seria diferente! Como igualmente seria diferente sua atitude em relação a Jesus!
- 36** O próprio Jesus não carece desse testemunho. Na breve frase com que Jesus o expressa mais uma vez há divergência entre os manuscritos. A frase pode ser lida como se o próprio Jesus estivesse se contraponto a João Batista, que evidentemente não realizou milagres, e declarasse: **“Eu tenho meu testemunho como alguém que é maior do que João.”** Contudo, deve ser mais correta a versão: **“Eu, porém, possuo um testemunho maior que o de João.”** A diferença das duas leituras é irrelevante no que se refere à substância. Em todos os casos, Jesus contrapõe ao testemunho humano de João Batista um testemunho mais importante. Também agora ele não se reporta diretamente a Deus. Pelo contrário, ele cita uma “testemunha” para seus adversários que eles próprios podem reconhecer e captar como força comprobatória. **“porque as obras que o Pai me confiou para que eu as**

realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou.” Um dos fariseus, Nicodemos, seguramente estava no caminho certo quando constatou: “Ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (Jo 3.2), vindo por isso a Jesus, buscando o diálogo sério com Jesus. Quem dera que todos eles agissem assim e estivessem abertos para Jesus! Eles, porém, estão fitos num único ponto, de que a maravilhosa cura da pessoa enferma há longos anos aconteceu num sábado. Não vêem o poder glorioso e misericordioso de Deus que atuava através de Jesus. E do mesmo modo deixaram rapidamente de lado e esqueceram os inúmeros sinais com que ficaram impactados durante a primeira estadia de Jesus em Jerusalém (Jo 2.23). Não obstante, são obras do Pai, i. é, do Deus vivo, no qual também eles crêem, de cujos milagres no passado falam muito, e aos quais por isso têm de reconhecer outra vez, já que Deus agora as **“confiou”** ao Filho **“para que as realizasse”**. Em decorrência, teriam de ver testemunhada nessas obras divinas a autoridade de seu envio.

37/38 Sim, justamente eles deveriam captar por meio da pessoa do Enviado aquele que envia. Em sua teologia de escribas refletiram exaustivamente sobre a natureza do “envio”, definindo eles mesmos o princípio de que por causa de sua autorização um enviado deveria ser considerado igual ao que envia. Por que agora não aplicam seu conhecimento? Por que não compreendem que a maior testemunha para Jesus, a única que importa, é o próprio Pai? **“O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim.”** Essa, porém, é a profundidade extrema do conflito entre Jesus e eles. Falam incessantemente de Deus, desenvolvem com zelo sua teologia de erudição nas Escrituras, tentam “ser guias dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes, mestre de simplices” (Rm 2.19s), e não conhecem absolutamente a verdade de Deus! **“Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma.”** Que desafio representa essa frase para um povo, cujo maior orgulho era ser o único povo do mundo que conhecia realmente o Deus vivo. Eram um povo pequeno e impotente. Não tinham realizações culturais a exhibir. Não podiam competir com os romanos e os gregos. No entanto, não ressoava em seus corações o júbilo de Moisés sobre sua propriedade inigualável: “Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos?” Será que esse Jesus queria negar-lhes isso? Acaso Israel não ouvira a voz de Deus no Sinai? E não ouvia sempre de novo essa voz a partir da palavra de Deus na Escritura? Novamente, porém, Jesus expressa um categórico não. **“Não tendes a sua palavra permanente em vós.”** Jesus bem sabe da persistência com que os escribas e fariseus se debruçam sobre a palavra de Deus. Entretanto, lidam com a palavra, fazem da palavra o objeto de suas artes teológicas. A palavra não se torna sujeito vivo que permanece na pessoa e desenvolve seu verdadeiro poder sobre ela, determinando todo o seu pensar e viver. Essa realidade se torna assustadoramente flagrante no seguinte fato: **“Porque não credes naquele a quem ele enviou.”** Visto que Jesus é verdadeiramente o “Verbo” que vem do Pai e que cumpre a palavra do AT, rejeitar a Jesus constitui ao mesmo tempo o juízo sobre todo o relacionamento deles para com o AT, confirmando seu completo desconhecimento de Deus.

Agora o conflito se apresenta em toda a sua magnitude diante de nós. Nesse ponto não há acordo. A acusação que Jesus levanta contra os teólogos de Israel, contra os homens dirigentes de seu povo, é tão radical que ela somente pode levar ou a um profundo arrependimento ou à exacerbação extrema do ódio contra o acusador. Contudo, será que eles, aos quais todos olham com respeito, podem admitir: Sim, não conhecemos a Deus? Devem abrir mão de tudo o que possuem, rendendo-se, pobres e indefesos, a Jesus e “crendo”, assim, nessa realidade toda, em Jesus? É exatamente isso que está em jogo! Quando, porém, resistem contra essa transformação total de suas vidas, têm de odiar apaixonadamente a Jesus, e têm de fazê-lo tanto mais quanto apesar disso sentirem intimamente a correção de sua acusação e exigência.

Também os sinóticos nos descreveram com muitas cenas detalhadas o conflito de Jesus com os devotos de seu povo. Diferente deles, porém, João nos permite conhecê-lo ainda em sua profundidade essencial. Não estão em jogo detalhes, tampouco a questão do sábado como tal. Trata-se do todo, do reconhecimento do próprio Deus.

39/40 Isso se torna evidente quando Jesus passa a ouvir, após sua última palavra, a ferrenha rejeição: Como? Nós não teríamos permanentemente em nós a palavra de Deus? Nós, que fazemos do estudo da Bíblia a tarefa de nossa vida e falamos “de sua lei de dia e de noite”, como declara o Salmo 1? Jesus o sabe e reconhece plenamente: **“Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna.”** Possuem a atitude correta diante das “Escrituras”. Para eles elas não são livros como

existem muitos outros no mundo. Não, nessas “**Escrituras**” se pode encontrar “**vida eterna**”! É por isso que eles também são “**escribas**”, conhecedores da Bíblia. Não somente lançam olhares superficiais à Escritura, mas “**perscrutam-nas**”, considerando cada letra e quebrando a cabeça sobre cada frase, para conseguir captar o sentido de cada palavra. Precisamente por isso, porém, é assustador que desse modo podemos ser, por esforço pessoal, “**pesquisadores da Escritura**” e apesar disso ignorar e não compreender o que é essencial nas “**escrituras**”: “**E são justamente elas que testificam de mim.**” O escriba Saulo de Tarso o reconheceu depois de sua conversão, escrevendo o seguinte: “Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido. Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado” (2Co 3.14-16). Vigora uma peculiar ação recíproca. Unicamente podemos reconhecer Jesus no testemunho da Bíblia e somente podemos compreender de fato a Bíblia a partir do reconhecimento de Jesus. O próprio Jesus é a chave da Escritura, e a Escritura é a porta até Jesus. De modo bem distinto dos livros do mundo, na Escritura se pode encontrar vida eterna. Contudo, é somente Jesus quem concede essa vida, do qual a Escritura fala em cada uma de suas páginas. Por isso Jesus diz com dolorosa repreensão precisamente aos conhecedores da Bíblia: “**Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.**” Desprezam o verdadeiro alvo da Bíblia, pelo qual ela existe e para o qual ela aponta sem cessar. Dessa maneira privam-se a si mesmos da vida eterna. Que fim arrasador da erudição escriturística: uma vida que se dedica dia e noite à pesquisa da Escritura e que apesar disso não alcança o alvo extraordinário da Bíblia, sendo, pois, refém da morte.

Jesus não dá testemunho simplesmente de si mesmo. Além de João Batista, ele apresentou a seus antagonistas três testemunhas: suas obras, o próprio Deus e a Escritura. Não obstante, o testemunho delas é em vão. Porque permitir que elas nos convençam não é um processo de mero pensar, mas significa a ruína de toda a vida anterior, impelindo para a meia-volta, contra a qual o eu resiste apaixonadamente por causa de sua necessidade de afirmação. É disso que Jesus agora ainda terá de falar.

A INCREDULIDADE DOS JUDEUS – João 5.41-47

⁴¹ – **Eu não aceito glória que vem dos homens.**

⁴² – **sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus.**

– **Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis.**

– **Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?**

⁴⁵ – **Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança.**

⁴⁶ – **Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito.**

– **Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?**

41 Será que Jesus, ao dar testemunho de si mesmo e ao apontar para as três grandes testemunhas que o atestam, disputa honra e reconhecimento por parte dos humanos? Acaso ele dá importância a que seus adversários, os grandes líderes do povo, se curvem diante dele e o honrem? Não. “**Eu não aceito glória que vem de homens.**” Para isso Jesus tem uma convicção profunda demais de seu envio. Quem vem sincera e verdadeiramente por incumbência de Deus como o Filho amado do Pai, para esse não há mais nenhum valor no reconhecimento humano.

Por que os outros não conseguem apreender esse envio de Jesus? A causa novamente reside não em meros raciocínios e teorias teológicas. Pelo contrário, isso brota de uma profunda perversão de seu ser. “**Entretanto eu vos reconheci, que não tendes em vós o amor de Deus.**” Em Israel era costume que todo bom judeu recitava duas vezes ao dia em voz alta o “Ouve, Israel...”, a confissão ao Deus uno e unicamente verdadeiro e o mandamento do amor incondicional a Deus de Dt 6.4,5. Contudo, por mais belo que seja um costume religioso, ele de nada adianta quando a realidade verdadeira não se torna presente de forma viva. Sim, como encobrimento da verdadeira situação interior um costume se torna um grave perigo. Que sensação de devoto e superior a todos os povos

acometia o judeu quando ele dizia pela manhã e à noite: “Ouve Israel, o Senhor nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.” Jesus, porém, os “reconheceu” e viu que na verdade lhes falta todo o “amor a Deus”. Seu objetivo não é Deus, seu alvo são eles mesmos. Estão repletos não do amor a Deus, mas do amor próprio.

- 43 Por isso a realidade também é como Jesus lhes prenuncia: **“Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis.”** Da mesma maneira Jesus previu, em seu discurso escatológico em Mt 24.24, a vinda de falsos personagens messiânicos. Ele tinha condições de predizer isso porque nesse caso existe uma correlação interna compulsória. Para pessoas sem amor a Deus um Messias que verdadeiramente vem em nome de Deus não pode ser digno de crédito. A partir de sua própria natureza intrínseca sempre haverão de entendê-lo equivocadamente. Com todo o seu ser o Messias significa um juízo permanente para eles. Ele é inaceitável e insuportável para eles. Somente o amor a Deus era capaz de reconhecer e valorizar o Filho amado do Pai. Contudo, pessoas presas a si mesmas acolherão com entusiasmo um “Messias” egocêntrico. Afinal, ele é espécie da espécie delas e corresponde aos seus próprios desejos e conceitos. No entanto, a entrega ao “outro”, que **“virá em seu próprio nome”**, não é uma ilusão inofensiva. Leva forçosamente à perdição e torna-se uma catástrofe para Israel. O levante de Barcoha e seu fim confirmou, cem anos mais tarde, com toda a seriedade da realidade histórica, o prenúncio de Jesus.

Constitui uma característica permanente, sim, crescente, do ser humano perdido e desfigurado, que ele “não aceita o amor pela verdade” e em troca tem de “crer na mentira”, vindo a perecer por meio dela (2Ts 2.10-12). Essa terrível perversão da pessoa também se mostra em Israel: Aquele que verdadeiramente veio de Deus é rejeitado e crucificado. Por um messias que vem em nome próprio eles se sacrificarão para sua própria desgraça.

Essa perversão tem causas profundas. Não é por acaso que eles não chegam à fé em Jesus. Tampouco são impedidos de crer por alguns mal-entendidos e algumas dificuldades racionais. Instalou-se uma deturpação de toda a sua orientação de vida, a qual lhes impossibilita o “crer”.

- 44 **“Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?”** Jesus não condenou a busca por “honra” como tal, nem disse que era pecaminosa. O ser humano precisa da “honra” e não pode viver sem honra, destituído dela. Contudo, a questão é onde ele busca sua honra. É nesse ponto que se decide nossa posição diante de Deus de forma bem concreta. Que julgamento sobre nós e nossa vida é determinante para nós? Realmente o julgamento de Deus? Ou será que apenas nos irritamos intimamente com o julgamento das pessoas, enquanto pouco perguntamos pela posição de Deus a nosso respeito? Que quadro deplorável representam pessoas que falam de Deus e ao mesmo tempo tentam assegurar para si uma fração de reles “honra” por meio da bajulação mútua. Que desprezo a Deus manifesta-se em toda essa atividade que Jesus constatava justamente nos devotos de seu povo. É nesse ponto que se torna explícito o pecado, a real vida sem Deus no meio do devoto zelo por Deus. E nesse ponto simplesmente não se pode “crer”, quando está diante de nós aquele cujo interesse é de fato unicamente Deus. Mais uma vez torna-se claro que a “fé” somente pode acontecer pela via de uma conversão radical, uma ruptura com toda a direção anterior da vida e um novo nascimento do alto.
- 45 Jesus falou com clareza implacável, desnudando os fariseus e escribas no cerne de sua devoção. Ele ouviu sua objeção, que com tudo isso certamente Jesus pretenderia ser seu acusador perante Deus. Não, **“não penseis que eu vos acusarei perante o Pai.”** Persiste a verdade: Ele é “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Por isso é impossível que ele seja ao mesmo tempo um acusador. O chamado ao arrependimento na verdade se parece muito com uma “acusação”. Ele pode vulnerar e doer como uma sentença de morte. Contudo, seu alvo não é castigo e perdição, mas salvação. Com sua palavra Jesus também visa salvar seus adversários, como foi dito expressamente no v. 34. Não obstante, existe um acusador de Israel e de seus líderes, um acusador inesperado e por isso assustador: **“Existe um que vos acusa, Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança.”** Jesus cita pessoalmente o nome que eles gostavam tanto de lhe contrapor: Moisés afirmou... Moisés ordenou...! Por meio de Moisés eles se sentem justificados e protegidos. Presumem que Moisés está total e plenamente no lado deles. Mas Jesus lhes diz que justamente Moisés é seu acusador perante Deus. Por quê?

46/47 “Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, [também] crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito.” Jesus já havia asseverado que “são justamente as Escrituras que dão testemunho de mim”. Agora ele ainda o diz especialmente a respeito de Moisés, o qual teria escrito sobre ele. Não cabe “provar” isso com palavras isoladas e profecias messiânicas. Jesus não consta nos livros de Moisés de forma tão simples, direta e convincente para qualquer pessoa. Isso requer de fato ser captado de modo bem mais profundo e espiritual. É por isso que, após a Páscoa, Jesus teve de abrir os olhos até de seus discípulos para a Bíblia. “E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27). Vimos acima (p. 46s) como toda a tendência da revelação de Deus no AT permite reconhecer aquela “graça” que agora se tornou pessoa em Jesus. Moisés, que queria ver a glória de Deus, já reconheceu nesse Deus incompreensível, gracioso e misericordioso o amor de Deus que se revela em Jesus (Êx 34.5-7), assim como Abraão viu o dia de Jesus e se alegrou (Jo 8.56). E a nós foi mostrado logo no início deste evangelho que a primeira página da Bíblia, quando descreve para nós a palavra criadora de Deus “no princípio”, já fala daquele que está entre nós como Jesus de Nazaré (cf. sobretudo acima, p. 29s). Por isso, Jesus acusa seus adversários com a razão mais intrínseca: **“Se crêsseis em Moisés, também crerieis em mim... Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?”** Por mais zelosamente que examinem as Escrituras, por mais minuciosamente que tentem explicar e cumprir cada mandamento, isso não é verdadeira “fé”, verdadeira abertura do coração para o Deus vivo, do qual tratam os escritos de Moisés. Esses homens permanecem fixos em si mesmos e deixam de dar o passo decisivo de se soltar de si próprios e se entregar livremente a Deus. Nisso está fundamentada a obrigatoriedade intrínseca de que eles não podem reconhecer a Jesus nem crer em suas palavras poderosas. É por isso que justamente Moisés, em quem se concentravam todas as esperanças deles, se torna seu acusador perante Deus.

JESUS ALIMENTA CINCO MIL – João 6.1-15

- Depois destas coisas, atravessou Jesus o mar da Galiléia, que é o de Tiberíades.
- ² – Seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos.
- ³ – Então, subiu Jesus ao monte e assentou-se ali com os seus discípulos.
- ⁴ – Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima.
- ⁵ – Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer?
- ⁶ – Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer.
- ⁷ – Respondeu-lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço.
- ⁸ – Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, informou a Jesus:
 - Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?
- ¹⁰ – Disse Jesus: Fazei o povo assentar-se; pois havia naquele lugar muita relva. Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil.
- Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, quanto queriam.
- ¹² – E, quando já estavam fartos, disse Jesus aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.
- ¹³ – Assim, pois, o fizeram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que haviam comido.
- Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo.
- ¹⁵ – Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte.

- 1 “Depois dessas coisas saiu Jesus para o outro lado do mar da Galiléia de Tiberíades.” Estamos surpresos de encontrar Jesus agora na Galiléia, sem que desta vez uma peregrinação de Jerusalém para a Galiléia seja justificada ou ao menos mencionada, como em Jo 4.1-3 e Jo 4.43. Por essa razão, depreendeu-se que o cap. 6 tenha sido deslocado para um lugar errado e na realidade teria de vir

diretamente na sequência do cap. 4.54. Contudo, de acordo com a peculiaridade do estilo narrativo de João, é bem possível que João nos mostre Jesus na Galiléia sem maiores explicações. O “**depois**” no começo do capítulo permite deduzir que João conhece pessoalmente os acontecimentos que antecederam a milagrosa distribuição de alimentos aqui relatada. O termo grego que reproduzimos com “**depois dessas coisas**” na realidade significa “depois disso” e também aqui aparece no plural: “Após esses eventos.” O tempo entre a festa dos tabernáculos (Jo 5.1) e a Páscoa, que está próxima (Jo 6.4), é preenchido por uma rica atividade de Jesus na Galiléia. O v. 2 fala das muitas curas de enfermos que causaram grande impacto sobre o povo galileu. João não as descreveu mais de perto. Tudo isso já podia ser lido nos sinóticos. Mas João está preocupado em nos fazer reconhecer o caráter decisório da atuação de Jesus. Visa mostrar-nos por que essa decisão na Galiléia, como também em Jerusalém, tem um desfecho negativo, por que em todos os lugares – até nos círculos dos adeptos mais chegados de Jesus (v. 60 e 63) – surge a incredulidade e, com ela, a rejeição a Jesus, embora Jesus convidava a fé por sua palavra e ação e merecesse o crédito integral. João viu com nitidez singular que na vinda de Jesus e no seu envio da parte de Deus somente uma coisa está em jogo: fé ou incredulidade. A incredulidade apresentou-se a ele como o verdadeiro pecado, assim como a fé como tal constitui a salvação do ser humano. De acordo com esse objetivo, João selecionou aquilo que traz ao leitor em seu escrito. Por isso, ele não omite o milagre da multiplicação dos pães, apesar de os sinóticos já o terem narrado (Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Lc 9.10-17). Para João, essa alimentação não é apenas um entre muitos milagres de Jesus. João reconhece nela o auge da atuação de Jesus na Galiléia, e ao mesmo tempo, seu ponto de virada.

- 2 Jesus sai da Galiléia propriamente dita e se dirige à orla oriental do lago, que é citado com a dupla designação de “**Mar da Galiléia**” e “**Lago de Tiberíades**”. No entanto, o entusiasmo por Jesus é tão grande que também para lá “**o segue numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura de enfermos**”. Novamente se torna explícita a curiosa ambigüidade nos efeitos dos “sinais” de Jesus. As “obras que o Pai lhe confiou para que as realizasse” (Jo 5.36) eram a grande testemunha a favor de Jesus. Visavam autenticar seu envio e despertar a fé. Assim, a mobilização na Galiléia, que faz com que multidões acorram a Jesus, pode ser o início de uma fé verdadeira. Contudo, justamente na presente história, presenciaremos que os sinais de Jesus são interpretados erroneamente e também levam à incredulidade entre os galileus.
- 3/4 Jesus sobe com seus discípulos as montanhas a Leste do Jordão, evidentemente com o desejo de fruir de um tempo sossegado com seus discípulos, após uma longa atuação. Em Mc 6.30s isso é dito com clareza. João apenas faz uma alusão a isso: “**Jesus, porém, subiu à montanha e assentou-se ali com os seus discípulos.**” João acrescenta uma referência cronológica. “**Ora, estava próximo a Páscoa, a festa dos judeus.**” Do início de outubro em Jo 5.1 chegamos agora ao mês de março. Talvez a proximidade da Páscoa também seja tão significativa para o evangelista porque aquilo que Jesus fará agora e anunciará durante e após seu feito está interiormente ligado à celebração da Páscoa. “A refeição sagrada, pela qual Israel festejava sua libertação e a aliança de Deus com ele, é renovada e substituída pelo fato de que Jesus prepara uma refeição para o povo, não somente com o pão, mas também com sua carne e seu sangue para a vida eterna” (Schlatter).
- 5 No alto da região montanhosa o povo corre atrás de Jesus, intervindo no seu sossego com os discípulos. E agora João informa, divergindo claramente dos sinóticos: “**Quando, pois, Jesus, ergueu os olhos e viu que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para que esses possam comer?**” Na narrativa dos sinóticos são os discípulos que no entardecer de um dia cheio de proclamação e curas lembram Jesus da necessidade das multidões famintas. Para João, porém, é importante que também nesse caso Jesus seja totalmente o “Senhor”, o qual toma a iniciativa, desencadeando uma ação que há de levar a uma auto-revelação muito especial. Também essa “obra” é “dada” ao Filho pelo Pai. Jesus dá ouvidos ao Pai e não a seres humanos. É o próprio Jesus que, em vista da multidão que chega, lança a pergunta aos discípulos, especificamente a Filipe, sobre como essas pessoas, que vieram de longe e que por isso não podem prover para si mesmas, devem ser alimentadas. João declara expressamente que Jesus não estava indeciso nem levantou uma pergunta por de fato não saber o que fazer.
- 6 Não: “**dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer.**” Ele, que já fizera sinais tão poderosos, também agora é senhor da situação e está disposto para uma nova grande ação.

- 7 Filipe, porém, que diante de Natanael confessara com tanta alegria a dignidade messiânica de Jesus (Jo 1.45s) e depois experimentara tantas coisas com Jesus, não passa no “teste” que Jesus lhe prepara. Não olha para Jesus, embora ele já tivesse visto “sua glória” nas bodas de Caná e depois disso em muitos “sinais”. Vê tão somente as circunstâncias e responde, sem ver saída: **“Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber um pouco cada um.”** O “denário” corresponde à moeda em uso, cuja unidade representava o salário comumente pago por um dia de trabalho. Duzentos denários, portanto, constituem um valor considerável. Não há tanto dinheiro junto de Jesus e de seu grupo de seguidores. E mesmo que houvesse essa quantia, cada pessoa somente receberia **“um pouco”**.
- 8/9 Um dos discípulos, “André, irmão de Simão Pedro”, intervém: **“Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos. Mas que é isso para tanta gente?”** O **“pão de cevada”** era o pão barato dos pobres. Era assado em fatias achatadas de cerca de 30 cm de diâmetro, e por isso também não era cortado, mas “partido”. Cinco pães de cevada representavam muito pouco em quantidade e qualidade. Provavelmente haviam sido trazidos somente para o próprio rapaz. O que satisfazia um rapaz era extremamente pouco diante da enorme multidão humana. A palavra de André, o primeiro homem a se juntar a Jesus (Jo 1.41), revela mais uma vez toda a perplexidade no círculo dos discípulos. A palavra que designa os **“peixes”** tinha inicialmente um significado genérico de conserva, de “complemento”. Contudo, passou a ter o sentido de “peixe”, porque peixes em conserva eram o complemento mais usual e barato para o pão.
- 10 Em contraste com a perplexidade claramente delineada dos discípulos, acontece agora a intervenção objetiva de Jesus. Mais uma vez ele começa com uma ordem que parece absurda nessa situação. **“Disse Jesus: Fazei o povo assentar-se.”** Isso representa preparativos para uma refeição. É claro que formalmente a ordem pode muito bem ser obedecida: **“Pois havia naquele lugar muita relva.”** As pessoas também seguem as instruções dos discípulos que passam pela multidão: **“Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil.”** Assim está tudo pronto para a formidável refeição. Falta-nos somente uma coisa: a comida para saciar cinco mil. Cheios de expectativa, estão deitados aqui cinco mil homens, e lá Jesus está em pé com cinco pães de cevada e dois peixes.
- 11 Porém Jesus começa a alimentar como se estivesse tudo disponível para a grande multidão. **“Jesus tomou os pães.”** Como nas talhas de água na casa das núpcias em Caná, Jesus parte, com tácita singeleza, do que existe e lhe é dado. Não faz aparecer comida do nada por um passe de mágica. Nenhum movimento, nenhuma palavra sequer traz a menor conotação de “magia”. O próprio processo do milagre – como em todos os milagres bíblicos – não é descrito nem sequer de forma indireta. O milagre genuíno por natureza foge de qualquer explicação e por isso também de qualquer descrição. Com uma naturalidade singela, como se tudo estivesse na mais perfeita ordem, Jesus profere a **“oração de gratidão”** e **“distribuiu os pães entre os assentados, como também dos peixes o quanto queriam”**. Inesgotavelmente os pães e peixes saem das mãos de Jesus para a enorme multidão. Tudo permanece num maravilhoso clima cotidiano. Temos a impressão de que também as pessoas consideram como simples e óbvio nessa distribuição que elas obtenham pão e complemento. Somente depois (v. 14) dão-se conta do que aconteceu ali na realidade.
- 12 A simplicidade de todo o evento se torna especialmente impactante quando no final Jesus não assume uma postura grandiosa de um “milagreiro”, mas a de um chefe de casa dedicado que dá a instrução a seus discípulos: **“Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.”** Por mais ricamente que tudo estava à disposição das muitas pessoas famintas, os restos que sobraram nem por isso são desprezíveis. A experiência do milagre não deve tornar as pessoas despreocupadas e esbanjadoras, justamente por não ser uma mágica das “mil e uma noites”, e sim um agir divino que apesar de sua elevada incompreensibilidade se insere tranquilamente no cotidiano (cf. Mt 8.15; Mc 5.43; Jo 11.44). Dessa maneira, fica claro que milagres são ajudas esporádicas e como tais são “sinais” e promessa. Contudo, eles não transformam este mundo, motivo pelo qual não conduzem a uma vida confortável de permanente satisfação dos desejos. É precisamente esse o ponto que a incompreensão egoísta desconhece, pela qual os milagres não resultam realmente em fé, mas justamente em incredulidade (v. 26).
- 13 Em decorrência, depois de milagrosamente saciadas, as pessoas precisam realizar o penoso trabalho de recolher as sobras. **“Assim, pois, o fizeram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que haviam comido.”** Essa “coleta de restos” também explicita mais

uma vez toda a grandeza do milagre. Ao quebrar os pães achatados restaram tantas pequenas frações que se pode encher doze cestos com elas.

14 Parece que as multidões, que até aqui estavam completamente absortas em comer e não denotavam nenhum sinal de admiração, somente agora compreendem integralmente o que estão experimentando. De uma maneira qualquer elas precisam enquadrá-lo em seu universo mental e se posicionar. Quem é esse Jesus que realizou algo tão extraordinário no meio delas e diante de seus olhos? Ainda não pronunciam a palavra “Messias”. Involuntariamente lembram-se do personagem acerca do qual Moisés havia dito: “O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim” (Dt 18.15; cf. também Jo 1.21). Sob Moisés Deus havia saciado o povo de forma milagrosa, dando-lhe “pão do céu”. Não era Jesus um segundo Moisés, que agora fizera a mesma coisa entre elas? **“As pessoas que tinham visto que sinal Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que vem ao mundo.”** Elas haviam ouvido muito a respeito desse “profeta”, desse personagem escatológico. Na sinagoga muitas vezes se falou a respeito dele. Agora, porém, ele não é apenas uma bela idéia da pregação, mas está “verdadeiramente” entre elas, em plena realidade. De acordo com a sua impressão, Jesus é o profeta prometido, que não consta mais apenas na Bíblia, mas de fato **“vem ao mundo”**.

15 Com grande conhecimento de causa João agora nos faz ver a força do movimento zelote na Galiléia. Entre eles se esperava ardentemente pelo “rei” que libertaria Israel da dominação estrangeira e inauguraria as prometidas eras de paz e abundância para Israel. Não seria Jesus, o segundo Moisés, a pessoa certa para isso? Acaso o rei em Roma, com seu poderio militar, ainda precisava ser temido, quando o poder milagroso de Deus estava tão visivelmente ao lado desse Jesus? Ele será nosso rei! Então toda a aflição acabará. E se ele próprio ainda não tem coragem de assumir sua tarefa, então nós interviremos, **“para proclamá-lo rei”** e vencer sua hesitação.

Jesus sente a constelação que se está formando. Será que a deixa acontecer? **“Notando, pois, Jesus que queriam vir e apoderar-se dele para fazê-lo rei, retirou-se novamente para a montanha, ele sozinho.”**

Por que ele se esquivava? Acaso Jesus não encontrou agora na Galiléia o que ele em vão havia tentado conseguir em Jerusalém? Lá causou resistência e rejeição com seus feitos e seu testemunho, o que culminou em ódio mortal. Aqui as pessoas se acotovelam, tentando torná-lo seu rei, seu Messias. Seu envio não estaria sendo compreendido e reconhecido? Não, aqui não estão se achegando a ele por terem reconhecido a própria perdição e buscarem nele “o Salvador do mundo”. Esses galileus ainda não estão quebrantados em sua vanglória. Não se lhe submetem porque realmente reconheceram sua soberania divina, mas seu reinado deve ser seu próprio ato da decisão. O rei que eles **“fazem”**, porque ele lhes convém com a alimentação milagrosa, é exatamente o contrário daquilo que Jesus era e visava ser como o Filho enviado por Deus. O abismo entre ele e os galileus é de natureza diferente do abismo entre ele e os devotos em Jerusalém. Os galileus não são zelosos da lei e de seu cumprimento meticuloso. Contudo são zelosos, num egoísmo não quebrantado, em prol de um “reino de Deus” que corresponde a seus desejos terrenos. É um “reino de Deus” em que se pode entrar “sem ser nascido do alto”. É por essa razão que a mensagem de Jesus: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”, obtém a mesma resistência da parte dos galileus comuns como dos escribas de Jerusalém. Isso em breve ficará muito claro.

JESUS ANDA SOBRE O MAR – João 6.16-24

¹⁶ – **Ao descambar o dia, os seus discípulos desceram para o mar.**

¹⁷ – **E, tomando um barco, passaram para o outro lado, rumo a Cafarnaum. Já se fazia escuro, e Jesus ainda não viera ter com eles.**

– **E o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava.**

– **Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram Jesus andando por sobre o mar, aproximando-se do barco; e ficaram possuídos de temor.**

²⁰ – **Mas Jesus lhes disse: Sou eu. Não temais!**

²¹ – **Então, eles, de bom grado, o receberam, e logo o barco chegou ao seu destino.**

²² – **No dia seguinte, a multidão que ficara do outro lado do mar notou que ali não havia senão um pequeno barco e que Jesus não embarcara nele com seus discípulos, tendo estes partido sós.**

²³ – **Entretanto, outros barquinhos chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão, tendo o Senhor dado graças.**

– **Quando, pois, viu a multidão que Jesus não estava ali nem os seus discípulos, tomaram os barcos e partiram para Cafarnaum à sua procura.**

16/18 Jesus se recolheu para as montanhas, deixando seus discípulos sozinhos. Estes decidem retornar para Cafarnaum. **“Porém, ao anoitecer seus discípulos desceram até o mar; embarcaram num barco e foram para o outro lado, rumo a Cafarnaum.”** De acordo com a divisão israelita do dia, **“anoitece”** às 18 horas. Os discípulos não queriam passar a noite nas montanhas e esperam que possam vencer facilmente a travessia não muito distante até Cafarnaum. Justamente os líderes dos discípulos, as duas duplas de irmãos, sendo pescadores, estavam acostumados a passar a noite sobre o lago. No entanto, a situação realmente se tornou difícil: **“E já havia escurecido, e Jesus ainda não viera ter com eles; e o mar foi revolvido porque soprava um vento impetuoso.”** A estreita e profunda bacia do Lago de Genezaré muitas vezes era alvo de tempestades que podiam tornar-se perigosas por causa das altas ondas que levantavam. Conseqüentemente, os discípulos entraram num sério aperto sobre as águas.

19 Nessa situação dá-se um episódio que torna tudo mais temível para eles. **“Tendo remado cerca de vinte e cinco a trinta estádios, vêem Jesus andando sobre o mar e aproximar-se do barco; e tiveram medo.”** Um “estádio” correspondia ao comprimento do famoso estádio olímpico e media 185 metros. Vinte e cinco a trinta estádios são, portanto, quatro e meio a cinco quilômetros. No seu ponto mais largo, o Lago de Genezaré mede 12 km. O trajeto da travessia da orla oriental até Cafarnaum era consideravelmente mais curto. Mesmo assim, os discípulos, após remar cinco quilômetros, ainda estão “no meio do mar”, como informa Mt 14.24. Então se aproxima sobre a água um vulto que na escuridão da noite e da tempestade deve ter-se destacado de forma luminosa diante do mar revoltado. Mateus nos descreve nitidamente o horror que se apoderou dos discípulos diante dessa visão. “E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram” (Mt 14.26). João relata de modo mais sucinto e contido. No entanto, bem podemos imaginar como tudo isso devia ser medonho para os discípulos. É verdade que o mundo nos angustia com suas leis férreas, porém ele não deixa de ser o mundo conhecido, familiar, no qual estamos em casa. Quando velhas leis naturais repentinamente deixam de valer diante de nossos olhos, quando um ser humano se aproxima sobre ondas agitadas, isso se torna “terrível” para nós, arranca-nos de toda a segurança de nossa existência costumeira. Diante de uma imagem demasiadamente inofensiva de Jesus, é bom sabermos que o mesmo de fato podia ser assustador para seus discípulos, devido a seu poder inconcebível e sua superioridade, bem como por suas ações inesperadas.

20 **“Ele, porém, lhes diz: Sou eu, não temais.”** Essa palavra fixou-se profundamente no coração dos discípulos. Em todos os quatro relatos ela é reproduzida com formulação idêntica. É a palavra decisiva e libertadora, tanto para os discípulos como para nós. Aquele que vem até eles sobre as ondas da noite tempestuosa, enquanto eles o imaginam longe, no alto da montanha, é o mesmo Jesus, seu Senhor, o Único, em quem confiam, cujo amor e fidelidade eles conhecem. Para os discípulos o dado decisivo é que essa pessoa “é” ele. Foi o que vimos desde o começo justamente no evangelho de João. Não é através de seu agir que Jesus se torna Senhor e Salvador. Antes de todo “fazer” está o seu “ser”, que é a fonte de todas as suas ações. É por isso que essa uma palavra **“Sou eu”** já inclui tudo. Desde que seja ele que vem ao nosso encontro, tudo está bem. Então se dissipa todo o medo. Simultaneamente, essa experiência dos discípulos com Jesus, em analogia à transfiguração sobre o monte (Mt 17.11s), constitui uma antecipação daquilo que acontecerá de forma completa na ressurreição. Como um “Ressuscitado”, eximido de todas as leis de espaço, tempo e gravidade, Jesus está chegando aos discípulos por sobre a água. O corpo do Filho de Deus sem pecado, apesar de toda sua autêntica humanidade, é “ressuscitável”, podendo já agora ser “transfigurado” (Mt 17.2, literalmente). É por essa razão que esse **“Sou eu”** também possui sublimidade divina e é o mesmo “Eu sou” que veio ao encontro de Moisés na sarça ardente no nome de Deus “Javé” [Êx 3.14]. Uma vez que Jesus não proferiu a palavra “Eu o sou” em grego, mas em aramaico, os discípulos forçosamente tinham de lembrar-se diretamente desse nome. Jesus é o portador do nome de Deus que nenhum judeu podia pronunciar.

- 21 Os discípulos experimentam diretamente o quanto esse **“Sou eu”**, a presença de Deus com eles, já abrange todo o socorro. **“Queriam, pois, acolhê-lo no barco, e logo a embarcação estava na terra para onde queriam ir.”** Os discípulos pretendem acolher Jesus no barco, mas não chegam mais a concretizar seu intento. No mesmo instante eles já estão na margem em Cafarnaum. Invisivelmente, um segundo milagre dá seqüência ao primeiro. É isso que é sempre vivenciado pela igreja de Jesus, que gosta de falar da “nave” da “igreja”, que precisa arriscar a travessia tempestuosa pela escuridão dos tempos. Desde que Jesus esteja pessoalmente presente, o alvo almejado pode ser alcançado antes que possamos imaginá-lo, apesar de toda a aflição e aperto. Há pouco enfrentavam um remar trabalhoso em profunda escuridão e perigosa noite no meio do mar, e de repente a margem segura foi alcançada, que nos livra de todos os perigos.
- 22 Conforme seu estilo, João nos relatou a história de Jesus andando sobre o mar de modo menos ilustrado que Mateus (Mt 14.22-27) e Marcos (Mc 6.45-52). Ao mesmo tempo, porém, notamos que ele conhece melhor as verdadeiras circunstâncias. Essa travessia dos discípulos pelo lago é subsequente à milagrosa multiplicação dos pães não apenas em termos formais, mas denota uma correlação com ela, tornando-se significativa para as pessoas que presenciaram o milagre da alimentação. Certamente, nem todos da numerosa multidão de cinco mil permaneceram no local do milagre da multiplicação. Contudo, ainda havia muitas pessoas na margem leste do lago que tentam ver o que mais haveria de acontecer. **“No dia seguinte, a multidão que ficara do outro lado do mar viu que ali não havia senão um pequeno barco e que Jesus não embarcara nele com seus discípulos, tendo estes partido sós.”** Há uma incerteza nesse texto. Na verdade a multidão não podia “ver” tudo isso “no dia seguinte”. Apenas poderia tê-lo visto no dia anterior. Por isso alguns manuscritos (*Koiné*) escrevem: “No outro dia, quando a multidão havia visto que...” Nesse caso, porém, o v. 23 teria de ser colocado entre hífens como um aposto, e a verdadeira continuação do v. 22 teria de ser encontrada em “Vendo, pois, a multidão” (v. 24). Essas dificuldades lingüísticas do texto, porém, não contribuem em nada no conteúdo. O que João pretende nos dizer está totalmente claro. A multidão que experimentou o milagre da multiplicação está em busca do milagreiro que se retirou dela. Onde estará ele? Ontem havia apenas um único barco na margem. Nele haviam partido os discípulos.
- 23/24 Onde ficou Jesus? Estão perplexos. **“Entretanto, chegaram barquinhos de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão depois que o Senhor deu graças.”** A notícia do grande acontecimento chegou rapidamente até Tiberíades, uma cidade na margem oeste do lago. Então diversas pessoas se mobilizaram em barcos e chegaram até as proximidades do local do milagre. Jesus, porém, não está ali, e tudo permanece calmo. **“Vendo, pois, a multidão que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, tomaram os barcos e chegaram a Cafarnaum, procurando Jesus.”**

JESUS, O PÃO DA VIDA – João 6.25-35

- 25 – E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, lhe perguntaram: Mestre, quando chegaste aqui?
- 26 – Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.
- Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo.
- 28 – Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?
- Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que por ele foi enviado.
- 30 – Então, lhe disseram eles: Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti? Quais são os teus feitos?
- Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer pão do céu.
- Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá.
- Porque o pão de Deus é o que desce do céu (ou: a pessoa que desce do céu) e dá vida ao mundo
- 34 – Então, lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão!
- Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.

25 Finalmente encontraram Jesus, cheios de admiração porque ele chegou antes deles na outra beira do lago. **“E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, lhe disseram: Rabi, quando chegaste aqui?”** Jesus não responde à pergunta deles e não diz nada do que seus discípulos experimentaram. Afinal, não teriam crido que ele é capaz de fazer livremente seu caminho, independentemente de todas as condições naturais, até mesmo sobre ondas tempestuosas. Pelo contrário, vê o íntimo dessas pessoas. Elas “buscam a Jesus”, isso não é maravilhoso? Aqui a situação não é bem diferente do que em Jerusalém?

26/27 **“Respondeu-lhes Jesus dizendo: Em verdade, em verdade vos digo, vós me procurais, não porque visteis sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.”** Não haviam compreendido que a alimentação fora um “sinal”, uma referência para além do auxílio e da saciedade física, um braço estendido que apontava para o verdadeiro pão, convidando e exortando. Permanecem cativos pela satisfação da fome física através desse milagre. Um alimento desses, no entanto, é muito pouco. Pois é **“comida que perece”**. Obviamente ela é necessária. É por isso que Jesus também a distribuiu. Porém, de que adianta a alguém ter diariamente essa comida em abundância? Apesar disso, sua vida passa e se apaga. Por isso Jesus exorta: **“Não trabalhai pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna.”** Comida que perece não é capaz de salvar da morte uma vida que perece. Porém **“a comida que permanece para a vida eterna”** confere participação igual na vida àquele que a recebe. Por isso, importa ao máximo que “trabalhemos” por essa comida, i. é, que a providenciemos para nós. Como, porém, isso deve acontecer? Jesus permanece apenas na exortação, que como tal ainda não ajudaria nada. Pelo contrário, ele transforma sua exortação em “evangelho”, ao afirmar: **“... que o Filho vos dará.”** Afinal, por si mesmas as pessoas não são capazes de “produzir” essa comida. Precisam recebê-la daquele que como “Filho do Homem”, como soberano das eternidades (Dn 7!) dispõe dessa dádiva inefável. Jesus não permite que façam dele um “rei” que distribui pão terreno. Contudo, ele é o “Filho do Homem”, que concede vida eterna. Será que ele pode prometer isso com tanta certeza? Sim, **“pois a esse o Pai selou, Deus”**. O “selo” de um soberano declarava que o que foi selado é sua propriedade intocável. O selo real, porém, também identificava o emissário de um governante e lhe conferia autoridade. Por isso Jesus pertence a Deus e possui a autoridade de seu Pai. A construção dessa frase nos parece errada e pesada. A palavra “Deus”, porém, acrescentada no fim da frase, ressalta com ênfase especial que foi o Pai quem o selou. Deus, portanto, é o Onipotente e Eterno. Como é eficaz e inviolável o seu “lacre”!

28 O diálogo parece tornar-se sério e frutífero. O anseio por vida autêntica e duradoura no meio da transitoriedade está em cada ser humano. E ali estavam israelitas acostumados desde pequenos a pensar em Deus. Conseqüentemente, pode ser que a próxima pergunta que expõem a Jesus seja genuína. **“Disseram, pois, a ele: Que faremos para realizar as obras de Deus?”** Nessa pergunta repercute a instrução que eles receberam dos escribas. “Realiza obras”, esse era o assunto nas sinagogas. Uma grande quantidade de “obras da lei” era constantemente exigida do ser humano. Mas também Jesus havia falado de **“trabalhar”**. Talvez ele possa explicar melhor e com ainda maior clareza do que os rabinos o que se deve fazer para Deus. Na pergunta dos galileus ressoa algo como a questão do “principal mandamento”, que podia aflorar entre os próprios escribas (Mt 22.34-36).

Entretanto, também nessa questão o “zelotismo” dos galileus pode tornar a aparecer. O zelote não queria “esperar” com o fariseu até que o próprio Deus estabelecesse seu reino. Deus pode libertar Israel e levá-lo ao domínio mundial unicamente pelo empenho violento e voluntário de seu próprio povo. Havia sido assim no tempo dos macabeus. Conseqüentemente, também agora Israel novamente precisava “realizar as obras de Deus”. Logo depois da multiplicação dos pães eles haviam mostrado o dinamismo com que estavam dispostos a uma ação resoluta (v. 15). Novamente colocam-se à disposição de Jesus. Basta que lhe diga o que devem “fazer”.

29 E agora ouvem a simples e inequívoca resposta de Jesus, que contrapõe o evangelho a todo esse esforço inseguro das pessoas devotas e ao ardor dos zelotes. **“Respondeu Jesus, dizendo-lhes: A obra de Deus é esta, que creiais naquele que por ele foi enviado.”** Deus não espera de nós toda sorte de esforços, realizações e obras, mas apenas uma única “obra”, que na verdade já não é obra, e sim “fé”, i. é, a confiança obediente pela qual rendemos toda a nossa vida a esse Um que Deus enviou. Jesus está dizendo pessoalmente o que mais tarde seu mensageiro Paulo formulou em termos doutrinários e o que os Reformadores captaram outra vez como o centro do evangelho: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independente das obras da lei”. Contudo, precisamente por nos situarmos no centro do evangelho, temos de atentar com muito cuidado para a palavra de Jesus.

A “obra” que Deus quer ver em nós é a “fé”. Essa fé, por sua vez, é “obra de Deus”, não nossa. Unicamente porque a fé é diferente de uma realização humana que podemos produzir conforme a nossa vontade, sendo gerada pelo agir de Deus em nós, é que ela possui o poder salvador e nos une com Deus. Na frase de Jesus, portanto, a expressão “obra de Deus” é ambivalente por natureza.

- 30 Será que “crer naquele que Deus enviou” não é uma coisa simples e bem-aventurada em contraposição a todo o fardo de preceitos que precisam ser cumpridos pelos judeus devotos? Será que agora os galileus compreenderão o que lhes está sendo oferecido, e crerão, como fizeram os samaritanos? Mas os galileus notam o que várias pessoas, para as quais a fé inicialmente parecia “simples” e “cômoda” demais, notavam. Quanto, afinal, significa entregar totalmente sua vida a esse um homem e de agora em diante confiar, na vida e na morte, unicamente nele e lhe obedecer! Pode-se arriscar isso? Não precisaríamos ainda de garantias bem diferentes quanto a essa pessoa para tanto? **“Então, lhe disseram eles: Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti? Que realizas tu?”** Com essa pergunta, a decisão no fundo já foi tomada. Quando quero “ver” algo antes, para que possa “crer”, quando antes de confiar exijo primeiramente garantias, então já me neguei a confiar. O relacionamento para com o outro já está distorcido. Torno-me juiz, o outro precisa trazer provas. Não me arrisco a soltar-me de mim mesmo, o que é parte essencial de toda a confiança.
- 31 Entretanto, porventura Jesus já não realizou o “sinal” demandado, fazendo algo extraordinário? Isto não foi presenciado por todos eles no dia anterior? E não foram eles próprios que pensaram: “Esse é verdadeiramente o profeta”? (Jo 6.14). Um segundo Moisés, que também produz pão milagrosamente no deserto, a partir de Deus? Não tentaram até proclamá-lo Messias? Sim, lembram-se disso agora. Agora, porém, transparece novamente como todos os milagres são estranhamente ambíguos. Os galileus há muito mudaram seu pensamento. Sem dúvida, foi maravilhoso ontem. Mesmo assim, o que receberam não passou de “pão de cevada”, e não como o “maná”, “pão do céu” de Moisés. Era pão de pessoas pobres e não “pão dos anjos” (Sl 78.24s). **“Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer pão do céu.”** Algo assim é que Jesus deveria fazer, então finalmente creriam nele. Em João, assim como no relato sinótico, fica explícito que a incredulidade na realidade está constantemente exigindo “sinais”, mas ao mesmo tempo não se deixa vencer por nenhum “sinal”. Nenhum milagre é suficientemente maravilhoso para ela. Em nenhuma das vezes é o “sinal do céu” que nos eximiria de crer. Sem dúvida os galileus dizem: “Para que vejamos e creiamos.” Na verdade, porém, a incredulidade em seu coração diz: “Para que vejamos e não tenhamos mais de crer” (Sobre isso, cf. Lc 11.29-32 e as exposições acima, à p. 83s).
- 32 Em todas as ocasiões Jesus confirmou com fé indubitável a história de Deus na Escritura Sagrada. Para ele Moisés foi, como Abraão, um personagem honorável com incumbência divina. Ele não visa diminuir a **“Moisés”** com sua afirmativa. Contudo, precisa dirigir o olhar dos galileus dos instrumentos humanos, aos quais glorificam de forma errada, para Aquele a quem unicamente cabe a honra. Afinal, não foi Moisés pessoalmente que lhes deu o maná. O maná era dádiva de Deus. E acontece que Israel, que o ser humano ainda precisa de um pão bem diferente, que transcende em muito o maná. Ele é o pão “verdadeiro”, i. é, o **“pão do céu”** essencial e real. Esse não é dado por Moisés, ele é dado apenas pelo Pai de Jesus, que o dá em Jesus, o Filho.
- 33 Para explicitar isso Jesus descreve o que o pão precisa realizar e como deve ser, se de fato for “pão do céu” e “pão de Deus”. **“Porque o pão de Deus é o pão que desce do céu e dá vida ao mundo.”** Também o maná era de substância terrena, razão pela qual ainda não era realmente “pão dos anjos” ou mesmo “pão de Deus”. E também o maná era “comida que perece” e por isso tão somente podia assegurar a existência passageira dos ancestrais. O verdadeiro pão de Deus precisa realizar algo extraordinário: precisa dar “ao mundo”, ou seja, ao reino das trevas e da morte, “vida”, vida verdadeira, divina e, por decorrência, vida eterna. Quem compreende isso não pode ficar apegado ao maná como tal, mas também não pode ver nele nada mais que um “sinal”, que aponta para algo maior.

Reveste-se de importância peculiar o fato de que no idioma grego a palavra equivalente a “pão” é do gênero masculino, motivo pelo qual também o particípio subsequente está no masculino. Poderíamos tentar traduzir isso da seguinte maneira: **“O pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.”** Dessa forma permanece em aberto se o particípio se refere apenas ao “pão” ou se já remete à pessoa de Jesus. Independentemente, porém, de como João sentiu a correlação – talvez com uma ambigüidade bem intencional – Jesus com certeza é o “pão” que, de forma muito diferente

do maná, vem de fato e por natureza “do céu” (cf. Jo 3.31; 8.23) e que por isso é capaz de conceder “vida”. E agora também reside uma necessidade interior em que esse pão seja dado apenas a um único povo, mas não mais como o maná apenas a Israel, e sim “**ao mundo**”, trazendo a ele a verdadeira vida (cf. Jo 1.9-13).

34 Agora sim os galileus foram atingidos pela palavra de Jesus. Não o chamam mais de “Rabi”, e sim de “**Senhor**”. E dirigem a Jesus o pedido: “Senhor, dá-nos sempre desse pão.” Chegou o momento decisivo? Será que os galileus estão prestes a dar o último passo para crer? Será que agora acontecerá em Cafarnaum o que aconteceu em Sicar? Contudo, é precisamente a recordação da Samaria que nos adverte. A samaritana também pediu: “Senhor, dá-me dessa água.” Mesmo assim, a oferta de Jesus ainda foi compreendida equivocadamente, de modo egoísta e terreno, e Jesus teve de dar uma guinada surpreendente ao diálogo, até que a mulher realmente compreendesse o que Jesus significava para ela (cf. Jo 4.15s). Porventura os galileus, como judeus autênticos e ardorosos zelotes, de fato compreenderam melhor a oferta de Jesus?

35 Isso apenas pode ser verificado quando Jesus agora progride para a última revelação e confirma, por meio de uma automanifestação direta, que esse pão maravilhoso não é “algo”, mas uma pessoa, ele, o próprio Jesus. Será que os galileus realmente querem ter o pão sobrenatural? Pois bem, então ouçam: “**Jesus lhes declarou: Eu sou o pão da vida.**”

Como em todas as outras vezes, nessa palavra de Jesus a ênfase recai sobre o poderoso “**Eu**”. Por essa razão é novamente destacado com ênfase no idioma grego. Jesus não visa descrever a riqueza múltipla que sua pessoa abrange e que ele é, além de muitas outras coisas, também o pão da vida. Não, quando pessoas compreenderam o que é esse verdadeiro pão e quanta necessidade elas têm dele, e agora indagam onde podem encontrá-lo, então Jesus somente pode responder: “Esse pão maravilhoso, procurado e imprescindível – sou **Eu**.” Esse pão não existe desvinculado de Jesus. Ele em pessoa é esse pão. Por isso o pão não está presente numa coisa qualquer que pode estar relacionada com Jesus, sem sê-lo pessoalmente. Nenhuma doutrina sobre Jesus, por mais correta que seja, nenhum sacramento por ele instituído como tal, tampouco a ceia do Senhor, “é” esse pão. A poderosa afirmação “Eu sou o pão da vida” exclui todo o resto. Precisamos ter a Jesus pessoalmente se quisermos ter de fato esse pão da vida.

Merece consideração que as duas automanifestações de Jesus mencionam “água” e “pão”. “Água e pão” são os elementos imprescindíveis para a vida, de que precisamos para realmente permanecer vivos. Jesus não concede luxo, um adicional religioso embelezador e aprazível, mas os “víveres” imprescindíveis.

Simultaneamente podemos ver essa auto-revelação de Jesus no contexto de toda a mensagem da Bíblia. Após cair no pecado, o ser humano foi cortado da “árvore da vida” e, conseqüentemente, da vida eterna, ficando refém da morte (Gn 5.22-24). Agora isso é anulado por Deus, ao enviar do céu o pão da vida e oferecê-lo ao ser humano. A plenitude daquilo que segundo Ap 2.7 e 22.2 estará um dia consumado já foi iniciada com Jesus.

Visto que o “**pão da vida**” consiste de uma pessoa, por enquanto Jesus ainda evita usar as metáforas correlatas do “comer”. Ele se atém às expressões simples e, mesmo assim, cabalmente expressivas: “Vir a ele”, “crer nele”. Quem “vem a Jesus”, solta-se de si mesmo e desvencilha-se de toda a sua vida anterior. E quem “crê em Jesus” se confia integralmente a ele. Desse momento em diante sua vida reside tão somente em Jesus. Agora Jesus promete que o pão, “que dá vida ao mundo”, é verdadeiramente acolhido e comido dessa maneira e causa seus efeitos. “**Quem vem a mim com certeza jamais terá fome, e o que crê em mim com certeza jamais terá sede.**” Naquele tempo Jesus assegurou isso aos galileus com certeza absoluta. Mil e novecentos anos de história de sua igreja confirmaram o quanto isso é verdadeiro. Contudo, somente poderá experimentá-lo aquele que realmente vem ao próprio Jesus e se entrega a ele.

A INCREDULIDADE DOS GALILEUS – João 6. 36-51

– Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes.

³⁷ – Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora.

– Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.

- E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia.
- De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.
- ⁴¹ – Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu.
- E diziam: Não é este Jesus, o filho de José? Acaso, não lhe conhecemos o pai e a mãe? Como, pois, agora diz: Desci do céu?
- ⁴³ – Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós.
- Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.
- Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus (Is 54.13). Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim.
- ⁴⁶ – Não que alguém tenha visto o Pai, salvo aquele que vem de Deus; este o tem visto.
- ⁴⁷ – Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna.
- Eu sou o pão da vida.
- ⁴⁹ – Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.
- Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça.
- Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

- 36** Jesus chamou e confrontou os galileus, apresentando diante deles seu convite bem-aventurado. Agora é preciso tomar uma decisão. “Eu sou o pão da vida” – Agora só resta aceitar pela ação da fé ou rejeitar pela ação da incredulidade. Jesus não constata a aceitação nos rostos e nos corações de seus ouvintes. Então ele retoma a palavra: **“Porém eu já vos disse que (me) tendes visto e mesmo assim não credes.”** Esse é o arrasador **“e mesmo assim”** no comportamento enigmático dos seres humanos. O que eles haviam reivindicado, “ver para depois crer” (v. 30), foi-lhes concedido. Eles **“viram”**. O **“me”** é acrescentado pela maioria dos manuscritos. Eles o **“viram”** assim como ele estava diante deles, entregando a milhares o pão da plenitude inesgotável. Também o **“vêm”** agora, quando dá testemunho de si mesmo e os chama para junto de si. Ele, que está diante deles de forma plenamente presente, é o pão que sacia a fome mais íntima. **“E mesmo assim”** não crêm. Não aceitam a dádiva inefável. Que enigma, que se repete constantemente na história do evangelho! Não são exigências impossíveis de cumprir e realizações difíceis demais que os seres humanos rejeitam. São justamente a renúncia a todo o saber próprio e a aceitação confiante do presente extraordinário pela **“fé”** que eles estão recusando.
- 37** Que dor deve ter passado pelo coração de Jesus, quando também na Galiléia tornou-se real a afirmação: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” [Jo 1.11]. Ao mesmo tempo impõe-se uma pergunta preocupante: o que, afinal está acontecendo aqui? Será que a vontade de Deus fracassa diante da resistência das pessoas? Porventura o Pai que o enviou é tão impotente? Será que o pequeno ser humano é capaz de frustrar os desígnios de Deus e brincar com Deus? Também agora o Filho fixa seu olhar no Pai e está plenamente convicto de uma coisa: **“Tudo o que o Pai me dá virá a mim.”** Os desígnios do Pai não podem ser frustrados. Com profunda alegria Jesus acolhe cada pessoa que o Pai lhe encaminha. Ele não pronuncia a consequência negativa: logo, tudo o que não vem a ele também não lhe foi dado pelo Pai. Porém os galileus, que agora não vêm, não podem ficar numa atitude de superioridade. Precisam levantar a ansiosa indagação: portanto, não fomos dados por Deus ao doador da vida? Será que fomos rejeitados por Deus?
- Jesus formulou sua palavra de modo tão positivo para que pudesse ser uma palavra cheia de certeza e esperança. Mesmo que agora o não das pessoas se contraponha a ele como um muro de aço, pessoas hão de chegar a ele. Nessa certeza acontece a atuação de Jesus naquele tempo e transcorre a proclamação sobre Jesus em todos os tempos e lugares. Justamente também onde humanamente parece não haver chances, ficará comprovado que Deus concedeu pessoas a Jesus. Elas romperão todos os obstáculos externos e internos e chegarão a ele.
- Talvez venham muito apreensivas. De que vida e com que fardos, com quantos vícios e máculas! Quanto tempo haviam resistido ao chamado! Será que o Santo e Puro não as rejeitava? Será que podemos vir a Jesus em todas as circunstâncias? Agora Jesus profere a palavra que encorajou incontáveis pecadores a arriscar o passo até Jesus: **“E o que vem a mim, de modo nenhum o**

lançarei fora.” Como isso é maravilhoso! Aquele que não tem coragem de olhar para si mesmo, que se aterroriza consigo mesmo, cuja vida e cujo ser estão corrompidos e desfigurados, pode ter certeza: eu sou um presente de Deus para Jesus no instante em que me prostro aos pés de Jesus.

38 É bem verdade que chegamos ao Pai unicamente através de Jesus (Jo 14.6). Contudo, não devemos esquecer também o inverso, que podemos chegar a Jesus apenas por intermédio do Pai! Da nossa parte encontramos a Deus somente em Jesus, porém o encontramos ali pela única razão de que Deus nos encontrou primeiro e nos deu a Jesus. Jesus não nos escolhe conforme seu próprio veredicto e sua avaliação pessoal, com as quais ele nos considera, p. ex., aceitáveis. Jesus apenas nos acolhe porque somos presente do Pai para ele e porque ele obedece unicamente à vontade do Pai: **“Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.”**

39 Na seqüência o Filho nos confronta com todo o plano de salvação do Pai. Não é correto o conceito que às vezes ocorre no cristianismo de que o Filho praticamente nos pedincha e conquista do Pai reticente. Não, **“a vontade, porém, de quem me enviou é esta: Que eu não perca nada de tudo o que ele me deu.”** É mantida a verdade de que “o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai” (Jo 5.19). A ação salvadora e reconciliadora de Jesus não acontece contra Deus, mas inteiramente a partir de Deus e na obediência do Filho diante do Pai. Deus lhe “deu” determinadas pessoas, confiando-as assim a ele como um bem precioso. Agora ele não pode “perdê-las”. E com toda a certeza não o fará. Se ele as “perdesse”, estariam duplamente “perdidas”. Perdidas em vista de sua natureza alienada de Deus (Jo 3.16) e perdidas, “expulsas” por Jesus. Agora, no entanto, estão também duplamente salvas e, conseqüentemente, plenamente seguras. Salvas pelo Pai, que as entrega ao Filho e atrai para o Filho, e salvas pelo Filho, que as aceita e mantém firmes em sua mão. Em Jo 10.28s haveremos de nos deparar de forma idêntica com essa certeza de salvação duplamente concedida.

Jesus está visando o alvo derradeiro. A seqüência dos dias comuns na história deste mundo possui um alvo final, razão pela qual também haverá um “último dia”, no qual termina a presente era mundial e começa um novo “*éon*” com “vida *eônica*”. Nós chegaremos a esse “*éon*” e sua glória unicamente através de uma “ressurreição” ou “transformação”, uma vez que “carne e sangue”, que trazemos em nós mesmo na condição de renascidos, não podem herdar o reino de Deus. Por isso Jesus consumará sua obra de redenção nas pessoas que o Pai lhe deu pela circunstância de que ele não as “perde”, mas as **“ressuscitará no último dia.”**

40 É claro, assim como o Filho está totalmente vinculado à ação do Pai, assim nós estamos totalmente vinculados ao Filho a partir de Deus. Novamente está diante de nós essa peculiar unidade viva do Pai e do Filho, à qual somos remetidos repetidamente por ser ela o tema especial do presente evangelho. **“Porque a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.”** Não podemos chegar diretamente a Deus e obter vida eterna junto de Deus. É precisamente isso que Deus não “quer”. Deus agora “quer” ser “visto” e encontrado apenas no Filho (Jo 14.8s). O fato de que Jesus está falando mais uma vez de “ver” o Filho, ao que sucede a fé, enquanto no final do evangelho Jesus proclama felizes aqueles que “não vêem e mesmo assim crêm” (cap. 20), pode ter como simples causa que Jesus agora está diante dos seres humanos como pessoa e em suas “obras”. Enquanto ele vive na carne, a ordem da salvação é “ver” e “crer”. Contudo, nesse versículo pode haver também um indício por quê não é possível vir diretamente a Deus. Cada israelita sabia muito bem que “homem nenhum verá a minha face e viverá” (Êx 33.20). Para o ser humano pecador, “ver” a Deus não significaria vida, mas morte! Apenas em Jesus o pecador pode “ver” Deus de tal maneira que a visão desenvolva a fé remidora e traga vida.

“Todo homem que vir o Filho e nele crer” – Esse é o exato oposto à atitude momentânea dos galileus, aos quais Jesus teve de dizer: “Embora me tenhais visto, não credes” (v. 36). Em decorrência, não apenas se opõem a Jesus, algo que poderia não lhes parecer perigoso, mas à “vontade de Deus”, por menos que o queiram pessoalmente, e se privam da singular e imprescindível dádiva de Deus, da “vida eterna”.

Jesus, como conseqüentemente também a pregação apostólica, justapõe a propriedade atual da vida “*eônica*” e a entrada plena no novo “*éon*” por meio de um “ser ressuscitado no último dia”. Não percebe nessa justaposição nenhum “problema”, nem busca uma harmonização. A verdadeira posse da vida divina agora ainda não transforma nossa existência como um todo. Nossa situação, pelo contrário, é como Paulo expõe doutrinariamente em Rm 8.10s. Por isso, apesar da nova vida que já

“temos”, não estamos isentos da morte física. E precisamente por esse motivo também carecemos de ser “ressuscitados”, de ser equiparados ao Senhor até na corporalidade (1Jo 3.2; Fp 3.20,21; Rm 8.29s).

- 41 Agora é descrito diretamente o comportamento dos galileus. Dessa forma o v. 41 se liga com exatidão ao v. 35. **“Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu.”** Também os galileus são “judeus”, tão certo como fazem parte de Israel. Com certeza, porém, a intenção de João não é apenas apontar para esse parentesco exterior, mas sobretudo ressaltar sua natureza intrínseca. No fundo eles também não são diferentes das pessoas de Jerusalém em sua resistência contra Jesus. Na incredulidade estão unidos com os de Jerusalém, e, assim como eles, são verdadeiros “judeus”. Ao mesmo tempo João explicita com essa expressão o que também se depreende claramente dos sinóticos: apesar de toda a adesão a Jesus e de toda a fé que Jesus encontra aqui e acolá, Israel como um todo na verdade se nega a crer em Jesus. E mais que em outros povos, em Israel o decisivo era a atitude da totalidade do povo, não a de cada um de seus membros. **“Os judeus”**, portanto, **“resmungavam”**.
- 42 Ao mesmo tempo, porém, os “galileus” são claramente diferenciados dos “judeus”. Escandalizam-se com Jesus não por se irem com a posição de Jesus frente à devoção legalista, porém conhecem Jesus como membro de sua tribo, como a pessoa que cresceu em seu meio numa casa simples, conhecido de todos como **“Jesus, filho de José”**. Como ele pode asseverar sobre si: **“Eu sou o pão que desceu do céu”**? Como esse nosso concidadão pode atribuir a si mesmo uma natureza que é completamente distinta da nossa natureza e o coloca ao lado de Deus? O escândalo intransponível é a condição ao mesmo tempo divina e humana. Ele não foi transposto por uma menção da maravilhosa formação do ser humano Jesus por intermédio do Espírito Santo em Maria, a virgem. Por isso Jesus também não faz nenhuma tentativa diante dos galileus de silenciar seus resmungos por meio de um relato sobre a história de Natal. Somente pela confiança que depositamos no próprio Jesus experimentamos que ele de fato é essencialmente diferente de nós: de fato é Filho de Deus e Filho do Homem ao mesmo tempo. E somente então obteremos também certeza sobre a verdade do evento do Natal. Contudo, para nós é importante ver que a fé em Jesus no tempo em que viveu, na sua presença direta, não era mais fácil do que para nós hoje. A fé em Jesus sempre é o “olhar”, impossível por natureza, que reconhece no ser humano Jesus aquele Filho de Deus que veio do céu.
- 43/44 Jesus retoma em sua resposta mais uma vez o que ele já dissera no v. 37. Agora, porém, sua palavra não é mais tão positiva e voltada para o futuro quanto antes. Agora, diante dos resmungos dos galileus, ele ressalta toda a seriedade da questão: **“Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia.”** Agora os galileus que o condenam e rejeitam resmungando devem assustar-se. Por mais que sua “murmuração” seja compreensível diante de sua “humanidade”, não deixa de ser igual à perigosa “murmuração” com que Israel se rebelou contra a ação bondosa de Deus através do salvador Moisés (Êx 15.24; 16.2; 17.3; Nm 14.2). Essa murmuração contra Moisés era ao mesmo tempo uma murmuração contra o próprio Deus (Êx 16.7; Nm 14.27). Do mesmo modo, a “murmuração” dos galileus pode vir a ser juízo contra eles, isto é, que o Pai não os atrai para Jesus, mas os entrega à sua incredulidade. Ponderamos mais uma vez o que já ficou claro ao refletirmos sobre o v. 37. Nossa conversão a Jesus obviamente é nossa própria ação espontânea. Ninguém está desculpado quando se nega a dar esse passo. Porém não podemos dar esse passo aleatoriamente, a qualquer momento, segundo nosso arbítrio. É necessário que o Deus vivo nos “atraia”, realizando a sua história em nossa vida. O **“atrair”**, porém, não é uma tração mecânica, à qual a pessoa tivesse de seguir sem vontade própria. Nossa vontade é convocada a obedecer à “atração de Deus”. Precisamente com vistas a esse “atrair” por parte de Deus, o “crer”, como vimos acima (p. 76), é sempre um “obedecer”.
- 45 Jesus comprova essa verdade com uma palavra da Escritura: **“Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus.”** Em Is 54.13 a tradução é um pouco diferente [“ensinados do Senhor”], que corresponde ao texto hebraico, enquanto a formulação grega em João coincide com a LXX. O sentido, porém, é o mesmo, e seu conteúdo corresponde à promessa na nova aliança em Jr 31.31ss. Por isso Jesus afirmou com razão que assim estava escrito **“nos profetas”**. “Por ti somente deve ser ensinado, quem arrependido a Deus se tem voltado, compreensão celestial concede.” No entanto, quando o próprio Deus concede “compreensão celestial”, isso é comprovado pelo voltar-se a Jesus e pelo verdadeiro chegar-se a ele. **“Todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse**

vem a mim.” O ouvinte que verdadeiramente foi ensinado por Deus pode ser reconhecido pelo fato de que ele encontra Deus em Jesus. O conhecimento de Deus a partir de outra fonte passa ao largo da realidade e “não tem Deus” (2Jo 9). Novamente toda a história da proclamação evangelística no mundo é uma poderosa confirmação daquilo que Jesus disse aos galileus naquela ocasião. Em todos os lugares, entre pessoas de todas as cores e de todos os níveis culturais, Jesus é reconhecido como grande e salvador, amado e exaltado, onde começa o ensino e convencimento de Deus e onde pessoas se abrem a essa realidade.

46/48 “Ouvir e aprender de Deus” não tem a ver com “ver a Deus”. Permanece definido o que lemos no começo do evangelho (Jo 1.18). **“Não que alguém tenha visto o Pai, salvo aquele que vem de Deus; este o tem visto.”** Agora ainda não é tempo de ver a Deus, agora é tempo de crer. Contudo, como esse “crer” se torna firme e claro! Não é um incerto “achar” da pessoa sobre Deus. Pelo contrário, ela pode apegar-se àquele que **“viu o Pai”**, motivo pelo qual é capaz de falar dele com plena certeza. Nesse conhecimento verdadeiro do Deus vivo a fé já possui a vida eterna (Jo 17.3). É por isso que Jesus pode mais uma vez assegurar aqui: **“Em verdade, em verdade vos digo: quem crê tem a vida eterna.”** Porque está unido com aquele que testifica novamente: **“Eu sou o pão da vida.”** Mais uma vez a ênfase recai sobre o **“eu”**: ‘Eu e nenhum outro sou o pão da vida’.

49/50 Na seqüência Jesus retoma outra vez aquilo com que os galileus o haviam confrontado a partir das histórias dos ancestrais (v. 31). A maravilhosa alimentação lá na outra margem do lago não representou para eles um sinal suficiente, uma vez que Jesus lhes havia concedido apenas pão comum de cevada, e não maná, como Moisés. É verdade, os ancestrais obtiveram o maná. Contudo, de que adiantou para eles? **“Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.”** Ele, porém, que agora lhes providenciou alimento simples, embora suficiente, para sua fome física como “sinal” para algo maior, tem para conceder-lhes o que os pais não obtiveram por intermédio de Moisés: **“Esse é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não morra.”** Agora Jesus não faz a declaração na forma do eu, mas fala na terceira pessoa, a fim de conferir à sua palavra toda a firmeza objetiva. Trata-se da grande “coisa”, do verdadeiro e real “pão do céu” que salva da morte. Em ambas as frases é impossível que Jesus se refira à morte corporal, que na verdade continuará presente para os que crêem nele. Para ele está em jogo a morte essencial, por meio da qual estão “mortas” também as pessoas aparentemente mais vivas, como já observamos em Jo 5.21. Também ao olhar para os **“pais”**, Jesus está pensando nessa morte por julgamento. Como Paulo em 1Co 10.1ss, Jesus tem em vista os juízos de Deus, pelos quais nenhum dos que saíram do Egito alcançou a terra prometida. Diante dessa morte sob a ira de Deus o maná não salvou os pais. No entanto, é exatamente essa morte pela qual todo aquele que comeu do verdadeiro “pão do céu” não mais há de passar.

51 Quando a pergunta onde, afinal, esse pão pode ser encontrado, é suscitada novamente diante da extraordinária importância do mesmo, então Jesus tão somente pode voltar a assegurar: **“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente.”** “Eternamente” tem o sentido literal de: “para dentro do *éon*”. Ele não perecerá no deserto como os pais, mas chegará a “Canaã”, o novo *éon* e o novo mundo, porque já traz dentro de si a vida desse novo mundo pela fé em Jesus.

Com essas palavras Jesus repetiu o que já havia afirmado. Agora, porém, acrescenta uma frase que leva seu diálogo com os galileus (e conosco!) a um progresso significativo, a saber, de forma semelhante ao que aconteceu também no diálogo com Nicodemos. Do mesmo modo como na pergunta pelo “renascimento”, a pergunta pelo “pão da vida” não pode ser respondida sem uma guinada para a cruz. **“E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo.”** Sem dúvida Jesus é em sua pessoa o pão da vida, mas apesar disso não pode ser simplesmente recebido da maneira como agora se encontra perante os galileus, como pão criador da vida. Antes cumpre-lhe **“dar”** outra coisa, a única pela qual o **“mundo”** obtém a dádiva redentora. **“Para a vida do mundo”** é preciso pagar um resgate, ofertar um sacrifício. Porque o mundo é realmente é **“mundo”**, existência separada de Deus, rebelada contra Deus, presa em pecado, trevas e morte. Será que o mundo de fato é capaz de encontrar vida divina e chegar ao novo *éon*? Acaso vemos o quanto isso é “impossível”? Para que essas coisas impossíveis se tornem possíveis, é preciso que aconteça algo cuja magnitude corresponda a toda essa “impossibilidade”. Unicamente através desse acontecimento é que se pode unir esse contraste total de “mundo” e “vida divina”. É o acontecimento da cruz. O Filho dá a **“sua carne”**, sua existência total como ser humano, para sacrifício propiciatório em favor do **“mundo”**.

Os galileus se escandalizavam com a “carne” de Jesus, sua condição humana real, por meio da qual ele partilhava a existência deles, sendo como um deles. Como todos nós, eles ansiavam pelo ser “sobre-humano”, por um salvador divino que deixasse para trás a fraqueza e humildade da “carne” e brilhasse em “glória”. Rejeitam a Jesus porque ele trazia a carne tão nitidamente em si. Como ele, que era “carne”, haveria de ser o pão da vida eterna? Não lhe deram crédito nisso. Vêm em sua mensagem nada mais que uma palavra presunçosa. Jesus, porém, lhes diz que apenas através dessa “sua carne” ele é capaz de ser o verdadeiro pão. Somente porque ele se tornou “carne”, tem condições de andar o caminho sacrificial do sofrimento e da morte. É óbvio que, se agora já se escandalizam com sua carne e por isso não conseguem crer nele, como será quando sua carne estiver depenurada no madeiro maldito, dilacerada, torturada e desfigurada?

A CARNE DE JESUS COMO PÃO DA VIDA – João 6.52-59

– Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?

⁵³ – Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos.

⁵⁴ – Quem comer (literalmente: mastigar) a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.

⁵⁵ – Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida.

– Quem comer (literalmente: mastigar) a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele.

– Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta (literalmente: mastiga) por mim viverá.

⁵⁸ – Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer (literalmente: mastigar) este pão viverá eternamente.

⁵⁹ – Estas coisas disse Jesus, quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum.

52 Jesus havia dado à sua palavra sobre o “pão do céu” uma inflexão que apontava para o sacrifício que ele teria de prestar pela vida do mundo. Como isso devia ser estranho para os “judeus”! Ainda não reconheciam nada de sua perdição e, como “judeus”, sentiam-se extremamente superiores ao “mundo”. Quando, porém, falta o entendimento central, interior, então a idéia de ter de “comer” a “carne” de um ser humano, torna-se repugnante e abjeta. Conseqüentemente, surge a objeção que agora não apenas se levanta nos corações, mas se torna uma ruidosa discussão. Na realidade nos encontramos (v. 59) numa sinagoga, o que possibilita uma discussão assim. **“Então os judeus disputavam entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?”** Essa “disputa”, no entanto, mostra ao mesmo tempo que, ao contrário de Jerusalém, havia na Galiléia adeptos de Jesus que se manifestaram abertamente em favor de Jesus, e aos quais os opositores se dirigem agora com sua pergunta indignada. Será que esses ainda continuariam defendendo um homem que dizia coisas tão exageradas, enigmáticas e abjetas?

53/54 O que Jesus responde a essa pergunta? Ele repete tudo o que afirmou a seu próprio respeito como o “pão da vida”. Mas agora revela que tudo isso somente tem validade quando ele é visto e compreendido como o Sacrificado e Crucificado.

Jesus não fornece explicações para aquilo que afirmou. Ele reforça a realidade e importância da questão com um **“Em verdade, em verdade vos digo”**, acirrando a formulação escandalosa ao falar agora expressamente de **“comer a sua carne”** e **“beber o seu sangue”**, ligando a isso a obtenção da verdadeira vida. **“Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos.”** Tudo o que eles têm dentro de si agora, incluindo a vida religiosa e a atividade zelote, não é **“vida”** verdadeira. Precisamente os galileus, que “querem realizar as obras de Deus”, são obrigados a ouvir que a salvação está numa direção exatamente oposta: aceitar o que o Filho do Homem e Messias fará por eles sangrando e morrendo. Agrade aos galileus (e a nós!) ou não, a impossibilidade de contornar os fatos é mais importante do que quaisquer “explicações”. Nessa situação a metáfora do “comer e beber” é benéfica. Todos nós nutrimos nossa vida terrena, ainda que não saibamos entender nem explicar os misteriosos processos pelos quais isso acontece.

Jesus se apresenta com o título honorífico “o Filho do Homem”. Dessa maneira ele salienta que precisamente o Filho do Homem de Daniel somente chega à sua soberania eterna pelo fato de se tornar carne e sacrificar essa carne. Afinal, ela só pode ser “comida” quando estiver sacrificada. Com a “carne” associa-se o “sangue”. E também esse somente pode ser “bebido” quando for sangue vertido. O alvo final glorioso, para o qual o título Filho do Homem aponta de modo especial, apenas pode ser alcançado passando pelas profundezas do sofrimento e da morte. Esse é o verdadeiro evangelho, a “palavra da cruz”, que o próprio Jesus está expondo aos galileus. É por isso que o “Filho do Homem” visa, e deve, ser aceito, acolhido, “comido” e “bebido”, para que a vida *eônica* seja alcançada. Unicamente a respeito daquele que o acolher assim, em sua carne e sangue sacrificados, Jesus pode afirmar: **“E eu o ressuscitarei no último dia.”** Apenas nesse ponto essa palavra de Jesus, já pronunciada várias vezes (Jo 5.26; 6.39,40,44), adquire nitidez total e verdade plena.

De fato o ponto crucial do evangelho está em jogo. Justamente a apresentação que João faz de Jesus podia levar à idéia de que se trata de um Cristo “espiritualizado”, ao qual podemos acolher sem rupturas e de forma direta, a fim de ter a vida verdadeira. “Vir a Jesus” e “crer em Jesus”, isso parece ser diretamente viável, sem outras implicações. Talvez a predileção de pessoas “religiosas” e intelectualmente avançadas pelo evangelho de João se baseie nesse equívoco, no qual parece haver um cristianismo sem a palavra escandalosa da cruz e sem a palavra repugnante do sangue redentor e purificador.

55 É contra esse perigoso equívoco que Jesus se dirige. Como no diálogo com Nicodemos, agora ele também aponta para a sua cruz como o meio imprescindível para a obtenção real da nova vida. Somente como sacrificado e crucificado, que entrega sua carne para a vida de um mundo perdido, ele é verdadeiramente o pão da vida e não engana os que vêm até ele. Não basta uma comunhão “intelectual” e direta qualquer com Jesus. Quem pensa assim ainda se confessa “mundo”, “trevas”, “pecador”, “maldito” (Gl 3.10!). Para “ímpios, pecadores, inimigos” (Rm 5.5ss) Jesus não pode ser, em sua natureza intelectual, a comida da vida que liberta da morte. Não, para essa natureza somente **“a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida,”** atesta Jesus.

56 É por essa razão que Jesus escolhe as expressões mais ríspidas para a “aceitação” de seu sacrifício sangrento. Nos v. 54 e 56 Jesus substitui a palavra “comer” por um termo que ressalta o “mastigar” e “triturar”, sendo por isso também usado para o “devorar” dos animais. Ele “aguça intencionalmente o aguilhão instigante da palavra, que fere os sentimentos” (Schlatter). E assegura: **“Quem comer** (literalmente: mastigar) **a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele.”** Ou seja, até o que parece uma comunhão puramente “íntima” e “intelectual” com Jesus, nosso “permanecer nele” e seu “permanecer em nós”, não pode ser obtido diretamente em acontecimentos intelectuais, porém fica inteiramente vinculado à carne sacrificada e ao sangue derramado de Jesus. Somente quem aceita o sacrifício de Jesus em sua concretude plena obtém também o bem precioso de permanecer já agora “em Jesus” e tornar-se “morada” de Jesus.

Enquanto “morrer” geralmente significa separação, que afasta definitivamente o moribundo de seus familiares, no presente caso é somente a morte de Jesus que leva à união “permanente” e essencial com os seus. O fato de que em sua última grande oração Jesus fala dessa união com as expressões mais poderosas (Jo 17.23,26), faz com que tenhamos de lembrar que a realidade do que ele afirma ali está alicerçada sobre sua morte.

Está completamente claro que, apesar da opção proposital pela expressão grosseira, a ilustração de “mastigar” e “beber” continua sendo “figura”. Jesus não fala de carne e sangue transfigurados e eternizados que nos são oferecidos em um “sacramento”. Não, com toda a determinação Jesus fala da “carne” que penderá daquele madeiro e do “sangue” que escorrerá pelos vergões dos açoites e pelas chagas na cruz. E essa carne e sangue não são colocados na boca de ninguém para serem mastigados e bebidos. Porém Jesus fala de “mastigar” e “comer” porque ele sabe que nós podemos espiritualizar a palavra “fê” em uma coisa muito irreal e diluída em mera obra mental. “Assim não!”, diz Jesus. É fato que vocês têm de “mastigar” e “beber”. Apesar disso trata-se de uma ilustração, da mesma maneira como outra passagem fala de “lavar no sangue de Jesus” (Ap 1.5; 7.14). Também nesse caso a imagem visa apontar para uma realidade, sem ser ela mesma essa realidade.

Esse comer e beber da carne e do sangue do Filho do Homem caracteriza o verdadeiro ser cristão em todos os tempos. A mensagem é sempre a “palavra da cruz”, mesmo após Páscoa e Ascensão (1Co 1.17,18; 2.2). Não se trata de um estágio inicial a ser ultrapassado, mas do centro permanente. É

isso que nos atesta a ceia do Senhor, celebrada repetidamente pela igreja e que é “a comunhão no corpo e sangue de Cristo” (1Co 10.16). Sob esse enfoque o presente texto também é uma palavra sobre a santa ceia e fala daquilo que se concretiza de forma especialmente explícita na celebração da ceia na igreja. É aqui que a carne de Jesus é comida e seu sangue é bebido. Só que nem todos o fazem da maneira intencionada por Jesus, quando recebem pão e vinho, mas somente aquele que verdadeiramente “crê”. As duas sentenças de Jesus: “Quem crê em mim tem a vida eterna” e “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” são igualmente verdadeiras e não se contradizem, mas explicam e esclarecem uma à outra. Uma “fê” que não é realmente um “comer” não nos serve para nada, assim como o “comer” que não consiste realmente de “fê”.

57 Jesus caracteriza a “vida” que obtemos junto dele de forma peculiar e importante. **“Assim como me enviou o Pai vivo, e eu vivo por causa do Pai, assim também quem me come (literalmente: mastiga), viverá por minha causa.”** Uma vida que brota exclusivamente de um sacrifício extremo não pode ser uma vida egoísta e não pode ser vivida para si mesma, não pode girar em torno de si mesma. Em contraposição a isso Jesus escolhe a expressão **“Quem me come viverá por minha causa”**. Essa expressão diz ao mesmo tempo duas coisas: **“Por causa de Jesus”** nós **“vivemos”**, a saber, porque ele nos salvou do pecado e da morte por meio de seu sacrifício. Contudo, nesse caso também vivemos **“por causa dele”** num sentido completamente diferente: vivemos para ele, na dedicação a ele, no serviço a ele e à sua causa. Esse segundo significado é enfatizado por Jesus ao colocar como exemplo seu envio pelo Pai e sua vida para o Pai. Ao aceitarmos a Jesus e seu sacrifício somos incluídos em sua própria existência e inseridos no envio de Jesus. De Deus parte o fluxo do amor salvador até Jesus, e através de Jesus nós somos levados por essa correnteza como servos desse amor para dentro do mundo, tendo nisso de fato a vida “eterna” (sobre essa questão, cf. 2Co 5.15; Gl 2.20).

58 Do mesmo modo como somente o Filho do Homem sacrificado, sofredor e ensangüentado é o pão do céu, assim também aquele que agora está pessoalmente pronto a voltar a sacrificar-se, sofrer e amar é o verdadeiro portador de uma vida que não se encaminha ao fim, mas que vive em direção do *éon* vindouro, para dentro do novo mundo de Deus. **“Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer (literalmente: mastigar) este pão viverá eternamente.”** Essa é a diferença mais profunda entre a nova igreja e a multidão dos “pais” que, mesmo após a salvação do Egito, viviam em sua velha natureza egoísta, e **“morreram”** por causa dela e dentro dela. Os autênticos membros da igreja do Filho do Homem de fato têm a nova vida, desprendida do eu, voltada ao *éon* vindouro e determinada a partir dela, a qual foi retirada da morte e por consequência é **“eônica”**, “eterna”.

59 **“Essas coisas disse ele na sinagoga ensinando em Cafarnaum.”** Não é dito logo de início no v. 25 que os que buscavam a Jesus o encontraram “na sinagoga”. Podemos imaginar que Jesus entrou somente mais tarde com os galileus na sinagoga e que ali “ensinou” exaustivamente. Esse acréscimo de uma definição geográfica não foi motivado por nada específico. João apenas trouxe a indicação do lugar porque estava vivamente em sua recordação que Jesus proferiu essas frases decisivas lá na sinagoga de Cafarnaum.

Houve quem defendesse que o presente trecho poderia ser interpretado mais facilmente se fosse relacionado com a santa ceia, assim como se encontrou a referência ao batismo cristão em Jo 3.5. João estaria dando a palavra a Jesus para que fale da santa ceia e de sua **necessidade** para a vida da igreja e de cada cristão. Ao descrever a história da Paixão ele não apresentaria a instituição da santa ceia, mas aqui teria atestado a seu modo esse sacramento e seu conteúdo. Nesse caso João se tornaria um inventor arbitrário que coloca nos lábios de Jesus suas idéias pessoais sobre a santa ceia. Nessa passagem isso teria sido um ato especialmente mau, porque no v. 59 ele afirma expressamente que essas palavras de Jesus teriam sido proferidas na sinagoga de Cafarnaum. Com essa informação, essas palavras são descritas de forma especialmente enfática como sendo do próprio Jesus. Nesse caso nos encontraríamos diante de uma inverdade intencional do evangelista. Se, porém, Jesus de fato cunhou suas frases desafiantes na sinagoga, no diálogo decisivo com seus conterrâneos galileus, ele não podia falar de um sacramento posterior da igreja, do qual os galileus não podiam ter a menor idéia. Portanto, para compreendermos o presente trecho, cumpre-nos a princípio desconsiderar justamente a santa ceia. Essa passagem deve ser ouvida e entendida totalmente por si mesma.

Apesar disso, porém, não há como negar uma estreita correlação entre a santa ceia e o que Jesus afirma no presente capítulo. Ela nem sequer precisa ser negada! No entanto, essa correlação não

reside em que o próprio Jesus ou o autor do evangelho tenham falado aqui da ceia do Senhor. A ligação está na grande causa que está em jogo tanto na ceia do Senhor quanto no discurso de Jesus em Cafarnaum. Schlatter opina como segue: João descreve Jesus à igreja “não como instituidor de um sacramento, porém certamente como aquele que a alimenta com vida por intermédio de seu corpo entregue à morte”. É exatamente isso, porém, que cada celebração da ceia do Senhor atesta, proclamando, como diz Paulo em 1Co 11.26, no comer do pão e no beber do cálice, “a morte do *Kýrios*, até que ele venha”. A morte daquele que é o “Senhor”, no entanto, representa a vida para todos os que aceitam essa sua morte por fé. João 6 não atesta a santa ceia, mas cada santa ceia atesta João 6. É por esse motivo que justamente as palavras de João 6 podem ser usadas com plena razão como palavras de santa ceia.

A SEPARAÇÃO DOS DISCÍPULOS – João 6.60-71

- ⁶⁰ – **Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?**
- **Mas Jesus, sabendo por si mesmo que eles murmuravam a respeito de suas palavras, interpelou-os: Isto vos escandaliza?**
- **Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?**
- **O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida.**
- **Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair.**
- **E prosseguiu: Por causa disto, é que eu vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido.**
- **À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele.**
- ⁶⁷ – **Então, perguntou Jesus aos doze: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?**
- ⁶⁸ – **Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna;**
- **e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus.**
- ⁷⁰ – **Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo.**
- **Referia-se ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze.**

60 João nos mostrou o rompimento dos galileus com Jesus. Não é por acaso que justamente Cafarnaum é citado como local dos acontecimentos decisivos. Precisamente ali, na “cidade dele” (Mt 9.1), dá-se a ruptura. João no-la descreveu com toda a profundidade, quando a coloca como seqüência direta do entusiasmo que visa fazer de Jesus um rei. Com crescente aspereza, o discurso de Jesus contrariou tudo que impelia os galileus a ver em Jesus o Messias esperado, após o milagre da multiplicação dos pães. Toda a expectativa “judaica” e “zelotista” do Messias e, com ela, todo o pensamento e empenho dos galileus em sua maior devoção foram fulminados na raiz pela palavra de Jesus. Os galileus desejam, como provavelmente todos nós fazemos por natureza, o “Salvador” que os livra de sua opressão e aflição e lhes proporciona uma existência rica e feliz neste mundo. Jesus, porém, mostra a eles e a nós o que não gostamos de ouvir nem podemos compreender a partir de nós mesmos: que carecemos daquele que é capaz de, morrendo, salvar pessoas perdidas e que lhes traz vida verdadeira com sua carne rendida e seu sangue vertido. Se não compreendemos a estranheza, a decepção e a revolta dos galileus, provavelmente nós mesmos ainda não ouvimos de fato a palavra de Jesus. Ela também nos atinge de forma incisiva na raiz de todo o nosso pensamento natural e de nossa religiosidade humana.

Por essa razão ela também teve uma repercussão assustadora no círculo dos adeptos que Jesus tinha até então. Novamente nos deparamos com o estilo narrativo peculiar de João. Ele nos informou apenas a vocação dos dois irmãos André e Pedro, bem como de Filipe e Natanael, e sugeriu a vocação dos irmãos Tiago e João. Agora subitamente o ouvimos falar com toda a naturalidade sobre os “Doze” e um círculo evidentemente bastante grande de homens que como “discípulos” ou “alunos” acompanhavam Jesus permanentemente. Em seu evangelho João deixa de trazer diversas coisas de que tem pleno conhecimento e que ele pressupõe como dadas. Por isso, aquilo que “falta” no evangelho de João nem por isso foi negado ou declarado como menos importante.

O discurso de Jesus espantou e causou espécie a “**muitos**” de seus seguidores. “**Muitos, pois, que do círculo de seus discípulos ouviram [isso], disseram: Duro é esse discurso. Quem pode ouvi-lo?**” Teria sido de fato um mal-entendido que os fez recuar diante das concepções horrorosas de “beber do sangue” e “comer da carne humana”? Ou será que entenderam muito bem o que Jesus realmente quer dizer, e será que justamente por isso essa palavra é tão “**dura**”? Como foi insuportável para Simão Pedro quando Jesus expôs diante de seus discípulos o primeiro anúncio da paixão (Mt 16.21s). Um Messias na forca, no madeiro maldito, representava um tropeço, um “escândalo” para cada coração devoto de discípulo (1Co 1.23)! E com que “dureza” julga-se o ser humano, incluindo o devoto, quando o Messias esperado só pode ser o Salvador da espécie humana, também dos israelitas, no madeiro, por meio de sua morte! Será que se pode ouvir uma coisa dessas? Será que é essa a real situação de Israel, do ser humano?

- 61 Acaso Jesus agora atenua a dureza de sua palavra? Será que acalma os discípulos consternados, dizendo que a intenção não foi tão radical assim? Nesse caso ele teria aberto mão da única verdade redentora. É certo que ele constata com clareza qual é a situação de muitos de seus discípulos: “**Jesus, porém, sabendo por si mesmo que seus discípulos murmuravam a respeito de suas palavras, interpelou-os: Isto vos escandaliza?**” A palavra torna-se para eles um tropeço que os derruba. Não conseguem mais acompanhá-lo, e caem. Contudo, Jesus não pode mudar essa situação.
- 62 No entanto ele acrescenta: “**Se virdes, pois, o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?**” O que Jesus visa dizer com essa indagação? Em todos os casos, ele aponta para o fato de que a entrega de sua carne em sua morte não é nem a única nem a última coisa em sua história. Os discípulos ainda poderão “ver” algo muito diferente, não apenas sua cruz, mas igualmente sua Ascensão, quando “**o Filho do Homem subir para lá onde esteve antes**”. Constatamos que também João tem ciência da Ascensão visível de Jesus (At 1.9), que o próprio Jesus prenunciou. O que há de ser “**quando**” eles “virem” esse evento? Jesus deixa a questão em aberto. Ela pode conter um incentivo para uma fé perseverante. Não deixem que seu assombro com minhas palavras os afaste de mim! Creiam e esperem. Minha exaltação solucionará maravilhosamente os enigmas diante dos quais vocês agora se encontram. Nesse caso, Jesus prenunciou exatamente aquilo que de fato sucedeu após a Sexta-Feira da Paixão, ao longo dos dias da Páscoa e da Ascensão. Os discípulos, que eram “nécios e tardos de coração”, deram-se conta de que: “Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lc 24.25s). Tornaram-se mensageiros da mesma cruz, porém agora mensageiros que não conheciam nada maior e mais belo do que aquilo que neste momento lhes parecia tão duro e insuportável: o sacrifício da carne do Filho do Homem para a vida do mundo perdido. Ao mesmo tempo, isso torna explícito que com sua curiosa pergunta Jesus não retira nada daquilo que expusera em seu discurso de forma cada vez mais dura e áspera. Porquanto sua “exaltação”, seu retorno ao Pai, sua Ascensão começa com a cruz e só pode concretizar-se por meio do acontecimento do Calvário. Não se muda nada na dureza da questão: “O único caminho é pela morte.”
- 63 E agora segue uma daquelas sentenças que tornam a leitura do evangelho de João tão difícil, porque parecem anular o que acabou de ser dito por meio de uma contradição total. No v. 51-56 foi-nos dito que a dádiva de Jesus seria precisamente sua “carne”, e que era imprescindível “comer” sua carne, do contrário não teríamos vida em nós. Agora ouvimos: “**O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita.**” Há pouco fomos rispidamente advertidos contra qualquer espiritualização, agora uma concepção meramente espiritual parece ser a única coisa certa. Contudo, ao comentarmos Jo 3.5-8 e sobretudo Jo 4.24, deixamos claro que “Espírito” no sentido bíblico não se refere à “intelectualidade” nem a meros “pensamentos”, e sim à força e vitalidade sumamente reais de Deus. Obviamente “carne e sangue” como tais, como substâncias terrenas e passageiras, de nada servem nas questões divinas. Isso Jesus já havia exposto implacavelmente a Nicodemos. Se os discípulos se irritam agora porque pensam que ele confere à carne como tal qualquer importância, então eles o compreenderam de modo totalmente equivocado. Pelo contrário, todo o seu discurso representou um único ataque às suas idéias “carnais” a respeito do Messias, cuja raiz está numa valorização errada da “carne”. “**A carne**” visa ter um rei que fornece milagrosamente o pão terreno e conduz Israel à soberania. Tudo isso, porém, para “**nada aproveita**” aos olhos de Jesus. Também a sua própria carne de nada serviria se ele a preservasse e guardasse para um reinado segundo os desejos e as expectativas dos galileus. Somente como carne entregue e sacrificada ela “aproveita” para alguma coisa. Na cruz, o Espírito torna a “carne” um sacrifício eficaz e que preenche todos os espaços e

tempos, em favor de um mundo perdido. Como diz a carta aos Hebreus, Jesus “pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus”, e unicamente por isso o sangue de Cristo é capaz de “purificar a nossa consciência de obras mortas” (Hb 9.14). Sem o “Espírito”, sem o sagrado oferecimento, a carne, que Jesus tem em comum com todos nós, **“para nada aproveitaria”**. Contudo, quando Jesus fala do “Espírito” logo depois de sua palavra sobre a Ascensão, necessariamente o “Pentecostes” está diante dele. Nessa ocasião vem o Espírito de Deus que “vivifica” e concede nova vida divina a pessoas que estavam “mortas” para Deus. Unicamente por intermédio do Espírito as pessoas são “geradas do alto” e “nascidas de novo”, de sorte que agora podem entrar no reino de Deus. Jesus já declarara isso a Nicodemos. Será que Jesus está se contradizendo agora? Ou será que Jesus conhece caminhos diversos para a vida? “A carne do Filho do Homem concede vida” e “o Espírito é o que vivifica”? Não. Somente por meio da “Sexta-Feira Santa” o “Pentecostes” se torna possível. Uma coisa decorre da outra. Uma está fundamentada na outra, uma age em conjunto com a outra para um grande objetivo, a saber, que pessoas perdidas, inimigas de Deus, obtenham vida *eônica*. Também na presente sentença mantém o fato de que precisamos comer da carne do Filho do Homem e beber do seu sangue, para obtermos esse Espírito que gera a vida. A aparente “contradição” tão somente expressa toda a profundidade e vitalidade da questão. Só é possível falar da “vida” por meio de “contradições”.

É por essa razão que o próprio Jesus agora também combina mais uma vez sua palavra sobre a “carne” do Filho do Homem, que tem de ser “comida”, com o “Espírito”, que é o único que vivifica. **“As palavras que vos tenho dito são espírito e são vida.”** Ao afirmar isso Jesus pode estar pensando em todas as palavras que já dissera aos discípulos. No entanto, nesse caso inclui-se igualmente todo o seu discurso do presente capítulo. Na situação agora relatada por João, com **“as palavras que vos tenho dito”** Jesus deve estar se referindo sobretudo às considerações de Jo 6.26-59. Ou seja, justamente as palavras que falam de “comer” (“mastigar”) sua carne e de “beber” seu sangue são na verdade **“Espírito e vida”**. Comer a carne sacrificada de Jesus dá o Espírito e a vida. E novamente o Espírito transforma a palavra da cruz em evangelho libertador e em pão da vida. Assim, o discurso de Jesus no cap. 6 deve ser lido e compreendido como dádiva da vida no Espírito.

64 No entanto, mesmo por meio dessa explicação Jesus não convence os discípulos murmuradores. Por que não? **“Contudo, há alguns entre vós que não crêm.”** O nosso “pensar” e nosso “entender” nunca é uma grandeza autônoma e que funciona unicamente por si própria. Sofrem sempre a direção de uma instância muito mais profunda. Atrás de cada verdadeiro ouvir e entender está um abrir-se interior contido na palavra “crer”. Quando isso é recusado, o resultado é a incompreensão e murmuração, e a palavra ouvida se torna tropeço e motivo de queda. É o que acontece com os “muitos” do círculo de discípulos. Desde o início Jesus sabe a respeito deles, mesmo que durante algum tempo sua devoção parecesse ser “fé”. Jesus não está admirado com a separação de “muitos”, até mesmo dentre o grupo de seus adeptos. Ele **“sabia”** o quanto a revelação de Deus por natureza seria escandalosa para o “mundo”. Ele **“sabia”** da dureza de sua fala e conscientemente havia usado palavras cada vez mais ríspidas e desafiadoras. Pois somente uma proclamação “dura” e sem contemporizações é capaz de levar à guinada radical de que consiste a verdadeira “fé”. O escândalo, a rejeição, o afastamento de muitos outros precisam ser levados em conta. Esse saber de Jesus a respeito dos efeitos de sua pregação, porém, é ainda mais preciso: **“Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não querem crer.”** Nessa frase a palavra de negação utilizada não apenas constata a incredulidade como um fato, mas caracteriza o movimento de rejeição que está subjacente a esse “não crer” como um “não querer crer”. Essa resistência levará um homem dentre os discípulos até a ser **“quem havia de trair”** a Jesus. O termo grego é traduzido costumeiramente por “trair”, porém na realidade significa “render, abandonar, entregar”. É a mesma palavra que em Rm 8.32 designa o próprio agir de Deus e em seu Filho amado, o qual o Pai “por todos nós o entregou”. Por isso, o decisivo na ação de Judas não é a “delação” do lugar secreto de reunião no Jardim do Getsêmani, mas a terrível determinação de “entregar” Jesus a seus inimigos, e com isso “abandoná-lo” à morte. Aqui, porém, Judas ainda não é citado por nome. Tão somente se constata: Jesus sabia **“quem era o que o havia de trair”**.

65 Mais uma vez, como já nos v. 37 e 44, Jesus mexe no terrível mistério que está por trás do comportamento do ser humano. O ser humano nunca é, nem mesmo em sua resistência contra Deus, o senhor absoluto, que dispõe de Deus na fé ou na incredulidade; apesar de toda sua liberdade, ele ao mesmo tempo permanece abarcado pelo agir de Deus. **“E disse: Por causa disto é que vos tenho**

dito: Ninguém é capaz de vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido.” Jesus não desenvolve uma teoria sobre a questão se e por que Deus também “não concede” a pessoas que venham a Jesus. Ele se atém à realidade constatável e repetidamente constatada. O Filho observa com reverência o agir do Pai, sem questionar sua “justiça” e suas razões. Alegra-se por aqueles que o Pai lhe concede e que por isso vêm a ele. Quando, porém, o Pai “não concedeu”, ele também não insiste com pessoas para conquistá-las apesar de tudo. Pelo contrário, suporta a inutilidade de sua palavra e a rejeição de sua mensagem e de sua pessoa, pois prevalece a grande regra básica: “O Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai” (Jo 5.19).

66 A palavra de Jesus continua sem sucesso. **“Desse momento em diante muitos dos seus discípulos se retraíram e já não andavam com ele.”** A decisão interior se concretiza de forma muito simples. O relacionamento de discípulo, o “discipulado”, concretizava-se em de fato **“andar”** com Jesus. Agora muitos desistem de peregrinar com ele e **“retornam”**, voltam de forma muito concreta para sua vida anterior sem Jesus. Por isso, há sensivelmente mais silêncio e solidão em torno de Jesus. Delineia-se com maior clareza o “insucesso”, a “derrota” que será consumada na “cruz” (Jo 16.32). João no-lo relatou com muito mais clareza e seriedade do que os sinóticos, mostrando as razões profundas que em Mt 11 apenas nos confrontam surpreendentemente com o resultado negativo da atividade de Jesus na Galiléia. Contudo, é justamente também Mt 11, com o trecho de Mt 11.25-27, em estilo “joanino”, que aponta para o mistério da atuação reveladora de Jesus.

67/69 Que acontece com o círculo mais restrito, com os “Doze”, que Jesus convocou como testemunho para os povos das doze tribos? Mesmo agora, diante da gravidade da situação, Jesus não se volta para eles com uma convocação insistente para a fidelidade, mas com uma pergunta aberta. **“Então falou Jesus aos doze: Porventura quereis também vós retirar-vos?”** Ninguém deve ser pressionado a crer. A fé somente pode viver na liberdade. Por essa razão Jesus se distingue dos dirigentes humanos que tentam assegurar seu séquito por todos os meios. Jesus oferece liberdade. O caminho para longe de Jesus está sempre livre também para os “Doze”.

Simão Pedro apresenta a resposta clara por todos. **“Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem sairemos?”** Como é simples e autêntica essa resposta! Nesse instante, Pedro vê diante de si que **“sair”** de Jesus na verdade precisaria de um outro alvo. Acaso deve ser apenas um sair para o **“antes”**, um breve retorno para a realidade antiga, como se nesse tempo não tivessem ouvido, nem aprendido, nem experimentado nada? Será que esse **“retornar”** é realmente viável? Para os Doze não. Eles teriam de dirigir-se a **“outro”** que fosse maior e melhor que Jesus. Contudo, **“para quem”** haveriam de ir? Não existe esse **“outro”**. Em seguida jorra limpidamente a confissão: **“Tu tens palavras de vida eterna.”** Pedro não fala dos sinais e milagres. Não são essas coisas que prendem os discípulos junto a Jesus. É a palavra de Jesus, cujo poder experimentaram. Ouviram de Jesus **“palavras de vida eterna”**, palavras que descerram e transmitem a vida verdadeira. Será que junto de qualquer **“outro”** poderiam encontrar mais e maiores coisas? Nessa resposta deparamo-nos claramente com a verdade: Os discípulos que se retraem consideravam a palavra de Jesus **“dura”**. Os discípulos que ficam reconhecem na mesma palavra o poder e a dádiva da vida eterna. Tão distintamente é ouvida a mesma palavra, dependendo de ser ouvida com fé ou na incredulidade.

E agora Pedro olha para si mesmo e seus companheiros, afirmando com um enfático **“nós”**: **“E nós chegamos à fé e reconhecemos que tu és o Santo de Deus.”** Os Doze **“chegaram à fé e reconheceram”**. Houve quem criticasse o relato dos evangelhos, argumentando que eles não nos dariam um quadro real dos discípulos de Jesus. Os mais diversos informes sobre vocações de discípulos estariam lado a lado de modo inconciliável. Não ficaria claro como, afinal, os discípulos chegaram à fé em Jesus. Por isso tudo seria bem pouco confiável. João não pode ter esquecido que em Jo 1.35ss já falara acerca da fé dos primeiros discípulos em Jesus. Contudo, João sabe que a **“fé”** como processo de vida tem uma **“história”**. Não há contradição nem confusão quando os discípulos **“crêem”** imediatamente no primeiro encontro com Jesus e depois, após o primeiro sinal realizado por Jesus, novamente **“crêem nele”**, e agora confessam claramente sua fé e mesmo depois da Páscoa **“crerão”** novamente. Só então, na verdade, o farão em sentido pleno. **“Chegamos à fé.”** Com essa declaração Simão Pedro olha para o tempo passado desde aquele primeiro encontro. Desenrolou-se uma história de fé que agora levou a um resultado sólido. Ainda que muitos retrocedam, eles não conseguem mais abandonar a Jesus. Com toda a liberdade, sua fé os mantém firmes em Jesus.

Fé real não permanece no nível de uma percepção indefinida, mas leva a uma clareza e a um conhecimento definido. Por isso Pedro prossegue: **“e reconhecemos”**. Com respeito ao v. 64, já

explicitamos que nosso pensar e reconhecer não constitui uma atividade livre em si mesma, mas é dirigida a partir das profundezas de nosso ser. É apenas um ato de fé, com o qual nos abrimos para algo, que possibilita de fato o “reconhecer”. Pedro viu corretamente. Isso começa pela “fé” em relação à pessoa de Jesus. Disso resulta cada vez mais claramente a percepção de sua natureza. No entanto, assim como no evangelho de João a “verdade” não significa exatidão teórica, mas realidade essencial, assim também o “reconhecer” não é um ato intelectual de constatações objetivas, mas sim um captar interior, com todo o ser, de uma realidade viva.

Quando refletimos sobre o conteúdo desse crer e reconhecer dos Doze, então o fato de justamente nessa passagem os manuscritos divergirem consideravelmente entre si representa certa dificuldade para nós. Os manuscritos da *Koiné* nos oferecem a seguinte confissão de Pedro: “que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. O texto singelo **“que tu és o Santo de Deus”**, é trazido pelos manuscritos da forma textual “egípcia”. É bonito que a confissão de Pedro tenha aqui uma forma tão “simples”, sendo tão viva e apesar disso trazendo o mais importante. Ainda totalmente sem uma fórmula tradicional, a confissão brota de Pedro: tu és completamente diferente de todos nós, até dos melhores e mais devotos. Tu és “santo”, apesar de tua humanidade pertences ao lado de Deus. Porque a característica de Deus é ser **“o Santo”**. “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos”, exclamam os incansáveis serafins que circundam o trono de Deus. Tão “santo” é também Jesus. Essa é a impressão totalmente predominante que os Doze obtiveram no convívio pessoal com Jesus. E essa sua “santidade” reside em sua ligação singular com Deus. Ele é “o Santo”, **“o Santo de Deus”**. Nessa definição foi captada a sua essência, da qual obtém autoridade a sua obra, seu cargo de Messias. Como “Santo de Deus” ele pode ser verdadeiramente “o Cristo”.

70/71 Pedro falou em nome dos “Doze” e pensa estar seguro desses Doze. Jesus vê mais fundo e constata um segredo assustador. **“Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi eu [pessoalmente] em número de doze? Contudo, um de vós é um diabo.”** Que mistério! Ele próprio, o Filho, que conhece as pessoas de ponta a ponta e que ao mesmo tempo pergunta cabalmente pela vontade do Pai, convocou esses Doze. Apesar disso, um deles é “um diabo”. Será que Jesus se enganou quando chamou também a esse para junto de si? Acaso ele o chamou, embora soubesse imediatamente qual era a situação dele? Por que, então, o fez? Por que o Pai quis assim? Deparamo-nos com o enigma de Judas, por cuja solução as pessoas repetidamente se empenharam. Contudo, todas as “soluções” de um certo modo tornam-se “rasas” e não fazem justiça à profundidade abissal de todo o processo. Também nesse ponto não deveríamos ter o objetivo de saber mais do que nos diz a própria palavra bíblica. E João deixou o enigma sem decifrá-lo aqui, expressando-o com sua formulação final simples e apesar disso comovente por seu caráter enigmático: **“porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze.”**

A palavra de Jesus não foi tão explícita para os demais discípulos daquele tempo quanto é agora para nós. “Um de vós é um *diábolos*.” “*Diábolos*”, no entanto, significa primariamente um simples “acusador”, um “difamador”. O termo “diabo” surgiu a partir desse termo somente porque Satanás é por natureza “o acusador”. Naquela hora, porém, os discípulos ainda não deviam depreender da palavra de Jesus mais que um deles tinha um coração difamador e acusador.

Ao fazer essa declaração Jesus não revelou o nome. **“Um de vós”**, portanto, tinha a ver com todos eles. **“Porém referia-se a Judas, o Filho de Simão Iscariotes.”** Nesse texto a expressão “Iscariotes”, que para nós praticamente se tornou designação de um delator traiçoeiro, não está se referindo a Judas, mas a seu Pai Simão. Portanto, deve tratar-se de uma informação meramente objetiva. Pode ser interpretada no idioma aramaico e traduzida como “homem de Karioth”. Outros relacionam o termo com o nome “sicário”. Os círculos radicais em Israel, que mantinham a luta contra a dominação romana por meio de atentados de toda espécie, eram chamados de “homens do punhal”, os “sicários”. Se Judas fosse oriundo de uma casa que participava desse movimento, ficaria singularmente compreensível sua amarga decepção com Jesus, que não fazia nada pela libertação de Israel. Nesse caso, o discurso de Jesus em Cafarnaum, a rejeição radical ao zebedaísmo, a ríspida confissão em favor da necessidade de sofrer e morrer, realmente representavam para ele palavras “duras” e insuportáveis. Contudo, mesmo nessa hipótese persistiria o enigma de sua trajetória. Por que Judas não se afastou decepcionado de Jesus como os muitos outros? Por que ficou? Ele não está mais livre em seu agir, ele é “um *diábolos*”, alguém amarrado por Satanás, alguém que é mantido por Satanás no círculo de discípulos e preparado como instrumento para entregar o Santo ao madeiro maldito. No entanto, não devemos esquecer que essas considerações elas se apóiam sobre um chão

muito incerto. Permanece indefinido se, afinal, a designação do Pai de Judas como “o Iscariotes” tem algo a ver com os “sicários”.

Na suposição de que o relato de João estaria se referindo ao mesmo episódio que conhecemos como a “confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe”, em Mt 16, na realidade nos depararíamos com diferenças muito grandes e de difícil harmonização. Justamente essas diferenças, porém, com vistas ao lugar, à situação e ao alvo de todo o acontecimento permitem depreender que também se trata de dois eventos bem diferentes. Já constatamos que o “crer” dos discípulos no começo não exclui uma “fé” posterior mais evoluída e aprofundada. É bem possível que a aflita luta interior de Jesus em Jo 12.12ss se repita no Getsêmani de forma mais grave. O discurso de Jesus sobre sua carne como verdadeiro alimento pode concretizar-se após a instituição da santa ceia. Por isso, é possível que Pedro tenha dado seu testemunho a Jesus na situação crítica em que muitos se afastaram dele, e apesar disso Jesus pode ter chegado em outra época com seus Doze à solidão da parte setentrional da Galiléia, confrontando-os ali expressamente com a pergunta sobre o que haviam reconhecido a respeito da sua pessoa. João não relata essa circunstância pelo fato de que ele não informa quase nada do que já podia ser lido nos sinóticos.

JESUS RETORNA A JERUSALÉM PARA A FESTA DOS TABERNÁCULOS – João 7.1-13

- Passadas estas coisas, Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo.
- Ora, a festa dos judeus, chamada de festa dos Tabernáculos, estava próxima.
- ³ – Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes.
- ⁴ – Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo.
- ⁵ – Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele.
- Disse-lhes, pois, Jesus: O meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente.
- Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más.
- ⁸ – Subi vós outros à festa; eu, por enquanto, não subo, porque o meu tempo ainda não está cumprido.
- ⁹ – Disse-lhes Jesus estas coisas e continuou na Galiléia.
- Mas, depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele também, não publicamente, mas em oculto.
- ¹¹ – Ora, os judeus o procuravam na festa e perguntavam: Onde estará ele?
- ¹² – E havia grande murmuração a seu respeito entre as multidões. Uns diziam: Ele é bom. E outros: Não, antes, engana o povo.
- Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por ter medo dos judeus.

1 Apesar de tudo o que aconteceu e levou à rejeição de Jesus por parte dos galileus e até entre seus discípulos, “Jesus anda pela Galiléia” ainda por um certo tempo, obviamente não permanecendo inativo, mas continuando a proclamar e ensinar. São os meses entre a primavera (a páscoa, Jo 6.3) e o outono (festa dos tabernáculos, Jo 7.2). Deve ter sido um tempo difícil para Jesus. Não podia mais esperar uma mudança na atitude dos galileus. Por que ele apesar disso ainda ficava, não voltando a freqüentar a Judéia, onde ele anteriormente havia conseguido penetrar de forma mais intensa (Jo 4.1)? “Não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo.” Agora é pronunciado claramente aquilo a que o começo do cap. 4 apenas havia aludido. A hostilidade dos fariseus é tão séria que em sua área de influência nas cercanias de Jerusalém Jesus se encontra em permanente perigo de vida. Precisamente o presente capítulo o explicita nos v. 19,25,30,44.

Sob “os judeus” que planejam matá-lo, entende-se novamente, como já em Jo 1.19, os círculos dirigentes, sobretudo os fariseus. João gosta de usar o termo nesse sentido mais restrito. Contudo, os fariseus, que com zelo tentam e reclamam ser os “judeus” corretos e plenamente fiéis à lei, são também de fato os representantes daquilo que significa o “judaísmo” como tal. Ao buscarem matar Jesus, justamente eles, os “judeus”, que com muito orgulho se consideram desvinculados do mundo perdido, tornam-se os mais perigosos representantes do “mundo” com suas trevas e sua hostilidade contra Deus.

2 “Ora, estava próxima a festa dos judeus, a ‘edificação de tendas’ (‘tabernáculos’).” A “festa dos tabernáculos” é a mais alegre e popular das três grandes festas e às vezes é simplesmente chamada de “a festa” (cf. Jo 5.1). Era festejada durante sete dias. De ramos de árvores eram confeccionadas “tendas” (por isso o termo oficial grego “edificação de tendas”). Nessas “tendas de ramos”, sobre os telhados, nos pátios e nas ruas, todo o mundo vivia alegremente durante esses dias (Lv 23.39-43).

3/6 “Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos e lhe disseram: **Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes.**” Novamente João pressupõe o conhecimento dos sinóticos, sobretudo do exposto em Mc 6.3 e Mt 13.55. A igreja que lê o evangelho de João já sabe quem são “os irmãos de Jesus”. João não tem necessidade de dizer nada a esse respeito aos leitores. Em sua palavra os irmãos não se atêm ao dever que, conforme Dt 16.16, cabia a cada homem em Israel, de celebrar a festa dos tabernáculos, como o passá em Jerusalém. Eles têm uma perspectiva bem diferente. “**Não crêem nele**”. João o enfatiza: “**também seus irmãos**”, nem mesmo seus irmãos criam. Não deveriam ter sido os primeiros a ver a glória de Jesus e reconhecer nele “o Santo de Deus”? Afinal, ao longo de muitos anos eles foram os mais próximos dele. Contudo, justamente através dessa proximidade, dessa familiaridade com ele são impedidos a crer – como de modo geral os galileus (cf. Jo 6.42). Não conseguem conceber que ele, seu irmão, com o qual cresceram desde a infância, deveria ser algo totalmente diferente do que eles próprios. Não são capazes de ver nele o “Messias”. Ao mesmo tempo, porém, irritam-se inegavelmente com a atitude de Jesus, que, segundo sua percepção, é irresoluta e, segundo sua opinião, insensata. Já que pretende ser algo especial, então ele, afinal, deve mostrar-se e arrastar consigo as pessoas através de grandes feitos. Se os galileus se distanciam e não desejam ser mais seus “discípulos”, pois bem, na Judéia ele havia conseguido muitos adeptos. Que vá até os numerosos “discípulos” de lá e lhes permita novamente presenciar seus feitos. Com certeza estão esperando por isso. “**Vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes.**” Do modo como está, porém, ele vive numa contradição consigo próprio. Pretende ser o Messias, “**procura ser conhecido em público**” e não obstante permanece “em oculto”, na Galiléia distante, mantendo-se incompreensivelmente isolado. Isso não dá. “**Se fazes estas coisas**”, se não vives simplesmente como um israelita devoto, mas cogitas visivelmente de uma atuação grandiosa ou até messiânica, “**então manifesta-te ao mundo**”. A forma de tua atuação atual contradiz tuas reivindicações atuais, de que devemos “crer” em ti. A grande festa com todos os peregrinos festivos oferece-te a oportunidade para um destaque, no qual os olhos de todos se voltam para ti.

Nesse conselho a Jesus revela-se o verdadeiro motivo da incredulidade dos irmãos de Jesus. Esse motivo é seu pensamento “mundano”. O mundo se impressiona somente pela apresentação magnífica, pública, com feitos chamativos. No conselho dos irmãos achega-se mais uma vez a Jesus algo do que o príncipe do mundo lhe havia aconselhado como caminho para conquistar as massas (Mt 4.5s). Jesus, porém, conhece o agir oculto e inaparente de Deus, que de modo admirável conduz ao sucesso amplo. Ele o formulou em suas parábolas do grão de mostarda (Mc 4.30ss), do fermento (Mt 13.33) e da semente (Mc 4.26ss).

Contudo, Jesus pessoalmente não aborda essa questão. Destaca algo diferente, que determina seu comportamento e que o separa profundamente de todo o pensamento e vida de seus irmãos. O ser humano separado de Deus é necessariamente autocrático, pensando poder decidir sozinho sobre sua vida. Pode fazer a qualquer momento o que ele considera correto. Segundo sua opinião, sempre e incessantemente há tempo oportuno para tudo. Jesus, porém, sabe do “seu tempo”, da “sua hora”, que primeiro precisa ter chegado para que ele possa agir e apresentar-se em Jerusalém para a decisão.

“**Então lhes disse Jesus: O meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente.**”

Para o termo “tempo” o texto grego utiliza a peculiar expressão “*kairós*”. Essa expressão não se refere ao curso genérico do tempo, mas a determinados “tempos” que se destacam desse curso do tempo como horas que não retornam, nas quais se pode agir frutiferamente e também se precisa agir assim. “Horas” que o ser humano não determina, mas que são enviadas por Deus. Não se pode fazer de tudo a qualquer momento. Os irmãos de Jesus desconhecem isso. Supõem que a hora de agir estaria sempre “**presente**” e sempre ficaria à disposição. Apenas dependeria da vontade da pessoa, ou seja, também da vontade de seu irmão, Jesus, para intervir. Não têm a menor idéia da dependência total das horas de Deus, na qual justamente o Autorizado, o Messias, tem de conduzir sua vida. Um abismo intransponível está entre Jesus e eles. Realmente não constitui nenhum acaso desventuroso que eles não crêem em Jesus.

Para Jesus, porém, essa “hora” do agir decisivo possui ao mesmo tempo um conteúdo completamente diferente do que seus irmãos imaginam. Sem dúvida é a hora de sua manifestação pública como Messias. Porém, como Jesus afirmou ríspidamente a seus conterrâneos, contrariando todas as suas expectativas: Essa manifestação não é simplesmente popularidade, conquistar as massas, soberania santa, mas é o sacrifício de sua carne na cruz. “Jesus, rei dos judeus” tão somente constará como título sobre o madeiro maldito na hora de Deus.

- 7 O fato de que também agora, na palavra a seus irmãos, Jesus vê chegando **“seu tempo”** dessa maneira é demonstrado pela continuação de sua fala. Ele sabe: Será alvo do ódio do mundo. **“O mundo não pode odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más.”** Jesus sabe da situação de forma ainda mais profunda e grave que já no início, por ocasião do diálogo com Nicodemos (Jo 3.17-19). É bem verdade que não foi enviado para julgar, mas para salvar. Porém, quem oferece seriamente a “salvação” ao mundo, atesta-lhe dessa maneira com a mesma seriedade sua “perdição”. O mundo, e acima de tudo o mundo devoto de Israel, está satisfeito com suas “obras” e, apesar de diversas falhas isoladas, não deixa de se considerar como “bom”. Engana-se cabalmente a seu próprio respeito e sobre sua posição em relação ao juízo de Deus. Contudo, aquele que empenha sua vida para a salvação dele destrói essa ilusão! A respeito do mundo ele dá o **“testemunho de que suas obras são más”**. É justamente por isso que o Salvador é insuportável para o mundo. O mundo pode tolerar muito bem pessoas devotas como os irmãos de Jesus, sim, no final até os aprecia. Não são sentidas como juízo, mas na pior das hipóteses como excêntricos, em relação a cuja predileção religiosa inofensiva se pode ser condescendente. **“O mundo não pode odiar-vos.”** Mas a Jesus ele odeia, porque sangrando e morrendo na cruz ele desmascara para o mundo a profundidade incurável de sua perdição.
- 8/9 Deixar a Galiléia e ir para a Judéia e Jerusalém não é para Jesus o caminho para finalmente triunfar, mas sim o caminho para a morte. No entanto, esse caminho Jesus pode e decide trilhar somente quando **“o seu tempo estiver cumprido”**. Na visão de Jesus, porém, isso ainda não aconteceu. Deus ainda não lho mostrou. Por isso Jesus responde a seus irmãos: **“Subi vós à festa; porque o meu tempo ainda não está cumprido.”** Ele também age de acordo. **“Disse-lhes Jesus estas coisas e continuou na Galiléia.”**
- 10 Agora, porém, somos surpreendidos. **“Mas, depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele também, não publicamente, mas em oculto.”** Como devemos entender isso? Da forma mais estranha deparamo-nos aqui com uma “contradição”, ou com uma súbita guinada em Jesus, como já em Jo 2.4 e 7. Ao que parece, João quer que sintamos esse aspecto estranho e contraditório no agir de Jesus. Pois é justamente disso que depreendemos o que significa viver como o “Filho” em dependência total do Pai e de fato não possuir vontade própria. João não nos permite olhar para dentro do mistério da vida interior de Jesus e de seu relacionamento com o Pai. Isso constitui um dos indícios da autenticidade de seu relato. Em decorrência, nem nas bodas de Caná nem aqui nos é dito algo de como Jesus obtém a certeza de que sua “hora” agora de fato chegou e seu tempo está “cumprido”. Presenciamos tão somente o resultado.
- Representa uma grande decisão o que se concretiza com esse itinerário para Jerusalém. Ele vem a ser a despedida definitiva da Galiléia. É verdade que Jesus deixa mais uma vez Jerusalém (Jo 10.40) até a entrada decisiva na cidade (Jo 12.12). Contudo, sua ida representa agora a mudança definitiva para sucumbir exteriormente. Com ela, ele ingressa no mortal “ódio do mundo”. Sob esse aspecto **“seu tempo”** – naquele sentido especial do tempo de sofrer e morrer – de fato agora “chegou”. A “contradição” entre os v. 10 e v. 6s é, portanto, tudo menos arbitrariedade de Jesus ou até uma forma de enganar seus irmãos. Toda a gravidade do passo obediente no “caminho da morte” paira sobre aquilo que a seus irmãos poderia parecer uma teimosia imprevisível. Jesus, porém, não acompanha publicamente as multidões de peregrinos, mas segue para Jerusalém sozinho, talvez também por caminhos bem diferentes, mas em todos os casos **“praticamente em oculto”**, “incógnito”.
- 11 **“Ora, os judeus o procuravam na festa e perguntavam: Onde estará ele?”** De novo a designação “os judeus” tem intencionalmente um duplo sentido nessa frase. Jesus tornou-se tão conhecido que de um modo geral se pergunta por ele nas grandes multidões de peregrinos e se espera encontrá-lo aqui na festa. Todos os romeiros da festa e, por isso, “os judeus”, o procuram. Contudo, de um modo singular, são os círculos dos fariseus que o espreitam e “procuram” por ele. Em

decorrência, representa uma questão bem genérica e ao mesmo tempo muito específica, que circula naqueles dias em Jerusalém: **“Onde está ele?”**

12/13 De que modo admirável João nos relatou, assim, a situação toda! Agora ele permite que ela se nos apresente com concretude ainda maior. **“E havia grande murmuração a seu respeito entre as multidões. Uns diziam: Ele é bom. E outros: Não, antes, engana o povo. Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por ter medo dos judeus.”** O quadro é uma descrição das condições que os sinóticos não nos fornecem. Toda essa atmosfera contraditória e tensa somente pode ser descrita dessa maneira por alguém que a vivenciou e sofreu pessoalmente. O nome de Jesus está na boca de todos. Nessa festa fala-se muito e de maneiras bem distintas sobre Jesus. De forma precisa fica caracterizado que não estão em discussão as verdadeiras grandes questões, que haviam sido suscitadas pela ação de Jesus no tanque de Betesda. O povo não pensa com essa clareza e tão “teologicamente”. Ele se limita às impressões bem genéricas. “Ele é bom”, ou: “Não, ele engana o povo”. E tudo permanece conversa oculta e contida. O povo sabe do antagonismo “dos judeus”, ou seja, novamente dos grupos influentes no sacerdócio e entre os fariseus. Diante deles o povo tem medo. Ninguém tem coragem de falar abertamente sobre Jesus.

A CONTROVÉRSIA DE JESUS COM OS PEREGRINOS DA FESTA – João 7.14-30

¹⁴ – Corria já em meio a festa, e Jesus subiu ao templo e ensinava.

– Então, os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe este letras, sem ter estudado?

¹⁶ – Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.

¹⁷ – Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo.

– Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça.

– Não vos deu Moisés a lei? Contudo, ninguém dentre vós a observa. Por que procurais matar-me?

– Respondeu a multidão: Tens demônio. Quem é que procura matar-te?

– Replicou-lhes Jesus: Um só feito realizei, e todos vos admirais.

– Pelo motivo de que Moisés vos deu a circuncisão (se bem que ela não vem dele, mas dos patriarcas), no sábado circuncidais um homem.

²³ – E, se o homem pode ser circuncidado em dia de sábado, para que a lei de Moisés não seja violada, por que vos indignais contra mim, pelo fato de eu ter curado, num sábado, ao todo, um homem?

²⁴ – Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça.

²⁵ – Diziam alguns de Jerusalém: Não é este aquele a quem procuram matar?

– Eis que ele fala abertamente, e nada lhe dizem. Porventura, reconhecem verdadeiramente as autoridades que este é, de fato, o Cristo?

– Nós, todavia, sabemos donde este é; quando, porém, vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é.

²⁸ – Jesus, pois, enquanto ensinava no templo, clamou, dizendo: Vós não somente me conheceis, mas também sabeis donde eu sou? Não vim porque eu, de mim mesmo, o quisesse, mas aquele que me enviou é verdadeiro, aquele a quem vós não conheceis.

– Eu o conheço, porque venho da parte dele e fui por ele enviado.

– Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora.

14 Vimos bem concretamente a situação em que Jesus agora se insere. Que fará ele? Porventura tentará permanecer “em oculto”? Não. **“Quando a festa já havia passado pela metade, Jesus subiu ao templo e ensinava.”** Ao que parece Jesus chegou quando os primeiros dias da festa já tinham passado. Agora, porém, ele procura o templo, o centro da celebração festiva, fazendo uso do direito que cada israelita tinha, de fazer uso da palavra na congregação. A expressão “ensinar” obviamente diz algo mais. Ela é termo técnico para a interpretação responsável da lei, da Escritura. “Ensinar” é diferenciado de “proclamar” (em grego: “ser arauto” ou “evangelizar”). O Sermão do Monte, apesar de toda a sua autoridade interior, não deixa de ser “ensino” (“Ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas”, Mt 7.29), porque é explicação da lei.

O comportamento dos ouvintes, porém, demonstra que também eles não entendem a palavra de Jesus apenas como sendo “testemunho leigo”, e sim como interpretação responsável da Escritura por parte de um “mestre”.

- 15 “Então os judeus se maravilharam e diziam: Como este chegou a seus conhecimentos sem ter estudado?”** Provavelmente “os judeus” são de novo sobretudo os grupos de fariseus e escribas. Sabem muito bem que Jesus não usufruiu como eles de um ensino de muitos anos por parte de um renomado teólogo como Gamaliel ou Nicodemos. Por isso Jesus na realidade não pode nem deve “ensinar”, interpretar e explicar com responsabilidade a palavra do próprio Deus. Não obstante, encontram-se sob a impressão de que o ensino de Jesus é fundamentado, sim, profundo e poderoso. Literalmente sua pergunta é: “Como este conhece letras?” Ocorre que “*to gramma*”, ou no plural “*ta grammata*”, também pode ter o sentido “a Escritura”, respectivamente “as Escrituras” (cf., p. ex., Rm 2.27s; 7.6; 2Co 3.6). Foi assim que Lutero traduziu: “Como é que este conhece a Escritura, apesar de não tê-la estudado?” Nesse caso, porém, “*gramma*” ou “*grammata*” deveriam vir acompanhados do artigo. Não é esse, porém, o caso na presente passagem. “Conhecer letras” era uma expressão corriqueira freqüente para a posse de conhecimentos e formação em geral. Desse modo a expressão obteve seu sentido abrangente, não precisando significar aqui apenas “conhecimentos bíblicos”. É óbvio que no contexto da erudição dos escribas todo “conhecimento” e todo “saber” sempre se referia de maneira central ao conhecimento e à compreensão dos escritos bíblicos. Por isso não tem muita importância em termos de conteúdo se interpretamos a expressão grega de um ou outro modo. Em contrapartida é importante que o próprio Jesus, como igualmente seus discípulos (At 4.13!), era uma pessoa iletrada, não um teólogo do ramo, e que apesar disso era capaz – como depois também seus discípulos – de proclamar a palavra de Deus de maneira mais verdadeira e poderosa que seus adversários eruditos.
- 16** Jesus declara imediatamente por que isso é assim. **“Então lhes respondeu Jesus e disse: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.”** Obviamente a erudição dos escribas consistia da interpretação pessoal inteligente e ilustrada da “lei”. Isso precisava ser aprendido com especialistas. Nesse estudo, cada aluno aprendia primeiro a interpretação dos antigos em suas diversas escolas teológicas, para depois contribuir oportunamente com uma nova interpretação própria. O “ensino” de Jesus é algo totalmente diferente. Ele não o elaborou ou produziu mentalmente, mas recebeu-o de Deus. Eles o consideram um “autodidata”, mas ele é um “teodidata”, um “instruído por Deus” no sentido mais elevado. Precisamente por isso seu ensino constitui o verdadeiro entendimento e a correta interpretação da Escritura. Nos grandes enviados de Deus da Antiga Aliança já atuava e falava o Espírito de Cristo (1Pe 1.11!), que fala agora de Jesus como aquele que habita nele. Por que esse Espírito não seria o mais capacitado, sim, o único a saber o que ele quis realizar e dizer por meio daqueles homens que escreveram os livros bíblicos! Ainda mais: em Jesus está fisicamente presente o “Verbo” que Deus falou desde os primórdios e também anunciou através de Moisés e os profetas. Esse “Verbo”, esse “Logos”, conhece e compreende de modo singular a palavra da Bíblia. Não menos do que isso faz do ensino de Jesus a palavra que também nós temos de ouvir para viver e morrer com “fê” confiante.
- 17** Contudo, isso não passa de mera declaração? Como podemos reconhecer que a palavra de Jesus de fato e efetivamente é a própria palavra de Deus? Jesus diz que existe um caminho para a certeza. Obviamente esse não é o caminho da verificação teórica, da crítica filosófica ou teológica. Porque de onde se tiraria o critério seguro segundo o qual se pode avaliar o que é ou não “divino”? Por essa razão Jesus mostra um caminho bem diferente, um caminho da prática, que requer nosso empenho pessoal, mas que também leva ao alvo da certeza verdadeira. **“Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo.”** Aquilo que “fazemos” sempre é uma “vontade”, é a vontade de Deus ou a nossa própria. Enquanto obedecermos à nossa própria vontade e visamos nossos próprios alvos, teremos de colidir com Jesus, precisamente porque seu ensino é de Deus e porque ele como o Filho representa a vontade de Deus e a honra de Deus contra nós. E quando nosso egoísmo se oculta sob a aparência do zelo por Deus, então essa colisão terá de ser especialmente violenta, levando à ferrenha hostilidade contra Jesus. Porém, se realmente **“quisermos fazer a vontade de Deus”**, então “conhecemos” Jesus e reconheceremos algo de seu modo de Filho. O que na verdade **“queremos”**, porém constantemente não conseguimos realizar dessa forma, em Jesus se nos mostra plenamente cumprido: “O Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai” (Jo 5.19). Em decorrência,

também seu “ensino” não é coisa dele próprio, um discurso a partir dele mesmo, mas o ensinamento de Deus, o qual agora também o Filho “semelhantermente o faz”. Com grande frequência será apenas o encontro com Jesus que desvelará para uma pessoa o quanto ela – também como pessoa “boa” ou “religiosa”, ou até mesmo como “cristã” – estava cheia de sua própria vontade e desprezou a vontade de Deus. No entanto, também esse é um caminho para reconhecer, de acordo com a palavra de Jesus, que sua vida é divina e completamente diferente de todo falar autocrático sobre Deus. Jesus concretiza essa verdade numa segunda característica clara.

- 18 **“Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça.”** Jesus já havia apontado em Jo 5.44, igualmente em Jerusalém, perante seus oponentes farisaicos, para o efeito maléfico e impeditivo da fé causado pela busca de “glória”. Jesus expressa o que nós hoje aprendemos de novo das descobertas da psicologia profunda. O anseio por “honra” não constitui um traço isolado no indivíduo, sobretudo no pervertido, mas, como “pulsão de afirmação”, faz parte da natureza do “eu” propriamente dita. A busca da honra pessoal domina, muito mais profundamente do que imaginamos, todo o nosso agir, e por consequência, também nosso labor teológico e todo o nosso falar, inclusive o discurso devoto. E justamente nessa procura pela glória pessoal o falar se trai como sendo arbitrário, ainda que trate de Deus e se baseie na Bíblia. Será que seus inimigos puderam notar algo disso em Jesus? Logo por ocasião de sua primeira aparição em Jerusalém, na purificação do templo, eles haviam presenciado algo muito diferente. “O zelo da tua casa me consumirá”. Por isso ele também agora está diante deles como aquele que busca a glória de Deus, abrindo mão, para isso, de toda a popularidade pessoal e caminhando rumo à vergonha da cruz. Por essa razão ele é **“verdadeiro, e nele não há injustiça”**. A busca da glória pessoal sempre conduz à aparência. A “hipocrisia”, a encenação religiosa, de que Jesus acusava os fariseus, tem sua raiz na busca de “honra”. Somente ser livre de ambição e ser pleno da honra de Deus, é que de fato torna **“verdadeiro”**. Apenas quem olhar serena e atentamente para Jesus, reconhecerá nele essa “verdade” e se dobrará de coração a essa verdade. É o que sucede constantemente a incontáveis pessoas que chegam à fé em Jesus Cristo.
- 19 Entre seus adversários, porém, a situação é outra. Certamente eles são escribas zelosos e fariseus rigorosos, mas apesar disso Jesus lhes tem de dizer o que mais tarde Estêvão declara numa brevidade ríspida similar (At 7.53) e o que depois Paulo expõe exaustivamente em Rm 2.17-29: **“Não vos deu Moisés a lei? Contudo, ninguém dentre vós a cumpre.”** Precisamente por isso eles não fazem parte daqueles que com desejo ardente realmente “querem fazer a vontade de Deus”. Por essa razão são incapazes de reconhecer o ensinamento de Jesus como vindo de Deus. Contudo a acusação **“Ninguém dentre vós cumpre a lei”** tem de ser simultaneamente revoltante e inaceitável para aqueles que acreditam que empenharam toda a sua vida escrutinando e cumprindo os mandamentos de Deus. E logo esse Jesus, esse violador da lei, que cura no sábado e deixa o curado carregar o leito, pretende acusá-los dessa forma! Aí se incendeia o ódio contra Jesus, como também Estêvão e Paulo sofreram esse ódio. Jesus já constata nos corações o desejo de acabar com ele: **“Por que procurais matar-me?”** Porque o ensino de Jesus vem de Deus e o juízo de Jesus é juízo de Deus com toda a limpidez, somente pode haver a alternativa de curvar-se perante Jesus e entregar-se a ele ou de rebelar-se contra Jesus até a fanática decisão de aniquilá-lo.
- 20 Agora a multidão intervém. Certamente é a massa dos peregrinos da festa que enche o templo, e que não capta a profundidade da luta entre Jesus e os fariseus, vendo na palavra de Jesus uma soturna preocupação sem motivo, sim, uma espécie de mania de perseguição, que unicamente pode ser causada por um espírito maligno. **“Respondeu a multidão: Tens um espírito mau. Quem é que procura matar-te?”**
- 21 Jesus não pode se envolver num diálogo com a multidão. No entanto, lembra a origem do conflito e, por isso, o motivo dessa vontade de matá-lo. **“Replicou-lhes Jesus, dizendo: Uma só obra realizei, e todos vos admirais por isso.”** Essa **“uma obra”** foi a cura do enfermo no tanque de Betesda (Jo 5.1ss), essa cura no sábado, que fez eclodir todo o antagonismo entre ele e o farisaísmo. Naquele episódio Jesus simplesmente se reportou ao agir do Pai, mostrando na seqüência detalhadamente a seus adversários que ele, o Filho, não pode agir por conta própria e pecaminosamente, mas que como Filho é obediente num grau muito mais profundo que eles, que zelavam pela lei. Agora ele tenta enfrentar seus adversários em seu próprio campo.

- 22 **“Moisés vos deu a circuncisão – se bem que ela não vem dele, mas dos patriarcas – e também no sábado circuncidais um homem.”** A circuncisão é mais antiga que Moisés e já foi dada e ordenada a Abraão como sinal da aliança (Gn 17.10-12). Moisés, porém, a acolheu na lei, ordenando que ela deve ser realizada no oitavo dia (Lv 12.3). No entanto, para poder obedecer rigorosamente a determinação, era preciso que meninos também fossem circuncidados no sábado, quando o oitavo dia após o nascimento caísse num sábado. Acontece que essa operação no corpo de uma criança sem sombra de dúvida é uma “obra”. Apesar disso ela é praticada também no sábado. E agora Jesus faz uma dedução semelhante à maneira como também escribas estruturavam suas conclusões teológicas:
- 23 **“E, se o homem pode ser circuncidado em dia de sábado, para que a lei de Moisés não seja violada, por que vos indignais contra mim, pelo fato de eu ter curado, num sábado, a um homem todo?”** Parece que Jesus não está entendendo a circuncisão em toda a sua profundidade como sinal de participação na comunidade salvífica israelita, mas aderindo à interpretação que costumava ser usada no ambiente grego para justificar a circuncisão: ela favorece a saúde. Nesse caso, ela naturalmente é apenas uma ajuda parcial, enquanto Jesus curou uma pessoa inteira. Contudo, o aspecto principal para Jesus é a linha de pensamento fundamental. Uma vez que os escribas e fariseus até reconhecem “obras” lícitas ou mesmo ordenadas no sábado, então eles têm de compreender também que a ajuda pela cura para um infeliz enfermo é uma “obra” dessas. Por isso Jesus solicita a seus adversários que nessa questão não julguem superficial e mecanicamente, mas enxerguem com maior profundidade.
- 24 **“Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça.”** Eles vêem apenas a transgressão explícita do mandamento do sábado e não perguntam pelas razões interiores. Em consequência, estão rapidamente prontos com o julgamento errado, ao invés de chegar ao **“juízo reto”** por meio de um exame exaustivo do agir de Jesus.
- 25/26 Agora alguns dos cidadãos de Jerusalém entram na controvérsia. Não são escribas, e sim, simples moradores da cidade. Contudo, como cidadãos eles possuem um espírito alerta e um pouco irônico. Estão cientes da revolta dos círculos dirigentes contra Jesus bem como de sua determinação de acabar com Jesus. É por isso que eles se admiram e dizem: **“Não é este aquele a quem procuram matar? Eis que ele fala abertamente, e nada lhe dizem.”** Mais uma vez João descreve a situação com conhecimento de causa. No judaísmo daquele tempo, o silêncio das autoridades significava que consentiam no que estava acontecendo. Porque este é o compromisso dos “entendidos da lei”: objetar imediatamente quando acontecia ou se ensinava algo não permitido. Da tradição judaica conhecemos muitas disputas a respeito de determinações da lei que começam pelo ponto de que um rabino critica um comportamento por ele observado ou que lhe foi reportado. Agora, porém, se permite que Jesus fale publicamente no templo e **“nada lhe dizem”**. Com um pouco de ironia os hierosolimitas somente podem ter a seguinte explicação para esse fato: **“Porventura os governantes reconheceram verdadeiramente que este é, de fato, o Messias?”** Essas pessoas evidentemente têm uma simpatia por Jesus, que apesar de todas as ameaças tem coragem de se apresentar desse modo e falar de público. Obviamente estão muito distantes de uma fé sincera nele. Jesus não corresponde suficientemente às misteriosas concepções que eles têm do “Messias”. Ao lado da expectativa bíblica do Filho de Davi de Belém circulavam no povo outras idéias, segundo as quais “o Messias estaria vivendo incógnito em um lugar escondido antes de sua aparição pública” (Strack-Billerbeck). É assim que pensam também esses hierosolimitas.
- 27 **“Quando, porém, vier o Messias, ninguém saberá donde ele é.”** Por isso Jesus não pode impressioná-los. **“Todavia, sabemos donde este é.”** Também aqui, como nos grupos dirigentes, ainda que numa direção bem diferente, é a procedência de Jesus da Galiléia que impede de antemão a fé nele. Ele nem sequer “pode” ser o Messias, porque ele não corresponde às suas concepções do Messias.
- 28 A fala dessas pessoas chega até Jesus, ou também nesse caso Jesus está lendo nos rostos e corações. Seja como for, ele dirige-se com seriedade especial contra essa forma de pensar e contra essa modalidade de se opor à fé nele. **“Então Jesus, enquanto ensinava no templo, exclamou dizendo: Vós me conheceis, e sabeis donde eu sou?”** No meio do ensino Jesus levanta a voz e “exclama”, sim, a rigor ele “grita”. Com um “grito” desses já nos deparamos em Jo 1.15 por ocasião do testemunho de João Batista (cf. acima, p. 49). Nessa expressão não é essencial o volume exterior da voz, motivo pelo qual em ambos os casos, em Jo 1.15 e aqui, se acrescenta um simples **“dizendo”**. O

“gritar” refere-se à intensidade interior desse “dizer” e sublinha a plenitude da certeza. Trata-se daquilo que nós poderíamos chamar de “proclamação”. Jesus enfrenta com profunda seriedade o reconhecimento superficial dos moradores da metrópole, que apesar disso logo no mesmo instante o descartam outra vez como pessoa vinda da miserável Galiléia. Estão em jogo o mistério de seu ser e, por isso, para seus ouvintes, a vida e a morte. **“Vós me conheceis, e sabeis donde eu sou?”** A mera informação de que vim da Galiléia vos basta? Tão rapidamente estais prontos comigo, tão pouca atenção prestais naquilo que tenho a vos dizer? Sentis falta em mim do mistério que precisa rodear o verdadeiro Messias? Pensais que com vossa inteligência e conhecimento humano podeis me analisar e aquilatar facilmente? Na verdade, porém, o mistério está poderosamente presente! **“Não vim porque eu, de mim mesmo, o quisesse, mas aquele que me enviou é verdadeiro, aquele a quem vós não conheceis.”** Não, da Galiléia é que ele **“veio”** e não **“de si mesmo”**. Ele veio porque foi **“enviado”**. Agora vale de novo o princípio de que diante do enviado temos que ver com a própria pessoa que o enviou. Essa, no entanto, é **“verdadeira”**, que não permite que se brinque com ela. Mas obviamente eles **“não conhecem”** esse **“verdadeiro”**, esse **“essencial”**, o Deus verdadeiro e vivo. Jesus ousa afirmar isso no templo, no lugar que para cada judeu representava o único local da presença de Deus! Isso não está sendo dito aos inteligentes hierosolimitas, mas do mesmo modo aos sacerdotes, fariseus, escribas, que ardem a favor de Deus e contra Jesus, demonstrando assim que não conhecem a Deus.

- 29** Jesus, porém, aumenta a revolta deles e ao mesmo tempo destroça a pouca simpatia que os cidadãos lhe devotavam, continuando: **“Eu o conheço, porque venho da parte dele (ou: estou com ele) e fui por ele enviado.”** Os manuscritos oscilam entre *“par autou”* = da parte dele, e *“par autó”* = junto dele. No entanto, qualquer que seja a versão que seguirmos, Jesus está novamente atribuindo a si mesmo um relacionamento extraordinário com Deus. Essas frases tinham de soar como uma provocação e blasfêmia muito mais fortes para ouvidos judeus do que para nós, porque Israel conhecia Deus como o Santo e Inacessível, diante do qual até os fortes anjos cobrem o rosto (Is 6!) e o qual está entronizado em alturas inatingíveis, radicalmente separado do mundo. Como uma pessoa pode ousar a afirmação de ser **“da parte de Deus”** ou que durante sua vida como ser humano na terra estaria ao mesmo tempo **“com Deus”**? Isso era ou uma presunção e blasfêmia, que tão somente podia provocar a fúria implacável de uma pessoa devota; ou tinham de dizer a esse Jesus: **“Meu Senhor e meu Deus”**, rendendo-se a ele sem restrições. Novamente é Paulo, que sabe de experiência própria, quem diz: Podemos dizer somente **“Kýrios Jesus”** (**“Senhor-Deus é Jesus”**) ou **“Anátema Jesus”** (**“Maldito é Jesus”**; 1Co 12.3). Entretanto, é unicamente o próprio Espírito de Deus que pode conceder a decisão verdadeira.
- 30** Jesus não visa um acordo, um lento convencimento de seus adversários. Jesus visa a decisão, embora saiba como ela terá de acontecer. Quem não crê em Jesus somente pode odiá-lo com ardor convicto como a um blasfemo ou sentir-se comprometido em destruí-lo. **“Então procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora.”** Sua **“hora”** detém Jesus interiormente em seu agir, mas ela também detém a mão dos demais. Deus conduz internamente o Filho na livre obediência, mas ele também conduz os eventos exteriores com poder divino através de todo o **“querer”** das pessoas.

UMA TENTATIVA DE DETENÇÃO POR PARTE DO SINÉDRIO – João 7.31-36

- E, contudo, muitos de entre a multidão creram nele e diziam: Quando vier o Cristo, fará, porventura, maiores sinais do que este homem tem feito?
- ³² – Os fariseus, ouvindo a multidão murmurar estas coisas a respeito dele, juntamente com os principais sacerdotes enviaram guardas para o prenderem.
- ³³ – Disse-lhes Jesus: Ainda por um pouco de tempo estou convosco e depois irei para junto daquele que me enviou.
- Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir.
- ³⁵ – Disseram, pois, os judeus uns aos outros: Para onde irá este que não o possamos achar? Irá, porventura, para a Dispersão entre os gregos, com o fim de os ensinar?
- Que significa, de fato, o que ele diz: Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir?

- 31 Apesar de toda a incompreensão, de todas as resistências e todo o medo surge a fé em Jesus. Obviamente essa fé é de novo uma fé que não foi realmente vencida pela palavra de Jesus, mas que olha para os milagres de Jesus. **“E, contudo, muitos de entre o povo chegaram à fé nele e diziam: Quando vier o Messias, fará, porventura, maiores sinais do que esse tem feito?”** Isso ainda não é realmente a fé que Jesus busca e que surpreendentemente encontrou nos samaritanos em Sicar sem um único milagre. Por outro lado, justamente o presente evangelho considera os “sinais” como motivo legítimo para a fé, até como obrigação para ela (cf. Jo 10.38; 12.37; 20.30). Entre o “**povo**” se pensa e julga de forma mais simples que entre os “hierosolimitas” ou até entre os escribas. Por isso constitui também um pensamento muito correto e realista, que mais milagres do que Jesus nem mesmo o Messias seria capaz de fazer. Por que, então, o próprio Jesus não deveria ser o Messias? No entanto, o povo não chega a captar com clareza e determinação que “Jesus é o Messias”. Apesar de toda a “fé” em Jesus falam ao mesmo tempo **“do Messias, quando vier”**.
- 32 Porém para os antagonistas de Jesus também essa fé já é uma coisa ameaçadora. Jesus pode falar os absurdos que quiser, ele não é perigoso enquanto ficar sozinho. Contudo, já os batismos de Jesus na Judéia deixaram-nos apreensivos (Jo 4.1-3). Se ele conseguir adeptos até entre o povo de Jerusalém e se as pessoas começarem a ver nele o Messias, então é preciso intervir. Estamos presenciando um prelúdio dos acontecimentos de Jo 11.47ss, que levará definitivamente à história da paixão de Jesus. Seus adeptos no povo ainda não ousam manifestar-se publicamente. Afinal, ainda não é uma convicção clara e sólida, disposta e capaz da confissão aberta. Literalmente “murmura-se” sobre Jesus. **“Os fariseus ouviram o povo murmurar estas coisas a respeito dele.”** Isso lhes parece ser bastante perigoso. Contudo, para os fariseus, a situação realmente não é mais difícil que uma forte influência “moral”. Um pouco de poder de autoridade estava tão somente com o sumo sacerdote em exercício, ao qual estava subordinada a polícia do templo. Como mais tarde o fariseu Saulo de Tarso somente pode proceder a prisão dos cristãos em Damasco se tivesse em mãos autorizações por escrito do sumo sacerdote (At 9.1s), assim os fariseus também precisam dirigir-se aqui aos saduceus, ao partido dos sacerdotes, em relação aos quais formavam em geral uma considerável oposição. Agora o ódio contra Jesus une os sacerdotes e os fariseus. **“Juntamente com os sumo sacerdotes enviaram servos para prendê-lo.”** Presume-se que eram os “sumo sacerdotes e fariseus” que compunham o Sinédrio. Os “servos” devem ter sido os homens da polícia do templo (cf. At 4.1-3; 5.22s).
- 33/34 Jesus sabe da sua situação com clareza e conta com o sofrimento e a morte. João não trouxe os três “anúncios da paixão” que encontramos nos sinóticos (Mt 16.21; 17.22s; 20.17-19). Porém, à sua maneira, Jesus também fala nitidamente no presente evangelho acerca de seu fim iminente. **“Disse-lhes Jesus: Ainda por um pouco de tempo estou convosco e depois irei para junto daquele que me enviou.”** O que ele próprio precisa sofrer não é o que comove Jesus. Ele vê em seu morrer apenas o retorno ao Pai. Ele se preocupa com o que será daqueles que o rejeitam e odeiam e que, afinal, precisam dele se quiserem viver. Apenas **“ainda um pouco de tempo”** ele está com eles. Rapidamente esse breve tempo, esse “hoje”, terá passado. Então será tarde demais! Ele vê chegar o momento: **“Haveis de procurar-me e não me achareis; e para onde eu estou vós não podeis ir.”** A princípio essa é uma referência a toda a impotência de seus inimigos. Justamente quando tiverem realizado sua obra nele e o matado, ele lhes terá escapado das mãos para sempre. Então o buscarão em vão, a fim de impedir a obra dele. Então se torna inatingível para eles. Porque não são capazes de acompanhá-lo para o céu, para o trono de Deus, onde estará então.
- A palavra de Jesus, porém, ainda pode ter um sentido mais profundo. Começará uma busca por aquilo que unicamente ele tem para dar. É pelo Messias que Israel anseia, e há de ansiar cada vez mais por ele. Então, porém, ele, o verdadeiro Messias, já não poderá ser achado. Ele será inatingível para eles. Se ainda viessem até ele enquanto puder ser alcançado! Pela palavra de Jesus passa algo daquele chamado que Deus no passado emitiu por meio de Isaías: “Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto” (Is 55.6).
- 35/36 Aqueles que não “crêem” tampouco conseguem ouvir e compreender. É precisamente o amor preocupado e que os busca que eles não ouvem na palavra de Jesus. De forma muito condizente com a realidade, está sendo descrito como os adversários de Jesus, “os judeus”, que falam entre si sobre a palavra de Jesus. Praticamente ouvimos as expressões indignadas e sarcásticas que circulam entre eles: **“Para onde irá este que não o possamos achar? Irá, porventura, para a diáspora dos gregos, com o fim de ensiná-los?”** A “diáspora dos gregos”, como encontramos com formulação idêntica numa carta do Rabi Gamaliel I, refere-se aos judeus que vivem dispersos entre os gregos.

Será que Jesus pretende refugiar-se lá? Pois bem, acrescenta outro, então ele é capaz de expor sua magnífica doutrina até perante os próprios gregos? Talvez com aqueles gentios afastados de Deus ele tenha mais sorte que conosco, que desmascaramos sua blasfêmia. E apesar disso a palavra de Jesus não os deixa em paz por causa de sua misteriosa seriedade. Têm de se debater com ela e a repetir constantemente: **“Que significa, de fato, o que ele diz: Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir?”** É possível que João por sua vez, quando mais tarde transmitiu à igreja essa palavra, tenha percebido nela uma “profecia”, à semelhança da profecia involuntária do sumo sacerdote por ocasião da resolução pela morte de Jesus em Jo 11.49-52. No momento em que João escrevia seu evangelho, Jesus de fato havia literalmente saído para a **“diáspora dos gregos”** e **“ensinado os gregos”** por meio de seus emissários. Dessa maneira haviam surgido igrejas inteiras lá fora entre as nações em solo grego. Jesus, porém, não atenderá o chamado requestador dos gregos (Jo 12.20s) e refutará pela prática a suspeita dos fariseus. Permanecerá fiel a Israel, que o repele, até a sua morte, tornando-se assim o grão de trigo que morre e que trará muito fruto, também entre os “gregos” e por sobre toda a terra (Jo 12.24).

JESUS CHAMA À FÉ NO ÚLTIMO DIA DA FESTA – João 7.37-44

- **No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba.**
- **Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.**
- **Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.**
- ⁴⁰ – **Então, os que dentre o povo tinham ouvido estas palavras diziam: Este é verdadeiramente o profeta.**
- ⁴¹ – **Outros diziam: Ele é o Cristo; outros, porém, perguntavam: Porventura, o Cristo virá da Galiléia?**
- **Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?**
- ⁴³ – **Assim, houve uma dissensão entre o povo por causa dele;**
- **alguns dentre eles queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos.**

37 Chegou o último dia dessa festa dos tabernáculos tão profundamente transtornada por Jesus. O dia referido talvez não seja o sétimo, mas o oitavo, que segundo Lv 23.36 era acrescentado à festa e destacado como especialmente festivo. A linguagem de João é pobre em adjetivos. João usa o termo “grande” também quando nós utilizaríamos múltiplas designações. Lutero sentiu essa peculiaridade e substituiu o simples adjetivo “grande” com “que era o mais glorioso” (edição revisada de Lutero: “que era o dia máximo”). Jesus usa esse dia para mais uma alocução insistente aos visitantes da festa. Novamente é usada a expressão “ele exclamou”, o qual já comentamos em Jo 1.15 e 7.28. Essa expressão visa destacar o esforço da voz somente na medida em que nele se exterioriza o esforço do coração. **“No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba.”**

Provavelmente Jesus formulou sua palavra dessa maneira porque fazia parte do costume da festa um processo impressionante, o qual podia usar como ponto de conexão. Todos os dias da festa, sacerdotes desciam até o tanque de Silóé, enchiam ali uma jarra dourada com água e a traziam numa solene procissão ao templo. Sob o júbilo do povo e os sons da música do templo, essa jarra era esvaziada ao mesmo tempo com uma jarra de vinho nas vasilhas de prata afixadas no altar. Diante da grande congregação festiva estava a palavra de Isaías: “Com alegria, tireis água das fontes da salvação” (Is 12.3). Era esse seu orgulho e sua felicidade, acreditavam possuir o poço da salvação e que podiam buscar água dele. Que festa magnífica era essa! Dizia-se em Israel: “Quem não viu a alegria de buscar água jamais viu uma alegria.”

Porventura Jesus não se alegra com eles? Já no AT os mensageiros de Deus tiveram de se voltar justamente contra as grandes celebrações festivas religiosas de Israel (Am 5.1s; Is 1.11-15; 29.13). Tais celebrações podem ser cativantes e causar a impressão da maior riqueza religiosa. E apesar disso falta-lhes a última verdade que pode valer exclusivamente perante Deus. Jesus vê a massa humana, ouve o júbilo, mas – será que de fato recolhem água com alegria da fonte da salvação? Não existem na grande reunião festiva também corações que notam dolorosamente que falta a verdadeira realidade da salvação? Apesar de toda a beleza da festa, eles não continuam sendo pessoas “sedentas”, cuja

sede nenhuma água de jarras de ouro é capaz de saciar? Quando existem pessoas dessas que Jesus tem em vista, ele as está chamando para junto de si. Porque junto dele pode ser encontrada a realidade que falta à festa, apesar de toda a conformidade com a Escritura e de todo seu brilho e sonoridade. A verdadeira “fonte da salvação” é ele mesmo, ele em sua pessoa. Junto dele eles poderão beber de verdade.

A palavra de Jesus tem validade para todos os tempos e todas as situações de vida de todas as pessoas. Não apenas em Israel, mas também nas igrejas cristãs, apesar de toda a riqueza de tradições, dos belos costumes, das festas movimentadas, existem os sedentos que em tudo isso não encontram o que lhes sacia a sede. Também em todas as demais áreas da vida, as coisas mais grandiosas e belas que possamos ter não nos podem dar a vida, pela qual ansiamos consciente ou inconscientemente. Quem tem sede precisa e pode chegar ao próprio Jesus. Sua vida com Jesus torna-se um “**beber**” inesgotável que sacia a sede e ao mesmo tempo deixa espaço para um desejo cada vez mais profundo, o qual obtém satisfação cada vez mais rica, até a plenitude última e definitiva sobre a nova terra (Ap 21.6; 22.17; 7.17).

O convite de Jesus concede liberdade plena e não constrange ninguém. “**Se alguém tem sede**”, diz Jesus. Esse convite tem uma abertura irrestrita. Qualquer pessoa pode ser esse “**alguém**”. Não se exigem quaisquer premissas especiais, valores e realizações de qualquer espécie. Cada pessoa pode vir como ela é. Não obstante essa palavra ao mesmo tempo deixa claro, por que Jesus na realidade é necessário para todas as pessoas, mas somente é buscado e encontrado por determinadas pessoas. Somente “**se alguém tem sede**”, ele tem ouvidos para o chamado de Jesus.

- 38 Contudo, Jesus concede ainda mais e maiores coisas do que apenas a satisfação do próprio anseio. Também à samaritana já havia sido prometido por Jesus que a água que ele lhe daria se tornaria uma fonte borbulhante (Jo 4.14). Agora, entre israelitas no templo, Jesus fala de forma ainda mais inequívoca. “**Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu corpo fluirão rios de água viva.**” Não sabemos se a menção da Escritura deve ser uma diretriz para a fé (“quem crê como diz a Escritura”) ou se ela fundamenta a declaração de que a pessoa que crê em Jesus terá vida transbordante para outros. Tampouco sabemos que palavra da Escrituras Jesus tinha em mente. Pensou-se em Is 44.3s; 58.11 ou em Ez 47.1-9; Zc 14.8. Indiferente de qual seja essa passagem, Jesus considerou como a plenitude máxima da vida que nós nos tornemos mediadores de “água viva” para outros. Em toda a Bíblia constitui uma regra fundamental de Deus que ele em parte alguma concede sua maravilhosa dádiva apenas para a bênção e felicidade da própria pessoa do receptor, mas que sempre tem na mira o serviço eficaz contínuo a favor de outros. E esse serviço não é um fardo nem uma restrição deprimente da graça, e sim o ápice maior. Não apenas ter saciada a própria sede, mas ser fonte para outros, não apenas beber, mas poder saciar a sede de outros, não somente receber vida, mas dar vida adiante, isso constitui de fato o cumprimento mais glorioso de um anseio por vida plena. Essa satisfação ninguém encontra em si mesmo. Não se torna fonte por si mesmo. A promessa está integralmente vinculada à condição básica: “**Quem crer em mim.**” Nós cristãos de hoje, porém, ficamos assombrados com a constatação de como é verdadeira a palavra de Jesus, de como ela de fato se concretizou pelos séculos até hoje em discípulos de Jesus, conhecidos e desconhecidos, famosos e ignorados.

Cumpramos prestarmos atenção especial ainda a duas expressões da palavra de Jesus. Jesus fala expressamente de “**rios**” que hão de fluir. Não apenas poucas gotas hão de ter a disposição para outros os que crêem nele. Poderosamente seu efeito se derramará em rios abundantes. Essas correntezas, porém, saem de seu “**corpo**”. Na Bíblia sempre está em jogo a pessoa toda, que justamente por meio de seu corpo começa a ser pessoa verdadeira que de fato e vivamente se empenha. Unicamente quem entrega seu corpo como “sacrifício vivo” a serviço de Deus (Rm 12.1) experimentará o cumprimento da promessa de Jesus.

- 39 O próprio evangelista vê retrospectivamente a partir do começo do cumprimento a palavra de seu Senhor, podendo nos dizer com maior precisão que sentido concreto Jesus deu à afirmação: “**Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele creram.**” De fato, em relação ao Espírito Santo coincide tudo o que Jesus está dizendo. Tão somente quem chegou à fé em Jesus o recebe. De nada adiantam todas as preces para receber o Espírito Santo se não viermos a Jesus. No Espírito Santo, porém, nós mesmos recebemos vida divina e satisfação de nossa sede. Então o Espírito torna-se o poder eficaz de nosso testemunho em palavra e vida, fazendo com que ele também leve outros à vida e leve a vida divina para outros. Dessa maneira, a palavra de Jesus daquele tempo é

explicada pelo próprio cumprimento divino. Naquela ocasião quando Jesus a proferiu, a palavra ainda não podia ser reconhecida. **“Ainda não havia o Espírito.”** Naturalmente João está cênscio de que o Espírito de Deus estava presente desde a eternidade e já falara por meio dos profetas. Porém de fato não “havia” antes de Pentecostes o Espírito e a ação espiritual plenamente presente. A efusão do Espírito somente pôde acontecer quando toda a ação salvífica de Deus em Jesus estava consumado, quando Jesus foi “exaltado” até a cruz, ressuscitado dos mortos e assento ao trono de Deus. João sintetiza tudo isso na única expressão da “glorificação de Jesus”. **“Ainda não havia o Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado.”**

40/42 Novamente nos é dado um quadro concreto de como essa proclamação de Jesus impressionou a multidão. O impacto de sua palavra é grande. Como na maravilhosa multiplicação dos pães na Galiléia e antes já na atuação de João Batista é o misterioso personagem do “profeta” que vem à mente de muitos. **“Então, ouvintes dentre o povo diziam estas palavras: Este é verdadeiramente o profeta.”** Outros o classificavam ainda mais alto. **“Outros diziam: Ele é o Messias.”** Um pressentimento passa pela multidão, de que algo grandioso está acontecendo entre eles, e de que antigas profecias se cumprem. Será, enfim, verdadeiramente tempo messiânico? Agora, porém, manifesta-se de novo o perigo de concepções teológicas e idéias bíblicas que nos podem impedir de captar com coração disposto a realidade que agora nos foi concedida por Deus. **“Outros, porém, diziam: Porventura o Messias virá da Galiléia?”** Para suas ressalvas eles possuem fundamentação bíblica. **“Não diz a Escritura que o Messias vem da semente de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?”** Agora, diferente da crítica dos hierosolimitas no v. 27, ouvimos a objeção contra Jesus a partir da promessa profética. De acordo com a Escritura “sabe-se” muito bem de onde tem de vir o Messias. Jesus, porém, não corresponde às profecias bíblicas! João não tomou posição perante essa alegação e não apontou para o que sabemos de Mt 1 e Lc 2. Aqui, como em todas as partes, ele simplesmente pressupôs o conhecimento dos outros evangelhos. No entanto, por motivos pessoais ele deve ter conscientemente omitido qualquer referência ao nascimento de Jesus em Belém. Seu empenho todo é para que aprendamos a crer corretamente em Jesus (cf. Jo 20.31, a palavra final de seu evangelho). Fé genuína, porém, somente pode surgir e crescer quando somos vencidos em nosso íntimo pela palavra de Jesus e por toda a realidade que se descortina para nós em sua palavra e em seu agir. “Provas” exteriores não bastam. Também a prova do cumprimento de profecias messiânicas não é capaz de sustentar a nossa fé. A fé daqueles que presenciaram a fala de Jesus na festa dos tabernáculos não pode ser dependente de seu local de nascimento. As pessoas ali na festa estão diretamente diante da pergunta pela fé, a qual somente podem responder vendo e ouvindo ao próprio Jesus, numa entrega confiante a ele. Uma vez que aceitaram a fé, também descobrirão posteriormente com alegre surpresa que Deus providenciou para que “Jesus de Nazaré”, Jesus, o “Galileu”, apesar disso viesse **“de Belém”**, da aldeia, **“donde era Davi”** e da **“semente de Davi”**. Deus cumpre sua palavra. Contudo o cumprimento vivo pode ter aspectos muito diferentes do que nós imaginamos em nossas idéias estagnadas.

43/44 Não chega a formar-se uma fé verdadeira e clara. Não aparecem pessoas que se destacam da grande multidão e de fato chegam sedentas a Jesus. O quadro não avança além de uma agitação geral, de um vaivém das opiniões. Ocorre uma certa separação dos espíritos. Aqueles, porém, que dizem **“esse é o Messias”** na verdade não o pensam com seriedade extrema. E aqueles que tentam prender Jesus, ainda não põem realmente a mão nele. **“Assim, houve uma cisão entre o povo por causa dele. Alguns dentre eles queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos.”**

A TENTATIVA FRACASSADA DO SINÉDRIO PARA PRENDER JESUS – João 7.45-52

⁴⁵ – Voltaram, pois, os guardas à presença dos principais sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: Por que não o trouxestes?

– Responderam eles: Jamais alguém falou como este homem.

⁴⁷ – Replicaram-lhes, pois, os fariseus: Será que também vós fostes enganados?

⁴⁸ – Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus?

– Quanto a esta plebe que nada sabe da lei, é maldita.

⁵⁰ – Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes:

– Acaso, a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?

⁵² – **Responderam eles: Dar-se-á o caso de que também tu és da Galiléia? Examina e verás que da Galiléia não se levanta profeta.**

- 45** Os “**servos**” enviados conforme o v. 32, ou seja, provavelmente os homens da polícia do templo, retornam agora a seus mandantes. Em sua narrativa João organizou os eventos com grande habilidade, mantendo-nos inicialmente cativos no desenrolar da atuação de Jesus e seu impacto no povo, fazendo-nos esquecer que, afinal, havia sido ordenada uma busca oficial contra Jesus. Ela é tão insignificante e mal-sucedida! Agora somos informados a respeito dela. **“Voltaram, pois, os servos à presença dos sumo sacerdotes e fariseus.”** O NT – como também o escrito judaico Josefo – fala dos “**sumo sacerdotes**” no plural. Acontece que João sabe muito bem que sempre houve apenas um sumo sacerdote no exercício do mandato (cf. Jo 11.51). Contudo, entre o grande número de sacerdotes, do qual faziam parte muitas pessoas pobres e comuns, que atuavam no templo somente em determinadas épocas de serviço, e no mais viviam no interior (cf. Lc 1.5ss, sobretudo o v. 8), existia em torno do sacerdote dirigente um grupo influente, descrito em At 4.6. Esses homens poderosos da nobreza sacerdotal, como “**sumo sacerdotes**” estão juntos com “**os fariseus**”, entre os quais igualmente temos de imaginar os dirigentes oficiais do amplo e ramificado movimento do farisaísmo. Contudo, que surpresa! Os policiais retornam sem Jesus. São perguntados: **“Por que não o trouxestes?”**
- 46** **“Os servos responderam: Jamais alguém falou assim como fala este homem.”** No texto original a frase é ainda mais concreta e hesitante: **“Como esse fala, o homem!”** Aqui se mostra de modo simples aquilo que constatamos com nitidez maior no centurião de Cafarnaum. Justamente esses homens, acostumados a ações diretas e que pensam de modo muito realista, sentem o “poder” da palavra de Jesus. Com certeza não “compreenderam” essa palavra, não sabem dar nenhuma informação teológica a respeito dela, e tampouco chegaram à fé. Porém não foram capazes de pôr a mão em Jesus. Um santo respeito os deteve, a respeito do qual somente conseguem dizer algo gaguejando.
- 47/49** **“Então responderam os fariseus.”** Os fariseus retomam a palavra aos servos antes dos distintos senhores da nobreza sacerdotal. Também se engajaram com mais entusiasmo: é deles que parte o ódio contra Jesus. Os sacerdotes eram “liberais” e, por decorrência, um pouco tolerantes, enquanto sua posição de poder político não estivesse ameaçada (Jo 11.48). Agora nos é fornecido um quadro muito concreto a respeito dos fariseus. Eles questionam os homens da polícia do templo: **“Será que também vós vos deixastes seduzir? Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus? Não, essa plebe que não conhece a lei, é maldita.”** Torna-se explícito seu inconsciente anseio por “glória”, que determina todo o seu pensamento (Jo 5.44). Não interessa para eles se Jesus diz ou não a verdade. Jesus está liquidado para eles, porque nenhum dos superiores e nenhum de seus partidários lhe devota confiança. Se forem apenas as pessoas incultas do povo que começam a ver nele o profeta ou até o Messias, isso não deve ser levado a sério. Quem não consegue influência na “elite dominante” está descartado para eles. Ao mesmo tempo, ressaltam sua amargura contra **“essa plebe que não conhece a lei”**. Quanto eles vêm se esforçando há séculos para instruir corretamente o povo na “lei” e levá-lo à rigorosa observância das prescrições da lei! Contudo, sempre são apenas tão poucos os que eles conseguem de fato conquistar para isso. As pessoas simples, em sua luta pela sobrevivência, não se importam com todas essas complicadas questões de interpretação, considerando-se incapazes de observar esse grande número de preceitos. Na expressão **“essa plebe”** repercute a designação pejorativa hebraica “*am ha arez*”, **“povo da terra”**, que costumava ser usada com predileção em círculos farisaicos. Segundo seus conceitos, o “povo da terra” vivia de modo estulto e sem interesse pelas explicações deles acerca da lei. Irados, os fariseus declaram a respeito dele: **“É maldita”**. É apenas **“essa plebe”** que se interessa por Jesus. Com isso Jesus está condenado. A sentença dos líderes fariseus corresponde à sua constatação: **“Este recebe pecadores e come com eles”** (Lc 15.2).
- 50/51** Nicodemos se imiscui na conversa. João salienta que o próprio Nicodemos fazia parte do grupo dos fariseus, sendo teólogo e tendo assento no Sinédrio. Ele lembra que nós na verdade o conhecemos de quando visitou Jesus numa noite. **“Nicodemos, um deles, que certa vez foi ter com ele, perguntou-lhes: Acaso a nossa lei julga uma pessoa, sem primeiro ouvi-lo e inquirir o que ele faz?”** Também agora ele é a pessoa cautelosa com que nos deparamos naquela ocasião. Não se atreve realmente a falar em favor de Jesus. Afinal, isso seria em vão. Prefere apontar para a lei, que

seus colegas também defendem com tanto ardor. Coloca-se totalmente ao lado deles e fala da “**nossa lei**”. No entanto, indaga: “**Acaso a nossa lei julga uma pessoa, sem primeiro ouvi-la e inquirir o que ela faz?**” Ele tenta impedir que Jesus seja rejeitado e aniquilado sem uma investigação exaustiva. Contudo, não tem sucesso com esse intuito. Os outros nem sequer respondem à alegação como tal. Para perguntas tão tranquilas eles não têm ouvidos por causa de seu ódio. Sentem na palavra de Nicodemos um posicionamento a favor de Jesus. Isso já é demais para eles, e asperamente repelem a Nicodemos.

- 52 “**Responderam e disseram-lhe: Dar-se-á o caso de que também tu és da Galiléia? Examina e verás que da Galiléia não se levanta profeta.**” Constatamos como a “Galiléia” era classificada a partir de Jerusalém. Também Natanael levantou imediatamente a pergunta: “Pode vir algo de bom de Nazaré?” Mas Natanael era “israelita sem dolo”. A ele se podia dizer: Vem e vê! No entanto, os adversários de Jesus em Jerusalém não queriam mais “ver”. Para eles o caso está absolutamente encerrado. Somente um galileu podia abraçar a idéia de reconhecer um “galileu” como enviado de Deus. Estão tão seguros de sua questão que eles de sua parte desafiam Nicodemos a “ver” corretamente: “**Examina e verás que da Galiléia não se levanta profeta.**” Nem sequer “um profeta”, nem mesmo um enviado de Deus Jesus pode ser quando vem “da Galiléia”. Será que ignoravam 2Rs 14.25, onde se fala do profeta Jonas, filho de Amitai, que é oriundo de Gate-Hefer, na região de Zebulom, ou seja, da Galiléia? Contudo, sua afirmação provavelmente se refere apenas às profecias da Escritura referentes ao futuro. Não foi prometida a aparição futura de um profeta da Galiléia. Um “profeta da Galiléia” não faz parte da imagem bíblica do futuro.

UMA INTERCALAÇÃO: JESUS E A ADÚLTERA – João 7.53—8.11

⁵³ – E cada um foi para a sua casa.

¹ – Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras.

² – De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava.

³ – Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos,

⁴ – disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério.

– E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?

– Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia (ou: desenhava) na terra com o dedo.

⁷ – Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra.

– E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever (ou: desenhar) no chão.

– Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava.

¹⁰ – Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?

– Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.

O presente trecho trata-se de uma “intercalação”, que não foi escrita por João e originalmente não fazia parte deste evangelho. O texto autêntico continua em Jo 8.12. O fato de que se trata de uma “intercalação” não apenas é demonstrado pelo estilo totalmente diferente da narrativa, mas também pela sua posição variável nos manuscritos do NT. É verdade que na maioria das vezes a tradição textual apresenta esse trecho após Jo 7.52, mas às vezes também após Jo 7.36, após Jo 21.24 e até depois de Lc 21.38 ou Mc 12.17. Também o próprio texto apresenta diferenças consideráveis nos diversos manuscritos e grupos de manuscritos. A *Koiné* traz várias ampliações, como a conhecemos da tradução de Lutero. Não sabemos de onde provém a narrativa e como ela chegou a fazer parte deste evangelho. Contudo são indubitáveis sua autenticidade interior e força de persuasão. Ela nos retrata Jesus de modo inesquecível.

7.53-8.2 Os fariseus repeliram Nicodemos rispidamente. Não obstante, ficaram perturbados com a pergunta de Nicodemos, precisamente porque não a encaram realmente. Não arriscam tomar

qualquer nova resolução. A sessão é interrompida, **“e cada um foi para a sua casa”**. A partir do comportamento de Jesus se projeta o quadro que conhecemos dos últimos dias de sua permanência em Jerusalém. Cf. Mt 21.17-18. **“Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava.”** Ele passa as noites fora da cidade no terreno do monte das Oliveiras, porém retorna de manhã cedo à cidade e ensina no templo. Esse “ensinar” deve ter acontecido num dos muitos pavilhões e átrios do templo. Em todos os casos, o episódio a ser narrado em seguida apenas pode ser imaginado ao ar livre.

- 3/5 Num desses dias, **“os fariseus e escribas trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?”** Não é dito quando e como essa mulher foi flagrada diretamente no adultério. Agora, no entanto, escribas e fariseus se haviam apoderado dela. Trazem-na e **“fazem-na ficar de pé no meio de todos”**. Provavelmente, pois, deve-se imaginar um círculo de ouvintes em torno de Jesus. Diante de Jesus há um espaço vazio, no qual é colocada a mulher. Em voz alta é proclamada a infâmia dela, sendo enfatizado especialmente em tom acusador o **“apanhada em flagrante”**. Não pode haver evasivas. E as determinações da lei em Lv 20.10; Dt 22.22-24 são inequívocas e duras. Agora cabe a Jesus posicionar-se.
- 6 **“Isso diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar.”** Esses homens nem estão preocupados com o pecado e o combate a ele. Para isso eles não precisariam de Jesus. Está em jogo para eles a luta contra Jesus. Esperam que finalmente possam pegá-lo de maneira inescapável. Se ele agora condenar essa mulher, terá dado razão a seus adversários e perdido sua fama de “amigo dos publicanos e pecadores”. No entanto, se ele proteger até mesmo uma adúltera dessas, estará desacreditado diante de toda pessoa que ainda leva a sério os mandamentos de Deus. Então ele de fato e explicitamente será um “servo do pecado” (Gl 2.17). Independente de como Jesus se decidir, sempre se tornará refém de seus adversários, que poderão usar contra ele sua atitude. Não percebem que com isso apenas se desnudam a si próprios. Afinal, torna-se explícito que seu zelo devoto não se dirige realmente a Deus e aos mandamentos de Deus, mas é governado pela falta de veracidade, por artimanha e ódio. Como é terrível quando, em nossa luta contra uma pessoa que odiamos, tentamos fazer uso de coisas tão sérias como a culpa grave e as duras ameaças de Deus!
- 7/8 Jesus percebeu isso e castiga seus adversários com desprezo. **“Mas Jesus, inclinando-se, escrevia (ou: desenhava) na terra com o dedo.”** Não obstante, o ódio de seus antagonistas é persistente. De uma forma ou outra Jesus tem de ser forçado a responder. Será que Jesus poderá escapar? Será que ele está em silêncio por embaraço? Ou será que **“escreveu”** algo significativo na areia? Não, a palavra “escrever” também pode designar um “desenhar”. Jesus está desenhando com o dedo quaisquer linhas e figuras na areia. Com isso explicita de modo enfático o quanto ele se considera afastado de toda essa indagação inautêntica de seus adversários. Depois, porém, quando os inquiridores continuaram a pressioná-lo, ele se põe de pé. E agora se ouve uma daquelas palavras, das quais conhecemos várias dos evangelhos, uma resposta que faz ruir toda a trama e que subitamente transforma os adversários triunfantes em derrotados, sim, em autocondenados: **“Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra.”** A lei de Moisés está em vigor. Jesus não a contradiz. Uma adúltera em Israel merece a sentença de morte. Pois bem, levem a lei a sério, comecem com o apedrejamento! Porém – o primeiro dentre vocês a lançar uma pedra, seja aquele que for sem pecado! **“E tornou a inclinar-se e escreveu (ou: desenhava) no chão.”** Jesus não dialoga com seus adversários. Não lhes profere um longo discurso, a fim de lhes expor sua posição interior sobre a questão do pecado. Basta essa uma palavra. Com ela, já foi dito tudo.
- 9 Quanto poder pode ter uma palavra! Os adversários não alegam que em Moisés não consta nada dessas condições e que nesse caso jamais teria sido possível executar a lei. Não, a palavra de Jesus está aí. Ninguém tem coragem de tomar uma pedra, apresentando-se assim como livre de pecado. **“Mas, tendo ouvido isso, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos.”** O acréscimo, bem conhecido de nós, “acusados pela própria consciência” é tecnicamente correta. Justamente por isso, porém, deve ser um adendo bem explicável, que dificilmente teria sido omitido se estivesse ali desde o início. O texto original é mais reservado. Ele apenas relata o fato e deixa por conta do leitor a compreensão interior do processo. Como pessoas desmascaradas elas não suportam

ficar na presença de Jesus. A palavra “**sem pecado**” havia sido dita de forma bem genérica e também tinha essa conotação abrangente. Contudo, diante da adúltera, talvez também os homens fossem lembrados precisamente de seus pensamentos impuros e cobiçosos. Os mais velhos são os primeiros a deixar a cena. Não têm coragem de atirar a primeira pedra, porém são os primeiros a dar o passo de uma consciência vencida. **“E ele ficou só e a mulher que estava no meio.”**

10/11 A mulher não saiu com os outros. Não fez uso da oportunidade para escapar furtivamente. Não consegue soltar-se de Jesus, justamente ela com seu flagrante pecado. Ainda precisa ouvir uma palavra desse “Mestre”. Ele tem de decretar seu veredicto sobre ela. No maior silêncio surgiu “fê”, uma fé que se submete ao outro. E de novo Jesus é inigualável. Não faz investigações sobre a mulher culpada, não inicia um “aconselhamento pastoral” com ela. Ele sabe que nesse coração já aconteceu tudo. Jesus tão somente volta a constatar o fato admirável que sucedeu aqui. **“Erguendo-se Jesus, perguntou-lhe: Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor!”** E agora surge quase que uma santa ironia na palavra de Jesus. **“Então lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno.”** Se nem mesmo esses rigorosos homens santos te condenaram, eu tampouco preciso fazê-lo. Concordei com a lei e consenti no apedrejamento. Agora acompanho a absolvição dos defensores da lei. O único que era “sem pecado”, e que com razão poderia atirar uma pedra, justamente não o faz. Com soberania de juiz, Jesus proclama a sentença de soltura: **“Vai!”** Essa é a demissão da acusada, para a liberdade. E com o poder do Salvador ele acrescenta a advertência criadora: **“De agora em diante não peques mais.”** Em Jo 5.14 já nos deparamos com a seriedade de uma exortação dessas. A salvação da morte, agora experimentada, de nada adianta se a mulher cair de volta à sua vida anterior. Porventura esse perigo não é bastante grande justamente nessa área da vida? A mulher precisa da ordem que seu Salvador lhe dá. Na ordem divina reside simultaneamente a força para cumpri-la, como o enfermo no tanque de Betesda havia experimentado no próprio corpo.

No presente relato confrontamo-nos com o paradoxo, inicialmente tão enigmático, no comportamento de Jesus, que perpassa o evangelho todo. Ele, que no Sermão do Monte radicaliza ao extremo a exigência de Deus, é ao mesmo tempo o amigo dos publicanos e pecadores. E inversamente: Ele, que traz perdão pleno a pecadores como essa adúltera, não é alguém que tolera facilmente o pecado e ameniza os mandamentos, mas aquele que classifica já o olhar desejoso como adultério. Como isso pode persistir lado a lado? Nossa história nos mostra algo disso. Precisamente porque Jesus formula o pecado de modo tão radical, por ver até em sua raiz mais oculta, é que cai por terra para ele a diferença entre “pecadores” e “justos”. Para Jesus prevalece nitidamente o que mais tarde Paulo expressará em tons doutrinários: “Não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Pessoas exteriormente limpas e “boas” não são interiormente diferentes que os “pecadores” manifestos, trazendo profundamente dentro de si o gérmen de todos os pecados. Os homens devotos de Israel, que com toda a certeza mantiveram a fidelidade matrimonial, apesar disso são réus no juízo do Sermão do Monte, motivo pelo qual nenhum deles pode atirar a primeira pedra contra a mulher adúltera. Todos conseguem viver unicamente da graça soberana e do perdão. Perante todos está a grande pergunta: onde, afinal, se pode achar o perdão? Em sua pessoa Jesus é a única resposta a essa pergunta. Por isso ele profere a palavra válida de perdão também para essa mulher, que com sua culpa permaneceu parada diante dele.

JESUS, A LUZ DO MUNDO – João 8.12-20

– De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.

¹³ – Então, lhe objetaram os fariseus: Tu dás testemunho de ti mesmo; logo, o teu testemunho não é verdadeiro.

– Respondeu Jesus e disse-lhes: Posto que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho, nem para onde vou.

¹⁵ – Vós julgais segundo a carne, eu a ninguém julgo.

¹⁶ – Se eu julgo, o meu juízo é verdadeiro, porque não sou eu só, porém eu e aquele que me enviou.

¹⁷ – Também na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro.

– Eu testifico de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também testifica de mim.

- Então, eles lhe perguntaram: Onde está teu Pai? Respondeu Jesus: Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai.
- Proferiu ele estas palavras no lugar do gazofilácio, quando ensinava no templo; e ninguém o prendeu, porque não era ainda chegada a sua hora.

12 A grande controvérsia prossegue. Jesus continua a ensinar publicamente no templo. Não nos é dito quanto tempo durou essa manifestação. Também nesse caso João não consegue trazer tudo o que Jesus executou em muitas horas de sua vida. Com a fórmula introdutória **“De novo lhes falou Jesus”** no presente versículo e no v. 21, João destaca sobretudo peças importantes da atividade de ensino de Jesus, bem como de sua luta com os judeus. Jesus começa com uma poderosa palavra “Eu sou”. “De novo lhes falou Jesus: **Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.**” Também com essa afirmação, Jesus se refere a algo que os visitantes da festa dos tabernáculos experimentaram de modo impactante. Na noite do último grande dia da festa o templo resplandecia numa grande iluminação na noite escura. “Por isso o costume da festa combinou os pensamentos ‘água vivificante’ e ‘luz’ na igreja” (Schlatter). O templo iluminado representava uma proclamação figurada daquilo que Deus havia prometido por meio do profeta (Is 9.1; 60.1,19). E eles que estavam reunidos aqui alegremente para a festa, possuíam esse bem precioso. Eles têm a luz clara no meio da noite que se estendia sobre os povos. Contudo, será mesmo que a possuíam? De novo Jesus dirige de forma inaudita o olhar para si próprio, reivindicando ser aquele que verdadeiramente concede o que Israel pensa possuir. Ainda mais: Ele não somente concede a luz; pelo contrário, ele a dá de tal modo que ele próprio “é” essa luz. Com isso estão asseguradas a realidade e presença plenas do dom de Jesus. **“Eu sou a luz do mundo.”** Porém somente **“quem me segue”**, quem constantemente está comigo, terá essa “luz da vida”.

Outra vez nos deparamos com o que significa a “divindade” de Jesus. Já pela forma Jesus reivindicou para si o grande **“Eu sou”** da auto-revelação de Deus (Êx 3). Desse modo unicamente Deus pode falar de si. Contudo, isso vale muito mais para o conteúdo daquilo que Jesus está dizendo de si. Somente Deus pode dizer: “Eu sou a luz do mundo.” Quando Jesus o afirma, está declarando sua unidade com Deus. Ele é a presença iluminadora e vivificante de Deus no mundo. Unicamente em Jesus de fato temos a luz do mundo. Essa reivindicação incrível de Jesus tinha de ser percebida por todo ouvinte versado na Bíblia, quando diante da palavra de Jesus recordava imediatamente passagens como Sl 4.6; 27.1; 36.9; 89.15; Jr 3.5; Mq 7.8.

No entanto, cabe-nos ficar atentos também para o fato de que Jesus nunca fez afirmações meramente abstratas e dogmáticas sobre sua “natureza”. O que ele “é”, isso possui imediatamente máxima importância prática para toda pessoa. A essa autodeclaração associa-se uma grande promessa, e no cumprimento dessa promessa pode-se “provar” que a autodeclaração é verdadeira. **“Quem me segue com certeza não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.”** Durante 1900 anos isso foi comprovado na vastidão do **“mundo”**. Jesus se evidenciou como essa **“luz”** não apenas em Israel, não apenas em pessoas isoladas de todos os povos, mas em todos os níveis culturais, em toda a espécie humana. Por essa razão, temos uma facilidade infinitamente maior para captar a palavra de Jesus do que os ouvintes daquele tempo.

“Luz” e **“trevas”** são expressões abrangentes que não estão sendo explicadas e concretizadas com mais detalhes. Não se tem em vista nada exterior. O **“mundo”** sabe muito bem espalhar uma claridade brilhante e ofuscante. E justamente o caminho do cristão pode parecer muito escuro. Porém tudo o que é mau, o que está relacionado com o príncipe deste mundo, o que está sujeito ao poder da morte, o que constitui afastamento de Deus e vida para o eu, isso é **“trevas”**, por mais belo que possa parecer. E tudo o que procede de Deus, tudo o que verdadeiramente é bom e puro, o amor real, isso é **“luz”**. Cumpre interpretar a expressão **“luz da vida”** inicialmente conforme Jo 1.4: A vida é a luz das pessoas. A verdadeira vida eterna preenche a existência com luz radiante, assim como também Deus justamente enquanto o **“vivo”** é a luz para os humanos. Contudo, é bem por isso que também vale o inverso, que a vida apenas pode vicejar na luz e carece da luz. Jesus é de maneira tal **“luz da vida”** que somente em sua luz conseguimos viver de verdade. Quem **“segue”** Jesus, quem vive na ligação constante com Jesus, também terá de passar por muitas trevas deste mundo, por tentações, ataques do poder satânico, por sofrimento, pelo vale das sombras da morte. Contudo, apesar disso a rigor não estará **“andando nas trevas”**, não será determinado pelas trevas, mas no escuro do mundo ainda assim **“terá”** a luz da vida. Que promessa!

- 13 Os oponentes de Jesus não se deixam impressionar. Tão somente ouvem a extraordinária reivindicação que Jesus manifesta novamente com o **“Eu sou”**. **“Então, lhe objetaram os fariseus: Tu dás testemunho de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro.”** Não estão simplesmente acusando Jesus de “mentira”. Também aqui “verdadeiro” tem novamente o sentido de “real” ou “válido”. Falas de ti mesmo, isso não é nenhum testemunho real, isso é mera afirmação que terás de nos demonstrar.
- 14 No entanto, não há um ponto fora e acima de Jesus, a partir do qual poderia ser verificado objetivamente se suas afirmações são verdadeiras ou não. Somente quem arrisca com Jesus, quem se abre a Jesus e confia nele (i. é, quem “crê” nele ou o “segue”) pode e há de experimentar que Jesus é verdadeiramente aquilo que diz. Para o que ele é na verdade Jesus não pode aduzir “testemunhas”, fornecer “provas”. Nesse ponto há inicialmente apenas o autotestemunho, porque somente o próprio Jesus pode saber do mistério de sua existência. **“Respondeu Jesus e disse-lhes: Ainda que eu testifique de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou.”** Jesus já havia (Jo 5.31) se submetido à regra geral de que um autotestemunho não possui força comprobatória suficiente. Naquela situação ele havia fornecido a seus adversários as necessárias três testemunhas. Agora ele se nega a atender essas demandas. Contudo expressa sua autoconfiança de tal forma que também seus adversários poderiam tornar-se pensativos. Trata-se da antiqüíssima pergunta da humanidade: De onde viemos? Para onde vamos? Será que ela tem uma resposta segura? Jesus, porém, possui uma radiante certeza justamente na questão em que para as pessoas reside o enigma obscuro e atemorizador. Ele sabe, que ele veio do Pai e vai para o Pai e incessantemente tem uma vida de certezas “no seio do Pai” (Jo 1.18).
- 15 Os adversários não crêem nele e o submetem ao julgamento. Fazem-no pensando em agir em nome de Deus e proteger a honra de Deus. Jesus, porém, tem de dizer-lhes: **“Vós julgais segundo a carne.”** Sentenciam a partir do pensamento natural, separado de Deus, que é simultaneamente determinado por motivos egoístas como ambição, busca de poder, auto-afirmação, ressentimento e ódio. A partir desse pensamento bem natural, porém, não é possível reconhecer Deus e sua gestão, o que Jesus também havia dito a uma pessoa como Nicodemos com toda a severidade (Jo 3.3). Sim, a partir de sua natureza carnal eles de fato “julgam” sem realmente ouvir e examinar o que Jesus diz. A atitude de Jesus é fundamentalmente diferente. **“Eu a ninguém julgo.”** Jesus tampouco se contrapõe a seus adversários em atitude “julgadora”, como já lhes havia assegurado em Jo 5.45. Não foi enviado para julgar, e sim para salvar (Jo 3.17). Toda a gravidade de suas afirmações, toda a radicalidade de suas palavras, toda a dureza de seus ataques à devoção de Israel não visam rebaixar, desacreditar, rejeitar, mas arrancar da mentira que leva à perdição e chamar para a verdade salvadora. O maior desejo de Jesus é que seus adversários e todo o Israel o ouçam, que de fato venham a ele e encontrem nele a luz, o pão e a vida!
- 16/18 Novamente, porém, deparamo-nos com a peculiaridade da descrição de João. A frase seguinte parece anular o que o anterior havia assegurado com a máxima firmeza. Jesus dissera: “Eu a ninguém julgo”, e prossegue: **“Se eu julgo, o meu juízo é verdadeiro, porque não sou eu só, porém eu e aquele que me enviou.”** Como haveremos de entender essa contradição? Já constatamos em Jo 3.18ss, que justamente o agir salvador de Jesus se torna juízo definitivo, quando as pessoas o rejeitam, fixando-se em sua própria perdição e confirmando-a. No entanto, em Jo 5.22 Jesus havia ultrapassado essa afirmação. Deus de fato colocou em suas mãos também o juízo. O que precisam saber os que o julgam e condenam agora, é que na verdade estão diante dele como juiz deles. Cada pessoa que fala e julga sobre Jesus precisa ouvir que com todas as suas opiniões e pontos de vista sobre Jesus ela está sujeita ao seu juízo. É uma situação terrível quando uma pessoa a quem pensamos poder julgar subitamente se levanta diante de nós com grandeza inescapável como nosso juiz.
- Jesus atesta a seriedade de seu julgamento. Seu juízo, sua sentença é **“verdadeira”**. Outra vez o termo não apenas se refere à retidão, mas sobretudo à essencialidade e validade de seu juízo. Desse **“juízo verdadeiro”** ninguém pode escapar. Isso se fundamenta no fato de que – como vimos em relação a Jo 5.22 – o Pai na verdade entregou o juízo ao Filho, mas apesar disso permanece em Jesus aquele que julga. Em consequência, em seu julgamento, Jesus não está sozinho, **porém eu e aquele que me enviou.** Quem poderia apelar ainda a outra instância!
- Com isso, porém, foi acrescentada à auto-atestação de Jesus também a segunda testemunha, que a lei exige. **“Também na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro.”**

Essas duas testemunhas exigidas por lei estão aí: **“Eu testifico de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também testifica de mim.”** Contudo essa segunda testemunha não é uma que pode ser convocada por juízes humanos e “interrogada”. Esse testemunho de Deus é captado somente por aquele que abre seu coração com fé. E a grande testemunha “Deus” justamente pode ser encontrada apenas em Jesus, a favor do qual ele dá seu testemunho. Torna-se explícito todo o mistério da verdade divina, somente acessível ao que crê, e deve ficar claro nessa palavra de Jesus. É preciso manter essa tensão indissolúvel: Jesus somente é reconhecido pelo testemunho de Deus, e somente no próprio Jesus pode ser encontrado Deus, a testemunha a favor de Jesus.

Ao falar de “vossa lei”, Jesus quer dizer a princípio simplesmente que é a lei em que eles se baseiam e que eles pensam que têm de defender. Ao mesmo tempo essa formulação de Jesus traz em si uma peculiar distância da lei, como também a registramos em Paulo (cf. sobretudo Gl 3.19s e também Rm 5.20). A lei não é a primeira e a última palavra de Deus e não é o verdadeiro “Verbo” que Deus proferiu e profere somente em seu Filho. É isso que os fariseus desconhecem, ao ser tão zelosos pela lei, como se ela fosse tudo. De uma maneira dessas Jesus não pode posicionar-se frente à lei. Não consegue chamá-la de “nossa lei”. Jesus tem a palavra original de Deus, o “evangelho”, a livre oferta da vida para cada um que crê.

- 19 Como segunda testemunha Jesus citou **“seu Pai”** que o enviou. Imediatamente surge a pergunta crítica: **“Quem é teu Pai?”**. De novo é impossível por essência que Jesus responda essa pergunta de tal maneira como os adversários esperam, “mostrando” Deus como seu Pai. Também aos próprios discípulos Jesus mais tarde terá de negar esse anseio (Jo 14.8,10). Fora da “palavra” com que ele se expressa Deus não pode ser achado nem “mostrado”. Jesus não pode expor diante deles o Pai dissociado de si próprio, para depois “demonstrar” que esse Deus e Pai realmente o enviou. O “Pai” sempre pode ser captado unicamente no “Filho”, e o “Filho” unicamente no “Pai” (sobre isso, cf. a palavra de Jesus em Mt 11.27). **“Respondeu Jesus: Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai.”** O conhecimento de Deus e o conhecimento de Jesus estão tão imbricados que um sempre é possível apenas junto com o outro. Não existe outro caminho que o da “fé” em Jesus. Contudo é precisamente esse caminho que os fariseus de forma alguma querem seguir. Por isso o diálogo com eles está fracassado de antemão. Não há entendimento. Existe apenas a luta que terminará exteriormente com a derrota de Jesus.
- 20 O desfecho dessa luta, porém, não está simplesmente na mão dos inimigos. **“Proferiu ele essas palavras no lugar do tesouro, quando ensinava no templo.”** De novo a testemunha ocular João tem vivamente na memória que Jesus conduziu todo esse diálogo na **“tesouraria”** do templo. É provável que tenha havido no templo várias “tesourarias”. O templo em Jerusalém, assim como os templos gentílicos do mundo de então, era ao mesmo tempo uma importante instituição financeira. Jesus, porém, não deve ter falado “dentro” de um desses recintos do tesouro. O **“no”** provavelmente se refere apenas à área do templo em que Jesus falou. No entanto, para o evangelista tornou-se importante em suas indicações de lugares o seguinte: Aqui Jesus estava totalmente no espaço de seus inimigos. Uma “tesouraria” ficará acima de tudo segura no interior do prédio do templo. Esse espaço está sob o controle dos adversários de Jesus com sua polícia do templo. Nada impedia aqui que Jesus fosse detido. Apesar disso, o aprisionamento não acontece. **“E ninguém o prendeu, porque não era ainda chegada a sua hora.”** A despeito de todo o poder humano Jesus está sozinho e completamente na mão do Pai, que determina a **“hora”**.

A IMPORTÂNCIA DECISIVA DA PESSOA DE JESUS – João 8.21-30

- De outra feita, lhes falou, dizendo: Vou retirar-me, e vós me procurareis, mas perecereis no vosso pecado; para onde eu vou vós não podeis ir.
- ²² – Então, diziam os judeus: Terá ele, acaso, a intenção de suicidar-se? Porque diz: Para onde eu vou vós não podeis ir.
- E prosseguiu: Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou.
- ²⁴ – Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não crerdes que Eu sou, morrereis nos vossos pecados.

- ²⁵ – Então, lhe perguntaram: Quem és tu? Respondeu-lhes Jesus: Que é que desde o princípio vos tenho dito? (Ou: Por que, afinal, ainda falo convosco! Ou: Antes e acima de mais nada está certo que falo convosco. Ou: Sou totalmente aquilo que falo convosco).
- ²⁶ – Muitas coisas tenho para dizer a vosso respeito e vos julgar; porém aquele que me enviou é verdadeiro, de modo que as coisas que dele tenho ouvido, essas digo ao mundo.
- ²⁷ – Eles, porém, não atinaram que lhes falava do Pai.
- Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que Eu sou e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou.
- ²⁹ – E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada.
- Ditas estas coisas, muitos creram nele.

21 A luta continua. Jesus enceta mais uma vez sua proclamação, colocando seus ouvintes diante da seriedade total da decisão. **“De outra feita, lhes falou, dizendo: Vou retirar-me, e vós me procurareis, mas perecereis no vosso pecado. Para onde eu vou vós não podeis ir.”** Ainda que agora ninguém tenha coragem de prendê-lo, seu tempo certamente é apenas um tempo curto. Depois ele sai, tornando-se inatingível para seus ouvintes. Então serão vãs todas as buscas. E pelo fato de ele ser enviado para salvar, cada pessoa que o rejeitar agora morrerá em seu pecado. É digno de nota que Jesus fala “do pecado” no singular. No caso de seus adversários, assim como também no nosso, não se trata dos muitos desacertos morais, mas da atitude básica, que determina a vida, da “incredulidade” (Jo 16.9) mediante engrandecimento pessoal e afastamento de Deus. É verdade que também Jesus morrerá, porém a morte dele é um **“retirar-se”**. E isso não constitui uma desgraça para ele. Afinal, retorna para o Pai, para a glória. Mas lá os que morrem em seu pecado, não conseguem chegar. A morte deles se tornará o caminho para dentro da escuridão.

Para muitos de seus ouvintes de fato houve uma situação diferente, que representa a livre graça de Deus, quando no dia de Pentecostes, após o “retirar-se” de Jesus, a Palavra conseguiu atingir e conduzi-los em grande número até Jesus. Também o próprio Jesus quer e pode ver seus ouvintes somente no hoje em que eles decidem sobre vida e morte.

Mais uma vez, porém, seus adversários não compreendem nada a respeito da seriedade de sua palavra. Se Jesus não for executado como blasfemo contra Deus, mas “se retira” pessoalmente, ele poderá fazê-lo apenas pela via do suicídio. Enquanto anteriormente (Jo 7.33-36), por ocasião de uma palavra análoga de Jesus, pensaram numa fuga até os gregos, eles agora são impedidos de ter um pensamento desses pela palavra dele **“para onde eu vou vós não podeis ir”**. O mundo exterior grego não estava fechado para eles. Muitos judeus haviam chegado lá. Logo, são da opinião de que Jesus deve estar se referindo ao suicídio.

22 **“Então, diziam os judeus: Terá ele, acaso, a intenção de suicidar-se? Porque diz: Para onde eu vou vós não podeis ir.”** A Antiguidade conhecia e afirmava o suicídio como saída aberta de uma vida insuportável. Singularmente o lutador político derrotado podia optar por essa saída. Será que agora chegou esse momento para Jesus? Será que ele se excedeu em sua luta contra eles e está vendo com tanta clareza toda a impossibilidade de sucesso de sua luta que também para ele restava somente essa última saída? É verdade que nesse caminho eles não o seguirão. Ele tem razão com sua frase **“para onde eu vou vós não podeis ir”**. Talvez, porém, como “judeus” considerassem o suicídio um pecado, que leva ao local do tormento. Para lá eles, os judeus fiéis à lei, obviamente não querem nem poderão chegar.

23 Por que os judeus, em sua defesa contra Jesus, enveredam para esses pensamentos? Por que não conseguem ouvir e compreender? Isso não é nem acaso nem falta de capacidade. Nem sequer é simplesmente “má vontade”. Não, por trás estão contradições essenciais, que tornam impossíveis um verdadeiro ouvir e compreender. **“E prosseguiu: Vós sois daquilo que está embaixo, eu sou daquilo que está lá em cima. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.”** Nossa origem nos forma e determina. Quem é “da Europa”, é diferente em tudo de alguém que é “da África”. “Ser de algo”, portanto, inclui que todo o nosso ser como tal, que toda a nossa natureza, vida, pensar e sentir são determinados por aquilo “a partir do qual” somos. “Ser de cima” – “ser de baixo”, “ser deste mundo” – “não ser deste mundo”, são expressões de contrastes essenciais extremos, numa concepção metafórica inevitavelmente espacial. Para quem é **“de baixo”** e **“deste mundo”**, é impossível compreender aquele que vem **“de cima”**, de Deus.

Devemos considerar, porém, que esse “ser de baixo”, “ser deste mundo” não caracteriza apenas algumas poucas pessoas, sobretudo “más” ou “não-religiosas”, mas diz respeito a nós todos sem exceção. Somente um único pode afirmar: **“Eu sou daquilo que está lá em cima”**. “Eu não sou deste mundo”. Somente Jesus o pode. Por isso o “natural” é que nós não reconheçamos de fato a Jesus, mas o compreendamos mal e o rejeitemos. Quando se nos abrem os olhos para Jesus isso é o milagre da graça. Mais uma vez, e agora mais profundamente ainda, torna-se claro para nós o que Jesus disse a Nicodemos sobre a necessidade incondicional do “renascimento” (Jo 3.3ss). Somente “ser gerado do alto” faz de nós pessoas que conseguem apreender Aquele que é “do alto” e veio a nós “de cima”.

Simultaneamente essa palavra de Jesus nos confronta com a linha fundamental de toda a “cristologia”. Tentou-se expressar das mais diversas formas a natureza de Jesus. Podemos fazer assim e haveremos de continuar a fazê-lo, porque todas as formas de pensamento envelhecem e são insuficientes para captar o mistério da pessoa de Jesus. Contudo, na “doutrina sobre o Cristo” sempre precisa permanecer claro que Jesus, não obstante a plena realidade de sua vida como ser humano, ainda assim é completamente “diferente” de nós. Isso não pode ser dito de modo mais simples e explícito do que o próprio Jesus o está fazendo por meio de sua palavra neste texto. O cristão mais simples é capaz de entender essa palavra. A impressão básica que obtém cada pessoa que de fato se encontra com Jesus é esta: Com todo o meu pensar e lutar e sentir eu sou **“deste mundo”**, “de baixo”. Ele, porém, em tudo **“não é deste mundo”**, ele é “de cima”. Quem não vê isso, quem coloca Jesus de qualquer maneira numa mesma fila com outras pessoas, esse de forma alguma já viu a Jesus.

- 24 Jesus diz a seus adversários por que eles por sua natureza não querem compreendê-lo. No entanto, a vida depende de abrirmos os olhos para Jesus. **“Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não crerdes que Eu sou, morrereis nos vossos pecados.”** Talvez essa seja a sentença mais portentosa de todo o evangelho, a qual sintetiza e abarca todas as demais afirmações. O **“Eu sou”**, ao mesmo tempo desafiador e legitimador, é mantido livre de qualquer definição mais precisa e, por conseqüência, também de qualquer restrição. Jesus não é isso ou aquilo (embora sem dúvida também seja de forma maravilhosa pão do céu, luz, porta, pastor, videira, caminho, vida e ressurreição), mas Jesus “é” – “Jesus”. O fato de que ele “é” e de que é integralmente esse “Jesus”, constitui nossa salvação, nossa vida. Quem não apreende pela fé esse “ser” de Jesus, por mais insuficientes que sejam as maneiras de expressá-lo, terá de **“morrer em seus pecados”**. Quem crê nessa uma verdade, de que Jesus “é”, ainda que ele não tenha percepções exatas da pessoa de Jesus em detalhe, para esse vale o que também Paulo diz em Rm 10.13: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”

A circunstância de que essa fé “simples” de que Jesus “é” basta para a salvação revela ao mesmo tempo o quanto Jesus fala “divinamente” com esse “Eu sou” sem predicado. Foi assim que o próprio Deus falou de si, quando a pedido de Moisés manifestou o seu “nome”. Quem é esse Deus dos pais, que agora vai ao encontro de Moisés e promete a salvação do Egito? Moisés pode e deve dizer a seu povo: O “Eu sou” (Javé) enviou-me a vocês (Êx 3.14). Deus somente pode dar testemunho de si mesmo como aquele que diz de si: “Eu sou quem eu sou” ou “Eu serei quem eu serei”. Por meio do profeta Isaías, Deus lembrou a Israel novamente desse “Eu sou”: “para que o saibais, e me creiais, e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador” (Is 43.10s). Nele Israel se confronta com o único e eterno Eu, que é para nós o Tu. Isso é interpelação, a qual exclui quaisquer outras reivindicações. É o Tu que nos deseja ter integralmente e que por isso também nos torna integralmente livres. E precisamente esse “Eu” de Deus é que Jesus aplica a si mesmo! Pelo fato de que Deus pronunciou seu “Eu sou” revelador, por isso aquele que é o “Verbo” de Deus é também esse “Eu sou”.

Por meio dessa palavra Jesus confronta para uma decisão definitiva. Dela dependem necessariamente vida e morte. Ele já dissera a seus ouvintes, em tom de advertência, **“que eles morrerão em seus pecados”**. Agora ele torna a confirmá-lo como decorrência inevitável de sua incredulidade: **“Se não crerdes que Eu sou, morrereis em vossos pecados.”** Quando na pessoa de Jesus o próprio Deus está diante de nós como Salvador do pecado e da morte, onde ainda encontraríamos salvação, se o rejeitarmos? Toda pessoa que rejeita Jesus (ou o transforma falsamente num mero ser humano nobre), precisa ter clareza de que com essa atitude ela se priva da anulação de seus pecados, que permanece em seus pecados, e que por isso morre imperiosamente em seus

pecados. Como deve ser terrível **“morrer em seus pecados”**, entrar com todo o peso de seu pecado para a eternidade e o juízo da ira de Deus.

25 Os adversários nem sequer têm coragem de pensar na equiparação de Jesus e Javé, para eles teria sido uma blasfêmia terrível demais (v. 59!). Simplesmente carecem de um referencial mais preciso diante desse “crer que eu sou”. **“Então, lhe perguntaram: Tu – quem és?”** A resposta de Jesus a essa pergunta pode ser traduzida de formas muito diferentes. Os pais apostólicos gregos entenderam o *“tén archén”* no início da frase como um “afinal”. Então Jesus teria exclamado: **“Por que, afinal, ainda falo convosco!”** Desse modo Jesus teria expressado o que explicitamos no comentário: É impossível um “entendimento” entre Jesus e seus adversários, desde já o diálogo é fadado ao fracasso. “Para que, afinal, ainda continuar falando com vocês!” Provavelmente combinaria com isso a menção no v. 28, de que somente quando ele vier em plenitude (e então tarde demais!) eles reconhecerão que ele “é”. Contudo, o *“tén archén”* também pode ter o sentido de “primeiro” ou “antes de tudo”. Perguntais quem e o que eu sou? Pois bem, **“primeiro e antes de mais nada é certo que falo convosco”**. Isso corresponde à antiga tradução de Lutero “primeiramente aquele que fala convosco”. Pelo menos isso eles vêem nele, que ele lhes dá a sua palavra, mostrando-lhes com isso que como ele os procura e lhes quer ajudar. É nisso que devem prestar atenção; então não de conhecê-lo. A afirmação recebe uma conotação um pouco diferente ainda quando compreendermos *“tén archén”* como “totalmente”, separarmos como Nestle o *“hóti”* em *“hó”* e *“ti”* e passarmos a traduzir: **“Sou totalmente aquilo que falo convosco.”** Jesus não pode fornecer outras explicações além do que ele já lhes disse tão abundantemente em sua palavra. Em sua própria palavra ele precisa ser encontrado. Sua palavra não é, como muitas vezes entre nós, ocultação de seu verdadeiro ser. Pelo contrário, o que ele é isso se expressa total e limpidamente em sua palavra. **“Total e inteiramente sou aquilo que digo a vocês.”** Se com sua palavra ele não conquista o poder interior sobre eles, para que de fato o reconheçam, de nada adiantarão explicações da resposta à pergunta deles.

26 Eles não compreendem a situação. Inquirem-no e esperam que ele se defenda e se justifique. Na verdade o caso é totalmente diferente: **“Muitas coisas tenho para dizer a vosso respeito e vos julgar.”** Enquanto, porém, suas acusações e perguntas forem falsas e resultarem da incapacidade de ouvir e compreender, a situação é completamente outra para Jesus. **“Porém aquele que me enviou é verdadeiro, de modo que as coisas que dele tenho ouvido, essas digo ao mundo.”** Ele não fala por autoridade própria. Ele sabe **“ouvir”** realmente. Ouve aquele que o enviou, e fala ao mundo unicamente aquilo que ele próprio ouve de seu mandante. E esse mandante é **“verdadeiro”**.

Talvez devamos articular o “porém” na frase acima de modo mais incisivo e grave. Então Jesus diria: Não faz mais sentido falar “a vocês”; obviamente eu poderia falar e julgar muito “sobre vocês”. Contudo, não o faço. **“Porém, aquele que me enviou é verdadeiro.”** Deus conduz pessoalmente sua causa contra Israel e traz à luz a verdade. Por isso Jesus consegue ficar calado. Por outro lado, é essa a razão pela qual Jesus também não se deixa impedir de anunciar “ao mundo”. **“As coisas que dele tenho ouvido, essas digo ao mundo.”** Ainda que Israel o odeie e expulse, sua proclamação por incumbência do Pai continuará penetrando no mundo.

27 O evangelista observa a esse respeito: **“Eles, porém, não atinaram que lhes falava do Pai.”** A princípio não era algo estranho para seus adversários apoiar-se em autoridades. Cada escriba repetia sobretudo aquilo que ele por sua vez ouviu de seus mestres. “Receber” e “transmitir” eram conceitos-chave do ensino dos escribas. Por consequência, consideram óbvio que também Jesus se reporte a um mandante e fale tão somente o que “ouviu” dele. No entanto, para eles é inconcebível, em vista da imensa distância que (não sem razão!) vêem entre Deus e todas as criaturas, que Deus seja pessoalmente esse emissor e que como “Pai” diga tudo diretamente a seu Filho. Sobre essa possibilidade eles de forma alguma cogitam diante da palavra de Jesus. Tão distante deles está tudo o que Jesus como o “Filho” pode possuir.

28 Agora eles não reconhecem nem compreendem nada daquilo do que é Jesus, lutando contra ele e condenando-o. Contudo, um dia não de reconhecer a Jesus naquilo que ele “é”, e compreenderão seu “Eu sou” majestático. Quando será isso? Jesus o diz com uma palavra enigmática encobridora. **“Então lhes disse Jesus: Quando tiverdes levantado o Filho do Homem, sabereis que Eu sou e que nada faço por mim mesmo; mas como o Pai me ensinou, isso eu falo.”** Eles próprios, precisamente seus inimigos, não de **“levantar o Filho do Homem”**. De Jo 3.14, sabemos que com

essa “exaltação do Filho do Homem” Jesus se refere à crucificação. Seus inimigos o “levantarão” até a cruz como Moisés pendurou no alto do poste a serpente de bronze. Imaginarão que com isso o derrotaram, violaram e aniquilaram definitivamente. Contudo, na verdade eles o “elevaram” de uma maneira que não suspeitam. Justamente na cruz sua obra está consumada, e a vitória sobre Satanás, o pecado e a morte foi conquistada. Essa vitória irrompe no momento de sua ressurreição. Ela é comunicada ao mundo pela atuação do Exaltado a partir do céu por meio do Espírito Santo, e será perfeita em sua parusia.

E agora, após a ressurreição e após o envio do Espírito, acontecerá que também pessoas de Israel, sim, das fileiras de seus adversários, na retrospectiva dessa “exaltação” de Jesus **“reconhecirão que Eu sou e que nada faço por mim mesmo, mas como o Pai me ensinou, isso eu falo.”** A partir da limpidez do desfecho serão rasgados para muitos os véus que agora obscurecem sua visão de Jesus. Iluminados pelo Espírito Santo, à luz da ressurreição, apreenderão a essência interior de Jesus, seu verdadeiro “Eu sou”. Dar-se-ão conta de que Jesus é Filho de Deus. Descobrirão admirados como verdade que em toda a sua vida Jesus não **“fez nada por si mesmo”**, mas somente falou o que **“o Pai lhe ensinou.”** Apesar do caráter decisivo dessa hora, cuja resposta errada significa para muitos “morrer em seus pecados”, a morte eterna, Jesus vê aquela possibilidade da graça de Deus, de que falávamos já acima, p. 213. Passagens como At 2.37-41; 6.7; 9.1-19; 15.5 revelam-nos algo do cumprimento da palavra de Jesus. Após a “exaltação” de Jesus também sacerdotes e fariseus chegaram à fé nele.

- 29 Agora, no entanto, Jesus segue seu caminho solitário, incompreendido, rejeitado por todas as autoridades de Israel, a trajetória até a cruz. Igualmente seus discípulos ainda o deixarão sozinho (Jo 16.32). Porém **“aquele que me enviou está comigo, não me deixou só.”** Isso não pode ser diferente, visto que o Filho não segue seu caminho próprio, mas depende integralmente do Pai. **“Não me deixou só, porque faço sempre o que lhe agrada.”** Constantemente Jesus precisa salientar justamente todo esse contraste. Acusam-no como um pecador e violador da lei muito especial. Consideram-no um blasfemo contra Deus, que precisa ser exterminado de Israel. Na realidade é justamente ele quem faz em todos os instantes e unicamente aquilo o que agrada a Deus.
- 30 Será que entre eles realmente não existe nenhum julgamento condizente? Ainda que não compreendam muitas coisas, não teria de ficar claro pelo menos se alguém pratica a vontade de Deus e agrada a Deus ou se realmente é apenas desobediente e obstinado? Não deveriam reconhecê-lo precisamente aqueles que falam continuamente de Deus e afirmam estar totalmente a serviço de Deus? Foi isso que Jesus já lhes havia dito em Jo 7.17. Quem realmente visa cumprir a vontade de Deus, reconhecerá se esse seu ensino é de Deus ou se ele está falando de si mesmo. E de fato, isso muitos agora estão compreendendo, que esse testemunho de sua obediência à Deus é verdadeiro. Não podem se eximir dessa impressão. A partir desse ponto começam a confiar em Jesus. **“Quando falou assim, muitos creram nele.”** “Aqui a fé surgiu não no poder de Jesus que se tornava visível, mas na firmeza e tranquilidade que a concórdia com a vontade de Deus conferia a Jesus” (Schlatter, op. cit., p. 211). Por isso o próximo trecho pode falar pela primeira vez expressamente de judeus “que haviam crido nele” (v. 31). Será que alguns deles faziam parte daquelas cento e vinte pessoas que já antes de Pentecostes oravam em conjunto com os discípulos de Jesus? Ou será que a partir desses adeptos na fé se explica que no dia de Pentecostes logo uma multidão tão grande fica abalada pela proclamação de Pedro, podendo agora se tornar definitivamente propriedade de Jesus pela conversão e pelo batismo? Nossas fontes são insuficientes para responder a essas perguntas.

JESUS PROMETE LIBERDADE AOS JUDEUS QUE CRÊEM NELE – João 8.31-36

- Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos,
- ³² – e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.
- Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres?
- Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado.
- O escravo não fica sempre na casa; o filho, sim, para sempre.
- Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

- 31 “Judeus” chegaram à fé em Jesus! E desta vez não por verem seus sinais como em Jo 2.23, mas por ouvirem sua palavra. No entanto, como o processo da vida, a fé pode ser inicialmente um frágil “broto”, carecendo com toda a certeza de crescimento e apoio. Por isso Jesus se dirige agora também especialmente aos judeus que haviam sido tocados pelo seu autotestemunho e depositaram sua confiança nele. **“Então disse Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos.”**

Pela primeira vez ouvimos agora da boca de Jesus a palavra “permanecer”, que mais tarde tornará a ser importante na instrução a seus discípulos (Jo 15.4-7; 15.9-11). Jesus não critica a fé desses ouvintes, e tampouco mede seu tamanho. Contudo o movimento interior que levou à fé pode arrefecer ou ser sufocado por outras influências (Mt 13.5-7). Por isso passa a depender tudo do **“permanecer”**. Jesus, porém, não exorta apenas em termos genéricos em favor desse permanecer, mas fala imediatamente de **“permanecer em sua palavra”**. Os judeus que creram haviam ouvido apenas oralmente a palavra de Jesus e agora têm de mantê-la na memória e, refletindo, têm de se ocupar sempre de novo com ela. No entanto, nem mesmo isso é o suficiente. Desse modo ainda podemos levar sempre a verdadeira vida fora dessa palavra e permanecer na palavra apenas por algumas horas devotas isoladas. Os que crêem **“permanecem em sua palavra”** somente quando permitem que ela os determine no dia-a-dia em todo seu pensar, falar e fazer. Nesse caso terão de contar com o “escândalo” que a palavra de Jesus traz irremediavelmente quando de fato vivemos a partir dela.

Agora tudo dependerá de permanecer, apesar disso, na palavra de Jesus. Apenas depois serão **“realmente seus discípulos”**. Do contrário, sua condição de discípulos em breve poderia evidenciar-se como aparência e ruir.

- 32 Quando, porém, permanecem na palavra dele, acontece um evento de enorme significado em suas vidas. Jesus lhes anuncia: **“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”**

Acaso não conheceram a verdade quando chegaram à fé em Jesus? Fé em Jesus com base em sua palavra não existe sem reconhecimento. Contudo, em Jo 6.69 vimos que da “fé” brota um “conhecimento” novo e mais profundo. **“A verdade”** é tão inesgotável, tão grande, tão abrangente, que não há limites para seu conhecimento ao se permanecer na palavra de Jesus. Jesus quer dizer com **“conhecer a verdade”** não o mero saber de fatos e a constatação de acertos, mas refere-se à verdade essencial, viva, que nos mostra quem Deus é realmente e quem nós seres humanos somos de fato. Ela nos revela como chegamos à vida *eônica*, que alvos gloriosos Deus tem com toda criação, e como Deus concretiza esses seus alvos. Toda essa verdade não pode ser apreendida com a força do próprio intelecto, mas é revelada cada vez mais pelo Espírito Santo (Jo 16.13) àqueles que permanecem na palavra de Jesus. Jesus mais tarde dirá a seus discípulos que ele em pessoa “é” essa verdade (Jo 14.6). Permanecendo na palavra dele, portanto, eles entram em conexão essencial com a verdade viva de Deus.

O fato de que a “verdade” de que fala Jesus é uma realidade que transforma toda a vida deles, é evidenciado pela promessa seguinte que Jesus agrega ao conhecimento da verdade. Ele promete: **“E a verdade vos libertará.”** Também na experiência geral da vida constatamos o poder libertador da “verdade”. Tanto o engano e a ilusão quanto a mentira e a falsidade nos tornam inseguros e cativos. Toda pessoa experimenta profunda libertação, mesmo sob dores, quando em sua vida consegue irromper a verdade, superando o engano e a mentira. No entanto, o poder libertador da verdade que nós já podemos experimentar preliminarmente independente de Deus, torna-se pleno quando a verdade total e última também traz liberdade total e completa. Novamente é Paulo quem pode apresentar-se a nós como ilustração dessa liberdade. Ele experimentou em si próprio como Cristo nos “liberta para a liberdade”, motivo pelo qual também deseja ver a igreja nessa “liberdade da pessoa cristã” (Gl 5.1).

- 33 Agora, porém, mostra-se o pouco que esses “judeus que crêem” entendem a Jesus. **“Responderam-lhe: Semente de Abraão somos nós e jamais fomos escravos de alguém. Como podes dizer: Sereis livres?”** No começo da fé ainda não desaparecem nossa velha natureza e nosso modo de pensar. Ainda estão presentes mesmo naquele que se tornou crente e pode mostrar-se vigoroso e desinibido. Afinal, eram judeus os que chegaram à fé em Jesus, e imediatamente eles se revelam como “judeus” genuínos apesar de sua fé. Irrompe todo o orgulho judaico, que já opunha resistências tão grandes à atuação de João Batista: **“Semente de Abraão somos nós!”** (cf. Mt 3.9). Por essa razão não conseguem fazer nada com a grande promessa de Jesus. **“Nós jamais fomos**

escravos de alguém.” Como é que ainda careceriam de “libertação”? Ao longo da interpretação rabínica da Escritura ressoa sempre de novo o orgulho pela “liberdade” que os israelitas possuem enquanto “filhos de Abraão” e “filhos de Deus” nessa sua posição perante Deus, diferenciando-se de todos os demais povos. Sob a pressão da escravidão exterior esse orgulho pela liberdade interior talvez tenha se tornado tanto mais fervoroso. Exteriormente tiveram de se curvar a muitas dominações estrangeiras. Porém interiormente eles **“jamais foram escravos de alguém”**. Por conseqüência, também aqueles que haviam sido tocados e movidos por Jesus, se contrapõem melindrados contra a sua palavra que questiona a “liberdade” deles. **“Como podes dizer: Sereis livres?”**

- 34** Também diante desses seus adeptos Jesus tem novamente a mesma difícil tarefa que ele tinha de cumprir em todo Israel. É preciso desvelar a inverdade e o irrealismo daquilo que eles pensam possuir, e dar o doloroso golpe contra seu falso orgulho (cf. acima, p. 147). Pensam que não são **“escravos”** e não precisam de uma “libertação”. Então jamais compreenderão a Jesus em sua trajetória até a cruz. Pois ser “Salvador”, “Libertador”, é justamente essa a obra dele. Por isso, Jesus precisa mostrar-lhes sua verdadeira “escravidão”. **“Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Todo o que comete pecado é escravo do pecado.”** O zelote é torturado pela falta de liberdade política sob o domínio de Roma. Existe, porém, uma escravidão que é infinitamente mais difícil e perigosa, ainda que exteriormente possa estar oculta. É a escravidão que leva à perdição eterna. Nessa escravidão encontra-se **“todo o que comete pecado”**. Constitui a ação da própria pessoa seguir a tentação pecaminosa e passar a cometer esse pecado específico. O ser humano obviamente pensa que esse ato não seria grave. Seria tão somente um “deslize”, uma “falha” isolada. Na realidade ele próprio não seria atingido por isso e não teria perdido sua liberdade. Contudo Jesus lhe diz: “Agora te tornaste escravo”, **“escravo do pecado”**. Quem comete pecado, está atrelado à culpa e a partir de si jamais poderá desvencilhar-se dessa culpa. No entanto, ele também cai de um pecado em novos pecados, numa história de pecados que o acorrenta. Ademais, ao praticar o pecado ele celebrou um pacto com o maligno, do qual ele próprio não consegue se soltar. De fato tornou-se um “escravo”, cujo “senhor” agora é o diabo. “Todo” o que comete pecado torna-se escravo, ou seja, também o israelita. Ser descendente da semente de Abraão não protege contra isso.
- 35** Esse é um fato cujo alcance os judeus precisam reconhecer. Jesus estabelece um nexos com a metáfora recém-usada do “escravo”, sem agora levar em conta, de quem o ser humano pecador se tornou escravo. Pois vale de um modo bem geral: **“O escravo não fica na casa para sempre.”** Não possui o vínculo indissolúvel com a casa como um filho possui. **“O filho, sim, para sempre.”** O escravo, porém, pode ser vendido adiante em qualquer dia ou despedido da casa de outra maneira. Os judeus ainda estão **“na casa”**. Pertencem a Deus como “seu” povo. E referências da Escritura como Lv 12.7; Sl 36.8; 84.4 evidenciam como Israel percebia sua pertença à “casa de Deus” através do “habitar” de Deus em seu meio por intermédio do tabernáculo e do templo. É disso que se orgulham como “semente de Abraão”. Contudo, sendo eles “escravos” e anda por cima **“escravos do pecado”**, Deus poderá excluí-los a qualquer dia de sua casa. Com isso Jesus está dizendo aos judeus a mesma coisa de que João Batista já os transmitiu em tom de advertência. A pertença a Abraão jamais pode assegurar contra Deus, como se Deus estivesse atrelado aos judeus (Jo 3.9).
- 36** “Escravos do pecado” têm de ser “libertados”. Isso é absolutamente necessário. Quem, porém, pode fazê-lo? Essa é a pergunta decisiva para cada pessoa. Na falsa autonomia do ser humano desde a queda do pecado, ele constantemente pensa que precisa e pode cooperar nessa libertação através de seus próprios esforços em “melhorar”, “mudar”, “propiciar” e outras ações. Precisamente o judeu considerava o cumprimento da lei a superação do pecado. Porém é tudo em vão. Jesus sabe a verdadeira resposta, porque ela é viva e eficaz em sua pessoa. **“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.”** O Filho é o único que é verdadeiramente livre, livre de egoísmo, de preocupações, do temor da morte, livre de qualquer apego à própria honra e propriedade (Fp 2.5ss), apenas vinculado ao Pai e vivendo para ele. Livremente ele se entrega para nos libertar. Agora ele não declara nada de mais específico acerca de sua obra de libertação. Após sua “exaltação” na cruz eles o reconhecerão. Agora ele lhes diz apenas com toda a determinação que por intermédio dele **“serão verdadeiramente livres”**. Se experimentarem algo disso, seu relacionamento de fé iniciado se tornará profundo e firme. Então **“permanecerão em sua palavra”**, porque não conseguem mais viver diferentemente.

Em vários pontos a proclamação de Jesus, de acordo com a narração de João, podia causar a impressão de que estaria em jogo tão somente “a vida” como tal, “a luz” em geral, “a fé” como mera atitude sem uma delimitação maior. O presente trecho, porém, evidencia que também no evangelho de João a perspectiva está claramente voltada para o pecado e que a tarefa central do “Filho” é vista na libertação do pecado.

FILHOS DO DIABO ENTRE A SEMENTE DE ABRAÃO – João 8.37-47

- ³⁷ – Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não está em vós.
- ³⁸ – Eu falo das coisas que vi junto de meu Pai; vós, porém, fazeis o que vistes em vosso pai (ou: e assim fazeis também vós o que ouvistes do vosso pai).
- ³⁹ – Então, lhe responderam: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão!
- ⁴⁰ – Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão.
- ⁴¹ – Vós fazeis as obras de vosso pai. Disseram-lhe eles: Nós não somos bastardos; temos um pai, que é Deus.
- Replicou-lhes Jesus: Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente, me havíeis de amar; porque eu vim de Deus e aqui estou; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.
- Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra.
- Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.
- ⁴⁵ – Mas, porque eu digo a verdade, não me credes.
- ⁴⁶ – Quem dentre vós me convence de pecado? Se vos digo a verdade, por que razão não me credes?
- Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso, não me dais ouvidos, porque não sois de Deus.

Agora a luta de Jesus com os judeus se aproxima do ápice. De forma cada vez mais rude e impiedosa ela revela toda a sua profundidade. Não está sendo debatido apenas um confronto humano, não apenas uma controvérsia em torno de opiniões e concepções. Aqui está se expressando um confronto derradeiro, que atinge profundezas do além, o antagonismo entre Deus e Satanás.

Jesus ainda está dialogando com judeus que creram nele, que lhe contrapuseram sua origem de Abraão. Nesse argumento veio ao encontro dele o orgulho do judeu, que torna o “judeu” cego e o leva a odiar Jesus, ao invés de crer nele. É por isso que Jesus se volta outra vez a todos e aborda de um modo geral justamente esse ponto. Sem dúvida, eles são os descendentes de Abraão. Contudo como é radicalmente contraditório a isso o comportamento deles! Algo não pode estar correto: **“Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não encontra espaço em vós.”** Não são indiferentes, deixando Jesus sozinho, mas constantemente o rodeiam e ouvem sua palavra. Não obstante essa sua palavra **“não encontra espaço neles”**. Eles não a aceitam. Ela não consegue deitar raízes neles e impactá-los. Como um corpo estranho ela permanece dentro deles. Por isso, tudo neles se rebela contra essa palavra e se transforma em ódio contra aquele que diz sua palavra com tanto poder. **“Procuram matá-lo”**. Na verdade negaram essa intenção (Jo 7.20). Talvez eles próprios ainda nem estejam cônscios dela. Contudo, Jesus vê mais fundo que eles. Em sua perspectiva qualquer ódio já é “homicídio” (Mt 5.21s; 1Jo 3.15). Essa vontade assassina em seu ódio há de se manifestar e será gritado **“Fora! Fora! Crucifica-o!”** (Jo 19.15).

- 38** Desse modo é impossível que sejam **“semente de Abraão”**. Contudo, serão “filhos” de quem então? A formulação da frase subsequente é incerta. Com muito forte comprovação nos manuscritos encontramos acrescentado à palavra do “Pai” um “meu”, ou “vosso” explicativo. **“O que vi junto de meu Pai, isso eu falo; e assim também vós fazeis o que ouvistes do vosso pai.”** Nesse caso Jesus na verdade ainda não teria nomeado o diabo como pai dos judeus, mas de imediato teria pronunciado que os judeus possuem um pai bem diferente que ele próprio. No entanto, não seria na verdade essa uma ampliação posterior do texto, que era tão plausível que não nos podemos admirar de que

penetrou em tantos manuscritos? Será que Jesus não deixou conscientemente em aberto a pergunta pela filiação dos judeus? Na pessoa de Jesus a questão está clara: **“O que vi junto do Pai, isso eu falo.”** Ele é “Filho” e não pode fazer e falar nada por si mesmo (Jo 5.19a). Mas também seus ouvintes não são simplesmente determinados por si próprios em suas atitudes. Também eles **“fazem o que ouviram do pai”**. Quem é esse “pai”? Precisamente essa é a pergunta que está em discussão! Se de fato forem semente de Abraão e, por consequência, filhos de Deus, então isso precisa ser comprovado naquilo que Jesus já expressou em Jo 6.45 com a mesma formulação “ouvir do Pai”: **“Todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim.”** É para isso que ele os está chamando. Se o fizerem, então ouviram do Pai certo e de fato são semente de Abraão. Porém, se não vierem a ele, mas o odeiam, então se torna visível que alguém outro é “o pai do qual ouvem”, para agir de modo correspondente.

39/40 Os judeus percebem a pergunta, diante da qual são colocados por Jesus. Tentam escapar dele protegendo-se mais uma vez atrás do fato de serem descendentes de Abraão. **“Então, lhe responderam: Nosso pai é Abraão.”** Contudo Jesus não os dispensa da lógica compulsória que ele expõe diante deles nas duas frases anteriores e que agora ele leva à conclusão convincente e concretamente incisiva para eles: **“Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão! Mas agora procurais matar-me, um ser humano que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão.”** A origem paterna da qual nos originamos nos confere nossa peculiaridade e determina nosso agir. Por isso existe apenas uma única prova de que eles são verdadeiramente filhos de Abraão: Têm de **“fazer as obras de Abraão”**. São as obras da obediência (sair da terra), da confiança total (expectativa e sacrifício de Isaque), da humildade com amor (atitude em relação a Ló). Nada disso pode-se ver neles. Descender fisicamente de Abraão não os ajuda em nada. Pois deles emerge algo muito diferente: **“Mas agora procurais matar-me.”** E esse ódio mortal tem como único motivo o fato de que Jesus está diante deles como **“um ser humano”**, **“que lhes tem falado a verdade”**, a verdade que ele ouviu de Deus. Rebelião contra a verdade de Deus até o assassinato do enviado de Deus – isso constitui o horrível oposto à vida de fé de Abraão. **“Assim não procedeu Abraão.”** Nessa afirmação Jesus enfatizou que, a serviço da verdade de Deus, veio até eles como simples ser humano. Não os pressiona nem violenta com superpoder divino. Ele está indefeso entre eles. Não lhes faz nenhum mal. Não possui nada além de uma palavra que não seja sua própria, com a qual ele não busca sua honra pessoal, mas a qual ouviu de Deus e com a qual ele lhes traz a verdade de Deus. Por isso manifesta-se na rebelião contra Jesus toda a profundidade de sua perdição.

“Vós fazeis as obras de vosso pai.” – Como deve ser terrível e sinistro esse pai!

41 Os judeus ouvem a reprovação: Vocês não são filhos de Abraão, não podem sê-lo! Rebelam-se contra isso. Pois, afinal, o que os distingue de todos os povos, que lhes proporciona chão firme debaixo dos pés, é que como semente de Abraão eles são os eleitos e amados de Deus. Será que esse Jesus pretende tirar-lhes isso? Então tirará tudo. Então os declara bastardos. Que terrível ofensa ele lhes está infligindo! **“Disseram-lhe eles: Nós não somos nascidos do incesto; temos um pai: Deus.”** Era esse todo o orgulho e sustentáculo de um judeu, sua origem pura e clara. Os judeus não são **“nascidos do incesto”** como moabitas e amonitas (Gn 19.36-38), não são um povo miscigenado como os samaritanos. Possuem **“um Pai: Deus”**. Diante do fato de em Jesus eles sempre encontrarem essa estranha “pretensão”, de que ele alega ter um relacionamento ímpar com seu “Pai”, eles lhe dizem diretamente: Eles têm o mesmo relacionamento com Deus. Deus é para eles como para Jesus o Pai único. Com essa posição, não se apoiavam nitidamente no chão da Escritura: Êx 4.22; Dt 32.6; Is 63.16?

42 Isso foi afirmado pelos judeus com plena convicção. Era sua “confissão de fé”. Defendiam-na com ardor e sofriam por ela. Contudo essa confissão de fé era uma mentira. Isso é pior que a incredulidade patente do “mundo”. A inverdade de suas “mais sagradas convicções”, porém, está irrefutavelmente clara: **“Replicou-lhes Jesus: Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente, me havíeis de amar.”** Se a origem íntima deles fosse de Deus e se realmente vivessem na relação filial com Deus, com quanta alegria e amor teriam de saudá-lo! Afinal, ele veio desse Deus até eles e vive no meio deles como o Filho desse Deus. Como deveriam, por consequência, reconhecer e honrá-lo, se Deus realmente fosse o Pai deles! **“Porque eu saí de Deus e vim.”** Jesus o declara de modo estranhamente absoluto e sem qualquer definição maior: **“Eu vim.”** Esse “ter chegado” ao mundo já abarca tudo o mais que decorre de sua vinda. Foi assim que já o Salmo 40 falava misteriosamente de um mensageiro de Deus cujo agir todo para Deus reside no fato de que ele é capaz de dizer: “Eis, eu

vim” (Sl 40.7; cf. Hb 10.1-10). Assim Jesus “veio” de Deus. Jesus volta a enfatizar que nisso não há o menor vestígio de presunção e autocracia, de que o acusam em sua cegueira: **“Pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.”**

43 A oposição dos judeus contra ele é tão profunda que nem estão mais em jogo pontos isolados. Um abismo de completa incompreensão abre-se entre Jesus e eles. Jesus tem de lamentar: **“Por que não compreendeis a minha linguagem?”** Quando sou originário de um país e ouço no estrangeiro a língua dessa minha pátria, como meu coração se abre, como “compreendo” essa língua! Assim deveria ter acontecido no encontro com Jesus, se os judeus de fato fossem oriundos de Deus. Dessa maneira, porém, são **“incapazes de ouvir sua palavra.”** Constitui para eles um idioma estranho incompreensível. Nem sequer conseguem **“ouvi-la”** realmente. Dessa forma está demonstrado que eles não podem ter com Jesus o mesmo Deus por Pai.

44 Entretanto, se Deus não é seu “Pai”, quem o será então? Não podem ser oriundos de si mesmos. Um poder próprio desses não foi concedido às pessoas. Agora Jesus o pronuncia sem rodeios, no mais extremo e aguçado ataque: **“Vós sois do pai, do diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai.”** Imaginemo-lo uma vez com todo o realismo. Jesus não o afirma dos dominadores romanos, nem de “gentios” ou de “ateus”, nem mesmo de “publicanos e pecadores” em Israel, mas do próprio Israel, do povo eleito de Deus: Vocês descendem do diabo. Ele inclui nessa sentença justamente os grupos dirigentes do povo, que seriamente tentavam ser israelitas e cumprir a lei. Que acusação!

É claro, se quisermos compreender a palavra de Jesus, temos de nos libertar do “moralismo”, que justamente no mundo cristão nos domina em grande medida. Jesus não “satanizou” seus adversários nem os acusou de maldades morais. Com certeza avaliou muitos deles do mesmo modo como o próprio Paulo os avaliou no retrospecto sobre seu passado judaico em Fp 3.5ss. Em correspondência, também os **“desejos”** do diabo, que eles **“querem satisfazer”** não são aquilo que nós temos em mente logo que ouvimos essa palavra. Na verdade é significativo que Jesus fala da “vontade” do Pai, a qual ele pratica. Contudo não atribui ao diabo uma “vontade” genuína e clara, mas fala de seus “desejos”. Porém, o que Satanás ambiciona ardentemente de fato não são não em primeiro lugar vícios e coisas sórdidas.

A natureza do diabo é infinitamente mais perigosa. Jesus o estigmatiza com toda a clareza. **“Ele foi homicida desde o princípio e não está na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.”** Jesus olha de volta ao “princípio”, à história do começo. Contudo não o faz para “explicar” a origem do diabo e nos revelar como foi possível que do grande anjo de Deus podia originar-se um diabo. O mal e em especial o radicalmente maligno precisa ser inexplicável, do contrário não seria de fato o “mal”. Porque o que é explicável, já se torna com isso também “compreensível” e, por conseguinte, desculpado. Por isso precisa permanecer sem resposta a antiga pergunta: De onde procede o mal na boa criação de Deus? Por isso também Jesus tão somente nos confronta com fatos. Logo que deparamos com o diabo **“no princípio”**, ou seja, no relato da queda no pecado em Gn 3, ele é **“o homicida”**. Satanás visa o “ser humano”, porque o ser humano foi criado à imagem de Deus. Com ódio mortal Satanás vê a pessoa, destinada àquela vida verdadeira, que ele próprio perdeu para sempre. Por essa razão, pois, as pessoas devem ser “assassinadas” e lançadas na morte eterna. Ao mesmo tempo o diabo visa vulnerar ao próprio Deus e comprometer o maravilhoso plano de Deus. Consequentemente, Satanás seduz Adão e Eva para o pecado, o qual justamente nesse caso não é um deslize moral, mas rebelião contra Deus e, por isso, separação de Deus, fonte da vida. Isso traz consigo necessariamente a morte. Agora as pessoas precisam morrer. Sua transitoriedade exterior na morte física é apenas o sinal de que foram privados da vida verdadeira, a vida divina e eterna.

Ao lado da sede mortífera do diabo encontra-se a mentira. No caso, não se trata apenas de mentiras isoladas que procedem do diabo. Pelo contrário, a mentira constitui uma característica básica de todo o seu ser. **“Não está na verdade, porque nele não há verdade.”** Vale lembrar novamente que no evangelho de João a “verdade” não é um mero conceito moral, e sim se refere à realidade essencial e à sua revelação. O fato de que o diabo não **“está na verdade”** expressa não apenas sua incapacidade de ser sincero e verdadeiro. Não, Satanás não está mais na realidade autêntica, e essa realidade essencial já não está nele. É preciso lembrar mais uma vez que o próprio Jesus é “a verdade”. Ele é verdade enquanto Filho de Deus, na qual “não considerou como roubo ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, sim, a morte na cruz”. Dessa

“verdade”, desse relacionamento verdadeiro com Deus Satanás se desligou, tornando-se inimigo de Deus, inimigo do Filho obediente e inimigo do ser humano criado à imagem de Deus.

Por essa razão ele também é **“mentiroso”** de uma forma muito mais profunda e abrangente. Sem dúvida, ele também “mente” da maneira como nós entendemos moralmente a “mentira”, assim como na tentação do ser humano (Gn 3.4-5). Ele mente com cada grãozinho de verdade, os quais também tornam as nossas mentiras tão perigosas. Após comer o fruto proibido Adão e Eva não desmaiam, seus olhos realmente são abertos. Agora sabem o que é bom e mau. Contudo sabem-no por meio de uma terrível amarração ao mal, a qual anteriormente não precisavam conhecer. Contudo, já nessas conseqüências a “mentira” de Satanás é mais que mera inverdade. Satanás arranca as pessoas da única realidade, em que podem “viver”, da ligação filial e obediente com Deus, lançando-as numa existência “irreal”. Nela tentam ser iguais a Deus por força própria, caindo com isso justamente na tortura de uma vida vã e na perdição eterna. O diabo afasta com mentiras a realidade de Deus, a limpidez de seu mandamento e a seriedade de sua advertência, e falseia num “ser como Deus” a miséria do distanciamento Dele. Essa falsificação da realidade constitui sua natureza mais essencial, em que ele vive. **“Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.”** Ele tenta levar sempre e cada vez mais longe para dentro do mundo a distorção da verdadeira realidade. Esse mentir dele é tão profundo que ele acontece no tom patético da verdade. Foi por isso que também as pessoas enleadas por ele, que serviam objetivamente à mentira de Satanás, puderam ser subjetivamente bem “honestas”. Como “pai da mentira” nesse sentido ele agora também é o “pai” dos judeus, fazendo com que não vejam a “verdade” em Jesus, a gloriosa realidade libertadora de Deus nele, mas que rejeitem Jesus como blasfemo e sedutor, tentando matá-lo. De outro modo não há como explicar que as pessoas mais devotas do mundo, ardorosamente empenhadas a favor de Deus, expulsam aquele que veio de Deus e lhes traz a vida. Uma “falsificação” dessas da realidade é diabólica.

45/47 Jesus mostra essa perversão incompreensível de modo muito singelo e apesar disso assustador: **“Eu, porém, porque eu digo a verdade, não me credes.”** Representa uma contradição enigmática não crer na verdade plena quando ela me é dita e mostrada. Pois por natureza a **“verdade”** e **“fé”** formam uma unidade.

No entanto, a perversão que Jesus desmascara é ainda mais profunda. Eles não apenas deixam de crer em Jesus “apesar” de ele dizer a verdade, mas justamente “porque” ele a diz. Tão profundamente estão determinados por seu “pai”, o “pai da mentira”, que justamente a verdade colocada diante deles torna-se para eles motivo da incredulidade, da repulsa, sim, de ojeriza.

Ou existe algo de falso ou pecaminoso em Jesus que os possa impedir de crer nele? Jesus pergunta diretamente a seus inimigos: **“Quem dentre vós pode me convencer de pecado?”** Tão plenamente seguro está ele de sua pureza, divindade e inocência. Nesse caso, porém, sua palavra também é “sem pecado”, ou seja, pura e veraz. Em seguida Jesus precisa pronunciar mais uma vez o sombrio enigma e perguntar: **“Se vos digo a verdade, por que razão não me credes?”** Para esse enigma existe somente uma única explicação, que obviamente é terrível para Israel, o povo da propriedade de Deus: **“Quem é de Deus ouve as palavras de Deus. Por isso, não me dais ouvidos, porque não sois de Deus.”** Essa sentença incide contra cada pessoa que não “ouve” a palavra de Jesus, independente dela pretender ser “boa” ou “religiosa”. A sentença possui uma lógica das mais simples e inatacáveis: Quem realmente for de Deus, tem de ouvir as “palavras” de Deus e reconhecê-las como tais. Para palavra está sendo usado novamente *“rhema”*, ou seja, a expressão que caracteriza a palavra como palavra eficaz e acontecida.

“Não sois de Deus”, “vós sois do pai, o diabo”, diz Jesus a seu povo, representado por seus grupos dirigentes. Jesus é capaz de falar de forma tão incrivelmente dura. O “Cristo joanino” foi totalmente incompreendido quando muitas vezes foi apresentado como “mole”. Nesse ponto são destroçadas todas as concepções falsas de Jesus. Jesus é a testemunha da verdade. Justamente a ilusão devota, a aparência religiosa, a inautenticidade perante Deus, a presunção inverídica de um relacionamento com Deus são intoleráveis para aquele que é a verdade. Cumpre desmascará-las com dureza.

Porém, precisamente não é aquela “dureza” fria que caracteriza os adversários de Jesus em seus julgamentos e suas condenações. Ainda que não devamos introduzir na majestade de Deus qualquer sentimentalismo, o amor que salva (Jo 3.16s) não pode ser sem profunda dor, também agora quando tem de constatar que o Israel amado e eleito é refém do diabo como seu “pai” e quando precisa

proferir a sentença sobre o serviço no templo e nas sinagogas, sobre a pesquisa da Bíblia e o farisaísmo: “**Não de Deus.**” Em consonância, cumpre-nos ouvir as últimas palavras de Jesus no auge de sua luta com seu povo como palavras de dor divina.

A ETERNIDADE DE JESUS – João 8.48-59

– Responderam, pois, os judeus e lhe disseram: Porventura, não temos razão em dizer que és samaritano e tens demônio?

⁴⁹ – Replicou Jesus: Eu não tenho demônio; pelo contrário, honro a meu Pai, e vós me desonrais.

– Eu não procuro a minha própria glória; há quem a busque e julgue.

– Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte, eternamente.

⁵² – Disseram-lhe os judeus: Agora, estamos certos de que tens demônio. Abraão morreu, e também os profetas, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte, eternamente.

– És maior do que Abraão, o nosso pai, que morreu? Também os profetas morreram. Quem, pois, te fazes ser?

⁵⁴ – Respondeu Jesus: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus.

⁵⁵ – Entretanto, vós não o tendes conhecido; eu, porém, o conheço. Se eu disser que não o conheço, serei como vós: mentiroso; mas eu o conheço e guardo a sua palavra.

– Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se.

⁵⁷ – Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?

⁵⁸ – Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, Eu sou.

– Então, pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo.

48 Jesus conduziu o mais exacerbado ataque contra os “judeus”. Negou que pertencem a Abraão e que são filhos de Deus, nomeando o diabo como seu verdadeiro “pai”. Agora existe somente uma só alternativa. Ou se submetem, num arrependimento verdadeiramente radical, a esse veredicto de Jesus, ou precisam defender-se apaixonadamente contra o homem que lhes proferiu uma condenação dessas. Não nos admiramos com o fato de que os judeus partem para o ferrenho contra-ataque. “**Os judeus responderam e lhe disseram: Porventura, não temos razão em dizer que és samaritano e tens um espírito mau (literalmente: demônio)?**” No juízo de Jesus sobre eles tão somente conseguem ver uma degradação e um ultraje a seu judaísmo. Esses ataques eram sobejamente conhecidos por parte dos samaritanos. Logo, esse Jesus também deve ser “um samaritano”! Pelo menos se conduz como um deles. Ou o elemento de poder que percebem nele possui uma causa ainda pior: Ele tem um espírito maligno, está possesso, é uma pessoa endemoninhada. Há tempo que sentiam isso (cf. Jo 7.20). Agora, depois das terríveis sentenças, vêem como tinham razão nessa suspeita. O fato de que estigmatizam Jesus como “samaritano” também pode ser devido à notícia da atuação de Jesus na Samaria (cap. 4) ter chegado a Jerusalém. Na Samaria as pessoas estão entusiasmadas com Jesus, pois então, é lá o seu lugar, entre os mestiços e hereges.

49/50 A resposta de Jesus é muito tranqüila, mas igualmente cheia de clareza e determinação. Eles compreendem erroneamente a Jesus e sua atuação quando vêem nele algo de “demoníaco”. A veemência e dureza de seu ataque contra eles têm uma razão completamente diferente. Seu único objetivo é a glória de Deus, mas esse objetivo ele defende com a seriedade extrema que requer a honra do Deus santo e vivo. A devoção não-verdadeira e deformada, da qual se orgulham tanto, e em favor da qual recorrem constantemente ao nome de Deus, viola a honra de Deus. Essa mentira de Israel e de seus devotos tem de ser desmascarada até a raiz e trazida à luz. Nesse ponto Jesus é implacável, porque para ele, o Filho, está em jogo a honra do Pai. “**Replicou Jesus: Eu não tenho demônio; pelo contrário, honro a meu Pai, e vós me desonrais.**” Não está pessoalmente magoado com essa desonra. Também nisso ele é completamente diferente de todos eles, que cuidam tão melindrosamente de sua própria honra (Jo 5.44). “**Não procuro a minha própria glória.**” Para Deus, no entanto, não pode ser indiferente quando a grande dádiva de seu amor (Jo 3.16) é tão

incompreendida e seu Filho puro e santo é tão aviltado. Ainda que Jesus não busque sua honra pessoal, **“há quem a busque e julgue”**. E desse juízo eles não escaparão.

51 A “honra” de Jesus, toda a glória de Jesus há de obter uma única “demonstração”. **“Em verdade, em verdade vos digo: Se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte, eternamente.”** Jesus está falando de “cumprir a sua palavra” porque ainda olha para os que nele crêem, aos quais há pouco deu a incumbência de que “permaneçam em sua palavra” (v. 31). Contudo, significa também mais uma oferta a seus adversários. Afinal, não precisam ser réus da morte e do juízo. Mesmo agora seu alvo não é, como eles pensam, “julgar” e condenar, mas sim “salvar”. Será que entre eles, por fim, não se encontra alguém que sinceramente ouve sua palavra e a cumpre? Então ele obteria toda a liberdade da morte. Tão poderosa é “sua palavra”, tão intensamente a “palavra da vida eterna” (Jo 6.68), a qual agora desprezam e repelem. Não está em jogo a morte física como tal. A essa, cabe suportá-la, e ainda assim não é nada pior que demais carências físicas. Terrível é apenas **“ver”** a morte, ser entregue à morte mediante a separação de Deus, ter de ficar na morte **“eternamente”**, para dentro do *éon* vindouro. Esse ver a morte está descartado para aquele que cumpre a palavra de Jesus. Por consequência, o “morrer”, esse fim inescapável da vida terrena, torna-se algo bem diferente do que até aqui: não mais encontro com a morte, mas encontro com Jesus. Há de ser um “morrer para o Senhor” (Rm 14.8), um “emigrar do corpo e imigrar ao Senhor” (2Co 5.8, em tradução literal). Que glória significará para cada pessoa que vem a Jesus! E que glória de Jesus resplandece aqui!

52/53 Entretanto, nem mesmo essa palavra, que na verdade diz respeito a seu mais próprio destino de vida e morte, é capaz de atingir os corações dos ouvintes ou sequer torná-los pensativos. Não perguntam se algo tão maravilhoso poderia ser verdade. Vêem nisso mais uma vez presunção demoníaca e constataam que seu juízo se confirma. **“Disseram-lhe os judeus: Agora, estamos certos de que tens um mau espírito (literalmente: um demônio). Abraão morreu, e também os profetas, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte, eternamente.”** Está completamente claro para eles que Jesus está falando coisas absurdas. Afinal, até Abraão morreu! Precisamente o fato de que ele teve de morrer, muito embora fosse o grande amigo de Deus, vale na interpretação bíblica dos escribas como a prova mais convincente do poder da morte. Igualmente morreram os grandes emissários de Deus, cujos escritos foram tidos como sagrados. Se Jesus agora afirma que não provará da morte, i. é, não terá de morrer quem cumpre a sua palavra, então ele tem de ser maior que Abraão e todos os profetas! **“És maior do que Abraão, o nosso pai, que morreu? Também os profetas morreram. Que fazes de ti mesmo?”**

Aí está ressaltada a pergunta que de fato precisa ser feita diante de Jesus e que por isso também é feita em todos os tempos até os dias de hoje, quando não se chega a crer em Jesus. **“Que fazes de ti mesmo?”** A palavra de Jesus que nos chama a crer nele, ultrapassa qualquer medida humana e também precisa fazê-lo se formos “crer nele” realmente no sentido próprio do termo. Porque “crer”, ou seja, pertencer em confiança incondicional a outro, para a vida e a morte, para o tempo e a eternidade, é possível unicamente quando esse outro não for um membro da humanidade, por maior e mais nobre membro dela que seja. Pelo contrário, podemos crer quando o outro de fato vem a nós “de cima”, de Deus. Porém, quando está diante de mim uma pessoa que afirma e testemunha de si que ela é “totalmente diferente”, então minha reflexão precisa vencer a pergunta: Será que alguém está fazendo de si algo sobre-humano – ou é essa a maravilhosa verdade à qual posso, e preciso, me render completamente? Enfim, é necessário formulá-la do seguinte modo: Ou Jesus é uma pessoa endemoninhada com uma autoconfiança morbidamente exagerada – com o que obviamente não combina a profunda tranquilidade que paira sobre ele – ou ele é realmente “o Filho”. A indagação ofendida: **“Que fazes de ti mesmo?”** aproxima-se, por isso, mais da verdade que todos os esforços de tornar Jesus inofensivo e uma pessoa sobremaneira boa e devota. Nisto os adversários tinham razão: Ele não era uma pessoa “devota”. Por essa razão, pode haver diante de Jesus unicamente a ofendida rejeição “Que fazes de ti mesmo!” ou a confissão “Meu Senhor e meu Deus!”, com a qual nos submetemos a ele.

54/55 **“Respondeu Jesus: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus.”** Que mais Jesus deveria responder? Afinal, seus adversários têm razão. Quando ele se arroga tudo por si mesmo, fazendo de si alguém que é maior que os homens da Bíblia, então isso tudo não é nada. Contudo, ele não o faz. Ele somente pode testemunhá-lo outra vez, e eles somente podem “crer”: O Deus, a quem chamam de “Deus deles” a partir de toda a sua história, esse é “o Pai dele”, que o “honra”. No entanto, o terrível

é que eles o chamam com tanta ênfase “Deus deles” e apesar disso na verdade nem o conhecem. Sem dúvida “conhecem” muitas histórias bíblicas e aprenderam muito de Deus no intenso ensino dos fariseus e escribas. Estão seguros de ser o único povo do mundo que conhece o Deus verdadeiro. **“Entretanto, não o reconhecestes.”** Essa é a “mentira” que envenena todo o seu ser, sua religião, tornando “mentirosos” precisamente a eles, que se empenham por Deus. Jesus se tornaria um “mentiroso” desses, se inversamente ele negasse todo o seu conhecimento da natureza do Pai. **“E se eu dissesse que não o conheço, seria como vós: mentiroso.”** Jesus somente pode testemunhar: **“Mas eu o conheço e cumpro a sua palavra.”** De novo o conflito está diante de nós com sua agudeza irrenunciável. Aquilo que eles chamam em Jesus de arrogância, presunção, demonismo, isso é a mais pura verdade a partir de Deus. E quando pensam estar defendendo com apaixonado ardor a verdade de Deus contra Jesus, então justamente são mentirosos. João visa mostrar-nos de que profundezas do conflito entre Jesus e as pessoas mais devotas do mundo resulta a cruz de Jesus. Ele gostaria que compreendêssemos corretamente, porque cada ouvinte da mensagem da cruz e todo leitor do evangelho estão diante da mesma decisão entre escandalizar-se e crer.

- 56** Jesus sabe que todos os seus ouvintes vivem a partir da “história”. “Semente de Abraão somos nós”, argumentavam contra ele. Por essa razão ele precisa dizer-lhes agora como Abraão está posicionado em relação a ele, Jesus. Se Jesus solicita que se “creia” nele, se ele de fato “quer ser mais que Abraão” e faz promessas que Abraão jamais teria ousado fazer – como é, então, a relação dele com Abraão? Jesus não fica devendo a resposta. **“Abraão, vosso pai, regozijou-se por ver o meu dia, viu-o e alegrou-se.”** Enquanto eles pensam que não precisam de Jesus, motivo pelo qual também não chegam a ele, para receber dele com alegria a vida (Jo 5.40), Abraão esperava com expectativa jubilosa pelo dia de Jesus. A grande promessa da bênção para todas as gerações sobre a terra, afinal, podia e deveria cumprir-se somente pela semente de Abraão. Por isso Abraão esperava por essa uma “semente” (Gl 3.16!), pela qual chegaria ao alvo a história da salvação de Deus, que Deus havia iniciado ao chamar Abraão. Ele se **“regozijava”**, porque um dia haveria esse grande cumprimento. E Jesus sabe que o quadro não se limitou a essa expectativa e antevisão proféticas do dia de Cristo. **“Viu-o e alegrou-se.”** Jesus não diz como isso aconteceu. Contudo, se no monte da transfiguração os outros grandes da Antiga Aliança, Moisés e Elias, colocam-se ao lado de Jesus e falam com ele sobre o seu fim (Mt 17.3; Lc 9.30s), por que Abraão não poderia tomar parte igualmente viva de Jesus e de seu envio, alegrando-se por ele?
- 57** **“Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?”**. Ficaram tão fora de si com o que Jesus afirmou sobre seu pai Abraão que eles invertem involuntariamente a palavra de Jesus. Jesus dissera que Abraão tinha visto a ele, Jesus, em seu dia. Para os judeus isso soa como se Jesus tivesse afirmado que viu a Abraão. Essa declaração dos judeus não serve para nos comunicar algo sobre a idade de Jesus. **“Ainda não tens cinquenta anos”**, isso significa, considerando-se a baixa idade média das pessoas naquele tempo, “Nem sequer és uma pessoa idosa e dizes ter visto a Abraão!”
- 58** Jesus não corrige a afirmação, mas acolhe precisamente essa declaração dos judeus da forma como foi dita agora, e liga a ela um autotestemunho, que em si não expressa nada mais e nada maior do que Jesus há muito declarou nas definições divinas de si próprio. Até o momento elas tiveram uma conotação bem mais genérica, imprecisa, “dogmática”. Agora, porém, tornam-se concretas e, em decorrência, aparecem gigantescas, com toda a sua realidade, diante os judeus e de nós. **“Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, Eu sou.”** Recordamos tudo o que já ouvimos sobre o “Eu sou”. Contudo, comparado com a venerável pessoa de Abraão com sua historicidade e temporalidade determinadas, tudo isso passa a ser surpreendente e desafiador. Agora já não se pode atenuar a declaração ou diluí-la em mera “simbolização”. **“Antes que Abraão existisse, Eu sou.”** Está aí diante dos judeus, de nós, o “Eu sou” como afirmação absoluta, como declaração de existência eterna, de realidade divina. Jesus não apenas reivindica ser “maior” que seu pai Abraão. Não, ele é algo totalmente diferente. Ele se contrapõe ao Abraão histórico na soberania da eternidade.
- 59** Compreendemos a reação imediata dos judeus. **“Então, pegaram em pedras para atirarem nele.”** Nessa situação pode-se somente cair de joelhos em adoração, em rendição a Jesus, ou apedrejá-lo como um louco e blasfemo. E os judeus, que naquele tempo pegaram em pedras, compreenderam

Jesus melhor e com mais realismo que os israelitas de hoje, que tentam honrar Jesus ao lado de Abraão como membro proeminente do povo de Israel.

Contudo, é possível “pegar em pedras” sem mais nem menos no templo? No tempo de Jesus ainda se estava trabalhando permanentemente na construção do templo. Por isso havia pedras suficientes em seus pátios. Em consonância, repetidas vezes nos são narrados por Josefo apedrejamentos no templo: “Mas Jesus se ocultou e saiu do templo.” João não nos relata como Jesus o fez. Tampouco é algo importante. Relembramos o que já dissemos com respeito a Jo 4.3 sobre o “esquivar-se” de Jesus. A luta de Jesus não é luta humana. Por isso, sua atitude nessa luta também não pode ter nada a ver com heroísmo humano. Jesus não recebeu autorização para esmagar com poder exterior seus adversários. Foi chamado ao sofrimento. Contudo, esse sofrimento deverá acontecer pela exaltação na cruz. Não era sua tarefa da parte do Pai que Jesus se deixasse matar a pedradas naquela hora. Não era esse o cálice que ele tinha de receber da mão do Pai. Seu cálice era infinitamente mais amargo e difícil.

A CURA DO CEGO DE NASCENÇA – João 9.1-7

¹ – **Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença.**

– **E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?**

– **Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus.**

– **É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.**

– **Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.**

⁶ – **Dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou -o aos olhos do cego,**

– **dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que quer dizer Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou vendo.**

- 1 O novo relato não precisa ligar-se diretamente a Jo 8.59. No entanto, também é possível que João queira mostrar como o poderoso agir de Jesus não é impedido em momento algum pela hostilidade cada vez mais ferrenha de seus adversários. É bem verdade que Jesus precisa ocultar-se e escapar do templo. Mas logo nesse seu caminho “**viu de passagem um homem cego de nascença**”. Jesus não olha preocupado para seus adversários. Tem um olhar aberto para a aflição deste mundo, que aqui vem a seu encontro na sina do cego de nascença. Será que Jesus com olhar penetrante percebeu imediatamente que essa cegueira existia desde o nascimento? Provavelmente aconteceu um diálogo que João não nos relata devido a seu estilo narrativo sucinto.
- 2 Também os discípulos vêem essa aflição. Contudo, não é o sofrimento como tal que os comove. Estão interessados numa questão bem diferente: “**E perguntaram-no seus discípulos: Rabi, quem pecou, esse ou seus pais, para que nascesse cego?**” O pensamento do judaísmo regido pela “lei” vivia na idéia da retaliação. Do destino da pessoa pode ser depreendido sua devoção ou seu pecado. Do devoto Deus se compraz, por isso vai bem na vida. Infortúnio, miséria e enfermidade, porém, são sinais de que um pecado especial provocou a ira de Deus e seu castigo. O que Moisés e os profetas disseram claramente ao povo de Israel referente à sua história e o que o próprio Israel experimentou sempre de novo na felicidade e no infortúnio (Dt 28; 2Cr 20.20; Lm 2.43-45), isso era aplicado ao indivíduo e a seu destino (cf. os discursos dos amigos de Jó!). Isso estava tão profundamente arraigado nos corações que era muito comum que alguém exclamasse ao ver um sofredor, p. ex., um cego: “Bendito seja o Juiz da verdade!” A pergunta dos discípulos era, pois, muito óbvia. Mostra, porém, como esse pensamento “legalista” tinha de tornar a pessoa insensível e impiedosa.
- 3 Jesus, no entanto, nem sequer aceita entrar numa apreciação do pecado que nesse caso poderia estar por trás da aflição de um destino penoso. Não pergunta por causas humanas, na retrospectiva, mas sim por alvos divinos, na perspectiva futura. “**Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus.**” Ou seja, não é assim que o ser humano age e Deus apenas retribui. Deus é aquele que age como Criador, e que também faz com que olhos, que nunca viram, vejam. Desse modo os discípulos devem aprender de forma nova a compreender a Deus. À luz desse conhecimento de Deus os próprios sofrimentos e aflições adquirem outro aspecto.

Para o cego de nascença a cura por Jesus torna-se uma experiência extraordinária, que compensa todo o sofrimento, conferindo à sua vida um rumo completamente novo.

- 4 As obras de Deus devem ser manifestas. Contudo Deus ordenou em sua misericórdia que seu agir acontece quando “nós” agimos. **“É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia.”** Jesus agrupa seus discípulos consigo mesmo, porque sua própria atuação haverá de prosseguir no trabalho da vida deles.

Esse agir de Deus por meio de “nós”, porém, tem a sua hora. Pode acontecer somente **“enquanto é dia. Virá uma noite em que ninguém pode atuar”**. Todos os mensageiros e mensageiras de Deus estiveram sob essa profunda impressão de que tinham de remir o tempo para agir com toda a resolução, porque é um tempo limitado. **“Enquanto é dia”** – ninguém sabe quanto tempo dura esse **“dia”**. Inesperadamente e antes que o imaginemos pode vir **“uma noite”** que torna impossível o agir. Jesus falou de propósito de forma tão indefinida do “dia” e da “noite”, e não temos o direito de tentar fixar unilateralmente em nossa interpretação aquilo que Jesus deixou em aberto. A **“noite”** pode ser o fim natural de nossa vida ao morrermos. Mas Jesus está olhando para a interrupção violenta de sua atuação por meio do ódio de seus antagonistas. Quando Judas se levantou pela última vez da ceia de Jesus com os seus e sai para executar a entrega de Jesus, era **“noite”** (Jo 13.30). E na história da igreja de Jesus veio **“uma noite”** para numerosas atividades iniciadas com esperança, até por maneiras bem diferentes, p. ex., pela mudança da conjuntura do mundo, ao se fecharem portas antes abertas, na inesperada emergência de movimentos antagônicos. Em sentido último será a **“noite”** do império mundial anticristão, na qual a igreja de Jesus não mais **“poderá atuar”**. Jesus abrangeu tudo isso com sua palavra, ao não falar justamente “da noite”, e sim de “uma noite” que põe fim ao nosso agir. Então “ninguém” poderá atuar, nem mesmo o mais disposto, forte e capaz.

- 5 Paira igualmente sobre o Filho de Deus para sua atuação terrena um grave “enquanto”. **“Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.”** O termo abrangente “luz” refere-se a todo iluminar, ajudar, curar, soltar, avivar. Por isso Jesus não realiza apenas “obras” avulsas. Em sua própria pessoa tudo isso “é” real, e por isso obviamente também age sem cessar. Objetivamente já reside nessa formulação a referência à obra singular de Deus, que acontecerá naquele momento. A “luz do mundo” não pode deixar uma pessoa na escuridão da cegueira.

- 6/7 **“Dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou -o aos olhos do cego, dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que quer dizer Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou vendo.”** Novamente são contrariados os nossos “sistemas”. Em Jo 4.50 e 5.8 Jesus curou através de sua palavra de poder sem uma ação específica. Estaria João, portanto, retratando para nós um “Cristo intelectualizado”, que profere de maneira divina sua palavra criadora? Se tivermos essa concepção, quase ficaremos irritados aqui. Jesus prepara grosseiramente uma pasta pouco estética feita da terra, aplicando-a sobre os olhos do cego. Será que de repente Jesus é um filho de seu tempo, no qual se acreditava de modo geral que na saliva de uma pessoa estariam ocultas forças especiais, esperando-se por isso curas da saliva de grandes milagreiros? Por que Jesus age de forma tão diferente das demais curas feitas até aqui? João não nos fornece uma explicação. Apenas podemos fazer conjecturas. Talvez Jesus tivesse motivos para de fato estabelecer uma correlação com o tempo da época justamente nessa pobre pessoa, deixando-a experimentar a cura de modo tão drástico. Talvez dessa forma se tornaria mais fácil para o homem “crer”, de modo que ele pudesse notar o agir de Jesus e também revestir pessoalmente sua fé com a ação do “lavar”. Depois esse homem sempre de novo é inquirido sobre o processo da cura. Por isso também deveria ter de fato algo muito definido a relatar. E nesse relato perante os fariseus a preparação da pasta e sua aplicação sobre os olhos se revestem de enorme importância. Era controvertido se a cura por meio de uma palavra já representava uma “obra” que não podia ser praticada no sábado. Entretanto, o que Jesus “fez” aqui para curar era inequivocamente uma “obra” proibida.

João não apenas nos relata a ordem de Jesus ao cego para que se lavasse no tanque de Siloé, mas explica expressamente o nome **“Siloam”** como **“Enviado”**. O termo hebraico significa inicialmente “envio, canalização, esgoto”, referindo-se à engenhosa adução da água da fonte Gion através do túnel pela rocha construída pelo rei Ezequias (2Rs 20.20) até o açude. No entanto, João provavelmente deve ter em mente que em Jesus ainda está disponível para nós de forma bem diferente a água “que jorra para a vida eterna”. Não é na água do tanque que reside a força milagrosa da cura, e sim naquele que é “enviado” por Deus para ser o Salvador para toda aflição dos seres humanos. Dessa forma somos lembrados, através do nome significativo **“Siloam”**, de Jo 4.5,7.

O cego de nascença obedece, tateia seu caminho até o tanque e faz o que Jesus lhe dissera. Isso é “fé”, embora ainda incipiente e rudimentar, que não obstante se comprova como fé genuína por meio da obediência concreta. Ele terá de entrar imediatamente na provação por meio da tribulação, mas também será resistente e se aprofundará, até que o próprio Jesus a transformará numa fé límpida que acolhe plenamente a pessoa de Jesus.

O INTERROGATÓRIO DO CURADO PERANTE OS FARISEUS – João 9.8-34

- ⁸ – Então, os vizinhos e os que dantes o conheciam de vista, como mendigo, perguntavam: Não é este o que estava assentado pedindo esmolas?
- ⁹ – Uns diziam: É ele. Outros: Não, mas se parece com ele. Ele mesmo, porém, dizia: Sou eu.
- ¹⁰ – Perguntaram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos?
- ¹¹ – Respondeu ele: O homem chamado Jesus fez lodo, untou-me os olhos e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui, lavei-me e estou vendo.
- Disseram-lhe, pois: Onde está ele? Respondeu: Não sei.
- ¹³ – Levaram, pois, aos fariseus o que dantes fora cego.
- ¹⁴ – E era sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos.
- ¹⁵ – Então, os fariseus, por sua vez, lhe perguntaram como chegara a ver; ao que lhes respondeu: Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e estou vendo.
- ¹⁶ – Por isso, alguns dos fariseus diziam: Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais? E houve dissensão entre eles.
- ¹⁷ – De novo, perguntaram ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? Que é profeta, respondeu ele.
- ¹⁸ – Não acreditaram os judeus que ele fora cego e que agora via, enquanto não lhe chamaram os pais
- ¹⁹ – e os interrogaram: É este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como, pois, vê agora?
- ²⁰ – Então, os pais responderam: Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego.
- ²¹ – Mas não sabemos como vê agora; ou quem lhe abriu os olhos também não sabemos. Perguntai a ele, idade tem; falará de si mesmo.
- ²² – Isto disseram seus pais porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que, se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga.
- Por isso, é que disseram os pais: Ele idade tem, interrogai-o.
- Então, chamaram, pela segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador.
- ²⁵ – Ele retrucou: Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo.
- ²⁶ – Perguntaram-lhe, pois: Que te fez ele? como te abriu os olhos?
- ²⁷ – Ele lhes respondeu: Já vo-lo disse, e não atendestes; por que quereis ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também tornar-vos seus discípulos?
- ²⁸ – Então, o injuriaram e lhe disseram: Discípulo dele és tu; mas nós somos discípulos de Moisés.
- ²⁹ – Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos donde é.
- ³⁰ – Respondeu-lhes o homem: Nisto é de estranhar que vós não saibais donde ele é, e, contudo, me abriu os olhos.
- ³¹ – Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende.
- ³² – [Desde que há mundo], jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença.
- Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito.
- Mas eles retrucaram: Tu és nascido todo em pecado e nos ensinas a nós? E o expulsaram.
- 8/12** A cura do cego de nascença aconteceu em segredo. Quando esse homem foi até o tanque de Siloé e se lavou, começou a ver. O “voltar” no v. 7 de forma alguma significa que ele retornou a Jesus e seus discípulos. Jesus prosseguiu seu caminho na sequência do v. 1. No v. 12 o curado assevera expressamente que ele não sabe onde está Jesus. Somente mais tarde ele volta a encontrar-se com Jesus (v. 35). Contudo, a cura não pode permanecer oculta. Vizinhos e conhecidos a notam e

comentam. **“Então, os vizinhos e os que dantes o conheciam de vista, como mendigo, perguntavam: Não é este o que estava assentado pedindo esmolas? Uns diziam: É ele. Outros: Não, mas se parece com ele.”** O evangelista volta a descrever pormenorizadamente a situação, deixando vários pronunciar expressamente a possibilidade de um equívoco. Contudo o próprio curado tão somente pode testemunhar diante dessas conversas: **“Sou eu.”** Naturalmente ele é interrogado agora pelo milagroso processo de sua cura e informa a respeito dela de modo sucinto e objetivo. A Jesus ele chama simplesmente “o homem chamado Jesus”. Somente mais tarde, no interrogatório perante os fariseus, somos informados que ele ainda assim teceu suas idéias a respeito de Jesus (v. 17, 31-33). Gostaríamos muito de ouvir algo a respeito do que ele vivenciou interiormente quando se lhe abriu o mundo totalmente desconhecido da luz e quando apareceu vivo e colorido diante dele o que antes apenas conseguia apalpar penosamente. Contudo, como sempre, a Bíblia denota uma continência extrema. Para ela são importantes os fatos, não experiências e sentimentos subjetivos.

- 13/15** Tampouco ouvimos algo de admiração e alegria por parte dos vizinhos. Será que a história toda até lhes parece sinistra e suspeita? **“Levaram, pois, aos fariseus o que dantes fora cego.”** Os fariseus eram para o povo algo como conselheiros espirituais oficiais. Assim como um leproso curado tinha de se mostrar aos sacerdotes, obtendo deles um parecer, assim os especialistas religiosos também deveriam decidir no presente caso como o milagre da cura deveria ser avaliado. Parece que no episódio também os vizinhos ficaram preocupados pelo fato de que a cura foi realizada num sábado. **“E era sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos.”** Contudo, a investigação dos fariseus de forma alguma se restringe a esse único ponto. Querem saber mais pormenores a respeito da própria cura. **“Então, os fariseus, por sua vez, lhe perguntaram como chegara a ver.”** A resposta do curado é agora mais sucinta e drástica que no diálogo com os vizinhos. **“Ao que lhes respondeu: Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e estou vendo.”**
- 16** Agora se comprova a importância de “fatos”. Sobre idéias e opiniões se pode debater infinitamente. Fatos não podem ser negados e obrigam a refletir. Assim, forma-se até entre os fariseus uma dissensão. Alguns novamente decretam sua sentença com rapidez: **“Então alguns dos fariseus diziam: Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado.”** Confirma-se o que expúnhamos em Jo 8.46 acerca de Jesus ser sem pecado. Para o olhar farisaico o “pecado” dele é flagrante: Jesus viola o sábado. Logo ele não “pode” ser de Deus. Não obstante, há também no grupo dos fariseus homens que não conseguem transpor os fatos de maneira tão simples. **“Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais?”** Outra vez manifesta-se um pouco daquele pensamento que estava por trás da pergunta dos discípulos no início da narrativa. A que “problemas” isso levava! Quem realiza uma cura milagrosa, afinal, deve ser devoto e de Deus. Contudo, uma pessoa que transgredir o mandamento do sábado não “pode” ser de Deus. **“E houve dissensão entre eles.”** Nessa discórdia os especialistas se dirigem ao “leigo” que experimentou a ação de Jesus em si, e o perguntam por sua impressão a respeito da pessoa de Jesus.
- 17** **“De novo, perguntaram ao cego: Que dizes tu a respeito dele, que te abriu os olhos?”** Talvez esperem que para o curado, assim como a seus vizinhos e conhecidos, Jesus tenha parecido de certa forma “sinistro”. **“Ele porém respondeu: Ele é um profeta.”** O curado decepçiona as expectativas. Apesar da magnitude do milagre ele não pensa numa condição messiânica de Jesus (v. 32!). Mas Jesus tem de ser um daqueles homens de Deus, dos quais até agora apenas se ouviu e leu de tempos antigos. Agora um “profeta” está vivo entre eles. Ao mesmo tempo notamos que na concepção de um “profeta” de forma alguma representava o traço dominante a capacidade de prever o futuro, mas sim a autorização por parte de Deus. Quem é capaz de a partir de Deus romper a vida comum, mediana, e realizar grandes feitos, esse é um “profeta”. Expressa-se aqui todo o anseio pela realidade e presença do Deus vivo em mensageiros de Deus especialmente eleitos.
- 18/21** Círculos mais amplos, porém, que novamente estão sendo chamados de “os judeus”, tentam evadir-se do conflito de forma bem mais simples. Todo o feito controvertido nem é verdadeiro. Basta examinar rigorosamente o caso e ficará claro que não aconteceu milagre algum. O curado aparentemente é um homem mais jovem. Será que ainda vivem familiares dele? Sim, até os pais ainda vivem. Logo é preciso inquirir os pais. **“Não acreditaram os judeus que ele fora cego e que agora via, enquanto não lhe chamaram os pais e os interrogaram: É este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como, pois, vê agora?”** Os pais, porém, apenas podem confirmar o fato de

que o jovem rapaz é seu filho, que nasceu cego e agora pode ver. Sobre a própria cura não sabem declarar nada. Como testemunhas corretas, apenas informam o que de fato sabem pessoalmente. No entanto, suas palavras enfatizam agora: **“Não sabemos como vê agora; ou quem lhe abriu os olhos também não sabemos.”** Evidentemente não querem envolver-se com essa questão. **“Perguntai a ele, idade tem; falará de si mesmo.”**

22/23 Sentimos toda a aversão de pessoas simples a ser envolvidas numa investigação dessas pelos grupos dominantes. O medo diante de incômodos predomina sobre a alegria pela cura de seu filho, a qual, no entanto, pode ter existido. Esse temor não é sem razão. **“Seus pais disseram isso porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que, se alguém confessasse ser Jesus o Messias, fosse expulso da sinagoga. Por isso, é que disseram os pais: Ele tem idade, interrogai-o.”** Nessa perseguição ainda não se trata de uma resolução oficial do Sinédrio. Apenas foi deliberado desse modo entre os grupos dirigentes. Portanto, não se mostra uma “contradição” com Jo 16.2, onde Jesus fala do “banimento” como uma medida do futuro. Sob a influência dos escribas e fariseus era possível que adeptos de Jesus fossem rapidamente expulsos de todas as sinagogas e, assim, colocados fora da lei, de modo que ninguém mais quisesse relacionar-se com eles. Simplesmente dependia da atitude do povo. Do comportamento dos pais depreende-se como eram eficazes tais ameaças. Em Jo 12.19 percebemos que de um modo geral os fariseus fracassaram em vista da atitude do povo. Também em Atos dos Apóstolos torna-se bem explícito como tudo depende da aprovação do povo. Em At 4.21; 5.26, em respeito ao povo, não podem ser tomadas quaisquer medidas sérias contra os apóstolos. Em At 7.56, porém, já não há mais empecilhos ao apedrejamento de Estêvão. E em At 12.1-3 Herodes pode matar o apóstolo Tiago e prender Pedro, por ser “agradável aos judeus” e porque a opinião geral se havia voltado contra a igreja.

24 Com os pais não é possível chegar a nada, eles se esquivam. Por isso acontece um segundo interrogatório do próprio cego de nascença. **“Então, chamaram, pela segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador.”** Novamente deparamo-nos com o veredicto seguro de homens que, como especialistas influentes, “sabem” tudo. Enfaticamente é dito: **“Nós sabemos”**. E se “nós” que, afinal, temos de saber, estamos prontos com nossa sentença, então um jovem “leigo” desses certamente precisa se submeter. E agora o interpelam em tom solene e bíblico, assim como no passado Josué se dirigiu a Acã (Js 7.19): **“Dá glória a Deus.”** A confissão da culpa é a única maneira como um pecador ainda pode honrar a Deus. Não deve pensar em si mesmo nem em seu destino, mas deixar Deus ser grande. Contudo, será que se importam com Deus, assim como para Josué realmente estava em jogo a glória de Deus? Não é na verdade sua própria honra, seu ódio contra Jesus, que os move? Esquecido foi o dissenso em suas próprias fileiras. Eles precisam ter razão contra Jesus. O curado tem de ser levado a uma confissão. São precisamente a insegurança interior e a má consciência que podem impelir ao fanatismo.

25/27 No entanto, o homem não se deixa envolver em nada. Não deseja discutir com eles sobre a avaliação teológica que fazem de Jesus. Os fatos, porém, estão claros para ele, não há o que pôr nem tirar. **“Ele retrucou: Se é pecador, não sei. Uma coisa sei: Eu era cego e agora vejo.”** Sem dúvida, isso nem mesmo os fariseus queriam negar, porém o que importa é o “como” da cura! Será que de fato não aconteceu feitiçaria? **“Perguntaram-lhe, pois: Que te fez ele? Como te abriu os olhos?”** O cego de nascença sente a inautenticidade dessa pergunta sempre de novo repetida. Não queriam saber realmente como tudo transcorreu. Tentam descobrir algo que combina com a visão deles a respeito do caso e que lhes proporciona um instrumento contra Jesus. Isso parece ser algo desprezível para o senso de retidão do rapaz. Ele se torna esquivo e até irônico. **“Ele lhes respondeu: Já vo-lo disse, e não atendestes. Por que quereis ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também tornar-vos seus discípulos?”**

Os fariseus percebem o constrangimento de sua situação e, em decorrência, tornam-se veementes. **“Então o xingaram e lhe disseram: Discípulo dele és tu. Mas nós somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos de onde ele é.”** Ofendidos, voltam-se contra a implicação de se tornarem discípulos desse Jesus. Com orgulho são **“discípulos de Moisés”**. Sentem-se abrigados na velha tradição. Moisés consta clara e inequivocamente na Bíblia. Como discípulo de Moisés se está num caminho seguro. Jesus, porém, arrasa toda essa segurança e destrói o fundamento sobre o qual edificaram sua vida e sua posição religiosa. Ademais, a respeito desse Jesus ninguém sabe **“de onde ele é”**. Não consegue “provar” com nada suas reivindicações impossíveis. Nós, porém, recordamos a palavra de Jesus em Jo 5.46. Se seus adversários “cressem” em Moisés, se

verdadeiramente fossem entregues à palavra de Moisés e de fato quisessem cumprir a vontade de Deus (Jo 17.7), então também teriam ouvidos e coração abertos para Jesus e reconheceriam nele a presença própria e auxiliadora de Deus entre eles. Novamente aflora toda a profundidade do conflito. Aquilo que se contrapõe a Jesus é “devoção” ardorosa que se reporta a uma autoridade antiga e sagrada.

30/33 Para o leigo simples, porém, importam os meros fatos. Esses ele não deixa desfazer. Afinal, foi curado de forma inaudita por Jesus. Isso é tão certo quanto o “saber” daqueles que o estão interrogando e xingando aqui. “Ele se admira” sobre o não-saber desses “sabedores”. **“Respondelhes o homem: Nisto é de estranhar que vós não saibais de onde ele é, e, contudo, me abriu os olhos.”** Ele atinge os adversários de Jesus precisamente no ponto crítico. Será que realmente ignoram “de onde Jesus é”? Será que Jesus não trouxe “provas” de seu envio? Um líder em suas próprias fileiras dissera, igualmente começando com um “nós sabemos” (Jo 3.2): “Ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.” Será que eles, teólogos eruditos, não são capazes de “saber” o que ele, o simples “leigo”, está vendo tão nitidamente diante de si? Se eles se apegam aos fatos do passado, ao falar de Deus com Moisés no Sinai, por que passam de largo dos fatos de hoje? E agora ele também lhes contrapõe um “saber”. **“Sabemos que Deus não atende a pecadores. Mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende. Jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença.”** E agora ele consegue tirar conclusões teológicas tão bem quanto eles, contrapondo à sentença deles sobre Jesus a sua: **“Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer.”**

34 Agora somente resta aos fariseus xingar e recorrer à violência. **“Mas eles retrucaram: Tu és nascido todo em pecado e nos ensinas a nós? E o expulsaram.”** Remetem ao mesmo pensamento que encontramos no início do capítulo também nos discípulos de Jesus. Se esse homem nasceu cego, então deve ser um pecador muito especial e **“nascido todo em pecado”**. Não dispõem de concepções mais claras de como isso poderia ser possível, mas tampouco precisam delas. Porém estão indignados porque um pecador desses tenta “ensinar” a eles, os “justos”, os mestres de Israel. E agora põem em prática o que já haviam decidido entre si, apesar de que o curado ainda nem sequer considerava Jesus como Messias: **“E o expulsaram.”** Primeiramente isso significa expulsá-lo do recinto em que eles conversaram com o curado. No entanto esse “Para fora! Acabamos contigo!” acompanha esse homem jovem como uma mácula. Não pode mostrar-se em lugar algum em que estiverem fariseus e escribas. Ele, que como testemunho da graça e glória misericordiosa de Deus deveria tornar-se motivo de louvor a Deus, tornou-se, pela cegueira dos adversários de Jesus, alguém que cada pessoa “devota” rejeitava e evitava.

POR MEIO DE JESUS QUEM É CEGO PASSA A VER E QUEM VÊ TORNA-SE CEGO – João 9.35-41

³⁵ – Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou: **Crês tu no Filho do Homem?**

³⁶ – Ele respondeu e disse: **Quem é, Senhor, para que eu nele creia?**

³⁷ – E Jesus lhe disse: **Já o tens visto, e é o que fala contigo.**

– Então, afirmou ele: **Creio, Senhor; e o adorou.**

– Prosseguiu Jesus: **Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos.**

⁴⁰ – Alguns dentre os fariseus que estavam perto dele perguntaram-lhe: **Acaso, também nós somos cegos? x**

– Respondelhes Jesus: **Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado!**

35/38 Jesus “ouve” a respeito do destino do homem que curou. A princípio não é dito o que ele pensa a respeito. Mas depois ele o “encontra”. O termo grego “encontrar” pode ser, como nossa palavra achar, um encontrar após busca expressa, ou também um deparar-se sem ter procurado. No entanto, podemos imaginar muito bem que justamente nessa situação de expulsão Jesus não solta esse homem, ao qual se dedicou, mas que se lembra dele conscientemente. Se ele ouviu a respeito de sua exclusão da sinagoga, ele também sabe acerca do corajoso testemunho e da fé crescente desse homem. Inicialmente sua fé era a obediência singela e confiante diante de uma instrução concreta de

Jesus. Agora, na aflição e sob as perguntas constrangedoras dos adversários essa fé se torna com clareza cada vez maior um reconhecimento confiante da pessoa do próprio Jesus. Jesus é um profeta. Jesus é sem pecado. Jesus está ligado a Deus de forma especial, Jesus é “de Deus”. Agora Jesus visa levar essa fé à maturidade plena. **“Jesus ouviu que o tinham expulsado, e encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem?”**

Evidentemente Jesus pressupõe que o cego de nascença saiba a respeito do **“Filho do Homem”** conforme Daniel 7. Contudo, da mesma forma pressupõe que ele compreenda o que significa a palavra “crer”. Saber a respeito do Filho do Homem de acordo com Dn 7, sim, até esperar que um dia virá esse Filho do Homem, isso ainda não é “crer no Filho do Homem”. Nesse sentido também os fariseus e escribas “creram no Filho do Homem”. Contudo, no curado aconteceu algo diferente. Ele já teve um encontro com o Filho do Homem, confiou nele e lhe obedeceu, experimentou seu poder salvador. Na pergunta com a ênfase saliente no “tu” já reside uma promessa de Jesus. Tu, com tudo que experimentaste, tu já crês no Filho do Homem. Basta cair um último véu, tão somente tens de reconhecer em quem já estás crendo. Por consequência, também haverá na contra-pergunta do curado mais conotações que nós imaginamos no primeiro instante. Será que ele de fato pensa que o “Filho do Homem” é uma pessoa bem diferente, em cuja direção Jesus apenas queria dirigi-lo agora? **“Quem é, Senhor, para que eu nele creia?”** Porventura não reside nisso já o pedido: Senhor, se fores mesmo o esperado “Filho do Homem”, dize-o, para que eu venha a crer com toda a clareza? Então Jesus concede a esse homem simples – da mesma forma como anteriormente à mulher samaritana – a revelação direta que ele não pode conceder assim aos fariseus e escribas. **“E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e o que fala contigo, este é ele.”** Somente agora fica evidente com que profundidade e glória foi concedida ao curado a “visão”. O que era cego desde o nascimento “vê” o Filho do Homem, o Salvador e Consumador do mundo, que os outros, os “sabedores” e que supostamente “vêem”, não são capazes de reconhecer. Aqui no “sinal” da cura do cego está descrito o surgimento da fé de acordo com sua essência. Todo ser humano é “cego de nascença” para a verdade de Deus. Em cada um precisa acontecer o milagre da cura da cegueira, para que possa chegar à fé verdadeira e viva. Então, porém, o fiel “vê” a “sua glória” (Jo 1.14!) e sabe que aquele que fala com ele **“o é”** (Jo 8.24!).

Jesus formula no pretérito perfeito: **“Tu o tens visto.”** Tu o viste – para sempre. Esse “ter visto” constitui agora o fundamento de tua vida, até que “hás de vê-lo como ele é” (1Jo 3.2). Entrementes, porém, ele é sempre de novo “o que fala contigo”. Sempre de maneira nova hás de experimentar: **“E o que fala contigo este é ele.”** O próprio Jesus é o “Filho do Homem” visionado por Daniel.

Agora a fé rompe com toda a clareza: **“Então afirmou ele: Creio, Senhor! E prostrou-se diante dele.”** Fé verdadeira tem um saber muito definido de si mesmo, motivo pelo qual pode testemunhar conscientemente: **“Creio”**. E fé verdadeira em Jesus torna-se necessariamente adoração a Jesus. O curado **“prostrou-se diante dele”**. Aqui havia não somente confiança na boa pessoa que o ajudou. Aqui tampouco havia reverência perante um “profeta”, um enviado de Deus. Aqui foi reconhecido em Jesus aquele que “estava no princípio junto de Deus e era Deus por espécie”. Que visão maravilhosa o cego adquiriu! Agora existe diante de Jesus apenas uma atitude: prostrar-se diante dele. Se um dos fariseus o tivesse visto: Jesus tolera que seja adorado como Deus! No entanto, é precisamente essa a decisão, rumo à qual Jesus avançou com cada uma de suas palavras “Eu sou”. Diante de Jesus existem apenas as opções de adorá-lo ou de amaldiçoá-lo como blasfemo.

- 39** Agora Jesus deixa notar como ele próprio vivencia tudo isso. Os grupos dirigentes do povo de Deus, os teólogos, que presumem conhecer Deus de maneira especial, rejeitam Jesus completamente. Sim, odeiam-no e visam matá-lo. Uma pessoa simples, infeliz, cega desde o nascimento, ajoelha-se diante dele e apreende nele “o Filho do Homem”. Que está acontecendo nesse ato? Que significa tudo isso? **“E Jesus falou: Para o juízo eu vim a este mundo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos.”** Isso soa como se o próprio Jesus estivesse pasmo diante daquilo que os fatos evidenciam. O que está acontecendo não foi intenção dele. Ele sabia que era enviado por Deus para salvar o mundo (Jo 3.17). Agora ele precisa constatar: **“Para o juízo eu vim a este mundo.”** “Para juízo” foi escolhido no original um termo que caracteriza o juízo como realizado e concluído. Veio a suceder o que fora prenunciado em Jo 3.19. Não é propriamente Jesus que executa o juízo, ele se processa justamente face ao Salvador Jesus como uma realidade factual que o próprio Jesus tão somente consegue registrar comovido. O agir salvador de Jesus alcança seu alvo. Cegos vêem, não apenas fisicamente, mas interiormente e essencialmente. A esse cego de nascença

não foi concedido apenas a luz do olhar, mas também a “verdadeira luz”, a luz da vida eterna. Ao mesmo tempo, porém, pessoas que vêem se tornam cegas. Onde mais em todo o mundo ainda haveria os que “vêem”, que conhecem a verdade de Deus, se não forem “os judeus”, e entre eles singularmente aqueles que estudam a Bíblia dia e noite e tentam regulamentar rigorosamente a vida de acordo com os mandamentos de Deus? No entanto, justamente a esses que “vêem” Jesus precisa vê-los dia após dia ficar terrivelmente mais cegos. Também nós caracterizamos esse processo com um termo que é derivado de “cego”: Fariseus e escribas ficam cada vez mais “obcecados”. São cegos para Deus, cegos para Jesus, cegos para si mesmos.

40/41 Jesus precisa explicar toda a gravidade do evento àqueles de cuja obcecação faz parte que não conseguem mais notar a obcecação! **“Alguns dentre os fariseus que estavam perto dele perguntaram-lhe: Acaso, também nós somos cegos?”**. Aham que são pessoas que “vêem” tão bem, que estão tão em ordem, que não conseguem conceber que Jesus também está se referindo a eles. No entanto, ao mesmo tempo suspeitam que Jesus os estaria atacando outra vez. **“Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado!”** Essa palavra de Jesus revela mais uma vez a situação em que os adversários de Jesus se encontram. Realmente são “cegos” para ele. Não vêem a verdade dele. Combatem com convicção e ardor. Contudo, precisamente essa já não é a simples “cegueira” natural que é ingênua. Uma “cegueira” dessas seria uma atenuante e ainda não o pecado da incredulidade. Ainda podem ser curados como o cego de nascença. Porém sua “cegueira” não é assim. Tornaram-se “cegos” após sua rebelião culposa contra a palavra de Jesus. São cegos pelo fato de que amam as trevas mais que a luz e resistem contra a luz de Deus que irrompe em Jesus, apegando-se com veemência cada vez mais intensa às trevas. Se forem orgulhosos de seu “ver” religioso e se comportam justamente na rejeição de Jesus como os que vêem e sabem – ainda repercute em nossos ouvidos seu “nós sabemos, nós sabemos” – então eles próprios se tornam culpáveis. “De olhos abertos não vêem” foi a acusação de Deus contra seu povo por meio de Isaías e simultaneamente foi a ameaça de que se empedernirão cada vez mais (Is 6.9s; Mt 13.13). Ser orgulhoso de que se está vendo, apesar da cegueira e obcecação totais e julgar a partir desse pretensão ver, rejeitando a luz vinda de Deus como trevas, isso é ao mesmo tempo pecado e castigo pelo pecado.

JESUS TESTEMUNHA SEU ENVIO COM ILUSTRAÇÕES DA VIDA PASTORIL – João 10.1-21

- ¹ – **Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador.**
- ² – **Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas.**
 - **Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora.**
- ⁴ – **Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz.**
- ⁵ – **Mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.**
- ⁶ – **Jesus lhes propôs esta parábola, mas eles não compreenderam o sentido daquilo que lhes falava.**
- ⁷ – **Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.**
 - **Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não lhes deram ouvido.**
- ⁹ – **Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem.**
 - **O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.**
- ¹¹ – **Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.**
- ¹² – **O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebatou e dispersa.**
 - **O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas.**
- ¹⁴ – **Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim,**
 - **assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.**

- ¹⁶ – Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.
- ¹⁷ – Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir.
- ¹⁸ – Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.
- ¹⁹ – Por causa dessas palavras, rompeu nova dissensão entre os judeus.
- ²⁰ – Muitos deles diziam: Ele tem demônio e enlouqueceu; por que o ouvis?
- Outros diziam: Este modo de falar não é de endemoninhado; pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?

1-3 É bom que o capítulo 10, o mais conhecido e predileto de todo o livro, comece desde logo com uma frase contundente e áspera. **“Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador.”** De imediato percebemos que diante de todas as figuras da vida pastoril não precisamos esperar algo idílico, uma formosa descrição para horas edificantes. O cap. 10 dá prosseguimento à dura luta que a partir do cap. 5 recrudescera cada vez mais e no final do cap. 8 quase já levou ao apedrejamento. Também no cap. 10 o tema do autotestemunho de Jesus é o envio de Jesus e sua singular autoridade e magnitude. E esse testemunho de Jesus constitui também aqui necessariamente um simultâneo ataque aos líderes que o povo teve até então.

Para compreender o trecho todo precisamos ter em mente a imagem da produção pecuária daquele tempo. Não existia um sistema de estábulos e pastagens como nós o conhecemos. Ovelhas de diversos proprietários (conforme o v. 12 são eles os verdadeiros “pastores”) eram mantidos a céu aberto em “pátios”, ou seja, em locais murados. Ao pátio dava acesso um portão, que era vigiado por um “porteiro”, sobretudo à noite. Do pátio os animais eram conduzidos para fora pelo proprietário e “pastor” ou também por um “empregado”, um servo remunerado, para procurar seu alimento nas terras da região. O importante era que o pastor encontrasse para suas ovelhas boas pastagens e sobretudo a imprescindível água (Sl 23!). Na área montanhosa as ovelhas, que são indefesas, estão expostas aos ataques de animais selvagens, do leão montês, do urso e do lobo. O pastor tinha de estar disposto a lutar por suas ovelhas empenhando a própria vida. Davi descreve de forma plástica, em 1Sm 14.34-37, essa vida de pastor, que tem aspectos completamente diferentes do que nós conhecemos a partir de gravuras tranqüilas e pacatas de pastores.

Com base na situação daquela época torna-se compreensível a ilustração trazida por Jesus. Quem não entra até as ovelhas junto ao porteiro que abre o portão, mas salta até o pátio num lugar qualquer por sobre o muro, é uma pessoa de más intenções. Sua intenção é furtar e roubar. **“Quem entra pela porta”** não é pessoa não autorizada, **“esse é um pastor das ovelhas”**. **“Para esse o porteiro abre.”** Afinal, conhece-o como proprietário de ovelhas no pátio interno.

O “pastor” chegou ao pátio interno. Contudo, encontram-se ali ovelhas de diversos proprietários. Como o pastor descobrirá agora as suas ovelhas? Isso se dá por um modo surpreendente, que a princípio soa improvável, mas que hoje pode ser presenciado de forma idêntica: **“E as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora.”** O proprietário conhece seus animais no meio dos demais e conhece e ama a cada uma delas. Inversamente, essas ovelhas conhecem seu pastor e o seguem.

4/5 Agora, depois de conduzidas para fora do aprisco, começa o verdadeiro serviço pastoril. **“Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz.”** Constitui uma realidade peculiar que um animal conhece justamente **“a voz”** de sua propriedade. E esse **“conhecer”** jamais é mera constatação de fatos: “esse é meu Senhor”, mas é sempre ao mesmo tempo uma confiança que se entrega esperançosa e obedientemente ao pastor. Foram vencidos o medo e a desconfiança natural do animal que imediatamente afloram diante de um “estranho”. **“Mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.”**

6 A palavra de Jesus é uma autêntica parábola, como ocorre múltiplas vezes nos sinóticos. Nela são relatados acontecimentos reais da vida, sem qualquer “explicação”. O ouvinte deve reconhecer ele próprio como ele está presente nessa metáfora da vida e o que ela lhe tem a dizer. Essa “compreensão” fundamental da parábola não depende da capacidade intelectual do ouvinte, mas do olhar interior para a própria situação da pessoa que está retratada de forma elucidativa na parábola. Por essa razão, os discípulos de Jesus também podiam ficar perplexos diante de uma “parábola”

dessas (cf., p. ex., Mc 4.1-10; 10.13-16). Consequentemente, não nos admiramos de que os dirigentes do povo, aos quais Jesus está falando, não sabem o que fazer com essa figura da vida pastoril. Afinal, são “cegos para Deus, cegos para Jesus, cego para si próprios” (p. 242). **“Jesus lhes propôs esta parábola, mas eles não compreenderam o sentido daquilo que lhes falava.”**

Certamente a vida pastoril era bem mais conhecida e familiar para os israelitas, ainda que vivessem em Jerusalém, do que para nós hoje. Das mais diversas maneiras o AT havia feito uso da parábola do pastor. O Salmo 23 deve ter sido tão predileto naquele tempo quanto hoje, sendo ademais entendido de forma mais genuína e direta. A grande promessa de Is 40.11 tinha de soar nos ouvidos de todo conhecedor da Escritura: “Como pastor, apascentará o seu rebanho.” Isaías (Is 1.3) havia exposto ao povo surdo, para envergonhá-lo, o boi e o jumento que “conhecem” seu senhor. A aflição de Israel era retratada na figura das “ovelhas sem pastor” (1Rs 22.17; Is 13.14; 53.6; Zc 10.2). Por essa razão, porém, Deus também havia caracterizado em tom ameaçador o fracasso dos círculos dirigentes em Israel na figura dos pastores infiéis, imprestáveis e maus (Jr 2.8; 10.21; Ez 34.1-10; Zc 11.4-6). Em vista desse terrível fracasso, que deixa Israel sucumbir miseravelmente, Deus havia prometido cuidar pessoalmente de seu rebanho, ser ele próprio o Pastor e dar-lhe pastores dignos (Jr 3.15; Ez 34.11-16; Ez 34.23; Mq 5.3), como no passado Moisés (Sl 77.21; Is 63.11) e Davi (Sl 78.70-72; Ez 37.24) haviam sido os bons pastores de Deus para Israel.

Em decorrência, justamente escribas e fariseus tinham todas as possibilidades de entender Jesus. Contudo, como esclarecemos no exposto em relação ao cap. 8, nosso “ouvir” e entender não depende de nossa percepção geral, mas predominantemente de nossa atitude interior. Involuntariamente nosso “ouvir” é dirigido, como nosso “pensar”, a partir de nosso eu. A primeira frase, porém, estava atacando o eu dos ouvintes. Como? Eles, os dirigentes e protetores vocacionados e altamente respeitados do povo teriam subido sobre o muro como “ladrões e salteadores”? Isso representava para eles um pensamento tão terrível que desde já negaram à parábola de Jesus o acesso ao seu coração. Se alguém não passou pela porta de uma sólida formação prévia e autorização oficial, mas entrou de algum outro lugar, então era precisamente esse Jesus em pessoa. Ele penetrou em Israel “sem autorização” e havia tentado apoderar-se do domínio de forma revoltante e negado qualquer “prova” de sua autoridade (Jo 2.18). Mais uma vez explicita-se todo o contraste intransponível entre Jesus e os círculos dirigentes de Israel.

7/8 Em vista disso Jesus também não tenta um entendimento, mas fornece com extrema aspereza e com um novo autotestemunho radical uma explicação de sua figuração. **“Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores.”** Novamente a palavra dita por Jesus é uma palavra “Eu sou”. Dessa vez, no entanto, ela está relacionada de forma singularmente concreta com a existência de Israel, o “rebanho” de Deus. Numa metáfora ousada Jesus se denomina de **“porta”**, como o único acesso legítimo e real ao pátio em que o rebanho de Deus está reunido. Em sentido rigoroso, é somente através de Jesus que a pessoa chega de fato e legitimamente até o povo de Deus. Quem simplesmente se aproxima do povo de Deus a partir de si próprio, e sem passar por Jesus, é igual ao homem que sobe pelo muro para dentro do pátio das ovelhas. Nessa ação, tão somente pode ter objetivos egoístas, e necessariamente é um **“ladrão”** e **“assaltante”**.

Ao falar daqueles que **“vieram antes de mim”** Jesus de forma algum estaria se referindo a João Batista, a quem sempre honrou como emissário de Deus e que com seu poderoso testemunho de Jesus de fato entrou “pela porta” até Israel. Também os profetas obviamente não são objeto da condenação de Jesus. Eles falavam conforme o Espírito de Cristo (1Pe 1.11), chegando portanto às ovelhas também “pela porta” ou pelo menos conduzindo as ovelhas até “a porta”. No entanto, com Malaquias (por volta de 450 a. C.) o profetismo silencia. Cada vez mais são os escribas e fariseus que assumem a direção espiritual de Israel. E sobre eles Jesus profere a dura sentença: Não entraram pela porta, mas conduziram o povo de Deus de forma autocrática e egoísta, razão pela qual são iguais a ladrões e assaltantes. Jesus retoma a condenação dos profetas sobre os “pastores” irresponsáveis de Israel (Jr 2.8; 10.21; Ez 34.1-10; Zc 11.4-6) e agora a aplica aos grupos influentes de Jerusalém, contra os quais está lutando.

Constitui uma realidade sinistra que podemos estar trabalhando com dinamismo na igreja de Deus, sentir-nos com muita autoconsciência como “pastores” e apesar disso ser na verdade “ladrões e assaltantes”. Somente através de Jesus como a “porta” chegamos verdadeira e corretamente até as ovelhas. Porém, a “porta” não é uma doutrina sobre Jesus, por mais acertada que seja. O próprio

Jesus em pessoa, em sua essência, em seu corpo é “a porta”. **“Eu sou a porta até as ovelhas.”** Temos de entrar no próprio Jesus, viver em Jesus, ter “comido” Jesus (Jo 6.57) e “bebido” dele (Jo 4.14; 7.37), para realmente chegar, através dele como porta, às ovelhas. Em Jesus decide-se quem é um bom pastor. Quando não existe esse relacionamento com Jesus, necessariamente outros motivos – talvez profundamente escondidos e justamente por isso tão perigosos – precisam determinar a atuação na igreja e transformar uma pessoa em “ladra”, a qual somente visa viver das ovelhas. Os **“ladrões”** na igreja privam as ovelhas da vida eterna por razões egoístas.

A partir da ilustração, Jesus acrescenta: **“Mas as ovelhas não lhes deram ouvido.”** Notamos toda a dificuldade da polêmica que Jesus tem de sustentar. Porque o que está dizendo inicialmente de forma alguma pode ser visto com clareza. Pelo contrário! Não é justamente Jesus que não é compreendido nem ouvido pelos círculos mais amplos? Não se afastaram dele muitos, inclusive partes do grupo de seus discípulos, de sorte que teve de perguntar até aos Doze: “Porventura vocês também querem se retirar?” [Jo 6.67]. Não continuam os fariseus e escribas em alta consideração? Em todo lugar as pessoas não “ouvem” o que eles têm a dizer? Não obstante, a declaração de Jesus reveste-se de profunda verdade, motivo pelo qual é comprovada até hoje. Apesar de toda a fama e popularidade de “fariseus e escribas” eles jamais atingem de fato o mais íntimo dos seres humanos. Nunca acontece através deles que “os mortos” ouvem a voz do Filho de Deus e alcançam a vida. Nunca as pessoas de fato se abrem para eles em suas verdadeiras aflições e perguntas. Porém, quando pessoas chegam aos outros “através de Jesus”, ainda que tenham seus defeitos e suas fraquezas, então os corações ficam atentos, então eles se abrem, então “ouvem”, então acontecem os milagres do avivamento e da salvação.

- 9 Por isso Jesus inverte agora a figura, olhando para os indivíduos que precisam vir da morte para a vida. **“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo.”** Jesus é o único acesso legítimo não apenas para os que desejam servir na congregação de Deus. Ele o é porque ele representa diretamente para cada pessoa a única porta para a salvação. Fazemos parte da multidão dos salvos, que pertencem a Deus, sendo membros na igreja de Deus, unicamente através da “porta” que é o próprio Jesus. Não é o nascimento, nem o costume e a tradição, tampouco um sacramento em si, também não é o “ter crescido na igreja” que nos torna membros da comunhão dos redimidos. É bem verdade que pode haver muitos caminhos pelos quais uma pessoa chega diante da porta. Não pretendemos menosprezar nada que pode chamar a atenção de pessoas para Jesus. A multiformidade e originalidade das histórias preparatórias de Deus sempre de novo são admiráveis. A partir daí, porém, não existe uma multiplicidade de portas para a vida. Existe somente uma porta. Somente podemos passar pelo próprio Jesus e pelo relacionamento pessoal com ele.

No entanto, Jesus não é apenas a “porta” para a salvação, para o início da nova vida. Continua sendo essa porta permanentemente na vida dos salvos. Quem foi redimido por Jesus **“entrará, e sairá, e achará pastagem”**. Pelo renascimento não nos tornamos pessoas autônomas que possuem em si mesmas tudo de que precisam, podendo por isso viver por si próprias. Não, assim como as ovelhas têm de sair diariamente pela porta, para **“achar pastagem”**, assim acontece com cada pessoa salva durante a vida toda, por mais velha que possa tornar-se. Também não existe “pastagem” que possa ser encontrada e usufruída por nós independentemente de Jesus. Sempre o “achar pastagem” é possível apenas por intermédio de Jesus.

- 10 A partir dessa realidade da vida espiritual, que pode ser experimentada sempre de novo, torna-se mais uma vez explícita toda a contradição entre Jesus e os falsos líderes de Israel (e na igreja de todos os tempos!). Trata-se do contraste na mais íntima orientação da vida. **“O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir.”** Incessantemente o serviço na igreja é ameaçado pela distorção de que nele se busque a própria honra, a própria vantagem, e que para isso se explorem as “ovelhas”. A vida das ovelhas não interessa. Elas que se percam, desde que o “pastor” progrida. Na vinda de Jesus, porém, e em seu serviço o interesse dirige-se exclusivamente às ovelhas e à vida delas. Jesus não busca nada para si próprio. Que mais, afinal, haveria de buscar, que como “Filho” já não possuísse? De antemão sua “vinda” já é renúncia e entrega em relação a si mesmo. Porém traz a vida aos outros. **“Eu vim para que tenham vida e tenham abundância.”** Diante de Jesus ninguém precisa temer, como se ele quisesse nos “tirar” e “roubar” algo. Sua obra é unicamente dar. O que ele dá é “vida”, vida real e significativa. E não a concede de forma minguada e precária. Não lhe basta que os seus tenham um pouco de vida mediana. Não, devem “ter abundância”. Quantas vezes cumpriu-se

também essa palavra de Jesus no decurso dos séculos em incontáveis pessoas de todos os tipos e em todas as situações de vida!

- 11** Na sequência, a explicação da parábola volta-se da “porta” para o próprio “pastor”. Novamente ressoa o poderoso autotestemunho de Jesus: **“Eu sou o pastor, o bom.”** Com uma longa e dolorosa paciência Deus havia observado os pastores incompetentes, sim os maus pastores, negligenciar e destruir seu povo. Ele havia prometido que cuidaria pessoalmente de seu rebanho. Agora ele o cumpre. Chegou ele, o único, o verdadeiro **“bom”** pastor. Jesus afirma: **“Eu sou”** aquele para o qual apontam todas as profecias do bom pastor. **“Eu sou”** aquele em quem se concretiza definitivamente a figura do pastor, a antiga metáfora do reinado em Israel. Em mim se cumpriu Ezequiel 34.11-16 e Isaías 40.11. Que terrível cegueira, quando os dirigentes de Israel não reconhecem isso, repudiando esse cumprimento das promessas de Deus!

O **“bom pastor”** possui uma única marca incondicional. **“O bom pastor empenha a sua alma pelas ovelhas.”** A vida dos “ladrões e assaltantes” é regida pela regra do ser natural: “Para nós mesmos.” Sobre a vida de Jesus brilha a poderosa palavra “pelas ovelhas”. Por que o Verbo eterno abandonou o lugar junto do Pai na glória? Por que o Verbo se tornou “carne” e partilhou toda a nossa existência? Por que o *Logos* se torna o Servo de Deus, que sofre, verte sangue e morre? Há somente uma resposta: Pelas ovelhas, por nós! Ao ouvi-lo, acostumamo-nos com a formulação: “O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.” Nessa forma a palavra é mantida também por traduções mais recentes. Igualmente está correto que o termo hebraico *“néphesh”*, em grego *“psyché”*, não se refere à “alma” em sentido dogmático ou filosófico restrito, mas visa designar a “vitalidade” de um ser, motivo pelo qual também pode ser traduzida por “vida”. Por outro lado, porém, não constam aqui, para a palavra “vida”, nem *“bios”* nem *“zoé”*, como o leitor é levado a supor pela tradução usual. A verdade é que o texto grego traz *“psyché”* = “alma”. Contudo, também para o conteúdo da afirmação a tradução não é indiferente. “Dar a vida” evoca de forma unilateral, essencialmente passiva, apenas o morrer. Então parece que Jesus teria sido esse bom pastor apenas nas horas de sua morte. No entanto, quando João exorta em 1Jo 3.16 que nós também devemos “dar a vida pelos irmãos”, ele com certeza não pensou que todos os cristãos devem morrer reciprocamente uns pelos outros. Ele se refere ao “empenho da vida” toda, o engajamento de toda a “alma”, que deve e pode acontecer sem cessar em nossa convivência no amor. Foi assim que também E. M. Arndt compreendeu a palavra, acolhendo-a numa tradução literal em seu hino: “Quem toda a alma empenhou, receberá a coroa.” Para um empenho desses a morte pode ser a consumação extrema. É isso que acontece com o “bom pastor” Jesus em sua morte na cruz. Contudo, o empenho de sua alma significa incessantemente toda a sua vida e atuação. O empenho de sua vida pelas ovelhas acontece precisamente também na acalorada luta que ele está travando agora diante de nossos olhos em favor das ovelhas mal-dirigidas contra seus sedutores, contra esses “ladrões e assaltantes”.

- 12/13** Para esclarecer, Jesus contrapõe ao verdadeiro **“pastor”** a figura oposta do mero **“assalariado”**. Estamos acostumados ao termo “mercenário”, que por causa de experiências dolorosas com imprestáveis e covardes pastores da igreja de Jesus possui uma conotação pejorativa e depreciativa. Jesus, porém, usa uma expressão bem neutra, e cumpre que a ouçamos como descrição objetiva. O *“misthotos”* é o **“assalariado”**, uma pessoa que por determinado salário realiza determinado trabalho. Em decorrência, ele também pode ser contratado como “assalariado” para pastorear as ovelhas. As ovelhas não lhe pertencem, não possui um interesse real por elas. Cuida delas como é seu dever, mas não se considera obrigado a empenhar sua vida. Quando a fera se aproxima, ele abandona as ovelhas e salva a sua vida. Quem o criticaria por isso? Deveria ele arriscar seus membros sadios ou sua vida por um parco salário diário e por animais de outros? **“O assalariado, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge – e o lobo as arrebatou e dispersa – porque é mercenário e não se importa com as ovelhas.”**

É claro, embora não se possa criticar um assalariado por um comportamento desses, para as ovelhas é maléfico estar entregues meramente a um empregado contratado que as abandona no perigo. E se aquele que se deixou convocar para “pastor” passa a agir como mero assalariado, então o atinge com razão toda a condenação. Temos diante de nós uma autêntica parábola. Uma “parábola” não é uma “alegoria”. Por isso não é preciso explicar cada um de seus aspectos em particular. A chegada do lobo inicialmente descreve tão somente a ameaça ao rebanho. Contudo, podem estar caracterizadas por meio dele todas as ameaças externas e internas à igreja. Por isso também Paulo fala de inimigos humanos da igreja como de “lobos”. Por isso tampouco devemos em absoluto pensar

apenas em perseguições externas em que o “**assalariado foge**”. Ele também pode ficar observando sem reação distúrbios na igreja por heresias, porque ele teme as agruras e dores da luta e não quer arriscar seu renome teológico. Até pode realizar seu serviço na igreja a contento, mas ele não deixa de se igualar ao “assalariado”, que cumpre toda a sua obrigação, mas que no fundo não se importa com suas ovelhas e se esquia da luta e do perigo. É preciso compreender a ilustração em forma bastante ampla, para que realmente nos confronte de modo ameaçador e exortador.

Em última análise, porém, dentro e por trás de tudo isso o verdadeiro “lobo” é Satanás, que “**arrebata e dispersa as ovelhas**”. Por isso, em Jo 8.44, Jesus viu, por trás dos “ladrões e assaltantes” que haviam penetrado em Israel, o diabo como seu “pai”, cujos “desejos” eles cumprem. A última e decisiva incumbência do “bom pastor” é salvar as ovelhas diante desse “lobo”. Toda a vida, atuação, sofrimento e morte de Jesus é uma luta contra Satanás e a vitória sobre ele. Foi assim que o mesmo João que aqui nos relata acerca de Jesus, mais tarde expressou como princípio: “Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (1Jo 3.8).

14/15 Mais uma vez Jesus testifica “**Eu sou o bom pastor**”. Agora, porém, ele ressalta na figura do pastor um aspecto que já era central na descrição dos v. 2-5: O “conhecer” recíproco entre o pastor e suas ovelhas. “**E conheço as [ovelhas] a mim pertencentes, e as [ovelhas] a mim pertencentes me conhecem.**” Enquanto inicialmente se salientava na ilustração o reconhecimento da “voz” e o “seguir” confiante, agora é mostrado que por trás desse “ouvir” e “seguir” está um “conhecer” muito profundo. A parábola de Jesus refere-se a acontecimentos que de fato ocorrem entre o pastor e suas ovelhas. Nesse ponto, porém, a descrição do “conhecer” mútuo entre o pastor e as ovelhas a ele pertencentes extrapola a parábola, mostrando-nos uma realidade que não pode mais ser captada com comparações terrenas. Porque esse “conhecer” é tão profundo que Jesus o precisa comparar com seu próprio relacionamento com o Pai. Jesus e suas ovelhas se conhecem mutuamente “**como o Pai me conhece a mim e eu conheço o Pai**”. O próprio Jesus confirma agora para nós o que arriscamos afirmar já no comentário a Jo 5.19, de que em nossa vida com nosso Senhor se repete para nós exemplarmente o que constatamos na comunhão entre Filho e Pai maravilhosamente como sendo a essência da comunhão interior propriamente dita. Realmente é assim que Jesus nos conhece “**assim como o Pai o conhece**”. Será isso possível? Será que o fato de Jesus “conhecer” as pessoas não levará àquela reserva contra nós que se salientou claramente em Jo 2.24s? Sim, será que quando Jesus conhece minha natureza pervertida isso não precisa resultar em ojeriza, ira e rejeição? Contudo, Jesus já havia prometido em Jo 6.37 que ele não expulsaria ninguém que viesse até ele. Quem se torna um dos “a ele pertencentes” por meio da fé, a esse ele “conhece” de uma forma inconcebível para nós, porém abençoada, de consertar em amor, até que um dia alcance o alvo em nossa igualdade com ele (1Jo 3.2; Rm 8.29). Mais tarde, nas últimas conversas com seus discípulos, ele confirmará expressamente que esse seu “conhecer” é “amar”: “Como o Pai me amou, também eu vos ameí” (Jo 15.9). Por isso, e unicamente por isso também nosso “conhecimento” de Jesus pode ser análogo ao conhecimento que Jesus tem do Pai: “**As [ovelhas] a mim pertencentes me conhecem... assim como eu conheço o Pai.**” Jamais o “conheceríamos”, se ele não nos tivesse conhecido primeiro e “amado primeiro” (1Jo 4.19). Agora, porém, vemos e amamos em Jesus a fonte exclusiva de nossa verdadeira vida, assim como o Filho tem sua vida a partir do Pai e no Pai. Pelo menos inicialmente, e desse modo de forma fundamental, há em toda a nossa atitude interior uma dependência, cordialmente aceita, de Jesus, que corresponde à dependência, profundamente desejada e aceita, do Filho em relação ao Pai.

Um “conhecer” desses, porém, referente aos a ele pertencentes, unicamente é possível pelo sacrifício espontâneo de Jesus por nós. Ao Filho o Pai pode conhecer e amar com toda a alegria e com completa satisfação. A nós, porém, Jesus pode conhecer e amar somente pelo fato de que subordinou seu relacionamento conosco à seguinte resolução: “**E empenho a minha alma pelas ovelhas.**” Ele nos conhece e vê como aqueles que ele comprou com o empenho total de sua alma e sua vida e que, por conseqüência, lhe são caros. Mas ele já conhece e vê em nós aquilo que ele fará de nós mediante o empenho total de sua alma.

A obra e luta de Jesus valeu permanente e integralmente para Israel. Em tudo que lemos até aqui tínhamos de lembrar sempre que Jesus fala aos “judeus”. Precisamente João, que expõe com toda a profundidade o contraste entre Jesus e “os judeus” ao mesmo tempo sabe, não obstante, com que fidelidade Jesus até em sua morte como “rei dos judeus” se manteve fiel a Israel. Também as ovelhas de que fala o presente trecho são “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.6; 15.24),

unicamente às quais ele foi enviado agora. Apesar dessa fidelidade para com o povo de propriedade de Deus, porém, Jesus tem consciência das dimensões universais de seu envio. **“Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; e também a elas preciso conduzir. Elas ouvirão a minha voz. Então será um rebanho, um pastor.”** As “outras ovelhas” não estão no pátio cercado, “neste aprisco”, protegidas como Israel atrás da “cerca da lei”. Estão “sem Cristo, excluídas da cidadania em Israel e estranhas aos testamentos da promessa”, e por isso sem esperança e sem Deus no mundo (Ef 2.12). Contudo Jesus sabe o que ele fará de acordo com o maravilhoso plano e desejo do Pai. A promessa de Deus a Abraão em Gn 12.3 tinha de ser cumprida. Por essa razão Jesus **“precisa conduzir”** também essas muitas outras ovelhas de todas as gerações e línguas e povos, que ele comprará com seu sangue para Deus (Ap 5.9). E acontecerá o milagre que nenhuma pessoa podia esperar: **“Elas ouvirão a minha voz.”** Pessoas que por sua natureza, história e cultura não têm absolutamente nada a ver com esse homem da Palestina, são atingidas pela palavra de Jesus e encontram em Jesus sua vida, seu maior tesouro. Se isso não estivesse diante de nós na história do evangelho como uma realidade, ninguém o consideraria possível. Mas a palavra de Jesus é verdade: **“Ouvirão a minha voz.”** Então não haverá vários rebanhos diferentes, mas **“haverá um rebanho, um pastor”**. Jesus antevê aquela igreja de “judeus” e “gentios” que foi concedida pela primeira vez na casa de Cornélio, que existia nas comunidades de Paulo e das quais tratou o decisivo concílio dos apóstolos (At 15). **“Um rebanho, um pastor”**, isso se confirmou naquelas palavras de Paulo que testemunham a unidade em Cristo acima de todas as diferenças (1Co 12.12s; Gl 3.28; Cl 3.11). A palavra de Jesus a respeito de **“um rebanho”** não é mero ideal. Foi gloriosamente cumprida. Em todos os continentes, países, raças e vozes foi ouvida a “voz” de Jesus e pessoas se agregaram à igreja de Jesus. Segundo sua essência, essa igreja somente pode ser sempre a única igreja, assim como existe apenas um pastor que a conquista com a sua vida.

17/18 Tudo está alicerçado sobre o sacrifício de Jesus. Por isso Jesus fala mais uma vez no final sobre o empenho de sua alma, de sua vida. O que ele afirma está contido em duas palavras que mostram a posição do Pai em relação a esse sacrifício. Jesus segue sua trajetória de acordo com a incumbência expressa do Pai. **“Esse mandato recebi de meu Pai.”** O Pai entregou o Filho por seu próprio amor divino ao mundo (Jo 3.16; também Rm 8.32). Justamente porque Jesus executa essa incumbência do Pai em seu próprio sofrimento e sacrifício em favor do mundo, ele mesmo está situado no amor do Pai. **“Por isso, o Pai me ama, porque empenho minha alma.”**

No entanto, pelo fato de ser tão envolvido pelo mandato e amor do Pai, ele é tão completamente “livre” em seu agir, na entrega de sua alma. **“Ninguém a tirou de mim; pelo contrário, livremente de mim mesmo a empenho.”** A história de sua vida e morte obviamente tem um aspecto exterior bem diferente. Parece que ele simplesmente sucumbe ao predomínio de seus inimigos. Acaso ele não é abandonado indefeso quando se aliam contra ele os que antes eram ferrenhos adversários entre si, “Herodes e Pôncio Pilatos com os gentios e gente de Israel” (At 4.27)? Não lhe “tiraram” a alma, a vida? Não, não é assim. O sacrifício de Jesus é um sacrifício genuíno pelo fato de ser ofertado com plena liberdade. Dia após dia de sua vida ele empenha sua alma livremente, até que ao morrer no madeiro maldito a renderá completamente. Jesus encara esse desfecho de sua luta com tanta certeza que ele é capaz de falar dele na forma do pretérito perfeito: **“Ninguém tirou de mim a minha alma.”** Simultaneamente essa forma ressalta especialmente essa afirmação de que não é nada “obrigatório” o curso futuro dos acontecimentos, a que Jesus estaria entregue. Ele vai no caminho até a cruz em plena liberdade.

Mas nesse caminho Jesus está ciente de mais uma coisa. A “alma”, a “vida” que ele empenha agora até a última rendição na morte, ele não a perderá para sempre, ele a “receberá novamente”. O verbo utilizado aqui por Jesus também pode ser traduzido por “tomar”. **“Tenho autoridade para empenhá-la e tenho autoridade para retomá-la.”** Entretanto também nessa “autoridade” a “retomada de sua alma” não acontece arbitrariamente da parte dele. Deus é quem, conforme o testemunho de todo o NT, ressuscita Jesus dentre os mortos e lhe concede de volta a “alma” para uma nova vida na glória da ressurreição. Porém, como conforme Jo 5.19ss o Filho é e continua sendo aquele que age, apesar de depender integral e voluntariamente do Pai, “praticando” pessoalmente aquilo que ele vê o Pai fazer, assim obter de volta sua vida significa, ao mesmo tempo, que ele mesmo a “retoma”, para o que possui a “autoridade”, embora concedida pelo Pai. A presente afirmação de Jesus corresponde a seu anúncio da ressurreição nas profecias da Paixão trazidas pelos sinóticos (Mt 16.21; 17.22s; 20.18s). Esse saber referente à sua nova vida vindoura, porém, não retira

a seriedade grave e total desse sacrifício, assim como a dureza de um martírio não é diminuída em nada pelo fato de que diante da testemunha de sangue estão as grandes promessas de Deus e lhe mostram ao morrer a glória vindoura. Justamente nisso é preciso confirmar a fé que considera essa promessa na palavra mais importante e segura que toda a realidade do sofrimento e da morte em que está entrando.

19/21 Palavras como as que acabamos de ouvir da boca de Jesus não podem deixar de impactar os ouvintes. Novamente, porém, esse impacto não é homogêneo. A trajetória rumo ao único rebanho e único pastor passa pela decisão e por isso também pela separação e discórdia. **“Por causa dessas palavras, rompeu nova dissensão entre os judeus.”** Em **“muitos”** a impressão é outra vez aquela que tem de surgir quando não acontece a fé e a entrega a Jesus (cf. acima, p. 190s). O que Jesus diz de si simplesmente é **“loucura”**. Nessas palavras manifesta-se uma supervalorização quase demoníaca de si mesmo e uma presunção, revelando-se igualmente na ríspida condenação dos líderes reconhecidos do povo como **“ladrões e saltadores”**. **“Muitos deles diziam: Ele tem um espírito maligno e enlouqueceu; por que o ouvís?”** Contudo, há entre os ouvintes também vozes bem diferentes. **“Outros diziam: Essas palavras não são de um possesso.”** É isso que também impressiona a nós na palavra de Jesus tão logo o conhecemos. Suas palavras certamente são inauditas, e Jesus faz sobre si uma afirmação máxima, e apesar disso está sendo dita com tanta simplicidade e tranquilidade. Inexistem todas as conotações de constrangimento e violência. Até nas alturas do autotestemunho somente se pode sentir “alteza” e nada de “presunção”. É por essa razão que a palavra de Jesus, justamente também essa palavra dele próprio como o bom pastor, sempre de novo despertou a fé e venceu pessoas para crerem em Jesus. É verdade, **“essas palavras não são de um possesso”**.

Os que julgam dessa maneira lançam mão do termo grego *“rhema”* para “palavra”, que também pode referir-se a um “acontecimento”, uma “ação”. Um fato notável também para nosso entendimento – consideram o discurso de Jesus no cap. 10 ainda em correlação com sua cura de um cego de nascença. Por isso acrescentam a seu veredicto sobre a palavra de Jesus: **“Pode, porventura, um espírito maligno abrir os olhos aos cegos?”** Eles notaram que Jesus não apenas “fala”, mas age. Atrás de sua palavra sobre si mesmo está uma autoridade grande e eficaz. Não podem nem querem passar por cima disso.

O CHAMADO À DECISÃO POR OCASIÃO DA FESTA DA INAUGURAÇÃO DO TEMPLO – João 10.22-42

²² – Celebrava-se em Jerusalém a Festa da Dedicção. Era inverno.

²³ – Jesus passeava no templo, no Pórtico de Salomão.

– Rodearam-no, pois, os judeus e o interpelaram: Até quando nos deixarás a mente em suspenso? Se tu és o Cristo, dize-o francamente.

– Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito.

– Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas.

– As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.

– Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão.

²⁹ – Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo (ou: meu Pai que [as] deu a mim, é maior do que tudo); e da mão do Pai ninguém pode arrebatá-lo.

³⁰ – Eu e o Pai somos um.

– Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar.

³² – Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais?

– Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.

³⁴ – Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses?

³⁵ – Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar,

– então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus?

³⁷ – Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis.

³⁸ – mas, se faço, e não me credes, crede nas obras; para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu estou no Pai.

– Nesse ponto, procuravam, outra vez, prendê-lo; mas ele se livrou das suas mãos.

⁴⁰ – Novamente, se retirou para além do Jordão, para o lugar onde João batizava no princípio; e ali permaneceu.

⁴¹ – E iam muitos ter com ele e diziam: Realmente, João não fez nenhum sinal, porém tudo quanto disse a respeito deste era verdade.

– E muitos ali creram nele.

22 “Veio depois a festa da dedicação do templo em Jerusalém. Era inverno.” O último dado cronológico na história de Jesus, conforme o relato de João, foi o da festa dos tabernáculos em Jo 7.2. À presença de Jesus na festa dos tabernáculos foi acrescentada uma atuação em Jerusalém com atos milagrosos como a cura do cego de nascença e com a luta interior para conquistar os grupos devotos e dirigentes de Israel, que perpassam os textos de Jo 7.1-10.21. Essa atuação havia preenchido os dois a dois e meio meses desde aquela festa. Agora era inverno, início de dezembro, quando também faz frio em Jerusalém, com chuva e neve. Nesse tempo celebra-se a festa da dedicação do templo, que durava oito dias desde o 25º dia do mês *kislev*. É uma das grandes festas centrais que convocavam todos os homens do povo para Jerusalém. Porém era uma festa alegre que se revestia de um significado especial em Jerusalém, a cidade do templo. O templo reconstruído após o retorno da Babilônia e concluído em 515 a. C. foi profanado por Antíoco Epífanes. As passagens de *I Macabeus* 1 e 4.36-61 relatam a esse respeito. Após a luta de libertação contra o domínio do rei sírio, Judas Macabeu havia restaurado o templo, reinaugurando-o em 165 a. C. Em grata memória por isso era celebrada a festa que se chamava em hebraico “*chanukka*”, em grego “*engkainia*” = “renovação, restauração”.

23/24 Jesus se encontrava no templo, naquele grande pavilhão de colunas no lado Leste do átrio, o “**pórtico de Salomão**”, onde também os apóstolos falaram a grandes multidões de ouvintes (At 3.11; 5.12). Não teme aparecer em público, mas procura constantemente o encontro com seu povo e seus grupos dirigentes. “**Rodearam-no, pois, os judeus e o interpelaram: Até quando deixarás nossa alma em suspenso? Se tu és o Messias, dize-o francamente.**” Na teologia destacou-se com muita ênfase o “segredo messiânico”, que nos evangelhos sinóticos permanece pairando sobre os discursos e as ações de Jesus de acordo com a vontade expressa dele (Mt 16.20; 19.9). Vemos, porém, que João igualmente sabia desse “segredo messiânico”, que deixa os “judeus” tão intrigados. Somente à samaritana e ao cego de nascença Jesus se apresentou expressamente como o Messias – Filho do Homem (Jo 4.26; 9.37). Entre todos os poderosos ditos “Eu sou” não se encontra nenhum que diga “Eu sou o Messias”. Mas parece que essa questão era justamente decisiva para os judeus. Que anseio ardente pelo Messias existia no povo! Por que “**Jesus deixa sua alma em suspenso**”? Somente uma reivindicação expressa pela dignidade e autoridade de rei poderia conduzir à decisão derradeira.

Formou-se, assim, uma conjuntura muito peculiar. Jesus havia declarado coisas muito mais grandiosas de si do que genericamente se atribuía ao “Messias”. Os judeus estavam indignados com esses autotestemunhos e os recebiam como blasfêmia, que deveria ser respondida com o apedrejamento de Jesus (Jo 8.59). Ao mesmo tempo, porém, queixavam-se da atitude reservada de Jesus, exigindo dele que finalmente se apresentasse clara e inequivocamente como Messias. Esperam por aquelas entusiásticas conclamações messiânicas para a luta pela liberdade e magnitude de Israel, como mais tarde se poderá ouvir na atuação de Bar Kochba. “**Se tu és o Messias**” – não obstante toda a hostilidade contra Jesus parece-lhes igualmente possível que esse homem incompreensível seja o auxiliador esperado. Nesse caso, porém, “**dize-o francamente**”, e então a festa da dedicação do templo, com sua recordação ao levante nacional sob os macabeus, seria o momento oportuno para se projetar como Messias.

Constitui um fato significativo que a incredulidade, apesar de todos os milagres presenciados, sempre ainda demanda “o sinal do céu” (Mt 12.38; 16.1), e que apesar de todos os poderosos autotestemunhos continua sempre ávido de uma palavra mais clara e inequívoca. Para quem não abre e entrega o coração na confiança obediente, nenhum milagre será suficientemente milagroso, nenhum testemunho suficientemente nítido, e nenhuma prova terá força comprobatória. Por isso, a incredulidade nunca poderá ser refutada e superada exteriormente. A incredulidade somente é curada por fé.

- 25 Por isso Jesus somente pode replicar à queixa dos judeus o seguinte: **“Já vo-lo disse, e não credes.”** E, se suas palavras continuam enigmáticas para eles, **“as obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito.”** É claro que o próprio Jesus visa a fé que brota da “palavra”. Assim ele presenciou com alegria a fé dos samaritanos em Sicar, entre os quais não realizou “sinal” algum. Ele sabe com que facilidade “milagres” são entendidos erroneamente e levam a uma fé perigosamente falsa (Jo 6.15; 6.26). Conhece a fragilidade da fé que somente se desenvolve a partir de milagres (Jo 2.23-25). Apesar disso Jesus sempre de novo realizou “sinais”. Ele está igualmente cômico do poder de “fatos” que surgem de “atos”. Constatou que por isso são precisamente seus milagres que tornam pessoas pensativas, também nas fileiras de seus adversários (Jo 3.2; 7.21,31; 9.16; 10.21). Por isso remete também nesse caso os inquiridores às **“obras”** dele. Sem dúvida é provável que ele use esse termo intencionalmente em lugar da palavra “milagre” ou “sinal”, porque justamente não se refere apenas às ações milagrosas isoladas, e sim à sua “atuação” toda. Suas “obras” abrangem sua vida toda com suas atitudes de Filho divino. Ele não apenas “fala” de si, pois palavras ainda poderiam ser somente vazias e infundadas. Não, ele realmente “é” aquilo que ele diz. Suas **“obras em nome de seu Pai”** confirmam sua palavra e atestam seu envio.
- 26 Sendo, porém, sua palavra suficientemente inequívoca e atestada por suas obras, por que ele não encontra fé? **“Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas.”** Se em Jesus a “palavra” e “obra” e “ser” estão indissolúvelmente ligados, o mesmo vale também para seus adversários. Obviamente deparamo-nos aqui com um “círculo” que não se deixa desfazer pela lógica. Não crêm, porque não são suas ovelhas; mas isso não é desculpa, pois não são suas ovelhas, porque não crêm. Somente por meio de um “círculo” é possível parafrasear o mistério vivo da “fé”. De fato a fé não é algo que eu poderia produzir por mim mesmo a qualquer momento, quando desejasse. Primeiro é preciso que me sejam “abertos os ouvidos” por parte de Deus, para que eu “ouça como um discípulo” e nesse ouvir então também “possa” crer. Apesar disso, porém, sou convocado para a fé – quantas vezes Jesus fez isso e o fará novamente no presente trecho (v. 38) – e justamente ao seguir esse chamado e “crer” torno-me uma pessoa que pode crer.
- 27 Em seguida Jesus caracteriza suas **“ovelhas”**, sua natureza e vida. Para isso ele retoma o que descreveu na parábola básica dos v. 1-5, aplicando-o agora aos seus. Primeiramente eles se caracterizam pela capacidade de **“ouvir”** a **“voz”** dele. **“Minhas ovelhas ouvem a minha voz.”** Naturalmente qualquer pessoa pode perceber a ação acústica da palavra no ouvido. Mas é possível que ela lhe seja palavra estranha, fechada, que não o atinge, que não lhe “importa” de fato. Constitui um processo extraordinário, que até hoje acontece sempre de novo, quando realmente “ouvimos” a palavra de Jesus e reconhecemos nela a “voz de nosso Senhor, a “voz” do verdadeiro “pastor”.
- Entretanto Jesus não afirma isso somente a respeito do maravilhoso início da fé nele. Esse **“ouvir a sua voz”** caracteriza continuamente a vida. O mundo está repleto de inúmeras “vozes” das mais variadas espécies, e todas essas “vozes” nos disputam. Também em nosso próprio coração manifestam-se diversas vozes, atraindo ou rejeitando. Aqueles, porém, que pertencem a Jesus, ouvem através de toda essa confusão de vozes a **“sua” voz**, a voz extraordinária do bom pastor com sua pureza incorruptível e seu amor indestrutível. De forma sempre nova reconhecem Jesus como a palavra eterna, a única que traz a vida.
- A esse “reconhecer” da nossa parte corresponde o “conhecer” de Jesus em relação a nós: **“Eu as conheço.”** Já constatamos que esse “conhecer” sempre é um conhecer que ama, elege e salva. Nesse ponto, porém, podemos lembrar que sobre esse “conhecer” está baseada a constância absoluta e irrompível de nosso relacionamento com Jesus. Em qualquer aliança com pessoa somos acompanhados da preocupação secreta de perder o amor do outro, tão logo ele nos conheça a fundo e note quem realmente somos. Pressentimos todos os abismos de nosso coração, bem como a feiúra e corrupção de nosso ser. Por isso existe entre nós tanto fechamento e tanta encenação, mais requintada ou grosseira. Por isso muitas vidas de fé também são acompanhadas do medo de que Jesus nos poderia soltar e rejeitar quando viesse a nos conhecer realmente. Esse medo no entanto não tem fundamento! Jesus nos **“conhece”** completamente quando ele nos aceita. Jamais poderemos “desiludi-lo”, porque nunca se “iludiu” a nosso respeito.
- Esse relacionamento com Jesus no “conhecimento” mútuo conduz ao “discipulado”. **“E elas me seguem.”** Essa é a única coisa que as ovelhas podem “realizar” e fazer. Não obstante, ela não é – como o evento usado como parábola mostra concretamente – uma “realização”. Com esse ato as ovelhas não fazem nada para o pastor e não lhe acrescentam nada. Por que “as ovelhas o seguem” (v.

4)? Porque unicamente junto do pastor elas encontram aquilo que elas próprias precisam para a vida: pastagem, água, condução e proteção. Para nós, porém, essas ilustrações tornam-se expressão da vida verdadeira, eterna, que encontramos exclusivamente em Jesus, sob sua direção e em nosso “discipulado”. É por isso que Simão Pedro, quando Jesus ofereceu também aos doze a possibilidade de abandoná-lo, com razão não respondeu “Nós não te abandonaremos, ficaremos fiéis a ti”, mas: “Para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6.68), e somente tu as tens. Em lugar algum podemos conseguir o que encontramos contigo. Por isso Jesus também pode dizê-lo com tanta certeza acerca dos seus: **“Eles me seguem”**. Pois nisso reside para eles próprios a “vida”.

- 28 É precisamente isso que Jesus confirma. **“E eu lhes dou a vida eterna.”** Aqui, como já em Jo 3.15s, a **“vida”** não se caracteriza primordialmente como aquilo que dura infinitamente, “eternamente”. Pelo contrário, ela é descrita como *“eônica”*, ou seja, como pertencente ao novo *éon* que a tudo aperfeiçoa. Pode ser referida também simplesmente como *“a vida”*. Ela é a vida, pela qual na realidade anseia toda a sede de vida e que as pessoas também buscam inconscientemente e sem sucesso em seus descaminhos e nas trilhas de pecado. Mas Jesus a dá aos seus, e ela é a dádiva completa e abrangente que ele tem para dar. Essa dádiva é “degustada” já agora (Hb 6.5). Ao mesmo tempo, porém, ela está “oculta sob a cruz” (Lutero) e pertence tão somente aos que crêem. O bom pastor, que dá vida eterna às suas ovelhas, ao mesmo tempo as envia “para o meio dos lobos” (Mt 10.16) e faz com que sempre de novo “ganhem” a vida de tal forma que a “percam” por causa dele. Justamente com essa vida *“eônica”*, determinada pelo *éon* vindouro, ela não pode ter a característica do progresso neste mundo.

Uma vida dessas os seus “possuem” agora já como presente dele. No entanto ainda estão a caminho, rumo ao novo *éon* vindouro, que há de trazer a plenitude total. Será que alcançarão esse *éon*, a soberania de Deus, e entrarão nele (Jo 3.5)? Não perecerão no longo caminho até lá, que está diante deles? Jesus assegura: **“E com certeza não perecerão eternamente.”** Também nesse caso não se pensa num conceito filosófico de “eternidade”. Não, “até para dentro do *éon* (vindouro)”, como é dito literalmente conforme o conceito bíblico, as ovelhas de Cristo não perecerão. Por que posso ter certeza disso, uma vez que nem conheço o futuro que está diante de mim? Como Jesus pode prometê-lo, apesar de que justamente ele conhece todos os perigos e provações e vê muito bem chegar o “lobo” e seguramente não subestima o príncipe deste mundo? Será que confia que os seus terão tanta força de superação? Considera tão vitoriosa a fé deles? Não, Jesus apenas pode fazer essa promessa porque tem condições de prosseguir: **“E ninguém as arrebatará da minha mão.”** A mão desse pastor é forte e inexpugnável. Por isso, quem quer que seja esse **“alguém”**, que nos tenta arrancar dessa mão, morte ou vida, anjos ou principados ou potestades, coisas do presente ou do futuro, altura ou profundidade, tudo que na verdade não passa de “criatura”, não há de ter êxito.

- 29 No caso de ainda duvidarmos, o Filho nos remete ao Pai. Ali, junto do próprio Deus onipotente, há certeza incontestável: **“Ninguém é capaz de arrebatá-lo da mão do Pai.”** Jesus nos conquistou para o Pai e nos depositou na mão do Pai como seus filhos (Jo 1.12). Quem, então, seria capaz de nos arrancar dessa mão? Em consequência, estamos abrigados por duas mãos e em perfeita segurança. No entanto, notemos bem: Jesus falou somente de “arrebatá-lo”, assegurando-nos que isso seria impossível. Porém nós mesmos podemos muito bem nos soltar dessa mão. Não estamos presos nela mecanicamente e sem, ou até contra, a nossa vontade.

Enquanto a afirmação do final do versículo é tão simples e clara, o início do versículo causa dificuldades à interpretação. Isso se expressa na divergência dos manuscritos nessa passagem. A versão preferida hoje é: **“Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo.”** Que é que Jesus quis dizer com isso? O que o Pai concedeu a Jesus, afinal, são “os seus”. Foi assim que Jesus o afirmou em Jo 6.37: “Tudo o que o Pai concede, vem a mim.” Nesse caso Jesus agora deve ter ressaltado em sua palavra a superioridade dos seus sobre tudo. Justamente como aqueles que o Pai lhe concedeu eles próprios são maiores que tudo. Nesse caso Jesus pronunciou de modo radical o que João anuncia a seu modo em 1Jo 5.4 em tom triunfante: “Todo o que é nascido de Deus vence o mundo.” Em seu conteúdo, porém, essa leitura é complicada. Teria Jesus de fato chamado os seus de “maiores do que tudo”? Em nenhuma outra passagem encontramos algo análogo dito por ele. E por que assegurar duplamente o abrigo na mão dele e do Pai, se eles próprios forem **“maiores do que tudo”**? Muito mais simples é a versão com que estamos familiarizados: **“O Pai, que [as] deu a mim é maior do que tudo.”** Contudo, essa não seria um aperfeiçoamento – processado muito cedo e por isso também comprovado em manuscritos antigos – do verdadeiro texto, para facilitar a compreensão? Contudo no

grego a diferença das variantes é muito pequena, motivo pelo qual pode ser explicado como um simples erro de cópia. No entanto, essa alteração também poderia ter surgido de modo proposital, porque na frase: “O Pai que [as] deu a mim”, faltava o objeto para “dar”, que nós completamos pela inserção do “as”. Seja como for, nessa forma da frase a afirmação em si está clara, levando direta e logicamente à parte final da sentença, a qual já comentamos. Agora também se explicita que na realidade não estamos sendo segurados por duas mãos. Estamos na mão do verdadeiro pastor. Mas nessa mão fomos colocados pela mão do Pai. E dessa mão do Pai ninguém nos arranca, porque em todos os casos o Pai é maior do que tudo. Não podemos ser extraviados da mão do Filho porque a mão do Pai nos deu ao Filho.

Como resplandece de novo a união plena entre Pai e Filho! O dar do Pai e o fazer do Filho representa uma ação homogênea, que dessa forma serve a nós e à nossa redenção e proteção até o *éon* vindouro. Como pode ficar seguro, consolado e destemido aquele que crê em Jesus, estando assim duplamente abrigado!

- 30 Em razão disso Jesus formula agora expressamente sua unidade com o Pai. Ele o faz com sucinta brevidade e justamente por isso de forma poderosa: **“Eu e o Pai, nós somos unidos.”** Queremos levar em conta que Jesus não assevera: “Eu e o Pai somos um.” O Pai e o Filho não coincidem numa só pessoa. Permanecem duas pessoas que, porém, estão “unidas” em comunhão perfeita. Jesus já havia descrito essa “unidade” nas afirmações de Jo 5.19ss. É a unidade de perfeito amor, mas obviamente de forma que o Pai seja o que eleva, dirige e concede, e o Filho permaneça o que voluntariamente aceita, obedece e executa.

Contudo, o que Jesus está atestando num resumo sucinto de suas afirmações anteriores, não será compreendido pelo mero fato de falarmos de uma “unidade das vontades” do simples ser humano Jesus e de Deus. Com essas tentativas de interpretação moderna a filiação divina de Jesus seria esvaziada para mera designação simbólica e privada de sua verdadeira essência. No entanto, também teria sido colocada uma imagem fantasiosa do “ser humano” no lugar da realidade e de Jesus seria feito um “homem ideal” imaginário. Porque desde a queda do pecado o ser humano real se encontra no mais profundo contraste contra a vontade e natureza de Deus. Se Jesus fosse apenas “um ser humano”, então também não se poderia falar de uma “unidade das vontades” dele e de Deus. Unicamente porque na pessoa de Jesus o “Verbo” se fez carne, tornou-se o “Verbo”, em que Deus expressou todo seu coração e sua essência, é que pode ser proferida da boca desse um ser humano a assombrosa declaração: **“Eu e o Pai, nós somos unidos”**. Jo 10.30 é impossível sem Jo 1.1.

- 31 Justamente por isso é muito compreensível, do ponto de vista do judaísmo, a reação dos judeus a essa palavra. **“Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar.”** Se em vista disso apenas meneamos a cabeça, provavelmente estaremos não acima desses judeus, mas muito abaixo. Para nós Deus está tão distante e impreciso, percebemos tão pouco sua singularidade, majestade e santidade que pouco nos impressiona e inquieta quando uma pessoa declara que está “unida” com Deus. O judeu, porém, vinha de uma longa escola de Deus. “Ouve, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor somente.” Era essa a confissão diária de cada judeu. Esse “somente” ardia em sua alma. Para o rigoroso monoteísmo judaico é insuportável até hoje que uma segunda pessoa queira estar ao lado de Deus e ser unida com Deus, ainda mais quando esse “segundo” é um “ser humano”.

Somente quando compreendermos e sentirmos isso integralmente, ouviremos a frase de Jesus de fato como uma sentença realmente inaudita e veremos também desse ângulo toda a grandeza de Jesus como uma magnitude inaudita. Todas as concepções simpáticas e liberais de Jesus foram por ele mesmo destruídas e inviabilizadas por meio de uma palavra dessas.

- 32 Agora Jesus não se “oculta” como em Jo 8.59. Interpela mais uma vez a multidão agitada, lembrado-os do direito vigente em Israel. Em Israel não estavam em jogo opiniões, idéias e convicções, assim como p. ex., mais tarde na igreja instituída se puniam opiniões heréticas. Não havia em Israel uma sentença de morte por “heresia”. Do ponto de vista da “lei” sempre estava em questão em Israel a “obra”. Por isso Jesus lança aos homens que querem executar nele a sentença de morte por apedrejamento a pergunta: **“Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais?”** Porventura querem responder com apedrejamento à gloriosa e bem-aventurada realidade de sua vida na unidade com o Pai? Ele revê suas **“obras”**, toda a sua atuação: onde ele jamais prejudicou e feriu pessoas. Não foram todas **“obras boas”**, que o Filho havia permitido ver da parte do Pai? Que obra os amargurou tanto?

33 Nesse instante é manifesta inequivocamente a razão. Não as “obras” de Jesus são o que irritam os judeus, nem mesmo suas curas no sábadó como tais. A questão é unicamente a posição de Jesus em relação ao Pai, sua condição de Filho de Deus. Mas não se trata apenas de “idéias” e “opiniões” que Jesus poderia ter a seu respeito. Jesus expressava de público que era Filho de Deus e demandava para si mesmo a fé que Israel podia, afinal, ofertar exclusivamente a Deus. Essa era uma “obra” que merecia a morte. Porque significava um ataque ao santuário e era “blasfêmia” e “idolatria”.

“Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.” É assim até hoje. Com gosto se admite muitas coisas boas em Jesus. Sim, as pessoas estão dispostas a lhe conferir os mais altos títulos honoríficos humanos. Porém é intolerável que ele, estando diante de nós como simples ser humano, atribua-se um relacionamento ímpar com Deus e “**se faz Deus a si mesmo**”. Ao mesmo tempo é precisamente a acusação de “blasfêmia” que revela como é profunda e insustável a luta. Porque no ponto em que os judeus vêem o ataque sacrílego a seu santuário, acontece em verdade a última e suprema revelação do amor justamente desse Deus em que Israel crê. Ao ignorar essa auto-revelação de Deus em seu “Verbo” que se fez carne e a transformar em blasfêmia, os próprios judeus se tornam “blasfemos”. É por isso que na luta posterior da igreja de Jesus com os judeus são acusados justamente eles de que “blasfemam” (At 13.45; 18.6). Israel devia ser “testemunha de Deus” e por conseqüência também testemunha de Jesus (Is 43.9-13; 44.6-11), mas em lugar desse serviço de testemunha pratica “blasfêmia”, porque rejeita Jesus, a verdadeira “testemunha fiel” de Deus (Ap 1.5) como blasfemo. É isso que está posto para a decisão: Quem “blasfema” e quem “testemunha”, Israel ou Jesus, a igreja de Jesus ou os judeus?

34/36 Jesus faz uma última tentativa de criar entre seus adversários uma possibilidade para que compreendam. Se ele puder demonstrar-lhes a partir da própria Escritura que também ali já havia pessoas colocadas em relação especial com Deus e adjetivadas de atributos divinos, eles terão de silenciar e não poderão simplesmente condená-lo como blasfemo. E de fato ocorre que no AT pessoas são chamadas de “deuses”. No Salmo 82 Deus se dirige, como advertência, a juizes injustos, lembrando-os da sublimidade divina de seu cargo. “Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo” (Sl 82.6). Isso também seus antagonistas têm de reconhecer. Como, porém, existe indubitavelmente o fato de que a própria Bíblia designa pessoas de “deuses” em virtude de seu envio e incumbência divinos, “**e a Escritura não pode ser violada – então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas, porque declarei: sou Filho de Deus?**” O empoderamento divino de pessoas é conhecido pela Escritura. Isso os escribas têm de admitir. Será que não poderiam compreender a partir desse dado a Jesus, que ainda foi autorizado por Deus, “**santificado**” e “**enviado**” pelo Pai de maneira bem diferente que aqueles “deuses”? Afinal, Jesus não se apoderou de nada arbitrariamente, como seus adversários presumem a partir de seu próprio egocentrismo. Ele foi “**santificado**”, foi integralmente feito propriedade de Deus. E assim, como alguém consagrado a ele, que está à disposição de Deus até o extremo, o Pai o “enviou”. Ele somente fala e age com base numa autorização que excede a tudo que os “juizes” e profetas de Israel denotavam.

37/38 Mas é claro, precisamente em torno dessa santificação e envio de Jesus é que gira a luta. Ela é contestada pelos judeus. Consideram todos os testemunhos de Jesus a esse respeito com assertivas sem comprovação. Quem há de decidir sobre isso? “Palavras” não o farão. Por isso Jesus remete mais uma vez às suas “obras”, aos “fatos” irrefutáveis de toda a sua atuação. “**Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis. Mas, se faço, e não me credes, crede nas obras.**” Seus adversários nem devem crer nele e em suas “afirmações”. Mas devem constatar os fatos e “**crer**” nesses fatos, “**nas obras**”. Afinal, em suas “obras”, em todo o seu agir, precisam ver os traços do Pai.

A partir desse “crer” alcançarão o reconhecimento sobre o relacionamento ímpar entre Jesus e Deus. “**Crede nas obras, para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu mesmo estou no Pai.**” Somente na fé e através da fé desenvolve-se também o conhecimento. Pois não se trata de constatar fatos mortos, mas sim de apreender pessoas e seu relacionamento mútuo. Isso unicamente é possível a partir da fé. Jesus caracteriza a unidade entre o Pai e ele de nova maneira. Ela está configurada de tal modo “**que em mim está o Pai, e eu mesmo estou no Pai**”. Trata-se de uma unidade de pessoas que não existe entre outras pessoas. Jamais uma pessoa pode estar “em” outra. Somente os discípulos de Jesus realmente renascidos hão de conhecer essa unidade quando existir também neles um mistério similar: Jesus vive neles (Gl 2.20!), e eles estão

continuamente “em Cristo” em tudo que pensam, dizem e fazem, como Paulo reitera sempre de novo. Também aqui não acontece uma “mistura” com Cristo; tampouco nós somos por assim dizer sugados por Cristo e despersonalizados, como imagina o misticismo. Continuamos sendo nós mesmos em plena autonomia pessoal, e Jesus continua ainda mais sendo totalmente ele próprio em sua glória. Apesar disso Jesus não vive apenas “sobre” nós em seu trono à direita do Pai, mas “em nós”, constituindo por outro lado o espaço de vida em que se realiza a nossa própria vida. O mistério é inefável e impossível de esclarecer pela lógica. Contudo sua realidade pode ser experimentada com facilidade até por crianças. A partir dessa experiência não carecemos de certo entendimento do mistério que Jesus nos apresenta na palavra sobre seu relacionamento com Deus. Em Jesus habita e atua o próprio Deus, sem apagar a realidade pessoal e a autonomia de Jesus; e simultaneamente o Pai é o espaço de vida em que se processa toda a existência e atuação de Jesus.

O versículo nos confronta novamente com uma expressão difícil, que naturalmente levou a variantes nos manuscritos. A forma textual diz literalmente: “Para que chegueis ao reconhecimento e reconheçais”. Esse emprego duplicado de “reconhecer” tem um bom significado, considerando-se as formas distintas. Se seus adversários quisessem crer em suas obras, chegariam ao reconhecimento correto de sua unidade com Deus e dessa forma possuiriam continuamente esse conhecimento. A fé leva a que **“chegueis ao reconhecimento e o preserveis, de que em mim está o Pai, e eu mesmo estou no Pai”**.

39 Seus adversários não querem esse “crer”, esse sujeitar-se à verdade, essa abertura confiante dos corações para Jesus. Sua hostilidade não pode ser vencida com razões e argumentos. Eles responderam mais uma vez com violência ao convite de Jesus. Outra vez tentam prendê-lo. Mas fracassam, porque a hora de Jesus ainda não chegou. **“Nesse ponto, procuravam, outra vez, prendê-lo; mas ele se livrou das suas mãos.”** Não é descrito em detalhes como Jesus conseguiu escapar. Tão somente o fato em si se reveste de importância.

40/42 Agora, após longa e dura luta durante meses (cap. 7-10) foi feito tudo da parte de Jesus para conquistar Israel por meio de seus líderes. A luta foi em vão. Agora temos diante de nós de modo assombroso o que no início do evangelho estava sintetizado na breve frase: “Veio para o que era seu, e os seus não o aceitaram”. Jesus interrompe a luta. Sai de Jerusalém **“e novamente, se retirou para além do Jordão, para o lugar onde João batizava no princípio; e ali permaneceu”**. No mapa localizamos essa região além do Jordão com o nome de Peréia. Ali Jesus está seguro diante de tentativas imediatas de prendê-lo. Os fariseus e sacerdotes estão contentes que a atuação de Jesus na capital e diante dos olhos e ouvidos deles acabou. Não cogitam de uma expedição de busca contra Jesus na região longínqua e erma da Peréia. Enquanto Jesus estiver lá, parece-lhes inofensivo.

Mas nem ali Jesus permanece solitário. **“E iam muitos ter com ele e diziam: Realmente, João não fez nenhum sinal, porém tudo quanto disse a respeito deste era verdade.”** Mais uma vez são salientadas a magnitude, importância e limitação da atuação de João Batista. A situação de fato é que da parte de João não se relatam quaisquer milagres. Apesar disso atraiu grandes multidões, um bom sinal para a autenticidade e profundidade do movimento provocado por ele. Obviamente, em vista disso ele foi “apenas” profeta, assim como os profetas do AT também não precisavam ser credenciados através de milagres. Como profeta, porém, ele aponta para longe de si em direção ao Vindouro. Aqueles que ouviram seu testemunho daquele tempo sobre Jesus, tão somente podem confirmar: Esse testemunho foi pura verdade. Em decorrência, acontece **“ali”**, na distante Peréia, o que em Jerusalém apenas foi possível de forma muito restrita e penosa: **“E muitos creram nele ali.”** Essa é ao mesmo tempo uma palavra de João às congregações de João Batista em sua época: Vejam, enfim, João Batista em sua verdadeira realidade e sigam sua palavra e seu testemunho, aceitando também a fé em Jesus.

Jesus na distante Peréia, Jerusalém com os grupos dirigentes do povo, cheios de hostilidade ferrenha contra o “blasfemo Jesus” – como a história continuará? Com essa pergunta nos despede a primeira parte deste evangelho. A segunda parte nos trará de volta a Jerusalém com o maior milagre de Jesus, a ressurreição de Lázaro. Precisamente esse milagre máximo, de fato um “sinal do céu”, leva à resolução definitiva, no Sinédrio, de matar Jesus. A segunda parte do evangelho torna-se integralmente história da Paixão, cujo desfecho é a ressurreição de Jesus dentre os mortos.

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

INTRODUÇÃO AO VOL. II

I.

As “Questões Introdutórias” propriamente ditas referentes a esse evangelho foram abordadas na primeira parte I, p. 17-21 da forma mais sucinta possível. No entanto, será benéfico que os leitores tenham diante de si o teor completo dos testemunhos da história da igreja, aos quais nos referíamos lá, na p. 19.

Na carta de Ireneo ao gnóstico Florino (Eusébio, *Hist Eccl* V,20) consta: “Posso dizer o local em que o bendito Policarpo costumava sentar para falar, onde entrava e saía, posso relatar sua conduta de vida, seu aspecto físico, seus discursos proferidos à igreja, e como ele testemunhava seu relacionamento com João e os demais que viram o Senhor, lembrando-se de suas palavras e do que ele ouvira daqueles a respeito do Senhor, de seus milagres e de sua doutrina; como Policarpo atestou tudo em consonância com as Escrituras, na qualidade de alguém que o recebeu das testemunhas oculares do Mestre da palavra. Naquela época, quando experimentei a misericórdia de Deus, escutei isso tudo com afinco, incorporando-o à minha memória, não sobre papel, mas com meu coração, e pela graça de Deus eu o rumino sem falsificações.”

A citação do prefácio de Pápias (Eusébio, *Hist Eccl* III,39) é a seguinte: “Quando, porém, vinha alguém que havia seguido aos velhos, eu pesquisava as palavras dos velhos, o que dissera André ou o que dissera Pedro, ou Filipe ou Tomé ou Tiago ou João ou Mateus ou outro dos discípulos do Senhor, e o que dizem Aristião e o velho João, discípulo do Senhor.”

II.

É cabível ampliar a abordagem das “Questões Introdutórias” em duas direções.

1 – Propomos a pergunta: Será que em idade avançada João ainda podia ter feito um relato confiável sobre Jesus?

Essa pergunta é legítima. Para respondê-la, temos de recordar três fatos.

É uma experiência comum que a pessoa idosa esquece rapidamente experiências do presente, mas que justamente a recordação dos anos da juventude fica salientada de modo especialmente claro e concreto. Além disso, temos de levar em conta que João não começa a falar de Jesus somente em idade avançada. Como “coluna” da primeira igreja (Gl 2.9), ele participou desde o início do “ensino dos apóstolos” (At 2.42), relatando e testemunhando incessantemente à igreja tudo o que vivenciara com Jesus e ouvira de Jesus. Consequentemente, seu escrito constitui o registro de uma proclamação de muitos anos. Sobretudo, porém, em Jo 14.26 o próprio João nos remete à garantia decisiva de uma recordação confiável e compreensão correta da história do Cristo. Essa garantia foi assumida pelo próprio Espírito Santo de Deus! “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26). Deveríamos levar esse fato muito mais a sério do que geralmente fazemos. O Espírito da verdade nos afiança a verdade do presente evangelho.

2 – A partir disso podemos acrescentar ainda uma palavra sobre as características da linguagem do evangelho (p.23/24).

Considerando que João escreveu seu livro depois de décadas de proclamação oral, não deverá ser surpreendente que ele o faça num linguajar caracteristicamente “joanino”. Isto não significa que João tenha composto livremente os discursos de Jesus! João sabia que sua incumbência era ser uma “testemunha” de Jesus (Jo 15.27). Uma “testemunha”, porém, não inventa, mas afirma o que presenciou e ouviu de fato. A forma peculiar da linguagem do presente evangelho tampouco deveria significar que o discípulo imprimiu a seu Mestre seu próprio linguajar como discípulo. Isso é muito improvável, com tudo o que valia naquele tempo em Israel para o relacionamento característico correto entre Mestre e discípulo (cf. Jo 13.16)! Muito mais compreensível é que o discípulo tenha reproduzido imediatamente os discursos de seu Senhor na linguagem peculiar deste, de modo que passou a viver tão integralmente nas palavras de seu Senhor que por fim pensava no estilo da “palavra” eterna também quando falava e escrevia, quando narrava o que vivenciara ou quando por sua vez exercia o ministério da proclamação em suas cartas. Essa observação não visa depreciar o linguajar de Jesus nos sinóticos. Há uma diferença entre o momento em que Jesus ensinava o povo na Galiléia e quando ele tinha controvérsias com os dirigentes de seu povo em Jerusalém (e também na sinagoga de Cafarnaum).

III

Nos cap. 11-21 encontramos confirmações especiais da fidelidade histórica no relato de João.

1 – O próprio João experimentou as ameaças à igreja por parte do poder estatal romano e do culto gentílico ao imperador. No Apocalipse [= “revelação”], que João escreveu por incumbência de Deus, tudo é visto sob essa ótica (cf. a Introdução, p. 22 ss. No evangelho, porém, a situação é bem diferente! O que é dito em Jo 15.22-25 e 16.1-4

sobre a iminente perseguição e aflição dos discípulos de Jesus refere-se exclusivamente à conjuntura judaica e não leva em consideração alguma o que João experimentaria na época do imperador Domiciano (81-96 d.C.). Se um cristão por volta do ano 100 d.C. tivesse elaborado livremente uma imagem de Cristo para as demandas de seu tempo e seu contexto, e se tivesse colocado na boca de Jesus discursos que deveriam responder a perguntas do presente, então o prenúncio seria diferente nas passagens referidas. João, porém, reproduziu com fidelidade aquilo que Jesus, ao despedir-se, descortinou diante de seus discípulos para o futuro mais próximo e cujo cumprimento é descrito pelos Atos dos Apóstolos, nos cap. 4,5,7,8.

2 – João escreve o evangelho na época em que provavelmente também surgiu a 1ª carta de Clemente, um escrito da igreja em Roma à igreja em Corinto. Nessa carta já aparecem nitidamente os traços da igreja em vias de ser institucionalizada. Nas cartas de Inácio, poucos anos mais tarde, essa igreja é apresentada como organização sólida com elevada consideração pelo cargo episcopal. Se o autor do presente evangelho fosse um artista com livre criatividade, que fizesse seu Cristo pronunciar-se sobre as questões da atualidade, justamente nos discursos de despedida esse Cristo deveria ter-se pronunciado de modo determinante sobre a estruturação da igreja, falando dos “ministérios” necessários. Contudo, nada disso pode ser encontrado nas últimas instruções de Jesus a seus discípulos. Jesus vê sua igreja como “videira”, na qual cada ramo está diretamente ligado à videira e produz o fruto correspondente (Jo 15.1-8). O parâmetro do relacionamento dos discípulos entre si é o amor uns aos outros e toda a disposição de lavar os pés uns dos outros (Jo 13.12-17; 13.34s). É bem verdade que em Jo 21.15-17 Pedro recebe a nova incumbência de apascentar as ovelhas e os cordeiros de Jesus. Contudo, “não lhe é atribuída” nenhuma posição oficial acima dos demais discípulos. Pelo contrário. Quando Pedro se informa junto a seu Senhor o que deveria agora fazer seu co-discípulo João, ele é repellido asperamente: “Que te importa? Quanto a ti, segue-me” (Jo 21.21s).

Conseqüentemente, também nesse caso João manteve com fidelidade histórica o que Jesus de fato disse a seus discípulos, sem adaptá-lo de acordo com as perguntas e problemas da época, ou mesmo elaborá-lo livremente.

3 – Em acréscimo ao que foi exposto na primeira parte, p. 17-21, remetemos a importante passagem de Jo 19.35 e sua explicação agora, à p. 429. Temos diante de nós um autotestemunho de grande importância do evangelista. João assegura expressamente que ele próprio esteve sob a cruz de seu Senhor e presenciara como o lado dele fora perfurado com a lança dos soldados romanos. Também nesse caso somente temos a opção de acreditar no autor do evangelho e venerá-lo como testemunha ocular legítima dos acontecimentos, ou nos depararíamos com uma tentativa fatal de enganar o leitor mediante uma asserção especial de sua veracidade.

IV

Após o estudo da primeira parte, está em tempo de ficarmos cientes das linhas básicas na obra de João e nos conscientizarmos da peculiaridade do evangelho não apenas em forma e linguagem, mas também em conteúdo.

No entanto, será correto, afinal, que uma “peculiaridade” dessas exista? No caso de João, não estamos lidando exatamente com uma testemunha ocular que relata meramente o que aconteceu, o que Jesus disse e fez? João enfatizou muito que teve de fazer uma seleção da rica quantidade de palavras e obras de seu Senhor. A forma de fazer essa seleção já cunha o livro. Contudo, ele não é apenas “relator”. Ele compreendeu a Jesus de um modo singular e viu Nele a glória do Filho unigênito do Pai cheio de graça e verdade (Jo 1.14). Agora seu intuito é proporcionar também a nós uma participação nessa sua visão, para que também nós “creiamos que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhamos vida em seu nome” (Jo 20.31). Em razão disso seu evangelho tem traços básicos peculiares, os quais precisamos captar.

1 – Em toda a sua estrutura, o “evangelho segundo João” se distingue de modo marcante dos sinóticos. João vê toda a atuação de Jesus sob o único aspecto de que *Jesus luta por Israel*, pelo povo da aliança de Deus, que espera pelo Messias e agora, quando veio, não o compreende, o rejeita e odeia. Os cap. 1-3; 5 e 7-12 fazem parte do relato dessa luta. O cap. 4, em contrapartida, mostra como “samaritanos” chegam à fé que os círculos determinantes de Israel recusam. Jo 6 nos permite ver tanto da atuação de Jesus na Galiléia que reconhecemos: depois de um entusiasmo falso por Jesus, a rejeição ocorre ali da mesma maneira como na Judéia. Pelo fato de que João nos deseja mostrar essa luta de Jesus para conquistar Israel, ele coloca as permanências de Jesus em Jerusalém no centro de seu relato. Era em Jerusalém que as decisões deviam acontecer. Em vista disso, compreendemos de forma nova a peculiaridade dos discursos de Jesus no evangelho de João. Eles não são “pregações” como, p. ex., o Sermão do Monte. São controvérsias, discussões duras e acaloradas, nas quais ouvimos permanentemente, nas entrelinhas, as objeções e os ataques dos adversários. Igualmente está claro o quanto João teve de omitir, para assegurar espaço para seu grande tema. Ele tinha consciência de que todas essas demais partes poderiam ser encontradas nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

Depois que a decisão de Israel pela incredulidade se tornou definitiva, somente resta acrescentar a história da Paixão e da Páscoa (Jo 18-21). No entanto, entre Jo 12 e os cap. 18-21 João intercala os “discursos de despedida”. Sua intenção é mostrar expressamente como Jesus preparou seus discípulos para sua comissão. O fato de Israel fechar-se para seu Senhor e Redentor não significa que o plano de Deus fracassou. Muito pelo contrário. A cruz torna-se a “exaltação de Jesus”, a glorificação do Pai e do Filho, abrindo caminho para a agregação da igreja universal dos fiéis.

2 – João credita grande importância às “obras” de Jesus. Incessantemente Jesus é descrito como aquele que age pela palavra e pela obra. Mas, apesar disso, predomina em João a “ontologia”, a doutrina do “ser”, da “essência” de Jesus. Nos sinóticos raramente encontramos uma afirmação sobre o que Jesus “é”. Por isso, uma passagem como [Mt 11.27s](#) sempre chama atenção por seu caráter “joanino”. João, porém, começa seu evangelho imediatamente com as asserções poderosas que caracterizam Jesus como o “Verbo” eterno do Pai. E precisamente nos grandes feitos de Jesus o autor ressalta como Jesus apenas “faz” e é capaz de fazer tudo isso porque “é”, por essência, alguém extraordinário. É por isso que as palavras “Eu Sou” dominam o presente evangelho. As “obras” são apenas “sinais” do “ser” que “veio” a nós em Jesus. Em decorrência, o fato de que Jesus “veio” e de que foi “enviado do Pai” constitui o verdadeiro acontecimento da revelação, do qual emanam todo o seu falar e agir.

O ponto culminante dessa proclamação “Eu Sou” no presente evangelho é o texto de [Jo 8.21-24](#). O reconhecimento do “ser” de Jesus é o único reconhecimento que salva dos pecados. Será que João ainda concorda com a mensagem apostólica? Essa mensagem não trata da cruz como nossa salvação? No entanto, quando falamos da “cruz” não nos esquecemos da verdade decisiva: não é a cruz como tal que nos salva, e sim aquele que está pendurado nela. Se Jesus não fosse esse “Eu Sou”, sua crucificação não nos poderia ajudar em absolutamente nada.

O evangelho de João nos induz a não permanecer concentrados nas diversas palavras ou em ações isoladas de Jesus, mas a captar sua essência, sua pessoa, ainda que sua essência venha a nós unicamente por meio de sua palavra e suas “obras”.

3 – João nos diz pessoalmente que seu livro foi escrito “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” ([Jo 20.31](#)). No “crer” João registra o acontecimento decisivo, que nos concede a vida. Aqui cumpre ter em mente que a “fé” se refere precisamente ao que vimos acima no item 2. Também ele está colocado numa ótica “ontológica” e precisa apreender o “ser” de Jesus. Uma afirmação ontológica, “de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”, caracteriza o conteúdo da fé. Isso corresponde àquela passagem decisiva de [Jo 8.21-24](#), conforme já destacamos.

Em todo o evangelho a “fé” e a “incredulidade” estão permanentemente em jogo. Não há quaisquer julgamentos morais sobre Israel. Os israelitas não são “filhos do diabo” por causa de transgressões éticas, mas por causa de sua incapacidade de reconhecer verdadeiramente a Jesus, e por causa de sua vontade de destruir o Filho de Deus.

Acontece, porém, que João não possui uma concepção esquemática do que seria a “fé”. Ele considera a fé como uma realidade viva, que por isso também é capaz de crescer e percorrer diversos estágios. Por isso encontramos em João declarações a respeito da fé que parecem contradizer-se. Ao término da luta de Jesus por seu povo João constata: “E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele” ([Jo 12.37](#)). Porém, logo no início, na primeira Páscoa de que Jesus participa em Jerusalém, João assegurou que “muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome” ([Jo 2.23](#)). Isso não é uma contradição? No entanto, onde fica então essa “fé”? Desde o princípio Jesus não acredita na fé deles ([Jo 2.24,25](#))! Aqui ocorre algo no ser humano que é preciso ser chamado de “fé”, e que apesar disso não é fé verdadeira. Em consonância com isso, parecia que também entre os galileus Jesus encontrara fé disposta ao engajamento. Querem torná-lo Rei, Messias ([Jo 6.14s](#)). Porém Jesus se subtrai a uma “fé” assim. E no final está o afastamento de Jesus até mesmo das fileiras dos discípulos ([Jo 6.66s](#)). Em João notamos com acuidade que nossa busca humana por projeção impede que creiamos ([Jo 5.44](#)), ou leva a uma “fé” curiosa, que “crê em Jesus” e não obstante acompanha, sem se opor, a resolução de matar Jesus ([Jo 12.42s](#)), deixando, assim, de ter realidade verdadeira. João sabe que existem todas essas formas e espécies de fé. Assim existe também numa série de judeus uma “fé” em Jesus que apesar disso somente há de tornar-se fé quando permanecerem nas palavras de Jesus ([Jo 8.31](#)), algo de que, porém, não somos informados. João também tem ciência da “fé” que pergunta, que não consegue se esquivar da impressão causada por Jesus e que apesar disso não chega a dizer um sim real e claro em relação a Jesus ([Jo 7.31,40-43](#)).

Aparentemente “contraditória” é também a descrição da fé nos discípulos. Na verdade, é precisamente assim que o crer foi captado em toda a sua vitalidade. Já no início, em [Jo 1.41](#); [1.50](#), há discípulos que alcançam a fé definida em Jesus como o Messias. [Jo 2.11](#) atesta novamente que eles, após o milagre do vinho em Caná, crêem em Jesus. Apesar disso, parece que apenas em [Jo 6.69](#) a fé realmente irrompe neles. Na despedida de Jesus, porém, evidencia-se que na realidade os discípulos pouco reconheceram a Jesus, que praticamente não “crêem” nele no verdadeiro sentido ([Jo 14.8-11](#)). E, independentemente de considerarmos [Jo 16.31](#) como pergunta ou como exclamação, em todos os casos a fé que os discípulos tinham até então não resiste à prova subsequente ([Jo 16.32](#)). Em seguida, vemos em Tomé como um discípulo chega à “fé” no sentido real e pleno somente após a Páscoa, à fé que reconhece em Jesus seu Senhor e seu Deus ([Jo 20.28](#)) e que agora de fato é “a vitória que vence o mundo” ([1Jo 5.4](#)). Jesus, porém, antevê que essa fé surge de forma miraculosa justamente naquelas pessoas “que não vêem e mesmo assim crêem”. Ele declara bem-aventuradas as pessoas que “crêem” assim ([Jo 20.29](#)).

4 – É característico de todo o NT que, por um lado, o amor ocupe uma posição tão central como justamente João expressa em sua 1ª carta em [1Jo 3.14](#); [4.7-12](#); [4.16](#), mas que, por outro lado, em geral se fale do amor somente de forma muito reservada. Paulo sabe como Deus demonstra seu amor a nós ([Rm 5.5ss](#)). Contudo, no início da carta aos Romanos ele não cita a revelação do amor salvador de Deus como conteúdo do evangelho, mas fala da justiça de Deus. Na primeira carta aos Coríntios, em [1Co 13](#), o amor é caracterizado como o fator decisivo na vida dos cristãos, sem o qual tudo o mais reverte em nada. Contudo, apesar disso esse amor não é o tema expresso da carta desde o

início. Será que as testemunhas bíblicas tinham consciência do perigo dos mal-entendidos relacionados com a palavra “amor”?

Também no presente evangelho o amor de Deus é citado em Jo 3.16 como a razão de todo o envio de Jesus. Esse versículo foi chamado de “o evangelho no evangelho”. Tanto mais chama a atenção que agora, nos capítulos seguintes, não se faça mais uso dessa afirmação e não se continue a falar desse amor de Deus. Ele não se torna o tema dos discursos de Jesus, o motivo com o qual ele confronta seu povo.

Apenas nos “discursos de despedida”, ou seja, no círculo íntimo dos discípulos, Jesus torna a apontar expressamente para o amor, o amor do Pai pelo Filho (Jo 15.9), o seu próprio amor pelos discípulos (Jo 15.10), mas também o amor do Pai pelos que crêem (Jo 16.27; 17.23-26).

Surpreendidos, lemos em Jo 13.1 sobre o amor com que Jesus amou os seus no mundo, para amá-los agora de forma cabal justamente no caminho para a cruz. Não há dúvida de que seu amor determinou todo o relacionamento com os discípulos. Porém a descrição do convívio de Jesus com seus discípulos não deixou explícito nada desse amor. E em lugar algum o fato de Jesus lutar com “amor” pelas pessoas se torna diretamente tangível. Precisamente João mostra a “dureza” de Jesus (Jo 8.41-45; 9.39-41; 10.8; 11.6,21,32,33), por trás da qual não é fácil descobrir o amor. Com isso não estamos negando o amor de Jesus por pessoas enfermas, perdidas e desencaminhadas! No entanto, visamos observar a reserva e reticência com que o amor é tratado no presente evangelho.

A vida e a atuação de Jesus, o Filho, estão sendo sustentadas integralmente pelo amor ao Pai. O que Jesus afirma em Jo 5.19,20 expressa de forma muito profunda esse amor entre o Filho e o Pai. Contudo, o termo “amor” não é usado por Jesus para a sua posição em relação ao Pai. Somente em Jo 14.31 Jesus fala uma única vez diretamente de seu amor pelo Pai, o qual determina a sua trajetória até a cruz.

Também o amor dos discípulos a Jesus é mencionado somente nos discursos de despedida, sem que se fizesse uma tentativa de caracterizar melhor esse amor e explicar seu surgimento nos corações dos discípulos. Ele é pressuposto como algo óbvio, para que em seguida determinadas conseqüências fossem traçadas a partir dele.

Do mesmo modo, o mandamento do amor em Jo 13.34 aparece de forma abrupta. Até então ele não havia se destacado em nenhum momento dos discursos.

Não obstante, é inequívoco: quando o “amor” (Jo 3.16; 13.1; 13.34s; 14.15; 14.31; 15.9,10; 16.27; 17.23-26; 21.15-17) ocorre no evangelho de João, ele é a realidade decisiva. O amor não é um “traço secundário” neste evangelho, e sim o traço básico subjacente, que em alguns pontos se torna esplendorosamente visível. Quando se entende por “amor” qualquer grandeza meiga e sentimental, então João na verdade não é “o apóstolo do amor”, como se gostava de chamá-lo. Mas se “amor” significa “o ‘ser’ em prol dos outros, que determina integralmente a própria existência”, então João reconheceu esse amor no envio, na atuação, na morte e ressurreição de Jesus. Por isso tornou-se o apóstolo do amor em suas cartas, de modo singular. O amor constitui um traço fundamental decisivo no evangelho segundo João, por mais reticência que use ao falar dele.

COMENTÁRIO

I – O FIM DA LUTA VÃ DE JESUS POR SEU POVO – JOÃO 11—12

O REAVIVAMENTO DE LÁZARO – JOÃO 11.1-44

- Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta.
- Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos.
- ³ – Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas.
- Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado.
- Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro.
- ⁶ – Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava.
- ⁷ – Depois, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judéia.
- Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?

- ⁹ – Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo.
- Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.
- Isto dizia e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu (*D*: “dorme”), mas vou para despertá-lo.
- ¹² – Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo.
- ¹³ – Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono (literalmente: da dormência do sono).
- ¹⁴ – Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu;
- e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele.
- Então, Tomé, chamado Dídimo, disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele.
- Chegando Jesus, encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias.
- ¹⁸ – Ora, Betânia estava cerca de quinze estádios perto de Jerusalém.
- ¹⁹ – Muitos dentre os judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar a respeito de seu irmão. (*K*: “dela”).
- ²⁰ – Marta, quando soube que vinha Jesus, saiu ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa.
- ²¹ – Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão.
- Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.
- ²³ – Declarou-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir.
- Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia.
- Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá;
- ²⁶ – e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?
- Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo (“o Ungido”), o Filho de Deus que devia vir ao mundo.
- ²⁸ – Tendo dito isto, retirou-se e chamou Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: O Mestre chegou e te chama.
- ²⁹ – Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele,
- ³⁰ – pois Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia onde Marta se avistara com ele.
- ³¹ – Os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na, supondo que ela ia ao túmulo para chorar.
- Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés, dizendo: Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido.
- Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se.
- ³⁴ – E perguntou: Onde o sepultastes? Eles lhe responderam: Senhor, vem e vê!
- ³⁵ – Jesus chorou.
- Então, disseram os judeus: Vede quanto o amava.
- ³⁷ – Mas alguns objetaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse?
- ³⁸ – Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta a cuja entrada tinham posto uma pedra.
- ³⁹ – Então, ordenou Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias.
- Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?
- Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste.
- Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste.
- E, tendo dito isto, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!
- Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Então, lhes ordenou Jesus: Desatai-o e deixai-o ir.

- 1 A luta por Israel, intensificada de Jo 2.13 até 10.39, havia sido interrompida por Jesus. Ele se retirara para a margem oriental do rio Jordão. Como haveria de continuar seu caminho? Como chegaria aquela última decisão, que Jesus há muito via diante de si como “a sua hora” (Jo 2.4!)? João deixa claro que o próprio Jesus de forma alguma apressa essa “hora”. Ele não tem um “plano”. Tudo acontece como que por si só e, não obstante, de tal modo que o Filho reconhece, passo a passo, o plano e a vontade do Pai e obedece a essa vontade. Por isso, o imponente cap. 11, em cujo final está a decisão do Sinédrio de matar Jesus (v. 46-53,57), começa com uma informação quase irrelevante: **“Estava alguém enfermo, Lázaro de Betânia.”** Pelo fato de João acrescentar **“da aldeia de Maria e de Marta, sua irmã”**, torna-se mais uma vez visível com que naturalidade ele pressupõe o conhecimento da tradição sinótica entre seus leitores. Até esse momento ele próprio não falara de “Maria e Marta”, mas agora refere a elas como pessoas conhecidas. “Marta” significa “senhora”. Parece que ela também era de fato a mais velha dos irmãos e a dona de casa determinante. Porém, como em Lc 10.38-42 Maria é mais importante em termos espirituais, também João a destaca:
- 2 **“Esta Maria era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos.”** João relatará o evento somente em Jo 12.1-8, mas já o pressupõe como fato conhecido. E somente agora somos informados de que Lázaro não é apenas oriundo da mesma aldeia, mas que é o irmão de Maria (e Marta). Agora o relato já se torna mais enfático: **“cujo irmão Lázaro estava enfermo.”**
- 3 Notamos que laços especiais ligam Jesus com essa casa, e compreendemos como Jesus é arrastado para dentro dos acontecimentos. Aqui a situação é diferente das intervenções de Jesus em Jo 5.1ss e Jo 9.1ss. **“Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas.”** Jesus não conhecia anteriormente o enfermo no tanque de Betesda e o cego de nascença. Porém com Lázaro ele tinha laços e o amava. Na vida terrena daquele que vinha da glória eterna havia afeições que ele deixava manifestas. Também nisso Jesus foi **“verdadeiro homem”**.
- 4 Não somos informados de mais nada sobre o tipo de enfermidade. O diagnóstico médico não tem importância. Mas o diagnóstico espiritual de Jesus a respeito desse caso de doença é decisivo. “Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não leva à morte, e sim serve à glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado.” Por natureza, toda enfermidade está direcionada para a morte. Não há progresso da medicina que possa mudar esse fato por princípio. Jesus, porém, confere um novo alvo à doença. Ele o faz de forma tão essencial e profunda que, em aparente contradição com sua palavra, permite que a enfermidade de Lázaro acabe na morte física, contribuindo ainda pessoalmente para que, por sua ausência do leito do amigo, esse fim seja apressado. “Esta enfermidade não leva à morte” não é um prognóstico tranquilizador. Essas palavras de Jesus de antemão visam um ataque desafiador à morte, que somente como tal serve em sentido pleno “à glória de Deus”. A morte o põe definitivamente à prova. Verdade é que Jesus já realizara muitas grandes obras, porém sempre pôde basear sua ajuda e cura na vida que encontrava. Porém, será que ele de fato tem poder também sobre a morte? Jesus já asseverara que tinha esse poder em Jo 8.51 e Jo 10.18. Agora ele precisa demonstrar, e demonstrará, seu poder no confronto com a realidade total da morte. A glória de Deus reflete nessa subjugação da morte. Ao mesmo tempo, porém, é Jesus, o próprio Filho de Deus, que age em obediência à vontade do Pai, sendo assim “glorificado” por meio dessa enfermidade de Lázaro. Também nesse caso (cf. Jo 5.17ss) a glória de Deus e a glorificação de Jesus coincidem integralmente. Quando o Filho é glorificado por meio de um feito extraordinário, então a glória de Deus reluz. E a magnitude e o poder do Deus invisível somente podem tornar-se visíveis nessas ações do Filho na terra.

Obviamente o olhar de Jesus, ao fazer essa afirmação, está dirigido para longe. É verdade que ele é glorificado pelo inaudito milagre que presenciaremos. Porém, precisamente esse milagre definitivamente trará a morte para ele mesmo. Onde fica, então, sua “glorificação”? Em Jo 13.31s ele responderá a essa pergunta diante de seus discípulos. Sua morte é a sua verdadeira glorificação (Jo 17.1)! Por ser ele o “príncipe da vida”, “a ressurreição e a vida”, sua “exaltação” até a cruz, sua morte no madeiro maldito se torna a salvação dos perdidos da morte para a vida eterna (Jo 3.15). Quando o amigo adoece, Jesus ouve soar a “hora”, que se aproxima justamente pelo fato de que Lázaro morrerá e será ressuscitado. É a hora salvadora para o mundo inteiro. Somente nessas correlações amplas compreenderemos corretamente o presente capítulo.

5 Na seqüência, João nos assegura: “Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro.” É preciso que saibamos disso, para que não vejamos desamor na estranha demora do v. 6, mas gravemos que Jesus também “ama” os seus quando lhes parece indiferente e duro. Talvez seja por isso que o evangelista usa a forte palavra grega “*agapáo*”, que eleva esse amor acima de toda mera simpatia humana. Nesse amor Jesus concederá à casa em Betânia algo muito maior do que se fosse apressadamente para rapidamente curar a Lázaro. O amor corre o risco de parecer destituído de amor e tolerar que a pessoa amada sofra o mal da morte, para que de maneira inesperada “vejam a glória de Deus” (v. 40).

6/8 Jesus não se apressa para chegar ao enfermo. “Quando, pois, soube que ele estava doente, ainda se permaneceu dois dias no lugar onde estava.” Os discípulos não se admiram disso. Pelo contrário. Quando Jesus lhes comunica sua decisão: “Vamos outra vez para a Judéia”, então “dizem-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?” Seus olhos não estão voltados para o enfermo, mas para o perigo que ameaça o Mestre e, conseqüentemente, também a eles, caso apareçam outra vez na Judéia. Ainda está em seus corações o susto por que passaram em Jo 10.31,39.

Jesus lhes tira esse medo. “Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo.” De dia se caminha em segurança. Então não há nada a temer. E “não são doze as horas do dia?” Essas doze horas primeiramente precisam passar antes que escureça. O “dia” ainda não acabou. Em vista disso, seus discípulos poderão ir com ele à Judéia sem riscos. Mas justamente pelo fato de que agora ainda – por breve tempo! – é “dia”, a ida tampouco pode ser adiada. Do contrário, poderão ser colhidos pela noite. E então vale o seguinte: “Mas, se alguém andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.” Pode nos surpreender que nessa frase de repente se fale da “luz nele”. Antes somente se falou da “luz deste mundo”, que obviamente falta na noite. No entanto, aqui fica claro que Jesus imediatamente compreende a sua frase de forma metafórica e num sentido mais profundo. O ser humano não deveria depender simplesmente da “luz deste mundo”, mas pode e deve carregar “em si”, como discípulo de Jesus, uma luz que é essencial e que também lhe permite andar em segurança na escuridão do mundo e da vida. Quem carece dessa luz obviamente ficará sem esperança nas trevas e tropeçará e cairá. A palavra de Jesus a seus discípulos também pode nos encorajar em muitas situações de nossa vida e ministério.

9/10 Somente após afastar um medo falso nos corações de seus discípulos **“ele lhes diz: Nosso amigo Lázaro adormeceu (D: “dorme”), mas vou para despertá-lo.”** Jesus fala de Lázaro como **“nosso amigo”**. Ele o enfatiza justamente agora, quando os discípulos pensam apenas temerosamente em si mesmos, e não no Lázaro enfermo. Ele concede a seus discípulos participação integral naquilo que vai em seu próprio coração (Jo 15.15). Se ele ama Lázaro, então esse homem também pertence aos discípulos como “nosso amigo”. Estão ligados à casa em Betânia através do amor de Jesus e se envolvem em tudo o que acontece ali. Os discípulos compreendem mal a palavra de Jesus a partir de seus próprios desejos preocupados.

“Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se adormeceu (D: “dorme”), ficará curado.” Então não é mais preciso fazer a caminhada arriscada. Ou pelo menos se tornará em nada mais que uma visita agradável e breve na casa do convalescente.

11 **“Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do sono comum.”**

12/13 Jesus precisa destruir as ilusões com que tentamos facilitar nossa vida. “Apenas então Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu, e por vossa causa me alegro de que lá não estive, para que aprendais a crer; mas vamos ter com ele.” “Apenas então” – Jesus não atropela seus discípulos de antemão com a arrasadora verdade, mas os prepara para ela. E mesmo agora, quando lhes diz: “Lázaro morreu”, consegue falar de alegria. Quando Jesus tem as coisas em sua mão, a luz da alegria brilha mesmo no acontecimento mais sombrio. Jesus declara que para ele é um motivo de alegria justamente aquilo que para os discípulos devia ser especialmente escandaloso e incompreensível, podendo provocar suas acusações. Por que seu Mestre havia deixado decorrer inutilmente dois dias e permitido que Lázaro morresse? Como o enfermo e suas irmãs devem ter aguardado o Senhor! Será que isso não deveria inquietar o próprio Jesus? Como ele pode “alegrar-se de que não esteve lá”? “Por vossa causa, para que aprendais a crer.” “Crer” significa tirar o olhar de nós e de todas as nossas possibilidades e esperanças e dirigi-lo ao Deus vivo, isto é, a Jesus. No entanto, “aprendemos” isso

somente quando nós mesmos chegamos ao fim e nos deparamos com as impossibilidades. Afinal, um Lázaro enfermo podia recuperar a saúde, ainda mais quando “dormia”. Contudo, um falecido demanda a vitória sobre a morte, que não conhecemos em nossa área. Aqui a confiança dos discípulos em Jesus tinha de se tornar uma “fé” integral, que confia que Jesus é capaz do “impossível”.

14/15 Os discípulos ainda estão muito distantes dessa fé. Não ouvem realmente a palavra de Jesus: “Mas vamos ter com ele.” Não poderiam mais ter “com ele”, se como morto estivesse completamente “afastado”, totalmente fora de seu alcance. Mesmo como “morto” ele ainda deve estar ao alcance de Jesus (Rm 14.9!), se Jesus agora “vai ter com ele”. Contudo, os discípulos não o compreendem. “Então, Tomé, chamado Dídimo” (“gêmeo”) toma a palavra em nome dos demais e diz: “Vamos também nós para morrermos com ele.” Como essa breve frase caracteriza a figura de Tomé! Tomé não consegue ir até Lázaro, irrevogavelmente morto. Na sua perspectiva ali acaba tudo. Porém nem por isso Tomé fica para trás. Ele sabe que está indissolivelmente ligado a Jesus, também quando não tem mais esperança. Por isso ele é resoluto: “Vamos também nós.” Obviamente será somente um caminho “para morrermos com ele”. Lázaro está morto e em breve todos eles também estarão mortos sob as pedradas dos judeus. Isso não afasta Tomé. Então o melhor será que todos eles morram juntos e tudo acabe. Na verdade, Tomé não é um “duvidador” do tipo comum. Como é firme seu vínculo com Jesus! Quando abordarmos o relato de Jo 20.24-29, teremos de nos recordar disso, para compreendermos corretamente a Tomé. Para ele não vale Jo 6.66! No entanto, ele não consegue “crer” do mesmo modo como os demais discípulos. No caso de Tomé, João mostra com clareza especial que a fé na ressurreição por parte dos discípulos não veio de seus próprios corações.

17/19 Começa a caminhada. “Chegando Jesus, encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias.” Se ao todo Jesus precisou de apenas dois dias e levou dois dias no caminho até Betânia, Lázaro já deveria ter morrido e sido sepultado no mesmo dia em que a notícia de sua enfermidade alcançou a Jesus. Nesse caso, Jesus já não teria encontrado o enfermo com vida, mesmo que fosse imediatamente até lá. Toda a narrativa, porém, pressupõe que foi a demora intencional de Jesus que não lhe permitiu mais chegar em tempo ao leito do amigo. Para nós não é mais possível descobrir como isso se coaduna com as informações cronológicas da narrativa.

Agora pelo menos a casa, no geral tão tranqüila e alegre, apresentava o aspecto comum de uma casa enlutada no Oriente. Estava cheia de hóspedes que, como parentes ou amigos, tentavam cumprir durante uma semana a obrigação das exéquias e do consolo. Não haviam chegado pessoas somente da própria aldeia, mas também da cidade próxima, Jerusalém. “Ora, Betânia estava cerca de quinze estádios perto de Jerusalém. Muitos dentre os judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar a respeito de seu irmão (K: “dela”).” No exemplo dessas irmãs fica explícito como o “consolo” humano, mesmo que encimado pela religião, ajuda pouco. Também a perspectiva, para um futuro distante, da “ressurreição no último dia” (v. 24) obviamente não possui a força necessária para superar a aflição do presente com consolo verdadeiro. Capacidade de consolar na morte possui somente aquele que desde já é a ressurreição e a vida.

20/22 A notícia da chegada de Jesus alcança a casa antes dele mesmo. **“Marta, quando soube que vinha Jesus, saiu ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa.”** Maria pensa que, de acordo com o costume, ela precisa se dedicar aos muitos hóspedes, motivo pelo qual permanece inicialmente em casa. Marta, porém, não se detém e corre ao encontro de Jesus. Ela o encontra fora, no sossego, sem o estorvo da multidão de hóspedes. **“Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão.”** Isso não é necessariamente uma acusação. Pode ser simplesmente expressão de uma fé ainda limitada, mas muito consciente nessa limitação. Na presença de Jesus a morte não teria tido poder. É o que Marta sabe e testemunha por meio de sua palavra. Ela o confirma através da frase subsequente, na qual essa fé começa a romper sua limitação. **“Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.”** Será que Marta tem determinadas esperanças? Teria ela coragem de pensar em avivamento de mortos? A rigor, sua palavra somente pode ter esse sentido. Que mais Deus “agora” ainda “concederia” a Jesus, se não for isso?

23/24 Jesus responde com a promessa clara: “Declarou-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir.” De acordo com o que ela mesma acabou de afirmar, Marta não deveria entender essa palavra e captar a promessa inaudita? Contudo, ela não tem coragem para tanto. Não se trata de uma “contradição” com

sua palavra no v. 22. Também nós conhecemos uma “fé” que se espanta com sua própria audácia e não se arrisca a aceitar as promessas de Deus em toda sua magnitude. Em razão disso, ela ouve na palavra de Jesus somente a promessa que ela mesma já conhece. “Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia.” Será que Marta de fato “sabe”? Então isso seria um poderoso consolo, bem capaz de superar sua dor.

Porém, com que facilidade esse “saber” permanece numa esfera religiosa, sem se tornar uma verdadeira certeza do coração! Então será mera consolação, um clarão distante, que traz pouca luz à escuridão do luto atual.

- 25** Nesse momento, uma palavra poderosa de Jesus traz o futuro distante do “último dia” para dentro do presente, vinculando a esperança, inicialmente apenas “doutrinária”, à sua pessoa, que deve ser diretamente acolhida. “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida.” Novamente ressoa uma das palavras “Eu Sou”, que na pessoa de Jesus nos proporcionam a realidade daquilo que no mais é apenas “idéia”. Para nós, reféns da morte, uma ressurreição ensinada somente em termos objetivos, que “existe” ou “existirá um dia”, pode permanecer muito ineficaz ao estarmos diante da morte e do túmulo. Será que ela “existe” de fato? Ela continua sendo inconcebível para nós. Por natureza, “ressurreição e vida eterna” são qualidades ignoradas para nós. No entanto, se Jesus em pessoa for a “ressurreição e a vida”, então muda tudo, quer para moribundos, quer para enlutados. Conhecemos Jesus de inúmeras experiências de fé. Ele está próximo de nós e dele temos certeza. Quem pertence a Jesus pode dizer com Paulo: “Para mim, o viver é Cristo” (Fp 1.21). Agora, um “dogma” foi transformado em realidade pessoal. Agora podemos captar o que Jesus promete a todos que lhe pertencem: “Quem crê em mim, ainda que morra, viverá.” Em Jo 5.24 ouvimos da boca de Jesus que quem crê já “tem” vida eterna e “passou da morte para a vida”. A morte física não consegue desfazer nossa ligação com Jesus, razão pela qual tampouco pode violar uma vida que tem a Jesus como sua essência e consistência.
- 26** Por isso não é nada mais que conseqüente que Jesus acrescente: “E todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente.” Faremos bem em ponderar mais uma vez o que esclarecemos em vista dos trechos de Jo 8.51ss e, anteriormente, Jo 6.47ss. Se esse “ter” a vida eterna (Jo 3.16!) for verdade total, então essa vida “eterna”, essa nova vida em nós, que já pertence ao *éon* vindouro, realmente não pode “morrer”. Obviamente Jesus não negou que os seus precisam morrer a morte física. Justamente eles são ameaçados mais intensamente por ela, cf. Jo 16.2. Contudo, através de Jesus as palavras “viver” e “morrer” recebem um sentido e conteúdo completamente novo. Ambos referem-se ao *éon* vindouro. “O que vive e crê em mim” refere-se ao ser humano que já encontrou na fé em Jesus a vida verdadeira. E não lhe está sendo prometido escapar do processo da morte física, mas da “morte eterna”.
- 27** Depois de seu testemunho Jesus questiona Marta sobre sua fé pessoal: “Crês isso?” As promessas de Deus sempre podem ser somente aceitas pela fé ou rejeitadas com incredulidade. Em cada proclamação genuína reside um incontornável “Crês isso?”, ainda que não formulado expressamente. Marta compreendeu o que era decisivo. Não tem nenhuma importância que possamos conceber ou imaginar “ressurreição e vida eterna” de um modo qualquer. Tudo está unicamente na pessoa de Jesus, que é a garantia, que em si mesmo “é” a realidade da ressurreição e da vida. Por isso Marta agora não fala mais da sina de seu irmão e tampouco de sua fé em sua própria ressurreição. Ela passa a ver somente o próprio Jesus. Conseqüentemente, sua resposta à pergunta de Jesus se torna um testemunho pessoal a Jesus como o Messias e Filho de Deus. “Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Messias (“o Ungido”), o Filho de Deus que devia vir ao mundo.” Ela formula sua fé nos termos da antiga esperança pelo Messias. Essa esperança obviamente tinha muitas facetas. Podia acontecer que o próprio Messias fosse considerado um personagem mortal. Mas também podia abranger o doador da ressurreição e da vida nesse personagem, quando rompia a estreiteza nacionalista e associava com o Messias Filho de Deus o agir divino que consumará a tudo. Em sua confissão a Jesus, Marta deu o passo de um futuro meramente doutrinário (“O Messias, que há de vir ao mundo”) em direção a um presente vivo: “Eu cheguei a crer que tu és o Messias.” Isso corresponde exatamente à atualização e realização da ressurreição na palavra de Jesus. Portanto, Marta entendeu corretamente, ainda que não reaja diretamente às palavras de Jesus.
- 28** Pessoalmente, Marta se aquietou nessa viva esperança. Agora é também a vez de Maria encontrar essa certeza e a paz junto de Jesus. Provavelmente Jesus tenha dito uma palavra nesse sentido, a qual

o evangelista simplesmente pressupõe no versículo seguinte. “Tendo dito isto, retirou-se e chamou Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: O Mestre chegou e te chama.” Chama a atenção que logo depois de sua “confissão a Cristo” Marta agora designa Jesus pelo o título comum de “Mestre”. Talvez até então Jesus simplesmente tenha sido chamado nessa casa em Betânia de “o professor”, embora mesmo assim estivesse descartada qualquer confusão com os muitos “professores” daquele tempo. Precisamente perante a irmã enlutada Marta emprega a designação familiar. Marta deseja que sua irmã tenha um diálogo tranquilo com Jesus, como ela própria o teve, sem espectadores curiosos ou críticos. É por isso que ela lhe comunica “em particular” o chamado de Jesus. Esse chamado põe de lado todos os demais compromissos de Maria.

- 29/32** “Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele, pois Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia onde Marta se avistara com ele.” Contudo sua saída não passa despercebida. “Os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na, supondo que ela ia ao túmulo para chorar.” Portanto, os presentes na casa enlutada consideram seu dever cercá-la com consolo também no túmulo. Mas o caminho de Maria não leva à sepultura, mas até Jesus. E agora também ela despeja diante dele seu coração aflito. “Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés, dizendo: Senhor, se estiveras aqui, para mim o irmão não teria morrido.”
- 33** Novamente, o sentido não é necessariamente acusador. No entanto, torna-se explícito o quanto essa idéia a comoveu e atormentou durante todos esses dias. Isso também se expressa pelo fato de que ela se lança aos pés de Jesus. Está abalada de modo diferente de Marta. É a mesma Maria que encontramos também em Lc 10.39 e Jo 12.3. A Bíblia sempre é extremamente parcimoniosa na descrição de “emoções”. Apenas raramente somos informados a respeito dos sentimentos interiores de Jesus. Por isso chama atenção a intensidade com que João os relata aqui. “Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, enfureceu-se no espírito e comoveu-se.” João no-lo informa como testemunha do acontecido, contudo não apresenta nenhuma interpretação ou explicação. Por isso, nem mesmo há uma certeza de como devemos traduzir e entender a palavra, que significa a princípio “vociferar, rugir contra”. Será que Jesus se “enfurece” no sentido literal desse termo? Por que o faz? Seria a “fúria” sobre o poder da morte, que causa um sofrimento desses? Ou será que Jesus se “enfurece” com a incredulidade dos judeus e até de Maria, que chora na presença do Salvador, em vez de crer? Contudo, o termo seguinte, de que Jesus se “comoveu” ou “abalou”, também ocorre em Jo 12.27 e 13.21, onde Jesus se abala a partir da perspectiva da cruz. Conseqüentemente, também podemos relacionar a emoção interior de Jesus, que na presente passagem se torna visível desse modo vigoroso, com sua trajetória até a cruz, ainda mais que logo no começo do capítulo, no v. 4, fomos direcionados nesse rumo. A “fúria” de Jesus e sua “comoção” dirigem-se contra todo esse mundo de pecado e morte, contra esse mundo da descrença até mesmo em Israel. Esse mundo faz com que ele tenha de ser exaltado até a cruz, que tenha de dar sua carne para lhe trazer a vida (Jo 6.51). Na morte de seu amigo, bem como nas lágrimas de Maria e dos judeus, Jesus vê diante de si esse “mundo”. E o ato que agora realizará em Lázaro trará a guinada definitiva em direção da cruz. Somente pagando esse preço ele pode ressuscitar esse morto.
- 34** Contudo Jesus não se entrega à emoção. Ele age. Jesus **“perguntou: Onde o sepultastes? Eles lhe responderam: Senhor, vem e vê!”** Esse **“vem e vê”** soou no começo do evangelho (Jo 1.39; 1.46). Naquela ocasião apontou para o príncipe da vida. Agora chama o príncipe da vida à sepultura. No entanto, como no v. 15, para Jesus não é apenas o corpo, um invólucro mortal que foi depositado no túmulo. Também nesse instante Jesus busca em sua pergunta a **“ele”**, ao próprio Lázaro, indagando onde **“ele”** pode ser achado.
- 35/36** **“Jesus chorou.”** O Verbo tornou-se **“carne”**. Também agora isso é um fato real. Ele, que um dia há de enxugar definitivamente todas as lágrimas, está aqui tomando parte em nossas lágrimas. **“Então, disseram os judeus: Vede quanto o amava.”** Também isso Jesus conhece, essa “predileção” peculiar por determinadas pessoas. Por isso nós, como seus discípulos, também não precisamos ter receio de, além de ser irmãos de todos os que crêem, ter relacionamentos de amizade pessoal com indivíduos. A comunidade enlutada constata o amor de Jesus por Lázaro.
- 37** Contudo, numa maneira típica para nós humanos, imiscui-se imediatamente um comentário crítico: **“Mas alguns objetaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse?”** Entre os muitos milagres e curas de fato a cura do cego de nascença em Jerusalém

permaneceu especialmente na memória das pessoas. Na verdade, essa recordação tampouco é valorizada positivamente, mas aproveitada como ponto de partida para criticar Jesus. Sem dúvida, é inicialmente incompreensível que Jesus, possuindo um poder tão grande para operar milagres, deixa seu amigo Lázaro morrer sem assistência. Esse enigma valeria uma pergunta genuína, e essa pergunta receberia uma resposta divina na ação de Jesus em Lázaro. Contudo, os que agora se pronunciam não perguntam realmente, mas expressam somente uma acusação por meio da indagação.

- 38 Por isso é compreensível que Jesus se “**enfureça**” mais uma vez diante de tanta presunção, incompreensão e desesperança. “**Jesus, agitando-se novamente em seu íntimo, chegou ao túmulo. Era ele uma gruta, a cuja entrada tinham posto uma pedra.**” Lázaro foi sepultado num túmulo nas rochas, que existiam em muitos locais naquele tempo. Deve-se ter aproveitado uma gruta natural. A região montanhosa da Judéia está cheia dessas grutas. A sepultura era fechada por uma grande pedra, a fim de proteger o corpo contra qualquer violação por animais. Muitas vezes era uma pedra roliça, que corria numa fenda da rocha e tinha de ser “rolada” para o lado, a fim de abrir a sepultura. Aqui, diante da gruta de Lázaro, parece ter sido colocada uma laje de pedra, que pode ser “tirada” para o lado (cf. v. 39).
- 39 Nesse momento começa a ação poderosa de Jesus. “**Então, ordenou Jesus: Tirai a pedra!**” Marta expressa o susto que perpassa todos os presentes em vista dessa ordem: “**Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é [morto] de quatro dias.**” Até Marta, que havia saído tranqüilamente e com fé do encontro com Jesus, sob o poder de sua promessa (v. 27ss), sucumbe ao pavor natural que temos diante do poder visível e perceptível da morte, que transforma um corpo amado num objeto de nojo. Assim como em outra ocasião Pedro não olhou para Jesus, mas para o ímpeto do vento e das ondas, razão pela qual começou a afundar, assim o olhar de Marta não repousa ininterruptamente naquele que confirmou diante dela ser a ressurreição e a vida. Olha assustada para a boca do túmulo, que pode conter somente algo repugnante. A arte da fé, de “não atentar nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem” (2Co 4.18), é impossível para nós antes de sermos renascidos e recebermos o Espírito Santo.
- 40 Jesus a chama de volta para essa fé. “Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?” **Agora ela precisa “crer”, ou seja, contar com o poder de Jesus com base em sua palavra, um poder que não retrocede nem mesmo diante da morte e putrefação e que por isso ordena que se abra o túmulo daquele que já estava em vias de decompor-se. Se Marta “crer” desse modo ela “verá”, e não o terror da morte, mas a “glória de Deus”. Fora isso que Jesus previra imediatamente ao receber a notícia de que Lázaro adoecera (v. 4). É isso que ele também sustenta agora na prova derradeira. Ele fará a obra que o glorificará como o Filho de Deus. Contudo, é a “glória de Deus” que resplandece nessa incursão ao mundo dos mortos. É característico para a verdadeira filiação divina de Jesus que ele não promete a Marta: “**Verás a minha glória**”, mas que ele, em amor desinteressado pelo Pai, apenas deseja a glorificação de Deus. Isso distingue Jesus radicalmente de todos os “milagreiros”, que existiam de múltiplas formas no mundo antigo.**
- 41 Essa característica se evidencia de imediato na atitude de Jesus, quando a pedra da entrada do túmulo agora é realmente afastada. “**Tiraram, então, a pedra. E Jesus levantou os olhos para o alto.**” Jesus demonstra a Marta e Maria, a seus discípulos e a todos que o quiserem constatar, o “**ver as coisas que não se vêem**” (2Co 4.18). A sepultura está aberta. Porém Jesus não olha para lá, na escuridão, ele não sente o cheiro da putrefação, ele “**levantou os olhos para o alto**”. E o olhar para o Pai se transforma em diálogo com ele: “**Pai, graças te dou porque me ouviste.**” Se o Pai o “**ouviu**”, então isso foi precedido por uma prece do Filho. Sem dúvida, uma indagação suplicante subira do Filho ao Pai já ao receber a notícia da doença na casa em Betânia, e a incumbência inaudita do Pai havia sido recebida como resposta. Também nesse caso o Pai havia “**mostrado ao Filho o que ele faz**”. Aqui confiou-se a Jesus algo das “**obras maiores**”, das quais falara em Jo 5.20. Justamente naquela ocasião Jesus havia referido à ressurreição de mortos (Jo 5.21). Agora ela deve acontecer como um sinal. A asserção de Jo 5.21 obtém uma confirmação, que por sua vez aponta novamente para o cumprimento final.
- 42 O atendimento da prece, porém, nesse caso, não constitui uma exceção especial. “**Aliás, eu sabia que sempre me ouves.**” Nessa palavra obtemos uma importante complementação ao que Jesus havia dito em Jo 5.19s, por ocasião de seu primeiro inquérito diante dos dirigentes do povo sobre seu

relacionamento de Filho com Deus. Como Filho, ele depende integralmente do Pai, e é isso que ele também quer. Contudo, não depende dele numa submissão muda. O Filho pode pedir ao Pai, e pode ter certeza de ser atendido, porque o Pai ama ao Filho. O “**mostrar**” por parte do Pai representa uma ação espontânea de seu amor ao Filho, e apesar disso constitui a resposta à pergunta e petição por parte do Filho. Jesus é aquele que está “**sempre**” pedindo, esperando pelo Pai e recebendo dele. Contudo, como o Filho ele também é aquele que está sendo “**sempre**” atendido, que tem certeza desse atendimento. Por meio dessa atitude Jesus mostra a nós, que somos “**filhos no Filho**”, como é nossa vida normal na comunhão com Deus. Por isso, saber que somos atendidos, “**ter**” certeza da vitória quando pedimos, é algo que justamente João expôs à igreja crente como a atitude de oração correta em 1Jo 5.15. Também entre nós a profunda humildade e dependência total estão ligadas a uma certeza audaciosa, e isso tanto mais nitidamente quanto mais integralmente vivermos como filhos de Deus.

Jesus visa mostrar essa glória de sua filiação divina a todos os que estão presenciando os acontecimentos. Por isso ele não exerce sua comunhão com o Pai, como de costume, em segredo, mas permite que dessa vez se torne explícita. “**Mas [assim] falei por causa da multidão presente, para que venham a crer que tu me enviaste.**” Isso não significa reduzir a oração a um espetáculo. Com quanto recato justamente a exposição de João preserva o mistério na vida de Jesus. Em parte alguma vemos algo dos anjos que “**sobem e descem sobre o Filho do Homem**” (Jo 1.51). Nunca nos é permitido ver o contato do Filho com o Pai. Contudo, no milagre inaudito cuja realização será dada agora a Jesus, o seu interesse é que as pessoas não fiquem pasmas com ele como milagreiro, mas vejam em ação o Pai, o próprio Deus vivo. Mesmo nesse momento Jesus não deseja ter nenhuma outra honra do que ter sido enviado e confirmado pelo Pai e “praticar as obras de seu Pai” (Jo 10.37).

43 E agora o próprio milagre é relatado de modo bem sucinto, mas com toda a magnitude. “E, tendo dito isso, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!” Nessa sepultura não jaz nenhuma pessoa aparentemente morta, à qual se pudesse acordar com um grito. Jesus não eleva a voz para atingir e despertar Lázaro por meio dela. Não há volume de voz que possa atingir um morto. O fato de Jesus estar “clamando em alta voz” é o sinal de sua certeza de vitória sobre a morte, diferenciando ao mesmo tempo sua ação divina clara do “chilrear e murmurar” dos necromantes e adivinhos (Is 8.19). A ordem pela qual acontece o milagre é, nova e completamente, algo “impossível”. E nesse instante ouve e obedece aquele que nem sequer poderia fazê-lo, ao qual o ouvir e obedecer são concedidos somente por meio do milagre. Mas é claro que também nesse caso o milagre se concretiza unicamente através do ouvir e obedecer pessoais. Também Lázaro, em vias de decomposição, é valorizado e tratado como “pessoa”. Ele é “chamado” pelo nome e solicitado a “vir para fora” em pessoa.

44 João não faz a menor tentativa de relatar o desenrolar do próprio milagre. Nisso um relato bíblico como esse se distingue das numerosas narrativas de milagres da Antigüidade. Faz parte da santidade do Deus vivo que não podemos observar nem auscultar seu agir, seja quando cria do nada, seja quando restaura da enfermidade e da morte. “**Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir**” (Sl 33.9). Por isso o evangelista não faz nada para “**explicar**” o milagre e torná-lo medianamente compreensível. Pelo contrário. Salienta de forma ainda mais abrupta toda a “**impossibilidade**” do acontecimento. “**Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço.**” Vem para fora aquele que com as mãos e os pés atados nem podia “**vir**” e que com o rosto encoberto pelo sudário nem sequer conseguia achar o caminho. Deve ter sido um “**levitar para fora**”, o que possivelmente causou terror diante do vulto envolto em panos brancos. Contudo, Jesus imediatamente elimina qualquer elemento “**horripilante**”, sim, qualquer aspecto “**miraculoso**”, por meio da sóbria solicitação: “**Então, lhes diz Jesus: Desatai-o e deixai-o ir.**” Lázaro, libertado das mortalhas, vai para casa como um ser humano entre outros. Obviamente Jo 12.9 nos mostra o interesse singular que estava vinculado a essa pessoa, que na realidade esteve na sepultura até começar a se decompor e depois foi chamado de volta à vida. Porém em lugar algum o evangelista ao menos insinua que Lázaro tenha relatado a outros como, afinal, era o “**além**”, o lado de lá da sepultura.

É significativo que esse evangelista se negue a fazer qualquer descrição daquilo que passava agora, depois desse evento extraordinário, em forma de sentimento pelos corações dos presentes. Nada é dito sobre admiração ou pavor dos espectadores, sobre louvor a Deus, ou sobre júbilo ou gratidão profunda em Marta e Maria. Obviamente deve ter havido tudo isso. No entanto, isso agora

não é importante para João. Seu grande tema no evangelho é “fé e incredulidade”. O que o episódio em torno de Lázaro tem a dizer sobre esse tema?

A REPERCUSSÃO DESSE GRANDE MILAGRE – João 11.45-54

- Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele.
- ⁴⁶ – Outros, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara.
- ⁴⁷ – Então, os principais sacerdotes e os fariseus convocaram o Sinédrio; e disseram: Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais?
- Se o deixarmos [agir] assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação.
- ⁴⁹ – Caifás, porém, um dentre eles, sumo sacerdote naquele ano, advertiu-os, dizendo: Vós nada sabeis,
- nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação.
- Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação
- e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos.
- Desde aquele dia, resolveram matá-lo.
- ⁵⁴ – De sorte que Jesus já não andava publicamente entre os judeus, mas retirou-se para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali permaneceu com os discípulos.

45 “Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, chegaram a crer nele.” Será que esse era novamente o tipo de “fé” com que nos deparamos também em Jo 2.23s? Onde ficaram esses “muitos” judeus de Jerusalém na Sexta-feira da Paixão? Não somos informados de nenhum movimento de todos esses “crentes” posicionando-se a favor de Jesus. Talvez estivessem entre os três mil que se deixaram salvar de fato no dia de Pentecostes. A “pregação pentecostal” de Pedro está integralmente alicerçada sobre fatos que os ouvintes haviam presenciado com Jesus. “Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais” (At 2.22). Será que diante dessas palavras de Pedro “muitos” não deviam se lembrar do que acontecera com Lázaro, e que naquele tempo os levava a encontrar fé em Jesus? É marcante que somente Maria seja citada como aquela que os judeus haviam ido visitar.

46 “Alguns deles foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara.” Independentemente da condição dessa fé despertada pelo milagre, é muito claro que nem o maior milagre consegue superar a incredulidade. Confirma-se o que Jesus mandou Abraão dizer ao homem rico no mundo dos mortos: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc 16.31). Não é informado o que esses partidários dos fariseus sentiram ou pensaram quando Lázaro veio para fora do túmulo. Pode ter-lhes parecido fantasmagórico e como feitiçaria. Sua aversão a Jesus apenas se radicaliza. Em todos os casos, seu pensamento predominante é: “Os fariseus precisam saber disso”.

47/48 Os fariseus percebem imediatamente que algo precisa ser feito. Eles, que tinham influência maior no Sinédrio do que o partido dos sacerdotes, persuadem o sumo sacerdote a convocar uma sessão do Sinédrio. “Então, os principais sacerdotes e os fariseus convocaram o Sinédrio.” Os sacerdotes e os fariseus já trataram diversas vezes de Jesus, inquiriram-no e tentaram aprisioná-lo (Jo 7.30,32,44,45-52). Agora, a princípio predomina indefinição na reunião. É claro que todos são unânimes numa coisa: Jesus se tornou perigoso, ou melhor, politicamente perigoso. Como, porém, seria possível processar Jesus? Temos de levar em conta que não havia o conceito de heresia no judaísmo daquele tempo. A partir do predomínio da lei, contavam somente os atos de uma pessoa, não suas eventuais doutrinas ou idéias. Jesus não podia ser detido como “herege”. E aquilo que Jesus “fazia” na realidade depunha em favor dele. “Que estamos fazendo, uma vez que esse homem opera muitos sinais?” Aquilo que se aglutinava em torno de Jesus podia ter, no mínimo, aparência de um “movimento messiânico”. Na realidade, porém, esse tolo excêntrico jamais teria o poder e a possibilidade de realmente armar Israel para uma luta de libertação contra os romanos. Rápida e

cruelmente os romanos interviriam no momento em que esse movimento em torno de Jesus lhes parecesse suspeito. E então seria o fim do pequeno resto de autonomia para Israel, ao qual sobretudo os sacerdotes, mas também os fariseus, se apegavam. **“Se o deixarmos [agir] assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas o próprio povo.”** Nessa frase, como também em muitas outras ocorrências, a expressão “o lugar” provavelmente não se refere ao país nem apenas à cidade de Jerusalém, e sim especificamente ao lugar sagrado, a saber, o templo. Com uma intervenção desse tipo dos romanos, sacerdotes e fariseus perderiam a base de sua existência e seu poder: **“o templo”** e **“o povo”**. Até então, com o fracasso de algumas tentativas de prender Jesus, eles o haviam “deixado agir assim”. Foi isso que também o povo percebeu: Jo 7.25s. Agora isso não podia mais continuar. No caso de que, como é provável, nosso evangelho tenha sido escrito somente no final do séc. I, ou seja, após a catástrofe do ano 70, ficaria muito marcante para os leitores como a nossa sabedoria política pode ser míope. Então de fato “o lugar e o povo” foram tomados dos grupos dominantes. Isso aconteceu, apesar de ou justamente por não terem dado ouvidos a Jesus (e seus apóstolos!), mas acabado com Jesus e perseguido sua igreja. É dessa maneira que nossa sabedoria humana comete erros, causando exatamente aquilo que ela teme.

Os homens do Conselho vêem o perigo. Porém permanecem indecisos diante da questão: **“Que estamos fazendo, uma vez que esse homem opera muitos sinais?”** Essa será sobretudo a voz da ala dos fariseus. Conhecemos esse pensamento reticente dos fariseus a partir do conselho de Gamaliel em At 5.34-39. Os fariseus exigiram de Jesus o **“sinal”** para autenticação de seu envio (Jo 2.18; Mt 16.1; Lc 11.16). Agora **“esse homem opera muitos sinais”**. Ressuscitar um morto da sepultura após quatro dias não é uma prova irrefutável de sua autoridade? Será que é lícito intervir?

49/50 O presidente, “Caifás, sumo sacerdote naquele ano” não se abala com esses escrúpulos. Ele não raciocina parcialmente em termos religiosos, mas totalmente em termos políticos, interpelando a reunião indecisa do Sinédrio: **“Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação.”** É significativo que um sumo sacerdote de Israel não consiga apresentar nenhum outro parâmetro para as resoluções da autoridade máxima do “povo de Deus” que o da **“conveniência”**. **“Bom é o que convém ao povo”**, esse constantemente é o princípio deste mundo. Duramente, ele explica a alternativa para o Conselho: ou morre esse um, Jesus, ou o povo todo perecerá. Nesse caso a decisão deve ser bastante fácil. Porém, involuntariamente acaba dizendo o que de fato quer dizer quando fala do “povo”: convém “a vós” que Jesus seja eliminado. O zelo pelo povo é apenas meia verdade. O que está em jogo é a própria posição de poder, para a qual é necessário que o povo exista.

51 João está bem informado dos acontecimentos, a ponto de mesmo idoso lembrar dessa frase de Caifás. Ficou tão gravada em sua memória porque via nela uma profecia divina. **“Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação.”** **“Profetizar”** não é uma capacidade religiosa pessoal. Ela está vinculada à incumbência, sim, até mesmo ao **“cargo”**. Para João é importante ouvir essa profecia divina justamente neste ponto e justamente da boca do sumo sacerdote, inimigo ferrenho de Jesus, porque nesse instante da decisão oficial de matar Jesus não precisava perguntar de fato: onde está Deus agora? Como Deus pode permitir isso? Jesus havia provado ser **“príncipe da vida”** (At 3.15) quando ressuscitara Lázaro. Agora ele deve ser morto. E morto por quem? Pela mais alta cúpula do povo de Deus! Será que Deus não precisa impedir esse crime, se for vivo e todo-poderoso? Não, a **“onipotência de Deus”** se evidencia de modo completamente distinto. Ela se manifesta no fato de que Caifás, no instante de seu atentado contra Jesus, precisa **“profetizar”**, ou seja, proferir e cumprir a vontade de Deus, motivo pelo qual não passa de um instrumento na mão de Deus, apesar de sua perspicácia e arbitrariedade.

52 É a razão por que esse acontecimento sombrio e terrível há de trazer um fruto maravilhoso. Jesus morre num sentido muito mais profundo “pelo povo”. Morre como o Redentor de sua culpa. Sim, o fruto de sua morte ainda se torna muito mais imponente: “e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos.” Tão vasto, tão rico, tão imenso será o produto daquilo que agora parece ser meramente vitória da injustiça e triunfo cabal da esperteza do mundo e da maldade. A palavra dos “filhos de Deus que andam dispersos”, que precisam ser “reunidos”, evoca as próprias afirmações de Jesus em Jo 10.16. Pessoas já foram eleitas como “filhos de Deus”. Contudo ainda estão “dispersas” e ocultas entre as nações. A mensagem a respeito de Jesus, o Crucificado e Ressuscitado, as convocará e “reunirá” em um só rebanho na igreja

de Jesus. Essa grande igreja dos redimidos, que provavelmente permanece sendo um “pequeno rebanho” entre os milhões dos povos e que não obstante é “uma grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7.9), forma-se unicamente a partir do sacrifício de Jesus na cruz.

- 53 A palavra do sumo sacerdote tem impacto. **“Desde aquele dia, resolveram matá-lo.”** Em lugar de **“resolveram”** também é possível traduzir: **“deliberaram sobre matá-lo”**. Essa tradução parece combinar melhor com as palavras iniciais da frase: **“desde aquele dia”**. Mesmo que essa seja a versão escolhida, ela não pode significar que somente depois de outras considerações chegaram a decidir pela morte de Jesus. A decisão fundamental aconteceu naquela sessão após as palavras decisivas de Caifás. Outras deliberações, se é que aconteceram, somente terão servido para definir o caminho para eliminar Jesus. A tradução **“tomaram a resolução”** com certeza acerta o que João pretende nos dizer, mesmo que seja idiomáticamente incômoda após as palavras “desde aquele dia”.
- 54 **Jesus arca com as conseqüências da gravidade da situação.** “De sorte que Jesus já não andava publicamente entre os judeus, mas retirou-se para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali permaneceu com os discípulos.” **Nisso vemos aquele princípio no comportamento de Jesus com o qual já nos deparamos diversas vezes. Jesus não é um “lutador” nem um “herói” no sentido humano. Ele está caminhando claramente em direção da cruz, mas espera por sua “hora”.** Antes que ela realmente chegue, ele se esquia do risco que corre sua vida. Sai agora com seus discípulos “para uma região vizinha ao deserto”. Desde as descobertas em torno de “Cunrã” tornou-se ainda mais tangível que região de refúgio podia ser o “deserto de Judá”. Jesus, porém, não se dirige ao próprio deserto, a leste de Jerusalém em direção do mar Morto, mas para sua margem setentrional, à cidade de Efraim, situada a leste de Betel. “Ali permaneceu com os discípulos.” A expressão leva a supor uma permanência um pouco mais longa, sem que possamos definir o período com maior exatidão.

EXCURSO:

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO – “SÍMBOLO” OU “ACONTECIMENTO”?

Esse é o momento em que, ao comentar o presente evangelho, não podemos nos furtar à questão de como devemos entender o que João relata neste cap. 11. Será que temos diante de nós fatos históricos, que nos são relatados por uma testemunha ocular, ou são “lendas”, respectivamente “exposições simbólicas”, que visam descrever e enaltecer Jesus de uma forma livre? Ainda que pudéssemos deixar essa pergunta em aberto na cura do enfermo no tanque de Betesda, na multiplicação dos pães, na cura do cego de nascença, agora isso já não é possível. Agora nós, como leitores do evangelho, precisamos saber com o que estamos lidando.

Strathmann opina “que também este capítulo não trata de um evento histórico a ser entendido em sentido literal, mas sim de uma narrativa simbólica livremente elaborada, mediante utilização e ampliação de elementos da tradição sinótica, sobretudo de Lucas, e que visa incutir mais uma vez, com auxílio desse ‘sinal’ singular, a verdade da palavra de promessa dirigida a Marta (v. 25s), que formula da maneira mais sucinta o significado de salvação exclusiva de Jesus, um sinal que tão somente expressa a mesma coisa que todos os capítulos anteriores também dizem, e que ao mesmo tempo mostra que ele morreu como vítima desse seu envio e importância. Essa narrativa simbólica prega a fé no poder vivificante de Cristo, capaz de ajudar mesmo quando tudo parece morto e sem esperança. Somente se for compreendido assim o presente capítulo permanece sendo, sim, torna-se um poderoso testemunho da fé cristã vitoriosa! Ele desvela seu vigor somente quando nós desistimos de nos atormentar com uma interpretação histórica apologética! Deveríamos abandonar essa apologia ultrapassada, ainda mais que o resultado dela não é uma convicção verdadeira, mas no máximo uma tranquilização.”

Essa é a “solução” que muitas vezes nos é oferecida na teologia, também em vista dos demais milagres de Jesus, em vista do nascimento virginal, sim, até mesmo em vista dos relatos da ressurreição. Em todos esses casos não devemos buscar o fato histórico (em que ele, afinal, contribui?), mas pelo contrário, devemos ouvir o que nos é dito neles de teologicamente significativo acerca de Jesus. Será que podemos aceitar essa “solução” com gratidão? Não podemos fazê-lo porque conduz a um dilema grave. Porque, se a questão de crer “no poder vivificante de Cristo, capaz de ajudar mesmo quando tudo parece morto e sem esperança” (Strathmann) for séria, então não há mais razão alguma por que não deveríamos confiar, a partir dessa fé, que esse Cristo tenha chamado

para fora da sepultura o Lázaro morto! Do contrário teremos a convicção de que Jesus era tão impotente como nós diante do terrível poder da morte e da putrefação. Neste caso, essas palavras do “Cristo que pode ajudar mesmo quando tudo parece morto e sem esperança” vêm a ser um discurso religioso que carece de realidade definitiva.

Uma narrativa simbólica somente é capaz de nos transmitir um “poder vivificante” simbólico, e não real, de Jesus. Logo no início do capítulo (cf. p. 274) ficou claro para nós que a morte de Lázaro colocava diante de Jesus uma pergunta decisiva. Jesus se evidenciou como superior diante dos poderes das enfermidades. No entanto, o que acontece diante do poder da morte? O que está em jogo não são a interpretação da morte ou idéias sobre uma vida após a morte. A morte é um poder hostil (1Co 15.26). Será que Jesus também precisa silenciar diante desse poder, como todos nós, ou será que ele possui autoridade vitoriosa também na nesta esfera de poder? Essa pergunta não pode ser decidida por uma “narrativa simbólica”, mas unicamente por uma ação plenamente factual de Jesus.

Em todo caso, o próprio evangelista não compreendeu seu relato da forma como o fazem Strathmann e outros. Para ele, a ressurreição de Lázaro por meio de Jesus aconteceu de forma muito real, tão real que é justamente ela que conduz à determinação da pena de morte pelo Sinédrio. O evangelista enfatiza a realidade do feito observando, em Jo 12.2, que o Lázaro ressuscitado é visto sentado à mesa com os demais e, em Jo 12.9, que ele assegura que muitos judeus saíam para Betânia, “não só por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.” De acordo com Jo 12.10s, os sumos sacerdotes querem matar também a Lázaro; e, conforme Jo 12.17-19, o entusiasmo do povo por ocasião da entrada de Jesus em Jerusalém se explica justamente pelo fato que havia acontecido no túmulo de Lázaro. Seria impossível que João escrevesse tudo isso se estivesse cômico de que o capítulo anterior trazia apenas uma narrativa simbólica livremente elaborada! João, o discípulo de Jesus, atesta a ressurreição de Lázaro inequívoca e determinadamente como um fato e, conseqüentemente, o poder de Jesus, o Filho de Deus. Dessa forma somos confrontados com a pergunta sobre nossa fé, e não devemos tentar esquivar-nos dela dando interpretações diferentes do relato de João. Tampouco progrediremos com análises sobre o problema do milagre como tal. Remetemos ao que afirmamos em relação a Jo 2.1-11 sobre o “milagre”.

Resta-nos apenas o seguinte: colocar de lado nossas próprias idéias e ouvir com fé a mensagem de João. Então nos alegraremos ao viver e ao morrer pelo fato de termos um Senhor e Redentor que possui esse poder, também diante da morte. Então ele será de fato, e não apenas num sentido figurado qualquer e, por isso, atenuado, “a ressurreição e a vida”. Ele o é com realidade plena. A Deus seja honra, louvor e gratidão por isso.

No entanto, a ressurreição de Lázaro é um “sinal” pelo fato de que essa ressurreição ainda não trazia “vida eterna” para Lázaro. Um dia Lázaro teria de morrer. Mas poderia morrer como alguém que já não temia a morte, porque experimentara o poder de Jesus sobre a morte de modo tão impactante.

Talvez sejamos acometidos por uma última dúvida: será que não foi apenas com sua morte na cruz e sua ressurreição que Jesus “destruiu a morte” (2Tm 1.10)? No presente caso, a situação não é diferente do perdão de Jesus concedido ao paralítico. O Filho do Homem “tem sobre a terra poder para perdoar pecados” (Mc 2.10) por ser aquele que caminha rumo à cruz. Conseqüentemente, ele demonstra sua vitória sobre a morte também em casos isolados com característica de sinal, como incumbência singular de Deus desde já, antes que essa vitória no dia da Páscoa rompa com glória total. Precisa fazê-lo porque vai ao encontro dessa vitória na cruz e ressurreição.

A SITUAÇÃO EM JERUSALÉM – João 11.55-57

– Estava próxima a Páscoa dos judeus; e muitos daquela região subiram para Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem.

⁵⁶ – Lá, procuravam Jesus e, estando eles no templo, diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa?

– Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem.

55 A primeira frase denota imediatamente que o último ínterim tranqüilo realmente não podia ser longo; porque “estava próxima a Páscoa dos judeus”. Jerusalém já estava se agitando com peregrinos que tinham por objetivo estar ali presentes a tempo antes da festa, a fim de se submeterem

às purificações prescritas em caso de “impureza” cultural. Quem, p. ex., havia sido “contaminado” pelo contato com um cadáver, precisava esperar sete dias para poder entrar novamente no templo e participar da Páscoa (Nm 19.11s). **“Muitos daquela região subiram para Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem.”**

56/57 Como já em Jo 7.11-13, na festa dos tabernáculos, e agora com maior intensidade, Jesus é alvo das preocupações. Ele nem sequer pode ser visto na cidade. **“Lá, procuravam Jesus e, estando eles no templo, diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa?”** As pessoas sabem da resolução do Sinédrio, que agora está determinado a acabar com Jesus. **“Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem.”** Será que também agora Jesus ainda se arriscará a vir à cidade para a festa, entregando-se assim às mãos de seus poderosos inimigos? Agora já não é mais apenas a polícia do templo que é enviada para deter Jesus (cf. Jo 7.32 e 45s). Agora cada pessoa tem a obrigação de ajudar na prisão de Jesus. O relato dos sinóticos não deixa a situação tão clara como João.

A UNÇÃO DE JESUS EM BETÂNIA – João 12.1-8

- Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.
- Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa.
- ³ – Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo
- ⁴ – Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para traí-lo, disse:
 - Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?
 - Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.
- ⁷ – Jesus, entretanto, disse: Deixa-a! Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem; (ou: foi para o dia de meu sepultamento que ela o guardou)
- porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes.

1 Após a pergunta cheia de expectativa do trecho anterior (Jo 11.56) o começo do novo capítulo é muito impressionante: **“Jesus, pois, veio.”** Foi debatido sobre Jesus perante o Sinédrio e entre os frequentadores do templo. Mas ele mesmo permanece alheio a tudo. Segue seu caminho com clareza e serenidade, como lhe compete segui-lo.

Jesus vem! Obtemos um dado cronológico exato. “Jesus, pois, veio seis dias antes da Páscoa para Betânia.” De acordo com um modo de contagem daquele tempo, que nessas referências inclui o dia da Páscoa como sexto dia, Jesus esteve em Betânia no domingo e ainda tinha quatro dias de atuação livre diante de si, antes de morrer na sexta-feira. Sua trajetória leva inicialmente apenas até “Betânia”. O evangelista acrescenta: **“Onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.”** Com isso ele nos mostra que está longe de entender o milagre como um mero relato simbólico.

- 2** **“Deram-lhe, pois, ali, uma ceia, e Marta servia.”** Involuntariamente, lemos esse dado como se a refeição tivesse acontecido na casa dos irmãos, e não na “casa de Simão, o leproso”, como escreve Mateus (Mt 26.6). Contudo, é plausível, por diversas razões, que Marta tenha exercido as funções de dona de casa também na casa de Simão. Sabemos muito pouco para podermos tomar uma decisão sobre a relação entre os relatos em Mateus e João. A formulação marcadamente genérica “deram-lhe, pois, ali uma ceia” e o destaque especial ao serviço da Marta podem justamente ser um indício de que a ceia aconteceu numa casa diferente (talvez maior). A favor disso depõe também a observação seguinte. Seria óbvia a presença de Lázaro em sua própria casa. **“Mas Lázaro era um dos que estavam com ele à mesa.”** Como é real e “histórica” essa presença de Lázaro! Tão real quanto seu “estar à mesa” é também aquilo que aconteceu com ele.
- 3** Onde estão Marta e Lázaro, está também Maria. E agora João relata o que ele já mencionara brevemente em Jo 11.2. **“Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos.”** O “nardo” é uma erva aromática indiana, de cuja raiz se extraía um óleo de perfume forte. Naturalmente também naquele

tempo já existiam produtos falsos substitutos. Nardos “**puros**” do estrangeiro distante são “**muito preciosos**” e, por consequência, caros. A “**libra**” de unguento aqui usada, de 300 gramas, é avaliada pelo negociante Judas em 300 denários, de modo que 1 grama custava 1 denário. Maria não usa esse óleo precioso de acordo com o costume para a cabeça de Jesus (Sl 23.5; Lc 7.46), mas sim para os pés de seu Senhor. E não enxuga o óleo transbordante com um pano, mas com o próprio cabelo. Tudo nesse gesto testemunha um grande e abnegado amor. Maria deseja agradecer a Jesus de forma efusiva. Deseja honrá-lo sem restrições, e apesar disso preserva toda a distância dele, o Filho de Deus, que tem poder até sobre a morte. Somente ousa ungir seus pés, mas o faz com abundância extravagante.

“**E encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo.**” Com razão viu-se nesse fato também um símbolo. O amor verdadeiro e dedicado a Jesus enche todos os arredores com um perfume precioso. Ali pode expandir-se também o “perfume do conhecimento de Cristo” e alcançar muitas pessoas (2Co 2.14).

- 4/5 O amor não é calculista, o amor esbanja. O amor não indaga pela utilidade. O amor quer – amar. O evangelista faz com que esse amor se torne duplamente visível pelo contraste com a mentalidade de Judas. Mateus diz que a discordância com a unção surgiu “nos discípulos”. João assegura: “**Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, que mais tarde o traiu, disse: Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?**” Essa é a voz do desamor, que consegue ver tão somente esbanjamento absurdo na atitude de Maria. O desamor sempre é “moralista”, encobrindo sua miserabilidade e frieza com indignação ética. Como é possível acumular tudo em uma só pessoa, em Jesus, enquanto em toda parte existem tantos pobres? Por que cuidar desnecessária e tão empenhadamente dos pés de Jesus, enquanto aos pobres falta o mais necessário para a vida? Aqui discute-se o direito do “amor”, exatamente também do amor a Jesus. Será que Maria agiu bem? Será correto amar e honrar ao próprio Jesus, mesmo com “esbanjamento”? Ou será que Mt 25.40 aponta o único caminho para demonstrar amor a Jesus?
- 6 João nos mostra que a crítica ao amor e suas ações por parte de Judas – como tantas vezes ocorre – não apenas visa encobrir a própria pobreza e frieza, mas oculta coisa pior. “**Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.**” Judas é “**um ladrão**”. Será que com esse dado João acaba fornecendo uma explicação bem simples para o sombrio mistério em torno de Judas, sobre o qual dissemos na exposição a Jo 6.7 que não poderíamos decifrá-lo? Será esta a solução banal do enigma: o ladrão Judas entregará Jesus simplesmente por causa do dinheiro? Não foi isso que João quis dizer. Em Jo 13.2 e 13.27 ele apontará expressamente o fundo obscuro e satânico da ação de Judas. No entanto, com certeza João nos ensina a ponderar que Satanás não pôde se apoderar de Judas aleatoriamente e por pura arbitrariedade. Impureza e avidez por dinheiro podem ajudar a preparar um desfecho desses. O NT leva a tentação perigosa do dinheiro muito a sério como tentação perigosa. O dinheiro que Judas guardava e administrava para o grupo dos discípulos no “**cofrinho**” contribuiu para a sua perdição.
- 7 A crítica de Judas à ação de Maria não é genuína, mas isso ainda não significa que esteja objetivamente resolvida. Será que Judas não deixa de ter razão na essência da crítica, ainda que subjetivamente sua palavra fosse mentirosa? “**Jesus, entretanto, disse: Deixa-a! Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem; (ou: foi para o dia de meu sepultamento que ela o guardou).**” Jesus é o homenageado da ceia, realizada em sua honra. Todos o consideravam Poderoso em virtude da ressurreição do homem que estava deitado com ele à mesa. Contudo, ele próprio se considera alguém marcado para morrer, que precisa falar de seu sepultamento, e que considera o ato de Maria como aquele serviço de amor que se presta a um morto. O texto é incerto. Traduzido literalmente ele seria como segue: “**Deixa-a, para que ela o guarde para o dia de meu sepultamento.**” Contudo, o unguento já derramado não pode mais “ser guardado” para aquele dia. É compreensível que alguns manuscritos do NT omitam o termo “para que” e modifiquem o verbo para “ela guardou”. Se não quisermos acompanhar essa alteração, é preciso acompanhar a tradução de F. Büchsel, da maneira sugerida acima entre parênteses. Porém o conteúdo da palavra de Jesus continua tendo o sentido de aceitação da dádiva efusiva de Maria como uma unção realizada previamente para a sua sepultura. Maria fez algo diferente do que ela própria imaginava. A unção na ceia é antes de tudo o embalsamar de um falecido. Nisso justifica-se seu esbanjamento, mesmo para quem calcula

criticamente. Será que essa frase de Jesus dirigida a Judas continha ao mesmo tempo o lembrete: “E tu, Judas, contribuirás para que eu precisarei dessa unção para o sepultamento?”

- 8 Soma-se a isso uma segunda frase, que falta em alguns manuscritos importantes, mas apesar disso deve ser parte do presente texto: **“Os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes.”** Por mais esbanjadora que Maria tenha sido agora, trata-se de um evento único, último, que não se repetirá dessa forma. Em breve Jesus não estará mais fisicamente entre os seus. Eles nem “sempre” o terão. Porém “sempre” haverá pessoas diante de cuja carência o amor de seus discípulos poderá ser demonstrado. Se agora esses 300 denários estão sendo subtraídos aos pobres, eles os receberão de volta milhões de vezes, porque Jesus preenche sua igreja com o desejo de ajudar a todos os “pobres”.

No entanto, será que nesse caso realmente não cai por terra o que dizíamos acerca do amor a Jesus e do “perfume do unguento”? Com certeza, todas as tentativas de honrar a Jesus com preciosidades materiais e ornamentos dourados são infantis, ainda que uma ou outra vez possam ser comoventes pela singeleza. Mas o amor agradecido, de coração ardente, não abrirá mão nem mesmo hoje de honrar o próprio Jesus de maneira efusiva e preencher tudo com o perfume desse amor por ele.

A ENTRADA EM JERUSALÉM – João 12.9-19

- ⁹ – **Soube numerosa multidão dos judeus que Jesus estava ali, e lá foram não só por causa dele, mas também para verem Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.**
- ¹⁰ – **Mas os principais sacerdotes resolveram matar também Lázaro;**
– **porque muitos dos judeus, por causa dele, voltavam crendo em Jesus.**
- ¹² – **No dia seguinte, a numerosa multidão que viera à festa, tendo ouvido que Jesus estava de caminho para Jerusalém,**
– **tomou ramos de palmeiras e saiu ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!**
- ¹⁴ – **E Jesus, tendo conseguido um jumentinho, montou-o, segundo está escrito:**
– **Não temas, filha de Sião, eis que o teu Rei aí vem, montado em um filho de jumenta.**
– **Seus discípulos a princípio não compreenderam isto; quando, porém, Jesus foi glorificado, então, eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que isso lhe fizeram.**
- ¹⁷ – **Dava, pois, testemunho disto a multidão que estivera com ele, quando chamara a Lázaro do túmulo e o levantara dentre os mortos.**
– **Por causa disso, também, a multidão lhe saiu ao encontro, pois ouviu que ele fizera este sinal.**
- ¹⁹ – **De sorte que os fariseus disseram entre si: Vede que nada aproveitais! Eis aí vai o mundo após ele.**

- 9 A presença de Jesus em Betânia não permanece em segredo: as intensas perguntas em Jerusalém (Jo 11.56) obtiveram uma primeira resposta. **“Soube numerosa multidão dos judeus que Jesus estava ali.”** A consequência é que pessoas correm até Betânia próxima. **“E vieram não só por causa dele, mas também para verem Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.”** Novamente o evangelista sublinha a realidade do milagre acontecido. Lázaro, que já esteve no reino dos mortos, é uma sensação. Para isso usa-se uma formulação característica que também encontramos mais tarde no NT. Lázaro não foi ressuscitado “da morte”, e sim **“dentre os mortos”**. Ele fez parte “dos mortos”, do reino dos mortos e de lá foi chamado de volta para a vida terrena. Pelo fato de que esteve “entre os mortos” como pessoa, o chamado de Jesus pôde alcançá-lo. Lázaro não produziu relatórios sobre o mundo dos mortos. As pessoas não chegaram para “ouvi-lo”, e sim para “vê-lo”.
- 10/11 Agora também Lázaro parece perigoso aos sacerdotes, **“porque muitos foram lá por causa dele e creram em Jesus”**. Seu intento é eliminar também essa testemunha da glória de Jesus. **“Mas os principais sacerdotes resolveram matar também Lázaro.”** O ódio pode levar até esse ponto, tão obcecado pode deixar as pessoas. Os sacerdotes tencionam matar aquele a quem Jesus concedeu a vida por meio de uma ajuda maravilhosa. Querem reverter e apagar o milagre, pelo qual não se deixaram subjugar. Lázaro deve retornar ao seu túmulo. Contudo, somos informados especificamente de que nesse caso somente os “principais sacerdotes”, a partir de sua lógica política, querem eliminar a Lázaro. Os fariseus temiam impetrar um assassinato desses.

- 12/13** Jesus não fica à margem em Betânia. Está decidido a agir, a marchar para Jerusalém. **“No dia seguinte, a numerosa multidão que viera à festa, tendo ouvido que Jesus estava de caminho para Jerusalém.”** Se o dia 15 do mês *nisan* e, por consequência, a Páscoa daquele ano caiu numa sexta-feira, então, conforme Jo 12.1, Jesus viera para Betânia seis dias antes da Páscoa, i. é, no domingo. O “dia seguinte” seria, portanto, não o “Domingo de Ramos”, mas a segunda-feira da semana da Paixão. É nela que acontece a “entrada em Jerusalém”. De modo característico, João a relata de maneira diferente dos sinóticos, sem “refutá-los”. João sabe e destaca que Jesus não tomou a iniciativa de encenar uma marcha triunfal. A multidão, agitada pelo milagre realizado com Lázaro – como os vv. 17,18 explicam posteriormente – reconhece agora em Jesus o Messias, o Rei de Israel, e promove uma recepção espontânea ao Soberano, como as que eram usuais na Antigüidade. A partir da notícia imprecisa de que **“Jesus estava de caminho para Jerusalém, tomaram ramos de palmeiras e saíram ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!”** Embora a festa que está para chegar às portas seja a Páscoa, cortam-se ramos das palmeiras como na festa dos tabernáculos. Acima de tudo, porém, ouve-se o grito de salvação que saúda o Messias. Porque é ele em particular que **“vem em nome do Senhor”**. Já naquele tempo o Salmo 118, do qual são provenientes essas palavras, era interpretado como salmo messiânico. Quando, porém, vier o tão esperado **“Rei de Israel”**, o grande Auxiliador, então o próprio Deus precisa ser invocado para o sucesso e como auxílio para Israel e seu Rei. É o que significa a conhecida expressão **“Hosana”**. O próprio Rei, porém, é aclamado como bendito, que pode significar tanto “abençoado” quanto “louvado”.
- 14** E Jesus? Jesus aceita a honra que lhe cabe. Afinal, ele é realmente **“o Rei de Israel”**. Ele vem “de cima”, “em nome do Pai” (Jo 3.31; 5.43). Contudo, é justamente agora que ele enfatiza como deseja que seu reinado seja entendido. Ele não testemunha ao povo com palavras, que poderiam ser facilmente esquecidas, mas com uma proclamação inesquecível pela ilustração. **“E Jesus, tendo conseguido um jumentinho, montou-o.”** A forma como Jesus **“conseguiu”** o jumentinho já era conhecida da igreja a partir de Mc 11.1ss. No final do v. 16 notamos que João naturalmente também conhecia esses acontecimentos e a cooperação dos discípulos nessa busca. Também nesse caso João não contradiz os evangelhos sinóticos. Porém agora sua intenção é desviar nosso olhar desses detalhes para a grande questão maior.
- 15** Independentemente de como Jesus “encontrou um jumentinho”, ele cumpre agora a palavra profética de Zc 9.9: **“Segundo está escrito: Não temas, filha de Sião, eis que o teu Rei aí vem, montado em um filho de jumenta.”** As nações “temiam” os reis da Antigüidade. Tinham boas razões para isso. Sobretudo porque o soberano oriental é um déspota cheio de arbitrariedade, ganância e crueldade. As palavras de Roboão em 1Rs 12.14 são típicas. Também a **“filha de Sião,”** a capital Jerusalém, conheceu esses soberanos em várias ocasiões e de forma exaustiva, por último com Herodes Magno. Um rei sobre um jumentinho, diante do qual é preciso **“não temer”**, é algo admirável. Jesus oferece a seu povo e sua cidade Jerusalém um reinado assim. Ele cumpre a profecia de Is 40.9 e todas as demais exclamações da Escritura que dizem ao povo de Deus: “Não temas”. Não obstante – é justamente isso que o levará à morte.
- 16** Os discípulos presenciavam tudo, sem compreendê-lo bem. Afinal, quantas coisas os acometiam! Com quanta preocupação eles haviam retornado para a Judéia (Jo 11.8 e 16)! Depois acontecera o fato extraordinário na sepultura de Lázaro. Agora eles estavam cientes da resolução ameaçadora do Sinédrio e ao mesmo tempo viam o entusiasmo que o povo dirigia a Jesus. E agora essa atitude estranha de seu Mestre, montado sobre um jumentinho! Que significava tudo isso? Porém João nos permite acompanhar praticamente uma “leitura bíblica” dos discípulos após a Páscoa. O Ressuscitado os remetera à Escritura. Então se deparam com Zc 9.9 e descobrem que essa palavra se cumprira com tanta precisão na entrada de Jesus, até mesmo por meio de sua própria ação. **“Seus discípulos a princípio não compreenderam isto. Quando, porém, Jesus foi glorificado, então, eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que isso lhe fizeram.”**
- 17/18** João acrescenta: **“Dava, pois, testemunho disto a multidão que estivera com ele, quando chamara a Lázaro do túmulo e o levantara dentre os mortos. Por causa disso, também, a multidão lhe saiu ao encontro, pois ouviu que ele fizera esse sinal.”** O “pois” [= agora], que João gosta de empregar em suas narrativas não deve ser entendido rigorosamente como indicação

cronológica. A “**multidão**”, a “massa” das pessoas que tinham presenciado a ressurreição de Lázaro, não dava testemunho do milagre somente agora, no dia da entrada na cidade. Afinal, em seguida João salienta que o povo corria ao encontro de Jesus “**pois ouviu que ele fizera esse sinal**”. Já durante todos os dias anteriores muitos haviam relatado com entusiasmo o que haviam visto com os próprios olhos em Betânia, em seu próprio contexto e entre os peregrinos da festa. A forma verbal grega enfatiza que era um “**dar testemunho**” de duração mais longa. Em vista disso, a posição dessas frases no presente local foi sentida como “desajeitada”. Elas “têm efeito retardado”. Porém João forneceu uma referência muito eficaz com elas. Ele nos deixa vivenciar primeiro, sem preocupação, a marcha da entrada e no-la mostra como cumprimento de uma palavra profética. Isso não era glorioso? Será que finalmente o povo não havia realmente entendido e reconhecido a Jesus? Os versículos posteriores nos advertem, assim como já o jumentinho visava alertar-nos. Os galileus buscam o rei capaz de distribuir pão em abundância. Os judeus e os hierossolimitas estão entusiasmados com o rei que tira mortos da sepultura. Será que isso já é “fê” verdadeira? Não há dúvida de que os “sinais” e as “obras” visam despertar a fê (Jo 10.38; 5.36). Contudo, desde o começo há algo de questionável numa fê que não reconhece nos milagres o “sinal” que aponta para Deus, mas que deseja o dom maravilhoso para manter e enriquecer a própria vida somente para si mesma. Em relação a essa “fê” vale o que Jesus já dissera a Pedro com toda a seriedade: “Não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16.23).

- 19 Como seus antagonistas se posicionam diante de tudo isso? Acaso ficam impressionados com essa entrada de Jesus sob o júbilo na multidão? Será que se tornam inseguros em sua oposição a Jesus? “**De sorte que os fariseus disseram entre si: Vede que nada alcançais! Eis aí corre o mundo atrás ele.**” Nisso têm razão: sucesso, entusiasmo, grande popularidade ainda não são prova nas questões divinas. A pessoa de quem “**o mundo corre atrás**” ainda não é necessariamente enviada e autorizada por Deus. A seu modo, com certeza são sinceros em seu lamento de “nada alcançar”. Esse homem sobre o jumentinho de forma alguma pode salvar Israel do torvelinho da política mundial! Tão somente lançará o povo na desgraça (Jo 11.48). Essa entrada messiânica apenas incitará a temida intervenção dos romanos, sem poder realizar coisa alguma contra a força de ocupação. Confirma-se o que eles declararam na sessão do Sinédrio (Jo 11.48-50). Na sua ótica, Jesus está mais perigoso do que nunca. Oxalá pudessem “alcançar” algo e separar o povo obcecado de Jesus! Porém Jesus parece ser plenamente vitorioso. Será que Jesus se sente como “vencedor”? Será que a cruz foge de sua perspectiva? O trecho seguinte nos trará a resposta.

JESUS ANUNCIA QUE MORRERIA – João 12.20-36a

- ²⁰ – Ora, entre os que subiram para adorar durante a festa, havia alguns gregos.
²¹ – Estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver Jesus.
 – Filipe foi dizê-lo a André, e André e Filipe o comunicaram a Jesus.
²³ – Respondeu-lhes Jesus: **É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem.**
 – Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto.
 – Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna.
 – Se alguém me serve, siga-me, e, onde eu estou, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, o Pai o honrará.
 – Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora.
 – Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu: Eu já [o] glorifiquei e ainda [o] glorificarei.
 – A multidão, pois, que ali estava, tendo ouvido a voz, dizia ter havido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que lhe falou.
 – Então, explicou Jesus: Não foi por mim que veio esta voz, e sim por vossa causa.
 – Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso.
³² – E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.
 – Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer.

- **Replicou-lhe, pois, a multidão: Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre, e como dizes tu ser necessário que o Filho do Homem seja levantado? Quem é esse Filho do Homem?**
- **Respondeu-lhes Jesus: Ainda por um pouco a luz está convosco. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apanhem; e quem anda nas trevas não sabe para onde vai.**
- **Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz.**

21/22 Parece que continua a ascensão em direção do triunfo. “**Gregos**” perguntam por Jesus. O nome de Jesus penetrou além das fronteiras de seu povo. “**Ora, entre os que subiram para adorar durante a festa, havia alguns gregos.**” João não diz quem eram esses “gregos” ou de onde vinham. Uma vez que “**subiram para adorar**”, devem ser prosélitos do mundo helenista que vieram a Jerusalém para a Páscoa, a fim de presenciar essa grande festa. No entanto, agora vem o ponto que interessa a João. “**Estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver Jesus.**” Já naquele tempo, à semelhança do que ocorre entre nós, a palavra “Senhor” podia ser usada como tratamento honroso. Os gregos tratam respeitosamente os homens mais próximos do grande Jesus. Filipe tem um nome grego conhecido. Talvez seja justamente por isso que os estranhos se dirigem a ele. Eles querem “ver” Jesus. Referem-se a um verdadeiro conhecimento pessoal, já que podiam ver e ouvir a Jesus sem maiores dificuldades. Não têm coragem para abordar diretamente Jesus. Solicitam a mediação de um discípulo. Filipe não quer decidir sozinho. Ele “**foi dizê-lo a André**”, ou seja, outro discípulo de nome grego e que possivelmente tenha contatos com famílias gregas. “**André e Filipe o comunicaram a Jesus.**” Para ambos os discípulos, é uma grande coisa que gregos desejam conhecer seu Mestre. Presenciamos em Jo 11.8 e 11.16 o quanto as ameaças de morte contra Jesus impressionaram os discípulos. Será que aqui não se oferece uma saída para Jesus e os seus, saída à qual os próprios adversários já aludiram (Jo 7.35)? Se apenas pudessem escapar agora desse círculo de desconfiança, rejeição e ódio, que sentem como que rodeando-os de modo sufocante!

23/24 Parece que Jesus corresponde aos pensamentos dos discípulos e igualmente valoriza muito as perguntas dos gregos. “**Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem.**” Será que agora finalmente chegará a grande mudança? Será a hora da “glória” de seu Mestre, pela qual já anseiam e esperam há muito? Como ele será “glorificado” se o vasto mundo do helenismo se abrir para ele para uma atuação totalmente nova! Então ele se tornará o “Salvador do mundo”, como os samaritanos já disseram (Jo 4.42). Ó sim, Jesus sabe que “**a hora**” chegou, “**de ser glorificado o Filho do Homem.**” Porém, o caminho até lá é totalmente diferente do que os discípulos esperam. “A hora” continua sendo a hora da cruz. Justamente agora, após a entrada grandiosa e após a pergunta dos gregos, Jesus precisa dizer-lhes: “**Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto.**” A metáfora singela coloca a afirmação diante dos discípulos como um fato inevitável, não como “moral” ou exigência ascética. Ser poupado, não ser semeado no reino da terra nem “morrer” ali como semente, isso certamente faria o grão de trigo “permanecer”. Mas seria necessariamente um “ficar só”, ficar sem fruto. Em contrapartida, ser lançado fora, “cair”, aparentemente perecer ou “morrer”, isso leva a “muito fruto”. Então surgirá dessa semente solitária a espiga com muitas sementes.

25 A metáfora inicial de Jesus sobre a sua própria trajetória é repetida como regra inequívoca para todos. No entanto, mesmo agora ele não está ensinando uma “moral”, mas somente nos confronta com fatos e deixa a opção conosco. Isso fica claro já na formulação. Jesus não afirma “tens de...” ou “deves...”. Ele apenas constata: “**Quem ama sua alma perde-a; mas quem odeia sua alma neste mundo preservá-la-á para a vida eterna.**” Na tradução preservamos a palavra “alma” (RA: “vida”). Mais intensamente que a palavra “vida”, a expressão “alma” aponta para o conteúdo da vida, para a vida como vivida conscientemente, com toda sua riqueza interior. Também “**amar**” e “**odiar**” a alma é um linguajar peculiar preservado pela tradução (cf. Mt 6.24). Tampouco como em Lc 14.26, “**odiar**” tem algo a ver com sentimentos de ódio. Expressa com nitidez a negação, deixar em segundo plano. “Amar” refere-se ao empenho, ao cuidado, à consideração. Justamente quem se empenha pela satisfação de “**sua alma**” com seus milhares de desejos e sua cupidez “**perde**” sua alma. Quem a arrisca sem temor neste mundo há de “**preservá-la para a vida eterna**”.

Nisso se explicita que a morte da semente de trigo não apenas serve aos outros e “traz fruto” no interesse dos outros. Nem mesmo o próprio grão de trigo não sai perdendo. Justamente a “morte”, o

abrir mão de si mesmo, torna-se também “preservação” de sua vida verdadeira. Com essa certeza a disposição para morrer pode ser muito confiante.

Essas palavras nos mostraram realidades de importância decisiva. A opção está com cada pessoa individualmente. É verdade, toda a nossa orientação natural de vida natural nos torna cegos para esses fatos. “Amar” nossa própria alma nos parece sempre ser o único caminho sensato e correto para a nossa “felicidade”. “Odiar” nossa vida parece pura tolice. Somente se formos impactados por Cristo Jesus (Fp 3.12) e se seguirmos a ele experimentaremos a verdade daquilo que Jesus está dizendo aqui.

- 26 É desse “seguir”, do ódio à própria vida no serviço a ele, que Jesus fala em seguida: **“Se alguém me serve.”** Antes de tudo, o próprio Jesus é o grão de trigo que precisa morrer para que nós sejamos salvos e vivamos (Jo 6.51). Jesus **“serve”** a nós. Deixar que Jesus nos sirva é uma tarefa que sempre se renova na nossa vida. Ao mesmo tempo, porém, não é cabível que nosso comportamento em relação ao Redentor Jesus seja outro além de também **“servirmos”** a ele, nosso “Senhor”. No NT “diaconia” e “serviço” caracteriza toda a ação na igreja de Jesus. Paulo, p. ex., entende-se alegremente como *doulos* = escravo de Jesus Cristo (Fp 1.1), e Pedro conhece a diaconia da “palavra e da oração”, assim como a “diaconia das mesas” (At 6.2-4). Novamente a formulação da palavra de Jesus **“se alguém me serve”** mostra liberdade e espontaneidade plenas. Ninguém é forçado a servir a Jesus. Contudo, se alguém o fizer, **“siga-me, e, onde eu estou, ali deve estar também o meu servo”**. Servos autênticos servem a seu Senhor. Com essa regra simples Jesus enuncia, numa única frase, um traço básico da ética cristã, com abrangência ampla e profundidade essencial. Todo discípulo de Jesus pode examinar incessantemente seu comportamento nesta única pergunta: “Será que neste instante estou onde Jesus está?” Nenhum discípulo de Jesus se queixará nem se surpreenderá se tiver de viver na maior escuridão do mundo e sob as mais pesadas cargas. Pois exatamente “ali”, afinal, está também seu Mestre e Senhor. Acima de tudo, porém, essa palavra de Jesus indica a seus discípulos que o lugar deles é entre os miseráveis, oprimidos, sofredores, os “publicanos e pecadores”. **“Ali”** estava Jesus, **“ali”** Jesus está ainda hoje, com seu amor, por meio do Espírito Santo. “Ali também deve estar seu servo”, a fim de levar o serviço inimitável e extraordinário do Salvador Jesus àqueles que mais urgentemente precisam dele.

Ao mesmo tempo, todo discípulo ouve nessa palavra também a grande promessa que Jesus expressará em seu último diálogo com o Pai: quem estiver onde Jesus está, conseqüentemente também partilhará da glória de Jesus (Jo 17.24). Jesus dá imediatamente uma parte essencial dessa promessa para a difícil caminhada do discípulo. **“Se alguém me servir, meu Pai o honrará.”** A “alma” precisa ser “odiada” justamente no aspecto de que o discípulo assume o desprezo e a desonra. Nem todos os discípulos acabam no cárcere ou no cadafalso. Contudo, nenhum deles fica sem sua parcela de escárnio, menosprezo, desprestígio e ofensa. Porém, o que é isso em comparação com a honra que agora lhe é concedida por Deus, pelo próprio Pai?

- 27 Torna-se claro que Jesus não escolhe nenhum caminho fácil quando diz, neste instante: **“Agora minha alma está abalada, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora?”** Seus adversários pensam que ele está fruindo de seu triunfo. Seus discípulos olham para o lado dos “gregos”, onde parece abrir-se uma saída para todas as ameaças. Precisamente **“agora”** Jesus vê diante de si a sua **“hora”**. Ele não é um Deus disfarçado, infinitamente superior a tudo. O Verbo realmente se tornou carne. Jesus é verdadeiro ser humano. Mas toda pessoa experimenta a “aflição” quando a morte, há muito conhecida, de fato chega e estende sua mão. Para Jesus, o príncipe da vida, a morte era, de modo extremo, o “último inimigo”. Na morte Jesus precisava defrontar-se simultaneamente com aquele que detém “o poder da morte” (Hb 2.14), o diabo e todo o poder das trevas. Isso conferia à “sua hora” um aspecto terrível jamais imaginável para nós. Já nas alegres bodas de Cana esta “hora” estava diante de Jesus. Essa “hora” aproximava-se constantemente.

Agora, porém, ela chegou. **“Agora”** ela começou. “Agora” o pecado do mundo, que o Cordeiro de Deus vinha carregando há tempo, precisa ser levado em seu corpo até o madeiro maldito. **“Agora minha alma está abalada”**. Mas será que nesses instantes o Filho não tem um caminho aberto até o Pai? Sim; mas é precisamente por isso que a luta interior atinge sua profundidade maior. **“E que direi? Pai, salva-me desta hora?”** É certo que o Filho peça isso? Ele pode fazê-lo (Mt 26.53). Nenhuma “lei” externa proíbe essa súplica, que emerge naturalmente de seu coração humano. Isso ainda não seria “pecado”. A “hora” do sofrimento é ao mesmo tempo “a hora da tentação” (Ap 3.10; Hb 4.15). Por isso ela não pode acontecer sem uma batalha acalorada.

Jesus tem consciência disso: **“Mas precisamente com esse propósito vim para esta hora.”** A razão dessa prova é confirmar a verdade de tudo o que Jesus testemunhou a respeito de seu relacionamento com Deus, sobre sua condição de Filho de Deus (Jo 5.20; 8.29; 8.49b; etc.). E agora esse pensamento de Filho conquista a vitória sobre todos os abalos e todo o tremor diante da atrocidade inimaginável de seu caminho.

- 28 A súplica: “Pai, salva-me desta hora” torna-se uma oração: **“Pai, glorifica o teu nome.”** Essa é a vitória. Agora vemos o que significa ser “Filho de Deus”. É algo completamente diferente do que o ser humano natural imagina. Não significa ser poupado, andar pelos píncaros da felicidade, estar imune a tentações e sofrimentos. Não: ter, na profundidade do abalo pessoal, na escuridão da derrota, do morrer e do abandono de Deus, o único anseio de que o nome do Pai, e não o próprio, seja glorificado, nisso é reconhecido “o único Filho de Deus” (Jo 1.14). Neste ponto o olhar de Jesus não vai para as pessoas e sua redenção. O olhar primeiro e permanente do Filho é voltado para o Pai. A importância maior não é nossa, das pessoas. O que importa é que Deus seja glorificado pela cruz! Vale integralmente a primeira prece do Pai Nosso. O próprio Jesus é o primeiro que a cumpre cabalmente. E Jesus é plenipotenciário somente depois de ser assim comprovado como Filho de Deus, sem comprometer a honra e a prerrogativa de Deus, para interceder em favor de pecadores e inimigos de Deus, reconciliando-os com Deus. O Pai responde ao Filho: **“Então, veio uma voz do céu: Eu já [o] glorifiquei e ainda [o] glorificarei.”**
- 29 Essa voz não foi apenas ouvida interiormente pelo próprio Jesus. Não, escutou-a **“o povo, pois, que ali estava, tendo ouvido a voz”**. A forma com que o acontecimento é acolhido é característico para o profundo ateísmo de um povo aparentemente devoto. O povo **“dizia ter havido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que lhe falou.”** A multidão explica por meios “naturais” o que ouviu. Alguns da multidão pelos menos olham para além da natureza, para o mundo os anjos. Entretanto, ninguém pensa no próprio Deus. Não se conta com a Sua intervenção e falar, por mais fiel à Bíblia que seguramente seja sua “fé em Deus”.
- 30 Apesar disso, Jesus afirma com razão: **“Não foi por mim que veio esta voz, e sim por vossa causa.”** Ele tinha certeza do Pai e da resposta dele, mesmo sem uma alta “voz do céu”. Mesmo sem uma fala audível, ele repetidamente tinha experimentado que “o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o faz” (Jo 5.20). O povo, porém, devia ouvi-lo e compreender como Deus agora estava glorificando seu nome, precisamente onde via tão somente blasfêmia e desonra.
- 31 **“Agora é juízo.”** Sim, as coisas se encaminham para o juízo, que declarará Jesus como culpado e o entregará à crucificação. É isso que eles verão, é com isso que concordarão, pedindo a soltura de Barrabás e rejeitando a Jesus. Porém em tudo isso acontece na verdade um “juízo” bem diferente: **“Agora é juízo sobre este mundo.”** Na rejeição e crucificação do Filho de Deus por parte do povo mais devoto do mundo, o povo de Moisés e dos profetas, o povo dos sacerdotes e dos escribas, a natureza “deste mundo” é revelada definitivamente e julgada. A essência do mundo é inimizade contra Deus. Agora isso fica indesculpavelmente claro, porque em Jesus Deus não veio ao mundo como na terrível aparição no Sinai (Hb 12.18-21), mas como simples ser humano. Não exige e ameaça, mas traz consigo ajuda, cura, vida, graça e verdade. É precisamente essa revelação do amor de Deus que eles odiarão e tentarão matar. Nesse momento cumpre-se, em culminância máxima, o que fora dito em Jo 3.19: “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz.” **“Agora é juízo sobre este mundo.”** Será que esse juízo não é o fim da humanidade, sua rejeição definitiva por Deus? Será que agora não triunfa o príncipe deste mundo, que é seu sedutor e ao mesmo tempo seu acusador? Não, o juízo cai sobre o inocente, que o assume sobre si próprio. Com uma guinada inimaginável, esse juízo sobre o mundo se torna a salvação do mesmo. **“Agora o príncipe sobre este mundo será expulso.”** O acusador, com sua denúncia fulminante contra o pecado flagrante do mundo, é destituído do poder.
- Com toda a clareza Jesus fala aqui do **“príncipe sobre este mundo”**. É próprio do entendimento neotestamentário que o “mundo” não seja uma grandeza neutra e independente, com facetas boas e más, feias e belas, mas que o mundo tenha seu **“príncipe”**, que o força para dentro da culpa e da morte junto com todos os que lhe pertencem. Nessa situação Satanás “domina” tanto que os “filhos do diabo” (Jo 8.44) não são alguns “gentios” degenerados, mas justamente os filhos de Abraão, os descendentes de Moisés, os ouvintes dos profetas. Quem pode resistir a esse dominador, quem se esquivar dele? Agora, porém, isso sucede: ele é **“expulso”**. Quando uma pessoa agarra o sacrifício de

Jesus na cruz pela fé, a acusação de Satanás se torna impotente. Na vitória de Jesus cada fiel tem também por sua parte a vitória sobre todo o poder das trevas e todas as potestades demoníacas. A igreja de Jesus experimenta isso repetidamente, de forma milagrosa.

É sumamente necessário que deixemos Jesus nos conceder esse olhar para o acontecimento do Calvário; do contrário deixaremos de apreender a magnitude e o poder do feito da cruz de Jesus (cf. nota 387). Neste evento a deposição de Satanás é algo já presente e ao mesmo tempo ainda futuro. Jesus expressa isso de uma forma idiomática peculiar, colocando o presente “**agora**” ao lado da forma verbal futura “**ele será expulso**”. Desde a morte do Filho de Deus na cruz o poder e o direito foram tirados de Satanás. Apesar disso o diabo ainda há de alcançar o auge de seu poder no reino mundial do anticristo. Por isso, ele ainda precisa “ser expulso” e será, quando for acorrentado durante um milênio por ocasião da parusia de Jesus (Ap 20.1-3) e quando for lançado no lago de fogo depois do último ataque contra a humanidade do reino dos mil anos (Ap 20.10).

32/33 Por meio da expulsão do príncipe sobre este mundo abre-se para as pessoas o caminho até a liberdade. Agora elas podem ser resgatadas do poder das trevas e transportadas para o reino do Filho de Deus (Cl 1.13). Tem início uma nova humanidade sob o cabeça Jesus. “**E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.**” Como já em Jo 3.14, também nessas palavras o “ser levantado da terra” é entendido como ser pregado no madeiro maldito da cruz. João acrescenta expressamente: “**Isso, porém, dizia, para designar por meio de que morte estava para morrer.**” Contudo, por meio desse “ser levantado” no madeiro Jesus chega àquela exaltação que representa o senhorio sobre o mundo. Ele começa quando pessoas são interiormente vencidas e conquistadas, quando se forma e se dissemina a sua igreja. E ela é consumada naquele dia glorioso, em que o universo estiver prostrado aos pés de Jesus. O escândalo assustador de um Messias crucificado, diante do qual todo israelita ficava perplexo (Saulo!), precisava obter uma resposta. Ela será dada de múltiplas formas pelo testemunho apostólico. O próprio Jesus a deu com sua palavra: minha humilhação na cruz é justamente minha “exaltação”; é precisamente desse modo que me torno plenamente poderoso para “**atrair todos a mim**”.

Novamente a palavra “todos” nessa asserção de Jesus não tem conotação estatística. Jesus sabe que justamente sua atuação salvadora reverte em juízo para pessoas (Jo 3.18-21), que ele faz cegos verem mas também torna cegos aos que vêem (Jo 9.39) e que atrás do vir a ele está o mistério do “dar” e “atrair” por parte do Pai (Jo 6.37,44). Jesus não ensina a “reconciliação universal”. Se no presente texto ele fala de “todos”, não devemos esquecer que todo o trecho começou com a vinda dos gregos. Agora Jesus permanece fiel a Israel e sofre a cruz, pois não se desvia para os gregos, mas vai seu caminho como Rei de Israel até o fim. Então, porém, ele estará livre para atrair “todos” para junto de si, israelitas e gregos, sábios e tolos, devotos e não-devotos, “todos”. Por princípio ninguém mais estará excluído.

34 Jesus foi saudado como Messias. Será que, por causa disso, ele não precisa ficar na terra e realizar em Israel tudo o que se esperava dele de acordo com a Escritura? Em lugar disso, ele alude a uma “exaltação”, a um “ser levantado da terra”. Isso causa espécie. “**Replicou-lhe, pois, a multidão: Nós temos ouvido da lei que o Messias permanece para sempre, e como dizes tu ser necessário que o Filho do Homem seja levantado? Quem é esse Filho do Homem?**” Jesus não havia falado de si sempre de modo simples, na primeira pessoa, e tampouco usado para si o título de “Messias”, mas sim empregou várias vezes (Jo 5.27; 6.27,53; 9.35) a designação enigmática “Filho do Homem”. Agora o povo pergunta: “**Quem é esse Filho do Homem?**” Os ouvintes têm a mesma sensação que já tiveram em Jo 10.24: Jesus está ocultando algo. Por que ele não fala de forma simples e aberta do “Messias”? Também agora, quando o celebraram como milagreiro, ressuscitador de mortos e por isso como o “Rei de Israel”, eles notam o abismo que existe entre Jesus e eles.

35 Por essa mesma razão Jesus não lhes pode responder com explicações e ensinamentos dogmáticos ou com uma pregação sobre Daniel 7. Enquanto persistirem sérios contrastes essenciais, não se ganha nada com elucidações e discussões. Já não há tempo para questões exegético-teológicas. É a última hora da decisão, e essa decisão não carece de esclarecer problemas complexos. A decisão é “simples”, porque Jesus é a luz brilhante. A “luz” pode ser vista nitidamente e distinguida sem dificuldade das “trevas”. Vale apenas posicionar-se na luz e andar na luz. Por isso Jesus não dá atenção à pergunta de seus ouvintes, mas “**disse-lhes: Ainda por um pouco a luz está convosco. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos subjuguem.**” Na verdade já é tarde demais, a “hora” já chegou. Mas “ainda por um pouco” Jesus está entre eles. Ainda no último

instante uma decisão pode ser tomada, agarrada a salvação. Ainda as trevas não perpetraram a “**subjugação**” definitiva. Israel presume conhecer com extrema clareza o grande alvo de seu caminho definido por Deus e espera ansiosamente por alcançá-lo. Contudo, se desprezarem a luz de Deus, que está entre eles na pessoa de Jesus, então seu saber e esperar é uma ilusão. “**Quem anda nas trevas não sabe para onde vai.**” Foi o que Israel teve de experimentar com realismo total, na catástrofe do ano 70 d. C., na catástrofe da rebelião de Bar Kochba e até os dias atuais. Ele “não sabe para onde vai”.

36a Que possibilidade diferente está diante deles! “**Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz.**” “**Crer na luz**” não significa reconhecer teoricamente a realidade e a existência da luz, mas abrir-se e entregar-se à luz, para que ela possa perpassá-lo com sua claridade e comunicar-lhe sua natureza de luz. A expressão hebraica “**filho**” muitas vezes significa que uma pessoa é determinada e moldada por algo em sua natureza. Um “filho da consolação” (“Barnabé”) é alguém que traz totalmente em si a capacidade de consolar e que é um consolo com toda a sua aparência. “**Filhos da luz**” são pessoas que não apenas sabem e até ensinam algo da “luz”, de Jesus, mas estão repletas dela e são animadas por ela. Foi para isso que foram chamados. Sem dúvida, isso já é uma oportunidade perdida para Israel, como João constatará a seguir em seu retrospecto final. Para aquele, porém, que lê o evangelho de João, essa possibilidade abre-se novamente.

UM RETROSPECTO FINAL SOBRE A ATUAÇÃO DE JESUS EM ISRAEL – João 12.36b-50

^{36b} – Jesus disse estas coisas e, retirando-se, ocultou-se deles.

³⁷ – E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele,

– para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação?
E a quem foi revelado o braço do Senhor?

³⁹ – Por isso, não podiam crer, porque Isaías disse ainda:

– Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados.

– Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito.

⁴² – Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga;

– porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

⁴⁴ – E Jesus clamou, dizendo: Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou.

– E quem me vê a mim vê aquele que me enviou.

– Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.

– Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo.

⁴⁸ – Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia.

⁴⁹ – Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar.

– E sei que o seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que *eu* falo, como o Pai mo tem dito, assim falo.

36b/38 Jesus confrontou seu povo mais uma vez com a decisão, ainda no último minuto. Não se envolve mais num diálogo, como nos capítulos 8 e 10. “**Jesus disse estas coisas e, retirando-se, ocultou-se deles.**” Também agora Jesus se esquiva de um fim prematuro, que não o “levantaria da terra”.

Com esse episódio encerra-se definitivamente a atuação pública de Jesus. O evangelista apresenta o resultado. “**E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele.**” Também aqui fica novamente explícito como os “sinais” eram importantes para João. Eles atribuem uma culpabilidade especial à incredulidade. Naturalmente o objetivo era que cressem na palavra e pessoa daquele que vinha do Pai a nós. Uma situação precária e culposa já se forma quando Jesus constata, no início de sua atuação: “Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis.” (Jo 4.48). Agora, porém, Jesus foi muito ao encontro dessa fraqueza das pessoas e “fez tantos sinais”.

Contudo, de nada adiantou. A fé lhe continua sendo negada. Portanto, será que Deus fracassou diante da resistência humana? Será que Deus não foi nem um pouco surpreendido e embaraçado? Não, Deus previu isso, expressando-o por seu emissário Isaías. Na incredulidade e resistência de Israel contra Jesus cumpre-se **“a palavra do profeta Isaías (Is 53.1), que ele disse: Senhor, quem creu no que ouvimos? E o braço do Senhor, a quem foi revelado?”**

39/40 Agora se tornou realidade o que Deus dissera há muito tempo. O Deus vivo nunca é mero espectador de nossas decisões humanas. Nunca a pessoa deve considerar-se como o grande personagem principal, que determina a ação de Deus com seu comportamento. Sempre é Deus quem age, quem tem o papel principal. É o que se constata justamente agora com outra palavra do profeta Isaías. **“Por isso, não são capazes de crer, porque Isaías disse ainda: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados.”** “Não crêem em Jesus” apesar de todos os sinais. Os homens influentes de Israel se sentem muito livres e superiores nessa atitude, assim como faz a pessoa incrédula em todas as épocas e no auge de sua sabedoria e liberdade. Não nota que em sua incredulidade ela é tudo, menos livre, antes está acorrentada, **“não é capaz de crer”**. Não vê como sua resistência contra Deus a joga justamente nas mãos desse Deus, que torna seus olhos cegos e seu coração endurecido, de modo que já não há volta e salvação. Isso fica singularmente claro nos dirigentes de Israel, porque sua incredulidade está enraizada em sua devoção, rebelando-se contra a ação de Deus em Jesus em nome do próprio Deus. Pensam estar julgando Jesus na perfeição do poder próprio, não fazendo idéia de que eles próprios são os julgados, condenados a não poder mais crer porque não queriam crer. João não pôs a liberdade de decisão do ser humano em dúvida. Sem ela, de antemão seria absurdo que Jesus requestasse seu povo, como João retrata exaustivamente. Porém a ação de Deus abrange o ser humano com sua liberdade, realizando nele o juízo em meio à decisão própria e livre da pessoa.

41 Para João, filho de Zebedeu e filho de Israel, é enormemente significativo que nesse retrospecto final sobre a atuação de Jesus ele possa também olhar para a palavra da Escritura. Não se trata de uma “comprovação” formal a partir da Escritura. Ele vê o quanto é terrível e incompreensível o que aconteceu. O Messias ansiosamente esperado veio e mostrou sua glória como a do único Filho de Deus, cheio de graça e verdade. Israel, povo eleito de Deus, preparado por séculos de história divina, ainda assim se nega a crer e rejeita seu Messias! Como isso é possível? Nessa questão, não é correto que a própria sabedoria humana responda. Aqui Deus mesmo precisa dar uma resposta por meio da Escritura. Nesse ponto também o discípulo de Jesus carece do amparo e do firme consolo da Escritura.

Desse modo, porém, a Escritura também é desvelada de uma maneira completamente nova. João compreendeu isso: **“Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito.”** Com Isaías acontece como com Abraão (Jo 8.56). Esses homens da antiga aliança previram Jesus, seu dia e sua glória. Podiam fazê-lo porque Jesus é o “Verbo”, no qual Deus se pronunciou. No Deus que se revelava, inclinado para eles próprios e para o povo, depararam-se com aquele que depois, como “Jesus de Nazaré”, foi a última e perfeita palavra de Deus (Hb 1.1s). Por isso, Isaías estava diante da glória de Jesus quando foi vocacionado (Is 6), porque estava diante da presença do Deus vivo que se revelava. Isso não é nada mais que o reverso daquilo que Jesus diz nos v. 44s do presente trecho: **“Quem me vê a mim, vê aquele que me enviou.”**

42/43 No presente evangelho, presenciamos em diversas ocasiões (p. ex., em Jo 1.11s) que o evangelista é capaz de contradizer numa segunda frase o que constatou na primeira. Descobrimos que é precisamente desse modo que a realidade viva, com suas contradições, é bem testemunhada. É o que ocorre também no presente texto. No v. 37 ouvimos: **“Não creram nele.”** Agora João nos diz: **“Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele.”** Logo, não é como os adversários de Jesus pensavam poder constatar em Jo 7.48s, que apenas “o povo, que não sabe nada da lei”, adere a Jesus. Até **“das autoridades”** não foram apenas alguns que ficaram impressionados por Jesus, mas **“muitos creram nele”**. Se for correto considerar as “autoridades” especificamente como membros do Sinédrio, o quadro se torna especialmente funesto. No mesmo Sinédrio que deliberou pela morte de Jesus havia, então, homens que na realidade criam em Jesus! E apesar disso não abriram a boca e não protestaram contra a sentença. Por que não? **“Mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga.”** Tamanha é a força de uma corporação, capaz de amarrar seus membros e calar a boca de pessoas em posições elevadas e de responsabilidade. Por trás disso,

porém, está o ponto ferido e enfermo para o qual o próprio Jesus já apontara (Jo 5.44): **“Porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.”** Obviamente isso mostra como nossa “fé” pode perder a fibra em decorrência de nossa atitude interior e ser desfigurada num “pensamento” meramente teórico. O Deus em que eles “crêem” é para eles algo distante e incerto. Por isso a glória que ele confere não consegue se impor contra a desonra diretamente eficaz que as pessoas lhes impõem ao expulsá-los de sua comunhão. No entanto, devemos notar que na realidade, de acordo com as palavras usadas, João não está falando da honra subjetiva que recebemos de Deus ou de pessoas. Ele concebe a “glória” em termos muito mais objetivos e a designa com a mesma palavra grega “*doxa*” que nos versículos anteriores caracterizava a “glória” de Deus e do Filho do Homem. Quando se dá tanto peso à “honra das pessoas”, então a “glória do ser humano” está situada, numa inversão pecaminosa (Rm 1.21s), acima da “glória de Deus”. Não é de se admirar que nesse caso também a glória de Jesus não seja vista de verdade e que a “fé” nele continue inerte. Não leva ao primeiro passo necessário, à clara confissão sem consideração pelo favor humano e pelo tempo propício.

44/45 E agora ouvimos mais uma vez o próprio Jesus. Ele diz praticamente a “palavra final” sobre toda a sua atuação pública em Israel. **“E Jesus clamou, dizendo: Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou.”** A constatação de que **“Jesus clamou dizendo”** não significa uma referência cronológica. Não há acontecimentos anteriores aos quais agora se seguisse esse “clamor” de Jesus. Antes disso o evangelista dá explicações sobre membros do Sinédrio que amam mais a glória perante os homens que a glória de Deus. E agora, por meio do **“Jesus clamou dizendo”**, o evangelista constata, meramente como conteúdo e sem fixação cronológica, que Jesus buscou exclusivamente a glória de Deus, de modo muito diverso. A acusação contra Jesus é – e foi até hoje – que ele se colocava ao lado de Deus, sim que praticamente tirava o lugar de Deus. Porém o contrário é que é verdade! Jesus não se posiciona ao lado de Deus como blasfemo. Quem crê em Jesus não abandona o monoteísmo puro e não tem dois deuses lado a lado, o Pai e Jesus. Tampouco crê em um ser humano de nome Jesus. “Fé” no verdadeiro sentido cabe exclusivamente a Deus. Por isso, o próprio Jesus estabelece com toda a clareza que a fé nele é em si mesma fé em Deus e nada mais. É preciso suportar a evidente contradição **“quem crê em mim não crê em mim”**. É realmente necessário “crer em Jesus”. Porém essa fé necessária em Jesus não fica presa ao próprio Jesus, mas abraça o Deus vivo ao abraçar Jesus. Nessa questão Jesus é verdadeiramente o Revelador, o “Exegeta” de Deus (Jo 1.18). Quem capta na pessoa de Jesus algo diferente da pessoa e do coração de Deus pratica a idolatria e tem contra si Jesus, cujo único interesse é a honra de Deus. Por essa razão, porém, inversamente toda rejeição a Jesus é ao mesmo tempo rejeição a Deus. Quem não crê em Jesus, não crê em Deus, que expressou sua essência em Jesus. Por isso, vale agora também para cada pessoa aquilo que até então havia sido concedido apenas a alguns, em experiências especiais: um “ver a Deus” quando se vê a Jesus. Em Jo 14.8-11 ainda ouviremos mais a esse respeito. Por isso é verdadeiro o que João afirmou no v. 41: Isaías viu Jesus, quando contemplou o Senhor sobre seu trono. E todo o que realmente **“vê”** a Jesus está diante do Deus vivo, exatamente como Isaías. **“Quem me vê a mim, vê aquele que me enviou”**.

46 Será difícil crer em Jesus? Jesus nega esta idéia no exato momento de seu retrospecto sobre sua atuação. **“Eu vim ao mundo como a luz, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.”** É tão simples ver a “luz” em contraposição às “trevas” e seguir àquele que, como Pedro escreverá mais tarde, “nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). Todo ser humano sincero conhece as muitas trevas e o terrível crepúsculo dentro de si mesmo e em torno de si. Ao se envolver com Jesus notará que Jesus é completamente diferente, não sinistro, não ambíguo, mas luz límpida e pura. É possível abrir-se integralmente a essa “luz”, chegando à fé em Jesus. Ninguém precisa “permanecer nas trevas”. A luz redentora chegou.

47 No começo do evangelho, em Jo 3.20, já líamos que precisamente esse pode ser o motivo para não chegar a Jesus, mas para odiá-lo. Jesus vê que isso agora se confirma em todo o insucesso de sua atuação. Será que desse modo ele é transformado de “Salvador do mundo” em acusador do mesmo? Não, ele declara mais uma vez: **“Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo. Porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo.”** “Salvar” é seu único envio (Jo 3.17) e sua vontade inabalável. Com essa vontade ele irá para a cruz. É importante que nós saibamos e gravemos em nossa memória: em Jesus encontramos-nos com aquele que não deseja nada além de ser “Salvador”. Também nesse sentido não há nele nada de “ambíguo” e de incerto.

- 48 É possível, pois, que cada pessoa possa passar impunemente por ele, que isso seria irrelevante? Não, minha posição em relação a Jesus possui conseqüências imperiosas e infalíveis. Já de acordo com Jo 3.18, o envio do Filho de Deus, que não aconteceu para o juízo e sim para a salvação do mundo, resulta, apesar disso, em juízo. Assim Jesus pronuncia mais uma vez em sua palavra final: **“Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia.”** Ainda que Jesus permaneça em sua decisão de não julgar, apesar disso o juiz está aí para aquele que **“rejeita”** e **“não recebe as palavras dele”**. Esse “juiz” é a palavra proferida por Jesus. O juízo no último dia não é um julgamento artificial, que impõe punições ao ser humano de acordo com quaisquer regulamentos. Não, exatamente as palavras, como as ouvimos no presente evangelho, essas palavras cheias de Espírito e vida (Jo 6.63), cheias de graça e verdade, tornam-se palavras definitivas de juízo para aquele que as rejeitou. Quanto mais gloriosa e insistente for a palavra da graça, tanto mais ela condena aquele que não lhe quer dar ouvidos. Quem rejeita o amor que salva, está se voltando deliberadamente para as trevas e acabará nas trevas. O juízo por meio da palavra da graça de Jesus é mais terrível e inescapável que a justificação da lei por intermédio da lei. Em tensão viva com o que foi afirmado no v. 39, atesta-se, portanto, toda a responsabilidade e decisão daquele que é confrontado com Jesus e ouve sua palavra.
- 49/50 Essa é uma responsabilidade de vida e morte, porque Deus está falando em Jesus. Se fosse diferente, Jesus estaria numa mesma galeria com todas as demais pessoas ilustres que falaram sobre Deus a partir de seu próprio pensamento e entendimento. Cada um de nós então teria a liberdade de criticar a palavra de Jesus e rejeitá-la. Continuaría sendo uma “palavra privada”, uma “palavra humana”, sem o teor máximo de verdade e compromisso. Ninguém morre se considerar errados e rejeitar os pensamentos de Goethe ou Zaratustra ou Buda sobre Deus, o mundo e as pessoas. Somente com Jesus é diferente. **“Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem incumbido do que dizer e do que anunciar.”** Já a palavra dos profetas abarcava em si vida e morte, porque não diziam, em sua proclamação: “Penso... estou convicto...”, mas porque podiam afirmar em determinadas situações: “Assim diz o Senhor.” Em Jesus, porém, está diante de nós o Filho, que em toda a sua existência e em cada palavra **“não fala por si mesmo”**, porém recebe continuamente do Pai a **“incumbência” “do que dizer e do que falar”**. **“E sei que sua incumbência é vida eterna.”** Em Jesus nos defrontamos com a **“incumbência”**, que é **“vida eterna”** e cuja rejeição por isso significa necessariamente a morte eterna. Em nosso posicionamento perante a sua palavra acontece a decisão sobre a nossa vida. Por essa razão, em sua última palavra Jesus confirma mais uma vez que: **“As coisas, pois, que eu falo, como o Pai me tem dito, assim falo.”** No aspecto formal, Jesus de fato está numa galeria com muitas personalidades ilustres da história, que “falaram” e cujas palavras são impressionantes e significativas. Agora, porém, Jesus ressalta a diferença radical. **“As coisas, pois que eu falo”**, isso não sou “eu” que falo; não, **“como o Pai me tem dito, assim falo”**. Por isso a palavra de Jesus é a única palavra à qual temos de obedecer e na qual podemos confiar de modo absoluto na vida e na morte.

II – O ÚLTIMO DIÁLOGO DE JESUS COM SEUS DISCÍPULOS E SEU PAI – JOÃO 13—17

1 – A PREPARAÇÃO DOS DISCÍPULOS PARA O SERVIÇO DE JESUS (DISCURSOS DE DESPEDIDA) – JOÃO 13-16

O LAVA-PÉS – João 13.1-11

- Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (ou: até a consumação).
- Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus,
- sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus,
- ⁴ – levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela.

- Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.
- Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim?
- Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.
- Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés! Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.
- ⁹ – Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.
- Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos.
- Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos.

O cap. 13 do evangelho começa uma seção completamente nova e essencial, que vai até o final do cap. 17. A luta de Jesus por Israel está terminada, e, apesar do entusiasmo do povo por ocasião da entrada de Jesus em Jerusalém, mostrou-se como em vão. Agora Jesus se volta integralmente a seus discípulos, mais especificamente ao círculo mais íntimo dos “apóstolos”, o fundamento da nova igreja. Era inevitável a pergunta: Se Israel como um todo se fechava para Jesus, que haveria de acontecer? Como continuaria a história da salvação de Deus? A resposta está evidentemente clara. A história da salvação de Deus continua após a crucificação, ressurreição e efusão do Espírito como história da comunhão dos salvos. Vivemos entre ascensão e parusia no *éon* da igreja e da evangelização mundial, promovida por meio dela. A igreja, porém, se forma pela atuação dos primeiros mensageiros de Jesus. Por isso, a preparação desses mensageiros constitui uma tarefa essencial e cuidadosamente executada por Jesus. Nos sinóticos, presenciamos seu início já durante a atuação terrena de Jesus, p. ex., no discurso de envio em Mt 10, nas regras de Mt 18, e no diálogo sobre a verdadeira grandeza em Mt 20.20-28. João não repetiu essas partes dos sinóticos, mas mostrou-nos como, pouco antes de morrer, na última despedida, Jesus disse aos discípulos o decisivo para a caminhada e o serviço.

- 1 O fundamento de toda a vida do discípulo e de todo o serviço do discípulo é o inalterável amor de Jesus. Por isso ele é testemunhado no primeiro versículo deste capítulo. Ele sustenta e alicerça tudo o que é apresentado a seguir aos discípulos. A parte decisiva desse versículo é a afirmação **“Como aquele que amou os seus no mundo, demonstrou-lhes seu amor até o fim (ou: até a consumação)”**. Contra a opinião que se tem muitas vezes sobre João, ele é livre de todo o intimismo psíquico. Por isso, não falou até o momento do amor do Senhor por seus discípulos, sim, nem sequer o tornou visível sem palavras. Porém esse amor sempre esteve presente. Ele se dirige “aos seus”. Sobre eles paira um mistério. É verdade que a rigor todas as pessoas pertencem ao Logos, por meio do qual foram criadas (Jo 1.3). Contudo, “os seus não o receberam” (Jo 1.11). Mas esses homens a quem Jesus se dirige agora de modo especial foram escolhidos por ele entre o mundo (Jo 15.19). De fato tornaram-se **“os seus”** e como “suas testemunhas” hão de empenhar sua vida. Contudo, são “os seus no mundo”. Em breve, em poucas horas ficará provado o quanto eles ainda são determinados pelo “mundo”, quando “deixarem só” a Jesus (Jo 16.32). Desde o começo é um “amor” singular, quando o Santo de Deus, “que estava no seio do Pai” (Jo 1.18), apesar de tudo **“ama” “os seus que estavam no mundo”**, que por natureza estão separados dele. A cada momento esse amor teve de suportar, tolerar, perdoar, purificar. Ele possui necessariamente uma imagem de cruz. Por isso ele encontrará sua **“consumação”** na cruz. O termo grego pode ser compreendido inicialmente em termos cronológicos: Jesus demonstrou seu amor **“até o fim”**. Não será por acaso que o termo **“télos”** = “fim” retorna no último grito de Jesus na cruz **“tetelestai”** = “está consumado” (Jo 19.30). Mas porque seu amor permanece inabalável até esse **“fim”**, carregando na cruz toda a culpa dos discípulos, ele alcança sua **“consumação”**. Aqui se ama “até o extremo”. E essa consumação não representa um “fim” desse amor, que, pelo contrário, continua amando inesgotavelmente “para os *éons* dos *éons*”, razão pela qual provoca o interminável louvor dos anjos, da igreja e de toda a criação (Ap 5.9-14). Jesus **“demonstrou seu amor até a consumação”** não apenas, p. ex., no lava-pés, que será relatado primeiro. A verdadeira história da paixão já começa nessa última ceia de Jesus com seus discípulos. O lava-pés torna-se símbolo de toda a ação de Jesus em sua Paixão. Na Paixão aperfeiçoa-se o amor de Jesus, assim como Jesus é na cruz de forma perfeita o Cordeiro de Deus que leva embora o pecado do mundo.

É por isso que João fala do amor de Jesus justamente agora: **“sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai”**. A **“hora”**, rumo à qual Jesus vivia e que começou a

soar na ressurreição de Lázaro, agora chegou em definitivo. Ela havia abalado sua alma (Jo 12.27). Porém Jesus sabe que todo o acontecimento da Paixão com toda a sua tortura ainda assim é um **“passar deste mundo para o Pai”**. O Filho de Deus encarnado apenas podia sabê-lo pela fé. Isso não era motivo para que esse saber retirasse do sofrimento algo de sua dureza e gravidade. **“Passar para o Pai”** não era um trajeto tranqüilo, mas significava ser abandonado pelos seus, ser aprisionado, açoitado, escarnecido, torturado e desonrado na cruz, morte!

- 2 Parece bastante vaga a indicação sobre o lugar e o horário do episódio subsequente **“e durante uma ceia”**, assim como é imprecisa a informação no v. 1 **“antes da festa da Páscoa”**. Contudo, a continuação do relato em Jo 13.30 e 18.1ss nos revela: é a última noite antes do aprisionamento, condenação e crucificação, que Jesus experimenta com seus discípulos. Nessa noite ele realiza com eles **“uma ceia”**. Considerando que, conforme a contagem israelita, o **“dia”** começa por volta das 18 horas, todo o acontecimento da Paixão se condensa num único dia, das 18 horas de quinta-feira até as 18 horas de sexta-feira. 24 horas depois dessa noite estava tudo acabado, e aquele que agora está à mesa com seus discípulos, repousa no túmulo.

Será que essa **“ceia”** é a refeição *da Páscoa*? Nada na narrativa de seu transcurso aponta para isso. Sem um artigo definido fala-se simplesmente de **“uma ceia vespertina”**. Desse modo João dificilmente poderia falar da conhecida e significativa refeição *da Páscoa*. E a indicação **“antes da festa da Páscoa”** não apenas faz parte da frase **“sabendo Jesus...”**, mas define o trecho todo. De acordo com isso, também a **“ceia”** está situada ainda **“antes da festa da Páscoa”**. Se João tivesse imaginado a agora descrita refeição noturna como a própria ceia *da Páscoa*, ele teria de dizer claramente depois da referência cronológica introdutória **“antes da festa da Páscoa”** que agora começou essa festa propriamente dita.

Em toda a questão não apenas está em jogo uma pergunta – enfim realmente não tão importante – quanto à data objetiva. Para João a ordem cronológica do acontecimento possui um significado profundo e interior. Nas horas em que no templo eram sacrificados e sangravam milhares de cordeiros *da Páscoa*, morre fora, diante da cidade, o verdadeiro Cordeiro de Deus na cruz, incógnito das pessoas, mas eficaz com seu sangue para todos os pecados de todos os tempos. Pelo fato de Jesus ser o verdadeiro Cordeiro *da Páscoa*, é tão importante para João poder atestar que são quebradas as pernas de Jesus. Seu testemunho adquire uma premência especial justamente nesse momento (Jo 19.31-36).

Contra esse dado está o relato dos sinóticos, que descrevem a última ceia de Jesus como ceia *da Páscoa*. Foram feitas diversas tentativas de harmonização entre João e os sinóticos, porém nenhuma delas é satisfatória. Teremos de deixar vigente essa diferença cheia de tensões. Acrescenta-se a isso que João não traz nenhuma palavra da instituição da santa ceia, enquanto ele conta a indicação de Judas como traidor e a predição da negação de Pedro, embora também elas já ocorreram no relato sinótico. Não sabemos a razão última disso, e conjeturas sobre isso possuem pouco valor.

Também o relato de João deixa espaço suficiente para a instituição da santa ceia. A **“janta”**, principal refeição do dia, era tomada no final da tarde. Quando Judas sai, já é noite (v. 30). Jesus esteve muitas horas junto dos seus. Mais difícil é a questão de como as palavras da instituição podiam ser pronunciadas por Jesus tendo uma nítida relação com a *Páscoa*, quando no presente caso não se tratava de uma ceia de *Páscoa*. No entanto, se já havia começado o dia em que ele morreria como o verdadeiro cordeiro pascal, é bem possível que Jesus também já tenha inserido nessa refeição traços comuns da ceia *da Páscoa* e pronunciado palavras interpretativas sobre o pão e o cálice que estabeleciam uma correlação com a *Páscoa*.

Ainda que o jantar realizado por Jesus com os discípulos fosse um jantar comum, apesar disso pairava sobre ele a profunda seriedade dos acontecimentos que viriam, que em todos os casos o próprio Jesus viu com clareza. Essa ceia acontece **“tendo já o diabo lançado no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que o entregasse.”** O terrível plano de entregar Jesus não surgiu no coração de um discípulo pessoalmente. Esse plano foi posto no coração de Judas pelo grande inimigo de Deus. João não descreveu como o diabo conquistou esse poder sobre Judas. Tampouco agora João empreende a tentativa de uma explicação psicológica qualquer. Contudo a expressão **“lançar”** mostra de forma concreta como num coração aberto para isso caem pensamentos satânicos, fixando-se dentro dele.

- 3 Num maravilhoso contraste com o que acabamos de ouvir João afirma justamente agora de Jesus: Ele **“sabia que o Pai confiaria tudo às suas mãos.”** Na perspectiva humana Jesus agora estava

completamente entregue, indefeso, à mercê do traidor e, por meio dele, a seus inimigos e, por último, ao diabo. Jesus, porém, “sabe” que é tudo diferente. Seu olhar pousa sobre Deus, que tem em suas mãos os inimigos de Jesus, o discípulo traidor e até mesmo o diabo. Em última análise é Deus quem dá, “entrega” o Filho (Rm 8.32!). Contudo, conforme esse incrível paradoxo que é destacado por João nesse evangelho com especial clareza, o Deus que abre mão do Filho desse modo é ao mesmo tempo o “Pai”, que justamente assim “confiou tudo às mãos” do Filho. A “entrega” plena, assumida obedientemente pelo Filho, constitui de fato sua “sobreexaltação”, que o torna Senhor do universo. Para “saber” isso nessa hora da entrega, o Filho obviamente precisava ter em mais alto grau aquela “visão das coisas invisíveis”, que é concedida na fé (2Co 4.18).

Ademais, ainda em outro sentido, Jesus precisa **“saber que o Pai lhe confiou tudo nas mãos”**. De seu agir agora, de seu “beber o cálice”, de seu “consumar” depende o destino da humanidade e de toda a criação! Esse “tudo” que foi confiado em suas mãos é “todas as coisas que sobre ele haviam de vir” (Jo 18.4), “tudo” o que depois na cruz “já estava consumado” (Jo 19.28). Jesus parece ser o “passivo”, impotente, amarrado, sofredor, enquanto todos os demais estão numa atividade febril: o Sinédrio, Judas, o diabo. E apesar disso toda a decisão, que abrange tempo e eternidade, não está nas mãos desses grandes atores, e sim nas mãos amarradas de Jesus e pregadas à cruz.

É algo tão sério que sua cruz representa sua exaltação. Por isso, toda a resistência do mundo, toda a rejeição por parte de Israel, toda a incompreensão dos discípulos, todo suplício infame não podem abalar a certeza de Jesus de **“que ele viera de Deus e voltava para Deus”**.

- 4/5 Na seqüência começa a instrução e preparação dos discípulos com uma ação de Jesus, da qual não obtemos nenhuma notícia no relato dos sinóticos. Jesus **“levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha de linho, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.”** Com que detalhamento e precisão João está relatando, quando em outras passagens costuma relatar de maneira muito sucinta! É como se ele visasse destacar com isso a conotação extraordinária e admirável da ação. Cumpre ponderar que em geral lavar os pés era apenas serviço dos “escravos”, sim, dentre um grupo de escravos executava-o somente o mais humilde e desvalorizado. E agora executa-o aquele **“a quem o Pai confiou tudo nas mãos”**, “o Senhor da glória” (1Co 2.8). Nesse episódio torna-se palpável o que Paulo quer dizer em Fp 2.6ss: Ele, que “subsistindo em forma de Deus”, “esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo”. Com o pano de linho se cingiu “do avental de escravo para servir”, exercendo um serviço típico de escravo.
- 6 O verdadeiro sentido desse servir, porém, somente se torna perceptível quando Jesus chega, na seqüência dos discípulos, até Pedro. Ao que parece, os demais discípulos toleraram tacitamente o agir de Jesus neles. Pedro, no entanto, como já em várias outras vezes, também agora se precipita com sua palavra. **“Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés?”** A simples formulação **“tu me lavas os pés?”** não afirma que Jesus já o esteja fazendo. Essa declaração tão somente visa explicitar a circunstância insuportável que está acontecendo. Pedro sente tão profundamente a impossibilidade da situação ele não consegue ficar calado, tem de se rebelar. Não obstante, é uma “rebelião” contra aquele que ele no mesmo fôlego chama de “Senhor”. Nela está contida aquele orgulho oculto do ser humano que não consegue suportar que por sua causa o “Santo de Deus” tenha de ser humilhado tão radicalmente e exercer um “serviço” desses.
- 7 **“Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois disso.”** Estamos acostumados a depreender dessa resposta de Jesus sobretudo o contraste de “agora” e “depois”. No texto grego, porém, é salientado um contraste bem diferente pela menção expressa do “eu” e do “tu”. O que faz Jesus, o Filho de Deus, isso uma pessoa como Pedro obviamente não consegue compreender, pelo menos ainda não por ora. Entre Jesus e Pedro há abismos de diferença em sua natureza, que simplesmente impedem a compreensão. Por essa razão, para que Pedro possa **“compreender”**, ainda precisam acontecer muitas coisas. O **“depois disso”** aponta nessa direção, ainda mais que no grego **“isso”** está no plural: “depois desses acontecimentos”. Depois de seu tropeço e sua negação, depois de seu choro amargo, depois da cruz e da ressurreição Pedro **“compreenderá”** o que Jesus **“faz agora”**. No diálogo de Jesus com Pedro em Jo 21.15-17 o “depois disso” é caracterizado de forma singularmente marcante. Sim, agora Pedro começa a aquilatar que somente o mais baixo serviço de escravo do Filho de Deus traz a Salvação de um discípulo que o nega, bem como a salvação do mundo. Portanto, com o **“compreenderás depois”** Jesus de modo algum se referiu à explicação subsequente sobre o conteúdo exemplar de seu agir. Com esse

elemento exemplar foi tocado apenas um lado, o traço formal, do servir. Pois o conteúdo do servir de Jesus é único. É o derramamento do sangue que purifica de todo o pecado.

- 8 A continuação do diálogo de Jesus com seu discípulo demonstra que é esse o sentido da palavra. Pedro não quer ceder na perspectiva de uma compreensão posterior, mas insiste teimosamente em sua oposição. **“Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés!”** Agora Jesus se torna profundamente sério: **“Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.”** Assim como ele é por natureza, nem mesmo um discípulo e apóstolo vocacionado pode **“ter parte”** com o “Santo de Deus”. Então Jesus também jamais o fará partícipe de sua obra nem poderá dizer-lhe: apascenta as minhas ovelhas (Jo 21.17). É a verdade singela e fundamental de todo o evangelho que está sendo expressa nessa afirmação. O ser humano culpado, não santo, maculado e deturpado até o coração está radicalmente separado de Deus e não tem comunhão com Deus. Precisa ser **“lavado”**. Somente então poderá comparecer diante do trono de Deus e servir a Deus. Quem ainda não percebe e reconhece essa verdade não entende o evangelho. Como israelita, Pedro já tinha uma noção disso. Conhecia e praticava as muitas “abluções” que eram usadas em Israel (cf. Jo 2.6). Agora ele precisa compreender que existe apenas uma única ablução, que cumpre todas essas antecipações e realmente tira a falta de santidade, o pecado e a culpa. Ela acontece na humilhação do Filho de Deus pela morte vicária maldita em lugar do pecador. O sangue de Jesus é o único que nos “lava”. O “lava-pés” somente pode e visa apontar para ele. Contudo, aponta com tanto realismo para ele que, ao rejeitar o lava-pés, Pedro se privaria de sua parte com seu Senhor e, por consequência, de sua vida.
- 9/10 Pedro começa a entender. Mas mesmo agora tem de corrigir mais uma vez seu Senhor. Se o lava-pés tem um sentido tão sério, será que pode limitar-se a uma ablução dos pés? **“Simão Pedro lhe diz: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.”** Acaso ele não tem razão? Não é na nossa cabeça que onde estão os pensamentos pecaminosos, e não são as mãos as verdadeiras executoras da maioria do mal? **“Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar (senão os pés); quanto ao mais, está todo limpo.”** Essa resposta de Jesus não é fácil de compreender. Mesmo deixando fora as palavras entre parênteses “senão os pés” a situação pouco mudaria. Afinal, Jesus está lavando justamente os pés dos discípulos, estando para lavar, logo em seguida, também os de Pedro. Por que o “lava-pés” como tal é suficiente? Para a purificação do pecador diante de Deus, não será necessário justamente o “lava-tudo”? Temos de supor que a palavra de Jesus constitui uma continuação para além do que foi dito antes. Através do sacrifício na cruz e por meio do sangue de Jesus surgirão aqueles “lavados” que **“estão limpos de todo”**. Porém, o lavado, em seu caminho, sempre de novo suja os pés. Carece de purificação permanente. Quem vier a Jesus, tornar-se-á “todo limpo”, como nos mostra, p. ex., At 2.38; 3.19; 22.16. Apesar disso, em seus caminhos, também nos caminhos do ministério para Jesus, ele precisa de perdão sempre renovado. A quinta prece da oração do discípulo nunca se torna obsoleta.
- 10/11 E **“vós estais limpos”**. Essa é uma audaciosa antecipação daquilo que somente se torna realidade mediante a cruz. Contudo essa antecipação, esse agir plenipotenciário de Jesus com base em sua ação concreta na cruz, caracteriza de muitas maneiras a atuação de Jesus na terra. Como advertência, Jesus acrescenta: **“Mas não todos, pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos.”** Mais uma vez está diante de nós o seguinte: a obra purificadora e salvadora de Jesus pode continuar sendo em vão, até no caso de uma pessoa que vive em contato direto com Jesus. A purificação do ser humano não acontece mecanicamente. A pessoa pode persistir no pecado e por fim conceder ao diabo que entre em seu coração. De modo contínuo, Judas está diante da igreja como um sério sinal de advertência.

AS PALAVRAS DE JESUS SOBRE O LAVA-PÉS – João 13.12-20

- ¹² – Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: **Compreendeis o que vos fiz?**
- ¹³ – Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou.
- Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.
 - Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.
 - Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.

- Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes.
- Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar.
- Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que eu sou.
- Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.

12/14 A ação do lava-pés foi concluída. Não deve continuar sendo uma ação silenciosa e incompreendida. No entanto, como Pedro, os demais discípulos obviamente compreenderão somente depois da Sexta-feira da Paixão e da Páscoa o que Jesus está fazendo agora. Porém, algo muito central de sua ação eles podem e devem “compreender” imediatamente, levando-o para sua vida de discípulos como uma característica básica de todo seu serviço. Os discursos de despedida começam, primeiramente com a instrução e preparação dos apóstolos. **“Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, reclinando-se novamente à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós sois devedores de lavar os pés uns dos outros.”** Jesus **“havia se reclinado novamente à mesa”**. Nessa refeição Jesus não estava “sentado”, mas “deitado à mesa” com os seus. Assim a ceia, embora tenha sido apenas “uma janta”, ainda assim tinha conotação festiva. No v. 13, o **“vós”** é ressaltado com ênfase. Seus discípulos o tratam de “Mestre” e “Senhor”. Israel como um todo não o faz. Por isso parecia tão impossível para Pedro que esse **“Mestre e Senhor”** fizesse o serviço de um escravo. Mas, visto que ele, o Mestre e Senhor, apesar disso o faz, os discípulos não se podem negar a servir uns aos outros.

Terão necessidade desse serviço sem cessar, mesmo que, como salvos e renascidos, sejam “limpos de todo”. O lava-pés é indispensável no convívio dos discípulos entre si. Não existe uma igreja “pura” e ideal. Na convivência, mesmo como “cristãos”, muitas vezes ferimos uns aos outros, prejudicamos uns aos outros, perturbamos ou tolhemos a comunhão, evidenciamos a pequenez de nossa fé, a fraqueza de nosso amor, a debilidade de nossa esperança. Não está colocado à nossa deliberação se queremos em tudo isso ajudar uns aos outros. **“Vós sois devedores”** diz Jesus. O serviço dos discípulos entre si de fato possui a característica de um serviço em si, que seu Mestre e seu Senhor lhes presta. É claro que não podem redimir um ao outro. Isso somente o próprio Jesus pode fazer. Mas “lavar os pés” de modo algum se refere apenas a servir genericamente com disposição, a uma “diaconia” geral. Assim como o serviço de Jesus era singular, assim o é também o serviço dos discípulos uns pelos outros. A partir do ato redentor de Jesus, ele é a ajuda perdoadora e purificadora para corrigir, libertar e endireitar. Unicamente pessoas redimidas e realmente salvas “podem” prestar esse serviço.

15 **“Porque eu vos dei um exemplo, para que vós façais como eu vos fiz.”** Representa uma distorção do evangelho seirmos em Jesus apenas um “exemplo”, ao qual queremos imitar com nossas próprias forças. Nessa leitura se ignoraria o que Jesus disse em Jo 3.1ss ao sério fariseu Nicodemos sobre a necessidade do novo nascimento. Por outro lado, também não podemos nem devemos negar que Jesus é “exemplo”. Em consonância, ele próprio está se colocando a seus discípulos como “exemplo” precisamente em sua função apostólica. Acrescenta-se que no grego a palavra “como” (*kathos*) não possui apenas um sentido comparativo, mas também uma conotação de justificativa. Devem “fazer como Jesus fez”; porém somente podem fazê-lo porque Jesus agiu primeiro dessa forma com eles.

16 Temos tanta necessidade desse “exemplo” porque todo o nosso eu se opõe a esse serviço do “lava-pés”, tanto a recebe-lo como a prestar esse serviço a outros. Nós exercemos nossos “dons” a fim de mostrarmos quem somos e do quanto nós podemos com bastante disposição. Contudo, o que não faz parte de nossa natureza é ajoelhar-nos e lavar pés sujos, talvez sem ao menos receber gratidão por isso. Por isso Jesus o sublinhou em sua palavra: eu, o Mestre e Senhor, que como tal estou acima de vocês, cingi o avental de escravo do serviço. E por isso ele repete aos seus com ênfase: **“Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.”** No judaísmo existia a norma legal vigente “O enviado é igual ao que o enviou”. Com isso se assegurava a autoridade de toda a pessoa com uma incumbência. Porém, “maior” que o que envia, o enviado não pode ser. Se os discípulos de Jesus se considerassem bons demais para prestar esse serviço uns aos outros, então eles estariam querendo ser **“maiores”** que seu Senhor, colocando-se acima daquele que os enviou. Isso constitui uma atitude impossível, que Jesus

rejeita com a máxima seriedade. É por isso que ele novamente introduz sua constatação com o solene **“Em verdade, em verdade vos digo”**.

- 17 É fácil reconhecer e “saber” isso na teoria. Mas na prática da vida da igreja muitas vezes é difícil “fazê-lo”.de fato. Jesus não olha para seus discípulos com pena, por onerá-los de algo tão difícil e contrário à natureza. Pelo contrário, anuncia-lhes uma nova “bem-aventurança”. Ele afirma com alegria: **“Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes.”** Precisamente quem ousa “fazê-lo” olhando para Jesus, experimenta como é “bem-aventurada” uma posição dessas frente aos outros, um serviço desses ao próximo. Em todos os casos, a igreja genuína somente pode viver e cumprir sua missão quando nela esse sentido de Jesus determina a convivência.
- 18 Falando aos “doze”, Jesus tem de reiterar: **“Não falo a respeito de todos vós.”** Notamos com que intensidade Judas mexeu com o evangelista. João fala dele mais do que os sinóticos, transmitindo-nos com cuidado o que Jesus declarou sobre ele. Judas foi vocacionado com os demais. Viveu no círculo dos discípulos e estava sujeito à palavra de Jesus como eles. Foram-lhe lavados os pés como aos demais. Também agora ele estava deitado com eles na ceia. Será que Jesus se deixou enganar? Será que Jesus era inferior a alguém como Judas? Que abalo tinha de sobrevir os discípulos quando um dentre eles entregava Jesus nas mãos dos inimigos! Contudo, Jesus pode dizer-lhes: **“Eu conheço aqueles que escolhi.”** Mas, por que então ele tolera Judas em seu redor até agora? Por que ele não o desmascarou há tempo e o expulsou? **“Mas, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim esse calcanhar.”** Enquanto lemos com tanta frequência em Mateus: “para que se cumprisse o que foi dito...”, ouvimo-lo aqui da própria boca de Jesus. Uma palavra como essa no Sl 41.10 não apenas expressa uma verdade geral, mas fala de Jesus e tem de **“se cumprir”** na vida do Filho de Deus. Afirmações muito anteriores, feitas na Escritura, são concretizadas de modo especial na história de Jesus e de sua igreja. Nesse contexto, **“levantar o calcanhar”** para o coice traiçoeiro é ainda mais maldoso que o “dar pontapés” que conhecemos da tradução alemã de Lutero. Por meio desse gesto é maldosamente rompida a comunhão concedida no **“comer do seu pão”**.
- 19 O fato de que na ação de Judas se cumpre a Escritura e de que Jesus o diz de antemão a seus discípulos, há de ajudá-los a permanecer firmes quando Judas e sua ação os abalarem profundamente. **“Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que eu sou”**. Sempre é difícil manter a fé quando nos confrontamos com coisas incompreensíveis e sombrias. Representa uma ajuda para os discípulos terem “fé” quando o próprio Jesus lhes predisse o que haveria de acontecer. A que “fé” Jesus está se referindo? Como já fez perante seus adversários, Jesus agora sintetiza também para seus discípulos o conteúdo da “fé” na palavra sucinta e majestática **“crer que eu sou”**. Como explicação, deveríamos dizer: crer que Jesus é o “Eu sou”. Trata-se da fé na verdadeira divindade de Jesus. Mesmo o fato de que ele não queria nem podia impedir Judas de realizar sua ação nem se proteger diante dessa ação, não deve confundir os discípulos na convicção da magnitude e alteza divina de seu Senhor. A grande equação “Jesus = Javé” permanece de pé. Em Jesus, seu Senhor, o “Eu Sou” está presente.
- 20 Inabaláveis, eles podem cumprir sua incumbência, tendo também consciência da magnitude de seu envio. **“Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.”** Jesus está cômico de que revela a seus discípulos algo inesperado e grande. Por mais admirável que seja, ele o comunica a eles, e é verdadeiro e seguro: “Amém, Amém, eu vos digo.” Não se trata de uma “aceitação” formal, e sim daquele “receber” de que falou Jo 1.12 e no qual reside a atestação para ser filho de Deus. Como pode acontecer uma “aceitação de Jesus”? Jesus assegura: Quem “recebe” um mensageiro que ele envia, e com ele também a mensagem que ele traz, por meio dessa ação está recebendo ao próprio Jesus, e em Jesus ao Deus vivo. Desse modo a pessoa se torna filha genuína de Deus. Tão grande é aquilo que acontece no serviço dos discípulos. Ele concretiza a presença real de Deus no mundo (cf. 1Co 14.25). Os mensageiros de Jesus precisam saber disso em seu caminho penoso e muitas vezes difícil: através deles nenhum outro que o próprio Deus chega às pessoas. Quando tiverem essa consciência, podem enfrentar tudo o que o serviço lhes acarretar.

- ²¹ – **Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.**
- ²² – **Então, os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia.**
- **Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava;**
- ²⁴ – **a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere.**
- ²⁵ – **Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é?**
- ²⁶ – **Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.**
- **E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás. Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa!**
- ²⁸ – **Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto.**
- **Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres.**
- **Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite!**

- 21** Jesus havia falado da magnitude de seu serviço redentor e da magnitude do serviço do discípulo. Agora, porém, é preciso dar o primeiro passo decisivo do caminho da cruz propriamente dito. Precisamos considerar esse passo como a identificação de Judas. Ela não é apenas uma prova do saber superior de Jesus. Ela expulsa Judas do grupo dos discípulos para a noite da traição, entregando-o definitivamente a Satanás. Com isso, ao mesmo tempo Jesus torna irrevogável sua detenção nessa noite, bem como o começo de seu sofrimento. Jesus o faz pessoalmente. Também agora Jesus continua sendo aquele que age, que não sucumbe a um impostor astuto, mas que mantém o poder de mando sobre ele. Contudo, nisso Jesus não demonstra superioridade fria, mas fica profundamente abalado. **“Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e testemunhou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.”** “Um dentre vós” o fará. É terrível, não há nenhuma “explicação” que o tornaria compreensível, aliviando assim a angústia. Mas pelo fato de ser tão terrível, Jesus tem de expressá-lo com um **“em verdade, em verdade”** como fato inevitável. E o evangelista reforça o “Jesus disse” pela anteposição enfática “Jesus testemunhou”. É bem cabível que ouçamos no *“emartýresen”* um som de “mártir”, que para nós está associado por uma longa história com essa palavra *“mártys”* = testemunha”. Quando “testemunha” e diz isso angustiado, Jesus é um “mártir”, uma testemunha que sofre.
- 22** **“Os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia.”** O fingimento humano pode ser tão perfeito que Judas não chamou a atenção com seus planos sinistros contra Jesus. Nenhum discípulo desconfia desse homem, ninguém pensa que a única pessoa em questão seria ele, muito menos que “um deles” faria algo tão terrível. Perplexos olham uns para os outros.
- 23** Na seqüência, João fala de sua própria experiência nessa hora. **“Ora, estava deitado ao seio de Jesus um de seus discípulos, a quem Jesus amava.”** Por ocasião de refeições solenes costumava-se “deitar” sobre almofadas, com a cabeça voltada para a mesa. Desse modo o convidado ficava ao lado de outros, com as costas **“ao seio”** de seu vizinho de mesa. Quem estava dessa maneira “ao seio” do anfitrião desfrutava de um lugar privilegiado. Tinha a possibilidade de se reclinar e falar confidencialmente com ele. Esse lugar estava sendo ocupado nesse momento por João. Ele aludia somente com grande reserva a seu relacionamento especial com Jesus. Nossa expressão muito corrente “discípulo amado” leva a equívocos. Ainda que o amor de Jesus, que valia para todos os seus discípulos (Jo 13.1!), lhe fosse demonstrado de modo especial, ele não deixa de ser o amor sério e divino que não conhece um “discípulo amado” no sentido de “preferido”.
- 24/25** Não é João que pergunta pelo traidor. Novamente é Pedro que age na perplexidade dos discípulos. Não tem coragem de perguntar Jesus em voz alta por sobre a mesa. Mas João talvez já o saiba ou possa agora indagá-lo de Jesus. **“A esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Dize a quem ele se refere.”** Também nesse gesto não devemos imaginar uma palavra em voz alta até João. Pedro o **“diz”** com seu **“aceno”** de cabeça. Tampouco terá esperado a resposta de João em palavras, mas por meio de um sinal “eloqüente”. João tira proveito da sua posição ao lado de Jesus. **“Aquele discípulo reclina-se assim sobre o peito de Jesus e lhe diz: Senhor, quem é?”** Ele se reclina “assim”, “da maneira” como somente sua localização permitia.

26 Nem mesmo agora Jesus nomeia quem é o traidor e tampouco pronuncia abertamente a sentença sobre Judas. Como ainda estão comendo, ele faz uso de um velho costume de mesa, a fim de assinalar para João o discípulo, a quem se refere a palavra de Jesus. Naquele tempo se destacava um hóspede pelo gesto do anfitrião, de mergulhar um pedaço de pão no caldo, oferecendo-o em seguida ao convidado. Essa “distinção”, que nesse caso se torna uma identificação para o juízo, é dada agora a Judas. **“Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, [ao filho] de Simão Iscariotes.”**

27 O agir de Jesus tem caráter de juízo. Isso se torna visível em suas conseqüências. **“E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás.”** É verdade que antes o diabo já tinha lançado seus pensamentos terríveis no coração de Judas (Jo 13.2). Contudo, Judas ainda se encontrava no círculo de discípulos sob a proteção de Jesus. Ele ainda podia retornar e encontrar junto de Jesus a salvação. Agora, porém, quando vê que foi descoberto e apontado, é tomada a decisão definitiva. Agora não são mais apenas pensamentos diabólicos, agora é o próprio Satanás que ocupa o coração desse homem, tornando-o assim sua propriedade e seu instrumento. No entanto, fica explícito que Satanás apenas consegue agir porque a sentença de Jesus sobre Judas lhe libera o caminho. Não nos é desvelado o mistério da regência divina em relação à liberdade humana e à atuação satânica. Mas é importante para nós saber que o diabo permanece subordinado ao governo de Deus.

Até o próprio Judas, numa ação de conseqüências tão nefastas, permanece subordinado a Jesus. É o que Jesus a seguir salienta de modo impressionante. Mesmo diante de seu traidor Jesus continua sendo o Senhor, que lhe dá as suas ordens. **“Então, disse-lhe Jesus: O que fazes, faze-o mais depressa!”** Agora Jesus não lhe permite mais delongas. Deve fazer de imediato o que ele próprio quer, para o que Satanás o impele, e em função do que Jesus agora lhe ordena. Mais uma vez fica explícito o que Jesus “sabia” no início da ceia, que o Pai lhe “confiara em suas mãos” “tudo”, i. é, também Judas com seus planos.

28/29 **“Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto.”** Não sabemos até que ponto Pedro, que seguramente prestou atenção na pergunta silenciosa de João a Jesus, teve uma suspeita de que a entrega do bocado era a resposta de Jesus. Tampouco ele entendeu a palavra a Judas. Sim, nem mesmo João se exclui dos que não a entendem. Ele também não compreendeu que o próprio Jesus impelia Judas a executar rapidamente sua ação. **“Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres.”** Essa frase também demonstra que nos encontramos na véspera da festa da *Páscoa*. A compra de Judas deve providenciar **“para a festa”**. No próprio dia da festa não era permitido fazer compras. Naquele tempo não se tinha conhecimento de determinados horários em que as vendas estivessem abertas. Isso se depreende de modo bem concreto da parábola das dez virgens. Até mesmo à meia-noite as cinco moças ainda podiam ir comprar azeite. Isso parece algo óbvio. Em vista disso, também Judas ainda podia sair naquela hora, tarde da noite, providenciar algo **“para a festa”**. O **“cofrinho”** dos homens em torno de Jesus não continha grandes tesouros. Apesar disso, ainda se faziam donativos aos pobres. Justamente por ocasião da festa do *Páscoa* eram comuns esses donativos para necessitados.

30 Judas obedece sem dizer palavra. **“Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo.”** De modo significativo João acrescenta: **“E era noite!”** Esse também era o aspecto exterior. Combinava com o propósito de Judas e de seus mandantes. Em vista da popularidade de que Jesus desfrutava, os sacerdotes não teriam arriscado prender Jesus durante o dia. Para uma detenção em pleno dia não haveria necessidade da ajuda de Judas. Agora ele é imprescindível para o Sinédrio. Sua “entrega de Jesus” consistia precisamente no fato de que ele forneceria a oportunidade para uma detenção secreta sob a proteção da noite, pois conhecia o local da estadia de Jesus fora da cidade (Jo 18.2). Mas a palavra com que João encerra o trecho possui ainda um sentido mais profundo. Em Judas se cumpre a advertência que Jesus proferiu em Jo 12.35. Agora “as trevas o alcançam”, e nisso Judas experimenta como é terrivelmente verdadeiro que “quem anda nas trevas não sabe para onde vai.” Judas pensa que o sabe e que atingirá seu alvo. Mas na realidade ele se afasta em direção da noite de uma morte desesperada pela própria mão.

– Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele.

³² – se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente.

– Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir.

– Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.

– Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.

31 Judas se retirou. Seu caminho leva ao sumo sacerdote. Ele conduzirá o pelotão de aprisionamento até o jardim no Monte das Oliveiras e entregará Jesus. Agora Jesus está perdido, indefeso, à mercê da violência de seus adversários. Não deveria falar agora angustiado a respeito de sua terrível sina? Não! Na perspectiva de Jesus tudo é completamente diferente. **“Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele.”** Assim como já perante Nicodemos, Jesus falou de sua “exaltação” na cruz. Assim, foi justamente **“agora”**, quando o traidor começa sua obra, **“glorificado o Filho do Homem”**. Confirma-se que acabamos de presenciar não apenas uma “identificação do traidor”, mas uma ação decisiva de Jesus, com a qual ele próprio deu início à sua Paixão.

Essa ação dele, do “Filho”, tem um direcionamento total para Deus. **“Deus foi glorificado nele.”** Israel pensava que ao rejeitar Jesus estaria zelando pela honra de Deus, como também imaginava Saulo (Fp 3.6). Porém na verdade Deus foi honrado somente por aquele um, pelo Filho, que também agora não quer nada para si próprio, nenhuma indulgência, nenhum auxílio externo, que é “obediente” a Deus “até a morte, sim morte de cruz” (Fp 2.8) e que defende o direito de Deus e o amor de Deus contra um mundo de rebeldes, mesmo de rebeldes devotos. Em lugar algum Deus foi glorificado de modo tão puro e tão completo como no Calvário. No entanto, nesse amor do Filho e no seu pela honra do Pai revela-se ao mesmo tempo a glória do próprio Filho. Precisamente na desonra e tortura da cruz torna-se mais explícito o que significa ser o glorioso Filho de Deus. Com a mais delicada humildade Jesus está afastando de si qualquer mérito próprio, não se glorificando a si mesmo. Ele está falando de si na terceira pessoa e na voz passiva: **“Agora, foi glorificado o Filho do Homem.”**

32 Obviamente Jesus está perpassado pela certeza de que seu agir não é em vão e que a glória do Filho na cruz terá como corolário a glória na ressurreição e na exaltação até o Pai. Contudo, o Filho de Deus encarnado possui essa certeza somente pela fé. Como qualquer moribundo ele não tem nada palpável em sua mão. Pelo contrário, ela tem de largar tudo. Jesus tem de ofertar a Deus toda a fé. Porém ele vive na “lógica da fé”. **“Se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente.”** Dizemos com razão a respeito de um grave sofrimento que nele os minutos podem tornar-se uma eternidade. Porém Jesus olha inversamente por sobre horas de suplício para o “imediatamente” de sua glorificação. “Imediatamente” ele exclamará o grito de vitória na cruz: “Está consumado”, e retornará à casa do Pai. Por isso ele também pode prometer a seus discípulos que durará apenas “um breve tempo” até sua morte e apenas “um pouco” até a alegria da Páscoa (Jo 16.18).

33 Para ele está tudo claro e translúcido, mesmo agora na noite da traição. Porém para seus discípulos tudo se torna difícil. São separados dele. Não podem correr **“imediatamente”** com ele ao Pai e ver a sua glória. Jesus tem de dizer-lhes: **“Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir.”** Nessa hora em que Jesus vê diante de si a aflição de seus discípulos, ele usa a palavra “filhinhos”. Com amor cordial ele os abraça justamente agora na ocasião de sua fraqueza e seu fracasso. Apenas um tempo muito breve ele estará com eles, depois estará separado deles, e toda a busca por ele será em vão. Embora seus discípulos sejam completamente diferentes dos “judeus” hostis, agora a palavra dita **“aos judeus”** (Jo 8.21) vale também para eles.

34 Que será deles? Como poderão viver? Agora se torna importante que não sejam indivíduos solitários. Não estão abandonados, têm “uns aos outros” e nesse companheirismo possuem a ajuda, a alegria, o apoio, o alvo. É claro que tudo depende de que se **“amem uns aos outros”**. Por isso Jesus

lhes dá o “novo mandamento” justamente ao se despedir. **“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.”**

Não é o “décimo primeiro mandamento” em acréscimo aos outros Dez Mandamentos. Pelo contrário, é um mandamento que abarca todos os demais mandamentos, descerrando seu verdadeiro sentido (Mt 22.40). Ele é “novo” pelo fato de assumir o lugar dos numerosos “mandamentos” sob os quais os discípulos viviam até então. No entanto, de acordo com a interpretação autêntica que o próprio João fornece em sua primeira carta, em 1Jo 2.7s, ele por outro lado não é “**novo**”, e sim o “antigo mandamento”, que mostra a vontade originária e eterna de Deus. O Filho não pode nem quer jamais invalidar os mandamentos do Pai, substituindo-os por um “novo mandamento”. Como no Sermão do Monte, também aqui Jesus não está anulando a lei, mas “cumprindo-a” (Mt 5.17) com seu “novo mandamento”. Quando os discípulos “se amam uns aos outros”, encontram em todas as situações e em todas as questões particulares aquilo que devem fazer e deixar de fazer de acordo com a vontade de Jesus.

Em todos os casos o mandamento é “**novo**” por sua fundamentação. Ele não é simplesmente colocado diante dos discípulos como “lei”, e sim é derivado do amor de Jesus por eles. Jesus não ordena meramente o amor, mas declara: deveis amar uns aos outros “**assim como eu vos amei**”. Nisso há primeiramente uma comparação. “Amor” é um termo de múltiplos significados. Temos de saber que aspecto tem o amor genuíno. Isso Jesus nos mostra em todo seu suportar, lutar, sofrer e morrer. No “lava-pés” ele esteve diante de nossos olhos. Agora somos instruídos a amar como Jesus amou. O “como” desse seu amor caracteriza-se sobretudo por um aspecto: Ele não é obstruído pelos desacertos, debilidade e miserabilidade de seus discípulos. Pelo contrário, justamente então ele cresce para chegar a sua máxima profundidade e potência, que se manifestam na cruz. Em consequência, também o nosso amor mútuo não deve esmorecer por causa da aflição e culpa do outro, mas encontrar justamente nisso o impulso para um amor mais profundo. Contudo, será que um amor desses de fato é possível para nós? Será que Jesus não está demandando algo que está além de nossas capacidades? Porém temos de considerar que o termo grego “*kathos*” = “como” não contém uma conotação comparativa. No fato de serem amados por Jesus são dados aos discípulos o fundamento e a força do amor deles próprios. Não são eles que devem começar de si com o amor. Como fracassariam! O amor de Jesus aconteceu primeiro. É desse amor que eles próprios já vieram. Podem encarar uns aos outros como pessoas amadas pelo Senhor e salvas pelo empenho da vida dele. Por ser amadas assim podem desprender-se das exigências e amarras do próprio eu. “Da nova graça da nova aliança surge necessariamente um novo mandamento” (Schlatter).

- 35 Trata-se do amor dos discípulos uns pelos outros, do amor fraternal. Será que esse mandamento é suficiente para “apóstolos”, ou seja, para emissários cuja verdadeira tarefa não reside no serviço uns aos outros, mas em seu serviço ao mundo? Acontece que o amor fraternal é a premissa fundamental de toda atuação da igreja de Jesus para fora. Quando a igreja não vive ela mesma como um povo de irmãos, no qual de fato as pessoas se amam, se suportam, se perdoam, se auxiliam e se corrigem, no qual as coisas acontecem de forma totalmente diferente do que no “mundo”, então sua palavra evangelística fica sem força, sendo permanentemente refutada pela realidade deplorável da igreja. Inversamente, porém, a vida de uma comunhão humana em amor, alegria, paciência, amabilidade, bondade e brandura representa por si mesma uma poderosa evangelização, um testemunho eficaz para dentro do mundo, que em suas aflições anseia por comunhão autêntica. Numa igreja dessas torna-se visível que Jesus é verdadeiramente um Libertador e o que ele é capaz de realizar como Libertador. **“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”**. **“Todos conhecerão”**: isso novamente não deve ter um sentido estatístico, em vista das palavras de Jesus em Jo 15.18-20; 16.1-3. Porém a “todos”, inclusive aos que no início não sabem bem o que fazer com a mensagem, é dada a possibilidade de “reconhecer”. No amor mútuo dos discípulos eles se deparam com uma realidade incontestável que os faz ficar atentos. Vêem o relacionamento dessas pessoas com Jesus, que são “discípulos meus”. Vêem através dos discípulos o próprio Jesus em sua atuação, abrindo-se para a verdadeira mensagem dele.

O PRENÚNCIO DA NEGAÇÃO DE PEDRO – João 13.36-38

– Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás.

³⁷ – Replicou Pedro: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida.

– **Respondeu Jesus: Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes.**

36 Quando, depois da palavra de Jesus a respeito do “novo mandamento”, o líder do círculo de discípulos toma a palavra, acontece algo significativo. Ele não pergunta pelo amor que Jesus lhe ordenou. Parece que essa palavra fundamental de Jesus não o afetou mais profundamente. Ele ainda se detém no que Jesus afirmou antes, de sorte que ele nem ouve realmente a palavra nova que diz respeito a ele próprio. Jesus falara da “glorificação” e de que “sairia” para onde os discípulos não conseguem segui-lo. É isso que está preocupando a Pedro. Que Jesus quer dizer? **“Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais?”** Jesus não pode nem quer expor mais uma vez a seus discípulos agora a unidade de desonra e honra, cruz e glória. Pedro ainda não é capaz de captá-la. Contudo, para Pedro é necessário saber que esse “para onde” agora está inacessível ao discípulo. **“Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podes seguir agora.”** Jesus se encaminha para a morte na cruz. Agora não é incumbência de Pedro acompanhá-lo até lá e morrer ao lado de Jesus. Isso será feito por pessoas bem diferentes (Lc 23.33ss). Pedro primeiramente terá de percorrer praticamente sua vida inteira no serviço do Senhor até que no final virá também a sua cruz. **“Mais tarde, porém, me seguirás.”** O sentido dessas palavras é bem literal: Pedro o seguirá para a morte na cruz. Então ele também terá compreendido que a trajetória para essa morte é o caminho para a glória. Em seu último diálogo com Pedro, Jesus lhe concede mais uma vez, com maior clareza, essa visão de seu futuro (Jo 21.18s).

37 O que Pedro obviamente já reconheceu é que diante de seu Senhor estão eventos graves, antes que chegue à glória e à soberania messiânica. Mas tem consciência de estar disposto e capaz de seguir seu Senhor, até mesmo nesse difícil caminho, e de se empenhar integralmente por ele. Será que Jesus confia que ele seria capaz disso? **“Replicou Pedro: Senhor, por que não sou capaz de seguir-te agora? Por ti darei a própria alma.”**

38 Não é hora de falar com Pedro sobre esse “por quê?” e revelar ao destemido discípulo sua verdadeira condição. Ele não o aceitaria nem compreenderia. Por isso, a única coisa que Jesus demonstra a Pedro é o fato do que ele experimentará ainda nesta noite. **“Respondeu Jesus: Darás a alma por mim? Em verdade, em verdade te digo que o galo não cantará antes que me tenhas negado três vezes.”** De forma tão assustadora e acabrunhadora Pedro terá de reconhecer que ele “não é capaz” de agora seguir a Jesus. Sua honesta disposição subjetiva de empenhar a alma por Jesus se evidenciará como auto-ilusão. Contudo, ao mesmo tempo a afirmação de Jesus representa uma grande ajuda para Pedro. Jesus não larga Pedro, embora ele anteveja seu vergonhoso fracasso e sua negação. Quando Pedro consuma sua ação, essa palavra de Jesus representa para ele um firme apoio (Mt 26.74!). Apesar de suas amargas lágrimas não precisa precipitar-se no desespero: seu Senhor sabia de sua ação e mesmo assim o manteve envolto por seu amor. Por isso, o diálogo do Ressuscitado com Pedro consegue sarar tudo (Jo 21.15-17).

Todos os evangelistas relatam a negação de Pedro. Todo o cristianismo incipiente sabia a respeito dela. Nem o próprio Pedro nem a igreja tomaram qualquer iniciativa para encobrir esse vergonhoso fracasso de seu apóstolo proeminente. Pedro, assim como a primeira igreja, de fato sabiam o que é o “perdão” e como ele verdadeiramente “purifica de todo o pecado”. Por isso o perdão dos pecados, mas unicamente ele, possibilita a sinceridade total, que não tenta esconder nem desculpar nada. Como líder na nova comunidade cristã, Pedro pode ser reconhecido com autoridade plena, embora tenha sido aquele que negou seu Senhor. Foi o prenúncio de sua ação por parte de Jesus, sem repreensão nem condenação, que ajudou a igreja a se colocar assim ao lado de Pedro.

O PATRIMÔNIO DE FÉ DOS DISCÍPULOS – João 14.1-11

– **Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.**

– **Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar.**

³ – **E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.**

⁴ – **E vós sabeis o caminho para onde eu vou (ou: Sabeis para onde vou e também o caminho).**

⁵ – **Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?**

- Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.
- Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto.
- Replicou-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.
- Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?
- Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras.
- Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.

- 1 Está bem claro que não devemos estabelecer aqui uma cesura, agrupando os cap. 14-16 como “discursos de despedida”. O diálogo de preparação com os discípulos tem continuidade imediata. A palavra que Jesus dirige agora a todos os discípulos olha em retrospecto ao que acabara de ser revelado a eles. **“Não se abale o vosso coração!”** Havia muitas coisas que podiam “abalar” o coração dos discípulos nessa hora. O próprio Jesus, “abalado no espírito”, havia falado do traidor no meio deles (Jo 13.21). Acontecimentos sombrios estavam diante deles, que até fariam com que uma pessoa como Pedro negasse a Jesus. E em todos os casos vivia a separação de seu Mestre, que ia para onde não podiam segui-lo. Como seu coração “não se abalaria”? Jesus cita imediatamente o único caminho para a superação desse abalo: **“Crede em Deus.”** Em si mesmos os discípulos não encontram apoio. Tudo o que é visível em torno deles é somente “arrasador”. Todas as esperanças que eles tinham renovado por ocasião da entrada em Jerusalém ruíram nesses poucos dias. Nem mesmo seu círculo mais restrito está coeso e firme. Tudo é terrível e escuro em torno deles. No entanto, podem afastar o olhar de tudo que é visível, de si mesmos, em direção a Deus, encontrando nele o aconchego. É verdade que somente agora descobrirão o que vem a ser “crer em Deus”, o que como israelitas até então poderia ter-lhes parecido tão óbvio. Hão de vivenciar que: “A fé começa somente no instante em que houver todas as razões para desistir dela.” Acontece que também agora a “fé em Deus” não pode ser separada da “fé em Jesus”. Por isso Jesus acrescenta de imediato: **“E crede também em mim.”** Durante três anos estiveram ouvindo a palavra de Jesus, viram seus feitos, e por fim sua vitória sobre a morte na sepultura de Lázaro. Nisso eles podem se agarrar com confiança, ainda que agora tudo pareça encaminhar-se para a ruína total de sua vida e sua causa.
- 2 Sem dúvida precisam manter o olhar dirigido para o alvo. Experimentam agora o poder do mundo e seu príncipe. Tudo pode ser perdido, inclusive a própria vida. Vitória terrena, honra e riqueza Jesus não pode nem pensa em lhes prometer. Contudo é firme e gloriosa a **“casa do Pai”**, para a qual ele está indo. Mas não apenas ele, o Filho, que ali está eterna e validamente “em casa” (Jo 8.35!), encontra nela seu lugar. Não, **“na casa de meu Pai há muitas moradas”**, também para eles, seus discípulos. Sem dúvida, continua válido o que Jesus acabou de lhes dizer com tanta seriedade. “Agora” eles não podem seguir a Jesus para lá. Uma longa vida de discípulo está diante deles, com ricos trabalhos, árduas lutas e múltiplos sofrimentos. Apesar disso, no final da longa trajetória encontra-se para eles essa “casa do Pai”. Sua “cidadania nos céus” (Fp 3.20) está assegurada. Em função disso podem ser plenamente confiantes e considerar insignificantes os sofrimentos da atualidade em vista da glória vindoura (Rm 8.17). Ainda que ainda pensem angustiados: Certamente Jesus tem lá sua pátria, mas será que nós também teremos lugar nela?, ele pode afiançar-lhes: **“Se assim não fosse, eu vos teria dito que vou preparar-vos lugar.”** Porém ele não precisa dizê-lo. O próprio Pai ama os discípulos (Jo 16.27) e por isso tem moradas prontas para eles. Em todas essas palavras de Jesus também não devemos pensar unilateralmente no “céu”. A metáfora da “casa” se oferece involuntariamente quando se fala do “Pai”, e corresponde à metáfora do “reino”, quando Deus é visto como “Soberano” e “Rei”. João não trasladou o rico e poderoso futuro de todo o testemunho bíblico para um mero além celestial. Ele é israelita, não grego e “platônico”. Após morrerem fisicamente, com certeza o “lugar” dos discípulos também é a morada celestial, o “paraíso” (2Co 12.4). Mas também hão de encontrar sua “morada” no reino dos mil anos, assim como no juízo final como co-juizes ao lado de seu Senhor (1Co 6.2s) e como servos, trazendo o nome dele na testa, sobre a nova terra (Ap 22.4).
- 3 Na seqüência voltamos a nos defrontar com aquela peculiaridade do presente evangelho, que a frase seguinte parece afirmar o que acabou de ser negado. Jesus prossegue: **“E, quando eu for e vos preparar lugar.”** Portanto, será que Jesus realmente providencia apenas por meio de sua ida que os

discípulos encontrem morada na casa do Pai, ao passo que acabou de assegurar que as muitas moradas estão prontas? Contudo, já verificamos que é dessa maneira que é feita justiça à peculiar contradição e multiplicidade da própria realidade. Por mais que seja verdade que já existem muitas moradas, de fato se alcança apenas pelo testemunho de Jesus, por todo o seu sofrimento, sua morte e ressurreição que pessoas sobrecarregadas de culpa (também um negador como Pedro!) possam esperar com plena certeza por essas moradas. Cada uma das frases contraditórias defende uma verdade imprescindível.

Entretanto a segunda frase avança mais, fazendo ainda outra promessa além da “preparação de lugar”. Porque então **“voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.”** Jesus ainda falará muito do que seguirá à sua cruz e ressurreição, do envio e da atuação do Espírito. Agora seu olhar vai até a última consumação em sua “volta”. Essa sua parusia é na verdade o verdadeiro conteúdo de sua promessa, e não a “preparação do lugar”. Agora acontece que Jesus sintetiza numa única expressão sucinta o que depois se tornará cada vez mais claro para sua igreja, sob a direção do Espírito Santo, (Jo 16.13) como um acontecimento longo e multifacetado. Contudo o último alvo para o grupo dos discípulos está claro: **“Para que, onde eu estou, estejais vós também.”** Jesus há de expor mais uma vez, em seu último diálogo na terra, ao coração do Pai sua vontade de que esse alvo se concretize (Jo 17.24). É sério o “agora” em Jo 13.33,36: Somente “agora” nem Pedro nem os discípulos podem ir com Jesus o caminho para a glória. No entanto, eles não devem ficar para sempre excluídos dele. Onde está Jesus, ali também eles devem estar e hão de estar.

4/6 Esse alvo não precisa ser distante e nebuloso. Porque Jesus pode pressupor: **“E vós sabeis o caminho para onde eu vou (ou: Sabeis para onde vou e também o caminho).”** Porque agora conhecem o Pai, e também sabem qual o caminho até o Pai. No fundo é disso que se tratava tudo o que Jesus lhes havia mostrado nesses anos. Jesus, porém, terá de constatar que seus discípulos ainda assim não o compreenderam (v. 8,9). No princípio é novamente Tomé que faz uso da palavra cheio de incerteza. **“Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?”** Já conhecemos o jeito de Tomé de Jo 11.16. Justamente a ele Jesus não responde com explicações e descrições, mas com uma palavra que é capaz de conferir ao que pergunta uma certeza imediata. **“Respondeu-lhe Jesus: Eu mesmo sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”** Novamente estamos diante de uma afirmação “Eu sou”. Novamente Jesus abarca uma coisa grande e essencial de nossas vidas em sua própria pessoa e assim nos dá aquilo que no mais buscamos em vão. Ele “é” pessoalmente o pão da vida e não apenas no-lo dá. Ele “é” a ressurreição e a vida e não apenas as transmite. Isso se torna extraordinariamente importante e límpido quando está em jogo o caminho decisivo, o caminho até Deus, o Pai. Jesus não aponta longe de si para um “caminho” pelo qual agora temos de avançar rumo ao Pai. Então jamais chegaríamos a Deus. É “através dele”, passando por ele que encontramos a Deus. Por que isso é assim? Conhecimento sobre Deus, um verdadeiro saber que nos torna responsáveis, existe também independente de Jesus. Contudo esse saber nos leva ao abismo de nosso pecado original, ao qual segue toda a nossa existência pecaminosa no abandono de Deus (Rm 1.21-32. Cf. o comentário na série CE). Como chegaremos ao “Pai” sendo tão ímpios, pecadores, inimigos (Rm 5.5-10)! Unicamente Jesus é **“o caminho”**, porque só ele é “a propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 2.2). Em consequência, por meio de seu sofrimento, morrer e ressurgir, Jesus nos leva de volta ao Pai e nisso é pessoalmente “o caminho”. Por essa razão ele é ao mesmo tempo “a verdade”. Ele não ensina “verdades”, como fazem muitas religiões e visões de mundo, sobre Deus e sobre nós. Também no presente caso a “verdade” está no singular e com artigo definido, tendo o sentido de “realidade verdadeira”. Em Jesus encontramos a realidade do Deus vivo. Por isso somente ele é “a vida”, a qual ele não apenas nos mostra ou transmite, mas a qual temos “nele em pessoa” (1Jo 5.12,20). Nessa breve palavra de Jesus o evangelho se mostra a nós com toda a sua peculiaridade e glória.

7 Embora Jesus o tenha dito negativamente: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”, ele o expressa mais uma vez de forma positiva: **“Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. De agora em diante o conheceis e [o] tendes visto.”** **“De agora em diante”**, diz Jesus, precisamente com vistas ao que acontece **“agora”** em sua ida para a cruz. É o **“agora”** que de acordo com a mensagem do NT possui um papel preponderante. **“Agora”** é tempo oportuno, **“agora”** é o dia da salvação (2Co 6.2). **“Agora”** se pode achar o Pai, sim, se pode **“vê-lo”**. Nisso é que consiste a salvação. Israel **“ouviu”** muito sobre Deus. Apesar disso, persistem tantas coisas incertas. **“Agora”** vem o cumprimento da palavra profética, o novo tempo, no qual todos, adultos e pequenos, podem

ver ao próprio Deus (Jr 31.34). “Agora” Deus pode ser “visto”, porque agora acontece o perdão dos pecados.

- 8 No entanto, mostra-se nesse instante quão pouco os discípulos entenderam justamente dessa mensagem decisiva. **“Replicou-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.”** Filipe ignora que não se pode **“mostrar”** Deus como um objeto existente, mas que **“encontra”** o Pai aquele que **“vem”** ao Pai e vive no Pai. Apesar disso, sua palavra é de uma maturidade considerável, como somente podia ser formada no convívio com Jesus. Que **“nos basta”** ter o Pai é algo que Filipe viu em Jesus. Jesus **“tinha o bastante”**, porque tinha o Pai. Assim como era com Jesus também deveria ser com ele, Filipe, e com seus colegas discípulos. A isso ele se apega, também nessa hora, em que tantas coisas abalam seu coração. No entanto, ao mesmo tempo sua pergunta revela toda a sua incompreensão. Seria maravilhoso ter uma vida no aconchego de Deus assim como a tinha Jesus. Para isso, porém, precisavam ter a mesma certeza a respeito do Pai como Jesus. Mas era exatamente essa a questão: onde, afinal, está o Pai? Se ao menos agora na despedida Jesus lhes **“mostrasse”** o Pai, com toda a clareza e certeza! Então ficariam bem. Isso lhes bastaria. É a última pergunta, o último anseio de toda a humanidade que irrompe na palavra de Filipe. Tudo poderia ser suportado, tudo poderia ser superado se apenas pudéssemos ver **“o Pai”**.
- 9 Jesus apenas pode responder de tal forma a revelar o equívoco de Filipe, que nesse ponto decisivo parece ter estado em vão durante todos esses anos junto de Jesus. **“Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem viu a mim viu o Pai. Como dizes tu: Mostra-nos o Pai?”** O Pai não pode ser **“mostrado”** de uma maneira qualquer na natureza e na história. Deus não pode ser enquadrado e assegurado, para a nossa tranquilidade, por meio de uma **“prova”** qualquer. Mas o que Filipe pede, o que a humanidade busca, isso já foi concedido. O Deus invisível, eterno, o Pai, pode ser **“visto”**. Ele está diretamente presente. Por isso é desnecessário, sim, leva ao descaminho total pedir **“mostra-nos o Pai”**. Onde, porém, Deus pode ser achado? Pois bem, exatamente onde também se pode encontrar o pão da vida, a água viva, e a ressurreição e a vida. Dessa vez Jesus não pode dizê-lo por meio de um **“Eu sou”**. Contudo sua afirmação plenamente elucidativa corresponde, na substância, a suas palavras **“Eu sou”**: **“Quem viu a mim viu o Pai.”**
- Já na vida da Antiga Aliança ver a Deus representava o anseio máximo, cf. Êx 33.18. As religiões de mistérios prometiam uma visão de Deus, também nas cidades da Ásia Menor a cujas igrejas João escreveu primordialmente seu livro. Contudo essas religiões iludem e não confrontam o ser humano com o Deus verdadeiro. Mas a igreja pode saber que ela possui a **“visão de Deus”** quando olha para Jesus. É por isso que aqui, e unicamente aqui, alcança o sossego o último anseio da humanidade. Simultaneamente, porém, a palavra de Jesus nos mostra também o que é que temos de ver em Jesus. Não se trata de ver Jesus como uma personalidade grande e interessante, nem como um filho ilustre de Israel, tampouco como o exemplo inatingível da fé e do amor. Com tudo isso Jesus não nos ajudaria de verdade. Porém o milagre da existência cristã é que na pessoa de Jesus **“vemos”** o próprio Deus. Foi por isso que justamente o Tomé que duvidou após a Páscoa deu expressão à simples e não obstante admirável fé cristã, quando se prostrou diante de Jesus com a exclamação: **“Meu Senhor e meu Deus!”** (Jo 20.28).
- 10 Jesus prossegue de forma significativa: **“Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?”** Está dito aqui da forma mais sintética, e justamente por isso com toda a magnitude, o que Jesus **“é”** na essência, antes de todas as dádivas e ajudas em particular. Jesus está **“no Pai”**, e o Pai **“está em Jesus”**. Tão essencial é o sentido da filiação divina de Jesus. Não é apenas uma maneira figurada de chamar Jesus de **“Filho de Deus”**, por ter sido um ser humano que viveu numa concordância especial com a vontade de Deus. Não, Jesus é **“o Filho”** pelo fato de que possui todo seu ser no Pai e que a presença do Pai em Jesus é plenamente real. Apenas assim Jesus de fato pôde viver em concordância total com a vontade de Deus. E precisamente por isso Jesus é o único Revelador de Deus. O que nos foi dito no início do evangelho em Jo 1.18, torna-se explícito agora com toda a magnitude. Jesus não apenas **“anuncia”** Deus como aquele que conhece a Deus de forma extraordinária. Pelo contrário, sendo pessoa Jesus é ao mesmo tempo a existência de Deus entre nós.

Essa palavra chama a atenção, pois ela interroga Felipe por sua **“fé”**. Jesus, afinal, acabara de afirmar que quem o havia visto, teria **“visto”** o Pai. E esse **“ver”** de Deus em Jesus tornou-se importante para nós. Será que não corresponde necessariamente ao **“ser”** do Pai em Jesus? Será que novamente somos remetidos à mera aceitação de afirmações arrojadas, as quais temos de **“crer”**, sem

poder “ver”? Afinal, também no final do evangelho são proclamados como bem-aventurados “os que não viram e apesar disso creram” (Jo 20.29).

Diversas vezes já constatamos que essas “contradições” em nosso evangelho servem praticamente para que fique explícita a realidade completa em toda a sua profusão de tensões. Filipe deveria e poderia ter “visto” em Jesus o Pai. Há uma repreensão na palavra de Jesus: “Tanto tempo estou junto de vocês, e não me reconheceste, Filipe?” No entanto, ao mesmo tempo fica claro que Jesus não podia ter em mente um “ver” que mesmo contra a nossa vontade nos convencesse daquilo que vimos. Tampouco se trata de “vê-lo como ele é”, o que está reservado à consumação vindoura (1Jo 3.2; 1Co 13.12). “Ver” o Pai em Jesus constitui um presente, que apenas é concedido pela “fé”. Por isso Filipe é indagado agora por sua fé: **“Não crês...?”** Não obstante, permanece válida a palavra de “ter visto” o Pai. A “fé”, por sua vez, não é mero aceitar de concepções e doutrinas com base numa autoridade formal qualquer. Quem olha com fé para Jesus é persuadido intimamente da realidade da existência de Jesus no Pai e da presença do Pai em Jesus. É capaz de confessar com plena convicção com os apóstolos: “Vimos a sua glória” (Jo 1.14).

Jesus não faz nenhuma tentativa de explicar ou justificar com mais detalhes o seu testemunho. O que ele expôs diante de seus discípulos constitui um mistério insolúvel. Mas, de modo simples, esse mistério torna-se concreto e essencial para a vida dos discípulos. Jesus aponta mais uma vez às suas palavras. Será que são formulações de seu próprio pensamento? Nesse caso, a princípio não estão acima das palavras de outras pessoas ilustres, que elaboraram pensamentos sobre Deus. Porém no caso de Jesus a situação é diferente. **“As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras.”** O Pai **“permanece nele”**. Deus não confia a Jesus palavras isoladas. Jesus não é “profeta”, capaz de atestar vez ou outra o que Deus diz. **“Permanentemente”** o Pai está no Filho. Por isso, a palavra de Jesus é a palavra eficaz de Deus. Quando Jesus fala **“o Pai faz as suas obras”**, evidenciando assim que ele “está em Jesus”. Já nos deparamos diversas vezes com essas palavras plenipotenciárias, nas quais aconteceram os feitos de Deus. Na “palavra” de Jesus: “Lázaro, vem para fora” (Jo 11.43) o Pai realizou a obra da ressurreição dentre os mortos.

- 11 Por isso Jesus dirige o olhar dos discípulos para as “obras”, para tudo aquilo que eles haviam experimentado em acontecimentos nos quais se tornou claro esse “eu no Pai” e “o Pai em mim”. À primeira vista essa troca de “palavra” e “obra” parece levar à confusão e ser arbitrária. Mas na verdade está sendo falado com clareza e profundidade tanto da “palavra” quanto da “obra”. Afinal, “obra da criação” acontece na “palavra”; e a palavra de Jesus é um “agir” poderoso de Deus nele e através dele. Por isso Jesus é capaz de pedir mais uma vez a seus discípulos: **“Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.”**

A PROMESSA DE JESUS PARA A ATUAÇÃO DE SEUS DISCÍPULOS – João 14.12-26

- ¹² – **Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.**
- ¹³ – **E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho.**
- **Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.**
 - **Se me amais, guardareis os meus mandamentos.**
 - **E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco,**
 - **o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.**
 - **Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros.**
 - **Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis; porque eu vivo, vós também vivereis.**
- ²⁰ – **Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós.**
- ²¹ – **Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele.**
- ²² – **Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?**

- ²³ – **Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.**
- ²⁴ – **Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou.**
- ²⁵ – **Isto vos tenho dito, estando ainda convosco;**
- ²⁶ – **Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.**

12 Os presentes capítulos do evangelho são discursos de despedida, preparação dos discípulos para o serviço futuro. Como será esse serviço? Um fraco reflexo das grandes obras que Jesus fez e que ele acaba de lembrar aos discípulos? Assim muitas vezes pensamos em nossa “humildade”; mas essa humildade é errada. Jesus vê a situação de forma bem diferente: **“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará.”** Isso naturalmente é uma promessa inaudita, que carece de uma atestação especial por meio do duplo “em verdade”. Os discípulos, cujo coração agora está abalado e desanimado, podem ter plena confiança de que seu serviço se tornará grande e eficaz além de todas as expectativas. Naquela ocasião os discípulos dificilmente o terão acreditado. Nós, porém, temos o privilégio de ver o cumprimento total dessa asserção de Jesus. Essa palavra é verdadeira até mesmo em vista de suas demonstrações de ajuda maravilhosas. De acordo com At 5.16; 9.36-43; 19.11s; Tg 5.14 os apóstolos também realizam as obras que Jesus realizou, e ainda o fazem em proporção maior do que ele, individualmente, podia fazê-las. Contudo, a verdadeira “obra” de Jesus reside em seu envio como Salvador do mundo. Como era pequeno o sucesso visível destinado à atuação de Jesus! Justamente agora, por ocasião da despedida de Jesus, isso pode ser visto com clareza assustadora. E como isso muda completamente no dia de Pentecostes! Nele Pedro pôde realizar uma obra que com os três mil salvos transcende em grandeza a tudo que Jesus fez durante sua permanência na terra. E na seqüência, os discípulos ultrapassam os limites que Jesus manteve rigorosamente para sua própria atuação, e levam a mensagem redentora aos “gregos”, ou seja, a todo o vasto mundo das nações. Chamar pessoas da morte para a vida, fazer de inimigos de Deus seus filhos amados: como essa obra dos discípulos aparecia universal e grandiosa diante de João, enquanto escrevia o evangelho e anotava essa palavra de seu Senhor, tendo em vista as igrejas existentes no final do séc. I. E quanto “maior” do que a atuação temporal e fisicamente restrita de Jesus é tudo aquilo que hoje acontece por sobre o globo terrestre no serviço dos mensageiros e das mensageiras de Jesus!

Contudo, por que isso é assim? Será que os próprios discípulos são pessoas maiores que Jesus? Impossível! Nesse aspecto não pode haver equívocos. Jesus o diz pessoalmente: Vocês meus discípulos farão obras maiores do que eu em meu tempo aqui na terra, **“porque eu vou para junto do Pai”**. “Obras maiores” dos discípulos não se originam de sua própria força, e sim da obra consumada de seu Senhor, de sua “exaltação” naquele duplo sentido sobre o qual fomos informados. Por isso a condição para realizar essas obras é pronunciada logo no início da frase: Quem deseja fazê-las, tem de ser **“aquele que crê em mim”**. Porém, justamente pelo fato de que Jesus primeiro precisa criar o fundamento para as “obras maiores” de seus discípulos pela sua caminhada até a cruz, acontece essa estranha situação de que a obra dos discípulos supera em magnitude universal e riqueza de frutos a tudo que Jesus podia alcançar em sua vida na terra. A obra terrena de Jesus aconteceu antes da cruz e se encaminhava para a cruz. A obra dos discípulos parte da “exaltação” de Jesus.

13/14 As obras maiores dos discípulos são na verdade obras de Jesus, assim como a palavra e obra de Jesus eram na verdade vida e obra do Pai. O poderoso fluxo da revelação e da atuação do Pai para o Filho se prolonga do Filho aos discípulos fiéis. Jesus já mostrou isso em Jo 6.57. Assim Jesus o suplicará de novo de modo expresso em Jo 17.2,21. A obra do Filho acontece quando pede e recebe do Pai (Jo 11.41s). Consequentemente, também a obra dos discípulos está alicerçada sobre suas preces. “Sucesso” é atendimento de oração. “Por isso a promessa de sucesso se torna promessa de atendimento de oração, mais precisamente de atendimento irrestrito de todas as orações” (Büchsel). **“E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho.”** Tudo o que ouvimos nos evangelhos sinóticos em termos de incentivo à oração e de promessas de atendimento (Mt 7.7-11; 17.1-21; Lc 11.5-13), isso Jesus agora sintetiza na despedida de seus discípulos em breves frases. Jesus o confirma mais uma vez: **“Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.”** Nessa frase Jesus indica a si mesmo como aquele a quem é dirigida a prece e que também a atende pessoalmente. Assim, está sendo outorgado expressamente à igreja o direito de

orar a Jesus. Em vista disso, os discípulos mais tarde serão caracterizados como aqueles “que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 1.2). Importante é também que aqui o próprio Jesus entende a oração integralmente como “pedir”. A oração como “pedir” corresponde à situação entre Criador e criatura, entre Senhor e discípulo. De nosso lado está a carência total, porque não encontramos em nós próprios aquilo de que precisamos. Do lado de Deus está toda a riqueza e a disposição plena de nos conceder essa riqueza de que precisamos.

No entanto, está sendo estabelecida enfaticamente para a oração uma premissa: a oração dos discípulos tem de acontecer **“em meu nome”**. É óbvio que isso não significa o uso do nome de Jesus como uma fórmula. Porém Daniel (Dn 9.18) já sabia que nossa oração nunca se pode apoiar sobre nossa justiça, e sim precisa apelar para a grande misericórdia de Deus. Essa misericórdia soberana de Deus veio pessoalmente até nós em Jesus. Portanto, pedir em nome de Jesus significa saber-se autorizado a orar unicamente por essa misericórdia de Deus em Jesus. Pecadores podem comparecer diante de Deus unicamente trajados com a “justiça alheia de Cristo”. Então poderão apelar perante Deus a todas as ordens e promessas de oração de seu Senhor. No entanto, se o fizerem seriamente submetem simultaneamente sua oração à verificação se realmente podem apresentar a Deus essas preces “em nome de Jesus”. Sim, mais ainda. Jesus declara que ele mesmo é aquele que faz o que está sendo pedido. Duas vezes ele assegura: **“Eu o farei”**. Nenhuma pessoa que ora a Jesus pode esperar que ele faça algo que contradiz sua essência. Contudo, com a mesma certeza ele pode solicitar tudo o que ele reconhece como sendo concorde com a atuação de Jesus. Nesse sentido conhecer progressivamente a Jesus representa uma escola de oração. No entanto, esse olhar para Jesus durante a oração não compromete a honra do Pai, e sim a aumenta. Pois Jesus, o Filho, pode e pretende **“fazer”** tudo apenas **“a fim de que o Pai seja glorificado no Filho”**. Porque mesmo quando Jesus atende as orações dos seus, ele permanece fiel à regra básica que expôs aos líderes de seu povo por ocasião de sua primeira grande controvérsia sobre sua filiação divina: “O Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz” (Jo 5.19).

- 15 Orar de forma a ser atendido pressupõe que nossa vida e serviço tenham a orientação correta. **“Se me amais, guardareis os meus mandamentos.”** Com essa afirmação Jesus não torna a submeter seus discípulos à “lei”. A “lei de Cristo” (Gl 6.2) é algo diferente que a “lei do Sinai”. Por essa razão Paulo pode ser livre da lei e apesar disso estar na “lei de Cristo” (1Co 9.21). Jesus situa-se acima de seus discípulos como o “Senhor”, que lhes mostra sua vontade em “mandamentos” ou “incumbências”. Esses seus “mandamentos” precisam ser “preservados”, observados, cumpridos. Mas é um Senhor amado a quem eles servem, um Senhor que os salvou da perdição por meio de sua própria morte e lhes concede vida eterna. Do amor agradecido a ele “guardar os seus mandamentos” torna-se seu anseio mais próprio. Notemos o fato de que Jesus não está falando na forma imperativa, e sim na simples forma afirmativa: **“Guardareis os meus mandamentos.”** Vós o fareis, **“se me amais”**. Jesus falará sobre isso outra vez com seus discípulos em Jo 15.9-12. Agora, porém, podemos considerar que os “mandamentos” de Jesus representam o único “novo mandamento” do amor mútuo, que é cumprido com base no amor de Jesus aos discípulos e no amor dos discípulos a Jesus (Jo 13.34).

- 16 A promessa subsequente evidencia imediatamente que em seu serviço a Jesus os discípulos já não se encontram sob a lei, mas sim, que obtêm uma existência completamente nova. **“E eu da minha parte rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Advogado, a fim de que esteja convosco eternamente.”** De acordo com a maioria das traduções conhecemos e amamos na presente frase, bem como mais adiante no discurso de despedida, a designação do Espírito Santo como o “Consolador”. Sem dúvida o Espírito também exerce o ministério da consolação. Contudo, na vida cristã, e muito menos no serviço dos discípulos, não se trata primordialmente de “consolo”. Os discípulos no “mundo” lá fora precisam de um **“Advogado”**, ou seja, aquele que assume a causa deles, que os defende, conduz e protege. Até então Jesus foi esse “Advogado” deles. Porém, sendo Jesus um ser humano, esse Advogado somente podia estar por breve tempo entre eles. O **“outro Advogado”**, que o Pai dará a pedido do Filho, está eternamente com os discípulos.

Ele na verdade não é o **“Advogado”** dos discípulos perante Deus! Ali eles não carecem de “outro Advogado”. Ali o próprio Jesus, o Cordeiro de Deus, que carregou o nosso pecado é e continua sendo o único Defensor plenamente suficiente. É o que declara o próprio João em 1Jo 2.1; e Paulo, em Rm 8.34; Hb 4.14-16.

17 O “Advogado” que Jesus promete a seus discípulos para sua caminhada é o **“Espírito da verdade”**. O discípulo e mensageiro de Jesus não precisa de mais nada em seu serviço e em sua luta no “mundo”. Ele não há de ser poupado do caminho do sofrimento, sim, da morte. Não é preciso que o Espírito confira ao discípulo artes especiais de retórica e discussão. Contudo todo mensageiro de Jesus tem de ser capaz de afirmar com Paulo: “Recomendamo-nos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (2Co 4.2). Uma “manifestação da verdade” dessas, que possui o poder de atingir a consciência das pessoas, não está em nosso próprio poder. Unicamente o Espírito pode abrir caminho até a verdade com tanta eficácia, motivo pelo qual ele é chamado de “o Espírito da verdade”. Está em jogo aquela “verdade” essencial, que o ser humano nem sequer é capaz de conhecer por natureza. É somente o Espírito que “convence” dela o mundo (Jo 16.8ss).

Obviamente isso não significa que o mundo todo será alcançado e convencido interiormente pelo Espírito de Deus. Justamente por ser o **“Espírito da verdade”**, o Espírito Santo não pode agir mecanicamente e transformar o mundo sem a vontade dele. O mundo, enquanto e na medida em que for “mundo”, **“não pode recebê-lo, porque não o vê, nem o reconhece”**. É bem verdade que o mundo experimenta o agir do Espírito em pessoas. Mas ele vê nisso somente “processos psíquicos”, que ele rejeita como tolice ou fanatismo. Em decorrência, fecha-se contra o Espírito de Deus e não o pode “receber”. E apesar disso, o Espírito de Deus supera sempre de novo também pessoas renitentes e escarnecedoras de tal maneira que elas o **“reconheçam”** e aceitem. No instante em que isso acontece essas pessoas deixam de ser “mundo”. De “mundo” são transformadas em “igreja”, tornam-se “discípulas”, para as quais vale: **“Vós o reconheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.”** Sempre captamos o acontecimento no Espírito Santo apenas de tal forma que vemos simultaneamente: só quem acolhe o Espírito e o traz dentro de si é capaz de reconhecê-lo, e somente quem o vê e reconhece pode e há de recebê-lo. Em termos lógicos isso é uma contradição. Mas a realidade viva apenas pode ser descrita desse modo contraditório.

18 Novamente Jesus nos confronta com um mistério. Ele falou de um “Advogado”, o Espírito, que na verdade parece ser inicialmente um “substituto” para Jesus. Mas na seqüência Jesus mostra logo que não é essa a intenção. Como um “substituto” desses poderia consolar os discípulos, depois que Jesus lhes declarou em todas as suas poderosas palavras “Eu sou” que justamente ele em pessoa “é” tudo aquilo pelo que anseiam? Não, eles precisam dele, do próprio Jesus. Por isso ele lhes promete: **“Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós.”** Jesus não lhes assegura o que esperaríamos depois de tudo o que foi dito: eu não vos deixarei órfãos, pois o Espírito vem a vós. Não, é a ele pessoalmente que terão outra vez. Então, “o outro Advogado” não se torna desnecessário? Não, porque Jesus retorna não mais como pessoa entre pessoas, mas no Espírito Santo. Ele “vem” numa forma completamente nova de existência, da qual Paulo escreverá mais tarde: “O Senhor é o Espírito” (2Co 3.17). O Espírito de Deus não pode ser separado nem do Pai nem do Filho. Unicamente dessa maneira torna-se viável essa imbricação íntima e viva, da qual falará agora o v. 20:

20 **“Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós.”** Outra vez fica claro que o relacionamento dos discípulos com Jesus corresponde exatamente ao relacionamento de Jesus com o Pai e constitui o efeito e praticamente é a “continuação” desse relacionamento divino. O incompreensível **“Eu no Pai e o Pai em mim”**, que ainda assim deixa existindo o Pai e o Filho como “pessoas” independentes, vivas, torna-se para os discípulos um fato igualmente incompreensível e não obstante permanentemente vivenciado em seu relacionamento com o Senhor: **“Vós em mim, e eu em vós.”** Não acontece nenhuma fusão entre o Senhor e seus discípulos. Jesus continua sendo o “Senhor” sobre eles. Eles permanecem pessoas autônomas sob o Senhor, obedecendo a ele e confiando nele. Apesar disso estão “em Cristo”, e Cristo está “neles”.

19 Quando isso haverá de acontecer? Quando é **“aquele dia”**? Jesus o diz: **“Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais. Vós, porém, me vedes, porque eu vivo e vós também vivereis.”** Não é à parusia que ele se refere. O v. 3 do capítulo não é repetido. Porque na parusia de Jesus todos o verão, não apenas os discípulos. Agora, porém, se faz uma distinção entre “mundo” e “discípulos”. **“Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais.”** Em vinte e quatro horas Jesus estará na sepultura, afastado dos olhares do mundo, até a parusia. Mas para os discípulos já se tornará realidade em três dias que: **“Vós, porém, me vedes, porque eu vivo.”** Isso é Páscoa. Nos dias da Páscoa os discípulos viram Jesus como aquele que verdadeiramente “vive” (cap. 20 e 21). Porém, em parte alguma do NT a ressurreição de Jesus é algo que acontece apenas para Jesus e apenas enriquece

a ele. O “por nós” do acontecimento da cruz vale de igual forma para a ressurreição de Jesus. Ela traz a vida não apenas para ele, mas também para nós. Em 1Co 15.12-28 Paulo se esforça para mostrar aos coríntios esse significado abrangente da ressurreição do Senhor. Cumpre-se a promessa de Jesus: **“e vós também vivereis.”** Com a Páscoa começa para os discípulos aquela “vida” que Jesus já havia prometido reiteradas vezes a todos os que crêem como “vida eônica” (Jo 3.15,16 e depois várias vezes no presente evangelho). Com realidade plena ela é conferida aos discípulos e à igreja de todos os tempos na efusão do Espírito. Pentecostes está inseparavelmente ligado à Páscoa, como se torna visível precisamente no testemunho do evangelho de João. Páscoa e Pentecostes juntos formam **“aquele dia”**, em que os discípulos possuirão essa verdadeira “vida” e esse “vós em mim, e eu em vós” como um fato incontestável. Outra vez fica explícito que o envio do “outro Advogado” e a própria vinda de Jesus aos discípulos representam opostos, mas formam uma unidade coesa.

- 21** O que Jesus promete aos seus é algo extraordinariamente grandioso. Por essa razão, Jesus tenta protegê-lo contra quaisquer equívocos. Será uma “experiência mística” que aguarda os discípulos? Será que seus discípulos por isso também se igualarão em sua atitude e seu estilo de vida aos “místicos” de todas as religiões? Não devem sê-lo nem o serão! O “amor” que liga o discípulo com seu Senhor não é caracterizado por Jesus como experiências sentimentais, mas como obediência ao mandamento dele. **“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama.”** Novamente nos encontramos com **“aquele que”** que confronta com a decisão em liberdade, abrindo o acesso a cada pessoa; cf. Jo 7.37,38; 8.12; 11.25s; 12.25s. Dessa maneira, diferente do v. 20, o foco recai sobre o indivíduo. A promessa do v. 20 agora é assegurada expressamente a cada discípulo, quando cumpre a condição de um amor obediente. Esse indivíduo será muito pessoalmente **“amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele”**. Por mais que Jesus esteja empenhado na fraternidade entre os seus, por mais que justamente seu amor recíproco se torne testemunho para o mundo (Jo 13.35), cada discípulo em separado pode esperar para si mesmo uma vida plena e realizada no amor do Pai e no amor de seu Senhor. Jesus promete **“manifestar-se”** com seu amor a esses discípulos. Será que com isso ele assegura a esse discípulo novas “revelações”, que ultrapassam aquilo que está sendo revelado a todos nós no evangelho? O termo aqui empregado denota que Jesus não quer dizer isso. Contudo Jesus entrará na vida do discípulo e se tornará tão eficaz nela que o discípulo virá a conhecê-lo de forma cada vez mais profunda. Experimentar o amor de Jesus e ser presenteado com sempre novas atualizações e auto-revelações do Senhor faz parte da “vida cristã normal”. Contudo, ele está vinculado à condição prévia de que o discípulo de Jesus **“tenha meus mandamento e os guarda”**.
- 22** A seguir, mostra-se no grupo dos discípulos o erro que muitas vezes fazemos ao ouvir a palavra. Não acolhemos o que nos é mostrado nesse instante, mas estamos ocupados com nossos próprios pensamentos e a partir daí ouvimos “criticamente”. Judas, que é conhecido de Lc 6.16 e At 1.13 como apóstolo ao lado do Iscariotes, expressa o que outros também sentiram. Acaso Deus não amou o mundo de tal maneira que ele entregou o Filho? De acordo com seu próprio testemunho, Jesus não é “o Salvador do mundo”? Não falou ainda há pouco que depois de sua “exaltação” pretende “atrair todos para junto de si”? Onde fica esse grande alvo nas palavras de Jesus? Judas somente pode explicá-lo de tal maneira que **“aconteceu algo”**, que levou Jesus a se restringir unicamente ao grupo de seus discípulos. Mas que será isso? **“Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?”**
- 23** A resposta de Jesus de forma alguma parece ser realmente correspondente a essa pergunta. **“Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.”** Já nos deparamos com um modo desses de “responder” também em Jo 12.34-36. Não era o momento de abordar mais de perto a pergunta, porque naquele momento havia necessidade de algo bem diferente. Também agora, é essa a situação. Jesus ainda falará exaustivamente a respeito do envio dos discípulos ao mundo. Porém somente poderão cumprir esse envio como “testemunhas” se eles próprios estiverem em ordem, se sua própria vida for uma vida repleta de Jesus. Por isso, Judas, ouça o que Jesus tem a dizer sobre a vida pessoal do discípulo! Dirija o olhar para a coisa grandiosa que Jesus está mostrando a você e aos outros discípulos. Somente desse modo se tornará uma “testemunha” da nova vida que lhe cabe levar ao ser humano que vive na morte. Jesus reitera sua promessa, conferindo-lhe a expressão máxima que se pode encontrar. O discípulo torna-se “morada” do Deus vivo! Isso transforma o que foi prometido nos v. 8-10 em realidade plena. Vimos que Deus não é um “objeto”, algo que possa ser “mostrado”. Apenas

quem “vem ao Pai” pode realmente encontrar a realidade do Pai. “Reconhecer” e “ver” depende de uma maneira radical de “ser”. Esse novo ser é presenteado completamente quando não mais apenas a pessoa vem a Deus, mas quando Deus agora **“vem”** ao ser humano **“e faz nele morada”**. E isso não é prerrogativa de um determinado círculo de pessoas eleitas. **“Se alguém me ama”** é a frase que abre para cada pessoa essa inaudita possibilidade de ser tornar morada do Deus trino. A condição prévia para isso, porém, é imprescindível e está fundamentada no cerne da questão. Esse “alguém” tem de amar a Jesus. Trata-se, no caso, de “amor” verdadeiro, que se acende no amor redentor de Jesus por nós e que enche nosso coração. Ele é tão decisivo que o Ressuscitado pergunta a Pedro unicamente por esse amor antes de lhe confiar novamente o serviço (Jo 21.15-17). “Amor” nunca é frio e sem sentimentos, mas não deve se esgotar em meros sentimentos. O amor genuíno se expressa claramente em guardar a palavra de Jesus. Quem ama o Filho e guarda a palavra do Filho, está no amor do Pai. E esse amor busca toda a proximidade e ligação com aquele que ele ama, levando ao “vir e fazer morada”.

24 Os discípulos já ouviram com vistas ao Espírito (v. 17) que o mundo, enquanto for “mundo”, não pode receber esse Espírito. Pessoas que querem continuar sendo “mundo” não são capazes de amar Jesus, razão pela qual tampouco cumprem a sua palavra e rejeitam também a Deus, que é quem verdadeiramente está falando na palavra de Jesus. **“Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou.”** Também essa palavra permanece parada, sem tentar buscar uma explicação, diante do mistério, por que uma pessoa **“ama”** Jesus e outra **“não ama”**. É esse o aspecto da realidade, e isso os discípulos precisam saber.

25/26 Jesus faz “discursos de despedida”. Será que seu eco não desaparecerá rapidamente? **“Isto vos tenho dito, estando ainda convosco.”** Será que os discípulos se lembrarão de tudo o que é tão decisivo para sua vida e seu serviço? Se Jesus tivesse de confiar nos próprios discípulos a situação ficaria precária. Repetidamente Jesus teve de notar que seus discípulos entendiam muito pouco e que “esqueciam” rapidamente (Mc 8.14-21). Diante de seu olhar, porém, está uma realidade muito diferente e gloriosa: **“Mas o Advogado, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu mesmo vos tenho dito.”** O Espírito de Deus não esquece nada. Agora ele será o **“Advogado”** dos que se esquecem e os **“fará lembrar de tudo”**, e lhes **“ensinará”** tudo. **“Ensinar”** e **“fazer lembrar”** estão firmemente conectados. O **“ensino”** dos discípulos acontece precisamente na **“lembrança”**. Por isso o **“tudo”** que o Espírito **“ensina”** aos discípulos não é nada de novo ao lado do que ouviram de Jesus, ou além do que o próprio Jesus lhes ensinou. O Espírito está completamente unido com o Pai e o Filho. Em decorrência, fala apenas o que ele próprio **“ouve”** do Pai e do Filho e possui como único alvo glorificar a Jesus (Jo 16.14). Consequentemente, esse **“tudo”** que o Espírito ensina aos discípulos e do que os lembra, é **“o que eu mesmo vos tenho dito”**.

Para nós, porém, essa declaração de Jesus acerca do serviço do Espírito aos discípulos possui importância crucial. Desde já estaremos lendo incorretamente a palavra apostólica se ouvirmos nela apenas pessoas falando de suas próprias recordações ou de sua própria compreensão dos acontecimentos. Ao nos encontrarmos com a palavra delas, temos de enxergar o lembrar e ensinar do Espírito Santo de Deus. É dessa certeza que pode e deve estar determinada a nossa leitura da Bíblia.

Isso é válido em relação ao presente evangelho. Quando indagamos ceticamente se o velho discípulo, afinal, ainda pôde se recordar com precisão das palavras de seu Senhor, então ele nos diz aqui: vocês não precisam confiar em minha capacidade de memória, mas podem dar crédito ao **“fazer lembrar”** do Espírito de Deus. O Espírito Santo fez com que o velho João ouvisse novamente as palavras de Jesus como se tivessem sido ditas nesse instante diante de seu ouvido.

Nessa situação o Espírito também **“ensinará”** tudo aos discípulos. O Espírito os fará compreender o que eles inicialmente nem sequer haviam compreendido. Concederá percepções e mostrará correlações a eles que eles próprios não tinham visto. Descortinará profundezas e dará destaque a verdades divinas que nosso próprio pensamento não alcança. Em Jo 2.22 e 12.16 presenciamos como aconteceu um **“fazer lembrar”** e **“ensinar a compreender”** desses por parte do Espírito nos discípulos. Em consequência, também nós, ao lermos sua palavra, podemos ser **“alunos do Espírito Santo”** e experimentar seu ensino. Em Jo 16.13s tornaremos a falar dessa questão.

- **Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.**
- **Ouvistes que eu vos disse: vou e volto para junto de vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu.**
- **Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais.**
- **Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim;**
- **contudo, assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos daqui.**

27 O primeiro “discurso de despedida” encerra com uma despedida expressa. Chegou ao fim a última ceia de Jesus com os seus. **“Levantai-vos, vamo-nos daqui.”** Em Israel, quando as pessoas se despediam, era costume saudar-se com um voto de paz. Já em Êx 4.18, na despedida de Moisés de seu sogro Jetro lemos esse “vai-te em paz”. Jesus, porém, não tem para os seus apenas um “voto” que permanece impotente. Ele é capaz de lhes dar a paz como uma realidade. **“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou.”**

Contudo, será de fato assim? Não acaba sendo de fato um desejo sentimental, já que o próprio Jesus tem de acrescentar: **“Não se abale o vosso coração, nem desanime”**? Depende do que entendemos por “paz”. Também o “mundo” conhece uma “paz” e busca alcançá-la. É a situação do sossego formal e da não-perturbação, uma vida sem ameaças e medos. Com toda a certeza também esse tipo de “paz” dessas constitui um grande bem. O “mundo”, porém, desde que se soltou de Deus, encontra-se essencialmente na falta de paz, motivo pelo qual sem cessar experimenta muitas brigas e intranquilidade. Ele anseia por “paz” e, apesar disso, não é capaz nem de encontrá-la nem de concedê-la. Jesus, porém, enfatiza: **“Não vo-la dou como a dá o mundo.”** Ele se refere a uma “paz” de espécie completamente diferente. Ele sabe que para ele próprio e seu grupo de discípulos está por vir tudo menos um tempo pacífico. “Paz” como o mundo o deseja e tenta proporcionar, Jesus não pode assegurar a seus discípulos. Por isso ele fala expressamente da **“sua paz”**. Ela é, como revela toda a história da Paixão, uma paz completa em meio às piores aflições de todos os lados e na mais extrema escuridão dos suplícios. Durante todos os eventos amargos, desde a detenção até o último clamor na cruz, não sai dos lábios de Jesus nem uma única palavra sem paz, amarga ou desesperada. Também no grito do abandono por Deus ouve-se, apesar de tudo, sem amargura “Deus meu, Deus meu”. Judas é tratado por “Meu amigo.” Nem Caifás ou Pilatos são alvo de ameaça ou revolta por parte de Jesus. E soldados e escarnecedores sob a cruz ouvem apenas as preces pelo perdão a favor deles. Precisamente nessa hora de despedida Jesus tem o direito de afirmar: **“A minha paz.”** É paz com Deus e com os humanos. Mas essa paz não é apenas posse dele como algo que deve caracterizar somente a ele. Ele a deixa como um legado aos seus. E a história da igreja até hoje demonstra que esse espólio de Jesus é realidade plena. Aqui se torna palpável toda a diferença entre aquilo que o mundo dá, e o que Jesus concede. Sem dúvida, ainda tinham de acontecer Páscoa e Pentecostes para que realmente fosse deixado aos discípulos esse legado de paz por parte de Jesus.

28 Seus discípulos não precisam se assustar e desanimar. Apesar de tudo que virá, o caminho de Jesus não se dirige para uma escuridão sem alvo. **“Ouvistes que eu vos disse: vou e volto para junto de vós.”** Eles não estão se despedindo para sempre. Acima da despedida encontra-se a límpida promessa de seu Senhor **“Volto para junto de vós”**. Nela os discípulos já agora podem ter algo dessa paz. Sim, mesmo agora na despedida eles poderiam alegrar-se com Jesus. Para isso obviamente precisariam do amor por ele, do qual ele já falou diversas vezes. Quando amamos, não estamos tomados pelo nosso próprio bem-estar, e sim somos movidos por aquilo que acontece com o outro. Para Jesus, a trajetória leva a um alvo límpido e maravilhoso: ele “vai ao Pai”. Isso, porém, é algo glorioso que seus discípulos devem conceder-lhe com alegria. **“Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu.”** É claro, enquanto não amarem de verdade, pensarão unicamente em sua própria perda, e não no ganho dele. E enquanto ainda não conhecerem o Pai, tampouco serão capazes de imaginar que “alegria indizível e cheia de glória” (1Pe 1.8) significa estar junto de Deus. Jesus, no entanto, o Filho, vê toda a magnitude do Pai. Com amor e gratidão ele a expressa: **“O Pai é maior do que eu.”** Essa palavra de Jesus não pode ser surpresa para nós se compreendemos todo o relacionamento do Filho com o Pai. O Filho sempre foi aquele que com a mais íntima alegria dependia, pedia, recebia e obedecia, e que assim se portava diante do Pai como aquele que no começo falou, que criou, concedeu e ordenou. Nessa palavra de Jesus tampouco encontramos uma contradição com sua afirmação de Jo 10.30: “Eu e o Pai somos um”. Jesus não disse: “Eu e o Pai

somos iguais.” Jesus jamais falou de sua “igualdade” com o Pai, mas sim da unidade plena com ele. Essa unidade, porém, está fundamentada precisamente na circunstância de que com toda a força e com o empenho de sua vida o Filho honra o Pai como o “maior”. O último e supremo agir do Filho no final de toda a obra de redenção, por isso, é declarado assim em 1Co 15.28: “Então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou.”

- 29 Jesus sabe que agora seus discípulos não são capazes de se alegrar com ele. O que está por vir se tornará uma grave tribulação para eles, que leva até à negação por parte de Pedro e porá em fuga os demais. A única coisa que Jesus pode providenciar é que a fé não se quebre completamente neles. Ele prepara seus discípulos por meio do prenúncio daquilo que espera por eles. À semelhança do anúncio da traição em Jo 13.19, ele também afirma neste momento: **“Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais.”** Apesar de todas as trevas eles podem apegar-se ao fato de que nada acontecerá que seu Senhor não tenha previsto e renunciado pessoalmente. Isso os ajuda a crer. Porém, também no presente caso, como em Jo 13.19, a “fé” possui um conteúdo determinado. Isso resulta do contexto em que se situa a palavra. Têm o privilégio de apegar-se com fé e alegria, em todos os acontecimentos, ao fato de que Jesus é o caminho para junto do Pai. O fato de que apesar disso os discípulos fracassam – um consolo para nós que fracassamos – é explicitado na história da Paixão até a manhã da Páscoa.
- 30 Tudo está prestes a acontecer. **“Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim.”** Judas virá, e toda a série de inimigos estará aí, até mesmo a turba encolerizada e os legionários romanos. Mas, como aquele que de fato está agindo, Jesus vê em e por trás das pessoas o **“príncipe do mundo”**. A vinda de Jesus ao mundo foi dirigida contra esse “soberano. Por isso esse príncipe, por sua vez, procura aniquilar exterior e interiormente a Jesus. No aniquilamento exterior pode ter êxito, mas não no interior. Pois Jesus é capaz de dizer: **“Em mim o príncipe não tem absolutamente nada.”** Em todos nós Satanás “tem” algo que lhe pertence, que lhe corresponde, que lhe confere um direito sobre nós. Por isso todos nós estamos rendidos a ele, quando não nos deixamos salvar por Jesus. Unicamente Jesus é interiormente inatacável. Não há nada nele em que Satanás pudesse enganchar, nada que pudesse conceder a Satanás sequer o menor motivo para a acusação. Por isso, unicamente Jesus é também capaz de nos libertar do poder das trevas.
- 31 Essa **“vinda”** do **“príncipe do mundo”**, no entanto, visa a subjugação interior de Jesus. Por isso o inimigo não **“vem”** apenas na forma dos poderosos exteriores, mas também desfere um ataque ao íntimo de Jesus. Essa investida chama-se **“Getsêmani”**. João não a relatou. Porém, nessa palavra de Jesus da **“vinda”** de Satanás ele nos permite reconhecer que também ele sabe do Getsêmani e da gravidade da luta de Jesus naquele local.

Se, porém, o príncipe do mundo não tem nada em Jesus, por que, então, Satanás tem permissão de descarregar toda a sua fúria contra Jesus? Por que Jesus se entrega pessoalmente a ele, despedindo a Judas e descartando a última possibilidade de fugir? Novamente o olhar do Filho está única e integralmente voltado ao Pai. **“Contudo, assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou.”** O acusador já havia exigido no caso de Jó fazer esse teste do relacionamento com Deus. Ser devoto em dias favoráveis é fácil. Mas quando Deus tira, em lugar de dar, quando no final tudo submerge nos suplícios de um corpo enfermo e desfigurado, como fica, então, a devoção? (Jó 1.9-11; 2.4,5.) Será verdadeira a oração: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.25s)? Jesus, o Filho, anseia por essa verificação extrema de seu amor, que também torna irrefutavelmente explícito para “o mundo”, mesmo para a pessoa cética: aqui Deus foi amado unicamente por causa dele próprio, ainda que sua “incumbência” signifique ruína, derrota, desonra, suplício e morte. Aqui foi cumprido o “grande mandamento” do amor a Deus (Mt 22.37s). No agir de Jesus o mundo reconhece que Deus tem direito a esse amor incondicional. Esse amor do Filho é ao mesmo tempo obediência completa e cumprimento da incumbência divina. Jesus concretiza seu amor ao Pai pelo fato de que ele **“faz como o Pai lhe ordenou”**. Amor e obediência estão inseparavelmente ligados. A partir desse ponto torna-se novamente compreensível que Jesus considera que também da parte de seus discípulos o amor é testemunhado ao cumprirem os seus mandamentos (Jo 14.15; 15.10). A obediência, por sua vez, é “aprendida” no sofrimento (Hb 5.7s) e demonstrada na morte (Fp 2.8). Em tudo isso nos é mostrado mais uma vez o que é a “filiação divina”, e nos é dado o exemplo de como genuinamente ser filhos de Deus.

E agora Jesus assume com plena determinação esse testemunho de seu amor de Filho. Encerra a ceia e deixa o recinto protetor. Sai com os discípulos para a noite. **“Levantai-vos, vamo-nos daqui.”**

A PARÁBOLA DA VIDEIRA – João 15.1-8

- **Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor.**
- **Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda.**
- **Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado;**
- **permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.**
- **Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.**
- **Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.**
- **Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito.**
- **Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.**

Jesus saiu do local da ceia. Contudo, o caminho até o jardim além do Cidrom no Monte das Oliveiras não é percorrido em silêncio. Jesus está preocupado em ainda falar com seus discípulos a respeito de seu serviço, depois de ter falado inicialmente de sua posse interior e de seu convívio uns com os outros. Agora passa a abordar o que estava por trás da pergunta de Judas em Jo 14.22. Acaso Jesus não veio como Salvador para o mundo? A incumbência essencial dos “apóstolos” não é o serviço no mundo? Jesus responde a isso de modo fundamental com a ilustração da videira. Nessa ilustração fica clara a ligação indissolúvel entre o serviço e a própria condição de vida dos discípulos. A vide somente pode trazer fruto se tiver uma ligação orgânica com a videira. Por outro lado, ela existe para trazer fruto e recebe a seiva da videira não apenas para sua vida e progresso próprios, mas em função do fruto.

- 1 **“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o viticultor.”** Deus já havia plantado uma “videira” (Sl 80.9-15; Is 5.1-7; Os 9.10; 10.1). Contudo, essas afirmações do AT ao mesmo tempo já contavam que a videira “Israel” trouxe grandes decepções ao viticultor. Não era uma videira como deve ser. Uma longa história sob a paciência de Deus comprovou que apesar de sua eleição e apesar de todo o amor e cuidado de Deus as pessoas não se tornam o que Deus deseja. Isso ficou definitivamente claro precisamente na vinda de Jesus e em sua luta por Israel. Jo 8.37-47 e 12.36-43 devem retornar à nossa presença. Por isso Deus começa algo novo. Ele planta Jesus, seu próprio Filho, no mundo, como “videira verdadeira”, fundando com isso uma nova comunidade eclesial, que tem o privilégio de tornar-se o que Israel deveria ter sido e não se tornou: uma videira que traz muito fruto e dessa forma glorifica a Deus (v. 8). Porque na ilustração que Jesus está fornecendo de si mesmo não podemos ignorar que no começo e no fim está Deus, como o “viticultor”. É o Pai quem planta a videira, é o Pai quem limpa as vides, é o Pai quem deve ser glorificado por meio da videira e do fruto. Os v. 1 e 8 emolduram a ilustração toda por meio desse olhar para Deus.

O que é o “fruto”, por meio do qual essa videira deve glorificar a Deus? Seguramente podemos conceber a figura do fruto com a amplitude que ela também possui em outros textos do NT, quando se fala do “fruto do Espírito” (Gl 5.22), do “fruto da luz” (Ef 5.9), do “fruto dos lábios” (Hb 13.15). No entanto, também temos de considerar que todo “fruto” significa a multiplicação da mesma vida que está presente na planta. “Fruto da videira” é vida nova correspondente à da videira. Conseqüentemente, novas pessoas conquistadas pelo serviço dos discípulos e preenchidas de vida divina são o “fruto” mais específico. É para produzir esse fruto que os discípulos são chamados para o serviço.

- 2 A videira é comprovada como videira “verdadeira” pelo fato de frutificar. É para isso que o viticultor a plantou. A videira traz seu fruto não diretamente no tronco, mas apenas através das vides. Por isso o horticultor cuida de cada vide em particular. De imediato diz-se uma primeira palavra muito séria sobre as vides. **“Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta.”** Deus não tem uma atitude menos santa e justa diante da nova igreja do que diante da primeira videira Israel. Obviamente

agora, sendo Jesus a videira, não mais pode acontecer o que Deus precisou anunciar a Israel por intermédio de Isaías. A videira propriamente dita não pode fracassar e perecer no juízo como um todo. “As portas do inferno” não sobrepujarão a nova igreja (Mt 16.18). Porém cada vide, i. é, cada discípulo, cada comunidade eclesial pode sofrer um juízo fatal em separado, no qual a vide é “cortada”. Nesse ponto é importante que a ausência do fruto não é simplesmente um fato pelo qual a vide não seja responsável. Não ocorre a palavra de negação grega “ou”, que meramente constata um fato, mas o termo de negação “mé”, que alude a uma vontade negadora. Por isso temos de ouvir a seguinte conotação na presente frase: toda vide “que não está disposta a trazer fruto”. Para quê ela está na videira, para quê ela possui tudo o que a videira lhe comunica, se não quiser trazer frutos, mas apenas viver para si mesma? Quem visa usufruir de sua própria salvação, vai perdê-la.

“E todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda.” A vide não precisa apenas exibir o fruto mais precário. Afinal, trazer frutos não é um fardo e uma sobrecarga dura, mas realização da vida e bem-aventurança. Conseqüentemente, haverá em cada vide autêntica o desejo de produzir mais fruto. É o que também deseja o viticultor. Mas produzir fruto somente é possível quando tudo o que desvia ou tolhe a força vital da vide é tirado. Por isso ela precisa ser limpa. Ela não deve “**limpar-se**” a si mesma. Nem sequer é capaz disso. Não dispomos do juízo correto sobre aquilo que nos detém no serviço e torna a produção diminuta. Nosso egoísmo nos iludirá facilmente demais com sua astúcia. Constatamos um empecilho para o serviço frutífero onde na realidade apenas precisa haver uma carga abençoada, e consideramos pecados prediletos como inofensivos, quando na verdade levam à perigosa improdutividade. O viticultor vê implacavelmente qual é a situação e limpa sem escrúpulos, não para ferir, mas para ajudar a vide a “**produzir mais fruto ainda**”. Também nisso ele é “o Pai”.

- 3 Exatamente nesse momento Jesus acrescenta: “**Vós já estais limpos por causa da palavra que vos tenho falado.**” Ele confirma o que assegurou aos discípulos por ocasião do lava-pés em Jo 13.10. Nessa palavra, porém, fica especialmente claro que ele não considera essa “pureza” fundamentada num sacramento, mas na “**palavra que vos tenho falado**”. Isso é uma confirmação de que também Jo 13.5 não deve ser entendido em termos sacramentais. No testemunho do evangelho tudo é vivo e pessoal, e não sacramental e objetivo. Os “discípulos” – o “vós” está ressaltado no texto – são “limpos por causa da palavra”. Porém, assim como os “lavados”, que estão “completamente limpos”, precisam constantemente do “lava-pés”, assim o versículo anterior não é anulado pelo v. 3. Já estão limpos e apesar disso têm de ser limpos repetidamente, para produzir mais fruto ainda. Contudo, também esse “limpar” acontece por meio da “palavra”. Em geral identificamos a “faca da vindima” unilateralmente com o “sofrimento”. Contudo, a pessoa experiente sabe que de forma alguma o sofrimento como tal já purifica. Também em tempos de sofrimento é preciso que seja acrescentada a “palavra”, a fim de que a pessoa sofredora não seja amargurada e endurecida, mas depurada e voltada mais profundamente para Deus. Ademais, em tempos de avivamento e de arrependimento a “palavra” possui uma força muito penetrante e depuradora, mesmo que não haja sofrimentos especiais a suportar.
- 4 O decisivo para trazer fruto, porém, é algo diferente. “**Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.**” Essas palavras expressam algo essencial para a vida e para o serviço dos discípulos. A vide na verdade “**traz**” o fruto, mas não o gera por si mesma. Por si mesma ela nem sequer é capaz disso. Unicamente se “**permanecer na videira**” completamente, se receber continuamente o fluxo de sua seiva, ela pode trazer fruto. A constatação de Jesus é muito consoladora para seus discípulos. Não se espera deles que gerem qualquer fruto de si mesmos. Mas no consolo também reside a insistente exortação: “**Permanecei em mim.**” Com que rapidez esquecemos isso e por conseqüência nos atormentamos com nossa infertilidade, procurando em vão superá-la com esforços cada vez maiores! Precisamos deixar que fique profundamente gravado em nós: “Não somos capazes de trazer fruto a partir de nós mesmos.” A ilustração da natureza foi visivelmente rompida nesse ponto. A vide obviamente “permanece” na videira, quando não for separada dela à força. O discípulo, porém, não “permanece” em Jesus sem sua vontade própria. Seu “permanecer” é uma questão de sua própria liberdade e responsabilidade.
- 5 Jesus o ressalta outra vez de forma positiva e caracteriza a vida do verdadeiro discípulo. “**Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto.**” Esse é o processo normal que deve acontecer no discipulado genuíno. O v. 2 traz uma deformação assustadora

de cunho culposos: ramos que, apesar de tudo, não dão fruto, embora ainda estejam ligados à videira, i. é, embora vivam na igreja, ouçam a palavra e recebam a graça de Jesus.

A “permanência” das vides na videira representa a ligação orgânica de vida com Jesus. Uma vide não está na videira ocasionalmente. Não há certas horas do dia em que ela recebe a seiva da videira. Uma vide está unida integralmente à videira durante vinte e quatro horas, dia e noite. É nesse sentido extremo que ela “permanece” nela. Conseqüentemente, também a vida do discípulo não pode ter apenas alguns minutos ou algumas horas de “devoção”, nas quais ele busca o contato com Jesus. Ele tem o privilégio e a obrigação de ficar permanente e completamente unido com Jesus. É nisso que consiste o “**permanecer**” do qual Jesus já falou em Jo 8.31s e que ele oferece aos discípulos e espera deles de forma ainda mais fundamental.

“**Porque sem mim nada podeis fazer.**” O termo grego em geral traduzido por “sem” significa originalmente “separado de” e deve ter aqui esse sentido original e pleno. A vida e a ação de discípulos isolados e de igrejas inteiras obviamente parece ter mostrado que se “**pode fazer**” muitíssimas coisas e produzir resultados impressionantes mesmo sem essa ligação vital com Jesus. Mas, apesar disso, é “**nada**”, porque não é “fruto” que glorifica o Pai. Não é “fruto” que “permanece” (v. 16). Não há pessoas salvas e plenificadas de vida divina para a eternidade.

- 6 Contudo, a falsa glória pessoal e autonomia não são apenas castigadas por meio dessa falta de frutos. O juízo sobre ela é muito mais grave. “**Se alguém não permanecer em mim, foi lançado fora, à semelhança do ramo, e secou; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.**” A estranha forma verbal no pretérito nessa frase “foi lançado fora” e “secou”, atesta de modo impressionante que é impossível escapar do processo. Ser lançado fora e secar não são eventos que aconteceriam eventualmente. Sucodem com tanta certeza que é preciso falar deles como fatos consumados. É disso que cada pessoa que não permanece em Jesus precisa se conscientizar. Separado de Jesus o discípulo necessariamente resseca. Vides secas, porém, são lançadas ao fogo e consumidas. Jesus falou tão seriamente com seus discípulos porque lhes “demonstrou a perfeição de seu amor” (Jo 13.1). Justamente o amor verdadeiro não pode atenuar ou bagatelizar, porque para ele a vida genuína e a produção de fruto por parte dos amados estão em jogo.
- 7 “Permanecer” em Jesus se mostra no diálogo com ele, que é designado por Paulo como “orar sem cessar” (1Ts 5.17). Por essa razão, Jesus está falando novamente da oração. Dessa forma deixa claro para nós o quanto a oração dos seus é decisiva para ele. A oração em nome de Jesus, mostrada aos discípulos em Jo 14.13, somente é viável se permanecerem em Jesus. Essa, porém, também é a única condição estabelecida para que uma oração dos discípulos possa ser irrestritamente atendida. “**Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será feito.**” “Permanecer em Jesus” não é nenhuma união mística e silenciosa entre Jesus e nós. Pelo contrário, o próprio Jesus acrescenta em tom explicativo: “**se minhas palavras permanecerem em vós.**” Novamente não são meros “lógoi”, meras construções teóricas de palavras, que somente satisfazem nosso pensamento, mas “*rhémata*”, palavras eficazes que determinam todo o nosso comportamento e nos transformam em praticantes de seus mandamentos. Quando as palavras de Jesus preenchem e formam todo o nosso pensar, falar e fazer, estaremos verdadeiramente orando “em nome de Jesus” e então temos a promessa ilimitada de sermos atendidos. Jesus não incluiu seus discípulos numa “escola de oração”. Se uma premissa for atendida, não serão necessárias outras regras e práticas, então “**pedi o que quiserdes, e vos será feito.**”
- 8 Todas essas instruções são dadas pelo “Filho”, cujo alvo em tudo é a glorificação do Pai. Ele vê a videira crescer e trazer muito fruto através de muitos ramos. O que será obtido então? Admiração para a videira? Reconhecimento para as vides? Não. “**Nisso foi glorificado meu Pai**”. É o que deixa o Filho feliz. É esse o sentido último e a satisfação extrema e mais profunda da existência e da atuação da videira e de suas vides. Uma vida de serviço não será em vão, se puder ser dito que “nela Deus foi glorificado”. Deus torna-se visível com sua glória “**em que deis muito fruto e vos tornais meus discípulos**”. Foi Deus quem plantou a videira Jesus e limpou as vides. O rico fruto engrandece o viticultor.

Nessa frase a formulação de Jesus chama nossa atenção: “**e vos tornais meus discípulos.**” Será que já não o são? Será que todo esse ensino de Jesus nos discursos de despedida não lhes é passado porque eles são seus discípulos? É isso mesmo. Porém, esses discípulos recebem um aprendizado e um crescimento que jamais acabam. Como é precioso saber isso, que mesmo numa longa vida de serviço, como o próprio João pôde exercer, nunca chegamos a um ponto final depois do qual não há

mais continuação! Não, apenas “tornamo-nos seus discípulos” de forma cada vez mais intensa e com cada vez mais amor e gratidão.

A COMUNHÃO DE JESUS COM OS SEUS – João 15.9-17

- ⁹ – **Como o Pai me amou, também eu vos amei; permanecei no meu amor.**
– **Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço.**
– **Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.**
– **O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.**
– **Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos.**
– **Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando.**
– **Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.**
– **Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.**
¹⁷ – **Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.**

9/10 A metáfora da videira mostrou que toda a atuação e produção de frutos dos discípulos dependem inseparavelmente da posição deles na vida. Essa posição de vida dos discípulos é exposta mais uma vez a seguir. Ela está baseada numa dádiva de glória inconcebível. **“Como o Pai me amou, também eu vos amei.”** É compreensível que o Pai amou o Filho obediente. Ele é o Filho em que o Pai pode ter prazer (Mt 3.17). Porém, é impossível captar que agora o Filho nos ama com a mesma profundidade e firmeza, nós que somos tudo, menos filhos obedientes. Podemos considerá-lo apenas como um fato que nos domina e transforma constantemente. No entanto, também no presente caso o “*kathos*” = “como” possui uma coloração de causa. O amor de Deus por um mundo perdido nos deu o Filho (Jo 3.16). Esse amor de Deus é a fonte do amor do Filho por nós. O Filho é aquele que foi amado pelo Pai, porque ele cumpre essa incumbência, “trazendo à luz” o “amor de Deus” ao morrer por “ímpios, pecadores, inimigos” (Rm 5.5-10; Jo 10.17). Jesus não nos ama em contraposição a Deus, mas a partir de Deus e em direção de Deus. Ele nos ama segundo a medida e na força do amor com o qual o Pai o amou. **“Permanecei no meu amor”**, exorta Jesus. Ele nos explica que o “permanecer nele”, enfatizado nos v. 4-7, é um “permanecer em seu amor” e, por isso, é algo que traz felicidade. Será que ainda precisamos ser exortados a permanecer sob a luz de um amor bem grande? Não nos apegaremos por nós mesmos, com todas as fibras, a esse amor?

Enganamo-nos a respeito de nós mesmos se pensamos assim. Por natureza nada é tão alheio a nós quanto o verdadeiro amor. O amor, como se tornou manifesto em Jesus, traz em si a rejeição absoluta de tudo o que é sombrio, pecaminoso e mau. Ele visa limpar os “amados” e contraria permanentemente sua natureza carnal, justamente porque os ama de fato. Permanecer nesse amor verdadeiro demanda incessante negação de si mesmo na entrega àquele que nos ama. E sendo esse outro superior a nós, nosso “Senhor”, então nossa entrega a ele consiste em “guardar os seus mandamentos”. Para nosso entendimento errado e egoísta do “amor” e de “ser amado”, Jesus coloca a condição inegável para “permanecermos em seu amor” de forma quase assustadora: **“Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis em meu amor.”**

Será que, com essa condição, não somos transportados de volta à posição sob a “lei”? Cumprir os mandamentos de Jesus, será que isso não terá de conduzir outra vez exatamente para as velhas aflições, as boas intenções fracassadas, a hipocrisia, o falso orgulho e o desespero? Como resposta a essa pergunta podemos recordar o que ficou claro para nós em relação a Jo 14.15,31. Também no presente momento Jesus ajuda seus discípulos olhando para a sua própria vida: **“Assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço.”** O próprio Jesus “permanece no amor do Pai”. Como isso acontece? Jesus não remete a emoções felizes, nas quais ele sente esse permanecer no amor de Deus. Diante dele aparece um fato de sua vida: eu **“tenho guardado os mandamentos de meu Pai”**. Sua vida foi uma vida de obediência. Mas no amor do Filho para com o Pai que o ama não havia fardo e aflição. Não, Jo 4.34 já dizia: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou.” O Filho tem sua vida nesse cumprimento dos mandamentos com amor ao Pai. Consequentemente, tampouco é uma dura

exigência para o discípulo cumprir os mandamentos de Jesus. Representa também para ele sua comida, sua vida. Como o discípulo poderia permanecer no amor que se sacrificou por ele derramando seu sangue, se quisesse apegar-se à sua vontade própria egoísta, não obedecendo aos mandamentos de Jesus, mas muito antes a seus próprios desejos egoístas?

- 11 A continuação do texto nos revela que nossa compreensão foi correta. Jesus acrescenta à palavra “guardar os seus mandamentos” a palavra da “alegria”. Jesus não pensa que impôs a seus discípulos um fardo pesado, sob o qual tão somente possam gemer. Não, **“tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.”** Precisamente agora, no caminho para a amarga morte na cruz, Jesus fala de **“seu gozo”**. Como pode estar cheio de alegria agora? É justamente agora que pode demonstrar todo o seu amor pelo Pai e glorificá-lo (Jo 14.31). Isso alegra o Filho. Os discípulos, porém, podem e devem ter o que Jesus possui. Estão “nele”, e ele está “neles”. Conseqüentemente, também esse “seu gozo” estará nos discípulos, quando vivem para Jesus, seguem seus mandamentos, cumprem suas incumbências e permanecem, assim, no espaço de vida do amor de Jesus. Viver, servir, obedecer e sacrificar-se como discípulos de Jesus não é um empreendimento triste. No amor a Jesus e no serviço obediente por Jesus cresce nosso **“gozo”**, tornando-se **“completo”**.
- 12 No entanto Jesus continua explicando essa verdade. Falou de “seus mandamentos” sem precisar o conteúdo. Agora ele diz, retomando sua palavra de Jo 13.34, qual é o conteúdo de sua exigência: **“O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.”** Cabe remeter à exegese de Jo 13.34. Mas agora ainda daremos atenção especial à circunstância de que Jesus falou primeiro de “seus mandamentos” no plural e agora volta a citar apenas o único grande mandamento. Do texto grego torna-se mais claro ainda que não se trata de um mandamento entre outros, mas que o amor é **“o mandamento, o meu”**. Também nesse caso a “contradição” entre singular e plural apenas faz justiça à realidade. De fato não estamos mais sob a lei como uma série de preceitos isolados. A vontade de Jesus é uma só, que abrange tudo: “Amai!” Esse “amar”, por sua vez, não é uma sensação monótona, permanente, porém acontece em um grande número de ações isoladas, de sorte que na prática o único mandamento se decompõe em muitos mandamentos continuamente novos.
- 13 Jesus passa a caracterizar a essência do amor. **“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria alma em favor dos seus amigos.”** Quem ama se esquece de si mesmo e se empenha pelo outro. O empenho mais sublime é o da própria vida. Mas, novamente não está sendo dito que alguém empenha seu “*bios*” ou sua “*zoé*”, mas sim sua “*psyché*”, sua “alma”. Isso caracteriza a “vida” como existência total, pessoal. Por isso o empenho da “vida” também não acontece somente na morte física. Não é preciso nem necessário que cada discípulo de Jesus enfrente a morte extrema em favor de outros. Mas dedicar a própria pessoa durante anos sob as mais duras condições e aflições igualmente pode ser um amor da maior grandeza, da mesma forma como uma morte rápida no sacrifício em prol de outros.
- Não devemos alegar aqui que o amor aos “inimigos” (Mt 5.43-48) seria ainda maior. Nesse amor mesmo os inimigos se tornam “amigos”. Quando “abençoamos” a pessoa por quem oramos, ela se torna nossa **“amiga”**, mesmo que de sua parte nos odeie e amaldiçoe.
- 14 Foi isso que aconteceu quando Jesus empenhou sua vida em nosso favor. Jesus está pensando nisso ao dizer essa palavra. Somos **“amigos”** de Jesus, não em nós mesmos e por nossa própria natureza. Por natureza somos “inimigos de Deus” e por isso também “inimigos de Jesus”. “Amigos” de Jesus nos tornamos somente através do amor de Jesus, porque ele nos escolheu (v. 16,19). Agora, porém, importa que da nossa parte de fato também “sejamos” amigos dele. Jesus nos traz a condição para isso: **“Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando.”** Não existe mero usufruto dessa amizade. Não são pessoas com direitos iguais que convivem em amizade, mas aquele que é “Senhor” em sentido máximo concede sua amizade a seus discípulos. Isso deve impeli-los à obediência mais voluntária possível em relação ao magnânimo Senhor. Ademais, o conteúdo de seu “mandar” é o amor dos seus entre si. Nesse aspecto fica claro que o “mandamento” de Jesus não é arbitrário, mas jorra de sua própria essência e precisa ser necessariamente dado a seus “amigos”. Jesus lhes ordena o amor, porque ele os ama e porque ao amar ele próprio tem a vida. Está claro: “Não é possível que ao mesmo tempo sejam inimigos uns dos outros e amigos de Cristo” (Schlatter). Apenas quando obedecem à sua ordem de amar podem continuar sendo amigos de Jesus.

15 Na sequência Jesus expõe a glória dessa sua dádiva. Num sentido pleno, ele é o “Senhor”, e a pessoa que ele chama a seu serviço na realidade é, de acordo com os padrões do mundo daquele tempo, “**escravo**”. “Escravos de Jesus Cristo” foi como Paulo chamou a si mesmo e a Timóteo justamente diante dos amados filipenses. Esse é um título de honra, também perante a igreja. É isso que precisamos ter em mente se queremos captar a palavra de Jesus em toda a sua magnitude: **“Já não vos chamo de escravos, porque o escravo não sabe o que faz o seu senhor. Mas tenho-vos chamado de amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.”** Jesus como Senhor “ordena”, e seus discípulos têm de obedecer e cumprir o que foi ordenado. Foi isso que Jesus disse aos discípulos de forma inequívoca. Porém não se trata de obediência cega. Jesus inclui seus “escravos” de tal modo em sua obra que se tornam seus colaboradores cientes e compreensivos. Jesus não guarda para si seu relacionamento singular com o Pai, mas envolve seus discípulos em tudo o que ele próprio recebeu do Pai. Também nesse caso a palavra bíblica não deposita a importância em sentimentos que se manifestam no termo “**amigos**”, mas indica claramente o conteúdo objetivo desse termo.

Será que posso escolher um relacionamento desses com Jesus para mim? Impossível. Não somos amigos de direitos iguais, e sim escravos “comprados por preço” (1Co 6.19), que esse Senhor transforma, por amor incompreensível, em seus “**amigos**”. Nosso relacionamento com ele repousa integralmente sobre sua ação ao nos escolher e resgatar.

16 “**Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça.**” Unicamente assim se chega a essa extraordinária “vocação”, que não apenas produz resultados úteis para o tempo e mundo de hoje, mas realiza algo que permanece para a eternidade, para o mundo vindouro de Deus. Novamente “**dar fruto**”    o verdadeiro alvo do “**escolher**”. Jesus não nos escolheu para gozarmos de sua amizade, enquanto nos    comunicado tudo o que o próprio Jesus ouviu do Pai, e nos tornamos desse modo pessoas instr  idas com uma vida interior plenificada. Temos uma “**designa  o**” bem diferente. Ao exp  -la, não podemos passar por cima da palavra “**ir**”. Discípulos de Jesus são colocados em movimento! O “**ir**”    parte inerente da vida dos discípulos. Apenas ao “**ir**” eles atingem esse “**fruto**” que sua vida deve exibir. O “**fruto**”    nitidamente a conquista de pessoas para Jesus. Essa palavra    a “ordem de missão”, como João ouviu nesse último diálogo do Senhor com seus discípulos.

16/17 Também nesse caso    decisiva a ora  o autorizada e passível de ser atendida. Jesus não se cansa de incutir repetidamente aos discípulos a grande promessa da ora  o. Elege-os como seus amigos, “**a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda**”. Recordamos o que ouvimos em Jo 14.13s e 15.7. Ao repetir justamente agora: “**Isto vos mando: que vos ameis nos aos outros**”, Jesus simultaneamente está transformando esse “amar” em condi  o para que a ora  o seja atendida. Somente quem ama ora de verdade e    capaz de ser atendido. Ao amar, possui material inesgotável para sua ora  o e ora da forma correta, capaz de ser atendida.   s preces e súplicas que brotam do amor ele pode tranqüilamente acrescentar o nome de Jesus. Um “amor” desses jorra de um cora  o realmente redimido e não pode ser simplesmente produzido pela nossa vontade. No entanto, pode ser exigido de discípulos de Jesus, que como amigos dele se encontram no Seu amor, pelos quais ele empenhou sua alma. A eles    ordenado que amem. Três vezes Jesus o disse a seus discípulos (Jo 13.34; 15.12; 15.17).

O ÓDIO DO MUNDO – João 15.18—16.4a

- Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim.
- Se v  s f  sseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia.
- Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não    o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguir  o a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa.
- Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou.
- ²² – Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado.
- ²³ – Quem me odeia, odeia também a meu Pai.

- Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai.
- Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo.
- ²⁶ – Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim;
- e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio.
- ¹ – Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis.
- ² – Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus.
- ³ – Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim.
- Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora (para isso) chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse.

- 18** Jesus falou do “amor”. Contrapõe a essa palavra drasticamente o “ódio”: **“Se o mundo vos odeia.”** Aqueles que foram convocados para o amor, os que vivem no amor uns pelos outros, ao mesmo tempo devem saber com toda a clareza que precisam viver num mundo de ódio, porque é somente assim que o mundo pode tratá-los. Depois que Jesus abordou mais uma vez a comunhão com os discípulos como premissa para seu serviço, ele agora se volta inteiramente para o envio deles ao mundo. O que esse envio trará? “Fruto”, “sucesso”? Ah sim, é para isso que foram “designados”. Até deverão realizar obras maiores que seu Senhor (Jo 14.12). Também isso virá. No entanto, a primeira resposta do “mundo” à sua existência e ao seu serviço é o “ódio”. Ele será assustador. Fará surgir nos corações dos discípulos a preocupação: a causa disso somos nós e nossos erros? Será que desempenhamos mal nosso serviço? Nessa situação, **“sabei que, primeiro do que a vós, me odiou a mim.”** Ele, que como enviado do Pai realizou poderosamente seu serviço com palavra e obra divinas, também não colheu nada além de ódio. Por isso, cronologicamente ele foi odiado **“primeiro do que”** os discípulos. As pedradas de que lemos era dirigidas contra Jesus, não contra seus discípulos. **“Primeiro do que a vós”**, contudo, também pode possuir uma conotação qualitativa e asseverar que o ódio lhe foi endereçado de um modo bem peculiar.
- 19** A razão do ódio do mundo não reside nos eventuais erros dos discípulos (os quais com certeza cometerão). Ela está em outro âmbito e é inevitável. **“Se vós fôsseis do mundo, o mundo gostaria do que era seu. Como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia.”** Também o discípulo fazia parte do mundo e tinha as características do mundo. Agora, porém, aconteceu algo decisivo em sua vida, não a partir dele mesmo – todas as mudanças e melhorias não transformam a nossa natureza –, mas a partir de Jesus. Ele chamou o discípulo para fora do mundo, para uma nova existência “eônica”. E agora o mundo sente que ele é estranho, agora o discípulo e sua mensagem são um permanente espinho, uma constante acusação. E o serão tanto mais quanto mais o discípulo estiver cheio da natureza de Jesus, quanto mais amar verdadeiramente. Quando experimentamos pouco ódio do mundo isso é um sinal da falta de amor e seriedade em nossa condição de cristãos. Apenas em cristãos e igrejas conformadas com o mundo este reconhece “o que é dele” e gosta desses cristãos.
- 20** Os discípulos precisam contar com esse ódio. Para se protegerem dele Jesus os lembra de uma palavra que lhes dissera no lava-pés: **“Lembra-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor”** (Jo 13.16). Lá o objetivo dessa verdade simples era dispô-los ao serviço mútuo. Agora ela deve fortalecer os discípulos, para assumirem confiantes o que experimentarão no mundo. Não é possível que passem situações melhores que seu Senhor. **“Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós.”** Jesus acrescenta: **“Se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa.”** Será que esse segundo prenúncio tem um sentido positivo? Será que Jesus queria consolar, afirmando: minha palavra teve determinado sucesso, de sorte que também vocês podem contar com ele, i. é, que “também guardarão a vossa palavra” (assim traduzem Lutero, Almeida e outros)? No entanto, isso não se encaixa bem no contexto todo. Nesse caso deveria constar mais claramente: “Se na verdade alguns guardaram a minha palavra, alguns também guardarão a palavra de vocês.” Sobretudo a frase subsequente do v. 21 somente pode ser relacionada a afirmações negativas. É impossível que Jesus tenha dito que as pessoas cumprirão a palavra dos discípulos, “porquanto não conhecem aquele que me enviou.” No entanto “*térein*” = cumprir, guardar” também pode ter o sentido de “vigiar”. Com um prefixo como “*paratérein*” o termo é usado em Mc 3.2 e Lc 14.1; 20.20 para designar uma “observação” maldosa. A essa acepção também corresponderia muito

bem o contexto da presente passagem. Os discípulos precisam prevenir-se de pessoas que “observam” cada palavra deles, i. é, que a ouvem com suspeita e traição, assim como presenciaram no caso de seu Mestre.

- 21** Todas as explicações seguintes de Jesus até Jo 16.4 mostram que Jesus vê seus discípulos na confrontação com Israel. **“Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou.”** No caso de “gentios” seria óbvio que não conhecem “o Pai” que o enviou. Para “gentios” tampouco o “nome”, o título de Messias significa algo. Porém Israel devia conhecer a Deus. Devia identificar e reconhecer em Jesus o Messias há muito esperado. Mas justamente Israel se tornou de modo terrível o “mundo” que odeia.
- 22/24** O ódio desse mundo “devoto” torna-se visível através do envio de Jesus, resultando em culpa própria. **“Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam. Mas, agora, não têm pretexto para seu pecado.”** Nessa palavra de Jesus torna-se mais uma vez explícito que **“pecado”** não são desacertos morais. Jesus não fala dos adultérios e roubos que acontecem em Israel, sob uma coberta devota. **“Pecado”** sempre se refere à oposição a Deus (mesmo que adultério e roubo sejam designados “pecados”). Os discípulos precisam saber que é justamente a pregação com autoridade que desmascara o pecado antes “dormente”, tornando-o simultaneamente indesculpável. Está claro que Israel justificará seu ódio contra Jesus e seus emissários com seu amor ardente a Deus. O zelo por Deus os torna perseguidores (Saulo!). Contudo estão enganados. **“Quem me odeia, odeia também a meu Pai.”** Não é possível “crer em Deus” e negar-se a crer em Jesus. Não se pode amar a Deus e odiar a Jesus. Além do mais, Jesus não tinha somente “palavras”, que poderiam ser condenadas como presunção vã. Ele apresentava **“obras”**, mais especificamente obras **“que nenhum outro fez”**. E todas essas **“obras”** estavam plenas de ajuda e graça: a cura do enfermo de muitos anos no tanque de Betesda, a cura do cego de nascença, a ressurreição de Lázaro. Jesus somente podia constatar: **“Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, que nenhum outro fez, pecado não teriam. Mas, agora, eles [as] têm visto, e apesar disso me odiaram, tanto a mim como a meu Pai.”** As obras de Jesus são fatos que não se pode simplesmente negar ou descartar. Tanto mais assustador é que esses milagres não convencem os corações, mas os levam a um ódio ainda maior (Jo 11.46-53). “Ver” milagres da graça e depois “odiar” apesar deles, isso agrava o pecado.
- 25** É incompreensível como isso pode acontecer. Contudo, a paz interior em acontecimentos desses é concedida novamente (cf. Jo 12.38-41; 13.18) pelo olhar para a Escritura. **“Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo.”** A palavra foram dada muito tempo antes e precisa agora ser **“cumprida”** na história do Cristo. A locução **“na sua lei”** não pode ter conotação depreciativa. Afinal, o **“cumprimento”** daquilo que está **“escrito”** nela é coisa séria. No entanto, por conhecerem **“sua”** lei há tanto tempo e a estudarem com zelo (Jo 5.39), deveriam estar precavidos. E deveriam assustar-se com o fato de que eles mesmos **“cumprem”** **“sua lei”** para sua própria condenação. Jesus está se reportando ao Sl 69.4. O v. 9 desse salmo já viera à lembrança dos discípulos por ocasião da purificação do templo (cf. Jo 2.17).
- 26/27** Será que apesar disso os discípulos podem entrar no mundo com seu serviço? Não será em vão? Nesse momento Jesus os lembra outra vez de que não precisam arriscar-se por força própria, solitários e indefesos, nesse mundo que os odeia, mas que possuem um **“Advogado”** que os assiste poderosamente. **“Quando, porém, vier o Advogado, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.”** Mesmo sem uma **“doutrina trinitária”** expressa, torna-se visível em palavras assim o mistério da vida divina na Trindade. “Jesus envia” o Espírito; porém o Espírito “procede do Pai”, e o Filho por isso o envia “da parte do Pai”. O Espírito, no entanto, dá testemunho acerca do Filho. Estamos diante de um entrelaçamento inextricável.
- O **“Advogado”** que Jesus envia é **“o Espírito da verdade”**. A verdade é sua única arma. Ele apresenta a verdade de Deus com poder convincente perante o mundo (Jo 16.8-11). Nessa ação, no entanto, não emprega nenhum método de influência, mas **“dará testemunho de mim”**. Os discípulos podem esperar muito de seu testemunho. Porém o seu próprio testemunho não se torna obsoleto com esse. Assim como a videira apenas dá fruto por meio da vide, assim o testemunho do Espírito apenas acontece em, com e sob o serviço testemunhal dos discípulos. **“Mas vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio.”** O testemunho **“histórico”** dos discípulos com base em sua própria vivência no convívio com Jesus não pode ser separado do **“testemunho do Espírito”**. Nisso os

discípulos, aos quais Jesus está falando, os “Doze”, os “apóstolos”, têm uma vocação muito singular. São as testemunhas originais, que não podem ser superadas nem mesmo substituídas por nenhum mensageiro posterior de Jesus, porque estiveram **“desde o princípio com Jesus”**. São “testemunhas” de sua vida, suas palavras, seus milagres, seus sofrimentos no verdadeiro sentido da palavra. Eles próprios viram e ouviram (cf. também At 1.21s). Com todos os pregadores, evangelistas e mestres, a igreja permanece “perseverante na doutrina dos apóstolos”. Ela está “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas” (Ef 2.20). Por isso o testemunho apostólico na coletânea de escritos do NT foi dado à igreja como fundamento até a parusia do Senhor. Esse serviço testemunhal apostólico, no entanto, inclusive o serviço do NT, torna-se eficaz somente pelo “testemunho do Espírito”, que convence os ouvintes ou leitores da mensagem apostólica a respeito da verdade.

16.1-4a A vocação dos apóstolos e de todos os discípulos de Jesus, de estar firmes no mundo como suas testemunhas, continua sendo árdua. A igreja poderia desanimar e tropeçar diante do aparente insucesso de seu serviço e em vista da resistência incrivelmente dura e ameaçadora. Será que ela deve colocar sua felicidade e sua vida constantemente em risco, passar repetidamente por privações e sofrer e apesar disso salvar apenas poucos? Jesus a prepara para isso. **“Tenho-vos dito estas coisas para que não venhais a cair.”** O termo grego que reproduzimos aqui com “vir a cair” é a palavra “*skándalon*”, que conhecemos da tradução RA como “escândalo”. Refere-se à madeira de armação numa “armadilha”, ou também à armadilha como tal. As amargas experiências com a inimizade do mundo, sobretudo do mundo “devoto”, podem ser como uma “armadilha”, na qual o discípulo cai durante sua caminhada, que o faz cair, tornando-o imprestável para o serviço. Por isso Jesus anuncia aos discípulos toda a gravidade de sua trajetória com franqueza. Tudo pode ser suportado mais facilmente quando se sabe o que virá e precisa vir irremediavelmente. **“Eles vos expulsarão das sinagogas. Sim, vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus.”** Novamente Jesus está enfocando a situação tipicamente “judaica”. A expulsão da sinagoga e a execução da pena de morte em cristãos como “culto a Deus” era concebível somente no judaísmo. Os discípulos de Jesus, ao contrário dos membros do Sinédrio em Jo 12.42, devem assumir o “banimento”, a expulsão da sinagoga, e estar prontos a entregar a vidas em processos religiosos. Também para os discípulos existe uma “hora” de sofrer, como havia a “hora” para seu Senhor. **“Isto farão porque não reconheceram o Pai, nem a mim.”** Indubitavelmente isso é a constatação da culpa daqueles que cometem o assassinato legal dos discípulos. Poderiam ter reconhecido o Pai e por isso também teriam de entender a Jesus e seus mensageiros. Em todos os processos contra discípulos de Jesus eles são sempre definidos como os “culpados”. Não raras vezes eles mesmos, na solidão dos cárceres, foram assaltados pela tribulação se de fato não deveriam ter falado e agido de modo diferente? Jesus fortalece seus discípulos com a clara constatação de que a culpa está inequivocamente do lado dos adversários, que não conhecem o Pai e por isso odeiam Jesus e seus discípulos. Em nenhum caso Jesus deixa os seus despreparados para essa “hora”. **“Ora, essas coisas vos tenho dito para que, quando a hora (para isso, ou: deles) chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse.”**

A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO – João 16.4b-15

^{4b} – Não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco.

⁵ – Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?

– Pelo contrário, porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração.

– Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.

⁸ – Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo:

⁹ – do pecado, porque não crêem em mim;

¹⁰ – da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais;

– do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

¹² – Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.

– Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a (ou: em) toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.

– Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

– **Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.**

4b/6 Nos primeiros tempos de seu discipulado Jesus ainda não falou nada aos discípulos a respeito da dificuldade do caminho e serviço. **“Não vos disse isso desde o princípio, porque eu estava convosco.”** No começo havia alegria e admiração (Jo 1.41,49), a promessa do céu aberto (Jo 1.50s) e a revelação de sua glória (Jo 2.11). Naquele tempo, vários anos de convivência estavam diante deles. Agora, porém, isso chegou ao fim. **“Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou.”** Quando Jesus acrescenta: **“e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?”**, isso parece contradizer Jo 13.36. Lá foi justamente Pedro, o líder do grupo dos Doze, quem lançou a pergunta: “Senhor, para onde vais?” Mas naquele momento os discípulos ainda não indagavam de fato pelo caminho de Jesus. Não estavam realmente cheios de expectativa desse caminho para a cruz e a glória. **“Pelo contrário, porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração.”** Vêm apenas as trevas que se estendem diante deles. Por essa razão não perguntam realmente pelo “para onde”, pelo alvo do caminho de Jesus. Ainda não lhes chamou a atenção que Jesus não afirma: “Agora tenho de morrer”, e sim “Agora vou para junto do Pai”. Em lugar da “alegria” que poderiam ter (Jo 14.28), o luto encheu seu coração.

7 Em seu luto não vêem a “realidade”, a **“verdade”**. Vêm tão somente o fim, a separação de Jesus, seu próprio abandono. Por isso Jesus precisa mostrar-lhes novamente “a verdade”, a realidade propriamente dita do evento todo. E essa “verdade” é bem diferente do que pensam. Não é uma perda, mas um ganho maravilhoso. **“Mas eu vos digo a verdade: Ajuda-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Advogado não virá para vós. Quando, porém, eu tiver ido, eu vo-lo enviarei.”** “Pentecostes” somente pode acontecer depois da “Sexta-Feira Santa”, depois da “Páscoa”. Apenas a ida de Jesus para a cruz e para o trono do Pai torna possível que ele **“envie”** o Espírito, o “Advogado” aos discípulos. Dessa maneira, porém, a saída de Jesus não apenas representa alegria para si mesmo (Jo 14.28), mas também **“ajuda”** os seus discípulos.

8/11 Por que, afinal, esse “Advogado” é tão precioso para os discípulos, de forma que a perda pela saída do Mestre é ricamente compensada por meio dele? Isso somente pode ser percebido a partir da grande incumbência dos discípulos. Se estivessem em jogo apenas eles mesmos, então realmente seria a melhor coisa se tudo ficasse como está, e eles continuassem tendo esse tranquilo convívio com Jesus. Porém, devem sair mundo afora. O Filho de Deus que se tornou ser humano não pode acompanhá-los para todos os lugares para ser seu Advogado. Mas o Espírito, que terá entrado neles, estará com eles em todos os lugares e tempos como Advogado que lutará por sua causa, ou melhor, pela causa de Jesus. Jesus acolhe a ilustração do “processo de Deus”, que na verdade domina os poderosos cap. 41-53 do livro de Isaías e também configura o salmo de arrependimento Sl 51. Os discípulos de Jesus estarão envolvidos nesse processo de Deus contra o mundo, incluindo o “mundo devoto” de Israel. Como “apóstolos” eles na verdade terão de conduzi-lo. Por isso é que precisam com tanta urgência do verdadeiro **“Advogado”**. Cumprir que seja um Advogado que tenha capacidade precisamente para aquilo que um advogado deve alcançar em juízo: **“convencer”** o oponente de que não tem razão. Também **“convencer”** é uma expressão do contexto judicial, utilizada para o Espírito de Deus e sua tarefa na grande batalha jurídica de Deus. **“Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo.”**

O **“mundo”** tem a sua concepção de **“pecado”** e considera Jesus – sobretudo em Israel – como o pecador ímpio, que merece a morte do criminoso. Ele também rejeita suas testemunhas e seus mensageiros como culpados que precisam ser exterminados (Saulo de Tarso!). O Advogado divino, porém, **“convencerá”** as pessoas de que, pelo contrário, precisamente essa incredulidade diante de Jesus é o “pecado” verdadeiro e crucial. Sem dúvida há muitos desacertos morais que também são criticados pelo mundo, mas o único pecado em que pessoas se perdem definitivamente é a incredulidade, é rejeitar Aquele que trouxe o amor salvador de Deus até nós. Apenas o Espírito de Deus é capaz de mostrá-lo a uma pessoa de tal modo que ela se renda a ele, reconhecendo uma vida honrada, laboriosa e “devota” como fracassada e culpada, porque era uma vida sem Jesus e na rejeição de Jesus.

Naquele processo a “justiça” está em questão. O Sinédrio pensa que está estabelecendo a justiça de Deus quando expulsa Jesus e arrasta os discípulos ao tribunal. Mas na verdade Deus demonstra sua justiça no fato de que ele “exalta” o Filho amado à cruz e ao trono celestial. Jesus é subtraído a qualquer poder humano. Isso os discípulos experimentam inicialmente de forma dolorosa, pois eles

também não têm mais seu Senhor visivelmente entre eles. Mas o Espírito há de “convencer” o mundo de que é dessa maneira que a verdadeira e santa justiça de Deus chega a seu alvo: **“da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais.”** Por isso também Pedro conclui seu discurso no dia de Pentecostes com a constatação dessa “justiça”: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.36). Ao convencer o mundo dessa “justiça”, o Espírito, como Advogado dos discípulos, torna-se acusador do mundo, que expulsou e condenou a Jesus. Ao mesmo tempo, o Espírito oferece ao mundo perdido a nova “justiça”, que já não é a justiça própria de pessoas devotas, mas “a justiça que procede de Deus, baseada na fé”, como Paulo formula em Fp 3.9.

Israel leva Jesus ao tribunal e pensa estar defendendo a causa de Deus contra o blasfemo. Na verdade acontece um “juízo” bem diferente, do qual Israel e o mundo nem sequer suspeitam. O que Jesus já anunciara em Jo 12.31 acontece agora, **“porque o príncipe deste mundo está julgado”**. Satanás acredita que por meio de seus instrumentos, que ele encontrou justamente nas pessoas proeminentes do povo da aliança e num discípulo de Jesus, finalmente poderá derrotar Jesus e aniquilá-lo exterior e interiormente no madeiro maldito. Em verdade tudo o que ele alega nesse processo torna-se “juízo” sobre ele mesmo. Que juízo abençoado, libertador e salvador de Deus! O “Advogado” convencerá disso. E pessoas que hoje ainda são “mundo” cego e prisioneiros de Satanás, hão de enaltecer esse “juízo” com gratidão como sua salvação pessoal e como a única esperança para o mundo. **“Porque o príncipe deste mundo está julgado”**: que por isso exista liberdade plena de suas acusações e de seu poder, desde que as pessoas invoquem o nome de Jesus com fé, não exclui que esse “príncipe” ainda subirá ao ápice do poder formal como anticristo e em seu reino mundial. Cabe prestar bem atenção na palavra de Jesus: o príncipe deste mundo está “julgado” pela cruz de Jesus, mas ainda não “aniquilado”, sim, nem mesmo “amarrado”. Essa execução da sentença acontece somente mais tarde (Ap 20.1-3; 20.10).

Deus será vitorioso nesse grande processo por meio desse “Advogado” no serviço e testemunho dos discípulos de Jesus. Por isso o envio desse Advogado é tão estritamente necessário. Os discípulos podem compreender que é uma “ajuda” para eles que Jesus vá, para que o Espírito venha.

12/13 É bastante misterioso o que Jesus declarou com tanta brevidade aos seus. Será que já não excede sua capacidade de compreensão? Quantos esclarecimentos ele ainda tem para lhes dar! Pensamos, p. ex., em tudo o que o Exaltado dirá por meio de João às “sete igrejas na Ásia” e, assim, à igreja de todos os tempos. Agora ainda não é hora para isso. **“Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.”** Jesus não precisa precipitar nada nem sobrecarregar seus discípulos. Afinal, não ficam sós e indefesos. **“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a (ou: em) toda a verdade.”** Os manuscritos divergem entre si. Será que o Espírito nos guia em direção de toda a verdade? A rigor a palavra “guiar” demanda a indicação de um alvo como esse. Mas talvez justamente por isso os copistas tenham modificado a frase. Por isso **“guiar em toda a verdade”** poderia ser a versão original. Então **“toda a verdade”** é o meio pelo qual o Espírito nos guia. Independentemente do que for, Jesus está seguro de que seus discípulos não serão vítimas nem do engano nem mesmo da mentira, porque **“o Espírito da verdade”** está com eles e dentro deles, que os conduz e não pode guiá-los de forma diferente do que por meio da verdade e até a verdade. A **“verdade toda”** ou **“todas as verdades”** não possui sentido estatístico, como se o Espírito de Deus instruisse sobre todas as verdades possíveis. Por essa razão Jesus falou expressamente **“da verdade”** no singular, assim como em Jo 14.6 tampouco se designou como a soma de uma variedade de verdades, mas “a verdade”. Somente nosso conhecimento secular se decompõe numa série de descobertas isoladas, as quais tentamos repetidamente sintetizar numa visão de mundo. A verdade de Deus participa da unicidade e unidade dele. Foi-nos prometido que sob a direção do Espírito essa verdade estará tão límpida e clara à nossa disposição quanto precisarmos dela agora para a nossa vida e para nosso serviço.

O Espírito pode e há de fazê-lo, **“porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido.”** Nós mesmos somos rapidamente desviados da verdade, porque estamos preocupados conosco mesmos e somos influenciados pelo nosso eu. Elaboramos nossos raciocínios a partir de nós mesmos. Por isso eles muitas vezes estão desfigurados e obscurecidos. O Espírito de Deus é diferente. Ele possui uma objetividade maravilhosa, divina: **“O que ele ouve – ouve a partir de Deus – isso ele falará.”** Nisso sua palavra equivale à palavra do próprio Jesus (Jo 12.49; 14.10). Mas também nesse caso é preciso atentar novamente para a unidade indissolúvel entre Pai e Filho.

Também o Espírito da verdade a tem diante dos olhos. O Espírito “ouve” tanto o Filho quanto o Pai, e haure dos bens do Filho para proclamar aos discípulos. Já lemos que o Espírito há de “fazer lembrar” os discípulos de tudo o que receberam de Jesus, e que os fará compreendê-lo plenamente. Também nesse sentido ele “dirá o que tiver ouvido”.

O Espírito de Deus, que falou através dos profetas, dá também aos discípulos a profecia de Jesus: **“E vos anunciará as coisas que hão de vir.”** Isso se cumpriu acima de tudo no serviço do próprio discípulo João, que escreveu à igreja “o” livro profético do NT. No entanto, também em outros momentos se pode constatar que o Espírito de Deus prenuncia “coisas que hão de vir”, que são importantes para a igreja ou individualmente para um enviado: At 11.27-30; 20.22s; 21.10s. O futuro nos está encoberto como aquilo que “há de vir” sobre nós no espaço terreno da vida e da história. Isso é difícil para nós. Por isso constantemente há pessoas que sucumbem à proposta de penetrar no futuro por meio do ocultismo. O discípulo de Jesus está liberto disso, porque através da revelação do Espírito Santo conhecemos o futuro de tal maneira que nada dele nos pode surpreender e paralisar completamente. É óbvio que as grandes descobertas a partir de Deus são tão misteriosas que o Espírito apenas é capaz de falar delas por metáforas. Não somos capazes nem mesmo de “imaginar” muitas dessas coisas. Muitas permanecem metáforas enigmáticas. Porém o Espírito anuncia e desvela por meio delas a cada geração da igreja de Jesus o “que há de vir” da forma como ela consegue captá-lo.

Será que com tudo isso o Espírito de Deus leva para além de Jesus, além de sua palavra e obra? Isso é impossível. Se Jesus é “a verdade”, o “Espírito da verdade” não pode ultrapassar a Jesus, mas sim levar cada vez mais fundo para dentro de Jesus. Com certeza encontramos no Apocalipse de João muitas coisas que Jesus ainda não falara aos discípulos em seus discursos sobre o futuro. Naquele tempo ainda não conseguiam “suportá-lo”, captá-lo. Também nas cartas apostólicas constam, pela orientação do Espírito, muitas coisas que ainda não haviam tido espaço na instrução de Jesus aos discípulos. No entanto, já verificamos diversas vezes na presente exposição que alguém como Paulo apenas concretiza, à sua maneira e para a situação das igrejas que lhe foram confiadas, aquilo que Jesus falou pessoalmente em sua palavra.

- 14 Isso nem poderia ser diferente, porque Pai, Filho e Espírito não podem ser separados e jamais podem ficar em posições opostas nem tentar superar um ao outro. Precisamente o Espírito Santo está, maravilhosamente esquecido de si, repleto apenas de Jesus. **“Ele me glorificará.”** Por isso sempre podemos ter certeza da eficácia do Espírito Santo, quando vemos Jesus se tornando grande em nós mesmos ou em outros. Paulo estava cheio do Espírito Santo quando decidiu nada saber entre os coríntios a não ser unicamente a Jesus Cristo, e a ele crucificado (1Co 2.2). A proclamação dos discípulos corresponderá então à vontade do Espírito de Deus e pode contar com a atestação por meio do Espírito, quando enaltecer Jesus em sua glória diante dos ouvintes e testemunhar Jesus como o Filho de Deus encarnado, crucificado, ressuscitado, exaltado à direita de Deus e que retornará. O Espírito não leva para além de Jesus, mas retorna a Jesus, **“porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”**. Já ouvimos que ele “fará” os discípulos “lembrarem de tudo o que Jesus lhes tem dito” (Jo 14.26). Mesmo ali, porém, quando o Espírito – como no Apocalipse – disser coisas novas, ele as extrai do que pertence a Jesus. Jesus está no centro, também do Apocalipse [= “revelação”]. Por outro lado, tampouco o “Filho” tem algo de si próprio.
- 15 Ele vive a partir do Pai. Ele pode atestar: **“Tudo quanto o Pai tem é meu. Por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.”** Essa palavra audaciosa não é a palavra do rebelde, que tenta apoderar-se dos bens de Deus, mas a palavra do Filho, que conhece o amor doador do Pai. Em seu último diálogo com o Pai Jesus acrescentará a palavra que a integra necessariamente como contrapartida e que confere à sua palavra aqui a pureza completa: “Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas” (Jo 17.10). Assim Pai e Filho estão unidos no amor pleno. O Espírito não glorifica a personalidade de Jesus, como fundador de uma religião ou algo semelhante, mas Jesus como a “palavra”, na qual o Pai se pronunciou a si mesmo. Quando o Espírito de fato glorifica a Jesus, vemos em Jesus o Pai. Através do Espírito desenvolve-se “a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (2Co 4.6). O Filho não deseja ter outra “glorificação” além dessa. Quando a glória de Deus for vista em sua face, então o Filho estará maravilhosamente glorificado.

– Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis.

¹⁷ – Então, alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis; e: Vou para o Pai?

– Diziam, pois: Que vem a ser esse – um pouco? Não compreendemos o que quer dizer.

¹⁹ – Percebendo Jesus que desejavam interrogá-lo, perguntou-lhes: Indagais entre vós a respeito disto que vos disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis?

– Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.

²¹ – A mulher, quando está para dar à luz, tem tristeza, porque a sua hora é chegada; mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem.

– Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar.

²³ – Naquele dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome.

– Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.

– Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora em que não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai.

²⁶ – Naquele dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei ao Pai por vós.

²⁷ – Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus.

– Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai.

²⁹ – Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura.

³⁰ – Agora, vemos que sabes todas as coisas e não precisas de que alguém te pergunte; por isso, cremos que, de fato, vieste de Deus.

³¹ – Respondeu-lhes Jesus: Credes agora?

– Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo.

³³ – Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.

16 Jesus já falou da vinda do “Advogado” e de sua atuação. O Espírito da verdade o glorificará e tomará “do que é dele” aquilo que ele anuncia. Portanto, será que a despedida de Jesus dos seus será de fato definitiva? Será que, então, eles mesmos não o terão mais? Será que ainda o terão somente na “palavra” e na ação do Espírito? A Jesus interessa que seus discípulos não o compreendam mal. Por isso ele agora fala com eles a respeito da “Páscoa”, de sua ressurreição e sua nova presença entre eles. De forma surpreendente, sucinta e enigmática para os discípulos, Jesus começa: **“Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis.”**

17/18 Os discípulos repetem para si a palavra, como estavam acostumados a fazer como “alunos” de um “professor” israelita, gravando assim as palavras do Mestre. Contudo admitem que não conseguem entender a palavra de Jesus. Muito menos quando ao mesmo tempo se lembram de sua asserção “Eu vou para o Pai” (Jo 16.5). Será que estar junto do Pai não é seu alvo para sempre, de modo que eles ainda ficarão separados dele bastante tempo, até que os leve para a casa do Pai com as muitas moradas? Não foi somente esse o sentido do que falara de sua “volta” em Jo 14.3? Será que ele agora tem algo diferente em mente? Agora eles dizem: **“Que vem a ser esse – um pouco? Não compreendemos o que quer dizer.”**

19/20 “Jesus percebendo que desejavam interrogá-lo.” Até mesmo quando “indagavam” em tom baixo por trás de suas costas, Jesus o percebe. Ele repete a palavra que para os discípulos é incompreensível e de fato formulada de modo enigmático, descrevendo agora os acontecimentos da forma como os próprios discípulos os experimentarão: **“Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará. Ficareis tristes, porém vossa tristeza se converterá em alegria.”** Também aqui o “mundo” é o mundo de Israel, o mundo dos sacerdotes e fariseus. Lá haverá alegria sobre o rápido e bem-sucedido aniquilamento de Jesus, sem qualquer reação por parte das massas que haviam aplaudido Jesus com júbilo. O desânimo de Jo 12.19 dará

lugar ao triunfo, que se expressa sensivelmente no escárnio em relação ao moribundo na cruz. Para os discípulos serão dias de luto e lamento. Porém Jesus pode assegurar a seus discípulos: isso durará apenas “um pouco”, será muito mais breve do que imaginam. Após o triunfo das pessoas na Sexta-Feira Santa, virá o poderoso “**porém**” divino da Páscoa: “**Porém vossa tristeza se converterá em alegria.**”

21/22 Como, afinal, é possível que dor verdadeira e aflição palpável revertam tão rapidamente em alegria? Isso é possível? Lembrem-se da mulher na hora do parto, diz Jesus. Ela passa por grandes dores e temor da morte. Mas tudo isso é esquecido e substituído por alegria indescritível, quando a mãe toma seu filho nos braços. “**A mulher, quando está para dar à luz, tem dor, porque sua hora é chegada. Mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pela alegria de que nasceu ao mundo uma pessoa.**” Em seu próprio modo de ser Jesus é tão integralmente abnegado que tampouco consegue imaginar a felicidade da jovem mãe como voltado para ela mesma. Ele considera que a alegria da mãe se volta para o grande fato de “**que nasceu ao mundo uma pessoa**”.

Admiravelmente abnegada é também a aplicação que Jesus faz dessa metáfora. Não deveria ele falar agora de si mesmo, de que precisa atravessar a ardente aflição como uma mulher em dores de parto, para que possa vir a nova vida? Ele, porém, pensa apenas em seus discípulos e naquilo que está diante deles. Deseja consolá-los. Somente deles é que fala. “**Assim também agora vós tendes tristeza. Mas outra vez vos verei. Vosso coração se alegrará, e vossa alegria ninguém poderá tirar.**” A princípio, ouvimos essa palavra involuntariamente como uma palavra da volta de Jesus. É cabalmente certo que na parusia a palavra encontrará seu último e pleno cumprimento. Mas neste momento Jesus está falando da Páscoa. A Páscoa era “reencontro”, e por isso também era “alegria (Jo 20.20; Mt 28.8; Lc 24.32,41). E até hoje é uma verdade para a igreja, apesar de todas as lutas e necessidades: “**Vossa alegria ninguém poderá tirar.**” A alegria concedida na Páscoa é imperdível e indestrutível. É verdade que essa “alegria” somente pode existir para aqueles que conhecem e amam a Jesus e que por isso sabem algo da “tristeza” pela qual os discípulos precisaram passar, quando Jesus lhes parecia ter sido tirado.

23/24 Se em todo o presente trecho Jesus está falando da Páscoa, então a promessa seguinte também já deve ter começado a se cumprir na Páscoa: “**Naquele dia, nada me perguntareis.**” De fato é assim. Em nenhum dos relatos pascais lemos algo sobre perguntas dos discípulos a seu Senhor ressuscitado, embora teria sido tão propício perguntar-lhe justamente naquela ocasião a respeito de muitas coisas. Porém os discípulos entenderam: a “Páscoa” já representa a resposta divina às perguntas centrais de nossa vida. A pergunta sobre nossa culpa e perdição obteve nela sua solução gloriosa. Todas as perguntas sobre nossa morte foram superadas ali. Não devemos mais dirigir a Jesus perguntas sobre a sua trajetória do céu para a terra, na terra até a cruz e até a sepultura, e da sepultura para a nova vida. Para a igreja vigora indubitavelmente que: Jesus foi “entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.25). Não há mais nada a perguntar. E para quem mantém seu olhar fixo nesse ponto, muitas perguntas torturantes de sua vida também perdem seu poder. Ele silencia.

No entanto, Jesus tem ainda outro enfoque. As “perguntas”, nas quais as pessoas se desgastam, são superadas e substituídas pelos “pedidos”. Outra vez Jesus recomenda aos seus a oração e os encoraja a orar, assegurando-lhes atendimento certo. “**Em verdade, em verdade vos digo: Se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome.**” Jesus altera um pouco a promessa de Jo 14.13s: aqui não é a oração dos discípulos, mas o conceder do Pai que acontece “em nome de Jesus”. A centralidade de Jesus é tão séria que os oradores somente podem pedir da forma correta e com confiança plena se olharem para ele, mas que também o Pai olha para Jesus quando concede a nós pecadores dádivas tão ricas. “Pecadores” jamais podem se arriscar a erguer os olhos para Deus e lhe pedir algo. E o cego de nascença tinha razão quando disse: “Sabemos que Deus não atende a pecadores” (Jo 9.31). Contudo, por causa de Jesus, o santo Deus é “Pai” para os discípulos. Por causa de Jesus eles ousam pedir ao Pai, por causa de Jesus Deus os atende e lhes concede o que pediram.

Os discípulos já ouviram a respeito desse pedir. Contudo ainda não o praticaram pessoalmente. Porém a partir da Páscoa eles saberão pedir desse modo. “**Até agora nada tendes pedido em meu nome. Pedi e recebereis, para que vossa alegria seja completa.**” Como israelitas os discípulos haviam orado muito. Não é isso que Jesus coloca em dúvida. Até hoje a riqueza da oração israelita está diante de nós nos Salmos. Contudo, é significativo que Jesus não se contente com um orar desses

por parte dos discípulos, e não apenas os anima a praticar essa oração com mais zelo e fidelidade. Ele transporta seus discípulos para uma base completamente nova, concedendo-lhes desse modo uma oração nova e plena de certeza. Numa vida de oração em nome de Jesus a “alegria” da Páscoa não fica circunscrita a um breve “tempo de alegria pascal”, mas é “completada” para uma alegria duradoura. Uma oração que é atendida, feita em nome de Jesus, leva ao recebimento de cada vez mais dons divinos. Esse recebimento, porém, enche o coração de alegria maravilhada. Então Jesus é experimentado como o Senhor vivo e seu nome é experimentado como poder de socorro.

25 “**Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras.**” A palavra traduzida por “figuras” não se refere tanto à “comparação” explicativa, mas na realidade à “palavra enigmática”. Um “enigma” fala com palavras que em si não são incompreensíveis e que, apesar disso, apontam para algo que o ouvinte não pode entender de forma simples. De acordo com Mc 4.11s, também as “parábolas” de Jesus não visam ser “ilustração”, mas “palavras enigmáticas” que tanto encobrem quanto revelam. “Luz”, “vida”, “água”, “pão”, “porta”, “Pai”, “Filho” – são todas palavras simples conhecidas de todos, e apesar disso a realidade para a qual apontam ainda permanece oculta quando Jesus as usa em sua proclamação e em seu autotestemunho. Contudo, as coisas hão de mudar. **“Vem a hora em que não vos falarei por meio de figuras, mas vos proclamarei claramente a respeito do Pai.”** Quando virá essa “hora”? Cabe lembrar novamente a Páscoa. Pois na parusia Jesus não **“proclamará”** mais. É isso que os discípulos poderão contemplar diretamente. Porém após sua ressurreição Jesus **“proclama”** de novo. E de fato o faz “claramente” e de forma diferente do que fazia antes da Sexta-Feira da Paixão e da Páscoa. Vemo-lo no caso dos discípulos no caminho para Emaús, aos quais “expunha as Escrituras” (Lc 24.25-32). Mas o sentido ainda é outro. Na perspectiva de Jesus, o envio do Espírito, isto é, “Pentecostes” (Jo 20.22), faz parte da Páscoa como decorrência de sua “exaltação” (Jo 16.7). E agora aparece nitidamente diante de nós como o verdadeiro e vivo reconhecimento de Deus surge nos discípulos, porque agora Jesus lhes fala “claramente” no Espírito Santo. Conseqüentemente, antes perplexos, equivocados, deprimidos, transformam-se em testemunhas, que por sua vez são capazes de proclamar **“claramente”**, cheios de coragem e franqueza.

26/28 Essa “coragem franca”, essa convicção plena, mostra-se primeiro no centro mais íntimo de nossa vida de fé, na ruptura daquela verdadeira oração de que Jesus falou. **“Naquele dia, pedireis em meu nome.”** Novamente fica claro que em tudo isso Jesus não pensava no dia de sua parusia, mas tinha em vista a Páscoa e Pentecostes numa unidade. O dia da parusia não leva a que se peça em nome de Jesus, porém àquela unificação cabal da igreja com seu cabeça, que torna esse “pedir” desnecessário. Porém, desde “aquele dia”, desde a ressurreição de Jesus e da efusão do Espírito, existe até hoje essa verdadeira oração em nome de Jesus.

Em seu amor ao Pai, o Filho teme um mal-entendido que poderia advir de sua constante ênfase na oração “em seu nome”. Será que Deus não está disposto a nos atender por si mesmo? Será que ele é duro e frio conosco, sendo movido somente por Jesus para atender nossas preces? Será que carecemos da constante intercessão de Jesus para alcançar algo junto de Deus? Não! Jesus assegura expressamente: **“E não vos digo que rogarei ao Pai por vós. Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e crido que eu vim da parte de Deus.”** Como é maravilhoso saber que Deus é para nós o Pai e nos ama pessoalmente. Na oração temos realmente o privilégio de falar com o santo Deus “como filhos amados pedem ao querido Pai”. Porém não possuímos esse amor do Pai por natureza. Por natureza somos “filhos da ira” (Ef 2.3). O amor de Deus apenas nos é dado quando e porque “temos amado e crido” que ele veio da parte de Deus. O amor de Deus está disponível apenas pela aceitação do amor do Filho e pela fé em Jesus. Continua valendo: “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Por essa razão justamente Jesus sintetiza mais uma vez agora toda a sua obra e a expõe diante dos discípulos: **“Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai.”**

29/30 Os discípulos estão consternados com tudo o que Jesus lhes declarou, e agora pensam que suas últimas palavras já estão experimentando a “hora” de que Jesus falou. **“Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura. Agora, vemos que sabes todas as coisas e não precisas de que alguém te pergunte. Por isso, cremos que, de fato, vieste de Deus.”** Nesse momento também para eles a palavra de seu Senhor lhes parece ser bem clara e certa, embora Jesus não lhes diga coisa além do que lhes testemunhara constantemente sobre si mesmo. Não foi nas palavras de Jesus que algo mudou, mas os discípulos parecem conseguir captá-las de outra maneira.

31/32 Enganam-se, porém, no ímpeto de seu sentimento, quando acreditam que agora já podem ter o que somente pode ser concedido depois da cruz e ressurreição por meio do derramamento do Espírito. É isso que a resposta de Jesus traz à memória. Podemos ler essa resposta como pergunta, mas também como constatação positiva: **“Respondeu-lhes Jesus: Agora credes.”** Em todos os casos deparamo-nos mais uma vez (como já em Jo 2.23-25; 8.31ss; 10.41s; 11.45; 12.42) com o fato de uma “fé” em Jesus que não pode ser simplesmente negada e que apesar disso não é aquela verdadeira fé decisiva. Ainda que não ouçamos a palavra de Jesus no tom de uma pergunta desesperada, a fé comovida, emotiva dos discípulos não é uma fé que resiste às tribulações da próxima hora. **“Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para a sua casa, e me deixareis só.”** Igualmente poderia ser traduzido: “que vos dispersareis.” Mas está sendo usada a mesma palavra de Jo 10.12. Lá é o lobo quem “dispersa, espanta” as ovelhas. Em consonância, não estaria Jesus pensando também aqui que os discípulos são dispersos para todos os lados pelo ataque das trevas contra Jesus? É claro que, como consequência, também espalhariam pessoalmente **“cada um para a sua casa”**. **“A sua casa”** pode ser uma expressão daquilo que nós chamamos de “terra natal”. E no capítulo do acréscimo (Jo 21.1s) de fato encontramos uma porção dos discípulos na velha terra no lago de Tiberíades. Também Mateus (Mt 28.7) tem conhecimento desse retorno dos discípulos para a Galiléia, que aconteceu em virtude de uma instrução expressa do Senhor. **“A sua casa”**, no entanto, também pode significar de forma mais abrangente e genérica que os discípulos abandonam Jesus e sua causa e se voltam outra vez a seus próprios afazeres. Acontecerá, de fato, o que Pedro e, através de sua boca, os “Doze” haviam recusado fazer na Galiléia (Jo 6.67-69). Até eles, que eram seguidores mais chegados “vão embora”, e Jesus permanece completamente só. Contudo ele não é uma pessoa que não tem mais ninguém quando as pessoas o abandonam. Ele é o Filho, que pode afirmar: **“Contudo, não estou só, porque o Pai está comigo.”** A partir dessa palavra torna-se visível toda a profundidade da aflição, quando o Filho como portador da nossa culpa também será abandonado pelo Pai. O Filho, que durante toda a vida na terra está “no seio do Pai” (Jo 1.18), indissoluvelmente ligado ao Pai, experimenta de maneira bem diferente do que nós o que é ser abandonado por Deus. Para ele é algo avesso à sua essência, impossível, incompreensível, e que apesar disso lhe acontece. É verdadeiramente terrível o grito de Jesus na cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”.

33 Jesus, porém, não está preocupado consigo mesmo, mas com seus discípulos. O que será deles quando o abandonarem e cada um se espalhar para a sua casa? **“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim.”** Não se pode entender isso. Jesus não deveria dizer aos apóstolos em tom ameaçador: se me abandonarem de forma infiel, vocês se precipitarão na falta de paz? Assim seria se os discípulos estivessem por conta de si mesmos. Então tudo teria acabado quando fracassassem. Em si mesmos não conseguem encontrar a paz. Porém, **“em mim”**, em Jesus, eles **“terão paz”** - unicamente nele, mas nesse caso também com toda a certeza. Não precisam andar o caminho de desespero de Judas e tampouco o farão. Contudo unicamente isso será seu último apoio, o fato de que Jesus lhes prediz tudo e, apesar disso, não lhes retira seu amor.

Sem dúvida, **“no mundo passais por aflições”**. Vocês sentirão essas “aflições” imediatamente, quando em pouco tempo as autoridades eclesiásticas e seculares agirem e aprisionarem o Mestre de vocês. E até mesmo depois do alegre reencontro na Páscoa e apesar da “alegria que ninguém poderá tirar” (v. 22) a vida de vocês estará repleta de muitas tribulações. Não são vocês mesmos que precisam dar conta disso. Quando virem lado a lado o pequeno e fraco grupinho de vocês e o grande e poderoso “mundo”, como vocês poderão acreditar que seriam capazes de dominar esse mundo? **“Mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.”** Esse “vencer” o mundo obviamente tem um aspecto completamente diferente do que nós imaginamos e desejamos. Não é um triunfo visível, exterior, no qual o “mundo” é forçado por Jesus a ficar de joelhos. Não, é precisamente na morte indefesa, voluntária no madeiro maldito que acontece essa “vitória” sobre o mundo. Nele o mundo foi **“vencido”** no mais íntimo, em sua essência. Essa vitória de seu Senhor igualmente aponta o caminho para os discípulos. Também eles jamais terão a vitória com força e superioridade exterior, mas sempre viverão apenas como os que morreram e vencerão o mundo como os indefesos, os fracos e sofredores. Esse vencer acontece “em Cristo”, com base no fato de sua vitória realizada. No fim dos tempos, porém, a vitória de Jesus se tornará visível com glória, quando “todo joelho se dobrar diante dele e toda língua confessar que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.9-11).

2 – O ÚLTIMO DIÁLOGO DE JESUS COM O PAI – JOÃO 17

A ORAÇÃO DE JESUS POR SI MESMO – João 17.1-5

- Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: **Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,**
- **assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.**
- **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.**
- ⁴ – **Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer.**
- **E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.**

1 “**Essas coisas falou Jesus.**” Podemos ver todo o evento concretamente diante de nós. Os discursos de despedida começam com a última ceia que Jesus realiza com seus discípulos (Jo 13). O discurso de Jesus se prolonga ainda no recinto da ceia, até partirem por ordem do próprio Jesus (Jo 14). O trajeto pela cidade e descendo a encosta ao vale do Cedrom não é percorrido em silêncio. Jesus continua falando com seus discípulos. A videira no jardim ao lado do caminho, claramente visível sob o brilho da lua cheia, pode ter sido o motivo para o discurso metafórico de Jesus em Jo 15. Agora já foi dito tudo o que preenche os capítulos de Jo 15 e 16. Jesus chegou diretamente ao Cedrom. Tão logo ele o atravessar e entrar no Jardim das Oliveiras (Jo 18.1s), estará à mercê de seu traidor e de seus inimigos. Por isso Jesus se detém ali, antes do último passo em direção ao sofrimento. Nessa hora ele precisa falar não apenas com pessoas. Sua última palavra não se dirige a elas, e sim ao Pai. Ouvimos o Filho em seu último diálogo com o Pai.

Como todos os autores bíblicos, João mostra uma reverência singela diante do mistério, de modo que não tenta violá-lo com perguntas e análises. Por essa razão, ele permite apenas, por meio de alusões, que observemos o contato de Jesus com Deus, sua vida de oração. Agora, porém, enfim é permitido ouvir: desse modo orava Jesus, assim o Filho conversava com o Pai.

Logo no começo dessa oração deparamo-nos com o mistério. “**Essas coisas falou Jesus e levantou os olhos ao céu e disse: Pai.**” Acaso Jesus não se empenhou com todas as forças para mostrar aos discípulos que ele está no Pai e o Pai está nele (Jo 14.10)? Será que de fato ainda existe um diálogo real entre Jesus e o “Pai nele”? Acaso Jesus ainda precisa e pode “**levantar os olhos ao céu**”, como se Deus estivesse lá “em cima”? Ainda que o fato de Deus estar “no céu” e “no Filho” não seja tão compreensível para nós de forma concreta e sem contradições nessas imagens espaciais, reconhecemos que ambos os aspectos são verdadeiros: a plena unidade do Pai e do Filho, e a plena autonomia das duas pessoas, que se expressa quando o Filho ergue o olhar ao Pai e quando há o diálogo genuíno de pedir e ser atendido. Igualmente leva-se a sério a plena encarnação do Filho. O Pai pode ser visto no Filho. Mas, como ser humano sobre a terra, o Filho ergue os olhos ao céu e interpela a Deus.

“**Pai, é chegada a hora.**” Quanto tempo Jesus esperou por essa “hora” (Jo 2.4)! Agora ela chegou. O que é preciso pedir ao Pai agora? Já temos essa resposta em Jo 12.27,28. Não pode ser salvação dessa hora, que “precisava” vir e pela qual o Filho esperava ardentemente. A única opção é que “a hora” alcance o grande alvo. Por essa razão a prece de Jesus é: “**Glorifica teu Filho, para que o Filho te glorifique.**” Esse alvo, porém, não está somente além da hora, como uma recompensa depois do sofrimento. Se quiséssemos interpretar a prece de Jesus dessa forma teríamos de esquecer tudo o que Jesus afirmou sobre sua “exaltação” na cruz. Não: é precisamente na “hora” em si, na trajetória do sofrimento que está para começar, que a glorificação do Filho, que se torna ao mesmo tempo glorificação do Pai pelo Filho, deve acontecer. Essa glorificação do Filho, no entanto, não acontece por si mesma. Tampouco é obra pessoal de Jesus. Unicamente o Pai pode efetua-la, razão pela qual precisa ser solicitada pelo Filho, que obviamente tem plena certeza de ser atendido.

2 Jesus pode ter tanta certeza de que essa prece será atendida porque essa glorificação do Filho no sofrimento não é nada mais que a concretização de uma soberania que há muito foi concedida ao Filho: “**Assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne.**” A expressão “**toda a carne**”, já utilizada diversas vezes no AT, abrange a totalidade da existência das criaturas, a criação como um todo, porém refere-se de modo bem especial à humanidade como criada e transitória. “**Autoridade**

sobre toda a carne” é precisamente o poder de Deus. Já Moisés e Arão adoraram a Deus como o “Deus do espírito de toda a carne” (Nm 16.22). E o próprio Deus declara ao profeta Jeremias: “Eu sou Deus de toda a carne” (Jr 32.27). O Pai transfere essa autoridade de Deus a Jesus. Nisso Jesus vê o motivo que o faz orar cheio de certeza pela “glorificação”. Também nesse caso o termo grego “*kathos*” = “como” possui um sentido causal. Essa autoridade, porém, não é simplesmente “poder” em si, mas serve à vontade do amor de e à salvação das pessoas. Jesus a possui **“a fim de que ele conceda a vida eterna a tudo os que lhe deste”**. O fato de ser “carne” torna passageira a criatura, que na verdade não possui “vida eterna” (Jo 3.6). Contudo, através de Jesus as pessoas devem obter “vida eterna”. Novamente transparece a idéia da eleição, para nós tão difícil, de Jo 6.37. Jesus não fala simplesmente da autoridade sobre toda a carne, para que ele conceda vida eterna a toda a carne. O verdadeiro teor, bastante complicado, **“para que tudo que tu lhe deste, ele lhes conceda vida eterna”** mostra com mais clareza que se trata apenas de uma “seleção” de pessoas, às quais é concedida a dádiva inaudita. Essa dádiva da vida eterna, no entanto, somente vem aos eleitos pelo fato de que o Filho de Deus se deixa transformar em pecado na cruz (Jo 3.15).

- 3 Em que consiste essa **“vida eterna”**? Surpreendemo-nos com a resposta: **“E a vida eterna é esta: Que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”** A “vida eterna” consiste em “conhecer”. Essa não é a opinião fundamental típica da “gnose”? Contudo, nos lábios de Jesus essa palavra não tem sentido “gnóstico”, e o “conhecer” não está sobreposto ao mero “crer” como se fosse algo superior. Ela tem uma definição simplesmente “bíblica”, não se contrapondo, já em Jo 6.69, ao crer, mas está firmemente ligada à fé. Precisamos ter em mente a abundância de passagens do AT em que “reconhecer a Deus” é visto como o centro da vida. Acima de tudo, a “nova aliança” profetizada por Jeremias possui glória precisamente pelo fato de que todos hão de “reconhecer” a Deus (Jr 31.34). De forma muito significativa, também nesse caso o “conhecer” não está vinculado a forças superiores da razão, mas ao perdão dos pecados e à redenção da culpa. É desse **“conhecer”** que Jesus está falando. Ele é **“vida eterna”** pelo fato de que possui o conteúdo mais sublime e eterno. Aqui **“o único Deus verdadeiro”** é reconhecido. Do mesmo modo podemos traduzir: **“o único Deus real”**. Na humanidade houve e há em abundância imagens humanas de Deus e “deuses” falsos, inautênticos. Junto deles não encontramos a “vida eterna”. Somente são capazes de nos seduzir e enganar com mentiras sobre a vida. Ao “conhecermos” o único que é Deus verdadeiro é-nos atribuída vida tão eterna e inexaurível quanto o próprio Deus. Então “conhecer” não é o mero raciocinar idéias corretas sobre Deus. Na Bíblia, **“conhecer”** significa um apreender essencial mediante uma entrega viva e um relacionamento vivo. O Deus santo e verdadeiro jamais pode ser objeto de nosso conhecimento intelectual, de nossa investigação científica. Já no âmbito humano conhecemos pessoas de um modo completamente diferente: pelo “encontro” com amor, confiança e obediência. Deus, porém, nos concede o encontro com ele naquele, **“a quem enviou, Jesus Cristo”**. Por isso o “e” na frase da oração de Jesus não denota “adição”, juntando duas grandezas distintas. Não reconhecemos primeiro a Deus e em segundo lugar a Jesus Cristo, mas em **“Jesus”** encontramos **“o único Deus verdadeiro”**. Jesus está apenas sintetizando o que explanou exaustivamente em Jo 14.6-11. Nessa síntese Jesus está vendo o grande acontecimento que resulta de seu sacrifício na cruz tão vivamente diante de si, que fala de si próprio na terceira pessoa. Inúmeras pessoas em todo o mundo encontram em Jesus Cristo o verdadeiro Deus e, por conseqüência, a vida eterna.
- 4 A distância em que nos encontramos de qualquer “gnose” e de toda a “mística” é revelada de imediato pela frase seguinte. **“Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer.”** Jesus fala da “obra” que ele **“consumou”** nessa terra. Ele fala disso como se a pior parcela dessa “obra”, a cruz, já estivesse atrás dele. Tão seguro Jesus está da consumação. Contudo, exclamará “Está consumado” somente quando inclinar a cabeça e morrer (Jo 19.30). Agora ele faz um retrospecto dos anos de atuação e luta. Com vistas aos v. 4,6,8,12,14,22,26, podemos afirmar que a oração de Jesus nesse retrospecto se torna uma sagrada prestação de contas do Filho perante o Pai. Em tudo que preencheu esses anos, ele **“glorificou”** a Deus. Sua **“obra”** não era constituída de reflexão meditativa e de compenetração mística, mas de “ação”. A obra lhe foi **“confiada”** pelo Pai, **“para fazê-la”**. Não representou um fardo, mas foi para ele uma “dádiva” do Pai. Com quanta satisfação o Filho realizou essa obra, **“glorificando na terra”** o Pai.
- 5 Com base nisso, ele também pode pedir ao Pai com plena confiança: **“E, agora, glorifica-me, ó Pai, junto de ti, com a glória que eu tive, antes que houvesse mundo, junto de ti.”** Nesse momento seu

olhar e seu anseio ultrapassam a “exaltação” na cruz, chegando à glória perfeita, que corresponde ao que ele já possuía originalmente. Também agora, em sua trajetória em direção à desonra da cruz, Jesus sustenta com tranqüila convicção que ele “vem do alto” e “do céu” (Jo 3.31; 8.23), da “glória” que ele tinha junto do Pai antes da criação do mundo. Foi dessa glória que ele se esvaziou (Fp 2.5ss) ao se tornar “carne”. Ainda assim, podia ser “vista” por olhos iluminados (Jo 1.14). Contudo, ao sair agora do mundo para o Pai, sua glória lhe é devolvida integralmente. É divinamente “justo” que aconteça assim, e o Espírito Santo convence o mundo dessa “justiça” (Jo 16.10). No entanto, a nova glorificação, que Jesus espera e pede, não é simplesmente o restabelecimento de uma situação anterior, pois agora é glorificado aquele que aceitou a condição humana de modo imperdível. Nessa humanidade ele experimentou o que o Filho eterno de Deus, por sua essência, jamais poderia experimentar e alcançar: tortura, desonra, maldição e morte. Também como novamente exaltado ele continua sendo aquele que traz as chagas, sendo realmente reconhecível através delas (Jo 20.24-28). Por essa razão a “glória de Filho” que ele recebe agora é completamente outra, repleta de toda a imensa obra da redenção. Agora vale o júbilo de adoração de Ap 5.12: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor.” Assim o Filho ainda não podia ser enaltecido em sua glória original. Essa prece de Jesus enfatiza duas vezes que a glória original, assim como a que agora é esperada, não é nada que o Filho possa ter em e para si mesmo. Unicamente o Pai pode glorificar o Filho, e o Filho somente pode pedir por essa glória e recebê-la do Pai. Uma construção complicada da frase, que mantivemos também na tradução, ressalta especialmente o duplo “junto de ti”: somente estando junto do Pai o Filho possui glória. Na vida do discípulo, isso corresponde à circunstância de que também ele jamais poderá encontrar vida eterna e glória em sua própria existência, nem mesmo na consumação, mas unicamente em “estar junto de Cristo” (v. 22-24).

A INTERCESSÃO DE JESUS POR SEUS DISCÍPULOS – João 17.6-19

⁶ – **Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra.**

⁷ – **Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; – porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.**

⁹ – **É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus;**

– **ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado.**

– **Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti.**

Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.

– **Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura.**

– **Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos.**

¹⁴ – **Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou.**

– **Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.**

¹⁶ – **Eles não são do mundo, como também eu não sou.**

– **Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.**

– **Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.**

– **E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.**

Para si próprio Jesus pediu ao Pai que o glorificasse. Agora sua oração se volta para os discípulos e se torna uma intercessão por eles.

6/8 O que caracteriza seus discípulos? Por que Jesus consegue orar com convicção por eles? Por natureza são pessoas como todas as demais e fazem parte do “mundo”. Mas agora aconteceu algo com eles que os transforma completamente. São “**pessoas que me deste para fora do mundo**”. O Filho não é capaz de fazer nada por si próprio, nem mesmo transformar pessoas em discípulos. Somente pode acolher aqueles que o próprio Deus lhe dá. Sua “escolha” dos discípulos (Jo 15.16) está alicerçada sobre uma escolha de Deus. Por isso Jesus enfatiza: “**Pertencem a ti, e tu mos**

confiaste.” No v. 9 ouviremos mais a esse respeito. Prevalece o que Jesus já afirmou com muita seriedade em Jo 6.37,44,65: somente os que o Pai lhe dá e por isso atraindo para junto dele, vêm até ele. Porém agora Jesus pôde agir nessas pessoas que o Pai lhe encaminhou. **“Manifestei teu nome às pessoas.”** Para nós é penoso compreender corretamente todo o conteúdo, e também toda a alegria dessa declaração de Jesus. Será que há tanta importância no “nome de Deus”? Porventura um “nome” não é uma questão bastante exterior? Pode ser assim. Porém, também nós conhecemos essa situação, de que a um “nome” se associa todo o ser daquele que é portador desse nome. Quando dizemos “Abraão” ou “Moisés” ou “Paulo”, surge inicialmente toda uma realidade de vida. Consequentemente, também poderíamos traduzir a palavra da oração de Jesus por “Eu lhes revelei a tua essência”. O “nome” formula a essência. Em vista disso, o “nome” possibilita que tratemos ao outro como aquele que ele é. Conheço o outro e estou ligado a ele quando sei o seu “nome”.

Tudo isso vale de modo especial para Deus e para o nosso conhecimento de seu nome. O **“nome”** de Deus não está sob o controle de uma pessoa. A essência e a verdade de Deus estão ocultas para nós. Por isso, para Moisés não foi suficiente que Deus se apresentasse na sarça incandescente como “o Deus dos pais”, dando-lhe a incumbência de libertar o povo. Pelo seu bem e pelo bem do povo ele precisava saber o **“nome”** de Deus, a fim de poder confiar realmente Nele e invocá-lo corretamente. Naquele tempo Israel foi presenteado com o nome de “Javé” (“Jeová”; Êx 3.13-15). Agora, porém, esse nome, que não tem mais importância no NT, não está mais em questão. Agora esse “nome manifesto” é o nome de Deus como Pai. Ele se tornou acessível aos discípulos na palavra que Jesus podia transmitir-lhes como a palavra do próprio Deus. A revelação do “nome” caracteriza a revelação como revelação da palavra. O Pai se manifesta no Filho não em experiências místicas inexprimíveis, mas na “palavra” inequívoca.

Em razão disso Jesus pode constatar imediatamente o fruto de sua revelação: **“E eles têm guardado a tua palavra.”** Isto os capacitou a reconhecer por eles mesmos o aspecto crucial da revelação de Deus por meio de Jesus. **“Agora eles reconheceram que todas as coisas que me tens dado provêm de ti.”** Para Jesus, essa afirmação é tão grandiosa no diálogo com o Pai que ele a repete outra vez, com maior clareza. **“Porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e chegaram a crer que tu me enviaste.”** Justamente porque Deus “deu” as palavras a Jesus elas não são meras “palavras”, e sim *“rhēmata”*, palavras eficazes e plenas de realidade. As pessoas que as **“aceitaram”**, chegaram a **“conhecer”** e a **“crer”** por meio delas. Captaram o envio de Jesus, motivo pelo qual conseguiram ver o próprio Pai naquele que **“saiu do Pai”**, e desse modo conhecer e dizer o seu **“nome”**. Não apenas ouviram uma pessoa que, como muitos antes e depois dele, tinha seus pensamentos sobre Deus e ensinava esses seus pensamentos. Não, **“agora eles reconheceram que todas as coisas que me tens dado provêm de ti”**. Jesus é o Revelador, que traz a realidade própria a Deus até as pessoas.

Entretanto, ao ouvirmos essas palavras de oração de Jesus cabe-nos superar ainda outra dificuldade. Com alegria, Jesus diz ao Pai o que realizou pela manifestação do Seu nome. Porém, será de fato assim? Será que seus discípulos realmente **“guardaram”** a sua palavra, a **“receberam”** e **“reconheceram”** e **“chegaram a crer”**? Não vemos até o final dos discursos de despedida (Jo 16.29-31) que Jesus não consegue considerar sua suposta fé como fé verdadeira? E a hora seguinte não há de mostrar que os discípulos de fato ainda não **“reconheceram e creram”**? É preciso que retornemos ao que explicitamos em relação a Jo 6.67-69. A atuação reveladora de Jesus não foi em vão. Crer e reconhecer na Páscoa e em Pentecostes somente foi possível porque já estavam fundamentados e haviam começado a germinar em todo o convívio de Jesus com os apóstolos. Diante de seu Pai, Jesus agora vê essa semente já desenvolvida, e olha para o futuro, como o fará expressamente no v. 20. Diante do Pai ele pode falar desse futuro como um acontecimento do passado. E aqui todos nós, que recebemos essas suas palavras por meio dos discípulos e igualmente chegamos a esse “conhecimento verdadeiro” e a essa “fé” bem definida, já estamos incluídos.

9/10 A oração de Jesus vale para pessoas nessa situação. Não pode valer para o mundo enquanto “mundo”. Jesus não pode orar por um mundo formado por uma multiformidade indefinida de pessoas. O Filho está vinculado ao Pai. **“É por eles que eu rogo. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus.”** Não foi ele que, com a magnitude de seu intelecto e sua arrebatadora força de persuasão, conquistou as pessoas pelas quais intercede nessa oração. O fato de que pessoas chegaram a Jesus e até esse momento permaneceram junto dele reside exclusivamente na dádiva de Deus. Esse **“dar”** acontece com liberdade divina. Deus dispõe das pessoas, elas **“são dele”**

porque Ele é seu Criador. Mas precisamente nesse momento, numa oração dessas, Jesus precisa articular mais uma vez toda a unidade que o liga ao Pai de maneira bem real. **“Ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas.”** Aqui, “vontade própria” não é possível nem necessária. O Pai concede ao Filho com amor pleno. Mas o Filho não segura nada para si, porém alegremente coloca à disposição do Pai o que foi adquirido por meio de sua atuação. **“Todas as minhas coisas são tuas”**: essa não é o discurso de uma submissão forçada, e sim, do mais livre amor. **“As tuas coisas são minhas”**: essa não é uma afirmação reivindicatória. Quem fala é a gratidão que aceita a dádiva do amor que presenteia. Por isso, somente no relacionamento entre “Pai” e “Filho” reconhecemos o que é o amor verdadeiro e integral.

Precisamente desse modo as pessoas que o Pai concedeu a Jesus servem à glorificação deste. **“E sou glorificado neles.”** Essa glorificação de Jesus não se alicerça sobre a competência e grandiosidade dos discípulos. Não há nada para admirar nos discípulos como tais. Contudo, Jesus comprou ao preço da sua vida justamente pessoas tão imprestáveis, pervertidas e perdidas, introduzindo-as numa nova vida de fé e oração, amor e esperança. Ele é “glorificado neles” por meio desse seu poder misericordioso de Salvador.

- 11 Por que Jesus precisa interceder por eles? **“Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti.”** Jesus agora pode sair de todas as aflições, lutas e tribulações do mundo e ir para a glória junto do Pai. Os discípulos, porém, ainda não podem acompanhá-lo. Eles “estão no mundo”. Jesus sabe o que isso significa. O mundo é como um largo e forte rio cuja correnteza arrasta tudo incessantemente, cada vez mais para longe de Deus. Procedem também do mundo os intensos golpes com que o senhor do mundo tenta arrancar os fiéis de Deus. “Estar no mundo” significa ter de viver constantemente no seu ódio. Será que os discípulos não sucumbirão? Não fraquejarão (1Ts 3.3), deixando-se arrastar imperceptivelmente para longe de Deus? Nessa situação irrompe a prece de Jesus: **“Pai santo, guarda-o [ou: os] em teu nome, que me deste.”** Em vista de todo o poder do mundo e de seu príncipe, Jesus se conscientiza da santa magnitude e do poder de Deus. O Pai é o **“Santo”** que certamente é capaz de proteger os discípulos por meio de seu poder e sua glória divinos e superiores ao mundo. Como **“Pai santo”**, Ele também o fará por sua fidelidade, uma vez que deu essas pessoas ao Filho. Jesus roga que o Pai as **“guarde em seu nome”**. Não se trata de proteger contra aflição e sofrimentos. Tampouco de preservar seu bem-estar terreno ou sua vida passageira. Contudo, em todas as situações devem permanecer naquilo que o “nome de Deus” lhes revelou a respeito da essência, da verdade, do poder e da graça de Deus. Jesus suplica que seus discípulos preservem o “nome de Deus” também no fracasso, em derrotas, medo e tribulação, dessa maneira permanecendo apegados a Deus, porque Deus os segura.

Se a forma, inicialmente estranha para nós, estiver correta, então Jesus acrescentou **“que me deste”** a **“nome de Deus”** (no qual os discípulos devem ser guardados). Nesse caso, o presente texto também enfatiza que esse “nome de Deus” existe para nós unicamente porque Jesus no-lo manifestou. Ao fazê-lo, Jesus apenas passou adiante o que o Pai lhe dera. O Filho é o primeiro a quem Deus revelou sua natureza mais íntima e seu nome de Pai. Não se trata da expressão “Pai” como tal. Ela já fora usada no AT. Contudo, é significativo que ele use essa expressão apenas esparsa e predominantemente em palavras que apontam para o futuro. Aquilo que a verdadeira “natureza de Deus como Pai” encerra ficou manifesto no “Filho”. Por isso, tampouco podemos aprender o nome de Deus como Pai a partir das palavras de Jesus de forma apenas teórica, mas Jesus tem de no-lo “revelar” com todo o seu ser (v. 6), e o próprio Pai precisa nos “guardar” nesse seu nome.

Jesus acrescenta mais um aspecto à prece: **“Para que sejam um, assim como nós.”** Ao orar, Jesus contempla vivamente o que nós esquecemos em grande medida. Não se trata de discípulos isolados, solitários, que precisam ser guardados individualmente. Trata-se da irmandade dos seus, que se encontra sob o seu mandamento do amor (Jo 13.34; 15.12,17). No nome do Pai eles somente serão preservados se a sua unidade for mantida. **“Ser um, como nós”** vê essa unidade de forma bem íntima e livre, e justamente por isso firme e plena. Os v. 22s apresentarão esse fato mais uma vez.

- 12 Jesus olha outra vez para a transformação profunda na situação dos seus. **“Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, o qual (ou: os quais) me deste, e protegi[-os], e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura.”** De forma alguma os Doze permaneceram naturalmente junto de Jesus durante esses anos. Em Jo 6.60-69 João nos mostrou como essa permanência estava ameaçada pelo “duro discurso” de Jesus e pelo insucesso

cada vez mais patente à medida que todas as esperanças terrenas eram desfeitas por parte de Jesus. Jesus teve de “**guardar**” e “**proteger**” muito para que os Onze agora ainda estivessem ao seu redor.

Esse “guardar” não é algo que tem êxito por si mesmo. O Deus onipotente respeita a liberdade das pessoas. Isso fica claro no fato de que apesar de tudo um dos Doze se “**perdeu**”. Jesus não consegue orar pelos seus sem se lembrar desse um. Nem mesmo agora o mistério é solucionado por meio de uma fórmula que permitiria calcular a relação entre a atuação divina e a liberdade humana. Jesus tão somente aponta para dois fatos nesse terrível acontecimento com Judas. Judas era um “**filho da perdição**”. Da maneira como “filhos da luz” se deixam determinar pela luz (cf. Jo 12.36), assim Judas se deixou conduzir e moldar interiormente pelo destruidor e pela perdição. Foi por causa da liberdade pessoal e simultaneamente da necessidade interior (não exterior!) que o “**filho da perdição**” finalmente “**se perdeu**”. Por isso a sentença “**para que se cumprisse a Escritura**” jamais poderá significar que Judas foi forçado a fazer algo contra a sua vontade, apenas para o cumprimento formal da Escritura, tornando-se o destruidor de Jesus. A Escritura nunca se cumpre dessa forma mecânica! Essa palavra de Jesus não pode ser entendida diferentemente de Jo 13.18. Mesmo o fato mais incompreensível e terrível é abarcado pelo conhecimento e pela regência de Deus, e por isso já fora previsto na Escritura.

- 13** Existe a possibilidade da queda, que não pode ser evitada automaticamente por nenhum “guardar”. A trajetória dos discípulos pelo mundo é difícil e cheia de provações. Ela não se tornará, então, uma vida de constante medo e preocupação que os discípulos de Jesus precisam viver, até mesmo quando o último refúgio é a fidelidade de Deus? Jesus o vê de maneira diferente. “**Mas, agora, vou para junto de ti e isso falo no mundo para que eles tenham minha alegria perfeita em si mesmos.**” Novamente Jesus não diz: “Mas agora tenho de morrer”, mas ele vê em seu caminho a ida até o Pai. No entanto, sua despedida não é apressada, despreocupada a respeito dos que são deixados para trás. Não, “**Jesus fala isso no mundo**”, estando plenamente no mundo e em seu domínio. Os discípulos podem ver no seu exemplo que “estar no mundo” não apaga a alegria de seu Senhor. Assim como ele lhes “deixou a sua paz” (Jo 14.27), assim ele lhes está legando também a “sua alegria”, como algo que podem levar consigo. Considerando que a instrução apostólica leva a alegria muito a sério e a transforma numa característica essencial da filiação divina e da atuação do Espírito Santo, os apóstolos a aprenderam e receberam do próprio Jesus. Não apenas com esforço e apesar das circunstâncias: um clarão de alegria deve cobrir os discípulos. É de forma “**perfeita**” que eles devem “**ter sua alegria em si mesmos**”. Jesus não está falando da alegria natural dos discípulos. A “nossa” alegria desfalece rapidamente. Jesus se refere à alegria “**dele**”, que não se desfaz nem mesmo agora diante de toda a gravidade da trajetória da cruz. Os discípulos “**terão perfeita em si mesmos**” essa “**alegria dele**”.

- 14/15** Mais uma vez Jesus apresenta a situação dos discípulos ao Pai. “**Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo lançou seu ódio sobre eles, porque não são do mundo, como também eu não sou do mundo.**” Quando a palavra de Deus é concedida e de fato recebida e acolhida, surgem pessoas que já não “**são do mundo**”, mas pertencem essencialmente a Deus. Nisso são semelhantes ao Filho, que declara a respeito de si: “**como também eu não sou do mundo.**” A marca inevitável e inextinguível desse fato é o “**ódio**” que “**o mundo lançou sobre eles**”. Essa é a realidade dos discípulos, simplesmente porque até esse ponto são discípulos de Jesus. Contudo, agora se torna decisivo que tipo de conseqüências Jesus reconhece na situação dos seus e que pedido ele dirige ao Pai a partir disso. “**Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.**” O fato de que Jesus precisa dizer exatamente o que não pede revela o quanto essa súplica estava à flor da pele. Será que os discípulos não poderiam ser poupados da aflição, que não é brincadeira, antes traz dentro de si a tentação para renegar a Jesus? Para isso eles teriam de ser tirados do mundo, no qual justamente precisam entrar, para que a mensagem salvadora chegue às pessoas. O Filho, que empenha sua alma pessoalmente em seu envio, de forma alguma pode solicitar ao Pai “**que os (tire) do mundo**”. Contudo pode e precisa suplicar ao Pai “**que os (guarde) do mal**”. No texto grego não se pode distinguir se Jesus tem em mente “o mal”, “o maligno”, ou “o mau”, porém Jesus não emprega a palavra que Paulo usa em Rm 12.21 para “o mal”. Em contrapartida, “*ponerós*” = “mau” é usado por Jesus na sétima prece do Pai Nosso e por Paulo em 2Ts 3.3, com nítida referência ao “mau”, ao diabo. João usa esse termo com plena clareza nessa acepção em 1Jo 2.13. Conseqüentemente, nessa súplica ao Pai Jesus também deve estar vendo “o mau” como “dominador” por trás do “mundo” com

seu “ódio”, cujo alvo é que os discípulos neguem a fé sob a pressão da perseguição e do sofrimento. Diante “do mau”, e por isso da queda, o Pai poderá “guardar” os discípulos.

16/17 No entanto, não se trata apenas da “proteção do mal”. A vida dos discípulos também precisa ser desenvolvida em termos positivos. Essa configuração e realização positiva da vida significam **“santificação”**. O fundamento dela foi lançado na nova existência que separa os discípulos do “mundo”. **“Eles não são do mundo, como também eu não sou.”** Sobre esse fundamento é possível rogar, e agora Jesus solicita: **“Santifica-os na verdade”**. Ele não espera de seus discípulos que eles mesmos se santifiquem por não serem do mundo. Rogou ao Pai pela santificação deles, da qual precisam tanto para sua própria vida quanto para seu serviço no mundo. A santificação é obra de Deus, porque ele é o “Pai santo”. A palavra “santo” faz parte daqueles termos básicos, que não conseguimos explicar com outras palavras, mas apenas captar diretamente a partir de si mesmos por nossa experiência pessoal interior. Não poderemos de forma alguma explicar o que é “santo” a uma pessoa que nunca se deparou com o “Santo”. Toda pessoa, porém, que se confrontou com Deus, possui no mínimo uma noção do motivo por quê os serafins, em incansável adoração, chamam Deus de “três vezes santo” (Is 6.3). Quando, pois, os discípulos de Jesus devem ser **“santificados na verdade”**, visa-se seriamente que eles não apenas sejam “boas pessoas”, mas que se revistam da santidade e do brilho de Deus. É por isso que eles não são capazes de realmente “santificar-se” pessoalmente. Unicamente o Pai santo pode realizar a “santidade” neles. Por isso Jesus pede isso Dele.

A santificação dos discípulos acontece, pois, “na verdade”. Como em todas as ocorrências no presente evangelho, verdade é a realidade essencial divina. Os discípulos devem possuir não apenas um certo brilho e aspecto de “santidade”, mas a santificação deve penetrar genuína e profundamente em sua vida e em seu ser. Quando Jesus acrescenta: **“Tua palavra é a verdade”**, ele não diz somente que a palavra de Deus não nos engana e que é correta e confiável mesmo na forma da palavra escrita. Jesus diz mais. A palavra, proferida vivamente por Deus, não é apenas “palavra”, mas carrega em si a natureza divina e a energia divina. Por isso o ser humano pode “viver” dessa palavra. E por essa razão a santificação dos discípulos na verdade também acontece por meio da “palavra”. A “palavra” como “verdade” também torna nosso ser e nossa vida “verdadeiros”, essenciais, direcionados para a realidade de Deus e, por isso, santos.

18 Agora os discípulos estão capacitados para serem enviados ao mundo. Um mensageiro que possui apenas “palavras”, sem que sua natureza seja também testemunha, não ajuda em nada. O envio dos discípulos corresponde também ao nosso envio pelo próprio Jesus. O mundo somente poderia obter ajuda através daquele que era Filho de Deus por essência e por isso realmente o pão, a água, a porta, o caminho, a vida e a ressurreição para pessoas famintas, sedentas, inquietas e moribundas. **“Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.”** O “como” no início da palavra de Jesus deve ser levado muito a sério e tem aqui uma conotação causal. O envio dos discípulos corresponde ao envio de Jesus e tem seu fundamento no mesmo. Na prática, dá prosseguimento a ele e leva o amor redentor do Pai no Filho para dentro do mundo.

19 Jesus os capacita para esse envio por meio da santificação que prepara para eles. Filho e Pai agem novamente com espírito unânime. O Filho pediu ao Pai a santificação dos discípulos na verdade. Mas o Filho não é espectador passivo no cumprimento de seu pedido. **“E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.”** O “e” no início da frase revela a relação da santificação com o envio. “E justamente por eles, os quais enviei, por eles, porque eu os enviei, eu me santifico a mim mesmo.” Seus discípulos não podem santificar-se pessoalmente. Jesus é capaz de fazê-lo, e ele o faz justamente agora em seu caminho de sofrimento. Ao honrar o Pai de forma tão integral, ao amá-lo tão cabalmente e entregar toda a sua existência e obra da vida inteira a Deus, ele se torna o Filho santo do Pai santo. Perante o mundo, o mundo devoto de Israel, Jesus aparece como blasfemo, banido e maldito. Na verdade, porém, justamente agora na cruz torna-se realidade perfeita o que Pedro reconheceu e declarou na hora decisiva: “Tu és o Santo de Deus” (Jo 6.69). Jesus conta com a circunstância de que, como Crucificado, também envolve os seus nessa **“santificação”**, **“para que eles também sejam santificados na verdade”**.

“Santificados na verdade”, pertencer a Deus **“na verdade”** e viver para Deus: esse era o objetivo final de Jesus. Sua luta, que lhe rendeu a cruz, dirigia-se contra a “hipocrisia” que destruiu Israel. Um “culto a Deus” que se transformara em “negócio”, uma “casa de Deus” que se tornara “casa de comércio” (Jo 2.14-16), devotos líderes que, não obstante, são incapazes de crer porque são ávidos de

honra (Jo 5.44), discípulos de Moisés que são denunciados pelo próprio (Jo 4.45), filhos de Abraão que se tornaram filhos do diabo (Jo 8.37-44) – incansavelmente, Jesus desvendava essa terrível deturpação e falsificação por meio de sua palavra e de seu ser. Agora tudo depende de que seus discípulos e emissários não sejam reféns da mesma falsidade, mas que **“sejam santificadas na verdade”**.

A ORAÇÃO DE JESUS POR SEUS DISCÍPULOS FUTUROS – João 17.20-23

- **Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra,**
- **a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles [um] em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.**
- ²² – **Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos:**
- **Eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.**

20 Jesus não podia orar em favor do “mundo” como tal. Apesar disso, sua oração não se restringe ao pequeno grupo de seus discípulos, porque “discípulos” são ao mesmo tempo “apóstolos”, enviados para dentro do mundo. E, apesar de toda a rejeição e ódio, esse envio não será em vão. Os discípulos criarão fé por intermédio de sua proclamação! É esse grande acontecimento, que começará em Jerusalém e depois passará pela Judéia e Samaria até os confins da terra (At 1.8), que Jesus vê à sua frente na oração. Por isso ele prossegue: **“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra.”** Então será encontrado o que Jesus procurou em Israel durante sua estada na terra, mas achou apenas em poucos: a fé que se entrega em confiança e obediência. Sobre essa fé vale o que Jesus disse em Jo 12.44: “Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou.” Essa “fé em Jesus” é verdadeira “fé em Deus”. A “palavra” dos discípulos será tão poderosa que criará esse tipo de fé.

21 As pessoas que vêm à fé por intermédio da palavra dos enviados, porém, não são pessoas isoladas que permanecem solitárias. Imediatamente elas se tornam “igreja”. Isso é tão básico que nem sequer precisa ser mencionado ou estabelecido como alvo dos crentes. Contudo, Jesus conhece nossa dificuldade para permanecermos num relacionamento verdadeiro uns com os outros, e como toda comunhão humana está constantemente ameaçada, inclusive a comunhão dos fiéis na “igreja”. Por isso sua intercessão pelo grande número de futuros discípulos dirige-se justamente à unidade dos seus. **“A fim de que sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti.”** Jesus não considera a unidade organizacional, que pode ser mantida com instrumentos de poder. Mas tampouco se trata apenas de uma unidade de idéias afins ou uma coligação com base em sentimentos convergentes. Não, a unidade que Jesus pede para a igreja tem como paradigma e origem a unidade do Pai e do Filho no Espírito Santo. Essa unidade nos é continuamente demonstrada no agir e falar de Jesus. Ela é caracterizada pela liberdade e integralidade, mediante uma preservação nítida e intencional das diferenças. Jesus pode afirmar: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Ainda assim o Filho continua sendo integralmente aquele que espera, roga e obedece, ao passo que o Pai é totalmente aquele que envia, ordena, atende e concede. Porém justamente nessa distinção vive o amor que une o Pai e o Filho. É assim que Jesus deseja a unidade de sua igreja. Ele vê diante de si a grande multidão dos que crêem, em plena multiformidade. Por isso ele diz que **“todos”** devem ser um. Esses **“todos”** podem e devem permanecer o que são, até mesmo nas suas diferentes espécies, maturidades, percepções. Porém é exatamente nessa diversidade que o amor atua, suprimindo as carências de uns com os dons e as forças dos demais, gerando assim aquele “edificar-se uns aos outros”, “consolar-se uns aos outros”, “exortar-se uns aos outros” (Cl 3.16; 1Ts 4.18; 5.11) pelos quais “vive” a igreja.

Jesus tem um interesse tão intenso nessa unidade que roga mais uma vez por ela: **“A fim de que também eles sejam um em nós.”** O texto grego de Nestle não traz aqui a palavra “um”. Porém ela é apresentada pela *Koiné*, pelo *Sinaiticus* e outros manuscritos. Ele se torna imprescindível na sequência da frase sobretudo após o **“também eles”**. Se o texto tivesse a intenção de afirmar que os discípulos “estariam no Pai e no Filho” por intermédio de sua unidade uns com os outros, a frase teria de ser simplesmente: “a fim de que estejam em nós.” Acontece, porém, que Jesus roga que **“também seus discípulos”** tenham a mesma unidade que liga o próprio Filho com o Pai. Ademais, Jesus

acrescenta uma palavra breve, porém decisiva: a palavra “**em nós**”. Os discípulos jamais possuem essa unidade em si mesmos, em sua própria força de comunhão ou em seus laços de afeto pessoais. Somente “**em nós**”, como vides na videira, eles também possuirão a unidade uns com os outros. Desse modo, porém, eles também a possuem de fato.

Essa unidade não é importante apenas para os discípulos em si, mas possui um significado crucial para seu serviço. Ela se torna testemunho eficaz: “**para que o mundo creia que tu me enviaste**”. Quanta responsabilidade repousa, portanto, sobre a igreja de Jesus! O mundo anseia consciente e inconscientemente por unidade genuína, por comunhão real. Quando ele constata nos discípulos de Jesus que a unidade e a comunhão livre e plena estão sendo vividas com amor abnegado, a fé de que o Criador desse tipo de irmandade de fato é enviado por Deus pode irromper livremente no mundo. Inversamente, porém, toda a desunião dos discípulos dificulta a fé em Jesus. O envio de Jesus parece ser refutado quando a mesma desunião e o mesmo desamor que o mundo conhece de sobra predominam em Sua igreja.

“**Para que o mundo creia...**”, será que isso não contradiz o que foi dito em Jo 14.17,22; 15.18s; 17.9 a respeito da perdição incorrigível do mundo? Afinal, não é justamente nisso que o “mundo” jamais poderá “crer”? No entanto, a palavra “o mundo” não possui sentido estatístico, da mesma forma como a palavra “todos” na promessa de Jesus de que atrairia a “todos” para junto de si após a sua exaltação(cf. Jo 12.32). O que Jesus afirmou acerca do “mundo” permanece válido. Contudo, pessoas que são “mundo” chegam a crer em Jesus e desse modo pertencem aos que Jesus “escolheu para fora do mundo”. E isso realmente acontece “em todo o mundo”, de forma que a partir daí pode-se dizer, de forma sucinta, “**para que o mundo creia...**”

22 Para Jesus, a unidade dos seus é algo tão premente que ele não consegue desprender sua oração dela. Naturalmente não nos será fácil acompanhar agora de fato a Sua oração. Nesse momento, essa oração está unindo o que nos parece ser extremamente divergente. “**Eu mesmo lhes tenho transmitido a glória que me tens dado.**” A “glória” não é uma palavra do futuro distante? Não é justamente por isso que o Filho a pede como dádiva da perfeição vindoura dos seus, para que “vejam a sua glória” (v. 24)? E agora Jesus diz isso no pretérito perfeito: ele já concedeu essa glória aos discípulos. Porventura o futuro já é presente, para não obstante imediatamente continuar sendo futuro? É exatamente isto! E precisamente o Filho de Deus em oração é capaz de vê-lo desse modo. É verdade, ele lhes proferiu a palavra do Pai, ele os deixou ver o Pai nele mesmo. Ele os atraiu consigo para dentro do amor que liga Pai e Filho, Filho e Pai. Tudo isso é sua “glória”. De fato não a guardou para si, porém a “**transmitiu**” aos discípulos, ainda que neste momento nem sequer captem essa dádiva, e que a espelharão somente no decorrer de sua vida de discípulos com o rosto descoberto.

23 É precisamente essa glória concedida aos discípulos que gera a sua unidade: “**para que sejam um, como nós o somos: Eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade.**” A unidade não é um alvo ideal que os discípulos precisam alcançar com esforços próprios. Não lhes cabe primeiro “criar” a unidade. Pelo fato de que o Único está “neles” como seu Senhor e Redentor, a união nele já lhes foi presenteada. E pelo fato de que, por sua vez, o Pai está “em Jesus”, concretiza-se aquela “unidade perfeita” que une Deus e seres humanos em Jesus e viabiliza o alvo de toda a história: “que Deus seja tudo em todos” (1Co 15.28). Essa unidade com Deus, essa vida a partir de Deus e para Deus é “a glória” que o Pai concedeu ao Filho e que agora Jesus tornou a “conceder” a seus discípulos. Ela foi “dada”, está aí: a qualquer momento pode-se viver a partir dessa unidade perfeita. E ao mesmo tempo não deixa de ser o alvo da intercessão de Jesus, que se empenha pela unidade dos seus.

Também nesse instante o olhar do “Redentor do mundo” passa da condição dos próprios discípulos para o alvo de seu envio: “**para que o mundo reconheça que tu me enviaste.**” Contudo, essa unidade dos discípulos, que não é meramente unidade entre os humanos, mas união em Deus, não demonstra apenas o envio autorizado de Jesus, mas igualmente o amor do Pai aos discípulos. Jesus suplica pela unidade de seus discípulos também “**para que o mundo reconheça que os amaste** (os discípulos), **como também amaste a mim**”. Unicamente pessoas amadas por Deus são libertas, em razão dessa condição, do medo por si mesmas, e, conseqüentemente, são capazes de também amarem aos outros. Nas chamadas do amor de Deus incendeia-se o verdadeiro amor entre os discípulos, o qual os congrega na unidade. E vice-versa: esse amor entre os discípulos torna o amor de Deus perceptível até mesmo aos olhos do mundo.

A ORAÇÃO DE JESUS POR TODOS OS SEUS – João 17.24-26

- **Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo.**
- **Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste.**
- **Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja.**

24 A oração aproxima-se do fim. Nesse momento, porém, ela também atinge seu majestoso clímax. **“Pai, aquilo que me deste.”** Jesus contempla agora todos os seus até o fim dos tempos. Ele vê a “grande multidão...” (Ap 7.9), o fruto maduro de sua obra. Por ser ela o “salário de suas dores”, a prece de Jesus pode tornar-se um **“quero”**: **“Quero que onde eu mesmo estou, estejam também comigo aqueles, para que vejam a minha glória.”** Por trás de toda oração genuína existe uma vontade clara. Quando uma pessoa que ora de fato não “quer” mais algo, sua oração se torna mera falação. Contudo, enquanto nós precisamos condicionar nosso querer, mesmo o mais puro, à vontade de Deus, prontos para o arrependimento, Jesus pode ter tanta certeza da unidade com Deus que pode afirmar: **“Pai, eu quero.”** O Filho tem a liberdade de dizer ao Pai o que **“quer”** com a máxima seriedade de seu amor. Ele não tem apenas um interesse temporário e instável pelos seus. Com amor pleno, ele **“quer”** a comunhão indissolúvel e completa com eles. Nesse querer ele tem a certeza de que essa é também a vontade incondicional do Pai. É para isso que o Pai lhe **“deu”** essas pessoas, separando-as do mundo. O que inicialmente era exigência a seus discípulos: **“Onde eu estou, ali estará também o meu servo”** (Jo 12.26), torna-se agora promessa de vida eterna: **“que, onde eu mesmo estou, estejam comigo também aqueles”**. É nessa situação que **“vêm a sua glória”**. Até o aperfeiçoamento na eternidade, o ser humano como criatura persiste na situação de não conseguir encontrar a vida e a alegria em si mesmo. O ser humano precisa ter algo para **“ver”**. Contudo, como tudo isso continua sendo transitório e precário! Estaremos eternamente realizados e repletos de alegria indizível (1Pe 1.8), quando virmos a glória de Jesus de forma desvelada, a glória que procede do amor eterno de Deus.

Isso não é algo completamente novo para os discípulos de Jesus! Já na sua vida atual vale o que diz Jo 1.14: **“Vimos sua glória”**. Porém, o que até agora não passava de um começo, torna-se cumprimento pleno. Nessa afirmação a glória de Jesus não é apenas um resplendor indefinido e brilhante. Jesus sentado à direita de Deus sobre o trono do mundo, Jesus retornando para arrebatá-lo e aperfeiçoar sua igreja (1Ts 4.13-17), Jesus derrubando o poder mundial anticristão com o hálito de sua boca (2Ts 2.8; Ap 19.11-16), Jesus governando sacerdotalmente com os seus (Ap 20.4-6), Jesus realizando o juízo sobre o mundo (Ap 20.11-15), Jesus entregando ao Pai uma criação redimida após completar sua obra (1Co 15.28): tudo isso deve estar diante de nós quando Jesus diz: **“minha glória”**.

Contudo, tampouco o Filho possui essa glória em si mesmo como propriedade sua, e nem quer possuí-la dessa maneira. Somente a tem como uma glória **“que me conferiste”**. A razão, porém, para essa concessão por parte do Pai reside no Seu próprio amor: **“porque me amaste antes da fundação do mundo.”** Nesse último diálogo com o Pai o pensamento do Filho chega até aquele **“princípio”** com o qual o próprio evangelho começa em Jo 1.1. Nesse amor ele também estará abrigado quando o clamor do abandono por Deus em prol dos pecadores brota de seu coração.

25 Mais uma vez acrescenta-se um adjetivo ao singelo nome do Pai: **“Pai justo.”** Precisamente quando se fala do amor de Deus é preciso testemunhar que esse amor jamais se separa da **“justiça”**. O **“Pai justo”** rejeita o pecado de forma incondicional. Foi isso que **“o mundo”** **“não reconheceu”**, porque não quer conhecê-lo. A unidade de justiça e amor (e por isso também de **“amor”** e **“ira”** de Deus) permanece incompreensível para nós até que a reconheçamos na cruz de Jesus, para o nosso juízo e a nossa salvação. **“Pai justo, e o mundo não te reconheceu; eu, porém, te reconheci, e também esses reconheceram que tu me enviaste.”** Jesus **“reconheceu”** a Deus justamente no tocante à sua santidade, à sua **“justiça”**, que tornou a entrega do único Filho e sua exaltação na cruz necessária para satisfazer seu amor pelo mundo dos perdidos. Esse **“reconhecer”** por parte de Jesus não se limitou a uma contemplação teórica, mas o conduziu em todo o caminho da encarnação até a morte na cruz. Conseqüentemente, os discípulos por sua vez **“reconheceram”** o envio de Jesus justamente na cruz. É óbvio que com relação à palavra de Jesus em Jo 16.31s temos de afirmar: Jesus antecipa na oração

o “reconhecimento” nos discípulos depois da cruz e ressurreição. Desde então, porém, isso não era uma mera teoria teológica para eles, mas transformou-os nas testemunhas que empenharam sua alma em prol de um mundo perdido.

- 26** Os discípulos não produzem esse “reconhecer” de si mesmos. Ele brota do “fazer conhecer” da parte de Jesus: **“E eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer.”** Como deve acontecer um “reconhecimento” genuíno, é novamente o “nome” de Deus que está sendo dado a conhecer (cf. o comentário ao v. 6). Os discípulos não apenas sabem “que existe um Deus”, mas têm o privilégio de saber como Deus se chama, ou seja, quem Deus é. Deus lhes foi “apresentado” e “tornado conhecido”. Tratam a Deus corretamente por Seu nome e por isso não falam com o vazio. A revelação que Jesus lhes trouxe não é mística e sentimental, mas uma palavra explícita. Ao acrescentar: **“e ainda o farei conhecer”**, Jesus pensa no fato de que, apesar de sua nitidez, o reconhecimento de Deus nunca é mera posse, pois o Deus vivo não é um objeto do mundo, do qual eu disponho tão logo o reconheça. Preciso que Jesus me apresente o nome de Deus constantemente, porque esse nome está ameaçado continuamente ameaçado de submergir no barulho do mundo e de ser obscurecido pela escuridão de meu próprio coração. Simultaneamente, o nome de Deus está carregado de uma riqueza tão infinita e de uma profundidade tão impossível de encerrar que o “fazer conhecer” é interminável. Cabe-nos lembrar também que esse “fazer conhecer o nome de Deus” prossegue no serviço apostólico dos discípulos e por isso Jesus o considera como sua própria obra futura nesse último diálogo com o Pai. Quando pessoas aceitam a fé por meio da palavra dos discípulos (v. 20), então o próprio Jesus tornou o nome do Pai conhecido nessa palavra.

A guinada, inicialmente surpreendente, dessa última palavra de oração de Jesus demonstra em seu término que se trata muito pouco de um reconhecimento teórico que posso obter teologicamente em livros. Jesus tornou conhecido o nome de Deus e continuará a divulgá-lo de modo mais amplo e profundo, **“a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja”**. Para o israelita, “reconhecer” e “amar” era coisas estreitamente ligadas. Empregava o termo “conhecer” para o amor conjugal (Gn 4.1; 4.17). Quando se “reconhece” alguém, acontecem ligações substanciais. Quando por meio de Jesus os discípulos reconhecem o “nome” do Pai, seu verdadeiro ser, então o amor com que Deus ama seu Filho também flui para o coração deles. Do mesmo modo, Jesus não permanece diante deles como “Mestre”, mas os ensina de tal modo que ele próprio entra neles e vive dentro deles. No entanto, isso não acontece por meio de uma fusão mística, mas pelo Espírito Santo. Jesus continua sendo uma pessoa e o Senhor. Os discípulos continuam sendo pessoas independentes, e, apesar disso, Cristo vive neles e determina todo o seu pensar, falar e agir.

III – A PAIXÃO E A RESSURREIÇÃO DO SENHOR – JOÃO 18—21

1 – O PROCESSO CONTRA JESUS – JOÃO 18.1—19.16

A DETENÇÃO DE JESUS – João 18.1-11

- Tendo Jesus dito estas palavras, saiu juntamente com seus discípulos para o outro lado do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim; e aí entrou com eles.
- E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos.
- ³ – Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas.
- ⁴ – Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais?
- Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno (literalmente: o Nazoreu). Então, Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, o traidor, estava também com eles.
- Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra.
- ⁷ – Jesus, de novo, lhes perguntou: A quem buscais? Responderam: A Jesus, o Nazareno (literalmente: o Nazoreu).
- ⁸ – Então, lhes disse Jesus: Já vos declarei que sou eu; se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes;
- para se cumprir a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste.

- **Então, Simão Pedro puxou da espada que trazia e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do servo era Malco.**
- **Mas Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha; não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?**

- 1 Está terminado o último diálogo com o Pai. Agora começa o sofrimento do Filho. **“Tendo Jesus dito estas palavras, saiu juntamente com seus discípulos para o outro lado do riacho de inverno Cedrom, onde havia um jardim; e aí entrou com eles.”** O vale do Cedrom está situado a leste de Jerusalém e separa a cidade do Monte das Oliveiras. O riacho que corre através dele é designado expressamente como **“riacho de inverno”**. Ele tem água de fato apenas nos meses do inverno. Do outro lado, no “Monte das Oliveiras”, havia muitos “jardins”, predominantemente de oliveiras. É num horto desses que Jesus entra com seus discípulos. João não cita o nome de “Getsêmani” = “lagar de olivas”. No entanto, por se tratar de um jardim com esse nome significativo, ele deve ter possuído um recinto fresco para espremer o azeite de oliva na sua topografia rochosa. Um recinto desses podia ser propício para encontros protegidos e secretos de Jesus com seus discípulos. De qualquer forma, o jardim era cercado por um muro. É por isso que o v. 4 diz que Jesus “saiu”. Essa “saída” de Jesus ao encontro do pelotão de detenção é mais plausível se Jesus estava reunido com seus discípulos no lagar de azeite.
- 2 **“E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos.”** A frase deixa claro o quanto a ação de Judas representava uma “entrega” ou “traição” de seu Senhor. Ao Sinédrio interessava uma detenção secreta de Jesus, na proteção da escuridão, para que se evitasse qualquer resistência das massas populares entusiasmadas com Jesus. Para isso, porém, era preciso conhecer com exatidão o local onde Jesus permanecia à noite. Judas comunicou esse conhecimento aos sacerdotes. Contudo também precisava conduzir o pelotão de detenção pessoalmente. Na escuridão não bastavam simples informações acerca do local. Dessa forma, Judas tornou-se diretamente aquele que “entregou” Jesus.
- 3 **“Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns servos, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas.”** Do ponto de vista de seus inimigos, Jesus é uma pessoa perigosa. No Sinédrio é inconcebível que ele simplesmente se deixaria prender e não faria nenhuma tentativa de fuga ou de resistência. Por isso não são enviados apenas homens da segurança do templo, os **“servos dos principais sacerdotes”**, e não somente **“servos dos fariseus”**, ou seja, do partido devoto de alta consideração entre o povo. Não, o Sinédrio também fez contato com as autoridades romanas, fazendo-se acompanhar, em vista da segurança, por uma escolta das forças de ocupação com um oficial superior (v. 12). Esse comandante e seus homens, porém, não deveriam assumir a detenção de Jesus. Isso era da competência da polícia do templo. O Sinédrio queria ter Jesus em suas próprias mãos, a fim de promover o processo religioso contra ele. Somente então recorreria novamente a uma força de ocupação.
- 4/5 João não relatou a luta de seu Senhor em oração. Contudo, de Jo 14.30 depreendemos que ele sabia desse acontecimento do Getsêmani. E também no presente texto, a palavra do “cálice” no v. 11 alude nitidamente a ele. Em sua ótica dos acontecimentos, João visa salientar que Jesus foi ao encontro de seus inimigos na hora de sua detenção com soberania e superioridade. Jesus não é capturado como um criminoso. Ele próprio vai ao encontro do pelotão de aprisionamento. **“Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, saiu até eles e perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno (literalmente: o Nazoreu). Então, Jesus lhes disse: Eu o sou.”** Nem mesmo os membros da polícia do templo reconhecem Jesus facilmente, embora devam tê-lo visto diversas vezes. Simplesmente não conseguem conceber que o homem que os interpela com tanta serenidade seja pessoalmente aquele que eles buscam. Jesus, porém, profere mais uma vez uma palavra **“Eu o sou”**. João deve ter a intenção de que seus leitores não ouçam nela apenas a palavra de um homem corajoso que se apresenta a seus perseguidores. Não, ele é verdadeiramente aquele **“Eu o sou”** que se entrega nas mãos de pecadores para consumir sua obra. Igualmente João menciona Judas nesse exato instante de forma consciente: **“Ora, Judas, o traidor, estava também com eles.”** Ali estava parado aquele que, na verdade, deveria pertencer a Jesus. E ele foi obrigado a testemunhar com que magnitude a pessoa traída por ele ia ao encontro de seus inimigos e, assim, também do próprio Judas. Esse **“Eu o sou”** era capaz de penetrar no coração de Judas como a trombeta do juízo.

João não precisa dizer mais nada acerca do fim trágico de Judas. Quem se depara com o “Eu sou” como Judas está perdido.

- 6 Também a polícia do templo se assusta muito. Ela tinha imaginado essa detenção de forma muito diferente. Deveria ser um assalto noturno, no qual cumpria frustrar tentativas de fuga. Também estavam prontos para uma breve batalha noturna. Porém de modo algum esperavam que esse Jesus, do qual haviam ouvido tantas coisas, simplesmente viesse ao encontro deles e dissesse “Eu o sou” com tamanha soberania. Recuam assustados e por isso chegam a cair. **“Quando, pois, Jesus lhes disse: Eu o sou, recuaram e caíram por terra.”** Os inimigos tinham reunido uma força armada considerável contra o pequeno grupo desarmado, que deveria assegurar o sucesso da detenção de Jesus com absoluta certeza. Contudo, nem mesmo essa força pode atacar aquele que se apresenta diante deles com a soberania de Deus. Também nesse instante, como outrora em Nazaré (Lc 4.29s), Jesus poderia ter passado pelo meio de seus perseguidores que retrocediam. Porém não quer fazê-lo. Ele se rende a eles com liberdade total.
- 7/9 Jesus repete sua pergunta. E agora descobrimos o alvo que Jesus perseguia. **“Então, lhes disse Jesus: Já vos declarei que eu o sou. Se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes.”** Ao ouvirmos a história da Paixão, aceitamos como óbvio demais que naquela ocasião apenas Jesus fosse detido. “Óbvio” era o oposto: que a polícia aprisionasse os adeptos juntamente com o líder. Algo dessa atitude retorna mais tarde na forma com que Pedro é tratado (Jo 18.25-27; Mt 26.69-74). Os sinóticos não explicam por que **“deixaram ir”** os discípulos. João diz. O próprio Jesus protegeu os seus. Ele sabe que no momento não estão preparados para serem presos, interrogados e executados. Somente mais tarde, quando tiverem obtido o poder do Espírito Santo no Pentecostes eles também poderão ser testemunhas e mensageiros mesmo diante de inimigos poderosos. Por isso ele se coloca à frente deles. E até mesmo nesse instante sua palavra possui suficiente autoridade para ser simplesmente acatada. Assim **“cumpre-se a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste.”** Também as próprias palavras de Jesus são proféticas (Jo 17.12) e precisam “cumprir-se” como a palavra da Escritura.
- 10 Jesus protege seus discípulos exclusivamente por meio de sua palavra e sua autoridade interior. Pedro, porém, põe a ação de seu Senhor em risco com um procedimento súbito e autocrático. Esqueceu-se do que Jesus lhes dissera como advertência (Jo 13.36-38). Será que foi encorajado pelo recuo e pela queda dos inimigos? Será que vê chegar a oportunidade de que tudo ainda poderá ser mudado e Jesus ser liberto? Seria a reação simples de um homem que carrega uma espada, sacada intempestivamente? João não nos diz nada a respeito. Ele somente informa o fato: **“Então Simão Pedro, que tinha uma espada puxou-a e feriu o escravo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do escravo era Malco.”** Certamente tudo isso foi muito significativo para João. Na verdade, o homem golpeado por Pedro tinha um nome grandioso, “Malco”, a forma greco-latina do hebraico *”mäläk”* = “rei”. Contudo, Pedro não lutava contra nenhum “rei” em defesa de seu Rei Jesus, mas apenas contra um escravo do sumo sacerdote. Nem sequer era da polícia do templo. Talvez seja por isso que não haja um contra-ataque contra Pedro.
- 11 Portanto, o que Pedro realiza não representa nenhum ato heróico. Ele, que agora brande a espada contra um escravo, pouco depois negará Jesus diante de uma escrava. Acima de tudo, porém, ele ainda é integralmente o Simão Pedro de Mt 16.23. Cogita das coisas “dos homens” e não “das de Deus”, sem prestar atenção à ação de seu Senhor, que não lhe dá nenhuma ordem para atacar, mas evidentemente deseja entregar-se para ser preso. **“Mas Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha. Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?”** No AT a metáfora do “cálice” é usada diversas vezes. Pode significar, como no Sl 116.13, “o cálice da salvação”. Na maioria das vezes, no entanto, ele é um cálice da “ira” ou da “dor e do luto” (Is 51.17,22; Jr 49.12; Lm 4.21; Ez 23.31-34). Em todas essas passagens, “beber o cálice” significa sofrer a ira de Deus e seu juízo. O “cálice” que Jesus precisa beber não é outro senão este. É justamente isso que Pedro não deve querer impedir. Libertar Jesus das mãos dos inimigos significaria repelir esse “cálice”. Pedro deve compreender algo que obviamente permanece sendo uma contradição racionalmente inconcebível. Apesar de tudo, esse “cálice”, cheio da ira e do juízo, e por isso de sofrimento, desonra e suplício, lhe é oferecido pelo **“Pai”**! Sim, precisamente nisso ele é o Pai que amou o mundo a ponto de “entregar” o único Filho desse modo (Rm 8.32), a fim de que todo o que nele crê não se perca. É o “cálice”, não

imposto por pessoas, não oferecido por um destino soturno, que, apesar de todo seu amargor, ainda é “dádiva” do Pai. Como o Filho não o beberia? Cabe a Pedro embainhar sua espada.

JESUS É INTERROGADO DIANTE DE ANÁS E CAIFÁS – A NEGAÇÃO DE PEDRO – João 18.12-27

- ¹² – Assim, a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam Jesus, manietaram-no e o conduziram primeiramente a Anás;
- ¹³ – pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano.
- Ora, Caifás era quem havia declarado aos judeus ser conveniente morrer um homem pelo povo.
- Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. Sendo este discípulo conhecido do sumo sacerdote, entrou para o pátio deste com Jesus.
- ¹⁶ – Pedro, porém, ficou de fora, junto à porta. Saindo, pois, o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, falou com a encarregada da porta e levou a Pedro para dentro.
- ¹⁷ – Então, a criada, encarregada da porta, perguntou a Pedro: Não és tu também um dos discípulos deste homem? Não sou, respondeu ele.
- Ora, os servos e os guardas estavam ali, tendo acendido um braseiro, por causa do frio, e aqueciam-se. Pedro estava no meio deles, aquecendo-se também.
- ¹⁹ – Então, o sumo sacerdote interrogou a Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina.
- ²⁰ – Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto.
- Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse.
- ²² – Dizendo ele isto, um dos guardas que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: É assim que falas ao sumo sacerdote?
- Replicou-lhe Jesus: Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se falei bem, por que me feres?
- ²⁴ – Então, Anás o enviou, manietado, à presença de Caifás, o sumo sacerdote.
- ²⁵ – Lá estava Simão Pedro, aquecendo-se. Perguntaram-lhe, pois: És tu, porventura, um dos discípulos dele? Ele negou e disse: Não sou.
- ²⁶ – Um dos servos do sumo sacerdote, parente (ou: conterrâneo) daquele a quem Pedro tinha decepado a orelha, perguntou: Não te vi eu no jardim com ele?
- ²⁷ – De novo, Pedro o negou, e, no mesmo instante, cantou o galo.
- 12** O susto nas fileiras da polícia do templo foi superado, talvez justamente em razão do golpe de Pedro. Haviam retornado a um terreno conhecido. Agora o pelotão de detenção age de acordo com sua incumbência. “Assim, a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam Jesus, manietaram-no e o conduziram primeiramente a Anás.” A verdadeira ação de deter e manietar Jesus é executada pelos homens do sumo sacerdote. O oficial e a tropa romana dão cobertura à detenção, sendo assim participantes dela. Acompanham a comitiva até que Jesus esteja seguro nas mãos do sumo sacerdote. Jesus, o Filho de Deus, Jesus, que rompeu as algemas da enfermidade, do pecado e da morte, está algemado. Isso faz parte de sua humilhação extrema, em razão das nossas amarras.
- 13** Jesus é levado primeiramente até Anás. O narrador acrescenta: “pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano”. Anás governou como sumo sacerdote nos anos 6-15 d. C. O sumo sacerdote era convocado para um cargo vitalício. Mas a verdadeira duração de seu mandato dependia das forças de ocupação, que muitas vezes afastava rapidamente a pessoa que liderava Israel. Consequentemente, Anás viu seus cinco filhos serem sumo sacerdotes por breves períodos, e agora seu genro Caifás estava no cargo, conseguindo manter-se por cerca de dezoito anos. Uma vez que a dignidade de sumo sacerdote era vitalícia, os sumo sacerdotes depostos também conservavam o título. Por isso o NT fala repetidamente de sumo sacerdotes no plural. João destaca que no ano da morte de Jesus Caifás era o mandatário responsável. Anás, porém, continuava gozando de alta consideração. Por isso Jesus é levado primeiramente até ele.

14 Ao recordar, nesse momento, que **“Caifás era quem havia declarado aos judeus ser conveniente morrer um homem pelo povo”**, João pretende relatar a situação do processo contra Jesus. É um mero processo de fachada, no qual – de acordo com o relato de Mt 26.57-68 – todas as formalidades são mantidas, mas no qual o veredicto já está determinado de antemão. Pelo que se vê, João não tem interesse em expor toda a tramitação diante de Caifás, ainda mais que já era conhecida nas igrejas. Conforme o v. 24, o “sumo sacerdote” no v. 19 deve ser Anás, ainda que o v. 28 informe diretamente que Jesus foi levado de Caifás para Pilatos.

15 **“Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. Sendo este discípulo conhecido do sumo sacerdote, entrou para o pátio deste com Jesus. Pedro, porém, ficou de fora, junto à porta.”** Ainda que Pedro teve de embainhar a espada por ordem do Senhor, ele não desiste de “seguir”, apesar da declaração expressa de Jesus em Jo 13.36. Deseja estar perto de seu Senhor mesmo agora, no perigo. Porém não consegue ir longe. Precisa parar diante da porta fechada do pátio do palácio de Anás e aguardar o que acontecerá em seguida. Contudo, outro dentre os discípulos foi com ele. Esse era **“conhecido do sumo sacerdote”**. Esse dado não deve representar nenhum relacionamento mais íntimo ou amigável com Anás. Mas conheciam-no no palácio, sobretudo também na porta de entrada, e em consequência essa lhe foi aberta. Ele chega até o átrio da sede. Considerando que também em Jo 20.3ss João está especialmente ligado a Pedro e ali igualmente é chamado de “o outro discípulo”, também no presente texto devemos considerar João como **“o outro discípulo”**. Qualquer outra pessoa do círculo de discípulos teria sido designada claramente pelo nome. Não é dito de onde João tinha esse contato com o sumo sacerdote. No entanto, já em Jo 11.45-53; 12.42s, notamos que João estava muito bem informado sobre os procedimentos no Sinédrio e sobre as opiniões de seus integrantes.

[16/18] João pensa em seu companheiro que havia ficado do lado de fora e, por meio de seus bons contatos, leva-o consigo para dentro do pátio. Não sabe que desse modo ajuda para que aconteça a negação de Pedro pronunciada por Jesus. Do lado de fora, diante da porta, Pedro não teria sido importunado. **“Saíndo, pois, o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, falou com a encarregada da porta e levou a Pedro para dentro.”** Novamente João é muito exato em sua narrativa, respondendo a uma pergunta que em geral não levantamos ao ler Mt 26.69: como Pedro conseguiu entrar no pátio da sede administrativa de um sumo sacerdote? Obviamente a porta estava fechada, sobretudo agora à noite! O porteiro, ou nesse caso a porteira, primeiramente precisa conceder o acesso. No relato de João também fica claro como surge a primeira pergunta dirigida a Pedro. **“Então, a escrava, encarregada da porta, perguntou a Pedro: Não és tu também um dos discípulos desse homem?”** Como essa pergunta era plausível para uma escrava que deixa entrar um homem desconhecido por recomendação de João! **“Um discípulo desse homem”**: Pedro ouve o tom pejorativo e indignado dessa palavra. Será que deve deixar-se desmascarar agora por uma escrava ao entrar na majestosa casa estranha? **“Não sou, respondeu ele.”** Aconteceu a primeira negação de seu Senhor, tão rápida e naturalmente que o próprio Pedro nem se dá conta dela. Sem qualquer estremecimento, ele se junta a um grupo de homens que se amontoam em torno de um fogo e se aquecem na noite fria. **“Ora, os escravos e servos estavam ali, tendo acendido um braseiro, por causa do frio, e aquetavam-se. Pedro estava no meio deles, aqueitando-se também.”** Também nesse momento os “servos” da polícia do templo, que eram israelitas livres, são diferenciados dos “escravos”. Um sumo sacerdote não tinha compatriotas judaicos como escravos. Pedro **“se aquetava”**, assim como “dormiu” no Getsêmani. Também nas horas mais tensas nossas necessidades físicas se impõem de forma elementar.

[19/21] João deixa Pedro ali ao lado do fogo, voltando seu olhar novamente para a história de Jesus. **“Então, o sumo sacerdote interrogou a Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina.”** De acordo com os v. 12 e 24 o sumo sacerdote aqui referido ainda deve ser Anás, que realiza esse “inquérito preliminar”. Sua pergunta é significativa. A *“didachê”*, o **“ensino”**, não é a “dogmática” de Jesus. Nesse caso **“discípulos”** e **“ensino”** estão estreitamente ligados. Será que Jesus formou um perigoso grupo de conspiradores com os doze, treinando-os com doutrinas secretas quaisquer para sua atividade revolucionária? Em decorrência, será que é preciso prender também os discípulos, e será que dessa maneira será possível obter dados que podem ser usados muito bem diante do governador romano? A resposta de Jesus só pode ser entendida plenamente a partir desse entendimento da pergunta. **“Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada**

disse em oculto.” No texto grego o “eu” é destacado duas vezes com ênfase. Pode ter havido e haver outros que reúnem seus adeptos em segredo, mas “eu” agi de maneira diferente. Jesus já atestou toda a amplitude e publicidade de seu envio a Nicodemos, membro do Sinédrio: o Filho é enviado para que o mundo seja salvo através dele (Jo 3.17). Logo Jesus também tinha de falar “**francamente ao mundo**”. E embora esse “**mundo**” fosse inicialmente “Israel”, para o qual Jesus veio como Messias, verdade é que a apresentação aberta “**nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem**” era o comportamento requerido dele. Um diálogo especial com seus discípulos aconteceu somente agora nos “discursos de despedida”, a caminho da morte. Em toda a sua atuação, que o sumo sacerdote investiga, Jesus não “**disse nada em oculto**”. Por isso é vã a tentativa de extrair dele agora algo que pudesse ser usado contra seus discípulos. Também nesse momento Jesus está protegendo seus discípulos e repele o método de investigação do sumo sacerdote: “**Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse.**”

22/23 O costume da época esperava de um acusado um comportamento submisso e humilde, com uma confissão arrependida da culpa. E se um acusado desse se encontra diante do próprio sumo sacerdote, como ele poderia comportar-se de forma tão atrevida? “**Dizendo ele isto, um dos servos que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: É assim que respondes ao sumo sacerdote?**” Pela primeira vez Jesus experimenta a afronta de ser golpeado. Contudo sua resposta não parte de revolta e insubmissão: “**Replicou-lhe Jesus: Se falei mal, traze a prova do mal. Mas se falei bem, por que me feres?**” Jesus solicita a seu algoz que não comece simplesmente a bater, mas que apresente diante desse tribunal uma testemunha para o fato (ou literalmente: “ser testemunha do fato”) de que Jesus está errado com suas afirmações. Serena e claramente, Jesus está acima de qualquer agitação. Para ele, unicamente a verdade está em jogo. Contudo, dentre os membros do Sinédrio ninguém se empenha em favor daquele que foi golpeado injustamente, nem mesmo um dos que conforme Jo 12.42 “creram” em Jesus.

24 “**Então, Anás o enviou, manietado, à presença de Caifás, o sumo sacerdote.**” Aqui constatamos inequivocamente que esse primeiro interrogatório aconteceu diante de Anás. Anás percebe que esse acusado não o levará ao alvo desejado. Conseqüentemente, o processo oficial perante o sumo sacerdote em exercício pode prosseguir. No entanto, João não nos informa nada a respeito desse processo.

25 Na seqüência João relata como continua a negação de Pedro. Presenciou-a pessoalmente no pátio de Anás. “**Lá estava Simão Pedro, aquecendo-se. Perguntaram-lhe, pois: És tu, porventura, um dos discípulos dele? Ele negou e disse: Não sou.**” Ao repetir inicialmente sua narrativa do v. 18, João nos fornece a impressão de que Pedro permaneceu ali durante todo o tempo, aquecendo-se. Não havia nada mais natural do que os homens agrupados em redor do fogo notarem, no clarão das brasas, esse homem estranho entre eles. E naturalmente surge a dúvida se ele não fazia parte dos discípulos de Jesus. João não é interrogado. Ele é conhecido ali e talvez também se encontre em outro local do pátio. Pedro “**nega**” pela segunda vez que pertence ao grupo de discípulos de Jesus, respondendo à pergunta que lhe foi dirigida com um claro “**Não**” (literalmente: “**Eu não o sou**”). A razão disso não é sugerida de nenhuma forma. Todas as ponderações desse tipo não são importantes para a Bíblia. Para a Bíblia valem somente os fatos. Pedro negou pela segunda vez, independentemente de como o seu não se originou dessa vez.

26/27 Nem mesmo agora Pedro é deixado em paz. “**Um dos escravos do sumo sacerdote, parente (ou: conterrâneo) daquele a quem Pedro tinha decepado a orelha, perguntou: Não te vi eu no jardim com ele?**” Um perigo se aproxima seriamente de Pedro. Um “parente” ou mais provavelmente um “conterrâneo” de Malco se intromete. Os escravos do sumo sacerdote eram pessoas de outras origens. Significava uma sorte especial que um escravo tivesse a oportunidade de prestar serviço ao lado de um “conterrâneo”. E quando esse conterrâneo era ferido o outro se sentia atingido também. Assim, a desconfiança desse homem foi despertada. Será que ele não precisa vingar-se daquele que desferiu um golpe em seu amigo? “**De novo, Pedro o negou, e, no mesmo instante, cantou o galo.**”

Nesse local João não traz, como o relato de Marcos, oriundo do próprio Pedro, o abalo interior e as lágrimas de seu companheiro. De fato, tudo foi narrado de forma extremamente reservada. Não se conta nada sobre um “amaldiçoar-se” e “jurar” por parte de Pedro (Mc 14.71s). É constatado simplesmente o fato de que Pedro negou Jesus três vezes antes do cantar do galo. Não é aceitável a

hipótese de que João tenha diminuído Pedro em favor de sua própria pessoa. Quando as testemunhas do NT falam com tanta ênfase da negação de Pedro, seu interesse de forma alguma se concentra na pessoa de Pedro como tal. Os informes apontam com o dedo para Pedro nem constatarem como justamente ele agiu. Pela pessoa de Pedro querem nos mostrar como somos. Com que entusiasmo e atividade Pedro agia constantemente! Quantas promessas ele fez! Com quanta coragem ele brandiu a espada. Agora, porém, ele nega três vezes, sem estar realmente ameaçado, que é discípulo, renegando assim seu Senhor. É assim que nós somos!

A NEGOCIAÇÃO PERANTE PILATOS – João 18.28-32

- ²⁸ – **Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para o pretório. Era cedo de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa.**
²⁹ – **Então, Pilatos saiu para lhes falar e lhes disse: Que acusação trazeis contra este homem?**
³⁰ – **Responderam-lhe: Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos.**
– **Replicou-lhes, pois, Pilatos: Tomai-o vós outros e julgai-o segundo a vossa lei. Responderam-lhe os judeus: A nós não nos é lícito matar ninguém;**
– **[Isso aconteceu] para que se cumprisse a palavra de Jesus, significando o modo por que havia de morrer.**

28 João se volta novamente à história de Jesus. Não nos relata nada sobre toda a negociação no Sinédrio presidida por Caifás. Já desde Jo 5.18 sabemos que havia a determinação de matar Jesus. A resolução de executar essa morte já havia sido tomada na sessão do Sinédrio de Jo 11.46-53. Logo, a rigor o processo na casa do sumo sacerdote não tem mais nenhuma importância. O relato dos acontecimentos ocorridos ali era do conhecimento das igrejas, devido aos sinóticos. Mas o que João deseja expor detalhadamente às igrejas é como a crucificação de Jesus se concretizou, ou seja, a execução da pena de morte romana. É por isso que Pilatos exerce um papel decisivo. É sobre ele que obtemos muitas informações agora. **“Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para o pretório.”** Após o interrogatório noturno era agora **“cedo de manhã”**, i. é, o tempo entre as 3 e 6 horas. Os próprios acusadores de Jesus **“não entraram no pretório, para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa.”** De acordo com o relato de João, encontramos agora na madrugada do dia 14 do mês *Nissan*, a véspera da Páscoa (Jo 19.14). A Páscoa em si começava às 18 horas do dia 15 de *Nissan*. Temerosos, os acusadores de Jesus se protegem da “contaminação”, que aconteceria com a simples entrada na casa gentílica, excluindo-os da participação na ceia da Páscoa. Como isso é significativo para a “hipocrisia” na vida sob a “lei”? De acordo com Jo 11.46-53, esses dirigentes não estão convictos da culpa real de Jesus. A decisão pela morte de Jesus é um ato de inteligência egoísta. Têm em mente um assassinato político. Contudo, essas mesmas pessoas são extremamente zelosas em não se **“contaminar”** por entrar numa casa gentílica. Ao mesmo tempo, porém, se utilizam desse gentio “impuro” para consumir o aniquilamento de Jesus. Querem comer solenemente o cordeiro da Páscoa. Mas entregam o verdadeiro Cordeiro de Deus à morte de criminoso pelas mãos de gentios. Em tudo isso estão compenetrados da “razão” que têm ao agir assim contra Jesus. Tamanha é a hipocrisia em que uma pessoa, justamente uma pessoa devota, pode ser enleada.

29/30 “Então, Pilatos saiu para lhes falar e lhes disse: Que acusação trazeis contra este homem?”

Os governadores romanos aprenderam a ter consideração pelas condições religiosas judaicas. Por isso Pilatos estava disposto a sair até os acusadores judeus. Dessa maneira Deus consegue que Jesus não seja julgado, como a princípio era o plano do Sinédrio, atrás de portas fechadas, mas que um estágio decisivo do processo contra ele tivesse de acontecer de forma pública e com a participação do povo. A disposição do governador em se ocupar com Jesus tão cedo pela manhã demonstra que ele já estava orientado anteriormente. Os vv. 33-35 confirmam isso. Pilatos sabe a respeito das acusações dos sumo sacerdotes, embora agora elas não sejam declaradas expressamente. **“Responderam-lhe: Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos.”** Só é possível expressar-se assim quando já houve conversações prévias com o governador, expondo Jesus como politicamente perigoso. Tampouco seria possível que um oficial romano acompanhasse a polícia do templo com um pelotão militar. Contudo, uma vez que Jesus agora de fato está diante dele, o romano quer ouvir pontos nítidos de acusação. É necessário que se tratem de atos que também fossem puníveis de acordo com o direito romano, caso o governador devesse cuidar seriamente do caso.

31 “**Replicou-lhes, pois, Pilatos: Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei.**” É totalmente impossível que a força de ocupação romana ignorasse a atuação notória de Jesus e a recente marcha de entrada em Jerusalém. Pilatos sabia o suficiente a respeito de Jesus. Um homem desarmado que vinha à cidade montado sobre um jumento não era um rebelde com o qual os romanos tivessem de se preocupar. Todo o episódio tratava de conflitos intrajudaicos, que os judeus deveriam resolver entre si. Conseqüentemente, Pilatos remete o processo de volta ao Sinédrio. Sua palavra inclui tacitamente a permissão de também apedrejar Jesus como blasfemo, de acordo com a lei judaica.

Contudo os judeus não reagem a isso e não ouvem o que Pilatos lhes oferece. “**Responderam-lhe os judeus: A nós não nos é lícito matar ninguém.**” Por que não lançam mão da possibilidade de realizar oficial e eficazmente aquilo que não obteve êxito nas cenas agitadas no templo em Jo 8.59; 10.31? Já não lhes bastam o mero assassinato e aniquilamento de Jesus. Sua resolução de matá-lo em Jo 11.46 se evidencia como inverídica. Nem se tratava apenas de uma medida de cautela política para eles. Por trás havia o ódio ardente que visa destruir esse Jesus também em sua honra. Esse “Filho de Deus” precisava morrer a morte de um criminoso, com suplício e desonra, pela mão dos romanos. Somente então ele estará aniquilado de fato e em definitivo. Esse ódio só existe em quem foi atingido pela verdade e não quer se curvar diante dela. E novamente torna-se explícita a profunda hipocrisia. Os inimigos de Jesus ardiam contra Jesus em prol da lei e de sua rigorosa observação. Agora, porém, eles mesmos rompem a lei, que previa apenas o apedrejamento para os blasfemos, e assim se escondem atrás da desculpa de que eles mesmos não tinham autorização para aplicar a pena de morte. Agirão de forma diferente com Estêvão. Contudo, ele será apenas um adepto de Jesus e não o próprio Jesus.

32 No entanto, também essa explosão de hipocrisia e ódio está sujeita à soberania divina. Pensam triunfar definitivamente sobre Jesus e não lhe conceder nem sequer a pena de morte de um filho de Israel. Na verdade também agora são obrigados a “**cumprir a palavra de Jesus**”, “**significando o modo por que haveria de morrer**”. Já no diálogo com Nicodemos Jesus havia falado de sua “exaltação” na cruz (Jo 3.14; cf. também Jo 12.32s). Será que Nicodemos se lembrava agora dessa palavra? Ao mesmo tempo, porém, mais um aspecto fica claro por meio da inclusão de Pilatos e do poder estatal romano no processo e na execução de Jesus. A rejeição e o assassinato do Filho de Deus não são uma questão “judaica”, que pudesse simplesmente ser atribuída pelos “gentios” ao fanatismo e à maldade dos “judeus”. Assim como o assassinato da única pessoa de fato temente a Deus é perpetrado pelo povo mais devoto do mundo, assim a execução do único verdadeiramente inocente acontece por meio do sistema estatal mais jurídico da terra. Torna-se manifesto que o “mundo”, tanto o judaico quanto o gentílico, rejeita o amor de Deus e não tem outro lugar para o portador desse amor senão a cruz. Por essa razão, para que isso fique plenamente claro, João descreveu o encontro de Jesus com Pôncio Pilatos a seguir com tantos detalhes.

O PRIMEIRO DIÁLOGO ENTRE JESUS E PILATOS – João 18.33-38a

³³ – Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus?

³⁴ – Respondeu Jesus: Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?

³⁵ – Replicou Pilatos: Porventura, sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?

– Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.

– Então, lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.

^{38a} – Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade?

33 Agora Pilatos está informado sobre o que os judeus querem dele. Fracassou sua tentativa de afastar toda a questão de si, devolvendo-a ao Sinédrio. Por isso precisa ocupar-se com o acusado. “**Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus?**” Pilatos conhece a acusação que o Sinédrio levanta contra Jesus. Deve ter sido comunicada ao governador já por ocasião da solicitação da escolta militar para assegurar a detenção de Jesus: trata-se de um homem perigoso, que se arroga ser o Messias, o “rei dos judeus”, e que por isso é um rebelde contra

a potência de ocupação. Agora Pilatos quer ouvir da própria boca de Jesus como ele se posiciona pessoalmente diante dessa acusação. Já nesse detalhe se percebe que Pilatos não crê de fato na acusação. Ele teria agido de modo diferente com um verdadeiro rebelde contra Roma!

34/35 Jesus, por sua vez, também percebe isso. Será que o governador possui uma opinião própria a seu respeito? Será que por trás de sua pergunta há uma impressão própria, que confere a essa pergunta uma seriedade real? O teor da pergunta, com o enfático “tu” anteposto, permite depreender dúvida e, no mínimo, admiração. “**Tu**”, um homem estranho como tu, queres ser “**rei dos judeus**”? Como devo entender isso? O que vi até hoje nos personagens supostamente messiânicos tinha feições muito distintas! É a essa pergunta do governador que Jesus se reporta. “**Respondeu Jesus: Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?**” Até mesmo diante de Pilatos Jesus procura pelo ser humano com quem ele poderia estabelecer contato. Pilatos reage bruscamente. “**Replicou Pilatos: Porventura, sou eu judeu?**” Justamente por Jesus não ser igual aos rebeldes costumeiros, a questão toda é para ele uma daquelas estranhas controvérsias fanáticas desse incompreensível povo judeu, do qual felizmente não faz parte. Não tem interesse no próprio Jesus, apenas lida com ele por obrigação e por ofício. “**A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim.**” Contudo, esse acusado deve ter feito algo que causa tanta revolta na autoridade judaica. “**Que fizeste?**” Talvez uma confissão de Jesus possa dar base a uma sentença justificável até mesmo para o juiz romano.

36 Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus.” Jesus não pode e tampouco quer negar seu reinado, nem mesmo perante o governador. Simultaneamente, porém, deseja deixar claro como a situação real é diferente de tudo o que Pilatos pudesse ter ouvido sobre as expectativas do “Messias”, do “Filho de Davi”. Jesus não deseja falar algo que enfraqueça, diminua ou tire a importância de sua resposta. Imediatamente, tentará demonstrar que, pelo contrário, o seu reino diz respeito a todas as pessoas, muito além da esperança nacional de Israel (v. 37). Mas diante a impressão que o próprio Pilatos já obtivera, Jesus visa confirmar: não se trata de reivindicações mundanas de domínio. Em defesa disso há uma prova muito simples, que também Pilatos precisa reconhecer imediatamente. Poder e domínio mundano são obtidos com o empenho de seguidores. Contudo, em lugar algum Pilatos vê alguém que lutaria por Jesus. Ao único discípulo que sacara sua espada Jesus ordenara imediatamente que a embainhasse de novo. O oficial da escolta logo relatou a Pilatos como transcorreria a detenção de Jesus. Jesus traz esse relato à memória do governador. Está limpidamente claro: “**Mas agora o meu reino não é daqui.**”

37 A seu modo, Pilatos prestou bastante atenção. Jesus falara de seu “reino”. Com vistas às acusações dos judeus contra Jesus, Pilatos tira a conclusão: “**Então, lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei?**” Jesus respondeu com a fórmula que substitui a palavra “sim” no idioma judaico. “**Respondeu Jesus: Tu mesmo o dizes**” (cf. sobre isso Mt 26.64). Como confirmação, ele acrescenta: “**Eu sou rei.**” E agora Jesus tenta mais uma vez alcançar esse romano de forma pessoal. “**Verdade**”, dessa palavra cada ser humano entende um pouco, mesmo um governador romano. “**Verdade**” diz respeito a todos. Cada um precisa curvar-se à verdade. Ainda que Pilatos rejeitasse e desprezasse a questão do Messias como um assunto puramente judaico, desde que não se tornasse perigosa para o domínio romano, Jesus tem o direito de ser ouvido por ele como “**testemunha em favor da verdade**”. Por isso Jesus agora explica seu reinado: “**Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade.**” Também neste caso “**verdade**” não representa a quantidade de descobertas corretas que a ciência elabora. Essas “verdades” não carecem de “**testemunhas**”. Tampouco transformam alguém em “**Rei**”. Mesmo aqui Jesus está falando daquela “**verdade**” que nos revela a realidade última de nossas vidas e é luz que penetra em toda a nossa existência. Essa “**verdade**” é necessariamente a verdade de Deus, pois somente em sua criação à imagem de Deus o ser humano é reconhecido em sua realidade verdadeira. Ao direcionar a vida para Deus, ela adquire verdade e se torna vida “eterna”. Ao mesmo tempo, a “verdade” traz o juízo sobre o ser humano e o revela como separado de Deus e, por isso, refém das trevas e da morte. Contudo, ela mostra também o amor de Deus, que não desiste do mundo, mas entrega o próprio Filho para a sua salvação. De acordo com Jo 1.17, a “verdade” não pode ser separada da “graça”. Essa verdade precisa de uma “testemunha”. Ela é desconhecida porque é mal-entendida, temida e odiada. As pessoas amam as trevas mais do que a luz, embora as trevas e a mentira que a domina signifiquem a morte e apenas a verdade traga a vida verdadeira. A “testemunha em prol da verdade” torna-se “**martys**”, “testemunha

de sangue”. Porém essa verdade visa reinar, libertando e presenteando. Aquele que é “a verdade” (Jo 14.6) em pessoa é ao mesmo tempo, como **“testemunha em prol da verdade”**, **“Rei”** no sentido mais sublime e abrangente. Ele é soberano, libertador, redentor, até mesmo para alguém como Pilatos. Ele tem uma ligação muito mais profunda e poderosa com um governador romano do que qualquer rebelde contra Roma, por mais forte e obstinado que seja. Pilatos pode despachar um Messias judaico por força de ofício, mas precisa posicionar-se diante de um Rei da verdade.

Uma pessoa pode instruir outras em “verdades” lógicas. Pode ensinar a qualquer um o que há para ser sabido e compreendido nelas. Com a **“verdade”** essencial é diferente. Nela, ouvir e compreender estão vinculados a uma premissa interior que agora é citada por Jesus. **“Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.”** O estadista e juiz Pilatos, que apenas queria exercer sua função oficial, de repente vê-se confrontado com uma decisão pessoal extrema. Ele não teve uma simples participação no jogo de intrigas do Sinédrio contra Jesus. Ele atinou com o jogo dos sumo sacerdotes. Mas será que ele de fato é “da verdade”? Será que o anseio pela **“verdade”** de sua vida determina seu pensar e agir? Será que ele presta atenção real quando a **“testemunha da verdade”** está diante dele? Será que ele se curva diante desse **“Rei”**?

38a “Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade?” Essa é uma pergunta cética, que traz rejeição. Nessa hora fala a pessoa erudita da Antigüidade, que ouviu tantas “verdades” que não consegue mais levar nenhuma a sério. Quantas coisas reclamam ser “verdade”? Quantas filosofias, visões de mundo e religiões asseveram que possuem a verdade! **“Que é a verdade?”** Porém, quem fala é sobretudo o político e soldado romano que sabe como as coisas acontecem no mundo e o que prevalece. Não se pode chegar a lugar algum com a “verdade”. A verdade é um espectro inútil em meio às potências e poderes que realmente determinam o mundo. O que, afinal, vem a ser **“verdade”**? Nesse instante é tomada uma decisão que precisa ser constantemente repetida neste mundo. Depois de dois mil anos, porém, nós percebemos, espantados: todos os poderes e potestades do mundo daquele tempo, que pareciam ser os únicos “reais” e essenciais para alguém como Pilatos, passaram. Tampouco trouxeram ao próprio Pilatos a felicidade e a vida, mas a perdição. Jesus, porém, a testemunha e o Rei da verdade, ainda hoje reina em todo o mundo sobre pessoas dentre todos os povos com o reinado da verdade salvadora e libertadora!

A TENTATIVA DE OBTER UM INDULTO DE PÁSCOA PARA JESUS – João 18.38b-40

^{38b} – **Tendo dito isto, voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum.**

³⁹ – **É costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa; quereis, pois, que eu solte o rei dos judeus?**

– **Então, gritaram todos, novamente: Não este, mas Barrabás! Ora, Barrabás era salteador.**

38b O governador renuncia a um diálogo sério com Jesus. Para ele não compensa buscar a verdade. Contudo, está convicto da inocência de Jesus. **“Tendo dito isto, voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele culpa alguma.”** Um ponto de acusação real, que tornasse Jesus culpado de acordo com os princípios jurídicos romanos não ficou visível para Pilatos.

39 O que acontecerá agora? Pilatos pensa encontrar uma solução inteligente, que o exima de uma sentença própria nessa questão, que conceda a liberdade a Jesus e apesar disso não conteste a sentença do Sinédrio de que Jesus é culpado. Que tal dar um “indulto” a Jesus, que como tal pressupõe e confirma uma condenação legalmente válida? A forma ideal para esse indulto é fornecida por um direito consuetudinário já existente. **“É costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa.”** Não seria, pois, algo louvável que o governador soltasse o homem que teve uma importância no povo como “Rei dos judeus” por ocasião da Páscoa? **“Quereis, pois, que eu solte o rei dos judeus?”** Para “querer” se usa uma expressão branda: “desejais” ou “gostariéis”? É óbvio que Pilatos não pode pressupor nos sumos sacerdotes uma “vontade” expressa de libertar Jesus. Contudo, a proposta do governador não seria também para eles uma temporização, com a qual poderiam concordar? Jesus não estaria liquidado se fosse libertado dessa maneira, por meio da clemência romana?

40 No entanto, como tantas vezes, também nesse caso a tática esperta se enganou. É justamente a designação “rei dos judeus” que deixa os acusadores de Jesus, como também a multidão que se reuniu, exasperados e revoltados. Não se pode dizer com segurança em que sentido Pilatos a usou. Será que com “indulto” procurava enfatizar expressamente a “culpa”? Ou será que essa palavra lhe

ocorre por si mesma, quando tentava dar um destino qualquer a Jesus? Ou pensava ele que, como recordação ao júbilo da multidão na entrada de Jesus em Jerusalém, a massa do povo se decidiria em favor de Jesus e gritaria mais alto do que os acusadores oficiais? Contudo, justamente o título de rei dado a um homem algemado e impotente deixa clara a fúria incontida dos judeus: não querem um “rei” desses! Esse jamais poderia ser o aspecto do Messias! Podia esperar-se algo dele quando fez a mágica do pão para os milhares, quando tirou o Lázaro morto da sepultura. Agora, porém, sentem-se enganados por ele. Não é capaz de nada! Indefeso, está aí, querendo ser Rei e Salvador de Israel!

“Então, gritaram todos, novamente: Não este, mas Barrabás! Ora, Barrabás era assaltante.”

Comparado com esse Jesus, que os decepcionou tanto, Barrabás sem dúvida é outro homem. Afinal, de forma alguma ele é um “assaltante” civil, criminoso no sentido usual. Hoje o chamaríamos de “guerrilheiro”. Sua luta ativa contra a potência de ocupação romana o tornou um fugitivo, que precisava ganhar a vida por meio de assaltos criminosos. Agora fora capturado num episódio violento. No entanto, sendo essa a situação de Barrabás, não representando ele um simples criminoso, e sim um rebelde ativo contra a potência de ocupação romana, acontece uma decisão real e radical em Israel diante da pergunta “Jesus ou Barrabás?”. Em virtude de sua história com Deus e do conhecimento da Escritura, Israel podia tomar a decisão correta. Mas, ao rejeitar a proposta do esperto Pilatos, em seu íntimo Israel aderiu justamente ao gentio Pilatos. Como Pilatos, Israel agora também rejeitou a “verdade” como sendo insignificante e acreditou no poder e na violência como fatores decisivos neste mundo. **“Não esse, mas Barrabás!”** Com isso justifica-se a sagrada imperiosidade com que Jesus havia resistido a ser “rei” por mercê desse povo, o “Messias” nesse sentido (Jo 6.15; 10.24; 12.14). No entanto, fica igualmente manifesto que toda a devoção pessoal, todo o cumprimento de “leis” morais e religiosas, não superam a natureza interior da pessoa, seu modo natural, “gentílico”.

É muito significativo que as circunstâncias forcem situação contrária ao plano original e temeroso do Sinédrio, levando a negociação decisiva contra Jesus para um plano tão aberto. Agora a rejeição a Jesus não era mais apenas uma questão das pessoas dirigentes. Tornou-se a causa do próprio Israel, que proferiu em voz alta e pública sua sentença: “Não esse, mas Barrabás!”

A APRESENTAÇÃO DO AÇOITADO – João 19.1-7

– **Então, por isso, Pilatos tomou a Jesus e mandou açoitá-lo.**

² – **Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura.**

– **Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas.**

– **Outra vez saiu Pilatos e lhes disse: Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho nele crime algum.**

– **Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: Eis o homem!**

⁶ – **Ao verem-no, os principais sacerdotes e os seus guardas gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós outros e crucificai-o; porque eu não acho nele crime algum.**

– **Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus.**

1 O “indulto para Jesus” tornou-se impossível. Mas Pilatos não consegue encontrar em Jesus um motivo claro para uma sentença de morte. Por isso ele resiste contra essa resolução. Talvez os judeus cheios de ódio se contentem se for aplicado a Jesus o suplício dos açoites. **“Então Pilatos tomou a Jesus e mandou açoitá-lo.”** O açoite romano era algo terrível. O condenado era amarrado a uma coluna com a parte superior do corpo despida e então era flagelado com chicotes em cujas tiras de couro estavam trançados cacos de osso ou peças de chumbo. Quando os punhos de soldados romanos agitavam esses chicotes, em pouco tempo a pele e a carne das costas ficavam estraçalhadas. Muitos presos não sobreviviam aos açoites. Quanto mais delicada e sensível fosse a pessoa, tanto mais terrível era ficar à mercê da brutalidade das pessoas e das dores horríveis.

2/3 É inconcebível que o santo e nobre Filho de Deus tenha sofrido isso por nós. Nós, as pessoas modernas, esperamos e recebemos ajuda e alívio diante das dores mais insignificantes. Jesus não encontra sossego em momento algum. Já na Antigüidade havia um anti-semitismo explícito. Para os romanos, o judeu era alguém impossível de compreender e, por isso, meio terrível e meio

desprezível. Agora os soldados ouviram que esse homem em suas mãos é o próprio “rei dos judeus”. É preciso aproveitar essa oportunidade, é possível dar plena vazão aos sentimentos contra esses judeus. Pode-se praticar brincadeiras cruéis com esse rei e degustar o prazer de torturar e humilhar uma pessoa indefesa. De um monte de lenha no pátio buscam rapidamente alguns galhos espinhentos e os tecem em forma de guirlanda. Isso fornece a “coroa” certa para esse “rei”. Com força ela lhe é fixada sobre a cabeça. **“Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça.”** Um manto vermelho de soldado fornece a “púrpura” apropriada para esse rei dos judeus. E agora é exibida uma cena de escárnio brutal, na qual se presta “homenagens” ao rei, para em seguida golpear o indefeso na face com as rudes mãos de soldado. **“Vestiram-no com um manto de púrpura e chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas.”**

4 O que será agora? Pilatos torna a fazer uma tentativa de salvar a vida de Jesus. **“Outra vez saiu Pilatos e lhes disse: Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho nele crime algum.”**

5 É dessa maneira que acontece a cena transmitida apenas por João. Ela sintetiza numa só imagem inesquecível toda a Paixão do Senhor. **“Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura.”** Esse é Jesus! Esse é o Cordeiro de Deus que carrega o pecado do mundo. Esse é “o Senhor da glória”, sangrando, flagelado, desfigurado – em nosso favor. Mas justamente nesse ponto torna-se verdade que sua humilhação é sua “exaltação”, sua “glorificação”. Aí está ele, com toda a sua majestade, carregando o manto e a coroa de Rei. E essa coroa de espinhos ainda brilhará quando todas as coroas de imperadores do mundo tiverem sido destruídas. Diante do Rei ridicularizado e vertendo sangue nossos joelhos se dobram eternamente em submissão pura e completa.

Pilatos aponta para Jesus. **“Disse-lhes Pilatos: Eis o homem!** (ou: Vede, o ser humano).” Essas palavra de Pilatos representam um apelo à humanidade. Agora Pilatos já não emprega a provocadora palavra “rei dos judeus”. Tão somente é “o ser humano” que está diante deles. Extremamente pálido após os açoites, sofrendo, destroçado. Será que não são capazes de serem humanos com o “ser humano”? Será que agora não concordariam com um ato de clemência? Aqui se nota algo do “humanismo” que se formara durante séculos de Antigüidade greco-romana e que agora influenciava arbitrariamente até uma pessoa como Pilatos. É óbvio que ao mesmo tempo fica explícito que esse “humanismo” não deve ser superestimado. Pilatos não avança em direção de um engajamento verdadeiro em prol do “ser humano”!

A palavra do romano é mais profunda do que ele mesmo sabe. **“Eis, o homem”** – sim, assim é o ser humano em sua verdade plena. Pretende ser um “rei”, e no entanto não passa de uma pessoa impotente, sofredora, moribunda. Contudo, é justamente com esse **“ser humano”** que Jesus se solidariza. Ele visa apresentar-se na mais profunda miséria humana assim, como **“o homem”**. Agora se torna verdade extrema o que João nos declarou de modo fundamental no início de seu evangelho. **“A palavra se fez carne”** (Jo 1.14).

É claro que tudo passa a depender de quem é esse “ser humano”. Se ali estivesse apenas um homem nobre, mas sonhador, que se enganou em sua apreciação do mundo e agora precisa pagar por isso com um fim cruel, então isso na verdade causa compaixão, mas não deixa de ser um dos incontáveis casos em que se sofre injustiça. Nesse caso, destinos análogos de nossos dias nos atingiriam muito mais. É por essa razão que não existe um “evangelho” que se resuma a uma história da Paixão. Também João nos mostrou primeiro, ao longo de dezessete capítulos, como Jesus falava e agia, sua pessoa e sua natureza, antes que o fizesse “sair” dessa maneira diante de nossos olhos. E somente agora seu sofrimento se distingue de todos os outros sofrimentos no mundo, por mais que ao mesmo tempo preserve a solidariedade com todos os sofredores. Esse rei flagelado, alvo de zombaria, é o Santo de Deus, o único Filho, o Verbo eterno do Pai. É assim que o mundo trata o Deus santo, quando Ele se coloca em nosso meio como ser humano. Age assim precisamente quando surge no povo de Israel um mundo “devoto”, um “povo das religiões”.

6/7 Isso se revela imediatamente de modo chocante. **“Ao verem-no, os principais sacerdotes e os seus servos gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o!”** Apesar de tudo, o duro romano via “o ser humano” em seu sofrimento e apelou para o senso humanitário. Esse apelo é em vão junto aos sumo sacerdotes e seus servos. Não vêem “o ser humano”, vêem a “Deus” e sua “lei”. **“Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós outros e crucificai-o; porque eu não acho nele crime algum. Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus.”**

Porventura não tinham razão diante do “humanismo” de Pilatos? Não foi o próprio Jesus que acusara Pedro na hora decisiva: cogitas das coisas dos homens e não nas coisas de Deus (Mt 16.23)? Sim, eles tinham razão. Quando a honra de Deus está em jogo, nenhuma compaixão com o sofrimento humano deve interpor-se. Se Jesus de fato **“a si mesmo se fez Filho de Deus”**, ele deve morrer segundo a lei de Deus, ainda que nesse caso a morte prescrita fosse por apedrejamento, não pela cruz.

Contudo, precisamente essa é questão na qual se condensa mais uma vez toda a luta entre Jesus e seu povo. Será que Jesus a si mesmo se transformou impiamente em Filho de Deus, ou será ele o Filho do Deus vivo, e a blasfêmia está do lado daqueles que agora crucificam o verdadeiro Filho de Deus?

A pergunta relativa à pessoa de Jesus somente pode ser formulada nessa radicalidade extrema. Todas as demais perguntas e outras tentativas de solução deixam de atingir a realidade de Jesus. Por isso o veredicto dos sumo-sacerdotes, apesar de todo seu caráter terrível, ainda está mais próximo da verdade do que as refinadas, honrosas e mesmo assim inofensivas descrições de Jesus feitas até os dias atuais. Os sumo-sacerdotes sabem que se não quiserem venerar Jesus como o Filho de Deus e render-se completamente a ele, somente resta enviá-lo como blasfemo para a morte. E agora estava cabalmente provado para eles: esse impotente rei escarnecido de forma alguma podia ser o Filho de Deus e o Messias! Aqui não bastava o apedrejamento. Jesus deve ser levado à cruz! Contudo, nessa fúria cruel de destruição “Crucifica! crucifica!” mostra-se ao mesmo tempo que foram atingidos pela verdade e pelo juízo dela. A lei, segundo a qual Jesus deve morrer, é para eles o refúgio diante da luz de Deus, que desmascarou sua própria profunda perversão por meio de Jesus. Se esse Jesus perecer na tortura e desonra da cruz, ficará “provado” que eles mesmos são de fato as pessoas devotas e agradáveis a Deus no povo eleito.

O SEGUNDO DIÁLOGO ENTRE JESUS E PILATOS – João 19.8-11

⁸ – **Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou,**

⁹ – **e, tornando a entrar no pretório, perguntou a Jesus: Donde és tu? Mas Jesus não lhe deu resposta.**

¹⁰ – **Então, Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?**

– **Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada. Por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.**

8/9 Desde o começo as acusações dos judeus diante do governador romano eram algo indefinidas e imprecisas (Jo 18.30). Mas Pilatos devia entendê-las como uma incriminação política e ver em Jesus um rebelde contra Roma. Havia fracassado a tentativa de levar Jesus até a cruz dessa maneira. O governador não encontrou nenhuma culpa dessa espécie em Jesus. Agora eles haviam externado que, segundo sua perspectiva, havia um crime religioso. Jesus “a si mesmo se fez Filho de Deus”. Pilatos obtivera uma impressão profunda da grandeza interior desse prisioneiro. Por isso, essa palavra o atinge de forma bem diferente do que os acusadores de Jesus tencionavam. **“Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou.”** No coração desse romano que vivia no final da Antigüidade havia um certo temor “religioso”, uma apreensão supersticiosa diante do mistério que pairava sobre Jesus. Seria Jesus de fato “um filho de deuses”, contra o qual Pilatos temia cometer um sacrilégio? O mundo daquela época conhecia muitas histórias acerca de entes divinos com estatura humana e poderes “divinos”. Que desgraça poderia cair sobre Pilatos se ele violasse um ser sobrenatural desse tipo na pessoa de Jesus! Por isso ele se retrai novamente com seu prisioneiro para o pretório **“e diz a Jesus: Donde és tu?”** Sem maiores problemas, ele considerava possível que Jesus fosse uma pessoa de uma esfera superior, “divina”. De qualquer forma, sua pergunta sobre a origem de Jesus refere-se a esse mistério de sua pessoa que Pilatos presentiu.

Jesus não poderia aproveitar essa brecha, testemunhando ao homem assustado, da mesma maneira como no passado a seu povo, algo a respeito de seu “ser do alto” (Jo 8.23) e conseguir assim sua libertação? **“Mas Jesus não lhe deu resposta.”** Jesus vê o lado supersticioso e impuro no “temor” de Pilatos. Ele sabe que sua resposta somente seria incompreendida por esse homem. Se em seus próprios concidadãos Jesus apenas constata, com ira e dor, que estão equivocados, apesar de seu “conhecimento” a respeito de sua pessoa e sua origem (Jo 7.27-29), quanto mais esse romano entenderia de forma errada tudo o que lhe fosse dito acerca da verdadeira filiação divina do Messias.

Por isso Jesus se cala. Não podemos nem temos a obrigação de responder a todas as perguntas das pessoas.

- 10 Rapidamente a posição e consciência do poder de Pilatos passam a predominar sobre seu “temor” perante o mistério de Jesus. Não importa quem seja Jesus, agora ele é seu prisioneiro indefeso. E esse prisioneiro ousa negar-se a responder sua pergunta? **“Então, Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?”** Era costume e esperava-se que os acusados pleiteassem muito submissamente pela benevolência dos juízes.
- 11 Agora Jesus responde. Ele o faz com serena objetividade e majestade superior. **“Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias contra mim, se de cima não te fosse dada. Por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.”** Essa resposta é surpreendente. Jesus poderia ter apontado para Pilatos toda a sublimidade de sua grandiosa palavra. Os minutos subsequentes evidenciarão qual era a verdadeira condição desse suposto “poder” de Pilatos. Mas apesar disso, Jesus dá razão a Pilatos. Pilatos tem agora poder sobre ele. Pilatos “podia” soltá-lo ou entregá-lo à morte na cruz. Jesus não olhou para o fracasso do governador Pilatos, que recorria ao “cargo” estatal, o qual a princípio conferia ao governador o “poder” de que falava Pilatos. E Jesus viu o que Pilatos não era capaz de ver. A Pilatos **“foi dado de cima”** ter esse poder até “contra Jesus”! O poder será usado **“contra”** e não “a favor” do Filho de Deus. Pilatos não protegerá Jesus diante de seus inimigos, mas o levará à cruz. Contudo, assim foi “dado de cima”, assim foi estabelecido por Deus. É diante disso que o Filho se dobra. Deus quer que o poder concedido à autoridade também tenha de ser cumprida em sua perversão e falsidade e contribuir decisivamente para a morte na cruz. “Para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus” (Rm 3.19).

Pilatos não vai **“soltar”** Jesus, e sim mandar crucificá-lo, apesar de estar convicto de sua inocência. Não terá a coragem de fazer uso do poder que lhe foi conferido para proteger a justiça, porém negará, por covardia, o poder em que se arvora. Esse é seu **“pecado”**. No entanto, há diferenças de tamanho entre nossos pecados. Pilatos não é a força propulsora na condenação de Jesus. Sua culpa reside em seu medo diante da indignação de César, em sua fraqueza perante as ameaças dos judeus, em seu receio de um eventual sofrimento se advogar pela justiça e verdade. Um “pecado maior” possui, por consequência, Caifás, que busca ardorosamente a morte de Jesus, que por isso entregou Jesus a Pilatos e agora não deixará Pilatos em paz até que dê a ordem de crucificar Jesus. “Maior” é o “pecado” de Caifás também pelo fato de que ele é o sumo-sacerdote que tem em suas mãos a **“Torá”**, a lei de Deus, que conhece o Deus vivo e foi convocado ao serviço de Deus. Sua culpa é terrível, e é arrasador que mesmo mais tarde os sacerdotes não denotem nenhum vestígio de arrependimento em relação à ação perpetrada contra Jesus (At 4.2,5-7; 5.28).

A CONDENAÇÃO DE JESUS À MORTE NA CRUZ – João 19.12-16

- **A partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo, mas os judeus clamavam: Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!**
 - **Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, no hebraico Gabatá.**
 - ¹⁴ – **E era a parasceve pascal, cerca da hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei.**
 - **Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César!**
 - ¹⁶ – **Então, Pilatos o entregou para ser crucificado.**
- 12 Mais uma vez Pilatos percebe que Jesus é completamente diferente que todas as pessoas com quem ele teve de lidar até então, sobretudo os acusados que estiveram diante dele. A alteza serena e a superioridade com que Jesus reconhecia seu poder e apesar disso rejeitava sua ameaça, a seriedade com que ele propunha a sua culpa e apesar disso o julgava com justiça em comparação com alguém como Caifás, isso tornou a impressioná-lo. **“A partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo.”**
- Rapidamente, porém, fica claro que, numa pessoa que não “é da verdade”, essas impressões e impulsos são impotentes. Fica manifesto qual era a verdadeira situação do “poder” de alguém como Pilatos. Quando os adversários de Jesus notam o que acontece no coração de Pilatos, eles levam a questão novamente para o nível político. Nesse momento, porém, prevalece não mais a acusação contra Jesus, mas a ameaça aberta contra Pilatos. **“Mas os judeus clamavam: Se soltas a este, não**

és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!” Se quisermos compreender a seriedade dessa ameaça e o efeito sobre Pilatos, precisamos entender a situação histórica da época. Um imperador romano governava com poder pessoal absoluto. Instâncias como o senado romano não passavam de um impotente jogo de títeres na mão do imperador. Do favor ou da indignação de um imperador dependia não apenas a posição de uma pessoa, mas toda a sua existência. Isso foi assim especialmente sob Tibério, sucessor de Augusto, que havia se tornado cada vez mais um homem desconfiado, medroso e por isso cruel. Provocar a suspeita desse César representava risco de vida. Pilatos tinha o título honorífico oficial de “amigo de César” e, por consequência, tinha por trás de si a benevolência do imperador. No entanto, os sacerdotes de Jerusalém também tinham seus contatos em Roma. Um relato bem preparado sobre Pilatos, que simplesmente tivesse deixado escapar de suas mãos um flagrante rebelde e inimigo do imperador, tinha condições de provocar toda a suspeita de Tibério e fazer daquele que até então era “amigo de César” uma pessoa que perderia a posição e a vida. O que os sumo-sacerdotes disseram a Pilatos podia ser tudo, menos uma ameaça vazia.

- 13** Em vista disso, o efeito também é imediato. A impressão de Jesus sobre Pilatos não era tão profunda que ele estivesse disposto a pôr em risco a própria existência em favor de Jesus. Com dificuldades ele havia conseguido afirmar-se em seu cargo de governador no jogo de intrigas pelo poder. Será que agora poria a perder tudo por causa desse Jesus? Ele conhecia a tenacidade maligna dos líderes judeus. Desiste de todas as tentativas de salvar Jesus e passa a proferir a sentença oficial. **“Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se na cátedra do tribunal, no lugar chamado Pavimento, no hebraico Gabatá.”**

Novamente, nesse momento, João é muito preciso em seus dados. A “**cátedra do tribunal**”, a partir do qual eram decretadas as sentenças oficiais, encontrava-se num lugar aberto, a fim de assegurar toda a publicidade ao julgamento. A justiça devia ser declarada perante os ouvidos de todos. João conhece o local em que se encontrava a cátedra do tribunal do procurador em Jerusalém. Ele é conhecido em Jerusalém, e é significativo que tivesse tanto um nome hebraico quanto grego. O idioma grego havia penetrado com intensidade até mesmo em Jerusalém. O “Pavimento” com a “cátedra do tribunal” estava situado diante da fortaleza de Antônia ou diante do palácio de Herodes.

- 14** Contudo João também sabe referir com maior exatidão a hora decisiva da condenação de Jesus à morte na cruz. Encontramo-nos na “**parasceve da Páscoa**”, e “**a hora era por volta da hora sexta**”. Após todas as negociações, os açoites e a zombaria contra Jesus e os diferentes diálogos de Pilatos com Jesus, chegou o meio-dia, quando Pilatos pronuncia o veredicto definitivo.

Pilatos cedeu às ameaças dos judeus. Agora, porém, vinga-se deles: “**E disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei.**” Já que tem de proferir uma sentença, não o fará sobre uma pessoa inocente de nome Jesus, e sim sobre o messianismo judaico como tal. Ele lhes havia apresentado Jesus como “ser humano”, a fim de provocar sua simpatia humana: “Eis, o homem” (Jo 19.5). Agora ele afirma: “Eis, vosso rei”. O julgamento político que o obrigam a realizar deverá ser um julgamento político de fato, que atinja o judaísmo.

- 15** Uma ferrenha indignação se manifesta da parte judaica. “**Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-o!**” Cheio de aguçada ironia replica-lhes o governador. “**Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei?**” Com isso Pilatos alcança o que nunca havia conseguido até então, apesar de todos os seus esforços: a renúncia audível e pública dos sumo-sacerdotes a toda a expectativa messiânica. “**Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César!**” Pilatos pode ficar satisfeito.

João não nos informa nada sobre o que os líderes dos fariseus pensaram a respeito dessa traição à esperança de Israel. Mas também aqui se abre o abismo que há tempo já separava os saduceus dos fariseus. Os “saduceus”, o partido sacerdotal, não haviam aceitado como compromissiva a proclamação profética com suas poderosas esperanças para o futuro. Reconheciam como Escritura normativa exclusivamente a “Torá” no sentido mais restrito, ou seja, os cinco livros do Pentateuco e o livro de Josué. De acordo com o entendimento deles, a existência terrena de Israel na Terra Santa estava em jogo. Rejeitavam como fantasiosas todas as idéias a respeito de uma “ressurreição dos mortos” e um futuro transcendente. Também toda a expectativa messiânica lhes era estranha. A partir dessa atitude básica, os sumo-sacerdotes, como os verdadeiros dirigentes do povo, há muito já se haviam tornado políticos, cujo único objetivo era a continuidade de Israel na realidade terrena. Nesse caso, não era melhor e mais suportável a administração romana do que o despotismo de Herodes e seus seguidores? E fazia algum sentido atacar o poderio mundial dos romanos? Com isso não se

colocava em risco o último resquício da autonomia de Israel e de seu governo próprio? Foi assim que Caifás justificou a resolução de morte contra Jesus já em Jo 11.49s. Por isso irrompe nesse instante da boca dos sumo-sacerdotes tão somente aquilo que há tempo pensavam em seus corações. Realmente eram “fiéis a César” e eram temerosos em relação a experimentos messiânicos.

Todo o episódio descrito por João com clareza e conhecimento de causa tão especiais é perpassado por uma linha homogênea que precisamos ver, porque a pergunta que aqui atinge o ponto de decisão também diz respeito a nós, de forma inescapável. Para os sacerdotes, o imperador em Roma com suas legiões são infinitamente mais importantes que o Deus invisível. Para Pilatos a “verdade” é uma coisa inútil e insignificante diante dos poderes reais que configuram os acontecimentos mundiais. E também para o povo um Barrabás audacioso e violento é mais impressionante que um Jesus impotente. Não Jesus, mas Barrabás; não Deus, mas o César; não a verdade, mas o poder; é assim que as decisões são tomadas. Cada época é novamente confrontada com a mesma pergunta. O que é realmente o poder maior e decisivo para nós? Diante do quê nós nos curvamos? Em quê apostamos nossa vida? O que vale para nós: o visível ou o invisível, Deus ou o soberano do mundo, a verdade ou o poder?

- 16 Pilatos abriu mão da verdade, do direito e da inocência e recebeu em troca um sucesso político. Os dirigentes sacerdotais do povo atestaram em voz alta e pública sua fidelidade a César. Quando isso se tornar conhecido em Roma, a posição de Pilatos ficará consolidada. Isso basta para Pilatos. **“Então, Pilatos o entregou a eles para ser crucificado.”** Mais uma vez ocorre aqui o termo “entregar”, que caracterizou a ação de Judas, que foi usado por Caifás e que agora caracteriza a sentença judicial de Pilatos. Não é uma sentença própria, fundamentada, que Pilatos profere. É tão somente “entregar” Jesus ao ódio de seus inimigos. Em tudo, porém, Jesus é “o que foi entregue”, o “abandonado”. Faz parte de sua natureza ser o Onipotente, Aquele que silencia a tempestade e chama Lázaro da morte, e apesar disso Aquele que é “entregue” a pessoas miseráveis e à maldade delas. Acima disso, porém, paira aquele “entregar” por parte de Deus, do qual o próprio Jesus falou em Jo 3.16 e que seu emissário Paulo atestará de novo em sua mensagem em Rm 8.32.

2 – MORTE E SEPULTAMENTO DO SENHOR – JOÃO 19.17-42

A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS – João 19.17-22

– Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico,

¹⁸ – onde o crucificaram e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.

¹⁹ – Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: JESUS NAZARENO (literalmente: Nazoreno), O REI DOS JUDEUS.

– Muitos judeus leram este título, porque o lugar em que Jesus fora crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego.

²¹ – Os principais sacerdotes diziam a Pilatos: Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que ele disse: Sou o rei dos judeus.

²² – Respondeu Pilatos: O que escrevi escrevi.

- 17 “Tomaram eles, pois, a Jesus.” Os “eles” não são os mesmos do versículo anterior. Lá Pilatos entregara seu prisioneiro aos sumo-sacerdotes, mas agora são os legionários romanos que “tomaram” Jesus para realizar a execução. Provavelmente um pelotão correspondente já havia sido destacado para os dois homens que haveriam de sofrer a morte ao lado de Jesus e já haviam sido condenados previamente. É por isso que “eles” podiam “tomar” também a Jesus imediatamente.

“E ele carregou para si próprio a cruz.” No grego não se fala de uma “cruz”, mas de um “poste”. A pesada estaca da cruz já estava preparada no local da execução. Porém cada um tinha de carregar pessoalmente uma viga transversal, na qual os braços do condenado eram pregados e que era erguido com o condenado até o alto da estaca. Esse “poste” era suficientemente pesado e torturava intensamente as costas feridas de um açoitado. Uma pessoa sozinha nem sequer teria sido capaz de carregar uma “cruz” completa. Para nós a formulação soa estranha: eEle “carregou para si próprio” o poste. Desde cedo em alguns manuscritos o “*heauto*” = para si mesmo” se transformou, por meio de uma leve alteração, em “*autou*”, ou seja, “seu” poste. No entanto, com o “carregar o poste para si próprio” João talvez visasse enfatizar especialmente que Jesus tomou sobre si a pesada viga de sua

cruz com toda a vontade e coragem resoluto, ainda que mais tarde Simão de Cirene tenha sido forçado pelos soldados a assumir a carga em lugar de Jesus (Mc 15.21). João visa evitar que a notícia de Marcos forme a concepção falsa de que Jesus tenha sido poupado em algo do sofrimento da cruz. Ele não deixa outros carregar o peso. Assume-o “para si próprio”.

Jesus, portanto, “**saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico**”. João não descreveu a via sacra de Jesus com as diversas “estações”. Esse tipo de ilustração não é do interesse da Bíblia. Contudo, é cabível depreender dessa breve frase que caminho era esse, caminhar passo a passo rumo à dolorosa execução após a noite que Jesus passara, após interrogatórios desde a madrugada até o meio-dia e, após a flagelação. “**Ele saiu.**”

O local de execução chama-se “lugar da caveira”. O nome “Gólgata” é uma evolução do aramaico “*Gulgaltha*”, em hebraico “*Gulgolet*” = crânio”. O lugar deve ter esse nome porque como morro sem vegetação tinha o formato semelhante a um crânio. Se o nome visasse apontar para os crânios que podiam ser encontrados ali por causa das execuções, o correto seria “lugar dos crânios”. Além do mais, os corpos dos criminosos em putrefação não permaneciam deitados no local de execução, mas eram queimados no vale do Hinom sobre o monturo de lixo. Por isso José de Arimatéia precisou fazer uma solicitação especial pelo corpo de Jesus, para que pudesse receber um sepultamento verdadeiro.

João não nos informa nada a respeito da localização do lugar. No entanto, ouvimos no v. 20 que ele era muito perto da cidade, e no v. 41, que ali perto havia um jardim. Isso aponta para a divisa setentrional da cidade. Unicamente ali havia regiões com jardins nos arredores imediatos do muro da cidade. Conseqüentemente, é provável que o lugar hoje coberto pela construção da igreja do sepulcro, designado pela tradição como local do Calvário, seja o lugar histórico da cruz.

A própria crucificação é mencionada somente numa breve frase secundária: “**Onde o crucificaram.**” Naquela época o procedimento terrível era conhecido de todos e não carecia de descrições. Portanto, se agora o Filho de Deus puro e santo sofria esse suplício terrível, João apenas consegue falar disso com a máxima abstenção.

- 18 Crucificam a Jesus “**e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio**”. Jesus está pendurado entre “outros dois”, dos quais João não informa nenhum outro detalhe. Porém esse acontecimento é significativo também para ele. Em seu batismo Jesus se encontrava solidariamente entre os pecadores, e agora ele também morre sua morte de criminoso em comunhão com outros dois, que estão pendurados à sua direita e esquerda. Obviamente o “lugar de honra ao centro” compete “ao rei”. Com certeza, o pelotão de execução também visou declarar isso com ironia proposital, expressando dessa forma, apesar de tudo, uma verdade divina.
- 19 Era costume afixar sobre um condenado um “*titulus*”, um “título”, uma placa da qual se podia depreender por que ele sofria essa punição. A esse costume aderiu também Pilatos. “**Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: Jesus Nazareno (literalmente: Nazoreno), o Rei dos Judeus.**” Dessa maneira o governador dá prosseguimento à sua vingança daqueles que haviam-no ameaçado para forçá-lo a decretar sobre Jesus uma sentença política contrária à sua convicção. Uma vez que ao proferir a sentença atingira não apenas Jesus, mas todo o odiado messianismo judaico por meio dele, levando os sumo-sacerdotes a se distanciarem de público da esperança messiânica de Israel, ele agora visava consolidar esse triunfo.
- Deus, porém, usou essa circunstância na morte de Seu amado Filho para mais uma vez dizer claramente a todos quem era Jesus: “Jesus de Nazaré (literalmente: o Nazoreu), o Rei dos Judeus”. “Rei de Israel”, “Messias”. Foi esse o testemunho dos primeiros discípulos no começo da atuação de Jesus (Jo 1.41,45,49), um testemunho que ele não rejeitou. Agora essa palavra se encontra mais uma vez com grandes letras sobre sua cruz. Ela declara de forma verdadeira e profunda a razão de sua morte na cruz, de forma muito diferente do que tencionava Pilatos e pensavam os judeus. Precisamente por ser Jesus verdadeiramente o Rei de Israel dado por Deus, Israel não o compreendeu, e os cabeças de Israel o rejeitaram com ódio crescente. Justamente por ser o Messias, ele morreu na cruz e levou o pecado de Israel, o pecado do mundo ao desdobramento extremo. Justamente dessa maneira, porém, Deus o transformou no Salvador que pode ser acolhido mediante a fé por pecadores perdidos e que lhes concede na fé a vida eterna. O testemunho de Jesus perante Nicodemos em Jo 3.14-16 cumpriu-se agora.
- 20 João Batista morreu solitário e às escondidas no cárcere da fortaleza real. O Messias, porém, morre publicamente diante dos olhares de todos. E sua pessoal real é proclamada na cruz nas três línguas

que vigoravam em todo o mundo naquele tempo. **“Muitos judeus leram este título, porque o lugar em que Jesus fora crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego.”** Não passava por ali ninguém que não o pudesse ler claramente como judeu, como romano ou como grego: “Jesus de Nazaré (literalmente: o Nazoreu), o Rei dos Judeus.”

- 21 “Os principais sacerdotes diziam a Pilatos: Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que ele disse: Sou o rei dos judeus.”** Em consonância com sua confissão no v. 15, os sumo-sacerdotes de fato podem estar completamente alienados da esperança pelo Messias. Porém muitos judeus devem ter lido o título sobre a cruz com revolta interior e ter-se dirigido aos sumo-sacerdotes como autoridades determinantes. E os próprios sumo-sacerdotes ainda eram “judeus” a ponto de sentirem o sarcasmo romano contido nesse “título” sobre um criminoso executado. Por isso se voltam ao governador com uma queixa e exigem que faça uma alteração no “título”. Deve ser expresso que Jesus não é de fato o rei, mas que de modo blasfemo se apresentou como tal e que por causa dessa usurpação está morrendo com razão naquele local, até mesmo de acordo com o sentimento judaico.
- 22 “Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.”** Agora ele não pode mais ser atemorizado com ameaças. O imperador sentirá no máximo um prazer maldoso se for informado de como seu governador aplicou essa humilhação ao abjeto povo judeu. É uma satisfação para Pilatos ser novamente o representante superior do poder romano. Friamente ele rejeita os autores da queixa, que estão tentando imiscuir-se em seus negócios romanos e na autoridade romana. **“O que escrevi, escrevi.”** Não cederá uma segunda vez aos sumo sacerdotes.

A DISTRIBUIÇÃO DAS VESTES DE JESUS – João 19.23-24

- 23 – Os soldados, pois, quando crucificaram Jesus, tomaram-lhe as vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e pegaram também a túnica. A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo.**
- Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá – para se cumprir a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes. Assim, pois, o fizeram os soldados.**
- 23/24** Era prerrogativa de um pelotão de execução receber as roupas do executado. Ao mesmo tempo fazia parte da desonra dos condenados pender completamente nus no madeiro. São-lhes tiradas a última propriedade e a última honra. João nos aponta o fato de que Jesus também sofreu isso. O Filho do Pai, o Senhor do universo, não possui mais nem com quê cobrir a nudez. O ser humano depois da queda do pecado recebe do próprio Deus a vestimenta protetora para sua nudez (Gn 3.21). Aquele que morre por nosso pecado precisa abrir mão até mesmo disso.
- Somos informados de que quatro soldados executaram a crucificação de Jesus. **“Os soldados, pois, quando crucificaram Jesus, tomaram-lhe as vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte.”** O oficial comandante naturalmente não participava da disputa pelas roupas. Ocorre, porém, que diante dos soldados está a **“túnica”**. Trata-se de uma espécie de camisola que era usada diretamente sobre o corpo e alcançava até os joelhos. Podia ser confeccionada de linho especialmente fino. **“A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo.”** Por isso os soldados tinham pena de cortar essa peça boa em pedaços, e preferiam deixá-la inteira e sorteá-la. **“Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá.”**
- João nos permite notar por que esse acontecimento era tão importante para ele, a ponto de dedicar todo um trecho a ele em seu relato sucinto. Com exatidão surpreendente cumpre-se aqui a Escritura. Em decorrência, o Salmo 22, o salmo do sofrimento do justo, cujo primeiro versículo o próprio Jesus exclamou para Deus (Mt 27.46), prenunciou a humilhação daquele que sofreria injustamente. Isso representa um grande consolo. Também os aspectos mais terríveis e incompreensíveis podem ser suportados e aceitos quando são cumprimento da Escritura. Dessa maneira eles são previstos por Deus e abrangidos por sua regência. O mesmo vale para a distribuição das roupas de Jesus. Ela acontece **“para se cumprir a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes.”** O sorteio da túnica é o mais importante. Era algo natural que as roupas de um crucificado fossem distribuídas entre os soldados. Contudo, o fato de que também se tornava necessário sortear uma peça de roupa e que isso aconteceu, representa uma comovente confirmação da Escritura. E se até mesmo uma minúcia dessas no sofrimento do Senhor fora pré-determinada,

quanto mais o acontecimento todo da cruz será cumprimento do plano divino. Por isso é importante para João que a distribuição das roupas e o sorteio da túnica de fato aconteceram: **“Assim, pois, fizeram os soldados.”**

Precisamos levar em consideração que para nós, que a conhecemos desde crianças, a cruz de Jesus quase se tornou algo “natural”, mas que naquele tempo, na época de João, esse fim de Jesus sempre significou um “*skándalon*” (1Co 1.23), algo completamente incompreensível e intolerável. Por isso o fato de que o SI 22 já falava com as expressões mais graves do sofrimento do justo representava um grande consolo. O cumprimento da Escritura até nos menores detalhes podia tranquilizar o escândalo de um coração judaico diante de um Messias tão violentado.

O CUIDADO DE JESUS COM SUA MÃE E SEUS DISCÍPULOS – João 19.25-27

- **E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.**
- **Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe.**
- **Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.**

25 João não nos informa nada a respeito dos acontecimentos em torno da cruz, do escárnio e da zombaria dos transeuntes. Também nesse caso deve ter remetido seus leitores às narrativas disponíveis para as igrejas nos diversos informes ou também aos “evangelhos” completos. Contudo, justamente ele tem condições de testemunhar algo que não está nos demais escritos, mas que calou fundo em sua própria vida, ao mesmo tempo em que expunha a imagem do Senhor moribundo a uma luz brilhante.

Sob a cruz estão acampados não apenas os soldados que vigiam o local de execução. Muitas pessoas vêm e vão. E por isso também mulheres tiveram a coragem de chegar-se à cruz de Jesus. **“E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.”** Para a igreja daquele tempo os nomes dessas mulheres eram muito mais significativos do que para nós. Nem sequer sabemos se João designa a irmã da mãe de Jesus como **“Maria, mulher de Clopas”** e se, por conseqüência, havia três mulheres junto à cruz, ou se a mulher de Clopas é acrescentada como quarta mulher às outras três. Essa é a opção mais provável, porque duas irmãs dificilmente teriam o mesmo nome “Maria”. Em Mt 27.56 Maria é designada de “mãe de Tiago e José”. Se “Clopas” for uma formulação mais precisa do nome aramaico “*Chalpai*”, que também pode ser traduzido por “Alfeu”, o “Tiago” mencionado em Mt 27.56 seria idêntico com o apóstolo Tiago (Mt 10.3). Não sabemos se o “Clopas” desta passagem é também o discípulo Cleopas no caminho para Emaús (Lc 24.18). Uma tradição da igreja de Jerusalém vê em Clopas um irmão de José, o marido de Maria. De acordo com ela, as duas Marias seriam cunhadas.

Para o estilo da narrativa bíblica, porém, é significativo que não se diz nenhuma palavra sobre os sentimentos íntimos dessas mulheres ao pé da cruz. A mãe vê o Filho morrendo de forma torturante, as outras vêem o amado Mestre terminar-se dessa forma. O que estaria acontecendo em seus corações? Contudo, isso não tem importância para a grande objetividade da Bíblia diante do grandioso acontecimento no Calvário, que abarca céus e terra, tempo e eternidade.

26 João tampouco menciona a presença de sua própria mãe (Mt 27.56). O fato de que ele próprio – numa evidente diferença em relação a todos os demais discípulos – está junto do Senhor agonizante, nos é revelado apenas porque Jesus se dirige agora expressamente a ele. Não pode prestar nenhum serviço a seu Senhor. Não pode fortalecer nem consolar o moribundo. Também da mãe não ouvimos nenhuma palavra de apoio para o Filho que sofre. Jesus bebe o cálice do Pai sem a ajuda de pessoas. No entanto, mesmo nas dores e angústias da morte na cruz Jesus permanece interiormente livre para as pessoas que estão diante dele. Age misericordiosamente com elas, consolando-as. **“Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe.”**

Como em Jo 2.4, Jesus também agora não chama Maria de “mãe”, mas interpela-a como “mulher”. Ele, o Filho de Deus, não lhe pertence da forma como filhos geralmente pertencem à mãe. Como no passado por ocasião do milagre nas bodas de Caná, é preciso manter também agora, no desfecho de sua vida, a distância que separa o “Santo de Deus” da “mulher” que o deu à luz como ser humano. Mas Jesus a “vê”, e esse “ver” não é mero enxergar exteriormente. O “ver” de Jesus sempre

capta a situação essencial do outro com amor atento. É assim que Jesus “vê” agora a mãe, diante da qual está a sina de viúva com especial gravidade. Contudo não consegue mais ajudá-la. Não tem nada a lhe legar, depois que os soldados lhe tiraram até mesmo as roupas. Mas ele lhe dá um novo lar junto de seu discípulo João. Dessa forma Jesus consola ao mesmo tempo o próprio João. Pois o consolo mais eficaz sempre é recebermos tarefas em que nosso coração ferido pode investir sua força de amor em favor de outros.

- 27 **“Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.”** Uma tradução mais reticente: o discípulo “a tomou para junto de si” nos livraria da questão se e como, afinal, João tinha uma “casa”. Contudo, como João poderia acolher uma mulher sem ter uma casa própria, por mais modesta que fosse? Uma vez que o apóstolo João pode ser encontrado ainda por longo tempo em Jerusalém, ele deve ter possuído ali uma moradia correspondente. Isso não é surpreendente no caso de um homem que mantinha contatos com o sumo-sacerdote (Jo 18.15).

Para nós muitas perguntas permanecem sem resposta. Será que até então Maria vivera sozinha em sua casa em Nazaré? Por que ela não estava junto de seu filho Tiago ou de outro de seus filhos ou filhas? O que aconteceu com Maria quando a incumbência apostólica levou João para terras distantes? Sabemos pouco da vida diária dos primeiros cristãos.

Ou será que essa narrativa toda tem um sentido meramente “simbólico” ou “alegórico”? Qual deveria ser, porém, nesse caso sua intenção “simbólica”? No presente relato a mãe de Jesus está singelamente sob a cruz ao lado das demais mulheres. Não há como notar um destaque simbólico ou alegórico de sua pessoa. Teremos de concordar com F. Büchsel, quando afirma: “Mas nada sugere uma interpretação alegórica da palavra de Jesus a sua mãe e a seu discípulo mais amado. Não se deve destruir a silenciosa seriedade e a profunda delicadeza desse texto com as engenhosidades forçadas que resultariam. Ademais, a menção destas palavras singelamente humanas está cabal e suficientemente justificada em seu relato, porque fazem parte do envolvimento do evangelista nesses acontecimentos. Uma lenda certamente faria Jesus empregar palavras mais grandiosas.”

A MORTE DE JESUS – João 19.28-30

- **Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede!**
- **Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando -a num caniço de hissopo, lhe chegaram à boca.**
- **Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.**

- 28 Chama atenção que o relato de João acerca da morte de Jesus é breve e simples, mas reveste-se de uma silenciosa magnitude. João deixa de relatar tudo o que as igrejas já conheciam bem da história da Paixão. Visa mostrar acima de tudo que também a morte era um ato espontâneo do Filho de Deus, que “empenhou sua alma” (Jo 10.17s). Naquela ocasião, no discurso pastoral, Jesus havia salientado que ninguém lhe “tira a alma”. Isso agora fica claro para João na forma com que morre. Em geral a morte na cruz era uma agonia lenta e torturante. Por isso também nos sinóticos o grito forte, com o qual Jesus morre “já” depois de seis horas, constitui algo muito marcante e profundamente comovedor para o oficial romano (Mc 15.27-30). João destaca esse “já” ao colocá-lo nos lábios do próprio Jesus. **“Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado.”**

Não são os processos meramente corporais que determinam este fim. A única coisa que importa é que sua obra chegou ao alvo. O termo grego “*telos*” contém tanto a idéia do “alvo” quanto do “fim”. Nossa palavra “**consumar**” expressa de forma similar que algo não apenas acabou e parou, mas que nisso completou seu alvo e por isso termina com razão. Agora Jesus pode concluir a trajetória terrena que teve início na manjedoura. Está **“tudo consumado”**.

Depois de todas essas horas e depois da perda de sangue devido aos açoites, ele é torturado pela sede. Também nesse aspecto peculiar fica mais uma vez claro que Jesus não é o personagem de um deus que se move acima das carências terrenas, mas “verdadeiro homem”, totalmente “carne”. Ele é “verdadeiro Deus”, mas ele o é aqui integralmente na tolice e fraqueza de Deus, de que Paulo fala em 1Co 1.28. Nesse caso, porém, será que sua morte não se torna, apesar da entrega espontânea da alma, semelhante a um “terminar-se”? Nesse momento Jesus recorda a Escritura. O salmo do sofrimento, especialmente destinado a ele, fala das forças que ressecam, da língua que gruda no céu da boca (Sl

22.15), e o Sl 69.21 menciona beber vinagre na grande sede. Jesus sabe que também nesse caso lhe é concedido cumprir a Escritura. Por isso, **“para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede!”**

29 A escritura pode ser cumprida de fato e com exatidão. **“Estava ali um vaso cheio de vinagre.”** Como veio parar ali? Não é o vinagre no sentido atual, mas um vinho barato e azedo ou um vinagre de vinho diluído com água. De qualquer forma, era uma bebida dos soldados, que o pelotão de execução havia trazido consigo para mitigar a sede. Conseqüentemente, os soldados é que ouvem a palavra de Jesus e partilham sua bebida com o sedento. **“Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca.”** O hissopo verdadeiro, conforme a classificação botânica, não cresce na Palestina. A Bíblia designa um pequeno arbusto, cujos caules de cerca de 1 m de comprimento se abrem na ponta como vassoura, de modo que se prestam bem para borrifos de purificação (Lv 14.6,7; Sl 51.7). Por isso também era possível afixar uma esponja nessa ponta com hastes, e dessa maneira alcançá-la até a boca de um condenado pregado na cruz. A estaca de uma cruz não era alta, em vista de que bastava um caule de hissopo para se chegar ao rosto de uma pessoa crucificada.

30 **“Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.”** Já em seu último diálogo com o Pai o Filho foi capaz de afirmar: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17.4). Isso valia para sua livre atuação em Israel. Naquela ocasião, porém, o sofrimento e a morte ainda estavam diante dele. Agora também isso foi consumado. Assim, está **“consumado”** o amor ao Pai. Esse amor vive para a glória de Deus e entrega tudo a Deus mesmo quando exteriormente tudo desmorona na infâmia, tortura e humilhação. Demonstrado **“até o fim”** (Jo 13.1) e, por isso, **“consumado”** está também o amor para com as pessoas. Dos lábios de Jesus não saiu nenhuma palavra amarga ou sem amor, nem contra o traidor, nem contra o discípulo que o negou, nem contra os sacerdotes, nem contra Pilatos, nem contra os soldados. Assim Jesus carregou, como um cordeiro calado de Deus, o pecado do mundo. **“Consumada”** está a redenção. “Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”, como João testificará mais tarde de modo fundamental em sua carta (1Jo 2.2). Aqui a salvação foi preparada cabal e integralmente para nós, os perdidos e condenados. Não falta nem mesmo o menor detalhe. Nada pode nem precisa ser acrescentado por nós através de nossa devoção. **“Está consumado.”**

Na seqüência, Jesus inclina a cabeça e **“entrega o espírito”**. Mais uma vez ocorre o termo “entregar”. Jesus “entrega o espírito” nas mãos do Pai (Lc 23.46), em consonância com o Sl 31.5, que leva o fiel a orar por sua vida e sua morte. A morte não está sendo sofrida, mas realizada. **“Entregar o espírito”** é uma ação da vontade. Por outro lado, o retorno do Filho ao Pai (Jo 13.3; 16.17; 17.11) agora não acontece como ascensão triunfante. Até mesmo ele somente pode confiar o espírito ao Pai e entregá-lo em suas mãos como todo o que morre com fé.

O CORTE DE LANÇA NO LADO DE JESUS – João 19.31-37

– Então, os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados.

³² – Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados;

³³ – chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.

– Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.

³⁵ – Aquele que isto viu testemunhou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais.

– E isto aconteceu para se cumprir a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado.

– E outra vez diz a Escritura: Eles verão aquele a quem traspassaram

31 Em Dt 21.22s a lei determinava expressamente que o cadáver de um executado “não permanecerá no madeiro durante a noite”, mas deveria ser sepultado ainda no mesmo dia. Mas, conforme a contagem judaica, o “dia” acabava às 18 horas. Se a crucificação dos três condenados aconteceu após as 12 horas, era muito improvável que sua morte acontecesse já antes das 18 horas. A perda de sangue ao ser pregado na cruz era pouca. Quando o corpo ficava apoiado numa espécie de assento, de

modo que as feridas não continuassem a rasgar, podia levar até três dias até que a vida se apagasse. Nesse caso, a ordem de Moisés “não no madeiro durante a noite” teria de ser forçosamente transgredida.

A isso se acrescenta que era “**dia da preparação**”, ou seja sexta-feira, e ainda a parasceve da Páscoa. Naquele ano o sábado era ao mesmo tempo o dia 15 de *Nissan*, ou seja, o dia da Páscoa. Por isso João escreveu: “**Era grande o dia daquele sábado**”. Era duplamente feriado. Num sábado desses de forma alguma poderia ser feito o “trabalho” de retirar os corpos da cruz e trasladá-los para o vale do Hinom. Então os corpos, que no Oriente se decompõem rapidamente, teriam de permanecer nos postes ainda além do sábado – uma idéia intolerável. Mas aqui os judeus não podem fazer nada por iniciativa própria. Os crucificados pertencem aos romanos. “**Para que no sábado não ficassem os corpos na cruz**”, dirigem-se a Pilatos e solicitam “**que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados**”.

- 32 O ato de “quebrar as pernas” dos que estavam indefesos pregados à cruz era cruel, porém levava a uma morte rápida. Essa morte é aplicada aos dois que foram crucificados com Jesus. “**Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados.**”
- 33/34 E agora João presencia algo que o comove profundamente. “**Chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.**” Por que isso é tão importante e grandioso para João? Será que ele viu no sangue e na água algo significativo que pudesse ser entendido alegoricamente? Será que viu no “sangue” a santa ceia, na “água” o batismo? Será que o acontecimento todo lhe dizia: ao morrer Jesus deixa à sua igreja os dois sacramentos? No texto não há nenhuma sílaba que aponte para isso. Em parte alguma do presente evangelho se evidencia tamanha valorização dos “sacramentos”. E mesmo que João 6 deva ser relacionado com a santa ceia, a realidade é que ali a figura do pão celestial traz distintamente para o primeiro plano o “comer da carne”, enquanto aqui o “sangue” deveria ser a verdadeira dádiva do sacramento.
- 36 Por meio de um enfático “pois” João nos revela o que de fato lhe era grandioso nesse acontecimento todo. “**Pois isso aconteceu para se cumprir a Escritura.**” Aqui aconteceu algo surpreendente e de forma alguma previsível. Na realidade deveria ter acontecido com Jesus exatamente a mesma coisa que aconteceu com os outros dois ao lado dele. Mas ele terminou sua vida com uma rapidez surpreendente. Por isso suas coxas não foram quebradas. Em troca, foi perfurado pelo golpe de uma lança. E isso não é uma “coincidência” exótica. Não, aqui se cumpre de forma maravilhosa a Escritura, mais uma vez confirmada perante os olhares de cada pessoa que deseja ouvi-la seriamente. A instrução sobre o cordeiro da Páscoa em Êx 12.46; Nm 9.12 determina: “Nenhum osso lhe deve ser quebrado.” Contra todas as expectativas foi isso que sucedeu com Jesus, e assim Ele foi atestado como o verdadeiro Cordeiro da Páscoa. Jesus morre na hora em que os cordeiros para a Páscoa eram abatidos no templo, e é preservado de ter seus ossos quebrados.
- 37 Contudo também o corte de lança possui um significado semelhante. O profeta Zacarias fala misteriosamente do verdadeiro pastor de Israel, que é incompreendido e rejeitado e vendido por 30 moedas de prata. Então, porém, quando Deus derramar seu Espírito sobre a casa de Davi e sobre os cidadãos de Jerusalém, os olhos lhes serão abertos e “**olharão para aquele a quem traspassaram**” (Zc 12.10). Agora Jesus, rejeitado por seu povo, morre no madeiro maldito. Contudo, precisamente esse golpe de lança, que ninguém podia prever, servirá para que a profecia de Zacarias seja cumprida com exatidão! Quando Jesus vier e iniciar seu governo, “olharão para aquele a quem traspassaram”, e nisso reconhecerão que aquele que vem com glória não é outro do que aquele que morreu na cruz.
- 35 Jesus, o verdadeiro Cordeiro de Deus, Jesus, o Juiz universal vindouro e Consumador do mundo: foi isso que João viu na cruz de Jesus nos acontecimentos marcantes imediatamente após sua morte. Em razão disso, porém, tudo depende de que aqui nada tenha sido inventado de forma engenhosa, mas que tudo de fato tenha acontecido da forma como nós o lemos. É por isso que João acrescenta: “**Aquele que viu isso testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais.**” Quem é esse “que viu isso” e que é testemunha desse acontecimento? Se João se referisse a uma pessoa que não ele mesmo, deveria sem falta ter dito o nome dela, em vista da importância da questão. Apenas sendo ele mesmo a testemunha, pode falar modestamente de si na terceira pessoa. Essa formulação também permite assegurar melhor a verdade de seu testemunho. Também a palavra “aquele” refere-se a ele mesmo. Soaria artificial e impreciso

da parte de João se tivesse usado a palavra “aquele” para referir-se a Jesus como o que seria capaz de confirmar a veracidade das afirmações. Isto não faz diferença para a essência. De uma ou outra maneira João assegura a seus leitores, ou melhor, a seus ouvintes, aos quais se dirige diretamente com “vós”, que seu relato é absolutamente confiável. Podem alicerçar sua fé sobre ele. Com essa afirmação João não se refere apenas à fé de que Jesus morreu desse modo, mas à fé de que ele foi atestado desse modo como o Cordeiro de Deus e como o Senhor, ao qual um dia também Israel há de conhecer e reconhecer com comoção profunda.

O SEPULTAMENTO DE JESUS – João 19.38-42

– Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus, rogou a Pilatos lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Pilatos lho permitiu. Então, foi José de Arimatéia e retirou o corpo de Jesus.

³⁹ – E também Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite, foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés.

– Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro.

⁴¹ – No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste, um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido ainda posto.

⁴² – Ali, pois, por causa da preparação dos judeus e por estar perto o túmulo, depositaram o corpo de Jesus.

38 Jesus está morto. Que será feito agora de seu corpo? Será lançado com os demais ao vale do Hinom e queimado? Provavelmente foi isso que os sumo-sacerdotes desejaram, a fim de acabar com os últimos vestígios de sua existência. João não pôde fazer nada nessa situação aflitiva, e as mulheres estavam completamente perplexas e impotentes. Somente Pilatos podia liberar o corpo. Contudo, quem podia levar esse pedido até ele? **“Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus, rogou a Pilatos lhe permitisse tirar o corpo de Jesus.”** João fala como se esse José de Arimatéia fosse suficientemente conhecido de seus leitores. Em Mt 27.57 ele é descrito como “homem rico”. Em Mc 15.43, como membro do Sinédrio. Isso pode ser verdade, porque somente uma pessoa dessas podia “ousar” (cf. Mc 15.43) apresentar-se ao governador para solicitar o corpo de um rebelde executado. E nesse caso torna-se compreensível a observação a respeito de seu discipulado secreto. Está entre os membros do Sinédrio de que João falou em Jo 12.42. Contudo, justamente por isso é também um ato de coragem que agora, após o fim desse Jesus, ele se confesse a favor dele e discorde abertamente do veredicto do Sinédrio. Não podia ficar oculto aos sacerdotes que o corpo de Jesus acabara não indo para o monturo, mas fora sepultado honrosamente. Da mesma forma se tornaria rapidamente conhecido quem havia feito a intermediação nesse caso. João não nos informa se José presenciou a morte de Jesus pessoalmente e se teve uma impressão semelhante à do capitão sob a cruz (Mt 27.54). Independentemente de como imaginarmos os processos íntimos em seu coração, agora ele de fato rompe as barreiras do medo e da clandestinidade e praticamente se confessa partidário do Crucificado. Como ele envergonha os discípulos que se reúnem atrás de portas fechadas por medo dos judeus mesmo na noite do dia da Páscoa!

José alcança seu propósito sem dificuldades. Deve ter proporcionado ao governador uma certa satisfação o fato de pelo menos agora ainda poder fazer algo por Jesus e dar vazão à sua opinião acerca da inocência desse homem. **“Pilatos o permitiu. Então, foi José de Arimatéia e retirou o corpo de Jesus.”** Tanto aqui quanto nos outros evangelhos a formulação soa como se retirar o corpo da cruz ainda fosse tarefa dos soldados, de modo que agora os corpos dos três mortos jaziam lá para ser levados ao vale do Hinom. Foi então que José levou consigo o corpo de Jesus.

39/40 José não permanece sozinho. Aparece um segundo membro do Sinédrio. **“E também Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite, foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés. Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro.”** Jo 3 não nos diz como Nicodemos acolhera a palavra incisiva de Jesus. De acordo com Jo 7.50-53, mais tarde ele se opôs a uma condenação de Jesus sem uma investigação exaustiva. Também ele expressa agora, depois da morte de Jesus, sua posição a favor de Jesus, contrariando o veredicto do Sinédrio.

Enquanto José se empenhou para conseguir o corpo de Jesus, Nicodemos trouxe consigo o que era necessário para um sepultamento de acordo com os costumes judaicos. Até os dias de hoje os judeus na Palestina não sepultam em esquifes. Nem sequer se tratava de “enterro”, mas de depositar o corpo num banco de pedra numa sepultura na rocha. Para isso não havia necessidade de um caixão. Entretanto, era preciso enrolar o morto em panos de linho ou com tiras de linho (Jo 11.44). Entre as tiras podiam ser colocadas essências e pós de aroma agradável. Contudo isso não era “embalsamar” para preservar o corpo por longo tempo.

Nicodemos traz cem libras de uma mistura de resina de mirra e aloé. Ainda que a libra romana pese apenas 327,45 g, isso representava nada menos que 32 kg, ou seja, uma quantia enorme. Preparar um morto para as exéquias era trabalho de mulher (Mc 16.1). O distinto membro do Sinédrio provavelmente não tinha uma idéia clara de quanto se precisava para um sepultamento desses. Seja como for, tudo deveria estar à disposição de forma abundante para esse Jesus, pelo qual até então não pudera fazer nada. Não se diz, porém, que essa quantidade de materiais perfumados de fato foi consumida.

41/42 Porém, onde encontrarão agora uma sepultura para Jesus? Não havia muito tempo para procurar por ela, nem para percorrer um longo caminho até lá. Estava próximo o início do grande sábado. Era preciso realizar o sepultamento às pressas. Contudo, Deus já tomara providências também para essa situação. O local da execução na esquina noroeste da cidade ficava próximo de um horto. E no horto havia uma sepultura na rocha, que até então ainda não havia sido usada para nenhuma inumação. De acordo com Mt 27.60, José de Arimatéia havia mandado escavar essa sepultura para si próprio na rocha de seu jardim. Isso explica da melhor forma como os dois homens sabiam imediatamente dessa sepultura, porque ela até então não fora usada, sendo “nova”, e porque eles agora podiam usá-la sem maiores problemas. Fiel a seu estilo, João não aborda esses detalhes. Porém, permite que compreendamos que José entregou imediatamente essa sua sepultura própria e porque o sepultamento de Jesus aconteceu às pressas. **“No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste, um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido ainda posto. Ali, pois, por causa da preparação dos judeus e por estar perto o túmulo, depositaram o corpo de Jesus.”**

Estamos, pois, diante do fim da vida de Jesus. Representa um “fim” real e completo, da mesma forma como acaba também a existência de todos nós quando a sepultura se fecha sobre nós. Tudo o que ainda existirá são recordações de Jesus, plenas de reverência, amor e dor. Porém são imagens de uma vida passada, que fracassou no final. E essas recordações se tornarão cada vez mais pálidas e silenciosas, quanto mais continuar a vida daqueles que ficaram, enchendo-se de novos desafios e acontecimentos. De qualquer forma, Jesus é agora um personagem do passado. Certamente haveria de ressuscitar um dia na ressurreição no último dia, como Marta também esperava para seu irmão Lázaro (Jo 11.24). E também agora seu espírito poderia encontrar-se de um modo qualquer junto de Deus, em cujas mãos ele o entregara (Lc 23.46). Não havia outra coisa a ser esperada, e tampouco era esperada pelos seus. E em que isso ajudava os seus? O que resultava disso, afinal, para a grande causa que estivera incorporada em Jesus? Esse fim não refutava tudo o que Jesus dissera e testificara de si mesmo? “Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel” (Lc 24.21). Nessa situação tampouco servem suas palavras, que ainda estavam na lembrança de muitos. Palavras, como as professadas por ele, são inseparáveis de sua pessoa. E essa pessoa estava longe, descartada de forma inatingível. Estava tudo acabado. Então veio a Páscoa!

3 – A MANIFESTAÇÃO DO RESSUSCITADO – JOÃO 20.1-21.25

O SEPULCRO VAZIO – João 20.1-9

¹ – No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolta.

– Então, correu e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram.

³ – Saiu, pois, Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro.

⁴ – Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro;

– e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia, não entrou.

⁶ – Então, Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis,

⁷ – e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte.

– Então, entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu, e creu.

– Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos.

- 1 “No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro.” Como os demais evangelistas, João tem por objetivo mostrar-nos que a ressurreição de Jesus era completamente inesperada para todos os envolvidos. No entanto, não expressa isso em explicações especiais, mas o insinua por meio de seu relato singelo e sóbrio dos acontecimentos. No crepúsculo, pouco antes de iniciar o grande sábado, Jesus foi deitado na sepultura. Na ocasião, as mulheres ainda puderam “observar” onde ele fora colocado (Mc 15.47), mas não puderam fazer mais nada pelo corpo. Durante o sábado permaneceram quietas em casa, como tinham de fazer (Lc 23.56). As mulheres não têm coragem de ir à sepultura na escuridão da noite após o sábado. Porém no primeiro dia da semana, i. é, no domingo (de acordo com a nossa contagem dos dias), elas correm ao sepulcro **“de madrugada, sendo ainda escuro”**, ou seja, muito antes das seis horas da manhã. Os sentimentos não são descritos pela Bíblia. Contudo, essa mobilização na madrugada ainda escura mostra como as mulheres estavam transtornadas e impelidas pelo luto e pelo amor. Não suportam ficar em casa, desejam pelo menos estar próximas do morto ao lado de sua tumba. Seu objetivo e sua expectativa eram tão-somente prestar uma última homenagem ao morto. Nada é dito a respeito dos discípulos. Obviamente não estão cogitando visitar o túmulo.

Mt 28.1 menciona que Maria Madalena estava acompanhada pela “outra Maria”. nesse caminho até a sepultura. Marcos constata que Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu, também as acompanhava. O olhar de João fixa-se unicamente em **Maria Madalena**, sem que isso necessariamente exclua a presença de outras mulheres, em vista de sua forma narradora sucinta. Uma vez que as mulheres estavam juntas sob a cruz de Jesus, elas também devem ter percorrido juntas o caminho até o sepulcro. O termo “nós” no v. 2, “não sabemos onde o puseram”, pode ser um indício de que João também sabe da presença de várias mulheres no sepulcro. Contudo, Maria Madalena desempenha uma função especial. É por isso que agora somente ela é mencionada.

Ela **“viu a pedra revolvida do sepulcro”**. O texto grego está literalmente exato: Maria vê “a pedra como revolvida”. A pedra não foi levada embora. Ela é grande e pesada demais para isso. Contudo, está ao lado da abertura do sepulcro e pode ser vista claramente nessa posição (cf. Mc 16.4). Esse é o primeiro “sinal” da ressurreição, mesmo que o Ressuscitado possa atravessar portas fechadas e não tenha necessidade que se abra o sepulcro para ele (v. 19). Maria imediatamente percebe: “A sepultura não está em ordem, algo aconteceu com ela”.

- 2 João, que gosta de pressupor certos acontecimentos como óbvios sem relatá-los, não menciona que Maria tenha entrado sozinha no sepulcro e constatado que estava vazio. Mas ela deve ter feito isso, pois do contrário não poderia dizer com tanta certeza que o corpo de Jesus havia desaparecido. Mesmo agora seu coração não cogita de forma nenhuma que Jesus tenha ressuscitado. Ela está tão somente apavorada e **“correu e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram”**. Maria sabe onde Pedro pode ser localizado em Jerusalém. E, da mesma forma como em tempos posteriores (At 3.1; 4.13; Gl 2.9), Pedro e João estão juntos nessa hora grave. Nessa manhã os demais discípulos não estavam com eles. Contudo, ao menos Pedro e João devem ser informados da situação. Por isso Maria “correu” depressa até a cidade. A agitação causada pela detenção, condenação e crucificação de Jesus ainda não acabou. O sepulcro de Jesus está aberto e vazio. Certas pessoas vieram e **“tiraram do sepulcro o Senhor”**. Maria não sabe quem são elas, porque o fizeram e para onde levaram o corpo de Jesus.
- 3/5 Em vista dessa notícia assustadora os discípulos se põem a caminho. **“Saiu, pois, Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro.”** Nessa ocasião, porém, acontece algo que ficou profundamente gravado na memória de João até a velhice. Inicialmente eles percorreram juntos o caminho. **“Ambos corriam juntos.”** Depois, porém, acontece: **“Mas o outro discípulo correu à frente, mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia, não entrou.”** João não nos informa porque não entrou no sepulcro. Podemos imaginar que as razões que o impediam de aproximar-se foram emoção íntima, respeito sagrado diante do último local de repouso de seu Senhor. Porém, será que de fato não havia mais alguma razão? Será que seu coração e

seus pensamentos não estavam cada vez mais ocupados com o estranho realidade da sepultura vazia e das ataduras ali deitadas? Se o corpo de Jesus foi levado por pessoas, as ataduras não deveriam ter desaparecido com ele? Será que aqui aconteceu algo diferente, incrível? Será que essa reflexão fez com que João permanecesse imóvel diante da sepultura?

- 6/8 **“Então, Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis, e o sudário que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas dobrado, deixado num lugar à parte.”** Pedro segue João. E mais uma vez a diferença entre os dois discípulos e toda a personalidade de Pedro tornam-se explícitas. Pedro entra imediatamente na sepultura. O que constata é ainda mais marcante, pois as ataduras e o sudário não estão revoltos e jogados num monte. O sudário está dobrado e colocado num lugar especial. Pedro notou o fato com surpresa, e, de acordo com sua personalidade extrovertida, certamente o comunicou a seu companheiro. Isso leva também João a entrar pessoalmente no túmulo. **“Então, entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu, e creu.”** Pedro não fora além da admiração perplexa. João também **“viu”**, e o que viu tornou-se para ele um **“sinal”** que fez a fé romper. A silenciosa contemplação diante do sepulcro atinge o alvo da límpida certeza. O corpo de Jesus não pode ter sido roubado, pois nesse caso as ataduras e o sudário teriam sido levados ou pelo menos caído desordenadamente do corpo. Na ótica de João, o fato de que os sinais da morte foram retirados e descartados de forma tão consciente significa que eles já não são necessários, Jesus já não precisa deles, Jesus ressuscitou.

É importante que João nos ateste expressamente que não foi somente o encontro com o Ressuscitado, mas já o sepulcro vazio em sua arrumação singular que o levou à fé. De forma alguma o sepulcro vazio é uma **“exterioridade”** insignificante para nossa **“fé”**. Enquanto o corpo do Crucificado estivesse naquela sepultura, qualquer afirmação de que Jesus ressuscitara podia ser imediatamente refutada por seus inimigos. Se Jesus não apenas **“continuara vivo após a morte”**, mas de fato havia **“ressuscitado”**, a sepultura precisava estar vazia. Apesar disso, João destaca como sendo um acontecimento singular o fato de que ele chegou a crer na ressurreição de Jesus diante da sepultura vazia. Isso não precisava acontecer necessariamente por meio de uma **“prova”** irrefutável, como fica claro com o fato de que Simão Pedro igualmente **“viu”** a sepultura vazia e apesar disso não **“creu”**. A situação é igual a todos os demais milagres e sinais que Jesus realizou ao longo de sua atuação. Obviamente visam despertar a fé (Jo 10.37,38; 12.37). Contudo, ao mesmo tempo não eximem ninguém de **“crer”**, o que sempre se volta à pessoa daquele que realiza os sinais. Eles não substituem essa fé, alicerçada no íntimo, por um **“conhecimento”** que pudesse ser adquirido sem envolvimento íntimo por meio de **“provas”** formais.

- 9 Ou será que João relatou tudo isso apenas para colocar a si mesmo – ou até um **“discípulo ideal”** – acima de Pedro? Nada no presente trecho aponta para isso. E, como se o próprio João quisesse evitar que nesse caso lhe fosse dada uma preferência maior, ele acrescenta: **“Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos.”** Mais uma vez fica explícito o quanto João era um cidadão de Israel, para quem **“a Escritura”** é a grandeza determinante. Se os discípulos tivessem conhecido e compreendido bem a Escritura, por ocasião da morte de seu Senhor eles já teriam certeza a respeito da ressurreição de Jesus como uma necessidade divina. Não teria sido preciso primeiramente andar até a sepultura vazia. Com isso João afirma: não foi **“já agora”** que cri, eu, um discípulo exemplar, mas **“recém agora”** cheguei a uma fé que, de acordo com a Escritura, já deveria ter há muito tempo. Essa percepção de João assume importância pessoal para os leitores de seu livro. Para poder crer, ninguém precisa primeiro **“ver”** pessoalmente a sepultura vazia ou as cicatrizes no corpo do Ressuscitado. A Escritura fala com poder suficiente, a fim de fundamentar a ressurreição do Senhor em conexão com o testemunho dos discípulos. Por isso o próprio Ressuscitado chegou a chamar de bem-aventurados **“os que não vêem e mesmo assim crêem”**.

MARIA MADALENA ENCONTRA O RESSUSCITADO – João 20.10-18

¹⁰ – E voltaram os discípulos outra vez para casa.

¹¹ – Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se, e olhou para dentro do túmulo,

¹² – e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés.

– Então, eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

¹⁴ – Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus.

– Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.

¹⁶ – Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni (que quer dizer Mestre)!

– Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.

¹⁸ – Então, saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que ele lhe dissera estas coisas.

10 “E voltaram os discípulos outra vez para casa.” Essa frase breve é surpreendente. João não deveria agora falar com Pedro sobre sua fé? Não deveria consolar Maria com aquilo que se tornou uma certeza para ele? Não há nada que o prenda a esse lugar, que se tornou tão significativo para ele? Existe uma “fé” diferente, que já nasceu verdadeiramente, e que apesar de tudo ainda não possui clareza e força para um testemunho aberto, mas precisa ser guardada silenciosamente no coração. João se assemelha aos homens caracterizados em Jo 12.42, que “crêem” mas não “testemunham”. Contudo, não é um temor qualquer que lhe tolhe os lábios. Sua certeza interior ainda está esperando por confirmações que precisam ser conferidas não apenas a ele, mas a todos os demais apóstolos. Por isso, ele retorna calado com Pedro até a cidade. Justamente neste momento a sepultura não é mais um local em que precisasse permanecer. Numa acepção plena, ela está “vazia”. Jesus não poderá ser encontrado nela!

11/13 “Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando.” Novamente nos deparamos com a descrição sucinta de João. Não é mencionado, mas simplesmente subentende-se que Maria voltou correndo até o sepulcro com os dois discípulos. Tampouco diz algo sobre uma conversa com os discípulos, aos quais chamou especialmente para que a ajudassem na aflição com a sepultura aberta. Será que não teve coragem de interpelá-los mais uma vez? Será que está completamente absorta em sua dor? Seja como for, não consegue deixar o local da sepultura antes que tenha reencontrado o Senhor amado. Conseqüentemente, ela se encontra do lado de fora da sepultura, chorando. **“Enquanto chorava, abaixou-se, e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. Então, eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras?”** Somente agora os anjos, que provavelmente já estiveram ali o tempo todo, se tornam visíveis para ela. Nem mesmo a visão de João havia sido aberta para eles. O mundo angelical participa de todos os acontecimentos divinos, desde a Antiga Aliança e ainda mais no acontecimento salvífico de Jesus. Jesus havia declarado isso expressamente a seus discípulos (Jo 1.51). Portanto, depreende-se que os anjos também realizaram a “vigília fúnebre”, devido à sua posição na cabeceira e nos pés do estrado em que o corpo estivera deitado. E ainda continuam nesse local sagrado.

Agora, porém, João descreve algo muito significativo. Maria **“lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.”** Enquanto em geral a manifestação de mensageiros do além causa alvoroço e provoca um santo temor, Maria permanece completamente impassível e serena. Não se surpreende com o fato de que de repente esses personagens em vestes brancas estão sentados na câmara mortuária. Até mesmo diante dos anjos, somente uma única pergunta a move: onde está Jesus? Nem sequer parece imaginar que restara apenas o corpo de Jesus, pois fala dele como de “seu Senhor”, como se Jesus ainda estivesse vivo. Em Maria constatamos que nem mesmo anjos são substitutos para a pessoa cujo coração está única e integralmente cheio do anseio por Jesus.

14/15 João está descrevendo um amor a Jesus que tendemos a desqualificar como “emotivo” e “exagerado”. Contudo, de modo algum faz uma crítica a Maria. Não, João descreve que foi, pois, exatamente a essa Maria que se concedeu o primeiro encontro com o próprio Ressuscitado. **“Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.”** É característico das aparições de Jesus na Páscoa que por um lado seu vir e desaparecer revela de maneira condizente uma realidade completamente nova, mas que por outro lado não se apresenta com glória resplandecente, mas em formas humanas que a princípio não permitem que seja reconhecido. Somente em determinados atos os discípulos adquirem certeza: é o Senhor. Isso também acontece no

presente caso. Até mesmo quando Jesus dirige uma pergunta a Maria, ela não percebe nada, mas acha que é o jardineiro. **“Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.”** Um coração pode estar repleto de Jesus e buscá-lo com dor, e apesar disso não o ver imediatamente quando ele lhe concede sua maravilhosa presença.

16 Nesse momento ocorre a interpelação de Jesus que rompe todas as barreiras do sofrimento. **“Disse-lhe Jesus: Maria!”** Jesus pronuncia somente o nome. Contudo, ao mesmo tempo Maria sabe que por meio desse nome é totalmente citada, amada e interpelada, algo que somente um único pode fazer, ele, seu “Senhor”. Conseqüentemente, ela também responde com uma única exclamação, na qual extravasa a súbita constatação, a alegria indizível, e todo o amor de seu coração: **“Raboni!”** Aqui se cumpre o que Jesus declara em Jo 10.27 sobre seu relacionamento com os seus. “Minhas ovelhas ouvem a minha voz.” No chamado de Jesus Maria “ouve” indubitavelmente a voz do Bom Pastor, seu Senhor. E ela experimenta que o Pastor a “conhece”, chamando pelo nome aquela que é por ele conhecida e amada.

17 O versículo seguinte é difícil de entender. Na verdade é compreensível que Maria corra com alegria e amor em direção de Jesus. Contudo, que significa a resposta de Jesus? **“Recomendou-lhe Jesus: Não me toques; porque ainda não subi para meu Pai.”** Estranha nessa frase é a justificativa dada por Jesus. Se já tivesse subido para o Pai, seria absolutamente impossível para Maria “tocá-lo”. Justamente o fato de que Jesus “ainda não subiu para o Pai” permite que possa ser tocado. Acaso Mateus não informa expressamente que as mulheres, ao se encontrarem com o Ressuscitado, “lhe abraçam os pés”, sem serem criticadas por Jesus (Mt 28.9)? E o próprio Jesus não há de solicitar a Tomé que coloque seus dedos nas cicatrizes dos pregos e na ferida de seu lado (Jo 20.27)? Por isso a proibição de Jesus pode referir-se somente a Maria. Também nesse caso temos de nos lembrar da forma abreviada de narração por parte de João. Há mais coisas por trás do breve “porque” do que agora está sendo dito expressamente. Maria poderia tocá-lo, “porque” ele ainda está sobre a terra e ainda não subiu ao Pai. Mas ela não deve fazê-lo. Não deve imaginar que sua ressurreição significa o retorno à vida atual e no relacionamento atual com os seus. Ela não pode nem deve buscar dele um relacionamento permanente de natureza terrena. **“Não me toques.”** A ligação com ele há de ser muito diferente, conforme Jesus predisse aos discípulos nos discursos de despedida, muito mais íntima e próxima do que até então, a habitação de Jesus em seu coração, mas que apesar disso e justamente por essa razão não é mais um confronto terreno tangível.

Essa interpretação da advertência de Jesus se torna ainda mais clara quando lembramos que o termo grego também pode ter o significado de “segurar”. Nesse caso, Maria já “tocou” a Jesus, assim como Mt 28.9 relata a respeito das mulheres. Mas agora Maria deseja “segurar” o Mestre amado. Então Jesus precisa lhe dizer: “Não me segures”, “solte-me”. Agora ainda não é o momento de um contato com ele, que traria felicidade somente a Maria, por “reencontrar-se” com Jesus. Agora é preciso que muitas coisas aconteçam! É preciso levar a notícia aos discípulos, e justamente Maria deve ser a mensageira. Maria, solte-me e cumpra a incumbência que lhe dou!

A palavra “mas” contrapõe essa incumbência aos desejos e à vontade pessoais de Maria. **“Mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.”** Os discípulos tinham de ser instruídos da mesma forma como Maria a respeito da compreensão correta, no momento em que ouvissem da ressurreição de seu Senhor. Ele havia falado de sua ida ao Pai e do envio do Advogado. Será que agora sua ressurreição física significava que acabou não indo ao Pai, mas retornava para eles, a fim de continuar a antiga comunhão com eles? Maria deve dizer aos discípulos: **“Subo para meu Pai.”** Também agora o olhar do Filho está voltado para o Pai. O Filho pertence ao Pai mesmo como o Ressuscitado, e possui como alvo subir até ele. Contudo, essa ascensão ao Pai não deve acontecer à revelia dos discípulos, oculto diante deles e por isso completamente separado deles. Apesar da iminente ida ao Pai, a ressurreição de seu Senhor cumpre a outra grande promessa “Eu tornarei a vê-los”. Ao mesmo tempo, a mensagem que Maria pode levar aos discípulos é evangelho pleno. “Jesus ressuscitou”. Inicialmente isso poderia soar como juízo para os discípulos que haviam abandonado e negado seu Senhor: tivemos Jesus tão perto de nós, vimos e ouvimos tantas coisas dele, porém não cremos nem perseveramos ao lado dele. Agora está tudo perdido para nós. Agora ele apenas poderá nos rejeitar. Porém justamente nesse momento Jesus os chama de **“meus irmãos”**, aos quais Maria deve dirigir-se. Isso representa perdão de toda a culpa e restauração da comunhão completa com eles: **“Dize a meus irmãos”**. Esse perdão

do Filho é válido e eficaz diante de Deus. É a primeira vez no evangelho de João e, em vista disso, de grande importância, que Jesus chama Deus de “**vosso Pai e vosso Deus**”, e justamente diante dos discípulos. Pelo fato de serem seus, por intermédio de sua obra perfeita na vida e morte, na atuação e no sofrimento, salvos da perdição e comprados do mundo, o “seu” Deus e Pai é ao mesmo tempo também o “deles”. Agora é verdade que “O próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus” (Jo 16.27). Agora eles podem viver no Filho para o Pai. Pelo fato de que Jesus lhes afiançou: “vosso Pai”, eles podem orar verdadeiramente: “Pai nosso”. Contudo, nem mesmo agora esse “Pai nosso” é pronunciado por Jesus pessoalmente. Nem mesmo agora o “único Filho” não se situa na mesma posição dos “irmãos” por ele reconciliados. Persiste a absoluta diferença qualitativa: o Deus vivo é para Jesus “meu Pai” e, com vistas aos irmãos, “vosso Pai”. Ele é plena e verdadeiramente “Deus e Pai” para ambos, para o próprio Jesus e para os discípulos, porém de um modo completamente diferente.

- 18 Com um amor sério e, ainda assim, delicado, Jesus arrancou Maria de uma posição errônea em relação a ele, posicionando-a numa nova vida que corresponde à nova situação estabelecida pela cruz e a ressurreição. Maria ouve e obedece. **“Então, saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que ele lhe dissera estas coisas.”** Agora se cumpriu nela o que Jesus dissera a seus apóstolos em Jo 14.21; 15.10: “Aquele que tem os meus mandamentos e guarda, esse é o que me ama.” O amor genuíno a Jesus não vive com sentimentos impulsivos nem com contatos físicos e reverências, mas pelo cumprimento de seu envio.

O RESSUSCITADO VEM ATÉ SEUS DISCÍPULOS – João 20.19-23

- ¹⁹ – **Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!**
- **E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor.**
 - **Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.**
 - **E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.**
 - **Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos.**

19/20 Os discípulos ouviram a mensagem pascal de Maria Madalena. João não nos informa como a acolheram. De qualquer forma, ainda não se originou neles uma fé clara e vigorosa. Aqui precisamos levar em conta a posição que a mulher tinha em Israel naquele tempo. Não tinha o direito de servir de testemunha perante um tribunal. Seu testemunho não tinha valor. Por isso, 1Co 15.5-8 tampouco inclui as aparições de Jesus perante as mulheres. Em consonância, também para os discípulos “apenas” uma mulher viu o Senhor. Isso não convence. De sua parte, Jesus concedeu à mulher uma nova posição, tanto aqui quanto já durante sua atuação anterior. Não é João, mas Maria quem está sendo enviada por Jesus como mensageira autorizada para os demais.

Contudo, o próprio Jesus precisa vir a seus discípulos. Estão reunidos tranquilamente na noite do dia da ressurreição, talvez já consternados e cheios de perguntas, porém mesmo assim cheios de medo de que apesar de tudo ainda poderiam ser detidos. As portas estão fechadas e trancadas. João não dá a entender se na ocasião estavam reunidos apenas os “doze” ou um círculo maior, como Lucas nos informa com relação aos dias antes de Pentecostes (At 1.13s).

Nessa hora vespertina e nessa situação acontece a revelação do Ressuscitado entre os discípulos. **“Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz [seja] convosco!”** Torna-se clara a nova forma de existência do Ressuscitado, inconcebível para nós. Ela é tão física e realmente “Jesus” que traz visíveis em seu corpo as chagas de sua morte, podendo desse modo demonstrar aos discípulos sua identidade de Crucificado. **“Mostrou-lhes as mãos e o lado.”** Ao mesmo tempo, porém, ele está além das leis da matéria. Atravessando portas fechadas, ele de repente está dentro do recinto, no meio deles. Ele fala a seus discípulos com voz audível, assim como também havia chamado Maria usando a voz que lhes era completamente familiar. A primeira palavra de sua boca é uma simples saudação, que todas as pessoas em Israel usavam: **“Paz seja convosco.”** As pessoas desejavam “paz” umas às outras, sendo que a palavra “*shalom*” (=“paz”) abrange toda a

salvação. Porém quantas coisas essa conhecida saudação continha agora, usada pelo Ressuscitado depois do acontecido! Mais do que com qualquer palavra nova, especial, ele mostrava aos discípulos: nada está entre mim e vocês. Tudo foi perdoado e apagado. Não se ouve nenhum tom de recriminação. Não é feito nenhum acerto de contas, depois do qual também poderia haver uma reconciliação. No primeiro reencontro, Aquele que foi abandonado pelos discípulos, negado por Simão Pedro, não possui nada mais que paz e amor e salvação para os seus. Ao exibir suas chagas, Jesus deve ter tido também a seguinte intenção, além de comprovar que era real: vejam meus ferimentos! Justamente por causa deles posso chegar com paz plena até vocês, culpados. A promessa de Jo 14.27 também se torna singularmente nítida nessa situação peculiar. A “paz” que o mundo não pode dar é a paz do perdão. Jesus conquistou essa paz para os seus na cruz. O perdão se fundamenta nos ferimentos de Jesus. É por isso que Jesus mostra as mãos e o lado a seus discípulos imediatamente depois da saudação de paz. Essas chagas, que a rigor são uma mutilação de seu corpo e uma acusação ao mundo, constituem agora o sinal da paz. É por isso que o Senhor também os preserva em seu corpo ressurreto. A identificação do Ressuscitado (e Exaltado) com o Crucificado possui importância fundamental. O que aconteceu na cruz não é algo passageiro. Continua válido para a eternidade e caracteriza a natureza e o poder de Jesus até a consumação. O Ressuscitado não se desfez das chagas, como fez com a fraqueza terrena restante. O Ressuscitado traz em si as chagas.

“Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor.” Que sobriedade e reserva a narrativa de João traz também agora! A frase soa como se tivesse sido apenas a alegria que nós sentimos geralmente quando encontramos um bom amigo. Mateus (28.9) e Lucas (24.41) empregam tons mais fortes. Porém João sabe o que é “alegria do espírito”. A promessa do discurso de despedida em Jo 16.20 foi cumprida. Chegou a “alegria” depois do “lamento”. Os sentimentos intensos que passam pelos corações não são descritas agora.

- 21 A isso corresponde a atitude e a ação do próprio Jesus. Ele não faz dessa maravilhosa hora de reencontro uma festa de júbilo incessante, de considerações repetitivas das aflições passadas e da mudança total agora concedida, nem de trocas constantes de declarações de amor e fidelidade. Como no caso de Maria Madalena, essa felicidade momentânea é direcionada imediatamente para a grande incumbência, à qual a vida dos discípulos deve pertencer justamente agora. O conteúdo extraordinário do reencontro não perde sua validade. **“Disse-lhes, pois, [Jesus] outra vez: Paz [seja] convosco!”** Jesus repete a saudação em que reside todo o perdão, toda a nova comunhão, toda a alegria. Mas então prossegue: **“Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.”**

Jesus já havia falado do envio dos discípulos nos “discursos de despedida”. Recordamos passagens como Jo 14.12; 15.16; 15.26s; 17.18,20. Naquela ocasião, porém, ainda eram palavras “proféticas”. Mas agora, depois da cruz e da ressurreição, elas se tornam realidade imediata, nesse momento **“ele os estava enviando”**. Também aqui o **“como”** no começo não tem apenas uma conotação comparativa, mas ao mesmo tempo causal. Ao serem enviados, os discípulos são inseridos no poderoso movimento que saiu do coração do Pai e penetrou no mundo pela entrega do Filho e agora deve imergir cada vez mais no mundo por meio dos discípulos de Jesus. Pelo fato de que o Pai enviou Jesus dessa maneira, Jesus novamente envia os discípulos. Cabe lembrarmos que, para o pensamento e a percepção lingüística israelitas, sobretudo a “autorização” fazia parte do “envio”. Era uma regra muitas vezes expressa: “O enviado é como aquele que o envia.” O “envio” dos discípulos contém a autoridade de Jesus, o Salvador do mundo. Por isso, fala e ação dos discípulos agora também precisam corresponder ao envio de Jesus e apresentar as mesmas características do amor, da verdade, da humildade e do poder. Nesse sentido, o termo **“como”** também é comparativo. Se os discípulos se alegrarem com o reencontro, se amarem seu Senhor, que vem ao encontro deles com tanta alegria, então deverão saber: somente se assumirem o envio sua alegria poderá tornar-se perfeita e seu amor a Jesus, visível (Jo 15.10s).

- 23 À natureza desse envio corresponde seu conteúdo. Para quê Jesus havia sido enviado pelo Pai? Já o ouvimos em Jo 3.17: “Porquanto Deus enviou seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” Para “perdidos”, essa “salvação” pode consistir unicamente de perdão dos pecados (Mt 1.21). Por isso, ela agora se torna uma incumbência devidamente autorizada dos discípulos: **“Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados.”** É verdade que a expressão “perdão dos pecados” somente ocorre aqui no evangelho de João. Contudo, a substância para a qual essa palavra aponta pode ser constantemente vista em todo o evangelho. Tendo em vista que Jesus é identificado desde o começo como o Cordeiro de Deus que

carrega o pecado do mundo, que Ele assegura aos galileus que dá a sua carne pela vida do mundo, e que também em João o evento da cruz constitui a consumação de toda a obra de Jesus, a “remissão dos pecados” está em jogo em tudo isso. Neste seu encontro com o Ressuscitado os próprios discípulos experimentaram a remissão de sua imensurável culpa. Podem, pois, sair e passar a outros essa dádiva. Seu envio não consiste apenas de “pregar”. Isso ainda não seria ajuda para aqueles que se encontram cativos sob o fardo de seu pecado. Cabe aos discípulos agir. “Perdoar pecados” e remi-los de tal maneira que sejam retirados da presença de Deus, isso é o maior feito que podemos realizar em favor de pessoas. Esse é o cerne de toda a salvação. Uma vez afastado o pecado, nada mais nos separa de Deus. Verdadeiramente, “onde existe perdão dos pecados, ali também existe vida e bem-aventurança”.

Nesse caso os discípulos obviamente precisam ter certeza plena de que a palavra do perdão não é apenas uma palavra devota, mas criadora de uma situação plenamente real também perante Deus. Por isso Jesus anuncia expressamente: **“Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados.”** Como agora a singela palavra humana e a ação da igreja e de seus mensageiros se tornam poderosas!

Jesus veio para salvar, não para julgar. E, não obstante, exatamente essa sua vinda salvadora tornou-se necessariamente um juízo. Recordamos as palavras decisivas em Jo 3.19; 9.39; 12.48. Por isso, a continuação de seu envio não pode ser diferente. Quando a remissão dos pecados não é aceita ou nem sequer desejada, os pecados permanecem tendo poder mortífero sobre as pessoas. “Não remir” se transforma em “reter” os pecados. E também nesse caso não se trata apenas de opiniões e idéias dos discípulos, sem efeito real. Novamente Jesus concede expressamente: **“Se lhos (os pecados) retiverdes, são retidos.”** Também agora os discípulos precisam estar conscientes de que sua ação é tão grave e eficaz.

Contudo, se tanto remir quanto reter os pecados são tão eficazes e decisivos, não seria necessário que os discípulos tivessem uma premissa para cumprir essa tarefa? Acaso é necessária uma formação? Ou será que para isso é preciso que haja uma incumbência própria, um “ministério” próprio? No entanto, Jesus não diz nada a esse respeito. É verdade que se tentou estabelecer o vínculo da autoridade para perdoar ou reter os pecados com um “ministério” a partir da circunstância de que aqui somente os “apóstolos” receberam essa incumbência de Jesus. Mas justamente o presente relato não cita os “doze” e não fala de “apóstolos”, mas simplesmente de “discípulos”. Todo aquele que for discípulo de Jesus pode e deve ouvir a incumbência de Jesus como que dirigida para si.

- 22 Verdade é que de fato é preciso cumprir uma premissa. O envio geral dos discípulos não é acompanhado imediatamente por uma definição mais exata de seu conteúdo. Pelo contrário, João informa: **“E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo!”** Unicamente o Espírito de Deus concede a verdadeira visão da situação de um ser humano perante Deus, da realidade e das dimensões de seu pecado. Unicamente sob a palavra orientada pelo Espírito se torna manifesto o que está oculto no coração. Somente no Espírito de Deus os discípulos de Jesus são capazes de ver os pecados com todo os seus aspectos de horror e perdição, e apesar disso amar o pecador com amor sério e disposto ao sacrifício. E unicamente a palavra anunciada no poder do Espírito Santo convence as consciências, concede-lhes certeza de que toda a sua culpa foi tirada ou amarra-as de forma incontornável à sua culpa.

Como, porém, os discípulos recebem o Espírito Santo? Jesus **“soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo”**. Será essa a descrição joanina do “Pentecostes”? Ou, em outras palavras ainda mais claras: será que João nem sequer sabe do acontecimento de Pentecostes e faz Pentecostes e Páscoa coincidirem completamente, de modo que os discípulos recebem o Espírito pelo sopro de Jesus? Nesse caso, porém, somente aqueles primeiros discípulos teriam recebido o Espírito, pois somente eles podiam ser atingidos pelo hálito de Jesus! Ele não estava mais presente após a Ascensão, da qual João também fala expressamente no v. 17, a fim de presentear outros discípulos dessa maneira com o Espírito. Em decorrência, a igreja de Jesus conhece os fatos de modo diferente. Ela sabe que o Espírito desceu num evento especial e que desde então “habita” na igreja, de modo que cada membro acrescentado pelo Senhor à igreja obteve participação dele. Essa descida do Espírito, que é uma pessoa do Deus trino, não é meramente “soprar” o hálito. É “um som do céu como de um vento impetuoso”. Em consonância, Jesus falou (também no evangelho de João) de uma “vinda do Espírito”, e que ele “enviaria” o Espírito da parte do Pai, ou seja, que o Pai o enviaria em nome de Jesus (Jo 14.26; 15.26; 16.7,8,13). No presente instante, o “sopro” e a solicitação de “receber” o Espírito tão somente constitui uma imagem que alude ao futuro. A verdadeira realização

acontece no dia de Pentecostes. Por isso os discípulos também não foram capazes e não estavam dispostos a cumprir seu envio imediatamente depois da Páscoa, mas apenas depois do Pentecostes. No entanto, a ação e palavra de Jesus nessa noite da Páscoa tornam explícito o seguinte: o Espírito somente pode ser obtido como livre dádiva da parte de Jesus. Ele é uma realidade que precisa ser “recebida” na vida de discípulo. Ele não serve para dar felicidade e exaltação àqueles que o recebem, e sim para o serviço em seu envio ao mundo.

A descrição da obtenção do Espírito como um “soprar” por parte de Jesus pode ser uma alusão intencional a Gn 2.7, assim como as primeiras palavras do presente evangelho nos remetem a Gn 1. Da maneira como no princípio o ser humano somente se tornou alma vivente pelo sopro de Deus, assim os discípulos de Jesus se tornam servos da palavra verdadeiramente poderosos unicamente por intermédio do sopro de seu Senhor.

JESUS E TOMÉ – João 20.24-29

- **Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus.**
- **Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei.**
- ²⁶ – **Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!**
- **E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não seas (ou: não te tornes) incrédulo, mas crente.**
- **Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!**
- **Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.**

24 No final de seu evangelho João ainda relata um episódio dos dias da Páscoa que lhe pareceu especialmente importante nesse contexto, porque aponta para o futuro da igreja e serve de modo singular ao objetivo de todo o livro: fortalecer a fé.

“**Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus.**” Agora os “Doze” são citados. Contudo, o modo como isso é feito não permite depreender que no fim do dia da Páscoa unicamente os doze tenham estado reunidos. Somente salienta-se que Tomé pertencia ao círculo mais restrito em torno de Jesus. “Tomé”, nome aramaico, da mesma forma como a forma grega Dídimo, significa “gêmeo”, é nosso conhecido de Jo 11.16 e 14.5. Ele lembra com determinação soturna do retorno de Jesus para a Judéia quando Lázaro havia morrido e está perplexo diante da palavra de Jesus sobre sua trajetória e seu alvo. Voltaremos a encontrá-lo com outros discípulos no lago de Genezaré (Jo 21.2) e no grupo daqueles que, após a Ascensão, esperam em oração pela vinda do Espírito (At 1.13). João não nos informa porque ele não está com os demais discípulos no dia da Páscoa. Por isso, é de pouco valor fazer conjecturas a esse respeito. Para João interessa somente o fato em si. Esse fato, porém, independentemente de qual seja sua justificativa, tem consequências. Jesus se manifesta no círculo dos seus. Quem falta nesse círculo também perde a participação na ação de Jesus.

25 De imediato fica claro como foi grande essa perda justamente para uma pessoa como Tomé. É verdade que os outros lhe dão notícia daquilo que vivenciaram. Mas para Tomé isso é inconcebível. Sua natureza taciturna, que previra o desfecho sombrio e desastroso para Jesus (Jo 11.6) e que não sabia para onde Jesus ia (Jo 14.5), resiste a “crer” algo tão maravilhoso e libertador. De forma alguma ele quer ser vítima de uma ilusão, da qual acordará em condições tanto mais deploráveis. “**Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e nesse lugar não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei.**” Para ele, nem sequer ver a Jesus será suficiente, pois mesmo isso pode ser mera “visão”. Com o dedo e com a mão ele quer se convencer de modo palpável que aquele que apareceu a seus companheiros realmente é o Jesus que morreu na cruz. Seja como for, Tomé reconheceu o que a verdadeira ressurreição de Jesus poderia significar. Ele compreende intuitivamente, justamente porque percebe que os poderes de desgraça e morte desse mundo são tão deprimentes. Será que, afinal, não são vitoriosos sobre tudo o que ele encontrara em Jesus como luz e vida? Será que Jesus de fato foi vitorioso? No caso de Tomé podemos estudar como a realidade da ressurreição de Jesus a decisiva. Ainda que tenhamos as impressões mais profundas e comoventes de

Jesus, de seu amor, sua fé e seu direito, tanto pior é quando tudo isso é engolido pelas potestades brutais desse mundo e pela morte. Nesse caso, são justamente Jesus e seu fim que nos levam a completo desespero. O exemplo de Tomé esclarece que de nada adiantam todas as teorias bem-intencionadas sobre a Páscoa que somente admitem nela experiências religiosas subjetivas dos discípulos, “visões” e coisas semelhantes. Diante de tais “explicações” dos relatos pascais, Tomé tem toda a razão. Unicamente a realidade de um acontecimento “palpável” atesta a realidade da vitória de Deus sobre pecado, morte e diabo e todos os horrores deste mundo em que vivemos.

- 26 Por essa razão, Tomé tampouco é rejeitado como “duvidador” por seus irmãos nem pelo próprio Jesus. Ele não “duvida” por gostar de criticar e saber melhor as coisas. Ele duvida por aflição e por ardente anseio de certeza. Por isso, é bom que não ouvimos palavras de indignação dos outros e que ele mesmo não se separa dos demais. **“Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles.”**

Vemos que, a partir da ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana, começa a ser estabelecido o domingo. Não é dito que os discípulos não estivessem reunidos nos outros dias. Mas esse primeiro “domingo após a Páscoa” se destaca como uma reunião especial dos discípulos. E o próprio Jesus declara sua aprovação com essa forma incipiente. **“Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!”** Desta vez “o medo dos judeus” não é indicado como a razão para as portas trancadas. Será que ele havia passado, depois que se tinha certeza de que o Senhor ressuscitara? Será que trancar as portas visava apenas uma reunião tranqüila e sem perturbações? João não nos diz nada a esse respeito. Para ele somente importa – talvez exatamente com vistas a Tomé – que Jesus mais uma vez entra por portas trancadas. Novamente Jesus se coloca “no meio” dos seus, centro e Senhor desse círculo. Mais uma vez lhes anuncia paz e salvação, também a Tomé.

- 27 Em seguida, Jesus se volta especialmente a esse discípulo. **“E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas (ou: não te tornes) incrédulo, mas crente.”** Como em toda a sua atuação, também agora Jesus visa o indivíduo em sua situação peculiar. Tomé não é reprimido por Jesus. Ele é atingido pelo amor sério de Jesus, que deseja levar esse discípulo da aflição da incerteza e da dúvida para a fé viva. Para isso, Tomé precisa primeiramente experimentar que Jesus o conhece completamente. Jesus está presente e ouve a palavra que os discípulos trocam entre si, ainda que não esteja expressamente visível para eles. Tomé experimenta algo semelhante ao que vivenciou Natanael (Jo 1.45-50). Jesus, que naquela vez viu o cético Natanael sob a figueira, também ouviu Tomé duvidar. Somos vistos, ouvidos e conhecidos por Jesus, incluindo nossas dúvidas e indagações, inclusive quando pensamos estar muito distantes de Jesus – isso já basta para nos fazer cair de joelhos diante de Jesus.

Contudo, Jesus faz ainda mais. Ele permite a Tomé fazer exatamente o que ele havia colocado como condição para crer na ressurreição de Jesus. Se Tomé não puder “crer” de outro modo, pois bem: Tomé, então **“põe aqui teu dedo e vê as minhas mãos, e chega a mão e põe-na no meu lado”**. O que não foi permitido a Maria Madalena, Tomé pode e deve fazê-lo. Mas então **“não sejas (ou: não te tornes) incrédulo, mas crente”**.

O termo que consta no grego é *“ginou”*, que a princípio significa “torna-te”. Naturalmente é possível descolori-lo para que signifique “seja”. Como João faz uso da palavra apenas mais uma vez, em Ap 2.10, ela possui certo peso para ele, motivo pelo qual deve ter aqui o significado pleno de “torna-te”. O discípulo ainda não é um “Tomé incrédulo”. Ele gostaria muito de crer, mas de maneira alguma deseja ser vítima de uma ilusão, razão pela qual estabeleceu uma condição para sua fé. Em decorrência, ele ainda está diante da alternativa de um “não” total ou de um “sim” real. Na perspectiva do NT, a “incredulidade” não é mera “ausência de fé”, mas sim a rejeição consciente da fé, ou seja, uma ação ativa do ser humano, assim como acontece com a fé. Agora cabe a Tomé tomar uma decisão. Não pode permanecer na indagação. Porém, que seja também a decisão correta, o “sim” que resulta do Senhor ressuscitado, que se preocupou com ele com tanta sinceridade e amor.

- 28 **“Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!”** Não estende a mão nem põe o dedo nas marcas dos pregos. Já não precisa disso. O Senhor vivo se revelou a ele de forma poderosa, que o deixou envergonhado no mesmo instante em que fala com ele e repete suas palavras. E agora, quando seu Senhor está diante dele dessa maneira, Tomé reconhece a audácia inexequível que seria tocar as chagas de Jesus desse modo. Tão somente consegue curvar-se completamente diante de Jesus e chamá-lo, a este ser humano, de seu Senhor e seu Deus.

“Senhor e Deus nosso” é a adoração dos vinte e quatro anciãos diante de Deus em Seu trono, em Ap 4.11. É nisso que fica claro que a palavra correspondente de Tomé “**Meu Senhor e meu Deus**” não coloca um segundo Deus ao lado do Pai e Criador. Para todo israelita era óbvio manter o mais rigoroso monoteísmo. Mas Tomé compreendeu agora o que o próprio Jesus tentara mostrar a seus discípulos: “Quem me vê, vê ao Pai. Como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim?” (Jo 14.9,10; 12.44,45). Tomé crê nisso agora e assim vê em Jesus seu “**Senhor**” e seu “**Deus**”.

- 29 Jesus tem uma palavra conclusiva para Tomé, que não podemos definir com certeza se é afirmação ou como pergunta. “**Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste.**” Não é necessariamente uma acusação. Mas ainda que Tomé tenha chegado à fé sem precisar tocar a Jesus, ainda assim teve necessidade de “**ver**” a Jesus antes que pudesse crer. Contudo, também aos outros discípulos fora dado “**ver**”, acompanhado de “**mostrar**” expressamente as chagas. Todos os apóstolos puderam usufruir da comunhão visível com o Ressuscitado, para serem “**testemunhas de sua ressurreição**” de uma forma especial. Nisso Tomé não é nem pior nem mais incrédulo que os outros.

Por isso Jesus também não o repreende. Contudo acrescenta uma palavra muito decisiva: “**Bem-aventurados os que não viram e creram (ou: chegaram à fé).**” Estamos no final do evangelho. Como a história continuará? Será que pessoas apenas chegarão à fé e pronunciarão a confissão básica “**Jesus, Senhor meu e Deus meu**” porque também “**viram**” a Jesus? Será que Jesus precisa continuar aparecendo a pessoas e lhes mostrar as mãos e o lado? É precisamente agora que Jesus visualiza toda a vastidão da história de sua igreja, vendo multidões incontáveis “**que não viram**” chegarem à fé. Isso é fato, e tão somente podemos confirmá-lo. E repetidamente forma-se uma fé tão clara, tão firme e tão segura, que por causa dela as pessoas suportaram com alegria a perda de seus bens, prisão, dores e morte. É tão poderosa que se torna a palavra de Deus. É assim que atua o Espírito de Deus, de forma que Pedro já escreve às igrejas: “A ele, não o havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória” (1Pe 1.8). Aquelas pessoas de quem se pode afirmar isso são verdadeiramente “**bem-aventuradas**”.

Essa afirmação, porém, não anula o fato de que a proclamação fundamental e válida para todos os tempos ainda assim precisou de “**testemunhas oculares**”. O testemunho apostólico enfatiza incessantemente o encontro visível e, nesse sentido, físico com o Ressuscitado (1Co 15.5-8; At 2.32; 3.15; 5.31s; 10.40s) concedido aos apóstolos. Ambas as coisas são dádiva de Deus: ver ao Senhor ressuscitado e crer nele sem ver. Não cabe contrapor uma à outra. Contudo, não deixa de ser um milagre de cunho extraordinário que pessoas creiam com certeza completa em Jesus sem terem visto o Ressuscitado como os apóstolos. Por isso Jesus declara esses crentes especialmente bem-aventurados.

Com essa palavra de Jesus João encerra seu evangelho, estabelecendo assim uma sólida e viva conexão entre o começo e o fim de seu livro. “No princípio era o Verbo.” A palavra, em que Deus se expressou, veio ao mundo e se fez carne. E agora, quando tudo está consumado, essa palavra torna a sair mundo afora na palavra dos mensageiros e alcança as pessoas com tanta força que por intermédio da palavra elas crêem no Verbo eterno do Pai, sem verem Jesus. Nessa fé acompanham a confissão de Tomé, a confissão básica de todos os cristãos, com sua convicção mais pessoal: “**Jesus, Senhor meu e Deus meu.**” Nessa confissão Jesus foi reconhecido como o *Logos*, como a palavra. Nela entende-se o começo do presente evangelho: “O Verbo estava com Deus, e Deus era o Verbo.” Nela, a vida, atuação e paixão terrenas desse “Verbo” estão sendo vistos corretamente, assim como João no-lo mostrou. Quem “**crê**” desse modo leu o livro de João corretamente. Em razão disso, agora João pode encerrar sua obra com uma palavra conclusiva.

A PALAVRA FINAL DO LIVRO – João 20.30-31

- Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.
- Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

- 30 Visto que com a confissão de Tomé e a bem-aventurança daqueles que não vêem e mesmo assim chegaram à fé João estava diante de um final claro para seu evangelho, ele encerrou o livro nesse ponto com uma palavra de conclusão. Será que ele pára de relatar porque não havia mais o que

informar a respeito de Jesus? Será que disse tudo o que era preciso dizer sobre Jesus? De forma alguma! **“Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.”** Isso vale inicialmente para os eventos pascais, mas essa palavra conclusiva refere-se a todo o evangelho. João está plenamente consciente de ter trazido somente uma seleção relativamente pequena dos sinais que Jesus realizou. **“Diante dos discípulos”** é que tudo aconteceu. Por isso o discípulo João conhece os fatos muito bem. Mas ele não os relatou **“neste livro”**.

Como em toda a sua obra, também no final João evita qualquer projeção pessoal. Ele não diz: “Eu não os escrevi em meu livro.” A voz passiva “não estão escritos” confrontou os leitores com o objetivo do livro e sua característica, deixando o autor completamente em segundo plano. Ademais, a expressão “neste livro” pode ser um indício de que João está bem informado a respeito da existência de outros livros sobre Jesus. É até muito bom que eles tragam do “grande número de outros sinais de Jesus” muitas coisas que não podem ser lidas em João. Com isso, João traz sua própria palavra sucinta sobre o tema “João e os sinóticos”. Ele não quer ser o único evangelista. Também os outros evangelhos devem ser lidos nas igrejas. Mas seu livro não se torna supérfluo pela existência de outros “evangelhos”. Aquilo que ele, o “discípulo que Jesus amava”, tem a relatar a respeito de seu Senhor, presta um serviço substancial às igrejas. É por isso que escreveu o livro.

- 31 Importante para ele é o objetivo de seu livro. **“Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”** O alvo que João persegue com seu livro é a “fé”. No próprio livro ele colocou no centro de sua narrativa a fé em Jesus e a incredulidade diante Dele, descrevendo com conhecimento de causa a fé em suas diversas formas e configurações. Agora ele nos diz que escreveu o livro todo para fortalecer e depurar a fé nas igrejas. No grego, a forma verbal declara que não se trata de despertar a fé. João não formula: “para que chegueis à fé”. Seu livro não é propriamente um “escrito missionário”. João escreve para igrejas naquela época formadas por pessoas realmente crentes. Em comunhão de fé, João interpela os membros dessas igrejas como “vós”. Mas João nos mostrou de múltiplas maneiras que “fé” é uma grandeza viva e por isso também capaz de crescer. Ela não aparece pronta num instante, para em seguida continuar existindo assim como ela é. É bem verdade que existe o momento crucial de “chegar à fé”. Disso João está consciente. Mas depois essa fé precisa ser constantemente alimentada, precisa receber clareza e maturidade crescentes. É assim que membros fiéis da igreja devem conhecer a Jesus ainda mais profundamente através do livro de João, para poder crer nele de modo mais fundamental e sensato.

A “fé” da igreja não é uma “crença” geral, que paira livremente no ar. Essa fé possui um conteúdo muito bem definido e vive exclusivamente desse conteúdo. A igreja tem o privilégio de se tornar cada vez mais clara e consciente na fé de **“que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”**. Jesus é o Messias prometido e é por natureza o Filho de Deus. Uma frase assim pode ser mero “dogma quando não levamos em conta que o conteúdo dessas afirmações ataca diretamente nossa vida. Por essa razão, João acrescenta imediatamente: **“e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”** **“Jesus”** é a pessoa viva que está claramente diante de nós no presente evangelho e que atrai para si nossa confiança, nosso amor, nossa entrega. **“O Cristo”**, i. é, o “Messias”, é para todo israelita o Único de quem se deve esperar toda a salvação, pessoalmente, para Israel, para o mundo inteiro, mas a quem também cabe render obediência total e seguir voluntariamente. **“Filho de Deus”**: quem ainda consegue reter para si o coração e a vida se o Filho de Deus veio pessoalmente e, “exaltado na cruz”, trouxe a vida? “Em seu nome”, portanto, os “que crêem possuem a vida”, a única que realmente merece esse nome, a vida que é “a luz dos homens” (Jo 1.4). É essencial que tenhamos essa vida em nós mesmos, ou seja, que tampouco nós e nossas circunstâncias podem procurá-la. Nesse caso, ficaríamos somente decepcionados. Unicamente em Jesus, unicamente **“em seu nome”** encontramos e temos essa vida. O “ensino” serve à “vida”, e a “vida” não pode ser separada do “ensino”, do “nome” de Jesus.

4 – ADENDO AO PRESENTE EVANGELHO – JOÃO 21.1-25

Acabamos de ler um nítido encerramento do evangelho. O autor olhava retrospectivamente para sua obra concluída, vendo-o diante de si como “este livro”. Mas o livro ainda não acabou. É apresentado um “adendo” com uma história pascal muito importante e com um testemunho em favor da veracidade e confiabilidade do autor. É evidente que os “editores” do evangelho estão falando agora. Essa tese explica muito bem o fato de que o “adendo” não foi acrescentado somente mais

tarde, mas apareceu imediatamente em conjunto com o próprio livro. Não encontramos um único manuscrito que contém o presente evangelho apenas até Jo 20.31. Todos os manuscritos trazem o cap. 21 com seu novo encerramento nos v. 24s.

Será que João ainda realizou essa complementação de sua obra pessoalmente? A grande concordância lingüística poderia parecer uma prova a favor dessa hipótese. Mas no mínimo os últimos versículos são uma palavra de acompanhamento de um grupo que recomenda o livro às igrejas. Contudo, mesmo o conteúdo restante do capítulo suscita dúvidas sobre se João é pessoalmente o autor. Se ele mesmo quisesse complementar sua obra por meio de uma terceira história pascal, ele teria cortado o encerramento em Jo 20.30s ou o traria depois de Jo 21.23. Porém é compreensível que o grupo de editores tenha respeitosamente deixado o primeiro final no lugar em que se encontrava. Em Jo 21.2 os filhos de Zebedeu como tais são citados. Isso é consistente com a maneira de João, que em todo o seu livro não fala uma única vez de si e seu irmão citando os nomes. O capítulo serve ao propósito de não apenas mostrar Pedro recebendo seu ministério, mas também a liderança especial de João. Dificilmente João traria essa informação a respeito de si mesmo. A veracidade do mal-entendido “esse discípulo não morrerá” (Jo 21.23) se explica melhor na época em que o falecimento recente de João desencadeara certo abalo em diversos círculos da primitiva comunidade cristã. Será que sua morte antes da volta do Senhor não contradiz a palavra expressa de Jesus? O grupo de amigos e alunos de João, que agora edita seu evangelho, mostra como a palavra de Jesus de forma alguma exclui essa morte para João.

A MANIFESTAÇÃO DO RESSUSCITADO NO MAR DE TIBERÍADES – João 21.1-14

- Depois disto, tornou Jesus a manifestar-se aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e foi assim que ele se manifestou:
- estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos seus discípulos.
- ³ – Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Também nós vamos contigo. Saíram, e entraram no barco, e, naquela noite, nada apanharam.
- ⁴ – Mas, ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia, os discípulos não reconheceram que era ele.
- Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes aí alguma (algum peixe) coisa de comer? Responderam-lhe: Não.
- Então, lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes.
- Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar;
- ⁸ – mas os outros discípulos vieram no barquinho puxando a rede com os peixes; porque não estavam distantes da terra senão quase duzentos côvados.
- ⁹ – Ao saltarem em terra, viram ali umas brasas (ou: um monte de brasas) e, em cima, peixes; e havia também pão.
- ¹⁰ – Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.
- Simão Pedro entrou no barco e arrastou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, não obstante serem tantos, a rede não se rompeu.
- ¹² – Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor.
- Veio Jesus, tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe.
- ¹⁴ – E já era esta a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos, depois de ressuscitado dentre os mortos.

- 1 De acordo com Mc 16.7 e Mt 28.10, o Ressuscitado havia determinado a seus discípulos que fossem para a Galiléia, prometendo revelar-se ali a eles. Mt 28.16 relata a respeito do encontro de Jesus com os seus no alto da região montanhosa da Galiléia. Essa determinação e promessa de Jesus parecem contradizer as revelações em Jerusalém que lemos no capítulo anterior e que também são confirmadas por Lc 24.33s e 36ss. Os editores do evangelho, porém, evidentemente não sentiram nenhuma contradição na concomitância de aparições de Jesus em Jerusalém e na Galiléia. Acrescentaram sem dificuldades o relato de Jo 21 com o que aconteceu no lago de Genezaré, ao cap. 20. Não há como ordenar num sistema cronológico exato, de acordo com tempo e lugares, a

plenitude dos eventos pascais, como Paulo os enumera em 1Co 15.1-10 e como são apresentados em Mateus, Marcos, Lucas e João. Deveríamos ficar surpresos se o contrário fosse verdade! Se num primeiro momento os relatos consternadores sobre eventos tão inauditos foram transmitidos oralmente, como então haveriam de encaixar-se como se fossem registrados mecanicamente por máquinas frias? Por que aquele Jesus, que nas bodas de Caná responde à mãe que sua hora ainda não havia chegado, mas que logo em seguida concede o vinho (Jo 2.3-9), que não quer ir a Jerusalém para a festa, mas depois aparece na festa apesar de tudo (Jo 7.3-10), por que ele não poderia ter chamado seus discípulos para a Galiléia e depois, por amor a eles, mesmo assim ainda ter vindo a eles na noite do dia da ressurreição em Jerusalém?

João não nos diz quando, conforme sua recordação, os discípulos retornaram para a Galiléia. Nós mesmos podemos reconhecer que era uma opção objetivamente plausível. Os discípulos vieram com Jesus para Jerusalém como peregrinos para a festa. Agora a festa acabou. Um sepulcro vazio não os podia deter. Havia a instrução de Jesus. Por isso, era natural que retornassem para a Galiléia. O fato de que, conforme o relato de Lucas, Jesus solicita expressamente que permaneçam em Jerusalém depois de sua Ascensão (At 1.4) também constitui um sinal de que a Galiléia, como terra natal e local de moradia, era óbvia para os discípulos. Logo, é possível que já estavam no lago de Genezaré no domingo depois da Páscoa. Isso pode estar relacionado ao fato de que em Jo 20.26 as portas já não estivessem trancadas “por medo diante dos judeus”. De qualquer forma, uma terceira revelação do Ressuscitado diante dos discípulos (v. 14) acontece naquele local: **“Depois disso, tornou Jesus a manifestar-se aos discípulos junto do mar de Tiberíades.”** Também em Jo 6.1 o lago de Genezaré fora chamado de “mar de Tiberíades”. Como deve ter sido significativo para o grupo de discípulos ter em seu meio um Senhor ressuscitado, perfeito, no mesmo lugar onde outrora uma exaltação falsa de Jesus por pessoas teve de ser rejeitada e onde também o grupo de discípulos começou a sofrer baixas, quando alguns se afastaram de Jesus. E como entendiam agora de modo diferente o grande discurso na sinagoga de Cafarnaum a respeito do verdadeiro pão da vida, e que esse pão era a sua carne, que ele tinha de dar em favor da vida do mundo (Jo 6.51)?

A circunstância de que o narrador não inicia o relato imediatamente, mas lhe antepõe, a título de introdução, a frase **“e foi assim que ele se manifestou”**, pode ser um sinal de que ele mesmo sentiu essa nova revelação de Jesus como curiosamente diferente e quase estranha, diante das duas aparições de Jesus nos dois domingos. Com que clareza e lucidez Jesus havia se colocado no meio dos discípulos, saudando-os com a palavra da paz e lhes mostrando suas chagas. Agora tudo é contido e misterioso. Por isso vemos involuntariamente em tudo o que segue um simbolismo que podemos relacionar com o serviço dos discípulos.

- 2 Somente sete discípulos estão reunidos. **“Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos seus discípulos.”** Desses, apenas Pedro, os filhos de Zebedeu e Tomé faziam parte dos “Doze”. Conhecemos Natanael de Jo 1.45-49. Somos informados agora que ele é oriundo de Caná da Galiléia. Tanto melhor compreendemos que naquele tempo Jesus tenha sido convidado com seus discípulos para as bodas em Caná. Os outros dois do círculo dos discípulos de Jesus permanecem desconhecidos. Podem ter feito parte do grande grupo de “discípulos” que Jesus tinha em torno de si na Galiléia.
- 3/5 Também nesse caso o cenário é novamente o entardecer. É somente nessa hora que os pescadores partem para pescar. É bom termos uma perspectiva do cotidiano dos discípulos, mesmo depois da Páscoa. Os discípulos não são personagens solenes, que se postam em roupas festivas esperando por novas revelações. É por isso que no dia da Ascensão é preciso ordenar-lhes especialmente que “esperem”. São pessoas simples do povo, que precisam trabalhar se quiserem viver. **“Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Também nós vamos contigo.”** Eles permanecem juntos também no trabalho. **“Saíram, e entraram no barco.”** Agora, porém, ficamos alertas. Seu esforço é em vão: **“E, naquela noite, nada apanharam.”** Isso é incomum. Será que isso significa algo para os discípulos? Será que são lembrados daquela noite em que já passaram por isso uma vez: “Trabalhamos toda a noite e nada apanhamos” (Lc 5.5)? Entrementes Jesus lhes havia dito com toda a seriedade: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Será que compreendem a linguagem de sinais desse trabalho noturno sem sucesso? **“Mas, ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia, os discípulos não reconheceram que era ele.”** Os discípulos vêem seu insucesso, consternados e tristes. Agora não terão peixes durante todo esse dia e não ganharão dinheiro. Contudo, sem que o saibam, seu Senhor está próximo deles. Quando chegam com o barco até a

margem, Jesus está ali. Obviamente, também agora ele não é uma figura luminosa imediatamente reconhecível, mas se parece com qualquer homem parado na praia. Cordialmente ele se volta para os discípulos. **“Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes aí alguma (algum peixe) coisa de comer?”** A palavra *“prosphagion”* significa literalmente “complemento”, mas refere-se com tanta clareza ao “peixe”, complemento comum para o pão, disponível no lago, que pode ser praticamente traduzida por “peixe”. Nem mesmo agora, após a interpelação cordial **“filhos”**, e diante do interesse pela sua situação, os discípulos não reconhecem seu Senhor (cf. Jo 20.14s). Dão somente uma resposta monossilábica. **“Responderam-lhe: Não.”**

- 6 É nesse momento que Jesus age. De forma alguma repete a instrução dada em Lc 5. Dessa vez eles não devem dirigir-se “para o largo”, ou seja para o meio do lago, mas podem permanecer à margem (v. 8). No entanto, também agora Jesus revela sua força criadora. **“Então, lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis.”** Faz parte das características de Deus, também em seus milagres, envolver-nos com nossa obediência e nossa ação. Repetidamente nos deparamos com isso no presente evangelho. Ao cumprir com confiança uma ordem que nos parece tola, os discípulos experimentam o auxílio milagroso de Jesus. **“Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes.”** Como em todos os lugares, a primeira coisa que nos cabe é deixar valendo o milagre como tal. Até hoje é significativamente importante que o Ressuscitado realiza os mesmos feitos que realizou durante a sua caminhada pela terra. Por isso, não estamos hoje em condições menos favoráveis do que aqueles que outrora vivenciaram a presença de Jesus na terra. Porém ao mesmo tempo o acontecimento todo também é uma parábola viva, que diz algo aos discípulos sobre seu serviço. Terão de lembrar-se dessa pesca quando se tornarem, por incumbência de Jesus (Jo 20.21), “pescadores de pessoas”. Agindo por conta própria, labutam em vão. Precisam lançar a rede onde Jesus lhes determina. Pode parecer muito tolo para a razão. Porém na obediência confiante eles experimentarão com surpresa o fruto inesperadamente abundante de seu serviço.
- 7 Novamente é João (Jo 20.8) que reconhece quem é o homem na praia. E desta vez o diz a Pedro. **“Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor!”** E agora Pedro é novamente aquele que age com rapidez prática. **“Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar.”** Pedro não estava “nu” no sentido que nós atribuímos ao termo. O termo grego *“gymnós”*, do qual conhecemos a derivação “ginásio”, refere-se à roupa leve que se usa para o esporte e o trabalho pesado. Em ambas as atividades a “veste superior”, que era trajada e amarrada com um cinto, representava um empecilho. Por isso Pedro a havia despido. Pedro, porém, não quer comparecer com tão pouca roupa diante daquele que justamente agora, depois da Páscoa, se tornou manifesto a ele como o “Senhor” no sentido divino. O fato de ele “se lançar ao mar” não precisa ter o significado de que ele nada com as roupas em águas profundas. Pode percorrer a pé a curta distância até a praia.
- 8/10 **“Os outros discípulos vieram no barquinho puxando a rede com os peixes; porque não estavam distantes da terra senão quase duzentos côvados.”** Também nesse caso (como em Jo 20.5s) João é diferente de Pedro. Embora tenha reconhecido a Jesus, ele não se precipita em direção de seu Senhor, mas permanece com os demais no barco, que precisa ser levado para a terra com a rede cheia. Já não era um trajeto longo. Uma vez que um côvado perfaz meio metro, eles se encontravam a apenas cerca de cem metros da margem. Na praia não encontram apenas o homem que falou com eles. Vêm igualmente que foram feitos preparativos para uma refeição. **“Ao saltarem em terra, viram ali umas brasas (ou: um monte de brasas) e, em cima, peixes; e havia também pão.”** A palavra *“anthrakiá”*, da qual é derivado o termo “antracito”, designa inicialmente um **“monte de carvão”** que se encontra **“deitado”** na praia. Uma vez, porém, que seguramente já está aceso debaixo do peixe colocado sobre ele, podemos falar também de um “fogo de carvão sobre o chão”. O termo *“opsarion”* a princípio designa de um modo geral o complemento. Contudo, novamente refere-se a “peixe”, sendo que o termo sem artigo pode designar, como em nosso idioma, “peixe” sem preocupação com a quantidade. Entretanto, o narrador também pode ter pensado em dizer que agora havia somente “um peixe” assando sobre as brasas. **“Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.”** Não havia chamado os pescadores para ser hóspede deles. De um modo muito natural ele é o Senhor e anfitrião que ordena tudo. Mas ele envolve os discípulos com o produto de sua pesca na refeição. Devem contribuir com algo, através dos peixes que apanharam, mas obviamente devidos ao próprio Jesus.

11 “Simão Pedro subiu e arrastou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes.” Não fica muito claro para onde Pedro “subiu”. Mais uma vez para o barco? Isso contudo não teria uma finalidade real, visto que a rede com os peixes não estava no barco, e sim era arrastada atrás dele na água. Provavelmente significa que, apesar de sua pressa, Pedro chegou à margem depois do barco. Somente agora “ele sobe” da água “para” a terra firme. Nessa vinda ele agarrou com força a pesada rede repleta de peixes e a arrastou à praia. Ela contém cento e cinquenta e três peixes grandes.

A intensa alegria dos discípulos pela grande pesca faz com que contem os peixes. Será que esse número se refere a algo especial? Foram propostas diversas interpretações. O próprio texto não nos oferece nenhum motivo para isso. De fato eram cento e cinquenta e três peixes, razão pela qual é essa a informação dada, assim como também é indicado o número dos participantes na multiplicação do pão. Além da grande quantidade de peixes, o narrador admira-se com o seguinte fato: **“E, não obstante serem tantos, a rede não se rompeu.”** Igualmente já constatamos nas bodas de Caná e na alimentação dos cinco mil: Jesus não dá parcamente o mais necessário, Jesus não é um Senhor parcimonioso. Jesus presenteia com abundância esbanjadora. Logo, poderemos aplicar também esse aspecto da narrativa ao futuro serviço dos discípulos. Então a promessa para eles é: façam seu trabalho de acordo com a instrução de Jesus com confiança obediente, e vocês conquistarão não apenas alguns poucos, e sim levarão multidões ao Senhor. Mas, mesmo num trabalho que se expande vigorosamente, “a rede não se romperá”.

12 “Disse-lhes Jesus: Vinde, comei o desjejum!” O termo usado para a refeição designa o “desjejum”. Talvez devamos traduzir simplesmente por “Venham, tomem o café da manhã”, a fim de afastar do cenário um tom errôneo de solenidade. Os emissários no Novo Testamento usaram o linguajar coloquial de forma consistente. Tornam-se perceptíveis, dessa forma, a simplicidade, a cordialidade e a liberdade do evangelho. Também o Ressuscitado, que não aparece com glória luminosa, mas como pessoa simples, é capaz de falar com seus discípulos em tom natural e humano, convidando-os para o café da manhã.

É justamente a partir desse dado que se torna compreensível porque o narrador acrescenta: **“Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor.”** Por mais simples que Jesus se apresentasse, os discípulos têm certeza de que é o Senhor. Por isso lhes parecia uma “ousadia”, um atrevimento, “interrogá-lo” mais uma vez, a fim de ouvir da boca dele a confirmação do que já sabiam.

13 E, não obstante, essa confirmação lhes é concedida. Não por meio de palavras, mas pela ação de Jesus. Como era evidente, a “comunhão de mesa” havia exercido um papel importante na vida e atuação de Jesus. Numa forma inimitável, expressava-se nela sua maneira muito peculiar de combinar o amor que doa e sua soberania evidente. É o que acontece também agora, de maneira semelhante ao episódio dos discípulos no caminho a Emaús. **“Veio Jesus, tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe.”** O singelo “desjejum” se torna um sacramento pela presença e ação de Jesus.

Poderíamos perguntar: afinal, onde fica, no presente relato, o ponto central do evangelho, o perdão? Ele está no acontecimento como um todo. O fato de que nessa manhã Jesus está no local e espera por seus discípulos, de que ele os interpela com tanta cordialidade, de que ele providencia a pesca após o trabalho noturno frustrado, que ele toma a refeição com eles, tudo isso é em si mesmo o perdão de toda a sua grande culpa.

14 Podemos aprender desse fato que no evangelho o perdão não é apenas o ato negativo isolado de riscar a culpa, apagando-a no registro penal, mas, de forma positiva, a dádiva de nova comunhão, amor e providência. Justamente dessa maneira o perdão se torna algo luminoso, alegre, vivificante.

“E já era esta a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos, depois de ressuscitado dentre os mortos.” O autor do adendo alinha os relatos pascais narrados por ele às outras duas histórias já encontradas no evangelho. Será que sua opinião era que havia somente essas três revelações do Ressuscitado? De acordo com Jo 20.30, isso não é possível. Temos de nos conformar com o fato de que todos os evangelhos apresentam apenas uma seleção daquilo que aconteceu no período da Páscoa. De acordo com 1Co 15.4-8, aconteceram revelações de Jesus das quais gostaríamos muito de saber mais detalhes. Como, p. ex., aconteceu o encontro do Ressuscitado com seu irmão Tiago? Como sucedeu que “mais de quinhentos irmãos de uma só vez” viram o Ressuscitado? Como e onde isso ocorreu? Por que os evangelistas não relatam coisas tão

importantes? Não o sabemos. Contudo, podemos perceber que é evidente que os evangelhos de forma alguma esgotam a rica realidade do acontecimento e nem mesmo a reproduzem de forma minimamente completa. Nesse caso, porém, é improvável que eles tenham extrapolado e enfeitado a realidade com invenções fantasiosas.

A RENOVAÇÃO DA INCUMBÊNCIA DADA A PEDRO – João 21.15-17

- **Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros.**
- **Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas.**
- **Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.**

15 Ao que parece, a refeição transcorreu de forma bastante silenciosa. Não são mencionadas palavras especiais de Jesus. Agora, porém, depois da refeição, acontece um diálogo de suma importância. Jesus se dirige a Pedro. Do v. 20 pode-se deduzir que isso não acontece na presença dos demais. Está claro que terminaram a refeição e, caminhando, Jesus puxou Pedro para o lado. Nós pensaríamos que o diálogo com Pedro deveria ter acontecido há muito tempo. Na verdade, logo na noite da Páscoa, por ocasião do primeiro encontro com o discípulo que caíra tanto. Mas Jesus não tem pressa em seu cuidado pastoral. É ele que determina a hora do diálogo. Pode ser justamente que Jesus não queria realizar esse diálogo diante dos demais e somente agora, às margens do lago, encontrou a oportunidade para estar sozinho com Pedro.

Obviamente a saudação de paz aos discípulos valeu também para Simão Pedro, incluindo-o com os outros no perdão pleno de seu Senhor. Mas apesar disso era necessário que houvesse uma palavra especial entre Jesus e Pedro, já que Pedro se destacara dos demais, tornando-se em seguida especialmente culpado ao negar a Jesus. Ainda que tenha sido acolhido com os outros na paz do perdão, qual era agora a situação de sua incumbência para o serviço? Será que ele era uma “pedra”, que com razão tinha sido rejeitada pelo Construtor da igreja? Alguém outro seria nomeado líder do grupo dos discípulos? Pedro precisava sabê-lo. É por isso que Jesus se dirige ao seu discípulo.

De que forma admirável, porém, Jesus o faz! **“Depois de terem comido o desjejum, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que esses outros?”** Nessas palavras estão combinadas profunda seriedade e grande delicadeza. Jesus não tem prazer em nos expor com nossos pecados. Jesus não pensa que precisa mais uma vez mostrar a culpa a Pedro, por meio de palavras duras. O culpado sabe o que fez. Pedro havia saído do pátio do sumo sacerdote chorando amargamente. Mas ele é lembrado do seu modo perigoso de se superestimar pela vivacidade de seus sentimentos, querendo ser mais que os outros. Não foi possível constatar isso novamente, há poucos instantes? Ele saltou para a água, para ser o primeiro junto de Jesus na margem, e deixou os outros resolverem sozinhos como arrastariam o barco e a rede até a terra firme. Será que, apesar de tudo o que aconteceu, ele mantém sua reivindicação de amar a Jesus mais do que os outros?

Jesus não se dirigiu a ele com seu nome oficial “Pedro”, mas o chamou de **“Simão, filho de João”**. Ele está diante de seu Senhor apenas como pessoa, como ele mesmo. Nenhum “cargo” lhe dá segurança. Em razão disso, a pergunta de Jesus também não se dirige a alguma coisa qualquer em Pedro, seu entendimento, suas realizações, mas ao próprio Pedro, à sua posição mais íntima diante de Jesus, seu amor.

Agora Pedro deveria responder à pergunta de seu Senhor com precisão e começar sua resposta com “não”. Não, agora não afirmo mais que eu te amo **“mais do que esses”**. Agora, porém, torna-se manifesto que de fato aconteceu algo decisivo em Pedro. Jesus e o amor por ele enchem tanto o seu coração, que ele precisa responder com “sim”. **“Sim, Senhor, tu mesmo sabes que gosto de ti.”** Ao perguntar, Jesus usou o termo pleno e vigoroso para “amor”, que tem força suficiente para expressar também o amor de Deus. Pedro não ousa aplicar essa palavra *“agape”* para sua posição perante Jesus. Não fala de “amar”, mas apenas de *“philein”*, gostar. E ele está tão desprendido de si mesmo e voltado para Jesus que não alicerça a certeza de gostar, como no passado, sobre seus sentimentos egocêntricos, mas se funda sobre o conhecimento do próprio Senhor. Eu sei o quanto eu me enganei

a meu respeito. Eu sei o que eu fiz contigo. Mas “**tu mesmo**” precisas perceber que agora, quando não me condenaste e rejeitaste, o apego a ti está em meu coração.

Na sequência acontece o que já presenciamos em Jo 20.17 e 20.21. Jesus não duvida que seu discípulo goste dele. Mas tampouco se detém nesse aspecto. Acontece uma cena de reconciliação cheia de sensibilidade. É o presente de uma nova incumbência. O novo amor de Pedro pode concretizar-se somente numa coisa: no serviço. Jesus tem “**cordeiros**” que conquistou para si sangrando e morrendo como o Cordeiro de Deus. Justamente como “cordeiros” carecem da condução e do cuidado. Precisam ser “**apascentados**”. Conseqüentemente, Jesus confirma o amor de seu discípulo da mesma maneira como a integralidade de seu perdão a ele, dando-lhe uma nova incumbência: “**Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros.**”

Muitas vezes se afirmou que nesse momento Pedro está sendo recolocado em seu cargo. Contudo, essa afirmação não abrange toda a realidade. Como no Novo Testamento em geral, tampouco aqui estão em jogo “cargos”, com seus “direitos” e “deveres”. O significado do “serviço pastoral” foi explicado por Jesus em seu grande discurso do Pastor em Jo 10. Nesse instante, isso deve aparecer vivamente diante de Pedro. O servo contratado pode se limitar a cumprir a função de seu cargo. O bom pastor, porém, “empenha sua alma em favor de suas ovelhas” e não poupa a própria vida quando vem o lobo. Pedro, viste esse amor de pastor em mim durante minha vida e em minha morte. Agora experimentas pessoalmente esse amor salvador. Leva, pois, esse amor aos outros, aos “**cordeiros**”, que carecem tanto do empenho total de tua alma. “**Apascenta-os**” no meu estilo de pastor.

16 Contudo, isso ainda não põe termo ao diálogo. Pedro viveu numa grande ilusão egocêntrica. Ele se livrou do “mais do que os outros”. Mas será que Pedro de fato ama seu Senhor? Porventura ele é capaz de afirmá-lo com plena veracidade, sem se iludir? “**Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas?**” Pedro demonstra constância diante da pergunta. Repete sua resposta, novamente com o emprego da humilde palavra “*philein*”. Ele não ousa afirmar que “**ama**”, ama de tal maneira como Jesus amou. Mas apesar disso precisa responder afirmativamente à pergunta de seu Senhor. E novamente pode apoiar-se no próprio olhar penetrante de Jesus. “**Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu mesmo sabes que gosto de ti.**” Mais uma vez o Senhor não lança dúvidas sobre a declaração de seu discípulo, mas sela-a com seu envio para o serviço. “**Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas.**” Na realidade Jesus usa a expressão “ovelhinhas”, a fim de deixar claro o quanto suas ovelhas são frágeis e ameaçadas neste mundo, com que urgência carecem do serviço de pastor e com quanto amor o “Bom Pastor”, seu verdadeiro proprietário, está preocupado com elas.

17 Três vezes Pedro negou, três vezes ele precisa deixar-se interrogar. Agora, na terceira vez, Jesus deixa de lado a palavra “amor” e adota o termo “gostar”, utilizado por seu discípulo. Será que esse gostar de fato é uma realidade plena e integral? Será que Pedro pode olhar fixamente nos olhos de seu Senhor e manter-se inalterável diante da pergunta? “**Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, gostas de mim?**” Quem está perguntando não é um personagem impreciso e velado, a quem, em vista disso, somente pudéssemos amar de forma imprecisa e incerta. Quem está perguntando é aquele que mostrou suas chagas. É aquele que agora, após a vitória de sua ressurreição chamou seus discípulos infiéis e também a Pedro de “seus irmãos”, acolhendo-os novamente em sua comunhão plena e amorosa por meio de sua saudação de paz. Ele é o Cordeiro de Deus, que carregou o pecado do mundo, ou seja, também o pecado de Pedro. “Gostas de mim?” Reconheceste-me agora? Será que isso despertou um novo amor por mim, um amor que não tem o objetivo de empenhar-se por forças próprias por mim e realizar algo para mim, mas que jorra a partir do fato de ser amado por mim e que por isso é gratidão e entrega?

“**Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu gosto de ti.**” Não foi inquirido sobre o arrependimento em vista de seu fracasso. O aconselhamento, porém não pode poupá-lo da dor. É uma dor salutar, depuradora. A terceira pergunta é ao mesmo tempo um exame, se Pedro de fato se tornou uma pessoa diferente pela experiência de sua culpa e seu arrependimento. Será que reagirá outra vez impulsivamente? Dirá ele palavras fortes de asseveração, dando vazão a seus sentimentos?

Não, Pedro não olha para si mesmo, mas unicamente para seu Senhor. “**Senhor, tu sabes todas as coisas.**” Tu me conhecias. Predisseste a minha negação quando eu a ainda considerava impossível. Conheces minha queda e olhaste para mim quando o galo cantou. Conheces minhas lágrimas. Mas então tu também reconheces “**que eu gosto de ti**”. Simplesmente não posso responder com “não”.

Afinal, não posso negá-lo. Tenho o novo amor, a que te referes, que está enraizado em ti, aceso pessoalmente por ti. Eu te amo. Não porque eu seja um bom discípulo, não porque eu saiba realizar tantas coisas, mas simplesmente porque depois de tua cruz e ressurreição e depois de teu perdão e amor incompreensíveis não consigo soltar-me de ti. Não é mérito, não é realização minha. Simplesmente existe. Afinal, é isso que estás vendo, Senhor onisciente. E também agora Jesus não tem outra resposta do que uma singela incumbência. **“Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.”** Obviamente agora, depois do esclarecimento completo, ele não se limita a isso. Agora Jesus acrescenta uma grande e séria promessa.

A PROMESSA DE JESUS A PEDRO E JOÃO – João 21.18-23

- **Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres.**
- ¹⁹ – **Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me.**
- ²⁰ – **Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor?**
- **Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este?**
- ²² – **Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me.**
- ²³ – **Então, se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?**

18 “Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres.” Agora Simão Pedro recebe uma promessa. Assim como o próprio Jesus amou o Pai e os seus “até o fim”, até a cruz, também Pedro terá o privilégio de aperfeiçoar o afeto a seu Senhor, o qual testemunhou três vezes, e enaltecer a Deus através de sua morte (v. 19). Para nossa percepção natural, isso não tem nada de promissor. Parece ameaçador e terrível. Também a ilustração da vida, que Jesus usa de modo quase proverbial para descrever sua promessa, descreve um processo rude e doloroso. Inicialmente, Jesus não descreve nela o destino individual do próprio Pedro. Da forma descrita, qualquer pessoa experimenta a “juventude” e a “velhice”. Contudo, esse penoso destino do ancião torna-se uma metáfora perfeita para a trajetória do apóstolo. A curiosa forma de expressão que expõe o “ser moço” e “cingir-se a si mesmo” na forma do passado e, apesar disso, transfere para o futuro um último “estender as mãos”, para ser conduzido a um alvo estranho, indica para uma situação intermediária na qual essa nova forma de existência já começa. Precisamente o Pedro obstinado e impulsivo, que tão energicamente se cingia a si mesmo e andava para onde decidia, precisa e pode aprender, como essência do “discipulado” (v. 19,22), a estender as mãos suplicando por condução e ajuda e a deixar-se cingir e levar a alvos inesperados. Conseqüentemente, Pedro permanecerá calmamente em Jerusalém ao invés de romper para terras longínquas. Permitirá que seja preso e chamado diante do tribunal. Entrará na casa do gentio e aprenderá, como israelita, que gentios podem pertencer à comunidade do Messias sem a circuncisão, apenas pela fé. A condução de sua vida e de seu serviço está completamente entregue a outro, ao qual Pedro apenas deve “seguir”. O que Jesus havia declarado em Jo 12.24-26 de modo fundamental se tornará realidade concreta na vida do apóstolo. Diariamente será necessário “morrer” e “empenhar a alma”, caso Pedro queira de fato apascentar as ovelhas do bom Pastor de agora em diante.

19 No entanto, essa vida apostólica de Pedro obterá a consumação e a coroação máximas, assim como também toda a atuação de seu Senhor se encaminhou em tudo para a “exaltação” na cruz. **“Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus.”** Também Pedro há de morrer na cruz. Então se tornará literalmente verdadeiro que ele estenderá as mãos, para ser conduzido como uma pessoa acorrentada até o local de execução. Nenhuma pessoa pode, pela própria iniciativa, **“querer”** chegar até lá. Tampouco Simão. No entanto, pelo fato de que Jesus não viu em sua própria morte na cruz a desgraça, a tortura e a desonra, mas sua **“glorificação”** através da glorificação do Pai (Jo 3.14s; 12.32s; 17.1), assim tampouco a morte de seu discípulo é algo terrível

para ele. Também Pedro, proporcionalmente à sua condição de pessoa pecadora, pode “**glorificar a Deus**”. A morte do apóstolo na cruz há de ser um testemunho de como Deus pode requisitar e plenificar uma pessoa, e como Deus é digno de que entreguemos a vida por ele. Também Pedro será transformado numa testemunha assim, que como discípulo de Jesus ainda “pensava o que é humano, e não o que é divino” (Mt 16.23). Torna-se, pois, verdade sua promessa autocrática e, por isso, vã: “Darei a vida por ti”, e cumpre-se a resposta que Jesus lhe deu naquele tempo, quando teve de dizer a seu discípulo: “Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás” (Jo 13.36). É justamente nisso que também se cumprirá a oração de Jesus em Jo 17.22, que ele concede aos discípulos “sua glória” e que eles se tornam um com ele. Pois mesmo depois da vitória pascal de Jesus essa “glória” não é vitória ostentada, superioridade e triunfo dos discípulos, e sim “participação nos sofrimentos do Cristo”. **“Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me.”** Jesus havia falado de um futuro ainda distante. Será que Pedro deve esperar até que ele chegue e enquanto isso pode continuar a “andar por onde quier”? Não, Jesus já mencionara esse “andar” no pretérito. Agora a vida que Pedro deve viver pode ser expressa com uma única palavra: **“Segue-me.”** Ao abordarmos o v. 18 apontamos para esse fato. Desde o princípio a vocação dos discípulos havia sido um chamado para “seguir”. Nos três anos do discipulado eles o haviam “seguido” e, literalmente, “foram atrás de Jesus”. Isso não muda agora depois da morte e ressurreição de seu Senhor, antes é apenas agora que o “seguimento” se cumpre plenamente. A vida e o serviço dos discípulos não acontecem com “autonomia”. Mesmo a vida e o serviço de alguém como Pedro, o líder do grupo dos discípulos, acontece no **“seguir”**.

20/21 É verdade que esse “seguir” e negar a natureza antiga não é algo que se aprenda num instante. Mesmo agora, quando Pedro recebe a série orientação de expressamente seguir Jesus e voltar seu olhar unicamente para seu Senhor, ele se volta para os outros. **“Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor?”** De todos os outros seis, seu olhar se fixa em João, cuja importância especial lhe é conhecida (Jo 13.24). Também João “segue”, podendo ter-se destacado alguns passos do grupo dos demais. Por isso o “seguir” dele chama especialmente a atenção de Pedro. Imediatamente ele volta a ser o Pedro rápido e impulsivo, que precisa ter clareza sobre o caminho desse companheiro. **“Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este?”** Será que vale também para ele a palavra de Jesus, de estender a mão e ser conduzido ao martírio? Ou será que continuará sendo privilégio duro do próprio Pedro o fato de poder glorificar a Deus com uma morte assim? Qual seria, porém, a incumbência do discípulo, ao qual Jesus, afinal, concedera uma posição visivelmente especial no grupo dos discípulos? Se Pedro recebeu expressamente a incumbência do “ministério pastoral”, não lhe compete também importar-se com os outros discípulos e seu caminho correto e saber quais são as incumbências concedidas a eles?

22 No entanto, não é esse o sentido do serviço de pastor. **“Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me!”** Não é permitido a Pedro entender sua incumbência como “papado”, que o transforma no pastor-mor acima dos demais pastores. Não “importa nada” a Pedro como João viverá e como servirá ao Senhor. “Um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos” (Mt 23.8). Consequentemente, de fato encontraremos justamente Pedro e João fraternalmente no serviço (At 3.1; 8.14 e Gl 2.9). Nessa cooperação João será o silencioso, como também no presente texto e em todo o evangelho. Contudo, mesmo sem liderar com a palavra, ele evidentemente foi tão eficaz com sua personalidade que a igreja o colocou como “coluna” ao lado de Pedro.

As trajetórias dos discípulos não constituem um “destino” que todos tivessem de sofrer de maneira idêntica. Na verdade cada um deve “empenhar a alma em favor dos irmãos”, inclusive João (1Jo 3.16). Mas não há um padrão para isso. A vida e a atuação de João podem transcorrer de modo completamente diferente do que as de Pedro. João não precisa acabar na cruz. Pode estar diante dele uma vida longa, se Jesus assim o determinar, uma vida até a vinda do Senhor. Com isso, João não é nem privilegiado nem desprivilegiado. Não nos tornamos servos fiéis do Senhor e testemunhas certas apenas quando sofremos uma morte violenta. João não será inferior a Pedro se morrer com idade avançada na solidão. Na vida e na morte dos discípulos as coisas não acontecem de acordo com os pensamentos e os ideais humanos, mas exclusivamente de acordo com a vontade do Senhor. Por essa razão, a incumbência de Pedro não pode ser nada mais que, mais uma vez: **“Quanto a ti, segue-me.”** No grego o “tu” é enfático. Não cabe a Pedro “virar-se para trás” e olhar simplesmente para os

outros. Unicamente compete-lhe assumir sua própria incumbência e perguntar com obediência pela vontade de seu Senhor para si mesmo.

- 23 Ademais, cumpre prestar atenção na naturalidade com que Jesus falou de sua nova vinda: **“Se eu quero que ele permaneça até que eu venha.”** Também no evangelho de João a visão do futuro não foi transformada em meros acontecimentos do presente, como às vezes se afirma. Nem pode ser diferente. Tão logo a ressurreição de Jesus seja levada a sério, a história subsequente da igreja e do mundo não pode ser concebida como um processo que se perde no indeterminado. O Senhor exaltado precisa levar sua obra à conclusão, na igreja e no mundo. Para isso ele precisa **“vir”** novamente.

Jesus não diz nada quanto à hora de sua vinda, assim como não o fez em outras oportunidades. Contudo, sua palavra sobre João causa um mal-entendido no círculo dos irmãos que esperam por esse retorno. **“Então, se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria,”** a saber, antes da vinda do Senhor e, por isso, de modo algum. Nele seria cumprido o que também Paulo ansiava para si: “Não queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida” (2Co 5.4). Quanto mais o tempo avança e quanto mais tempo João vivia, tanto mais certo parecia ser que seria poupado da morte. Nessa passagem encontramos a prova de que João deve ter alcançado idade muito avançada. Se ele fosse executado muito cedo, como seu irmão Tiago, tais ponderações nem sequer poderiam ter surgido. Se o “adendo” for de João, ele estaria tentando refutar as falsas expectativas de próprio punho. Ele não vê na resposta de Jesus a Pedro uma promessa de que ele ainda experimentaria com vida a vinda de Jesus. Ele está pronto para morrer e apresenta para si mesmo e para seus irmãos o teor daquilo que Jesus afirmou. Se no adendo já se ouvem as vozes dos editores do evangelho, então a morte do apóstolo aconteceu e seus alunos e amigos pretendem ajudar a superar um susto nas igrejas, desencadeado por meio dessa morte. **“Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?”**

A PALAVRA FINAL DOS EDITORES – João 21.24-25

- **Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.**
- **Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.**

- 24 Na seqüência os editores do evangelho acrescentam uma palavra final que tem uma importância crucial para nós. Ela traz uma constatação clara e sucinta sobre o autor do evangelho. Por último falava-se do “discípulo a quem Jesus amava”. E agora o grupo de editores afirma: **“Este é o discípulo que dá testemunho a respeito dessas coisas e que as escreveu.”** Ou seja, aquele discípulo que nunca é mencionado pelo nome no evangelho, mas que é destacado por sua importância, deu pessoalmente **“testemunho a respeito dessas coisas”**. Podemos “testemunhar” somente o que vimos, ouvimos e presenciamos pessoalmente. O evangelho salientou diversas vezes, em que importantes episódios, justamente que esse discípulo se tornou uma “testemunha” dos acontecimentos (Jo 13.23; 19.26; 20.2,8; 21.20-23). Na Introdução ao vol. I ficou claro para nós que esse discípulo somente pode ser João, o filho de Zebedeu. Seja como for, porém, o presente evangelho foi escrito por uma testemunha ocular. Os editores conhecem esse homem e por sua vez atestam a seu respeito: **“E sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.”** Esse testemunho tornou-se especialmente necessário no caso de o evangelho ter surgido algum tempo depois dos “sinóticos”, e, aos olhos de todos os membros da igreja, divergir de forma marcante daqueles relatos conhecidos da igreja. As igrejas não devem tornar-se apreensivas quando diversos aspectos são apresentados de forma diferente do que Mateus, Marcos ou Lucas o haviam entendido até então. Está falando a elas um discípulo que esteve singularmente próximo de Jesus e tem capacidade de descrever Jesus a partir de sua participação pessoal e íntima **“nessas coisas”**.

Se considerarmos o autor deste evangelho como um cristão de tempos posteriores que – talvez para discutir com a gnose – delineou uma figura de Cristo mediante livre elaboração, utilizando fontes desconhecidas, então teremos de ver essa palavra final como uma recomendação própria habilmente mascarada, na qual esse cristão falta com a verdade ao asseverar sua veracidade, ou teremos de acreditar que um círculo todo de homens tenha sido capaz de tentar enganar a igreja com

uma afirmação conscientemente falsa. É necessário que haja razões de fato irrefutáveis que nos possam levar a ler esse versículo como uma mentira.

- 25 Como membros de igrejas, os editores deste evangelho sabem que havia uma tradição rica e multiforme a respeito de Jesus: **“Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.”** Isso soa muito exagerado quando pensamos em nossas gigantescas bibliotecas. Contudo, temos de ver o autor dessa frase em seu contexto. Para as igrejas, geralmente de poucas posses, já parecia ser algo grandioso quando possuíam alguns rolos de escrituras. Como haveriam de encontrar lugar suficiente se apenas outros cem rolos anotassem tudo pormenorizadamente que Jesus havia feito! Tanto mais a igreja pode se alegrar por receber agora mais um livro, que lhe mostra, com uma compreensão tão profunda a partir do contato mais direto com Jesus, quem é aquele que ela adora como seu Senhor e Deus com gratidão e amor.

¹Boor, W. d. (2002; 2008). *Comentário Esperança, Evangelho de João; Comentário Esperança, João* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.